

GENY ALEXANDRE DOS SANTOS

**POR QUE NÃO EU? TRAJETÓRIAS DE SUCESSO ACADÉMICO
NOS MEIOS POPULARES**

Orientadora: Professora Doutora Isabel Rodrigues Sanches

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração
Instituto de Educação**

Lisboa

2019

GENY ALEXANDRE DOS SANTOS

**POR QUE NÃO EU? TRAJETÓRIAS DE SUCESSO ACADÉMICO
NOS MEIOS POPULARES**

Tese apresentada para obtenção do grau de doutora em Educação, no curso de Doutoramento em Educação, no dia 26 de Março de 2019, com o despacho reitoral nº63/2019, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, com a seguinte composição de júri:

Presidente: Doutora Rosa Serradas Duarte (Professora Associada da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias)

Arguentes: Doutora Luísa Delgado (Professora Adjunta do Departamento de Ciências Sociais da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém)

Doutor João Sebastião (Diretor do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa)

Vogais: Doutora Ana Benavente (Professora Catedrática da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias)

Doutora Sónia Vladimira Serrano Correia Cardoso (Professora Auxiliar do Departamento de Sociologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias)

Orientadora: Professora Doutora Isabel Rodrigues Sanches (Professora Associada da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias)

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração
Instituto de Educação
Lisboa
2019**

MEUS AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a todos e cada um dos jovens entrevistados nesta investigação, foi a partir de suas histórias que a finalidade acadêmica desta tese se cumpriu, mesmo que em algum ponto isto tenha se tornado o ganho secundário, pois a beleza dos nossos encontros e a permissão para o contato com histórias de vida tão intensas me tornou melhor, uma pessoa melhor, isto tomou a centralidade de um trabalho, todos sabem, muito complexo. GRATIDÃO é a palavra que traduz meu reconhecimento por tamanha solidariedade.

Agradeço de modo especial e cheio de afeto a minha orientadora Doutora Isabel Rodrigues Sanches, pessoa que faz parte de minha trajetória acadêmica de muito tempo e com quem pude aprender o que de melhor um mestre ensina aos seus discípulos, a paciência, o tempo de plantar ao tempo de colher, o movimento fundamental da espera, a fim de sempre melhorar os resultados. A sabedoria implícita neste ato tornou-se a essencialidade de todas as condutas e decisões necessárias. Suas observações me apresentaram a mim mesma, nas partes que eu ainda não conhecia. À professora Isabel meu RESPEITO e ADMIRAÇÃO com toda plenitude que estas palavras podem alcançar.

A todos aqueles que direta e indiretamente colaboraram para que o cumprimento deste trabalho se efetivasse, cedendo os espaços, organizando os horários, encaminhando os documentos, tudo a partir da equipa Cogest da Universidade Federal Rural- Campus Garanhuns que sensivelmente se solidarizou às minhas necessidades e construiu as vias para realização empírica deste trabalho. A vocês todo meu CARINHO.

Brejo da Cruz

A novidade
Que tem no Brejo da Cruz
É a criançada
Se alimentar de luz
Alucinados
Meninos ficando azuis
E desencarnando
Lá no Brejo da Cruz
Eletrizados
Cruzam os céus do Brasil
Na rodoviária
Assumem formas mil
Uns vendem fumo
Tem uns que viram Jesus
Muito sanfoneiro
Cego tocando blues
Uns têm saudade
E dançam maracatus
Uns atiram pedra
Outros passeiam nus
Mas há milhões desses seres
Que se disfarçam tão bem
Que ninguém pergunta
De onde essa gente vem
São jardineiros
Guardas-noturnos, casais
São passageiros
Bombeiros e babás
Já nem se lembram
Que existe um Brejo da Cruz
Que eram crianças
E que comiam luz
São faxineiros
Balançam nas construções
São bilheteiras
Baleiros e garçons
Já nem se lembram
Que existe um Brejo da Cruz
Que eram crianças
E que comiam luz.
(**Chico Buarque**)

RESUMO

As pesquisas acerca do sucesso acadêmico dos estudantes dos meios populares ainda caminham a passos lentos com vistas às investigações voltadas ao fracasso escolar que nestes meios parece ser uma realidade provável. No entanto, correm por uma via paralela alguns estudantes que conseguem ultrapassar com êxito as adversidades do seu meio, reunindo os recursos necessários para suplantarem dificuldades engajadas à sua condição socioeconômica e que interferem sobremaneira em seu percurso acadêmico. Assim, esta investigação visa compreender a trajetória destes estudantes rumo à Universidade e as estratégias utilizadas para vencer as dificuldades surgidas em todo processo de escolarização e, sobretudo, no Ensino Superior. Para isto foram realizadas entrevistas com dez estudantes do Ensino Superior da Universidade Federal Rural de Pernambuco – *Campus* Garanhuns, moradores da residência estudantil deste *campus* e cursando para além da metade da formação. As falas destas entrevistas semiestruturadas foram transcritas e analisadas a partir do referencial teórico da análise de conteúdo de Bardin (2016), tendo como obras de referência para conceitos e ideias o “Sucesso Escolar nos Meios Populares: as razões do improvável” (Lahire, 2004) e “Por que uns e não outros? Caminhada de jovens pobres para a universidade” (Silva, 2003). Foram muitos os motivos que à *fortiori* os fizeram pensar em desistir: a situação econômica, as desigualdades sociais, a dificuldade de engajamento quanto às exigências da vida universitária, a vivência do trabalho informal e ou agrícola, o preconceito e as críticas sofridas tanto por pessoas da própria família, quanto por amigos de dentro e fora da comunidade em que vivem. Os jovens entrevistados não conseguem precisar quais as estratégias utilizadas por si como recursos facilitadores em suas trajetórias, mas falam que, a cada dificuldade no sentido de manter-se no ensino superior, eram feitos planejamentos, tendo a mãe como um suporte afetivo e incentivador para o seguimento da escolaridade, mesmo que a família, a comunidade e a escola, não tenham representado um suporte significativo no desenvolvimento escolar. Por unanimidade, os jovens entrevistados elegem os programas de apoio acadêmico como o principal indicador de acesso, manutenção e permanência universitária, projetos sem os quais, não seria possível estar ali. Além deste recurso material, foi identificada uma intensa disposição pessoal ao rompimento de obstáculos muito comuns a todas as trajetórias, um plano subjetivo que julgamos como condição de resiliência, a fim de nomearmos a superação das dificuldades inerentes a todo processo de escolaridade. Conclusivamente o estudo mostrou a emancipação dos estudantes de um lugar de fracasso pela sua origem socioeconômica, como assim alimenta o discurso excludente da deficiência cultural e cognitiva dos pobres, para o lugar do êxito acadêmico através de ações centradas na resistência, na iniciativa pessoal e no amparo das políticas sociais e inclusivas.

Palavras-chave: Sucesso acadêmico; Meios populares; Ensino superior; Perfil pessoal; Resiliência.

ABSTRACT

Researches about academic success of students from popular media into secondary education still are walking slowly, with a view to investigations aimed at school failure, which in these media seems to be a probable reality. However, a number of students who succeed in overcoming the adversities of their environment run parallel paths, gathering the necessary resources to overcome difficulties that are involved in their socioeconomic condition and that interfere greatly in their academic course. Thus, this research aims to understand the trajectory of these students towards the University and the strategies used to overcome the difficulties that have arisen in every schooling process and, above all, in Higher Education. For this purpose, interviews were conducted with 10 students from the Federal University of Pernambuco - Campus Garanhuns, residents of the student residence of this campus and attending more than half of the training. The speeches of these semi-structured interviews were transcribed and analyzed from the theoretical framework of Bardin's (2016) content analysis, with reference to concepts and ideas being "School Success in Popular Media: The Reasons for the Unlikely" (Lahire, 2004) and "Why some and not others? Walk from poor youth to university" (Silva, 2003). Many reasons motivated them to give up: the economic situation, the social inequalities, the difficulty of engagement in the demands of university life, the experience of informal and agricultural work, prejudice and criticism suffered by people of the family itself, as well as friends from within and outside the community in which they live. The young people interviewed are not able to specify what strategies they use as facilitators in their trajectories, but they say that, with each difficulty in maintaining higher education, planning was done, with the mother as an affective and incentive support for the follow-up of schooling, even if the family, the community and the school, have not represented significant support in school development. Unanimously, the young people interviewed chose the academic support programs as the main indicator of access, maintenance and university permanence, projects without which it would not be possible to be there. In addition to this material resource, an intense personal disposition was identified for the breakdown of obstacles very common to all trajectories, a subjective plan that we judge as a condition of resilience, in order to name the overcoming of the difficulties inherent to every schooling process. Conclusively the study showed the emancipation of students from a place of failure due to their socioeconomic origin, as it feeds the exclusion discourse of the cultural and cognitive deficiency of the poor, to the place of academic success through actions centered on resistance, personal initiative and social and inclusive policies.

Keywords: Academic success; Popular Media; Higher education; Personal profile; Resilience.

ABREVIATURAS E SIGLAS

AGU – Advocacia Geral da União

CGEE - Centro de Gestão e Estudos Estratégicos

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

COGEST – Comissão de Gestão Estudantil

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

FIES – Fundo de Financiamento Estudantil

FSBA – Faculdade Social da Bahia

FUMP – Fundação Universitária Mendes Pimentel

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IES- Instituição de Ensino Superior

IF – Instituto Federal

IFES – Instituição Federal de Ensino Superior

INEP – Instituto Nacional de Pesquisa em Educação

IVJ – Índice de Vulnerabilidade Juvenil

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MCTIC - Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações

MEC – Ministério da Educação e Cultura

OCDE – Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico

PET – Programa de Educação Tutorial

PIB – Produto Interno Bruto

PIBID – Programa Institucional de Iniciação à Docência

PISA – Programa Internacional de Avaliação de Estudantes

PREVUPE – Pré-vestibular da Universidade de Pernambuco

PROUNI – Programa Universidade Para Todos

RU – Restaurante Universitário

REUNI – Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades

SINAES - Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior

SIS – Síntese de Indicadores Sociais

SISU – Sistema de Seleção Unificada

SSA – Sistema Seriado de Avaliação

TEIP - Territórios Educativos de Intervenção Prioritária

UAG – Unidade Acadêmica de Garanhuns

UFAC – Universidade Federal do Acre

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UPE – Universidade de Pernambuco

ÍNDICE

MEUS AGRADECIMENTOS	3
RESUMO	5
ABSTRACT	6
ABREVIATURAS E SIGLAS	7
ÍNDICE	9
Índice de Apêndices	11
Índice de Anexos	12
INTRODUÇÃO	13
PARTE I – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	21
Capítulo 1 - Linguagem e cultura escolares	21
Capítulo 2 - Sucesso e Fracasso Escolares	46
Capítulo 3 – Sucesso escolar nos meios populares e o Ensino Superior brasileiro	63
Capítulo 4 - O Ensino Superior brasileiro e seus programas de acesso	88
Capítulo 5- Meios Populares ou a População de Baixa Renda	106
PARTE II – DA PROBLEMÁTICA AOS OBJETIVOS	121
1. Problemática e questão de partida	122
2. Objetivos	124
PARTE III – PERCURSO METODOLÓGICO	126
1. Tipo de investigação	128
2. Sujeitos da pesquisa	129
3. Entrevistas Exploratórias	134
4. <i>Lócus</i> da investigação	136
5. Procedimentos para a recolha e análise dos dados	141
PARTE IV - APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	145
1. Apresentação dos dados	145
2. Análise dos Dados, por categorias	151
3 - Mas afinal, por que não eu? Histórias distintas e compartilhadas	183
CONCLUSÕES	227
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	243

TEXTO LEGISLATIVO	250
APÊNDICES	251
ANEXOS	347

ÍNDICE DE APÊNDICES

APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	252
APÊNDICE 2 - GUIÃO DE ENTREVISTA	253
APÊNDICE 3 - PROTOCOLO DE ENTREVISTA À PRIMEIRA ESTUDANTE	257
APÊNDICE 4 – CATEGORIZAÇÃO DE ENTREVISTA À PRIMEIRA ESTUDANTE	261
APÊNDICE 5 - PROTOCOLO DE ENTREVISTA À SEGUNDA ESTUDANTE	263
APÊNDICE 6 - CATEGORIZAÇÃO DE ENTREVISTA À SEGUNDA ESTUDANTE	270
APÊNDICE 7 - PROTOCOLO À ENTREVISTA DA TERCEIRA ESTUDANTE	272
APÊNDICE 8 - CATEGORIZAÇÃO DE ENTREVISTA À TERCEIRA ESTUDANTE	277
APÊNDICE 9 - PROTOCOLO DE ENTREVISTA À QUARTA ESTUDANTE	280
APÊNDICE 10 - CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA À QUARTA ESTUDANTE	285
APÊNDICE 11 - PROTOCOLO DE ENTREVISTA À QUINTA ESTUDANTE	288
APÊNDICE 12 - CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA À QUINTA ESTUDANTE	293
APÊNDICE 13 - PROTOCOLO DE ENTREVISTA AO SEXTO ESTUDANTE	296
APÊNDICE 14 - CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA AO SEXTO ESTUDANTE	302
APÊNDICE 15 - PROTOCOLO DE ENTREVISTA À SÉTIMA ESTUDANTE	306
APÊNDICE 16 - CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA À SÉTIMA ESTUDANTE	310
APÊNDICE 17 - PROTOCOLO DE ENTREVISTA AO OITAVO ESTUDANTE	313
APÊNDICE 18 - CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA AO OITAVO ESTUDANTE	322
APÊNDICE 19 - PROTOCOLO DE ENTREVISTA AO NONO ESTUDANTE	328
APÊNDICE 20 - CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA AO NONO ESTUDANTE	333
APÊNDICE 21 - PROTOCOLO DE ENTREVISTA AO DÉCIMO ESTUDANTE	336
APÊNDICE 22 - CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA AO DÉCIMO ESTUDANTE	342

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO 1 - FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS.....	347
ANEXO 2 – PEDIDO DE SUBMISSÃO DO RELATÓRIO DE PESQUISA À PLATAFORMA BRASIL	348
ANEXO 3 – FOLHA DE AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA PELA DIREÇÃO ADMINISTRATIVA DA UAG.....	349

INTRODUÇÃO

Não há mais por que esperar por outro mundo. Os pobrezinhos chegaram à escola, ainda que não exista escola ou pedagogia para eles. É chegada a hora de construí-la.
(Antunes, 2015, p. 11)

Os estudos realizados no campo da Educação sofrem uma tendenciosidade para as questões inerentes ao fracasso escolar quando se investiga o acesso e permanência dos alunos na escola, são décadas de pesquisa sobre o insucesso escolar em seus diferentes níveis de ensino, sendo ainda incipientes as investigações voltadas ao sucesso acadêmico dos estudantes dos meios populares no ensino superior. Deste modo, esta investigação intenciona compreender a trajetória escolar destes sujeitos, com evidência para as estratégias utilizadas a fim de adaptar-se à cultura escolar e, desse modo, gerar e gerir sentido no conhecimento transmitido por esta instituição, contrariando percursos escolares curtos, comuns aos meios populares. Assim, diante do contexto em que vivem, em meio às fragilidades sociais, econômicas, culturais, e por vezes afetivas, mesmo mantendo-se à margem, unem as disposições pessoais necessárias à superação e o suporte demandado por suas famílias que veem a escola como a porta de acesso a melhores condições de vida e posições sociais.

A investidura neste tema se justifica pela necessidade em observar a competência dos sujeitos de origem popular e sua incrível perspicácia em construir histórias de sucesso mesmo diante de circunstâncias onde tudo caminha para o não. Assim como, o desejo em compreender como o estudante concebe não apenas seu processo de escolarização, mas, sobretudo, a escola, espaço de onde se afastou há um tempo relativamente curto, mas que pela vivência do mundo acadêmico já possui a maturidade de fazer esta avaliação, atribuindo aspectos que lhes foram marcantes para o bem ou nem tanto. Compreender através de uma análise em profundidade como foi construída esta mobilidade social, utilizando os recursos de uma longa escolaridade.

Esta tese tem como tema central a trajetória acadêmica seguida por dez (10) jovens dos meios populares no Ensino Superior de uma Universidade Federal Pública do agreste

de Pernambuco-Brasil, suas experiências estão aqui descritas a partir dos vários desafios pelos quais tiveram que enfrentar a fim de acessar e manter-se no campo universitário. Apresenta as vivências, as pessoas e os recursos significativos neste percurso, distribuídos pelas diversas etapas do processo de escolaridade, ou seja, os apoios de maior validade à manutenção da vida acadêmica. Importante observar que os estudantes aqui entrevistados encontram-se em mais da metade dos seus cursos, portanto, depois do quarto e quinto períodos, este é um aspecto relevante, pois mesmo não sendo total garantia da diplomação, aumenta a probabilidade de conclusão do ensino superior, uma vez que para muitos destes jovens, o acesso não é o passo mais difícil, mas sim, a manutenção.

O que pretendemos apontar é qual o fenômeno estabelecido na trajetória de jovens originários dos meios populares para o ingresso e manutenção acadêmicos em uma Universidade com difícil processo seletivo, mesmo que não sejam reconhecidos neste percurso os requisitos materiais que pressupõem o êxito. O termo de maior proximidade com as disposições internas aqui identificadas, é a resiliência. Um padrão de conduta comum a todos os estudantes ante a mobilização de atitudes de superação das dificuldades sentidas tanto a nível socioeconômico, quanto às demandas afetivas e pedagógicas que atravessou o processo da educação básica ao ensino superior.

Aliada à compreensão das trajetórias acadêmicas aqui mencionadas, esteve à análise de alguns conceitos, a exemplo da pobreza, talvez não o maior representante das dificuldades vividas, mas sem dúvida, de um significado fundamental para as experiências objetivas e subjetivas destes sujeitos. Os dados para definição da pobreza trazem consigo certa arbitrariedade, uma vez que indicam naturezas distintas e oferecem as margens para criação de outros conceitos como da desigualdade social, mas que para alguns autores tem sentidos diferentes.

Poucos conceitos são tão difíceis de definir como o de pobreza. Deve ela ser definida em termos absolutos ou relativos? Deve ser considerada como um “juízo de valor” ou a partir dos elementos concretos sob os quais é sentida? Para ser estudada apenas do ponto de vista econômico ou os aspectos não-econômicos também devem ser explicados? A pobreza deve ser compreendida em relação à estrutura sociopolítica do contexto do qual faz parte, ou vista independentemente dessa estrutura? Estas questões e

muitas outras poderiam ser lembradas e são elas que ilustram a complexidade de que está imbuído o conceito de pobreza. Para Romão (1982, p. 357) “a pobreza é uma situação social concreta, objetivamente identificável, caracterizada pela falta de recursos de um indivíduo, uma família, um grupo ou uma classe”. Além desta condição objetivada materialmente a pobreza se insere em um plano subjetivo a partir dos impactos sentidos em cada um daqueles a quem a pobreza toca.

Quem é este sujeito dos meios populares de quem falamos? Como são identificados a partir da sua renda e como essa posição econômica limita seu campo de ação, produção e acesso a bens e serviços essenciais, como o é a educação? Mesmo cômicos de que o conceito de pobreza se constitui abrangente e paradoxal, foi de suma importância para este trabalho identificar qual o tipo de pobreza falamos e como esta é sentida na realidade brasileira. Um país que carrega marcas históricas e perversas de desigualdade social, além da perpetuação desse estado de coisas, em que milhares de famílias vivem a baixo da linha da pobreza e os índices de desemprego são alarmantes, torna-se ainda mais cruel, a contar com o contradito de que mesmo com milhares de pessoas na zona da miséria e passando fome, o país não tem problema quanto a produção e circulação de alimentos. “Sentida umas vezes com desconforto, outras com receio, outras ainda com desprezo, a pobreza tendeu a ser ocultada, ou reprimida e sempre “naturalizada” como resultado de atributos pessoais” (Capucha, 2004, p. 375). No Brasil a cara da pobreza se projeta em maior proporção dentre os nordestinos, a população rural, os trabalhadores informais, os sem-teto, as mulheres, os idosos e os negros. Portanto, aqui a pobreza tem cor, idade, lugar e perfis definidos.

Por não atentar apenas aos desastres socioeconômicos do país, evidenciamos os avanços das duas últimas décadas com o desenvolvimento de políticas sociais voltadas especialmente à população de baixa renda e que melhorou expressivamente o poder de compra do cidadão brasileiro e sua qualidade de vida. Projeto vultoso e com ambições monumentais o Fome Zero se apresentou a milhões de brasileiros como possibilidade de saída da miséria, vislumbrando uma melhora na situação econômica, assim como, no desenvolvimento político e social do cidadão. Devido a esta grandiosidade teve alguns pontos realizados, outros nem tanto, estes merecedores de duras críticas pelos próprios

beneficiados, a exemplo da necessidade de uma mais detida fiscalização quanto ao cadastramento de famílias fora das condições de pobreza instituídas para participação no programa, e que acabam gozando dos benefícios que não são para si. Subjacente à política de combate à fome e erradicação da pobreza, está o incentivo à participação de todos por uma sociedade mais justa e igualitária, tendo em vista a amplitude dos diferentes agentes que foram mobilizados para aplicação do programa. A saúde, a educação, o serviço social, o comércio e as políticas agrárias, estiveram envolvidos estrategicamente como planos de ação e reestruturação para o desenvolvimento do programa Fome Zero.

A ancoragem neste campo de investigação busca evidenciar tanto os efeitos inclusivos como as causas sociológicas da chegada dos estudantes dos meios populares aos bancos universitários, pois pretende identificar as práticas promotoras de acesso e manutenção da vida escolar de sujeitos vindos de espaços, cultura e linguagem tão apartados daqueles representados e valorizados pela escola e que, conseguem romper inclusive, com uma tradição de fracasso escolar dentro da própria família, sendo os primeiros a manter uma trajetória de longevidade acadêmica e formação no ensino superior.

Assim, elegemos esta temática como modo de apreensão do nosso interesse investigando: *Como os estudantes de meios populares conseguem gerar e gerir facilitadores, em seu processo de escolarização, para alcançar o sucesso acadêmico?* Dentre as razões pelas quais esta investigação foi desenvolvida está em primeiro lugar o desejo muito pessoal de refletir sobre a motivação que me levou a reunir recursos para vencer as fragilidades várias surgidas durante o percurso acadêmico, pois assim como os sujeitos desta investigação sou originária dos meios populares, de pais com baixa escolaridade e do espaço rural. Um segundo fator motivador é encontrar poucos trabalhos de investigação voltados para a temática do sucesso acadêmico, tendo como correspondência os trabalhos desenvolvidos quanto ao fracasso escolar. Quando buscamos a trajetória de sujeitos dos meios populares e suas experiências exitosas estas investigações tornam-se ainda mais raras. Portanto, seguir o ritmo deste percurso e descortinar as razões do improvável (Lahire, 2004) é a grande causa desta experiência técnica, científica, acadêmica e, em certo sentido, pessoal, podendo contribuir com uma

área ainda pouco investigada. E mais uma vez lembrando Lahire (2001, p. 248) “estudar o indivíduo que atravessa cenas, contextos, campos de forças e de lutar, etc., diferentes, é estudar a realidade social na sua forma individualizada, incorporada, interiorizada”.

O sucesso acadêmico se constitui como sendo uma experiência em que o estudante consegue manter sua escolaridade de modo a atingir os anos finais dos níveis de ensino passando para o nível seguinte, isto decorre, portanto, da avaliação quanto ao rendimento e assiduidade do aluno ao final do ano letivo. Para isso vários fatores estão implicados, a começar pela função social da escola e do professor em gerar conhecimento e novas formas de aprendizagem, passando pelas disposições pessoais do estudante, pela estrutura sócio-econômica-cultural em que o sujeito se insere de modo a gerar facilitadores nas atividades demandadas pela escola, pelas políticas afirmativas e de inclusão para aqueles que requeiram necessidades especiais, chegando às condições de suporte criadas pela família no acompanhamento da vida escolar do filho/estudante.

Quando voltamos nosso olhar à estrutura socioeconômica dos meios populares identificamos recursos que vão se estreitando e estes não dizem respeito apenas às necessidades financeiras imediatas, mas a uma série de questões que se configuram como grandes adversidades. São sujeitos que desde muito cedo dividem o tempo com estudo e trabalho, invariavelmente vivem em localidades violentas ou outro tipo de vulnerabilidade, com precária estrutura de moradia, família com histórico de pouca ou nenhuma escolarização, gozando de baixo capital social e cultural. Quando as crianças e jovens vindos desses meios chegam à escola percebem a imensa diferença que existe com sua realidade direta e aos poucos identificam as representações construídas em torno de seu modo de viver e falar, sua cultura, seu trabalho. A pergunta será como enfrentar as adversidades do processo de escolarização e como se manter fora dos atributos pelos quais são alvejados os sujeitos de sua classe.

Este trabalho de investigação estrutura-se em 4 (quatro) partes, a primeira de “Revisão Bibliográfica” elenca 5 capítulos, cujo propósito é contextualizar algumas das instâncias que atravessam o processo de escolarização dos sujeitos investigados, o primeiro deles “Linguagem e cultura escolares” trata de como se perspectivam os conhecimentos gerados e geridos pela escola e quais os valores em que estão assentes a

cultura escolar; no segundo capítulo abordamos questões relativas ao “Sucesso e Fracasso escolares” revisando os aspectos intraescolares com suas práticas de ensino e suas representações de como deverá funcionar o processo de aprendizagem para que a permanência escolar seja garantida; como terceiro capítulo “Sucesso acadêmico nos meios populares e o Ensino Superior brasileiro”, consta algumas das principais investigações realizadas a nível do êxito escolar dos estudantes provindos das camadas socioeconomicamente desfavorecidas dentro da estrutura de ensino superior brasileiro; como um item dentro deste capítulo foi enfocada “A questão da resiliência como disposição pessoal” lançando o olhar sobre aspectos inerentes à subjetividade e ao estatuto psicológico do sujeito empreendido ante as adversidades, o sentido de superação; o quarto capítulo: “O Ensino Superior brasileiro e seus programas de acesso” traz os principais programas de acesso ao Ensino Superior no Brasil, e, por fim, “Meios populares ou A população de baixa renda” com a evidência socioeconômica nas quais se inserem os sujeitos de nossa investigação, pelo que tratamos do conceito de pobreza e quais os aspectos enfocados para delimitação do nosso interesse de pesquisa.

Mesmo esta investigação não tendo como foco principal evidenciar a condição de pobreza do povo brasileiro, mas não poderia se furtar à discussão, sendo esta a realidade da qual vêm os sujeitos de nossa pesquisa, inclusive como requisito fundamental para participação neste estudo. A problemática da pobreza requer uma imensa investigação, mas considera-se de extrema importância o estudo científico de circunstâncias mais específicas, que são tocadas ou às vezes só acontecem com tamanha profundidade pela agravante da condição de renda. Em certo modo, aqui se pretende evidenciar as circunstâncias que sofrem a interferência socioeconômica a todo instante, sendo, por vezes, o plano central para manutenção ou retirada do estudante do meio acadêmico.

A atual conjuntura quanto às políticas de acesso à Universidade, assim como sua manutenção, aponta para muitas mudanças com a diminuição de programas e ou alterações nas regras de participação em financiamentos estudantis. Isto tem impactado no número de estudantes ingressos e egressos no ensino superior, o que corresponde a dizer de um retrocesso nas políticas inclusivas e sociais para os sujeitos dos meios populares ocorridas no Brasil nas últimas décadas. Principalmente com a volta de

milhares de famílias a figurarem no mapa da miséria, fica a educação relegada ao segundo plano quando as exigências diárias são a satisfação mínima das necessidades básicas. Além da retirada da agenda nacional de questões sociais tão relevantes quanto à busca de condições de vida digna e igualitária para uma população, evidenciado como um ponto fulcral, pois dele depende que outros aspectos ocorram bem, ou sejam possíveis de acontecer.

A segunda parte desta tese compreende “Da problemática aos objetivos”, cujos “Objetivos” gerais e específicos, estão indicados como os norteadores principais na busca de resposta à nossa questão de partida. A terceira parte descreve o “Percurso Metodológico” no qual se evidencia o caminho do qual depreendemos análises e resultados. A quarta parte indica uma “Apresentação, Análise e Discussão” dos resultados obtidos com a captura dos dados, de um modo ampliado a partir das categorias construídas, assim como na referência de histórias particulares e singulares de cada um dos entrevistados. Ao final temos as “Referências Bibliográficas” citadas e que subsidiaram as bases teóricas para nossas análises e discussões, e “Conclusões” tecidas como fechamento da investigação.

Esta investigação descreve trajetórias de êxito, mas também aponta, na possível medida, para as atuais condições acadêmicas de todos os estudantes dos meios populares, a fim de se ter em conta que esta não é uma situação resolvida ou já faz parte de uma grande parcela da população estudante. O sucesso acadêmico nestes meios continua sendo incerto, atípico, ‘estatisticamente improvável’, acidental e relegado a poucos. Os próprios entrevistados desta pesquisa citam os colegas que “ficaram para trás” no caminho, jovens que tiveram acesso à Universidade, mas que prioritariamente por fatores de renda não puderam manter-se no ensino superior. Aqueles que continuam na vida acadêmica a todo instante se referenciam aos outros como aqueles que “não tiveram a mesma sorte que eu”, pessoas, inclusive, da mesma família, que estudaram antes e depois das políticas de cotas e outros programas de acesso à Universidade.

Ao fim de todo levantamento e análise dos dados, chegamos a conclusões que reiteram as discussões feitas ao longo deste trabalho, além de tecer considerações acerca dos achados da investigação e que como em toda pesquisa científica está aberta a novas

abordagens metodológicas e outros ângulos de análise, no entanto, com este trabalho investigativo, voltamos nosso olhar para uma realidade específica e com isso tornamos singular e exclusiva a apreensão desta temática.

PARTE I – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Só a teoria pode dar “valor” científico a dados empíricos, mas, em compensação, ela só gera ciência se estiver em interação articulada com esses dados empíricos.
(Severino, 1996, p. 117)

Segundo Severino (1996, p. 129) “um quadro teórico constitui o universo de princípios, categorias e conceitos, formando sistematicamente um conjunto logicamente coerente, dentro do qual o trabalho do pesquisador se fundamenta e se desenvolve”. Desse modo, buscamos alinhar investigações convergentes à temática aqui abordada, a fim de conferir consistência a este trabalho, amparados em obras emblemáticas de investigadores de reconhecida competência científica, como também, de gerar as diretrizes para uma investigação carregada dos critérios necessários à difusão do saber.

Guiados pelas palavras de Graue e Walsh (2003, p. 42) de que “uma boa teoria é uma narrativa coerente que nos permite ver uma parcela do mundo por outros olhos. A teoria é um mapa, um guia”, procuramos construir as bases para um trabalho consistente, calcado em amplos conceitos, mas que possa ajudar a compreender de modo singular a realidade para qual nos voltamos.

CAPÍTULO 1 - LINGUAGEM E CULTURA ESCOLARES

Não tenho sabença, pois nunca estudei
Apenas eu seio o meu nome assiná
Meu pai, coitadinho! Vivia sem cobre
E o fio do pobre não pode estuda.
(Patativa do Assaré)

O modo como se perspectiva a escola está atrelado às condições econômicas, sociais e culturais nas quais está inserida a comunidade escolar, contando também com o tempo e a perpetuação de conceitos sobre os saberes gerados e dinamizados neste espaço, ou seja, o valor que se atribui aos conhecimentos advindos desta instituição. Quanto a isto, é comum ouvir afirmações que (des) qualificam os meios sociais populares como

aqueles em que os sujeitos não valorizam os saberes escolares, denotando aversão ao conhecimento formal e sistematizado. Os pobres não têm cultura, sua linguagem é fraca e sem capacidade de acessar a níveis mais elevados de pensamento, estes são discursos que se presentificam nos ditos e não ditos de inúmeras instituições sociais, dentre elas a própria escola. É sobre essa e outras questões que aqui faremos referência a partir das grandes categorias cultura e linguagem. A começar por esta observação de Benavente, Campiche, Seabra e Sebastião, (1994, p. 60):

A abordagem de um território não pode ignorar que esse território tem uma dimensão geográfica e física, mas também, política, social e cultural e que, para além dos professores, dos pais e outros familiares, as associações, as coletividades e os eleitos locais fazem parte ativa desse território, influenciando as questões educativas e escolares com intensidades diferentes.

Assim, a chegada da criança no universo escolar é permeada por uma série de circunstâncias que demarcam a complexidade da vida acadêmica, contemplando fatores que vão desde a ansiedade de separação dos pais ou cuidadores, para a entrada em um ambiente desconhecido e carregado de regras e apreensão do conhecimento de modo diferente do que tinha sido até então, passando pelo enquadramento em uma escala de valoração quanto ao seu perfil, seu comportamento e seu desempenho com referência à cultura e linguagem escolares. Desse modo, o processo de aprendizagem passa por essas duas grandes componentes, o *hábitus* cultural comum aos estudantes, aquele em que será inserido e o modo de expressão e discurso pelo qual lhe chegará o universo escolar.

Para falarmos de cultura de um modo amplo ou da cultura escolar de um modo particular, devemos observar questões relativas à generalidade com que é tratado o tema, ou pelo menos, a forma como a cultura escolar ganha legitimidade em razão da cultura apresentada em outros espaços. Assim, a educação na prática dos saberes, transmite os modos culturais de uma sociedade, mas valida determinadas práticas em detrimento de outras, constrói uma dimensão, inclusive de poder, aos grupos que utilizam os elementos da cultura letrada na apropriação do saber. Vir de uma família com maior escolaridade, viver em contextos de consumo da cultura erudita como, a frequência a museus, o acesso

a obras de arte, os hábitos de leitura, o consumo de bens e serviços comuns às elites, torna, a partir do crivo da educação, os sujeitos dessa classe, melhores em relação aqueles cuja rotina é atravessada pelas necessidades de sobrevivência. Como afirma Eliot (2013, p. 121):

O objetivo da educação é transmitir cultura: assim, a cultura (que não foi definida) limita, provavelmente, aquilo que pode ser transmitido pela educação. Embora reconheçamos que a “educação” é talvez mais compreensiva que o “sistema educacional”, devemos observar que a presunção de que a cultura pode resumir-se em habilidades e interpretações controverte a visão mais compreensiva da cultura que temos tentado admitir. Incidentalmente, devemos manter uma vigilância atenta sobre essa “comunidade” personificada que é o repositório de autoridade.

Ao analisar os motivos pelos quais a educação existe e qual o seu sentido Eliot (2013) faz menção ao objetivo que para muitos a torna viável, instruir as pessoas para que elas possam mudar de vida, tornar-se melhores e conseqüentemente realizadas e longe das apreensões pelas quais passam aqueles que não gozam da cultura legítima ou estão amparados pelos elementos de distinção fornecido pela literacia, ou seja, ser feliz em sua plenitude só é concedido ao sujeito que passa pela via da educação. No entanto, referenciar a educação como sinónimo de felicidade é, sobretudo, forjar valores que a educação por si não tem, afirmação feita por Eliot (2013, p. 125) ao analisar a representação da educação para aqueles que tentam construir diferenciações e para os que gozam de maior nível educativo:

Já descobri que o objetivo da educação foi definido como sendo tornar o povo mais feliz. A presunção de que ela torna o povo mais feliz precisa ser considerada isoladamente. Que a pessoa educada é mais feliz que a não-educada não é evidente por si. Aqueles que têm consciência de sua falta de educação, ficam descontentes, se acalutam ambições de se sobressair em profissões para as quais não estão qualificados; muitas vezes ficam descontentes simplesmente porque lhes foi dado entender que mais educação os teria tornado mais felizes.

Em termos de definição a palavra cultura é designada genericamente pelo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa como sendo o “complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições, das manifestações artísticas, intelectuais,

etc., transmitidas coletivamente e típicas de uma sociedade” (2001, p. 197). Assim, as diversas formações humanas necessitarão de uma cultura que represente e demarque sua organização social, para que as novas gerações possam relacionar-se com signos já existentes e não seja necessário criá-los a cada nascimento. As diferentes instituições sociais, como as escolas, empresas, famílias e igrejas, dão *corpus* às suas práticas, a partir de uma cultura que lhes estrutura, validando ainda, uma linguagem que confere poder normativo aos acordos realizados, assim como, perpetuará através de sua sistematização a cultura e suas manifestações, sendo a própria linguagem uma componente da cultura.

O filósofo Eliot (2013, p. 149) descreve três tipos de cultura, mas adverte que o termo, apesar de demarcar uma diferença entre os sujeitos, não pode ser usado para designar qualitativamente as pessoas, que ao fim, possuem a sua cultura e fazem parte de uma mesma e só cultura. “A cultura de um artista ou de um filósofo é distinta da de um mineiro ou do trabalhador rural; a cultura de um poeta será algo diferente da de um político; mas, numa sociedade sadia, essas são todas partes da mesma cultura”. Este embrincamento dos sentidos da cultura, quer dizer para Eliot (2013) que a cultura do indivíduo passa pela cultura do seu grupo, e esta, por sua vez, existe em função de uma cultura social, dito em outras palavras, indivíduo, grupo e sociedade estão em permanente entrelaçamento para tecitura cultural. Com esta característica, Eliot (2013) observa que a cultura acompanha a complexidade social que o desenvolvimento vai impondo.

Recorremos ainda à teoria sócio-histórico-cultural de Vigotsky analisada por Ivic (2010), para compreender a influência da cultura no desenvolvimento psicológico do sujeito e suas funções mentais superiores. Para esse autor a cultura é um eixo central no desenvolvimento humano, equivalendo a dizer que a internalização dos signos socioculturais seria capaz de transformar o sujeito, desenvolvendo seu psiquismo e comportamento, enquanto que sua mediação com o mundo a partir de instrumentos técnicos seria responsável por alterar o objeto com o qual se relaciona.

Para Vigotsky a produção humana é expressa através da cultura e esta, por sua vez, é fruto de uma sociedade, assim, não existiria cultura se não fosse um plano social. As interações sociais são consideradas preditoras do desenvolvimento mental, desse modo, à medida em que a vida social se complexifica, o desenvolvimento psíquico

também avança, as relações com o meio são, portanto, determinantes na aquisição das funções psicológicas superiores. Vigotsky (2007, p. 80) discorda do acúmulo de mudanças isoladas como responsável pela formação cognitiva e afirma que:

O desenvolvimento da criança é um processo dialético complexo caracterizado pela periodicidade, desigualdade no desenvolvimento de diferentes funções, metamorfose ou transformação qualitativa de uma forma em outra, embricamento de fatores internos e externos e processos adaptativos que superem os impedimentos que a criança encontre.

Na outra ponta do processo encontra-se a linguagem e esta, para Vigotsky, desempenha função central na relação social, criando outras funções, como o pensamento, a partir da internalização da língua. Esta interiorização é feita de modo mediado. Por isso que os professores e a ação pedagógica planejada tinham tanta importância na teoria de Vigotsky, pois viabilizariam o conhecimento sistemático, empreendendo o desenvolvimento, na medida em que produz e orienta para um conhecimento que a criança ainda não tem. Nesse caso, a disseminação da cultura encontraria na escola um *locus* privilegiado para tal, com a aquisição de novos comportamentos e formas de pensar.

Esta ideia perspectiva a componente sócio histórica da cultura, pois o fato do homem ser capaz de agir sobre a natureza, gerando cultura a partir dos seus atos, corresponde dizer que o desenvolvimento cultural de um homem é também seu desenvolvimento histórico. Permite que as futuras gerações internalizem os símbolos anteriormente construídos, sem que seja necessário tentar pela primeira vez a construção do conhecimento. A exemplo da língua utilizada por um povo, sempre que nasce uma criança ela será ensinada a partir de um sistema de signos linguísticos que já existe, não precisará criar sua própria língua.

Vigotsky foi quem mais atrelou seus conceitos de interação social, mediação e cultura às questões escolares e pedagógicas, principalmente porque para ele, a cultura, fonte primária do desenvolvimento psíquico, funciona como interiorização dos diversos signos, dentre eles a língua, e esta tem seu ensino sistematizado pela escola. Em termo vigotskyano, o espaço escolar seria um meio de apropriação igualitária da cultura. Com a mediação do professor o sujeito teria acesso a formas culturalmente desenvolvidas, não

que a escola tivesse uma cultura melhor que a trazida por seus alunos, porém, a interação planejada com o conhecimento fazia do professor (adulto mais experiente) e do aluno, parceiros nessa descoberta.

O sentido polissêmico do termo cultura, permitiu que Vigotsky enveredasse pelo campo psicológico, na busca de compreensão de como se dá o desenvolvimento cognitivo do sujeito. Isto fez com que o autor encontrasse nas interações sociais, através de atividades mediadas, as possibilidades de desenvolvimento para além da condição biológica inerente ao sujeito. Sua relação com o meio, principalmente pela interiorização dos símbolos dados pela cultura, seria capaz de estruturar as funções cerebrais superiores. Na verdade, a própria escola teria a função de reestruturação cognitiva através das interações que regula.

A língua com sua função comunicativa, portanto, signo cultural que permite as trocas, representa uma base de interação fundamental na sistemática do conhecimento. A levar em conta que a escola funciona como organizadora na apreensão desse sistema de signos, assim como mediadora na aquisição do conhecimento científico e significativo, esta seria, portanto, um *locus* de desenvolvimento cultural para todos, embora Vigotsky evidenciasse a importância do acervo de instrumentos e produtos culturais de que o sujeito dispunha em sua origem.

Enquanto que Vigotsky recorreu à sociologia e à psicologia como base teórica de seus constructos, Bakhtin o fez buscando na filosofia um aporte para refletir a temática da linguagem, mas ambos buscando os fundamentos histórico-culturais. Segundo Brait (2012) os pressupostos bakhtinianos em referência à linguagem reafirmam sua característica de atividade cultural, mas agora com o sentido de enunciação. A linguagem corresponde também a uma organização das atividades humanas, desse modo, o sujeito é capaz de perspectivar suas atividades pela linguagem. Para isto precisa estar envolvido na dinâmica enunciador e receptor, dito de outro modo, produzir uma linguagem que consiga dar conta do entendimento e do dialogismo. Assim, os postulados de Bakhtin apontam que:

A linguagem está fundada, necessariamente, na relação e, portanto, salvaguardando o lugar fundante da alteridade, do outro, das múltiplas vozes que se defrontam para constituir a singularidade de um enunciado, de um texto, de um discurso, de uma autoria, de uma assinatura. (Brait, 2012, p. 79)

Neste processo o enunciador não pode deixar o receptor à parte, porque não foi capaz de captar a mensagem pelo modo como foi feita a enunciação. Muitas vezes a escola ao eleger um tipo de linguagem e a ela conferir legitimidade em detrimento de outras, acaba relegando o estudante a um lugar marginal, o lugar do não entendimento e da constatação de que a sua linguagem, seu modo de falar e sua forma de comunicação, não são valorizados. A língua como ensinada pela escola está ligada ao fazer gramatical, a um sistema de signos compartimentado, à união e repartição de sílabas, seus sons, características e definições morfológicas. Neste sentido, a língua perde sua função social ao conceber uma espécie de metalinguagem, o signo explicado por si mesmo.

De acordo com Bakhtin só é possível compreender a língua em movimento, a ação dinâmica da língua fazendo sentido a partir dos usos sociais. A palavra só encontra sentido em outra palavra, portanto, em interação. O centro é o outro, nada pode existir em função de si mesmo, é assim que este autor traz a lição da convivência, da pluralidade. O dialogismo da linguagem vai dizer que aquele que fala não é dono da palavra, pois ela só ocorre em detrimento do outro. Por isso que esta é uma relação de tensão, tendo em vista que um discurso se constitui em oposição a outro, mesmo que enunciador e receptor estejam em busca de entendimentos, acordos na comunicação, trilhem os caminhos do sentido. Como nos diz Trindade (2010, p. 92):

Não há aprendizagem sem estabelecermos comunicação, ainda que essa comunicação deva acontecer, quer em função das singularidades pessoais e culturais dos interlocutores, quer em função das particularidades epistemológicas do tipo de património cultural que, nas escolas, justifica essa comunicação.

A concepção de linguagem trazida por Bakhtin diz de um organismo vivo e instrumento utilizado para refletir o mundo. Para além da língua como signo linguístico, a linguagem se constitui de certas sutilezas como: o modo que uma pessoa se expressa, a forma que está vestida, seu comportamento e as ideias transmitidas no ato comunicativo,

tudo isso vai dizer de sua posição no mundo. Para este autor a linguagem é produto vivo na interação social e a credibilidade do sujeito acaba sendo gerada pelo tipo de linguagem utilizada por ele, que vai além das palavras. Isto faz com que os lugares sociais por onde circula este sujeito determinem os modos como ele será visto.

As ideias de Bakhtin quando transportadas para o universo escolar apontam também, para as formas de ensino da língua. A vivência da língua em um espaço pleno de diversidade deve permanentemente levar em conta o interlocutor, estudantes de meios distintos e que precisam encontrar na escola pontos em comum, mas que deem fluência à historicidade de sua linguagem. No contexto da enunciação, a palavra dita é para o outro e vem do outro, esta dinâmica resulta de uma troca, não pode viabilizar-se pela autoridade de uma sobre a outra. Práticas pedagógicas que ensinam o ensino da língua sob um único ângulo acabam retirando a função linguística de comunicação, acesso e entendimento.

Dito por Sanches (1996, p. 20) que se “da mesma maneira que um médico não pode dar o mesmo medicamento a todos os doentes, também o professor não pode dar a mesma resposta a todos e a cada um dos seus alunos”. Esta referência é o resultado de uma reflexão das experiências vividas pela autora com alunos, professores e escolas, onde evidencia que a interação entre os professores e seus alunos deve fazer uso de uma linguagem direta e compreensiva, elementos fundamentais na percepção das necessidades de ambas as partes, deixando ainda claro que em um contexto de aprendizagem, considerar o ato comunicativo em toda sua extensão favorece as boas práticas pedagógicas, assim como, a sensação de pertença ao ambiente da sala de aula.

Ainda no trabalho acima citado Sanches (1996, p. 67), observa um grupo de alunos do Ensino Básico e mencionando uma de suas falas identifica como é difícil para os estudantes conviver com a postura do professor que mantém linguagem e atitudes tão distantes das reais necessidades de todos e de cada um ao sentir-se pertencente ao grupo. A Ana sabe exatamente o que fazer para que os professores gostem de si e o que de fato valorizam no comportamento do aluno: - “eu tenho que estudar, estar com atenção nas aulas, fazer os trabalhos de casa e portar-me bem, mas às vezes é tão difícil compreender a linguagem dos professores...E quando eles começam a falar sem parar?”

É muito evidente para Ana que papel deve desempenhar a fim de ser valorizada, no entanto, com a mesma consciência ela analisa a dificuldade em dar conta de uma linguagem que além de distante da sua é também incapaz de criar os elementos necessários à construção do conhecimento: entendimento, interação e significado. Como será exigida uma disciplina de atenção e escuta se o aluno não percebe a fala do professor? Dentre tantos códigos linguísticos que circulam na escola, somente um tem a autoridade da prática, e talvez isto não seja um problema, mas o fato deste ser unicamente reconhecido como correto e válido.

A despeito dos códigos linguísticos, faremos referência ao primeiro sociólogo a entrar na escola, Basil Bernstein, que com particular interesse pela educação, analisa o papel que a comunicação, no que chamou de códigos linguísticos, desempenha na sociedade estruturada em classes. Em artigo bastante didático e esclarecedor acerca de dois grandes constructos da obra de Bernstein, nomeadamente o *modelo de reprodução e transformação cultural* e *modelo do discurso pedagógico*, as investigadoras Moraes & Neves (2007) apontam que o primeiro, está relacionado ao código como princípio regulador, adquirido e que seleciona e integra os significados relevantes para os contextos em que é usado, dito em outras palavras, o código para Bernstein é definido de forma prática a partir das situações que se estabelecem para seu uso, ou seja, um tipo de orientação para codificação e a forma como será usada. Esta orientação poderá ser restrita ou elaborada, na primeira a preponderância estará no contexto e em significados particularistas que tomarão por base relações materializadas, enquanto que na segunda, do tipo elaborada, os significados serão universalistas, mantendo uma certa independência em relação ao contexto e a bases materiais mais específicos.

Desse modo, o tipo de código prevalente na escola é de orientação elaborada, enquanto que nas famílias é usado tanto um quanto outro, isso vai depender da divisão social do trabalho. No entanto, para Bernstein esta relação não se encerra nesta determinação, tendo em vista que, de acordo com os acessos da família a contextos diferenciados, a orientação do código no discurso pode ser ultrapassada. Os fatores que concorrem para isto são a educação formal e a participação em agências de desafio/oposição/resistência, a saber os partidos políticos e sindicatos, além das agências

de reprodução cultural como as de caráter desportivo e religioso. Enfim, a vivência política comunitária terá efeitos de aquisição e dinâmica quanto ao uso do código.

Outras questões estão implicadas neste complexo, como a sustentação do poder de acordo com as relações sociais estabelecidas previamente, uma espécie de classificação tomando por base a estrutura social da qual o sujeito faz parte. Assim, os sujeitos dos meios populares, comumente fazem uso do código restrito tanto em vocabulário, quanto nas formas de organização do discurso, pois suas relações de necessidade tomam por base contextos particularistas e de vivência concreta. São estes mesmos sujeitos que vão à escola e logo percebem que sua forma de expressar não tem viabilidade nesse espaço e quem possui mais recursos de expressão, precisão de linguagem e amplitude de vocabulário, características do código elaborado, terá poder sobre os demais, gerando aqui um conflito, pois aquele que aprende um código de maior prestígio social que o seu, tanto poderá sentir-se gozando de uma oportunidade de acesso, como também, dos efeitos da subordinação e servilismo.

Morais e Neves (2007) apontam que Bernstein não deixou de preocupar-se com a dimensão sócio efetiva da aquisição e manejo do código, com isto ele quis dizer que para um sujeito ser capaz de construir um texto, terá que dar conta da realização e produção do significado, construir uma posição ativa diante de um contexto, em um jogo dinâmico de motivações, aspirações, desejos e reconhecimento, ou seja, disposições afetivas que são adquiridas socialmente, mas que com um tempo passam a fazer parte da constituição subjetiva do indivíduo. Além da dimensão socioafetiva do código, existe também o eixo inter e intrapessoal, sendo o primeiro o reflexo das relações estabelecidas pela estrutura social, portanto, exterior ao indivíduo e mediadas pelo contexto, enquanto que o caráter intrapessoal do código está ligado às disposições internas do sujeito, mesmo que estas tenham componentes construídas socialmente. Como exemplo do primeiro podem ser citadas as relações em contextos comunicativos amplos como: família e escola, comunidade e escola; exemplos do segundo estão ligados às relações dentro de um mesmo âmbito social, familiar, escolar e de trabalho.

Como diz Moraes e Neves a despeito da análise da obra de Bernstein “é através dos códigos que os sujeitos adquirem uma determinada voz e uma determinada

mensagem. A voz é gerada pela natureza das categorias criadas pelos princípios da divisão social de trabalho” (2007, p.7), dito em outras palavras, é a classificação das categorias que lhe confere voz, tendo como fator predisponente para esta classificação as relações de poder que por sua vez se constroem e estabelecem a partir da divisão social do trabalho. Na realidade das escolas e na prática da sala de aula, o que isto quer dizer é que o domínio sobre o código confere sucesso acadêmico e que muitos problemas de aprendizagem da língua e de manutenção da vida escolar ainda têm a ver com a distinção entre a língua falada pelo estudante dos meios populares e aquela que é valorizada pela escola, ou seja, o tipo de linguagem respaldado pela escola ainda é componente de fracasso escolar de estudantes dos meios mais empobrecidos da sociedade.

De acordo com pesquisa bibliográfica sobre a obra de Bernstein e especialmente acerca dos códigos linguísticos, Narzeti e Nobre (2016) apontam os interesses do sociólogo pela educação ao observar e analisar em profundidade a relação: classe social, linguagem e desempenho escolar e o que isso tem a ver com o fracasso, invariavelmente, dos estudantes das classes trabalhadoras em comparação aos estudantes da classe média. A primeira grande descoberta de Bernstein foi de que para o desenvolvimento do código o que está em causa são as formas de socialização recebidas pelas crianças no seio de suas famílias. Quanto a isto Bernstein esclarece que há duas organizações de família que determina o tipo de código a ser adquirido, uma ‘família posicional’ onde as decisões são tomadas de acordo com a posição que determinado membro ocupa, é comum não valorizar as diferenças pessoais e está baseada no princípio da autoridade, o segundo tipo corresponde a uma organização de ‘família pessoal’ em que baseia suas decisões nas capacidades psíquicas dos sujeitos por não depender da posição dos seus membros, a comunicação é aberta e através do código elaborado.

Outras características ligadas a estas famílias, de acordo com as investigações de Bernstein, é que as classes trabalhadoras pouco estimulam a expressão dos sentimentos e pensamentos, a comunicação acaba girando em torno de circunstâncias específicas e contextuais, dinamizada através de um código restrito, enquanto que as famílias da classe média, se utilizando de um código elaborado, incentivam seus membros desde cedo, para verbalização de sua condição subjetiva. De maneira particular, o que Bernstein quis dizer

é que o uso de um ou outro código é determinado previamente pela organização familiar e suas formas de expressão.

O objetivo do artigo de Narzeti e Nobre (2016) é, sobretudo, fazer referência entre a teoria dos códigos linguísticos de Bernstein e as atuais teorias linguísticas, não no sentido de comparações qualitativas, mas de fornecer dados de investigações recentes e que podem criar contrapontos para causalidades deterministas quanto ao uso dos códigos pelas diferentes classes. Inicialmente, as autoras observam as críticas sofridas por Bernstein de que sua teoria tinha por base a dicotomia dos códigos oral e escrito, em que o segundo teria relevância em detrimento do primeiro, algumas destas críticas foram rebatidas pelo próprio Bernstein, mas que, no entanto, a teoria assim apresentada serviu de mote para muitas construções que embasaram a força da expressão escrita nesta dicotomia das desigualdades.

Segundo Narzeti e Nobre (2016) algumas características atribuídas ao código restrito, chamado também de linguagem pública por Bernstein, apontam que este não seguiria uma sequência verbal lógica, servindo-se da repetição de palavras e possuindo um conteúdo informativo desorganizado. Como forma de rebate a estes específicos levantados por Bernstein, insurge a teoria do ‘*continuum* tipológico’ que dá sustentação a discussões contrárias, pois acredita haver no interior da oralidade dimensões de formalidade que abrangem textos formais, menos formais e coloquiais, isto estaria também ligado à escrita, o que resulta na tese de que pode existir uma escrita informal, assim como, uma fala formal. O que deixa claro que, não há uma escala de valor entre os dois códigos, o que existe são formas de planejamento. Observando ainda que, os códigos elaborado e restrito quando usados a serviço da oralidade, teria o primeiro uma expressão formal, e o segundo, informal. A intenção da teoria do *continuum* é, principalmente, desmistificar a opinião de que os textos orais de código restrito são permeados pela desorganização de ideias, levando para isso em consideração, as necessidades da interação comunicativa que fazem o locutor lançar mão dos vários mecanismos contextuais para se fazer entender e que ambos os códigos têm essa dependência contextual, inicialmente atribuída ao código restrito.

Quanto a repetição de palavras e ideias indicada por Bernstein como característica do código restrito, de acordo com estudos linguísticos atuais e apontados por Narzeti e Nobre (2016), de facto se confirma em textos espontâneos e menos planejados, isso como recurso de complexa expressividade no sentido de funcionar como elemento de coerência e persuasão. Outro específico para Bernstein seria o predomínio dos recursos não-verbais nos textos orais de código restrito, e que atualmente, são identificados como marcadores de entendimento e regulação no processo de comunicação, a exemplo do olhar, dos gestos e todas as expressões corporais vinculadas à manutenção da interação, o que é chamado pela teoria do *continuum*, de circularidade complacente. Desse modo, as investigadoras identificam que “Bernstein, tendeu a considerar apenas o produto, isto é, o texto produzido por estudantes das classes média e trabalhadora, deixando na sombra todos os fenômenos do processo de produção do texto que interferem na configuração final do texto”. (Narzeti & Nobre, 2016, p. 298).

É verdade que o sociólogo tomou suas categorias de análise como dependentes de muitas faces, inclusive, a visão de um espaço e tempo históricos, caso hoje estivesse a desenvolver suas pesquisas, não há dúvidas que sua amplitude seria outra. Existe uma forma sob a qual funcionam os textos orais menos planejados e a isto Bernstein deu o nome de código restrito, nesta descoberta usou como variável de sua investigação as classes sociais, caso tivesse dado ênfase aos mecanismos de funcionamento do próprio código em suas modalidades, teria levado em consideração outras variáveis, dentre elas, que a determinação de classe pode ser superada, que as famílias dos meios populares podem reforçar, ao seu jeito, os saberes escolares, que os próprios estudantes são capazes de mediar o contexto linguístico casa/escola, enfim, é possível fazer uma série de arranjos, inclusive para explicar o sucesso destes estudantes nas mais difíceis condições aqui expressas pelo sociólogo, ou seja, apesar da linguagem ser um grande embargo ao êxito acadêmico dos estudantes dos meios populares, esta não é componente que *per si* determine o fracasso.

Em texto do próprio Bernstein (1997) é evidenciado que:

Existe uma ampla gama de diferenças individuais e estes padrões não serão encontrados em todas as crianças pertencentes ao ambiente social a que estamos nos referindo; tampouco estes padrões são privativos destes alunos; o que sugerimos, contudo, é que existe uma maior probabilidade de encontrarmos este padrão de desempenho escolar nesse grupo social do que nos demais (p. 149).

Assim, a privação linguística no ambiente social, da qual falou Bernstein, talvez não proceda de forma tão determinista, principalmente no que diz respeito ao rol de deficiências apontadas a nível de raciocínio, funções mentais superiores e formas de expressão nos textos, no entanto, não podemos negar que haja uma intensa influência no sucesso obtido pelos diferentes grupos dentro da escola, isto é absolutamente confirmado.

Como questão de partida para suas investigações, Bernstein indagou-se sobre como a criança vem a ser o que é e qual o principal fator inerente a este processo. Uma hipótese para tal questionamento foi que as formas de linguagem falada induzem a uma tendência para certas maneiras de aprender, ao passo que condicionam diferentes dimensões de relevância. Para este sociólogo da linguagem, crianças das classes trabalhadoras desenvolvem sua linguagem num ambiente em que procedimentos verbais complexos são irrelevantes ante a intimidade comunicativa que foi formada, assim, certas expressões como o tom de voz, sotaques, trejeitos, acabam suprimindo necessidades mais elaboradas de verbalização, são ‘identificações verbais’ intimamente compartilhadas. Neste caso não se trata de vocabulário, mas de meios para organização dos significados, formas de expressão eliciadas por relações diretas e rígidas no sentido das diversas necessidades de explicitação verbal, além da pouca disponibilidade em verbalizar os conteúdos internos dos sujeitos conviventes nestes espaços, diferentemente do que ocorre nas classes médias em que a expressão dos sentimentos é comumente verbalizada, e o mais cedo começam os exercícios de passagem dos sinais não-verbalizados para as verbalizações, o que facilita para que as crianças deste grupo, acessem conteúdos abstratos com maior desenvoltura.

Um fator condicionante da situação acima mencionada, diz respeito ao equacionamento psicológico de um comportamento de lealdade para com o grupo que se utiliza do mesmo padrão linguístico, para Bernstein isto acontece, em virtude dos pais das

classes trabalhadoras reforçarem formas de comunicação imediatistas e baseadas no poder que exercem no grupo familiar, a exemplo de ordens e pedidos emitidos por estes e que não podem ser questionados pelos filhos, não projetando modelos em que haja uma dinâmica de argumentação. “Simplesmente, nos lares das classes trabalhadoras não há muita conversa a respeito das ações que requeiram medidas disciplinares, há pouca investigação verbal dos motivos”. (Bernstein, 1997, p. 160). Algo que acontece de modo contrário com os pais da classe média, pois estes estão acostumados a discursos elaborados, a fim de operacionalizar os significados de suas expressões, tornando explícitas suas intenções através de um jogo argumentativo respaldado na busca de referentes. Desse modo:

Solicitar à criança que use a linguagem de forma diferente, que qualifique verbalmente suas experiências, que aumente seu vocabulário, que aumente o âmbito da função do planejamento verbal, que generalize, que seja sensível ao significado do número, que ordene um problema aritmético formulado verbalmente, assume um caráter muito diferente se estas solicitações são feitas a um usuário de linguagem *pública* ou a um usuário de linguagem *formal*. Para este último, trata-se de uma situação de desenvolvimento linguístico, ao passo que para o primeiro a situação se configura como uma situação de mudança linguística. (Bernstein, 1997, p. 162).

As dificuldades e resistências dos estudantes das classes trabalhadoras na escola, não estão apenas relacionadas à aquisição de uma nova linguagem, mas também, em estruturar outra forma de aprendizagem. Daí decorre uma grande observação de Bernstein, a de que as escolas não tinham medidas educativas que considerassem os antecedentes sociais dos seus estudantes, assim, as circunstâncias colocadas pela escola ao estudante dos meios populares, praticamente lhe garante o fracasso, pois são solicitadas situações para as quais não está preparado e ou sensibilizado, relegando-os a posições de exclusão, incertezas e alheamento. Mesmo Bernstein concordando que este tipo de aluno seja capaz de aprender, sua aprendizagem será mecânica e com margens ao esquecimento, tendo em conta que não será estimulada regularmente pela família, ao mesmo tempo em que é feita em um quadro de grandes dificuldades na escola.

É evidente que existem formas de expressão e de uso da língua de modo muito diferente dentre os sujeitos da classe média e aqueles originários dos meios populares, no entanto, esta não é uma relação que se explique por meio de causalidades deterministas. Gira em torno da dimensão classe social e linguagem, algo de uma complexidade bem marcada, mas que ainda constitui muitos estereótipos e novas formas de fracasso escolar daqueles que fazem uso da fala através de mecanismos que não são legitimados pela escola. Rejeitar a experiência linguística do estudante é antes de mais nada dizer que ela não tem validade, não serve para finalidades escolares e, conseqüente, não ter acesso a outros níveis sociais. Buscar uma transformação imediata do código trazido pelos estudantes dos meios populares é também uma postura de exclusão, pois os professores e demais alunos não farão qualquer esforço a fim de compreender a fala do outro, o mais rápido serão viabilizadas práticas pedagógicas a fim de “corrigir” a linguagem desse aluno. Dito por Benavente *et all* (1994, p. 31) “a cultura escolar nega as formas culturais anteriores, ignora as suas lógicas e as suas características, cria incerteza, timidez ou então desprezo e distância”.

O resultado de toda essa trama será o insucesso escolar, pois a postura deste estudante perante a linguagem será generalizada para o sentido de não aceitação da escola, dito em outras palavras, o aluno que não encontra sentido nos saberes veiculados pela escola, pode ter dificuldades com relação aos limites de linguagem, não necessariamente, sobre o valor que atribui a função educativa sistematizada, no entanto, será invariavelmente visto como um sujeito indolente ou incapaz de operar dentro dos mecanismos escolares. À guisa destas observações mencionamos a investigação de Benavente, Costa Machado e Neves (1992) no bairro da Ajuda em Lisboa, com famílias de meios populares e o que estas percepcionavam, em termos de opiniões e sentimentos, acerca da vida escolar dos seus filhos. Depreendendo daí observações como a que segue:

As ideias e as acções das pessoas não são guiadas apenas e rigidamente por estes elementos culturais adquiridos pelas múltiplas vias do processo de socialização, desde a família, os grupos de convívio e de trabalho, até os livros e aos meios de comunicação de massas, passando evidentemente pela própria escola. Os processos sociais não são regidos por nenhum esmagador determinismo cultural. (p. 11)

Concepção encontrada dentro das escolas e que foi motivo dos construtos teóricos de Bourdieu, mesmo que este não tenha entrado diretamente dentro desta instituição como o fez Bernstein. Bourdieu com a noção de capital (cultural e social) conseguiu desvendar os mecanismos pelos quais operavam o poder de uma classe social em relação a outra dentro do sistema de ensino francês. A reprodução de saberes legitimados através do poder socioeconômico das elites, que estendia para a escola tanto a noção de uma sociedade dividida em classes, quanto a ratificação de que o mérito seria capaz de mudar condições legitimamente impostas.

É também com a obra de Bourdieu que serão evidenciados alguns pontos de convergência com os constructos teóricos do sociólogo Bernad Lahire, que se debruçou especificamente, no estudo do sucesso acadêmico dos meios populares e mesmo sendo um admirador das obras bourdieusianas, seus conceitos inclinam-se a demandas bem diferentes. Em obra dedicada a construir tese acerca do homem plural, o próprio Lahire (2001, p. 14) explica seus limites e diferenças conceituais em relação aquele autor, ao mesmo tempo em que se aproxima e gratifica sua contribuição teórica: “é, portanto, a pensar ao mesmo tempo com e contra (ou mais frequentemente de um modo diferente de) Pierre Bourdieu que esta obra convida”.

Ainda de acordo com Lahire (2001, p.14), “a interiorização sistemática dos pontos de vista científicos mais diversos sobre o mundo social é o melhor meio de estar, por sua vez, em condições de desenvolver um ponto de vista próprio”. Isto, portanto, não invalida quaisquer descobertas e posicionamentos feitos à margem de um contexto e tempo históricos, considerando sobretudo, as lentes pelas quais é vista uma dada realidade.

A noção de capital cultural desenvolvida por Bourdieu teve como intenção explicar as desigualdades no desempenho escolar de crianças das diferentes classes sociais. Para este autor o capital cultural vai criar as credenciais necessárias para um trânsito tranquilo no meio acadêmico. A construção da tese do capital cultural veio romper com pressupostos voltados ao mérito e às aptidões naturais como responsáveis pelo sucesso ou fracasso escolar.

Bourdieu traz a concepção de capital cultural descrevendo três estados sob os quais se estrutura este conceito. O primeiro diz respeito ao capital cultural incorporado, ou seja, na aquisição do capital cultural é necessário que este seja acumulado através de um trabalho pessoal, em que o sujeito dedica seu tempo na construção de um *habitus*. Em estado incorporado, o capital cultural não vem por meio dos títulos, doação e ou bens materiais. É algo que o sujeito carrega, mas não sabe exatamente de onde vem, porém, exerce um efeito simbólico na dinâmica social. A título de origem, Bourdieu (2015, p. 84) diz que:

A acumulação inicial do capital cultural (...) só começa desde a origem, sem atraso, sem perda de tempo, pelos membros das famílias dotadas de um forte capital cultural; nesse caso, o tempo de acumulação engloba a totalidade do tempo de socialização.

Portanto, corresponde a uma herança. A transmissão dessa herança cultural de acordo com Bourdieu (2015, p.46) é feita “mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar”. No entanto, isto não pode ser atrelado em inferioridade aos meios populares, em termos de não gostar da escola porque lá tem uma cultura diferente da sua. Isto também observado em pesquisas realizadas por Benavente et al (1992, p. 113) a saber que “pesem embora todas as dificuldades de comunicação e os desconhecimentos da realidade escolar, só por caricatura se poderá postular uma ignorância completa e global das classes populares contemporâneas em relação à escola”.

O estado objetivado do capital cultural está ligado aos suportes materiais de apropriação, mas também, aos atributos simbólicos de transmissão. Não basta possuir quadros, livros e obras de arte, é fundamental que anterior a isto, se tenha um capital incorporado que forneça sentido ao uso que se faz dessas coisas, ou seja, saber desfrutar dos bens culturais adquiridos. Ao contrário do capital incorporado, o capital cultural objetivado pode ser transmitido, pois tem representação concreta, materializada.

O terceiro estado do capital é identificado como institucionalizado, está ligado aos certificados escolares e seu valor, que muda em relação às classes sociais. Segundo o

autor, nas classes sociais altas o valor atribuído ao diploma está atrelado ao capital social e econômico de que este meio já dispõe. É uma espécie de ratificação do *status*. Desse modo, Bourdieu (2001, p. 82) afirma que: “o rendimento escolar da ação escolar depende do capital cultural previamente investido pela família e que o rendimento econômico e social do certificado escolar depende do capital social, também herdado, que pode ser colocado a seu serviço”. Esta certidão de competência cultural também vai depender da performance do sujeito, ou seja, seu desempenho aumentará ou diminuirá seu reconhecimento.

Sem dúvidas, precisamos falar do imenso contributo de Bourdieu à Educação ao tratar da cultura e linguagem valorizadas pela escola e o quanto estas podiam afastar um grande contingente de estudantes, sobretudo, aqueles de origem socioeconômica desfavorecida. Lembramos que, apesar das investigações deste estudioso estarem voltadas para realidade francesa, encontramos correspondência sugestiva com a dinâmica do ensino brasileiro, principalmente quando nos referimos ao defasado ensino básico das escolas públicas e as altas exigências das Universidades Federais.

Assim, a escola brasileira traz consigo a ambiguidade de que embora gratuita, portanto frequentada pelas classes populares, requer dos seus alunos os atributos de uma classe que não é a sua. Ou seja, ao mesmo tempo em que a escola inclui no sentido de receber todos os alunos, ela exclui, por reproduzir e legitimar uma cultura que não tem significado para os estudantes enquanto sujeitos não pertencentes aos modos de vida valorizados e exigidos pela escola, mesmo que muitos vejam que será pela via do estudo que poderão melhorar sua condição de vida. Segundo Bourdieu (2015, p.59) “o fato é que a tradição pedagógica só se dirige, por trás das ideias inquestionáveis da igualdade e de universalidade, aos educandos que estão no caso particular de deter uma herança cultural, de acordo com as exigências culturais da escola”.

Em termos práticos vemos as exigências das atividades extraclasse, compra de material pedagógico de apoio, acúmulo de cursos a exemplo de um segundo idioma, aulas de informática, indicação de professores para reforço escolar, tudo ratifica a crença de que o acúmulo de saberes seria determinante para formação do estudante. Aquele que não tem os suprimentos financeiros a isto será um aluno fadado ao insucesso, o que leva

Bourdieu (2015, p.59) a afirmar que “a igualdade formal que pauta a prática pedagógica serve como máscara e justificação para a indiferença no que diz respeito às desigualdades reais diante do ensino e da cultura transmitida, ou melhor dizendo, exigida”.

À luz de Bourdieu poderíamos dizer que a condição acima mencionada incorre em grandiosas dificuldades ao modo de adaptação de um sujeito deslocado, por vezes excluído da cultura escolar. Tais dificuldades, se não determinantes para o fracasso, seriam condicionantes, poderosíssimas a esse fim. Caso o êxito aconteça e o sujeito consiga adaptar-se às condições de outra classe, seria tão somente pelas sutilezas com as quais o sistema conseguiu dominá-lo e as estratégias utilizadas na conversão do *habitus*.

É por isso que na escola o mérito tem um poder particular, pois consegue ratificar uma suposta neutralidade quanto às oportunidades, partindo do princípio da igualdade, faz o sujeito acreditar que a cultura preservada na escola está fundamentada na lógica da ascensão de todos. Para isto, basta que o sujeito se adapte aos seus dispositivos de reprodução (currículo, avaliação, métodos, linguagem). Nesse jogo as diferenças se tornam mais evidentes e o discurso pedagógico se encarregará de valorizar além do tipo de conhecimento, os comportamentos e formas de ver o mundo próprios das elites.

Segundo Lahire (2001, p. 133) “de todos os universos socializantes, o universo escolar é aquele onde se opera mais sistematicamente e mais duradoiramente a ruptura com o sentido prático da linguagem”. A linguagem em ação passa a ser dissecada pela escola restringindo-se ao sistema de signos designados como língua, onde os exercícios de análise, manipulação e dissecação, distanciados da linguagem em funcionamento, passam a ser a experiência linguística da/na escola. Os alunos são confrontados com essa relação objetivada da língua e logo percebem o quanto as exigências escolares são diferentes do que faziam até então.

Há com isso uma espécie de relativismo com referência aos estudantes vindos dos meios populares ou dos meios mais abastados. Apesar deste último grupo compartilhar em seu contexto social e familiar muito do que é veiculado pela escola, a relação ‘fragmentada’ com que é tratada a língua acaba sendo para os dois grupos motivo de adaptação, como cada grupo fará este manejo ou quais serão as estratégias utilizadas a este fim, aí reside a complexidade da questão, pois tanto um grupo quanto outro poderão

ter imensa dificuldade em compreender que a língua como utilizada pela escola é muito diferente das condições atribuídas no cotidiano.

O ponto desse complexo é analisado por Lahire (2001, p. 28) como: “socialmente, o mesmo corpo passa por estados diferentes e é fatalmente portador de esquemas de ação ou de hábitos heterogêneos e mesmo contraditórios”. Estariam nestes aspectos as margens de possibilidade para estudantes dos meios populares reverterem uma posição praticamente determinada pela escola? Os motivos do sucesso escolar improvável nestes meios estariam ligados a suportes concretos ou à construção destes esquemas de que fala Lahire?

A linguagem cultivada pela escola, sobretudo, no meio universitário, tem aparecido ora como variável, ora como resultado de pesquisas em torno das condições que dificultam o progresso escolar. Os estudantes se queixam das defasagens do seu ensino básico, assim como, apercebem-se quão distante e desvalorizada está sua cultura e linguagem quando se defrontam com a alta *performance* exigida na universidade e como os saberes veiculados neste espaço em nada representam as condições de onde vêm. A este fim Bourdieu (2015, p.62) afirma que:

A linguagem universitária é muito desigualmente distante da língua efetivamente falada pelas diferentes classes sociais, não se pode conceber educandos iguais em direitos e deveres frente à língua universitária e frente ao uso universitário da língua, sem se condenar a creditar ao dom um grande número de desigualdades que são, antes de tudo, desigualdades sociais.

Desse modo, a linguagem contribui para produção de uma legitimidade cultural das elites. “Assim, o que está implícito nessas relações com a linguagem é todo o significado que as classes cultas conferem ao saber erudito e à instituição encarregada de perpetuá-lo e transmiti-lo” (Bourdieu, 2015, p.63). Portanto, a escola nasce com o sentido democrático de oportunidades iguais, porém reproduz as desigualdades a partir da valorização da linguagem específica de um grupo, ao mesmo tempo em que se torna o lugar socialmente instituído para fazer esta reprodução, figurando como o melhor para todos.

A crise no modelo da escola é antes de tudo uma crise de sentido. O significado que a escola criou de si evidencia, nas últimas décadas, uma perda de apoiadores. Estudantes dos meios populares continuam vendo os saberes sistematizados pela escola como suportes a uma mudança de vida, ascensão social e ampliação cultural. Em hipótese, poderíamos dizer que isso ocorre porque as credenciais para o trânsito social continuam as mesmas, eles sabem que com requisitos específicos a uma classe poderão mudar aspectos socioeconômicos. Quando não são posições de origem, as profissões de prestígio social são o único meio de acesso a melhores condições.

Assim lembramos mais uma vez a investigação de Benavente *et all* (1992, p. 111) e a análise depreendida de um contexto com dificuldades marcadas pela realidade socioeconômica, com forte incidência no percurso escolar dos seus indivíduos, mas que por outro lado são capazes de viabilizar recursos na aquisição de mudanças.

Pode dizer-se que na base das orientações de vida actuam dois factores, normalmente articulados um com o outro de formas bastante complexas. Um são as configurações culturais partilhadas pelos grupos e incorporadas pelos indivíduos na respectiva subjetividade. O outro são os interesses e as estratégias que as pessoas desenvolvem fazendo cálculos, de mais curto e de mais longo prazo, quanto a como otimizar as soluções de ida tendo em conta as limitações impostas pelas condições de existência a que se pode deitar mão.

Por outro lado, imensos contingentes de estudantes se afastam do espaço escolar, levando em conta os repetidos fracassos e as posições excludentes das práticas pedagógicas. Atitudes que estão por trás do discurso assente na igualdade de oportunidades, no acesso democrático, na justa medida da avaliação e que a permanência e sucesso escolares estão ligados aos desempenhos daqueles que sabem aproveitar estas oportunidades. Manutenção de um estado de classe ao qual Bourdieu (2015, p.59) faz a seguinte observação:

Se considerarmos seriamente as desigualdades socialmente condicionadas diante da escola e da cultura, somos obrigados a concluir que a equidade formal à qual obedece todo o sistema escolar é injusta de fato, e que, toda sociedade onde se proclamam ideais democráticos,

ela protege melhor os privilégios do que a transmissão aberta dos privilégios.

Com uma tônica diferente, Lahire (2001) aponta para a capacidade plural que tem o homem de adaptar-se, condições improváveis serão suplantadas com a busca de pequenas margens de acesso ao êxito a partir de uma proposta de diversidade de experiências, além e, sobretudo, de uma leitura individual da socialização. Para os dois autores o ator social é capaz de tomar decisões de maneira livre e reflexiva. Lahire fala em processos de socialização em que disposições são incorporadas e reativadas sempre que o sujeito se depara com as mesmas condições de ação, o que equivale a dizer que o sujeito tende a assimilar as condições de seu contexto social levando em conta os fatores de transmissão com práticas cotidianas configuradas na família, nem sempre diretamente vindas dos pais, mas também dos irmãos, tios, avós.

Nesse caso, Lahire (2001) vai considerar o indivíduo como construção singular do social, incorporando diversas formas de agir a partir dos diferentes mundos sociais atravessados. Lahire foge da homogeneidade e unicidade do mundo social ao afirmar que o ator social não seria formado por uma única maneira que determinasse suas ações, mas por múltiplos e até contraditórios princípios de socialização. Os indivíduos participam de diferentes contextos sociais e neles interferem, não são apenas tocados passivamente por eles, podendo se apropriar de maneira diferente daquilo que é emanado deste contexto. A heterogeneidade e pluralidade com que o homem constrói sua socialização lhe oferece margens de mudança.

Desse modo, é a partir de condições não determinadas que cada sujeito constitui margens de acesso que operam em sua experiência de vida sob diferentes vieses, mesmo que seu estatuto social e cultural não encontre em algumas instituições, como a escola, os indicadores de sucesso que para outros é tão comum.

Portanto, a escola deve tomar sua cota de responsabilidade na manutenção da vida acadêmica dos seus estudantes, sobretudo, daqueles oriundos dos meios cujas experiências discursivas e culturais estão distantes do padrão veiculado por este espaço, caso assim fosse, poderíamos evitar comportamentos de esquivas, exclusão e desistência em momentos fundamentais no processo de adaptação à escola. A despertar uma gama

de sensações que toca negativamente o estudante e que muitas vezes têm o grave efeito de criar condicionantes que o impeçam de seguir um percurso escolar longo. Observado por Benavente *et all* (1992, p. 103) como algo que acontece desde o início da escolarização onde se “assiste a retenções de vocabulários, se desencadeiam processos de gaguez ou, mais grave ainda, surgem sentimentos de culpabilidade diante desta dupla tarefa inultrapassável: por um lado aprender a ler, por outro lado realizar esta aprendizagem numa língua desconhecida”. Ou mais ainda:

Muitas vezes a escola impondo sua língua de prestígio, sem enraizamento e donde o sentido está ausente, perturba na sua afectividade as crianças dos meios populares. Se lhes corta a palavra, sob o pretexto de lhes fornecer a linguagem correcta, elas bloqueiam-se, metendo-se na sua toca. É a auto-segregação, a primeira etapa para a classe de aperfeiçoamento. (Benavente *et all*, 1992, p. 103)

Daqui depreendemos que a linguagem como utilizada pela escola, está a serviço de uma classe, legitimando sua importância em detrimento de outra. A negligenciar ou anular os saberes culturais que não envolvem suas discussões, sempre voltadas ao ideário das elites, sua forma de vida, comportamento e ascensão. Enfim, uma criação de verdades particulares que são tomadas como gerais e propagadas pelo uso que se faz da língua.

Diante do que foi exposto ficamos com a abordagem de Trindade (2010) sobre o papel crucial exercido pela linguagem na aquisição dos elementos culturais de uma sociedade, assim como na transmissão do conhecimento sistematizado pela escola. Caso esta instituição queira fazer com que seus usuários acreditem na legitimidade dos seus saberes e no poder de transformação do processo de ensino e aprendizagem terá que investir numa dinâmica de acolhida dos seus alunos de modo que estes sintam sua linguagem e cultura valorizados e utilizados como elementos de fomento aos saberes.

É o modo como, no âmbito da educação escolar, o professor investe na construção de um processo de comunicação com os alunos que determina a possibilidade destes se apropriarem e usarem os instrumentos culturais que a Escola coloca ao seu dispor, processo através do qual estes se podem afirmar como pessoas no âmbito de uma comunidade indisponível para que esse processo aconteça. (2010, p. 91)

Por fim, a partir do que aqui foi mencionado, é cabível a observação de que os saberes veiculados pela escola, através de uma linguagem, dos fenômenos subliminares, das relações intersubjetivas e das condições afetivas construídos e respaldados pela relação pedagógica, só terão recepção se forem dinamizados numa base de respeito às diferenças e na busca de se fazer jeito à aprendizagem de todos. Ou mais uma vez como diz Trindade (2010, p. 92). “Educar é permitir que o sujeito se reconheça e afirme como um sujeito no seio da comunidade humana e tendo por referência o património cultural que essa mesma comunidade disponibiliza”. Enquanto existir um só estudante que se sinta excluído do processo de ensino e aprendizagem pela sua forma de vestir, falar, comportar e expressar seu pensamento, a educação não terá cumprido sua função precípua de habilitar todos os sujeitos a fazerem o reconhecimento de si e da sua contribuição para o funcionamento da sociedade em que vivem.

CAPÍTULO 2 - SUCESSO E FRACASSO ESCOLARES

Reconhece a queda e não desanima,
levanta, sacode a poeira e dá a volta por
cima.
(Gonzaguinha)

A escolaridade prolongada diz respeito a uma série de prováveis e improváveis que por vezes passa muito longe das ações governamentais para democratização do acesso de todos à escola. Quando falamos da trajetória acadêmica dos estudantes dos meios populares, estas condições se inserem em um espaço/tempo cheios de impossibilidades que constroem um histórico de desistência, afastamento e exclusão, por não possuírem o capital cultural representado pela escola; por estarem inseridos em famílias com pouca ou nenhuma trajetória de escolarização e com um nível de renda muito baixo, o que dificulta o acesso a suportes de permanência escolar. Quando em verdade “resolver o dilema da diferença, não somente para as pessoas em situação de deficiência mas para todos os que estão excluídos da sociedade é o que se espera da escola neste momento, porque o direito à educação é universal” (Sanches, 2011, p. 57).

A década de 1990 ficou conhecida pelas discussões do acesso escolar democrático e por traçar metas de Educação para Todos onde agora não apenas as questões do ingresso, mas também da permanência e do sucesso escolar, começam a ser vislumbradas a partir do planejamento de práticas mais efetivas, lembrando que a retórica da educação para todos, foi uma bandeira levantada no Brasil desde 1920, prevalecendo os interesses políticos em detrimento de uma real preocupação com a educação da população geral. Acerca disso, poderíamos falar das escolas que surgem para os filhos das mães trabalhadoras, que não nascem com finalidades de ensino e educação, mas como assistência social e interesse de mercado, ou seja, cuidar das crianças para as mães trabalharem e gerar capital.

Passadas algumas décadas vemos que a ampliação do acesso ganha preponderância, mas sem intervenções significativas no que diz respeito às condições necessárias à qualidade do ensino para todos. A escola pública brasileira, que em seus

primórdios surge para atender as classes médias da população, agora é palco, primordialmente, de estudantes dos meios populares, grupos para os quais estão voltados os maiores índices de insucesso escolar, através da repetência de série, desistência durante o ano letivo, abandono da escola. Tudo isso a gerar distorções entre idade-série, baixa escolaridade, e consequentemente, a reduzir o número de estudantes socioeconomicamente desfavorecidos no ensino superior. Essa crescente disparidade que incide tanto na qualidade do ensino quanto nos estímulos que movem todos os sujeitos, configurando para isto aquilo de que fala Sanches (1996, p. 36) onde “numa sociedade com desvalorização e desinvestimento educativos, é difícil manter, por parte dos professores, o entusiasmo necessário para responder às crescentes exigências (umas vezes teóricas outras práticas) do sistema, dos alunos e dos encarregados de educação.

O que torna o sistema educativo brasileiro muito avançado na lei, mas muito atrasado em práticas, dito de outro modo, na realidade não existem práticas que correspondam ao que se pretende. As políticas públicas em educação no Brasil continuam a seguir o caminho da assistência e isso contribui para produzir um descompasso entre qualidade e manutenção do ensino e “se a razão da criação da escola são alunos, ela não existe sem os professores que são determinantes para o que de melhor e de pior a escola tem” (Sanches, 2011, p. 29). Ou seja, das políticas nacionais aos projetos pedagógicos das escolas, os alunos devem figurar em destaque, mas isso não invalida a posição do professor como realizador de todas estas práticas.

Segundo o censo escolar 2016, realizado pelo Inep, a taxa de matrículas na rede pública e privada de ensino, soma um total de 48,8 milhões de estudantes distribuídos nos diferentes níveis da educação básica (pré-escola, ensino fundamental e médio, educação especial e de jovens e adultos). Os índices de 2015 mostraram que 11,4% dos alunos sofreram reprovação no último ano do ensino fundamental. O percentual para os estudantes do terceiro ano do ensino médio foi de 10,5% que segundo determinações legais não estavam aptos em rendimento e ou assiduidade a concluírem o nível de ensino.

Os números da reprovação e abandono escolares têm caído nos últimos anos, fazendo as taxas de aprovação aumentar. Entretanto, em relação ao número total de matrículas ainda chama a atenção os alunos que conseguem terminar o ensino

fundamental (anos iniciais com 15,3 milhões de matrículas e 12,2 anos finais) e mais restritamente o ensino médio. Ao observar o tempo que é gasto pelas reprovações sofridas entre um ano e outro de cada nível de ensino, ou seja, o ensino fundamental, que é feito no Brasil em 9 anos, com as taxas de reprovação que ainda existem, levará muito mais tempo para ser concluído, isso sem falar nos abandonos e desistências ao longo do ano letivo.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE (2016) indicam que a frequência escolar das pessoas de 6 a 14 anos atingiu no ano de 2015 a quase universalização com um percentual de 98,6%. Enquanto que para os jovens de 15 a 17 anos os números avançam lentamente, o que pode ser lido de diversas maneiras, inclusive pelo viés das reprovações que acabam desestimulando a continuidade dos estudos, o abandono e a imposição da necessidade do trabalho nessa faixa etária, principalmente para os jovens dos meios populares. Sem contar que os jovens nessa idade deveriam estar cursando o ensino médio. Nesse sentido, Zago (2011, p. 33) observa que “a interiorização do fracasso, além de outros efeitos relacionados à autoestima, certamente não favorece uma relação positiva com a escola”.

As estatísticas seguem indicando que a dificuldade em ofertar escolaridade mínima obrigatória aos jovens é algo histórico no Brasil, o principal inconveniente continua sendo os prevalentes índices de reprovação, apresentando em 2009 a maior taxa de repetência no ensino fundamental se considerarmos países da América Latina e Caribe. Isto figura como um indicador de que a escola deve ser reestruturada em suas bases, no sentido de ressignificar seus conceitos de que é sempre o aluno o responsável pelo seu fracasso. Nas palavras de Charlot (2009, p. 239) “se o aluno reprova é da sua responsabilidade (ele não estudou) mas também é da responsabilidade da escola e dos professores (porque não o fizeram estudar, não explicaram bem, não o ensinaram)”.

Condicionantes que vêm afetar a frequência desses jovens no ensino superior, que em 2015 correspondia a 18,4% dos alunos com idade entre 18 e 24 anos, com uma ressalva aos estudantes negros e pardos, que continuam com enormes discrepâncias em relação aos brancos da mesma idade. Os estudantes negros e pardos representavam 12,8% no ensino superior em 2015, enquanto que os estudantes brancos chegam ao nível de

26,5% para o mesmo ano, ou seja, estas desigualdades são construídas desde o ensino básico, indicam taxas de atraso escolar maiores para os estudantes do primeiro grupo que para os estudantes brancos.

Porém, é inegável a democratização do acesso ao ensino superior nos últimos quase vinte anos, com políticas públicas que reordenaram de modo mais efetivo a ampliação de vagas. A grande questão está relacionada aos níveis alarmantes em que o Brasil estava mergulhado, altos índices de desigualdade no acesso escolar, imensas proporções de analfabetismo, exclusão das grandes massas da população ao ensino básico, além, é claro, da cultura da reprovação, que dificulta o progresso no tempo certo aos níveis de ensino. Todas são circunstâncias que demandam tempo e políticas incisivas para sua correção, o que números mais positivos têm evidenciado com a elevação na taxa de escolaridade da população e o aumento dos anos de estudo. Portanto, a chegada ao ensino superior tem sido progressiva e isso diz respeito ao sistema educativo brasileiro, com suas políticas de acesso, ter tentado sair de um ensino superior elitista para um ensino de massas, mesmo que o acesso dito ‘democrático’ gere posicionamentos controversos.

Para além dos números que indicam o insucesso escolar dos grupos étnicos e socioeconomicamente desprovidos, o Brasil tem mostrado políticas sociais e educacionais mais inclusivas, o que tem reparado essas taxas melhorando as condições de entrada e permanência no ensino básico, impactando no acesso ao ensino superior de grupos com histórica experiência de exclusão. A começar pelas teses desenvolvidas em torno da incompetência cognitiva, carência cultural e ou desordens de personalidade, atribuídos a estes grupos como formas de justificar tal insucesso. No entanto, perdeu-se na escola ou talvez nunca foi construído, que convivem, a um só momento, numa mesma classe “diferentes ritmos e capacidades de aprendizagem, diferentes níveis de conhecimentos acadêmicos e experienciais, diferentes culturas, diferentes formas de ver e estar face à escola, diferentes códigos de acesso ao saber e à comunicação, muitas diferenças para gerir”. (Sanches, 2011, p. 320).

Segundo Bourdieu e Champagne (2015) o fracasso escolar nos meios populares é constituído pelas ideias da meritocracia, onde cabe a cada um dos estudantes o aproveitamento das oportunidades que lhes são dadas igualmente pela escola. Desse

modo, aqueles que não são selecionados para seguir um percurso escolar longo encontram justificativa no seu próprio desempenho. Devem sentir-se responsáveis pelo seu fracasso, pois a ideia que faz surgir a esses estudantes é que a escola não é um lugar para si. Esta é a imposição institucional, e é com esta perspectiva que a escola convence os estudantes desfavorecidos economicamente, assim como suas famílias, de que são eles que não querem a escola.

Na construção de estigmas que desqualificam os pais para a escola, reforçando a ideia de que estes não incentivam os filhos aos estudos, os deixam muito à vontade, não têm autoridade, ou do contrário, são autoritários e tolhem o desejo dos seus filhos, vemos firmar-se uma distância entre a casa e a escola, sobretudo pela falta de compreensão de que as famílias devem ser assistidas em suas competências e, também, naquilo que não percebem. Como observa Benavente *et all* (1992, p. 69), tudo isto deve estar relacionado ao sentimento de impotência com o qual estes pais se deparam frente às mudanças ocorridas no sistema educacional, assim “os pais dos meios populares ainda se sentiram mais perdidos quanto à maneira de educar os filhos desde que a escola primária começou a ser renovada, a viver reformas e inovações de vários tipos”.

Portanto, “não será grave desvalorizar, ainda que inconscientemente, a imagem do pai e da mãe menos letrados, com horários que lhes dificultam as vindas à escola, com mais dificuldades em apoiar os filhos na sua escolaridade?” (Benavente *et all*, 1992, p.70). Esta não seria mais uma das faces da exclusão ou dos estereótipos criados em torno da figura dos pais não-letrados? Ou ainda uma análise perversa dos sujeitos a partir do seu estatuto social? Além é claro, de negar aos pais o direito de acompanhar a vida escolar dos seus filhos, naquilo que são capazes de compreender quando bem instruídos.

Ainda pensando com Benavente *et all* (1992, p. 70) acerca da questão do envolvimento dos pais no espaço escolar dos filhos e nas formas como todos são acolhidos, depreende-se que:

Informar os pais é ter a consciência da importância pedagógica dessa informação; não é apenas dizer “que se informou” mas ter a preocupação que todos os pais entendam os porquês e os comos do trabalho escolar; não estar de acordo ou não perceber não é sinônimo

de ignorância: é um diálogo muito importante para o professor que pode enriquecer as suas perspectivas.

As famílias de origem popular “não ignoram que a escola se perfila como uma potencial via de acesso a melhores lugares na estrutura social nem que uma escolarização mínima, pelo menos, é cada vez mais obrigatória mesmo para o exercício das profissões operárias”. (Benavente, 1992, p. 134). Portanto, é inconcebível atribuir a este grupo a falta de valorização aos saberes escolares, pelo contrário, é sempre muitas vezes toda essa gente que suporta uma desvalorização gratuita dos seus saberes, que a partida se veem despidos dos seus *habitus* como rito de passagem necessário à sua entrada no universo escolar.

Bourdieu e Champagne (2015, p. 248) seguem aprofundando esta ideia ao referir que:

Os alunos provenientes das famílias mais desprovidas culturalmente têm todas as chances de obter [...] um diploma desvalorizado; e, se fracassam, que segue sendo seu destino mais provável, são votados a uma exclusão mais estigmatizante e mais total que era no passado: mais estigmatizante na medida em que, aparentemente, tiveram sua “chance” e na medida em que a definição da identidade social tende a ser feita, de forma cada vez mais completa, pela instituição escolar.

Por outros vieses, vão sendo criados estigmas da ordem do biológico e patologizante, a fim de explicar o desempenho dos estudantes, sobretudo, daqueles provenientes dos meios populares, atribuindo-lhes *défices* respaldados em sua condição socioeconômica. No entanto, o estágio atual de conhecimento social elimina qualquer hipótese de existência de “carência cognitiva de origem genética nos meios populares, bem como a hipótese que estabelece a determinação imediata entre as condições econômicas do estudante e sua família e o desempenho escolar” (Otto & Kohler, 2007, p.128).

Para citar mais uma obra essencial ao estudo do fracasso escolar, Benavente *et al* (1994, p. 12) investigam e analisam as causas do abandono escolar no ensino básico evidenciando sobretudo que “o abandono escolar é um dos sintomas mais claros das dificuldades que o sistema atravessa: de eficácia, de legitimidade e frequentemente de descoincidência com os objetivos dos diferentes atores sociais com ele mais diretamente

relacionados”. O que invariavelmente, leva os estudantes dos meios populares ao fracasso escolar pela desistência ou reprovação, frente não apenas às exigências do sistema, como também, ao modo em que são ministrados e significados os saberes acadêmicos. Não à toa perder-se o gosto pelos ensinamentos escolares, pois “o aluno em risco não se sente bem na pele de estudante, sente-se muitas vezes solitário e isolado; os seus professores não dão aulas interessantes nem lhes dão gosto por aprender e a avaliação é mal vivida (com mal estar ou fingida indiferença)”. (Benavente *et all*, 1994, p. 30).

Com enorme referência na investigação do fracasso escolar, Patto (2015) indica como foram se construindo ao longo dos anos, as causalidades que tecem o fracasso acadêmico dos estudantes dos meios populares. Dos *défices* cognitivos dos negros, passando pela teoria da carência cultural dos pobres, chegando às famílias desestruturadas, que estavam invariavelmente ligadas às condições socioeconômicas, as justificativas sempre estão atreladas ao aluno ou ao seu meio de origem. Principalmente daquele que carrega os estereótipos de vir de uma origem cultural e socialmente empobrecida que não tem interesse pela escola. Em verdade, estes estudantes carregam a responsabilidade do próprio fracasso na medida em que lhes são atribuídos traços biológicos que expliquem o não acompanhamento dos conteúdos escolares, mesmo que estejam envolvidas componentes explícitas da prática pedagógica e das experiências ofertadas no cotidiano escolar. O que ratifica a ideia de que “os alunos que abandonam têm problemas com a escola e foram já por ela abandonados, em muitos casos”. (Benavente *et all*, 1994, p. 27).

O processo de escolarização das crianças pobres segue um ritmo constantemente acidentado, com desistências, retenções e retomadas tardias em programas de aceleração muito mais ligados à educação compensatória, a fim de melhorar os números quanto à distorção idade-série, que às questões de ensino igualitário. A exemplo da educação de adultos que se encontra ligada a uma segunda oportunidade de escolarização e fundamentalmente de educação para o trabalho mesmo que tenha surgido como oposição ao poder burguês, uma dimensão política pelo acesso à alfabetização.

A educação compensatória pode estar ligada aos programas de educação compensatória e de aceleração ou validada no cotidiano escolar de estudantes pobres

através das práticas pedagógicas que atribuem menor valor às produções destes estudantes, criando neles a ideia de que o sistema de ensino invariavelmente, cria as condições para que ele tenha êxito, a depender de seu interesse. Observado por Bourdieu (2015, p.65) como:

Ao atribuir aos indivíduos esperanças de vida escolar estritamente dimensionadas pela sua posição na hierarquia social, e operando uma seleção que – sob as aparências da equidade formal – sanciona e consagra as desigualdades reais, a escola contribui para perpetuar as desigualdades, ao mesmo tempo em que as legitima.

A visão neoliberal da educação técnica acaba criando as necessidades de formar um reprodutor no mercado do trabalho por trás do ideário do ‘cidadão consciente e atuante na sociedade’. Como observa Patto (2015, p. 34):

Dizem ao oprimido que a deficiência é dele e lhe prometem uma igualdade de oportunidades impossível, através de programas de educação compensatória que já nascem condenados ao fracasso quando partem do pressuposto de que seus destinatários são menos aptos à aprendizagem.

Um ponto importante é a persistência com que a sociedade atribui inferioridade aos sujeitos de origem socioeconômica pobre. O tempo e a disseminação de ideias mais inclusivas não conseguiram suplantam a tese dos *défices* cognitivos ou carência cultural dos negros e pobres e em cada época se reatualiza através de categorias nosológicas de ordem biologizante. As pesquisas continuam apontando que os alunos dos meios populares aumentam as estatísticas de reprovação, evasão e abandono escolares. Apesar de no caso brasileiro, políticas educacionais terem contribuído para diminuição desses índices. Afinal, “o saber é um direito e um instrumento de participação social e a privação de saber encerra os cidadãos em círculos de desigualdades” (Benavente et al, 1994, p. 31).

São ideias que ganham o *status* da verdade porque ao longo da história é mostrado que o sucesso vem das relações que se mantêm com a escola. Não ‘querer’ ou não ‘gostar’

de estudar é convenientemente relacionado a não desejar sair de suas condições de dificuldade. Estes são discursos validados por causalidades deterministas, mas que fazem parte de uma teia de sentido observada por Morin (2001, p. 27) ao descortinar que: “as doutrinas e ideologias dominantes, dispõem, igualmente, da força imperativa que traz a evidência aos convencidos e da força coercitiva que suscita o medo inibidor nos outros”.

A tese de Patto (2015) sobre a produção do fracasso escolar, escrita em 1990, continua absolutamente atual no que se refere ao mérito pessoal como critério para o sucesso escolar, além de uma espécie de culpabilização do aluno, sobretudo, daquele vindo de contextos descapitalizados, como o único responsável pelo seu insucesso. Os clichês do discurso pedagógico propagados a esse fim vão se atualizando: ‘o aluno de hoje em dia não quer estudar’; ‘por mais que se prepare uma boa aula o aluno não tem interesse’. Estas são expressões recorrentes dos professores, que mesmo sem querer, acabam ratificando crenças limitantes ao desempenho do aluno e ao planejamento de suas próprias práticas pedagógicas. No entanto, através de uma observação precisa e contundente diz Sanches (2011, p. 29) que: “se a razão da criação da escola são alunos, ela não existe sem os professores que são determinantes para o que de melhor e de pior a escola tem”. Desse modo, há de se ter em conta o tipo de prática a ser ofertada, sempre respaldados no impacto que isso trará ao desempenho dos estudantes.

De acordo com Patto (2015), na viragem do século XVIII e muitos anos do século XIX, os médicos se tornaram os especialistas nas dificuldades de aprendizagem. O que concorreu ainda mais para criação de uma matriz biológica com a designação do aluno ‘anormal’, tomando de empréstimo a nomenclatura utilizada na psiquiatria para os doentes mentais. À medida que os testes de mensuração vão avançando e a psicologia vai adentrando cada vez mais nesse campo, as questões de ordem afetivo-emocional e a influência ambiental na formação da personalidade passam a fundamentar os diagnósticos, e os antes anormais, agora serão chamados de ‘criança problema’.

Por volta de 1920 houve uma disseminação no mundo, das clínicas de higiene mental escolar, com a finalidade de corrigir os desvios da personalidade infantil e os distúrbios de aprendizagem. Ao longo desse processo de identificação, o mais previamente possível, dos distúrbios de aprendizagem, surgiram as preocupações quanto

ao impacto que estas condições do aluno poderiam causar na saúde mental do professor. É aí que surge, como método de prevenção e intervenção, a criação das classes fracas, em contraposição às já existentes classes de anormais. Estes são lugares que, invariavelmente, serão relegados à exclusão, até mesmo da própria escola, e os profissionais nomeados para assumir estas salas, quando aceitam, começam a ser vistos do mesmo modo que seus alunos.

Por volta de 1940, as crianças que não correspondiam às exigências escolares eram diagnosticadas a partir dos saberes médico-psicológicos e encaminhadas às clínicas, que na verdade, lhes impunham um rótulo através da atribuição de um diagnóstico, esta espécie de selo estava ligado predominantemente, às crianças cuja origem se encontrava nas classes de trabalhadores dos centros urbanos e que já representavam o maior número de fracassados escolares. Disso depreendemos que nasce junto com a escola, ou pelo menos é alimentado por ela, o ideário de que este não é um ambiente no qual os pobres se adaptem ou consigam adequar seu modo de vida.

O resgate histórico de Patto (2015) remete à observação de que, mesmo com estudos ampliados acerca do comportamento e do lugar social ocupado pelas diferentes etnias na realidade brasileira, como é o caso de Gilberto Freyre, que acrescentou aos seus escritos as dimensões sociológica, antropológica e econômica, em relação a estudos anteriores que limitavam-se aos fatores biológicos e climáticos para explicar as diferenças sociais do povo brasileiro, não contribuíram para diminuição do preconceito, nem tampouco, para pensar condições de inclusão.

A tese de Freyre serviu apenas como reforçador do preconceito ao afirmar que o homem de talento pode elevar-se às mais altas posições. Nas palavras de Patto (2015, p. 75) “as diferenças de qualidade de vida entre as classes sempre foram justificadas através de explicações geradas pelos que, em cada ordem social, são considerados competentes para elaborar uma interpretação legítima do mundo”. Assim, mesmo que os discursos mudem, continuam arraigados nas disposições pessoais ligadas ao mérito, à raça e ao nível socioeconômico.

A afirmação mencionada pela autora supracitada faz lembrar os achados da pesquisa de Lahire (2004) de que não existe uma ordem para o fracasso por si, tendo em

vista os casos de sucesso em meios tão desprovidos e casos de insucesso, em meios sociais nos quais as condições de êxito seriam ‘naturais’ e esperadas. Depreendendo-se daí os improváveis da educação, ou seja, não há um sujeito que vindo de determinado meio sirva como o protótipo do fracassado. O que existe são as justificativas diante de um momento histórico, a partir de explicações balizadas por um discurso que mais rotula que corrige. Na verdade, busca a legitimação de desigualdades sociais e a manutenção de um *status quo* dos rótulos do fracasso. Acerca disso Patto (2015, p. 63) infere que:

Numa ordem social em que o acesso aos bens materiais e culturais não é o mesmo para todos, o talento é muito menos uma questão de aptidão natural do que de dinheiro e prestígio; mais do que isto, numa sociedade em que a discriminação e a exploração incidem predominantemente sobre determinados grupos étnicos, a definição da superioridade de uma linhagem a partir da notoriedade de seus membros só pode resultar num grande mal-entendido: acreditar que é natural o que na verdade, é socialmente determinado.

Em obra emblemática sobre o fracasso escolar, a autora acima mencionada faz um apanhado das questões de ordem social, econômica, cultural e até mesmo antropológicas, que acabaram construindo os motivos desse fracasso. Nenhuma das causas e efeitos do fracasso escolar se construíram naturalmente, sobretudo, para alguns grupos étnicos ou socialmente desvalidos, o que modernamente se tem ampliado para os sujeitos com necessidades educativas especiais. As suas dificuldades têm servido como pano de fundo, ora para os saberes médico-psicológicos, que com suas intervenções, tentam docilizar as mentes e os corpos (efeitos da medicalização) ora como justificativas para seu atraso, deficiência e outros tantos nomes que possam reatualizar os sentidos da exclusão.

A nível de dissertação de mestrado, Palma (2007) investigou as relações que se estabelecem no interior da escola e acabam sendo fatores de causalidade para o fracasso escolar. Em suas observações evidenciou que, para os professores do seu *lôcus* de pesquisa, o fracasso era visto como exterior à escola, mas que se processava ali dentro, ou seja, era sempre atribuído aos alunos, sua família ou ao meio de onde vinham, nunca decorrente das práticas docentes. Os mesmos professores sentiam que os determinantes do insucesso estavam relacionados às notas e ao comportamento dos alunos, sujeitos que

os professores veem como homogeneizados e com o mesmo ritmo de aprendizagem, a partir das práticas que utilizam. Um modelo de aluno idealizado em seu comportamento, desempenho e no tipo de apoio que irão (precisarão) receber.

Segundo a investigação de Palma (2007), percebe-se uma falta de envolvimento dos professores com os alunos, onde os problemas são sempre atribuídos a estes. Quando em sala de aula fazem alguma coisa fora do comportamento esperado, os professores lhes colocam para fora, numa expressa falta de habilidade em lidar com os conflitos, sempre vistos como afronta e desrespeito dos alunos e estes, para os professores, funcionários e direção da escola, estão a cada ano piores. Essa falta de envolvimento aparece, inclusive nas reuniões com os pais, onde as práticas pedagógicas não são refletidas, sequer mencionadas, somente a ênfase no incentivo ao bom comportamento. Segundo a investigadora o significado depreendido dessas questões diz que:

Os alunos que não apresentam bom desempenho escolar podem denunciar a possibilidade de fracasso do professor e, dessa forma, a relação do professor versus aluno pode estar marcada pelo vínculo do descompromisso que se expressa, muitas vezes, na desqualificação do outro quando lhe são atribuídas condições cognitivas – o aluno é burro, preguiçoso, etc. - ou socioculturais – “pobre”, “sem educação”, “não tem cultura”, etc. (Palma, 2007, p. 65).

A queixa dos alunos na escola investigada denuncia a falta de importância que os professores lhes dão, quando não escutam suas justificativas ou tratam a todos do mesmo jeito, além da rotatividade dos professores, que dificulta a implementação de um projeto político-pedagógico que possa envolver toda a comunidade escolar. Na verdade, de acordo com esta pesquisa, existe uma espécie de enfrentamento declarado ao aluno, como se a sala de aula fosse uma batalha. Portanto, para a investigadora a concepção do fracasso vai além do desempenho do aluno e das concepções didático-pedagógicas adotadas, o fracasso aparece, sobretudo, nas relações afetivas e humanas. Algo ratificado nas palavras de Benavente *et al* (1994, p. 106), de que “esquecer a importância da relação afetiva com os alunos, privilegiando unicamente os aspectos diretamente ligados às aprendizagens, é

esquecer a importância que o professor deve assumir na formação humana e social dos jovens, apoiando-os no ultrapassar das suas dúvidas”.

Paula e Tfouni (2009) construíram um texto articulando-o a algumas pesquisas realizadas no âmbito do insucesso acadêmico, evidenciando no discurso pedagógico escolar-DPE, que se faz neutro e com caráter científico, a culpabilização atribuída ao aluno e ou sua família pelas causas do fracasso. Na busca pela massificação do comportamento escolar, e, sobretudo, dos resultados, o discurso pedagógico desconsidera as diferenças. Por isso, que é tão comum a relação que fazem da indisciplina com o aluno que tem dificuldades de aprendizagem, atribuindo ao comportamento automatizado às causas do aprender.

Segundo Paula e Tfouni (2009, p.125) “a construção de um discurso científico sobre o fracasso escolar, neste sentido, seria uma forma de tentar explicar-ocultar as *falhas* de um modelo de educação que não oferece lugar para a diferença, para a singularidade”. A busca pelas causas do fracasso escolar, é antes de mais nada a ratificação de uma ideologia que se assenta no saber-poder pedagógico que dita o que deve ser ensinado, através dos currículos conteudistas e como deve ser aprendido, pois confiam que seus métodos avaliativos descreverão a absoluta apreensão do conhecimento. Tudo isso não constrói o sentido da escola para aqueles que lá estão, seja professores ou alunos? Como é vista e sentida uma escola que não reflete sobre seus próprios modelos de construção do conhecimento? Em que se apoiarão os alunos na escola dos abismos? Essas distâncias construídas cotidianamente não seriam componentes de legitimação do abandono escolar?

A partir de 1970, de modo muito tímido algumas investigações procuraram analisar o insucesso escolar para além da via do aluno, no entanto, se perdem nas armadilhas do ideário político-social historicamente construído. Hoje, embora persista a concepção meritocrática, os indicadores de análise foram ampliados. A escola, os professores e suas práticas começam a ser implicados no processo da aprendizagem e progressão da escolaridade de seus alunos. A importância da avaliação intraescolar começa a ser validada através de estudos voltados à essa questão, é o que pondera N. M. Silva (2012, p. 69):

Constatações acerca da problemática do insucesso escolar nos reforçam o entendimento de que é preciso investigar, também, os fatores intraescolares que têm agravado substancialmente o quadro relativo ao insucesso escolar, na medida em que as próprias instituições educativas tornam-se mecanismos seletivos para os estudantes, sobretudo, os pertencentes à população de baixa renda.

Desse modo, não há que atribuir culpa ou faltas individuais aos sujeitos providos dos meios populares, principalmente se estas são reiteradas a partir de sua condição socioeconômica, tendo em vista que a escola exerce função participativa preponderante em todo processo. São muitas as dimensões que circunscrevem o insucesso escolar, daí a complexidade do fenômeno e a necessidade de ser revisado e refletido sob muitas perspectivas. Atualmente vemos trabalhos que tentam implicar as políticas educacionais, as práticas pedagógicas e avaliativas na causalidade do fracasso escolar, embora a ideologia pareça ser a mesma, o estudante, sua família e seu meio, com maiores ou menores implicações, figuram na centralidade da questão.

Na perspectiva acima mencionada, Carraher, Carraher e Schliemann (2006) realizaram uma investigação com o objetivo de apontar as causas pelas quais estudantes de escolas públicas apresentam fraco desempenho nas provas de matemática. Sob o título revelador de que “Na vida dez, na escola zero”, os achados da pesquisa elucidam que os estudantes que fracassam quanto ao uso da matemática do modo sistematizado pela escola, são os mesmos que em situações do cotidiano de trabalho, realizado nas feiras livres, na prestação de serviços e ou na venda de produtos, conseguem manejar com plena desenvoltura, os cálculos relativos a estas experiências. Observações também feitas aos estudantes adultos, que em seus trabalhos da construção civil lidam permanentemente com os conteúdos de medidas e frações, obtendo os resultados necessários ao seu fazer profissional sem que na escola consigam acompanhar ou vislumbrar os significados que no mundo acadêmico têm os mesmos conteúdos por si usados no cotidiano.

Portanto, a investigação procura desvelar, sobretudo, um fracasso que é da escola, algo que passa pela manutenção de uma ideologia que aponta o estudante, sua família e seu meio como os fatores predisponentes ao sucesso ou ao fracasso, este último que

alternativamente é atribuído aos meios populares. Ou seja, “quando a escola transmite maneiras particulares de falar, calcular e categorizar, [...], ficamos ainda mais convictos da perfeição dos nossos instrumentos culturais e da inferioridade de outros modos de adaptação às tarefas de representação, comunicação e raciocínio” (Carraher *et all*, 2006, p. 144).

Na investigação realizada por Carraher *et all* (2006) fica evidente que a forma como a escola dinamiza o conhecimento, bem como o valor que atribui ao sistema de ensino veiculado neste espaço, constrói a natureza da desistência ou falta de objetivos aos estudantes, principalmente dos meios populares. De modo particular, no ensino da matemática, os alunos começam a perceber que a maneira como é ensinado o conteúdo na escola é absolutamente desnecessário e falível em detrimento das soluções encontradas em suas relações cotidianas. Começam, portanto, quando isto também seja possível, a entrar na zona da reprodução, ou seja, um fazer mecânico daquilo que é pedido pelo professor. O decorar de fórmulas que não lhe fazem sentido:

Os estudantes, via de regra, não têm interesse particular na solução do problema e, frequentemente, não tentam nem mesmo avaliar se a solução que encontraram foi razoável. Seu objetivo na escola é utilizar alguma forma ou operação que o professor ensinou; aplicado o procedimento, encontrado o número, o problema está resolvido. Em contraste, os modelos matemáticos na vida diária são instrumentos para encontrar soluções de problemas onde o significado desempenha um significado fundamental. (Carraher *et all*, 2006, p. 146).

A escola passa a ser para estes jovens um lugar de ratificações de desigualdades a partir do próprio currículo e da forma como os conteúdos são ministrados. A partir de então “a maioria dos alunos consideram que a escola não ensina a vida ou, de uma forma mais fraca, existem na vida outras coisas mais importantes do que aquelas que se aprendem na escola”. (Charlot, 2009, p. 85). Este passa a ser o grande sintoma pelo qual são tocados os estudantes que acumulam insucesso na escola, aqui não falamos na diferença entre os saberes, mas nos modos com que se perspectivam os conteúdos escolares no cotidiano de jovens que em sua maioria, vivem a experiência do trabalho.

Pouco se tem investigado acerca do sucesso acadêmico. No entanto, as experiências de êxito são absolutamente possíveis nos meios populares, estas devendo ser largamente divulgadas, tendo em vista as dificuldades enfrentadas para manter um percurso escolar longo em condições socioeconômicas tão difíceis, com pressões ao mundo do trabalho e suportes muito descontínuos. O que mostra que estes estudantes acabam criando estratégias muito particulares e às vezes solitárias, na superação de tantos percalços.

Outra observação diz respeito às pesquisas que focalizam o sucesso em detrimento do fracasso. É mesmo um número restrito de obras que buscam as referências do sucesso por ele mesmo, os indicadores que tenham contribuído tanto para uma viragem na adaptação escolar daqueles para os quais a escola não fazia sentido, com histórico de retenções e abandono; como, evidenciar o percurso daqueles que diferem do seu meio, imersos em contextos de pouca ou nenhuma escolaridade, com poucos fatores de estímulos ou suportes, sobretudo, o financeiro. Inclusive provando de uma espécie de segregação na medida em que avançam no acúmulo dos saberes sistematizados, em relação ao seu meio de origem e ao capital cultural de que dispõem.

O sucesso escolar foi analisado em termos teóricos e práticos por Kaneko (2008) cujo objetivo foi estudar a temática à luz das representações sociais de professores, alunos e seus responsáveis, em uma escola pública de ensino fundamental que planeja o ensino a partir da ideia de ciclos. O ciclo nasce como alternativa à diminuição dos altos índices de reprovação, dentre outros sistemas, foi proposto pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB em 1996, mas ainda é polêmico no Brasil, constatado que, terminado o ensino fundamental tanto no sistema de ciclos como seriado, o aluno continuava com imensas defasagens de conteúdo e habilidades necessárias ao próximo nível. No entanto, os ciclos possuem uma visão mais flexível de tempo, currículo e avaliação, ao contrário do sistema seriado, o aluno é avaliado ao longo do processo, e não ao final do ano letivo, pois procura evitar a fragmentação do ensino, principalmente, a partir das reiteradas reprovações e abandonos no ensino fundamental.

Kaneko (2008) toma como indicadores de sucesso escolar a visão que alunos e pais têm da escola, no sentido de ser um ambiente agradável e eficiente, em que as atitudes

dos professores e suas práticas gerem confiança. Uma variável da pesquisa diz respeito ao ensino organizado em ciclos e se estes favorecem o sucesso escolar. Por isso a investigadora afirma que: “uma das pistas para buscar sentido na organização em ciclos é a do desejo de deslocar a escola pública do lugar de fracasso para o lugar de sucesso dos alunos das classes populares” (2008, p. 106).

A escola fundamentada em ciclos pesquisada por Kaneko (2008) constitui uma realidade de sucesso para os seus alunos, tendo como margem as condições de fracasso experimentadas, sobretudo, pelos estudantes dos meios populares. Reuniões periódicas com os alunos e sua família; encontros de formação para os professores; gestão democrática; rotina de trabalhos coletivos em sala; estabelecimento de normas e regras a serem seguidas; planejamento das avaliações por grupos de professores; trabalho com projetos a partir do interesse dos alunos; vivência de atividades culturais; suprimento de recursos pedagógicos e tecnológicos. Tudo isso concorreu para que o ensino seriado fosse substituído pelos ciclos, resultando em progressão escolar, tanto pela diminuição das taxas de repetência, quanto pelo gosto que os estudantes passaram a ter pela escola.

Este apanhado de informações a cerca das pesquisas no âmbito do sucesso e insucesso escolares, mostra um histórico da educação brasileira com repetidas e permanentes situações de evasão, repetências e outras experiências de fracasso. Diz ainda que este fracasso não é só do aluno, mas também da escola, pois professores e todo sistema de educação falham quanto aos dispositivos acionados para reverter esta condição, não apenas em números, mas sobretudo, na sustentação de um ensino igualitário que respeite, reflita e intervenha positivamente nas diferenças que se fazem sentir na escola, como organismo vivo constantemente tocado pelas transformações sociais e diversidade humana.

Os avanços em investigação têm mostrado a complexidade da questão, sobretudo, quando nos orientamos para as desigualdades de uma sociedade dividida em classes, a valorização incondicional dos saberes sistematizados pela escola, a desvalorização da diversidade cultural, a atribuição de deficiências aos meios populares, a construção de currículos desarticulados aos contextos em que são aplicados e as reais necessidades de formação.

CAPÍTULO 3 – SUCESSO ESCOLAR NOS MEIOS POPULARES E O ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO

Eu acredito é na rapaziada
Que segue em frente e segura o rojão
Eu ponho fé é na fé da moçada
Que não foge da fera e enfrenta o leão
Eu vou à luta com essa juventude
Que não corre da raia a troco de nada
Eu vou no bloco dessa mocidade
Que não tá na saudade e constrói
A manhã desejada.
(Gonzaguinha)

Não constitui tarefa comum buscar indicadores na compreensão de casos “atípicos” de estudantes que provindos de famílias com pouco ou nenhum trajeto de escolaridade, além de defasada situação econômica conseguem se sobressair a estas condições e atingir um excelente nível acadêmico, com referência a outros sujeitos do seu meio sociocultural e, sobretudo, sua própria família. Múltiplos e heterogêneos marcadores animam estas trajetórias, havendo ainda outros a serem mapeados a partir de diversos ângulos, tendo em vista que este é um campo de poucas investigações, tamanha a complexidade da questão e o número de variáveis que permeiam esta temática. Concordando com Zago (2011, p. 26) de que:

Apesar de reconhecermos o caráter não determinista das relações das condições socioeconômicas das famílias e os resultados escolares dos filhos, não podemos ignorar que a situação escolar nas populações de mais baixa renda está associada a um quadro social de natureza bastante complexa.

Viabilizar o acesso a todos na escola talvez não seja algo impossível de acontecer, mesmo com as dimensões continentais do Brasil, já quando falamos em dar continuidade aos estudos as condições são outras. No que tange aos estudantes dos meios populares isto é ainda mais sensível tomando por base o contexto em que se inserem e sobretudo, o contexto que a escola representa. Soares (1996, p.15) ratifica este acontecimento ao falar da escola como representante da cultura capitalista quando “assume e valoriza a cultura das classes dominantes; o aluno proveniente das classes dominadas nela encontra padrões

(...) apresentados como ‘certos’, enquanto os seus próprios padrões são ou ignorados como inexistentes ou desprezados como ‘errados’”.

A autora acima citada observa que “nossa escola tem-se mostrado incompetente para a educação dos meios populares, e essa incompetência, gerando fracasso escolar, tem tido o grave efeito não só de acentuar as desigualdades sociais, mas, sobretudo, de legitimá-las” (Soares, 1996, p.6). Neste íterim, institui-se a falta de vinculação com uma escola distante no sentido de ser inacessível pela linguagem e cultura adotadas, tendo como resultado os graves processos de evasão (desistência) deste espaço.

O estudante dos meios populares vê-se num jogo em que ter acesso e permanecer na escola corresponde à acentuada contradição, pois a qualquer momento terá que dar conta de necessidades prementes em sua vida, a exemplo do trabalho; contando ainda, na maioria das vezes, com a distância entre o domicílio e a escola que lhe faz depender de transporte; a falta de instrumentação (materiais, internet, livros) que lhe ajude nas atividades solicitadas; a discrepância entre o contexto escolar, sua cultura, sua linguagem e o contexto familiar e social do qual faz parte. Enfim, a escola apresenta-se para Todos, mas age contra Todos (Soares, 1996) tendo em vista a massificação das experiências e os contextos que ela torna invisíveis. Portanto, chegar à Universidade na trilha deste elenco torna-se algo improvável. Como afirma Trindade (2010, p. 78)

Nem se nega a especificidade das pessoas em formação, nem se nega a importância dos saberes como elementos nucleares de qualquer projecto de formação no âmbito do ensino superior, ainda que tal especificidade e tal importância não nos conduzam nem para a valorização dos primeiros a partir de categorias abstractas que não têm em conta as circunstâncias e as particularidades de uma vida, já que importa que compreendemos que um adulto não existe dissociado de um corpo, de uma comunidade e de uma história pessoal.

Os modos como se dão o acesso ao Ensino Superior, pelos estudantes socioeconomicamente desfavorecidos, é o reflexo de uma série de condições que mais lhes afastam que aproximam da Universidade. São de facto casos atípicos que fazem parte de uma ordem inversa, a começar pelo alto índice de reprovação no ensino básico quanto nos exames vestibulares, que acabam gerando um desacreditar em si mesmo. Além da

falta de disposição de horas de estudo para manter a qualidade da formação, pois invariavelmente precisam dar conta de um trabalho; a não participação nas atividades culturais e de extensão pelas precárias condições financeiras e de deslocamento, enfim, são estudantes envolvidos pela certeza do não, mas que mesmo diante das adversidades marcadas por uma história social de exclusão, os estudantes provindos dos meios populares encontram sentido na escola como possibilidade de ascender a uma condição de vida melhor, para si e para sua família, rede significativa para compor este ideal. Por isso Soares (1996, p.73) observa que:

A escola é mais importante para as camadas populares que para as classes dominantes. Para estas, ela tem a função de legitimar privilégios já garantidos pela origem de classe; para as camadas populares, a escola é a instância em que podem ser adquiridos os instrumentos necessários à luta contra a desigual distribuição desses privilégios.

Desse modo, as classes favorecidas economicamente veem a escola como reforçadora de sua posição social e cultural, lá encontrarão uma linguagem própria do meio em que vivem, a escola será uma espécie de extensão dos seus lares, enquanto que para as classes populares a cultura escolar será de extrema diferença com referência ao seu contexto, às situações vividas e as pessoas que nele se encontram. Na verdade, a escola proporcionará experiências de afastamento desses aspectos, a exemplo dos pais desescolarizados que ficarão cada vez mais distantes dos filhos à medida em que estes vão incorporando os conhecimentos do mundo letrado. No entanto, são estes pais que incentivam seus filhos atribuindo sentido à escola, lugar onde este jovem e, conseqüentemente, sua família, poderão encontrar as credenciais de ascensão social. Como é dito por Montadon e Perrenoud (2001, p. 2) “a escola é atentamente vigiada pelos pais seja qual for sua condição social, que lhe confiam seus filhos com uma mistura de esperança e desconfiança”.

Em investigação sobre o sucesso acadêmico nos meios populares Lahire (2004) aponta para esta questão ao observar que os pais, mesmo com um nível de escolaridade baixo e poucos recursos financeiros, procuram aliar-se à escola seguindo as orientações dos professores em ofertar um tempo de estudo em casa; comprar livros ou manuais que

ajudem nos trabalhos solicitados; cobrar boas notas; e ainda, inculcar nos filhos a necessidade de submeter-se à autoridade escolar, realizando o que lhes é pedido, comportando-se bem, prestando atenção.

Os esforços usados como estratégia para o sucesso escolar dos filhos, mesmo que de modo nem sempre sistemático, para Lahire (2004, p. 334), ajudam a desfazer o mito da omissão parental, nomeadamente nos meios populares e desprovidos do capital cultural dinamizado pela escola, afirmando que:

Esse mito é produzido pelos professores, que, ignorando as lógicas das configurações familiares, deduzem, a partir dos comportamentos e dos desempenhos escolares dos alunos, que os pais não se incomodam com os filhos, deixando-os fazer as coisas sem intervir. (...) Quase todos os que investigamos, qualquer que seja a situação escolar da criança, têm o sentido de que a escola é algo importante e manifestam a esperança de ver os filhos sair-se melhor do que eles.

Portanto, ou seja, a escola tem para as classes populares a visão da redenção, a porta que dará acesso a uma melhoria de vida, tendo em vista que os próprios pais desejam aos seus filhos uma vida diferente da sua, no sentido de um trabalho menos desgastante, que ofereça uma posição financeira mais estável; enquanto que os filhos, desejam ofertar aos seus pais uma vida confortável, com a realização de desejos contidos pela falta de recursos, enfim, uma espécie de contributo para conquista dos sonhos almejados, sendo a possibilidade, mesmo que a longo prazo, de uma profissionalização através de um curso superior.

Incorre em imenso preconceito acreditar que estudantes dos meios populares sofrem das mais diversas carências a fim de justificar sob o ponto de vista individual e socioeconômico seu baixo rendimento ou outras causas do insucesso. Pois como observa Teodoro (2015, p.870) não é dentre os sujeitos menos escolarizados ou provindos dos meios mais populares que estão os casos mais brutais de violência e atentado a vida:

Importa nunca esquecer que os grandes crimes da humanidade, onde o terrorismo indiscriminado se faz em nome de um deus, ou mesmo os atos de intolerância que afloram na sociedade brasileira, são realizados por jovens (e menos jovens) muito escolarizados, alguns deles

provenientes das melhores universidades e das camadas sociais com melhores condições de vida.

Também é observado que indivíduos vindos de famílias com elevado nível de formação acadêmica, além de melhores condições econômicas e um capital social que supostamente facilitariam o sucesso escolar, não necessariamente, têm experiências acadêmicas exitosas. Lahire (2004) chama a estes factos “catástrofes escolares” em meios burgueses, sendo bastante sagaz ao afirmar que “a herança cultural nem sempre chega a encontrar as condições adequadas para que o herdeiro herde” (2004, p. 338). Daí a necessidade de refletir sobre cada caso em particular, a fim de que não sejam atribuídas características generalistas a nível das classes sociais.

Fazer parte de um contingente de pessoas que está predestinado a trilhar uma carreira escolar curta; almejar o ensino superior, a ele chegar e manter-se até o fim é algo quase que impossível, só mesmo contrariado por alguns poucos que conseguem reverter as dificuldades a seu favor e ultrapassar as condições que os enclausuram fora do universo escolar ou os exclui de uma cultura acadêmica voltada às elites. Só os estudantes que se ancoraram nos saberes incorporados em um ambiente (escola) à partida muito hostil, em relação ao contexto de onde vêm, conseguem sobreviver.

Viana (1998) em tese de doutoramento procurou investigar o sucesso escolar nas camadas populares até sua chegada ao ensino superior, tendo como referência para o que se constitui sucesso, a trajetória permanente de escolaridade que resulte no acesso ao ensino superior. Buscando compreender o que tornou possível uma escolarização prolongada de indivíduos com reduzida probabilidade ante a seu meio de pertencimento social, a investigadora elenca três categorias de análise: a família, o filho-aluno e a escola. Realizando entrevistas com cinco estudantes de graduação, dois de pós-graduação, sendo cinco mulheres e dois homens e suas respectivas famílias, Viana (1998, p. 57) observa que “o sucesso escolar nas camadas populares é potencialmente gerador de rupturas, mas se dá também em situações de continuidade (...) condição facilitadora de longevidade escolar, embora seja possível que aconteça igualmente em meio a processos de ruptura e ambivalência”. A partir disso são explicados os casos de acompanhamento precário por parte dos pais, mas que mesmo assim, os filhos aprendem a auto gerenciar seus estudos.

O que foi acima mencionado é depreendido de casos em que parte dos jovens investigados queixou-se da falta de apoio familiar, no que diz respeito ao acompanhamento do processo de escolaridade, na desvalorização do estudo e na exigência de que o filho trabalhasse, o que dificultou a dedicação às atividades e horas de estudo extraclasse, isso interferindo na longevidade escolar e gerando o efeito subjetivo de revolta e isolamento. Outra questão neste sentido diz respeito à ruptura cultural empreendida por alguns estudantes e sua família, à medida que os conhecimentos acumulados são dispostos, alguns jovens relatam que acabam se tornando distantes e indiferentes com relação aos seus pais. Ainda afirmado por Charlot (2009, p. 210) que: “o desafio do sucesso escolar, também significa o meu valor aos olhos dos meus pais – e como poderei eu estar seguro do meu valor se não o leio nos olhos dos meus pais, e como poderia eu estar seguro de ser alguém, se nunca cumpri a missão familiar que me foi designada?” Portanto, em alguns casos, o avanço nos estudos ora funciona como distanciamento das relações familiares, ora constitui atração pelo desejo de realizar os sonhos reprimidos dos pais.

Por fim, estão ancoradas nas trajetórias escolares de estudantes dos meios populares biografadas na investigação de Viana (1998), a autodeterminação; disposições temporais muito complexas, tanto pela entrada tardia na escola, quanto para terminar a escolaridade básica pelas reprovações sofridas, e as paradas necessárias para conciliação trabalho-estudo; a vivência de conflitos quanto ao distanciamento família-escola à medida que os conhecimentos são acumulados, mesmo que este processo de diferenciação em alguns casos, se tenha dado por consentimento dos membros da família; dificuldades quanto aos padrões de linguagem utilizados na Universidade e a falta de contato da academia com a realidade dos meios populares.

Portes (2001) investigou a trajetória escolar e as vivências universitárias de estudantes pobres que conseguiram ingressar em cursos altamente seletivos da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Nomeando estas trajetórias como “estatisticamente improváveis”, o estudo evidencia que a condição econômica adversa destes jovens interfere em seu rendimento acadêmico a partir daqueles que precisam viabilizar a condição de estudante-trabalhador, além daqueles que mesmo recebendo

bolsa de estudos empregam grande parte desta renda na ajuda às despesas domésticas de sua família, em detrimento da compra de livros ou outros suportes de estudo. Assim, “a vida universitária, para eles, é uma vida que comporta um forte sofrimento” (p.182). A considerar sua condição socioeconômica e as exigências dos cursos frequentados, tanto na dedicação de horas de estudo quanto na representação social que têm.

Os achados da pesquisa de Portes (2001) apontam ainda que as condições de moradia para os estudantes que precisam transferir-se de uma cidade a outra geram sacrifícios e dependências de terceiros criando uma relação de interferência tanto na prática de estudo quanto em sensações subjetivas. A participação na Fundação Universitária Mendes Pimentel/FUMP é relatada pelos estudantes como aquilo que viabiliza a manutenção da vida acadêmica, principalmente pelo viés financeiro, através das bolsas que oportuniza. A competência na aquisição do conhecimento e o bom desempenho escolar na trajetória destes estudantes confere o efeito de acesso e durabilidade no ensino superior, além de um elo de filiação àqueles que dominam a cena acadêmica; o trabalho escolar da família constitui rentabilidade, mesmo, por vezes, tendo características de estreiteza de horizontes e atitudes pouco racionais no suporte.

Em artigo publicado acerca de investigação realizada entre os anos de 2001 a 2003 sobre o acesso e permanência escolares dos estudantes dos meios populares, especialmente estudantes universitários da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, Zago (2006) procura evidenciar a diferença entre acesso e permanência escolares como necessário para dar sentido ao que se chama de sucesso escolar, portanto, seu estudo procura analisar as condições de permanência e as estratégias adotadas, pelos 27 estudantes entrevistados, ante sua realidade e exigência do curso, tendo em vista que ter acesso e manter-se em uma trajetória longa de escolaridade são condições muito distintas, mais precisamente quando está ligado a estudantes dos meios populares.

A mesma autora revela que “a desigualdade de oportunidades de acesso ao ensino superior é construída de forma contínua e durante toda a história escolar dos candidatos” (p. 230). Uma das dificuldades enfrentadas é a alta seletividade de alguns cursos como Direito, Medicina, Odontologia, Engenharia, o que faz com que muitos estudantes “escolham” cursos menos concorridos para que tenham maiores oportunidades de

aprovação. Verifica-se também uma significativa defasagem de conteúdos no ensino básico que marca consideravelmente a vida acadêmica. Para muitos dos estudantes entrevistados, sua condição socioeconômica acaba levando a uma certa exclusão das atividades acadêmicas como participação em congressos, encontros culturais, científicos, etc. Segregar-se é a saída, algo também ligado ao menor *status* do curso que fazem.

Silva (2003) analisou a caminhada rumo à Universidade, de jovens do complexo de favelas da Maré no Rio de Janeiro, cuja abordagem voltou-se para reconhecer quais os aspectos que levam estudantes de um meio social análogo, quanto às características sociais, culturais e econômicas, a seguirem trajetórias marcadamente distintas. A dimensão analisada vem através da pergunta: Por que uns e não outros? O estudo revela que “uma das variáveis fundamentais para longa permanência escolar é o grau de identificação existente entre o agente e a instituição. No entanto, os alunos em geral, não concedem um significado maior ao conhecimento veiculado na escola” (p. 151). Ou dito por Charlot (2009, p. 81) “para eles, a escola é um lugar vazio. Frequentemente, estes jovens sentem-se responsáveis por essa falta de apetência, ao manifestarem uma boa vontade escolar um pouco triste e lancinante”. Mais ainda:

A escola faz sentido para o futuro mas não no cotidiano – em todo caso a escola oficial, definida pelo ensino, pelo professor, as lições e os deveres, as avaliações. O que falta à instituição escolar é um presente. Em princípio, o presente da instituição é o saber que ela transmite e o desejo por esse saber por parte dos alunos. (Charlot, 2009, p. 80).

De acordo com a investigação de Silva (2003), a identificação dos estudantes acontece na relação com alguns professores e ou colegas, ou seja, é mais fácil ocorrer uma permanência na escola quando preponderam as redes sociais nela formadas. O mesmo autor afirma que “a compreensão da permanência escolar decorre da dinâmica estabelecida entre as características singulares do agente e as redes sociais nas quais ele se insere” (p. 140). A posição ocupada pelo sujeito, tanto na família quanto na escola, fundamenta a forma como são criadas as expectativas em torno dele. A maneira como o sujeito maneja essas relações em função da produtividade vem através do que o investigador denominou de “inteligência institucional”. Outra variável identificada no

estudo para o desempenho escolar é a classificação familiar entre os filhos capazes e os que não conseguem aprender. Assim, a competência para a escola começa a ser forjada desde cedo, até mesmo antes da entrada na escola.

Em referência às relações sociais construídas no universo escolar, Charlot (2009, p. 83) nos diz que “o mais importante para estes jovens não é o saber, mas a vida. Na escola, viver não é aprender coisas mas, antes de mais, ter amigos”. Ou seja, ratifica aquilo encontrado na investigação de Silva (2003), os estudantes dos meios populares procuram agarrar-se a circunstâncias parecidas com o seu cotidiano, nesse caso, relações de amizade que reproduzam o mais próximo possível as interações sociais vividas em sua comunidade. Estes estudantes procuram construir elos que lhes façam permanecer na escola, criam motivos para além do cumprimento de um currículo acadêmico. Não à toa diz Charlot (2009, p. 84) “que a pregnância do relacional oculta o saber, afasta o aluno da atividade intelectual ou, interpretado de outra forma, a atração relacional da escola permite, pelo menos, que o aluno suporte uma instituição que para ele não faz sentido em termos de saber”.

Pereira (2005) investigando a temática do êxito acadêmico, deu ênfase à mobilização pessoal dos estudantes dos meios populares na construção do seu próprio sucesso escolar, assim como, às estratégias familiares adotadas a este fim. Observa que “a impossibilidade, na maioria das vezes, de encontrar em casa referências de pessoas que tenham um bom acúmulo de capital cultural e escolar induziu esses alunos a buscar referências em outras instâncias, como na escola ou na igreja” (p.195). Além do que para estes alunos estudar envolve o gosto pela descoberta e o aprender, não apenas como uma demanda imposta pelos pais ou pela escola. A posição assumida pelos pais destes estudantes, não está ligada ao acompanhamento direto no espaço escolar, mas à adoção de formas variadas de cuidado como, pedir livros emprestados e a ajuda de vizinhos, colegas ou irmãos mais velhos nas lições; monitorar para que os filhos exercitem em casa o que aprenderam na escola; valorizar as práticas de leitura e cuidar do tipo de amizade para que as influências não atrapalhem o andamento dos estudos.

De acordo com esta posição assumida pelos pais dos meios populares ante a escola Charlot (2009, p; 207) observa que “é antes de mais na família que o indivíduo se constrói

e aprende a desejar; e é a família que pode ser colocada em correlação estatística com o nível de aproveitamento escolar”. É com referência à família que a escola se posiciona de modo taxativo ao afirmar que os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem ou de adaptação ao universo escolar são sempre aqueles cujos pais não têm participação na escola, e que por sua vez, estes são comumente os pais dos meios populares. Em outras palavras o que se diz é que, o aproveitamento escolar está determinado pela origem social do sujeito. “Falar dos pais e da família dos alunos com dificuldades escolares significa, na realidade, instalar-se no seio de uma ilusão dos professores e, mais amplamente das classes médias: os pais demitiram-se e os professores são vítimas dessa demissão” (Charlot, 2009, p. 207).

Em resposta a questão acima referida o próprio Charlot (2009) alerta que não se caracteriza demissão dos pais, mas uma atitude bem parecida com os professores em relação aos seus alunos, os pais se afastam por sentirem-se ultrapassados por seus filhos. O autor segue ratificando que, é inegável que os pais dos meios populares forcem seus filhos na aquisição do sucesso escolar, pois é através disto que irá ascender a melhores níveis de vida. Dispor acusações aos pais dos meios populares de que não se responsabilizam ou se interessam pela vida escolar dos seus filhos não seria um tipo qualquer de jogo? Afinal, onde estão os professores e sua implicação nos resultados da aprendizagem dos seus alunos?

Piotto (2007), a nível de tese de doutoramento, pesquisou a trajetória e a experiência universitária de estudantes provenientes das camadas populares, dando ênfase aos sentidos atribuídos por estes estudantes ao ingresso e permanência em cursos de alta seletividade em Universidades prestigiosas do estado de São Paulo. A partir desta análise conclui: “entendemos as trajetórias apresentadas, como, ao mesmo tempo, individuais e sociais, sendo fruto de uma construção coletiva baseada em uma rede de apoio” (p. 314). Estão mobilizados fatores como dedicação e esforço pessoais, a partir da vivência no mundo do trabalho; o suporte familiar, principalmente da figura materna; o reconhecimento do bom desempenho escolar; a ajuda por parte dos professores; o engajamento material e emocional da companheira, em um dos casos; a inserção em programas de inclusão estudantil, uns com oferta de bolsas de iniciação científica, outros

com isenção de taxas, ou seja, algo que concorra para um percurso duradouro na Universidade. Portanto, o que se percebe é a heterogeneidade e multiplicidade de ações que conferem a manutenção da vida acadêmica destes estudantes. Mesmo que os relatos sejam memorados pelas situações de esforço, sofrimento, solidão e humilhação que marcaram suas trajetórias, tudo isso será suplantado pelas perspectivas de uma nova vida, uma transformação que se opera por fazerem parte de uma Universidade pública, espaço que detém alta representação social. Uma espécie de realização de um sonho.

Teixeira (2008), em investigação com jovens de contextos descapitalizados da cidade do Porto em Portugal, procurou evidenciar a dimensão singular de histórias de vida buscando compreender os contributos familiares para o sucesso acadêmico dos filhos e os impactos subjetivos desse acontecimento. Seguindo este foco, os resultados da pesquisa, sobretudo pelas entrevistas com as famílias destes estudantes, indicam que a ordem familiar para manutenção dos estudos, assim como o significado positivo que as famílias atribuem à escola, são ações e constituições subjetivas necessárias ao sucesso acadêmico, mesmo sendo estes jovens, em sua maioria, filhos de pais separados, com pouca ou nenhuma escolaridade e sem casa própria, vindos, em sua totalidade, de escolas públicas e com acesso ao ensino superior através de bolsas de estudo.

Gobbi (2008), em sua dissertação de mestrado, buscou investigar, sob a perspectiva da família e da escola, como se dava a gestão da vida escolar dos estudantes dos meios populares, tendo como categorias de análise o sucesso, o sucesso relativo e o insucesso escolar. A levar em conta que a pesquisa foi realizada com base nos anos iniciais do ensino fundamental, não se pode identificar se o desempenho seguiu constante nos três perfis analisados. No entanto, para o período investigado foi considerado que as três categorias estão inseridas em famílias de baixa renda e pouca escolaridade, cujo capital cultural e econômico, por vezes afasta alguns pais de um acompanhamento escolar mais detido. Ainda que o contrário também se faça presente, ou seja, pais que mantêm práticas, mesmo que tímidas, de aproximação e valorização do conhecimento sistematizado. Nos casos de sucesso escolar, são condicionantes as ações afetivas, com a preocupação para que os filhos convivam em um ambiente favorável aos estudos, com uma presença materna mais atuante, também representada por avós e tias, mesmo que isto

seja muito difícil de se realizar tendo em vista as precárias condições materiais. Em termos gerais, Gobbi (2008, p. 120) evidencia “a importância que o conhecimento escolar representa para essas famílias, mesmo para aquelas famílias cujos filhos não obtêm sucesso na escola”. Entretanto, o que se revela determinante nas trajetórias exitosas desses alunos é sua mobilização pessoal na busca pelos resultados obtidos e a adoção de limites bem definidos no cotidiano familiar. Algo ratificado por Eliot (2013, p. 125) ao constatar que “é possível que o desejo de educação seja maior onde existem dificuldades no meio de obtê-la, dificuldades não insuperáveis, mas que são vencidas apenas à custa de algum sacrifício e privação”.

Souza (2009) problematiza em sua tese a trajetória acadêmica de estudantes das camadas populares nos cursos de maior seletividade e prestígio da Universidade Federal do Acre - UFAC. O perfil destes estudantes revela que todos cursaram o ensino básico no sistema público, vêm de famílias de imigrantes dos seringais e com um nível de escolaridade baixo. Aliando forte mobilização pessoal e familiar para permanência na escola mesmo que de natureza e intensidades diferentes, demarcando que “a longevidade escolar nas camadas populares supõe que o desejo dos pais seja fortemente interiorizado pelo filho, cujas estratégias de escolarização refletem essa interiorização” (2009, p.182). Entretanto, são associados suportes de amigos, professores e qualidade da escola, dito por alguns dos entrevistados. Notado em uma parcela dos casos, a experiência do estudo em concomitância com o trabalho.

Roldão, Abrantes, Mauritti e Teixeira (2011) procuram compreender o que mudou na relação de jovens oriundos das classes desfavorecidas e a escola, a partir de sua inserção nos Territórios Educativos de Intervenção Prioritária-TEIP, buscando investigar se um programa de intervenção na educação utilizado em Lisboa-Portugal pode trazer efeitos significativos para jovens dos meios populares. Identificados e analisados os efeitos TEIP, em sete territórios distintos no espaço nacional, foram relacionadas várias dimensões: os resultados escolares, indisciplina e as práticas pedagógicas. Designados como “mecanismos de integração escolar” o programa melhorou no que diz respeito à indisciplina, ao abandono e ao sucesso acadêmico. Quanto aos “mecanismos de orientação”, o programa teve grande impacto na orientação dos jovens em termos de vida

escolar e dilemas vitais que vão surgindo para eles. Por fim, “mecanismos de participação” falam de espaços criados pela escola para ampliar e legitimar a participação dos alunos na vida escolar e comunitária. Certamente que os impactos do programa variam de acordo com os sítios em que são aplicados, no entanto, este estudo traz uma visão global acerca de seus resultados, marcados pelas taxas de abandono, indisciplina e sucesso que mudaram significativamente. Por isso que em termos de “teoria da reprodução” Roldão et al (2011, p.2) afirmam que:

Nas classes populares, a experiência escolar representa um corte relativamente às competências desenvolvidas em casa e na comunidade, obrigando as crianças a dominar e acionar códigos distintos, em cada um dos contextos, sob pena de serem duramente penalizados. Simultaneamente, esta distância cultural limita também a cooperação entre escola e famílias populares, reduzindo as possibilidades dos pais apoiarem e orientarem o percurso educativo dos filhos.

Numa perspectiva geral os investigadores observam que o programa torna os jovens mais integrados que orientados e participativos, sendo isto suscetível de vários debates, ou seja, esta integração poderá estar ligada à subordinação de uma cultura dominante dentro do programa, fazendo com que os alunos que têm maior sucesso escolar estejam muito distantes de sua cultura de origem, o que lhes pode gerar algum conflito, relembrando a análise que os pesquisadores fazem da teoria da reprodução acima mencionada.

Portes (2011) realizou um estudo no mesmo seguimento de análise em que evidenciou os sacrifícios enfrentados pelos pais para manter seus filhos na escola, onde uma série de estratégias são traçadas, mesmo que de modo não sistemático ou planejado, mas “o que parece ser rentável é a presença possível, a disponibilidade em escutar, ouvir e dar atenção ao filho, permitir que ele dê conta de suas tarefas e necessidades escolares, indagar-lhe de seu dia escolar” (2011, p.68). Neste estudo o investigador revela que atitudes como não permitir que o filho trabalhe; manter uma rotina de monitoramento das atividades escolares e extraescolares; valorizar a escola, e, sobretudo uma atuação afetiva no sentido de superar as dificuldades materiais e subjetivas que vão surgindo, para que os

filhos ultrapassem os momentos de incerteza quanto ao projeto universitário, são frequentes no grupo das famílias entrevistadas.

O estudo longitudinal, realizado por Zago (2011) entre os anos de 1991 e 1998, teve também como indicador de análise as famílias populares e o acompanhamento escolar dos filhos. A investigadora aponta para percursos escolares acidentados que aumentam a distância entre idade cronológica e idade escolar; a instabilidade na renda familiar, e as consequentes dificuldades materiais para manutenção dos estudos; a difícil vivência de conciliação do trabalho com o estudo e os repetidos fracassos escolares que acabam tendo efeito na autoestima dos estudantes. Em outro sentido a autora observa a mobilização familiar; o apoio sistemático de um professor e o valor simbólico que os jovens atribuem à escola resultante da relação que fazem entre a aquisição de um diploma e o reconhecimento social que vem através do estudo:

Expressões que revelam a crença nos benefícios que o estudo pode oferecer, como “deixar a gente com mais confiança, ter mais conhecimento, não ter uma vida dura como os pais”, são carregados de valor simbólico e reveladoras do lugar ocupado pela escola não apenas de emprego de um tempo reconhecido como necessário para a aquisição de um certificado e saberes fundamentais, mas também com um lugar que inclui diferentes desejos e subjetividades. (Zago, 2011, p. 36).

A pesquisa revela, que os estudantes dos meios populares se apercebem de que são poucas as vias de saída de sua condição socioeconômica e encontram no estudo uma porta que dará acesso à essa mudança. A legitimidade para isto está na representação social da escolaridade, evidenciada pela posse dos títulos e, sobretudo, pelo incremento das possibilidades de trabalho. Pontuado por Zago (2011, p.28) da seguinte forma: “situações em que a ausência de um certificado mínimo de escolaridade impõe limites à inserção ou a reconversão profissional chamam a atenção para a necessidade do diploma, e é especialmente nesse momento que o estudo ganha real significado instrumental.

Correa e Rocha (2012) realizaram pesquisa documental e entrevistas com sete jovens que frequentaram cursinho pré-vestibular popular e foram aprovados em Universidades prestigiosas do Estado de São Paulo. As questões levantadas procuram identificar como os jovens avaliam suas experiências educacionais; quais os pontos que

(não) contribuíram para longevidade escolar e os efeitos do cursinho sobre os estudantes. Com relação ao perfil destes jovens foi evidenciado que todos pertencem aos meios populares, com relação ao ensino básico nem todos se diziam alunos disciplinados e que gostavam de estudar, sentiam uma distância entre si, a escola e os professores, tendo, principalmente entre os rapazes, vivências de constrangimentos, preconceito, descrédito e injustiça construídos no universo escolar. Portanto, este é o relato de trajetórias atípicas por dois ângulos, um que diz respeito ao gosto pelo estudo, e outro; relativo às poucas oportunidades de acesso e manutenção da vida acadêmica.

Foi observado ainda nesta investigação, que uma das queixas dos estudantes era de que em seu ensino médio não tinham recebido informações sobre vestibulares ou outros modos de ingresso no ensino superior, ou seja, os professores não ofereceram as informações sobre exames e Universidades que estes estudantes poderiam prestar. Essa falta de “capital informacional” (Correa & Rocha, 2012) corresponde a uma das formas de bloqueio de acesso ao Ensino Superior.

Em conclusão, as investigadoras nomeiam como “disposição aos sacrifícios” a trajetória dos jovens referidos, pois venceram a falta de apoio informacional dos seus professores do Ensino Médio em relação às formas de acesso ao Ensino Superior; a pouca escolarização dos seus pais e a falta de expectativa com relação à longevidade escolar foi suplantada pela valorização que os próprios estudantes davam à escola; os vários anos dispendidos nos cursinhos e as repetidas reprovações nos vestibulares criaram a necessidade por um plano de estudos mais sistemáticos; a frequência no cursinho para aumentar as credenciais na luta por uma vaga na Universidade, sendo evidente que as dificuldades não acabaram na porta de entrada, ou seja, “a percepção da universidade como um local inóspito para negros e/ou pobres aparece com contundência em algumas entrevistas” (2012, p. 434). O que faz com que muitos desistam neste ponto, não foi o que aconteceu a estes jovens que ultrapassaram, sob muitos sacrifícios, diferenças socioeconômicas e culturais para obterem o tão sonhado curso superior.

Borghi (2013) em tese construída a partir de itinerâncias de jovens das classes populares no ensino superior, especificamente os da Universidade Social da Bahia - USBA, na faixa etária entre 18 e 24 anos e com bolsa integral de estudos selecionados

pela política de inclusão do ProUni, aponta para elementos heterogêneos na composição do sucesso acadêmico. Assim, é percebido no percurso de alguns, fatores como a persistência, disciplina e responsabilidade; para outros, saberes socializados pela família e ou fora dela, embora o contrário também seja citado, estudantes que não tiveram qualquer incentivo dos seus pais. O mesmo autor observa que “a disposição à organização, à disciplina, à responsabilidade, à persistência, à honestidade, à ordem pedagógica e econômica, constituiu um patrimônio favorável à construção de pontes de estudantes de classes populares com a educação superior” (p.188). Os dispositivos mais evidenciados são a superação das dificuldades e manutenção da vida acadêmica.

Côco, Soares, Bragança e Cardoso (2013) descrevem os impactos do ensino superior nas camadas populares, a partir do relato de jovens inseridos no ‘Projeto Educação’ da Universidade Federal do Espírito Santo, elegendo como categorias de análise a entrada na Universidade, as impressões das vivências universitárias e a inserção no referido Projeto. Com isso demarcam como uma grande “vitória” a entrada no ensino superior, a “oportunidade tão sonhada”, elegendo a família, os amigos e a fé como contributos para tal conquista. Evidenciam o apoio institucional através do curso pré-vestibular gratuito que ocorria no prédio da Universidade, “fomentando uma aspiração de pertencimento”. Ante às suas primeiras impressões, os estudantes indicam seu deslumbramento e felicidade em estar naquele espaço, mas também, insegurança, solidão e desafios de ordem cognitiva a serem suplantados pensando na defasagem do ensino básico que tiveram e na organização quanto às horas de estudo que terão que ser divididas com o trabalho. Segundo Côco *et al* (2013, p. 38) “os estudantes vivenciaram trajetórias muito particulares, compondo distintas trilhas rumo à universidade. Em comum, vivências de dificuldades, renovação das esperanças e superação dos entraves, com intensa presença de apoiadores na jornada”. A entrada no Projeto Educação, vai significar para estes estudantes, um espaço privilegiado no sentido de que recebendo uma bolsa de estudos terão mais tempo para dedicar-se às demandas necessárias à vida universitária, além dos conteúdos abordados no Projeto que irão potencializar sua aprendizagem e aprimorar sua escrita. Nesta investigação fica claro que para os estudantes investidos

nestes diálogos, o programa de acolhimento fez uma grande diferença para viabilizar sua permanência na Universidade refletindo na sua visão de futuro.

Gonçalves (2015) desenvolveu em Porto Alegre uma investigação, a nível de mestrado, acerca do sucesso escolar dos estudantes das classes populares enfatizando a trajetória e a estrutura que amparam essa conquista. Os indicadores encontrados no grupo dos estudantes entrevistados apontam para o suporte da família, quando através de sacrifícios ofereciam aos filhos a oportunidade de somente estudar; a escola básica que frequentaram, que com um nível de qualidade até mesmo superior a algumas escolas particulares da região ajudou no desempenho de alguns destes estudantes; a religião também aparece como influenciadora para parte dos entrevistados, e para outros, mas com forte influência, aparece a socialização política, pois seguindo a disposição ao engajamento político, os estudantes optaram pelo tipo de curso a fazer. O mesmo autor aponta que “o que fica evidente, a partir da análise desses casos, é que a construção do sucesso escolar se dá por múltiplas formas, espaços e através da incorporação de variadas disposições” (p.154). Assim, apesar de muitas investigações apontarem para determinantes familiares para o sucesso acadêmico nos meios populares, as razões destes casos atípicos se constroem a partir de influências diversas.

Como é percebido, as investigações em torno da temática do acesso dos meios populares ao ensino superior, começam timidamente no Brasil na década de 1990, alargando-se depois dos anos de 2000, ou seja, este é ainda um tópico recente e pouco estudado. As categorias de análise comumente têm girado em torno das estratégias familiares de suporte; da mobilização pessoal por parte dos estudantes e das políticas de inclusão, representadas pelas bolsas de estudo, cursinhos pré-vestibulares gratuitos e outros programas de acesso e permanência como é o caso, no Brasil, do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e do ProUni (Programa Universidade para Todos). É também muito presente que as Universidades públicas continuam sendo, pelo seu renome, representação social, qualidade da formação e condição de gratuidade, o alvo dos estudantes em busca do Ensino Superior.

As variáveis investigadas indicam que, embora as famílias dos meios populares possuam um grau de escolaridade muito baixo, estas tentam reunir as condições possíveis

de manutenção do filho na escola, os casos que fogem a esta ‘regra’, ou seja, os pais que não investem quaisquer recursos na formação escolar dos filhos, encontram nestes uma forte mobilização pessoal a fim de vencer os sacrifícios demandados por sua condição financeira e atingir um percurso longo de escolaridade chegando ao Ensino Superior. Com uma ressalva feita por Zago (2011, p. 30):

Apesar da valorização pró escola, o discurso que evidencia o valor inegável da educação escolar nos meios populares não pode ser sempre tomado como sinônimo de um projeto de longevidade escolar. Esta observação não é contraditória com a valorização atribuída aos estudos, uma vez que há uma percepção muito clara dos limites impostos pelas condições materiais objetivas.

Também aparecem como indicadores de sucesso acadêmico o suporte ofertado por outros membros da família, como irmãos e tios; as disposições afetivas canalizadas ao jovem que se destaca como um excelente estudante; o incentivo de alguns professores e da escola; a participação em cursos preparatórios que trazem um amplo conteúdo informacional acerca dos processos de concorrência em cursos, vestibulares e Universidades; e a inclusão em bolsas de estudo que constitui um outro indicador de manutenção da vida acadêmica, muito importante para estes jovens.

3.1. A Questão da Resiliência como Disposição Pessoal

Nunca se entregue
Nasça sempre com as manhãs
Deixe a luz do sol entrar no céu
do seu olhar.
(Gonzaguinha)

O termo resiliência foi objeto de estudo para muitas ciências a fim de explicar casos de superação, enfrentamento de grandes adversidades e ou busca de aspectos positivos em situações conflitivas tomados por alguns sujeitos em relação a outros que acabam se deixando vencer pelas adversidades do seu meio. Considerado como um fenômeno controverso, a resiliência tem difícil caracterização, operacionalizar seu conceito tem gerado divergências entre autores, no entanto, os interessados na temática

estão sempre a buscar respostas às questões: o que de fato se processa com pessoas que ultrapassam com maior êxito situações de intenso desgaste? Quais as componentes mobilizadas na superação dos obstáculos que a vida lhes impõe? A que estão atreladas as motivações para que alguns sujeitos consigam proceder à uma viragem em situações de extremo conflito? Quais os fatores subjetivos implicados para que os indivíduos perseverem em circunstâncias com pouca probabilidade de êxito?

Segundo M. R. S. Silva (2003, p.47) “a resiliência caracteriza-se pela capacidade do ser humano responder de forma positiva às demandas da vida quotidiana, apesar das adversidades que enfrenta ao longo de seu desenvolvimento”. Condição que está ligada à mobilização dos recursos pessoais necessários à superação de crises no processo existencial ou enfrentamento de situações de risco para o desenvolvimento do sujeito, além da reunião de fatores de proteção como garantia de maior resistência.

Yunes (2003) estuda a resiliência como interesse da psicologia positiva, ramo que evidencia as potencialidades do sujeito em detrimento dos aspectos psicopatológicos tomados pela psicologia tradicional. De acordo com a revisão bibliográfica levantada pela autora a resiliência é destacada como um processo de superação diante de crises e situações adversas de modo individual, familiar ou nas organizações. Cada uma dessas perspectivas dimensiona aspectos valorizados no processo de resiliência, como traços pessoais, condições familiares e padrões organizacionais, entendendo que se manter emocionalmente saudável diante das adversidades e dos grandes desafios deve levar em consideração os processos psicológicos mobilizados e o fortalecimento dos aspectos positivos e potenciais do comportamento. Percepcionar este ângulo leva, inclusive, à fuga de estereótipos e rótulos que enquadram e criam posições deterministas para o sujeito, como por exemplo, achar que os sujeitos que vivem em condições de vulnerabilidade social e ou emocional desenvolverão carências ou perturbações afetivas.

Soria, Blandtt e Ribeiro (2007) analisaram o conceito de resiliência à luz das Ciências Sociais e Humanas, definição que foi introduzida a partir dos estudos de E. E. Werner com uma unidade social de 500 pessoas em situação de extrema pobreza. A intenção foi acompanhar indivíduos que diante do contexto mantinham alta capacidade individual de adaptação e transformação social. Inicialmente elas foram consideradas

invulneráveis, para mais tarde ser evidenciado o princípio interativo do desenvolvimento e a capacidade de adaptação social, portanto, no processo de resiliência em ciências sociais e humanas serão dinamizados tanto aspectos da constituição do sujeito, com enfoque na cognição, quanto fatores ambientais para o sucesso na adaptação, nesse caso a resiliência seria um estar e não um ser. Com isso fica evidente que a questão da resiliência é relativa, tendo em vista não ser uma qualidade estável pois varia com o tempo e as circunstâncias, ou seja, mesmo para pessoas mais resistentes às adversidades e com histórico de superação poderão haver situações de crise dessa potencialidade.

Acerca da questão acima mencionada Antunes (2015) organizou escritos, bastante didáticos, sobre a resiliência na educação dos jovens brasileiros. Nesta obra o autor observa que o nível de resiliência que há em todo sujeito pode ser alterado pela educação através dessa carga potencial que já existe em cada um, portanto, é possível ser intensificada em lugares e situações consideravelmente hostis. Assim, a pessoa resiliente seria aquela capaz de acolher a diversidade, revelar poder sistêmico e construir solidariedade, reequilibrando-se após as perturbações sofridas nesse contínuo reconstruir-se. No entanto, como a capacidade de resiliência não é uniforme para todos, é muito possível que em uma mesma sala de aula existam tanto alunos, quanto professores comuns e resilientes, o que irá dificultar a implantação de uma educação mais aberta às iniciativas. A escola pública brasileira segundo Antunes (2015, p. 31) é “herdeira de uma concepção de ensino elitista, até bem pouco tempo atrás recebia apenas alunos cujas condições de vida nada tinham a ver com a resiliência”, por isso que as práticas pedagógicas desenvolvidas, passando pelos métodos de avaliação e a estruturação dos currículos são uma representação desta inadequação.

Assim, Antunes (2015), procura questionar em sua obra o fato que muitos professores em sua trajetória pessoal terem sido resilientes e em sala de aula se mantêm prisioneiros de um sistema onde não aplicam seu potencial de renovação e, invariavelmente, suas práticas acabam sendo construídas dentro dessa condição, tendo seus alunos como os receptores de ações mais reprodutoras que criativas sempre que estão diante de uma dificuldade.

De acordo com pesquisa realizada por Brandão (2009) o termo resiliência surgiu inicialmente na física ligado ao aspecto de resistência quando eram feitas medidas de elasticidade em materiais, nestes casos a posição resiliente estava em manter energia na região elástica, lugar que apresenta a capacidade de voltar ao seu estado original sempre que cessa a deformação ou pressão. Foi dessa constituição de suportar impactos repetidos e voltar à sua forma primária e que estudado pela física e engenharia, surgiu o termo resiliência. A autora aponta ainda que as pesquisas no campo da resiliência começaram pelos anglo-saxões na década de 1970 e que logo depois a psicologia iniciou sua produção com a temática, focalizando os fatores positivos do desenvolvimento em detrimento dos *déficits*, assim como os fatores de proteção que amparam sujeitos em situação de vulnerabilidade e risco. Nesses casos chama a atenção aqueles indivíduos que mesmo diretamente ligados a circunstâncias de doença mental na família, extrema pobreza, abuso e violência conseguem enfrentar com positividade tais situações.

Algumas pesquisas têm tomado a resiliência como um traço da personalidade, assim, em estudo realizado por A. M. S. Pereira (2012) com base no estado da arte é apontado a personalidade resiliente como sendo aquela cujas características estão voltadas ao controlo interno, extroversão, estabilidade emocional, boa autoestima e elevado autoconceito, ou seja, estão relacionadas a indivíduos com alta capacidade de minimizar os fatores de stress. Como é observado pela autora este seria um tipo de personalidade a ser cultivado e ensinado atualmente pela necessidade de adaptação às novas configurações sociais, onde centenas de pessoas são lançadas aos problemas de saúde física e psíquica correspondente à vida que vai se impondo. A resiliência seria uma espécie de desafio ao novo milênio ante as mudanças e profundas transformações trazidas pela sociedade da tecnologia e da informação.

A partir de então a Psicologia e outras ciências humanas tomaram de empréstimo o termo resiliência para caracterizar as pessoas que mesmo diante de grandes catástrofes e conflitos são capazes de se transformar para enfrentar a situação demandada, mas passado o acontecimento voltam ao seu estado comum. Assim, o conceito de resiliência não está ligado ao afastamento do estresse ou perigo e suas consequências, mas à capacidade de poder se sair bem depois do enfrentamento dessas condições, o fator de

resiliência está exatamente na recuperação das dificuldades, no poder de reconstruir-se após a exposição ao risco, nesse campo de interesse a resiliência ultrapassa os fenômenos físicos para alcançar as reações humanas, a forma como o sujeito se reestrutura emocional e mentalmente depois de um evento estressor.

Sordi (2011) aponta aspectos físicos, biológicos e psíquicos para a construção da resiliência e refere o olhar da psiquiatria, psicanálise e psicologia em seu estudo, observando que este imbricamento de fatores inscreve o sujeito em um quadro complexo e dinâmico. Um ponto fulcral seria entender qual o fator, de vulnerabilidade ou resiliência, teve preponderância para o sujeito num dado momento. A pesquisadora evidencia investigações que indicaram características individuais como a inteligência, estabilidade emocional, estratégia de *coping* (esforços cognitivos e comportamentais para lidar com o estresse), autonomia, controle e predisposição genética associados à resiliência. O conceito de resiliência estaria ligado para alguns autores à uma condição sistêmica, pois um constructo dinâmico ligado a aspectos modificáveis, para outros a resiliência é um processo íntimo integrado ao social, sendo citadas ainda, estruturas neuroquímicas com funcionamento modulado pela genética e experiências vivenciadas até os três primeiros anos de vida.

A fim de explicar a estrutura do sistema nervoso Freud (1996) acabou evidenciando no início do século XIX, como as pessoas suportavam as intempéries da vida de modo tão diferente umas das outras e que disposições neuronais poderiam ter influência na forma como os sujeitos encaravam situações psíquicas e emocionais difíceis. Para ele os dois sistemas de neurônios existentes têm formação biológica, o primeiro Freud simbolizou como um círculo perpassado por uma linha vertical e que teria a característica de ser permeável, ou seja, receber as excitações do mundo exterior, o segundo tem a forma de um tridente e a condição de impermeabilidade, criando resistência nas barreiras de contato do sistema nervoso, age como uma espécie de dosador das excitações que recebe. Dessa forma, o sistema de neurônios em forma de círculo seria responsável por receber os estímulos de fora, por isso está ligado à medula espinhal, e o sistema em formato tridente conteria os neurônios que recebem as excitações endógenas e está ligado à massa cerebral cuja relação se envolve com o desenvolvimento do sistema

nervoso e das funções psíquicas. Freud observa que as quantidades de estímulos que chegam aos neurônios fazem toda a diferença e nesse caso foi identificado que o sistema de neurônios representado pelo tridente faz uma regulação da quantidade de neurônios de excitação que vai receber.

De acordo com os pressupostos freudianos além da biologia, a mecânica do sistema de neurônios conduzirá a facilidades e resistências que só conseguem ser derrubadas pela dor, fenômeno que rompe com os fatores de proteção e as barreiras de contato dos neurônios em tridente. Porém, o sistema nervoso segundo Freud tem decidida propensão a fugir da dor, assim sendo, manifesta uma tendência contra o aumento da tensão e é exatamente com esta competência de amenizar as pressões advindas do meio externo que os neurônios conseguem regular as sensações de desprazer. Certamente que Freud (1996) não fala em resiliência, mas acaba criando a partir de sua explicação do sistema nervoso e psiquismo humanos, as bases para investigação e previsão de que existe em algumas pessoas um dado subjetivo a mais que as faz suportar com maior resistência grandes dificuldades.

A resiliência é melhor vista em contextos adversos onde os indivíduos podem reagir de diferentes formas, portanto, vencer as situações de crise, implica também, em romper com estereótipos de que um meio desfavorável gera, invariavelmente sujeitos problemáticos, traumatizados ou reprodutores das vivências daquele contexto. Fatores de proteção estão sendo considerados em muitos estudos sobre resiliência, tendo em vista que os fatores de risco sempre foram evidenciados pelas circunstâncias adversas que trazem, no entanto, é necessário observar que relações individuais e sociais saudáveis são capazes de potencializar condições de resiliência. Desse modo, essa resistência desenvolvida por alguns indivíduos poderá encontrar fatores mantenedores tendo em vista ser a resiliência um processo com um dos seus aspectos voltados à integração com o meio.

Por ser um termo de investigação relativamente novo e de conceito estudado em várias ciências, relações indevidas têm surgido a partir de algumas pesquisas. A exemplo da ligação do termo com o conceito de invulnerabilidade, além de divergências quanto a resiliência ser ou não um traço da personalidade, ter motivadores internos ou suporte do

ambiente. O resultado dessas contradições tem levado à vulgarização do termo e seu uso midiático para servir como exemplo de algumas histórias de vida.

Fajardo, Minayo e Moreira (2013) a partir de revisão crítica de literatura investigaram a relação dos processos de resiliência com as práticas escolares, pontuando que as pesquisas dessa ordem costumam perspectivar duas vertentes: os estudantes pobres das escolas públicas e os recursos mobilizados para superar contextos voltados à pobreza e violência e ou os professores com sua postura e experiência de responder aos desafios de um ambiente escolar desfavorável. O estudo em particular segue por este segundo campo de reflexão e análise. A escola seria o lugar ideal para que os sujeitos adquirissem as competências necessárias ao sucesso por meio da superação das adversidades, pois não perderia de vista o êxito do aluno e o papel social do professor que atuará como promotor de resiliência para si e para o aluno a partir de qualificativos como: liderança, autoconfiança, persistência, bom humor, criatividade, capacidade de gerar conhecimento e boas relações interpessoais. “Pensar a escola na sociedade contemporânea, nesse referencial, é pensar em reorientar o ser humano no mundo, é reconfigurar o espaço e o tempo de aprender e ensinar, é reelaborar a cultura pessoal e profissional” (2013, p. 220).

Os estudos aqui elencados revelam a necessidade de entender como se processam fenômenos subjetivos, portanto, ligados às características pessoais e singulares do sujeito, porém levando em consideração a correspondência com o seu meio. Procuram fazer uma revisão da literatura de um tema ainda pouco estudado, com algumas divergências e enfocando diferentes perspectivas. Resiliência como um processo dinâmico e até mesmo imprevisível, pois não se pode entender como característica permanente do indivíduo, afinal é possível que exista uma situação que o sujeito não dê conta e do ponto de vista emocional sinta-se vencido, desse modo, a resiliência estaria voltada tanto para aspectos constitucionais do sujeito quanto às condições gerenciadas pelo meio como fatores de proteção ao risco, não descartando que todos os indivíduos estão vulneráveis a situações de estresse e conflito em diferentes ordens e intensidade. Com esse foco, os sujeitos vindos de meios socioeconomicamente empobrecidos e tocados pelas mais diversas ordens de privações, estariam mais aptos a desenvolver seu potencial resiliente em relação aqueles que vivem em meio a maiores suportes às suas necessidades. Confirmado por

Tavares (2002, p. 43), sobre a resiliência e a função do seu conceito hoje “assume um significado especial na formação das camadas mais jovens e nos grupos sociais de alto risco ou sujeitas a elevados níveis de desestruturação e de stress”.

Sob a perspectiva de nossa investigação a resiliência deve ser enfocada, pois está atrelada à uma disposição pessoal ou um fator de estratégia para que alguns estudantes consigam ultrapassar dificuldades em momentos cruciais em sua trajetória acadêmica. Apesar de suportes diretos terem sido mobilizados na ajuda a estes estudantes, a exemplo do apoio familiar e das políticas de inclusão, algo gira em torno de sua subjetividade e os faz tentar um pouco mais, sobreviver a crises, superar o preconceito, esperar o melhor momento, ser imbatível às críticas, enfim, buscar pontos de saída que os diferencia, muitas vezes, dos irmãos ou parentes próximos. São sujeitos que seguem uma lógica própria, muito particular, mas suficiente para realizar suas metas, anseiam por mudanças de vida e traçam os caminhos que os levarão ao sucesso, mesmo sabendo que nada será fácil.

CAPÍTULO 4 - O ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO E SEUS PROGRAMAS DE ACESSO

“A cova em que estás, com palmo medida, é a cota menor que tiraste em vida”.
(João Cabral de Melo Neto)

Com características de alta seletividade o Ensino Superior brasileiro tenta nas duas últimas décadas mudar sua realidade, democratizando o acesso com a implantação e implementação de políticas de inclusão, o que tem melhorado os processos de entrada na Universidade, no entanto, não são garantias de permanência, principalmente para os estudantes dos meios populares que cursaram o ensino básico nas escolas públicas com enraizadas dificuldades que interferem em sua qualidade. Mesmo que para estudiosos como Romão e Benincá (2015, p. 116):

Um estudante que ingressa na universidade com limitações escolares não deve ser visto como um problema, mas como um desafio para a instituição. A capacidade de inclusão dos historicamente excluídos é que garante, de fato, um salto no compromisso social da universidade.

No entanto, pesquisas têm apontado as imensas dificuldades enfrentadas por estes estudantes, não apenas no acesso como durante toda trajetória acadêmica, sendo este um dos fatores que predispõe à desistência. No que diz Bourdieu (2015, p.45): “vê-se nas oportunidades de acesso ao ensino superior o resultado de uma seleção direta ou indireta que, ao longo da escolaridade, pesa com rigor desigual sobre os sujeitos das diferentes classes sociais”.

As observações de Romão e Benincá (2015, p. 118) de que “durante muito tempo, o pensamento ocidental considerou que a universidade não era para todos; ela era destinada apenas a pequenas parcelas da população, na medida em que se entendia que determinadas ocupações profissionais não necessitavam de educação superior”. O que hoje é atualizado na trajetória dos estudantes dos meios populares, dos negros, indígenas e outras parcelas da sociedade como é o caso dos moradores de algumas regiões específicas do Brasil, a exemplo do norte e nordeste, que além de vivenciarem imensos preconceitos por suas localidades desenvolverem profissões ligadas a caça e pesca, agrícolas e ou extrativistas estão afastados dos grandes centros universitários.

O acesso ao ensino superior brasileiro, apesar de na última década ter se mostrado mais democrático, continua sendo altamente seletivo e não beneficiando a população de baixa renda. Isto será ratificado pelo perfil do estudante que hoje se encontra no ensino superior das Universidades públicas (Zago, 2006), instituições que possuem um alto nível de dificuldade nos exames de admissão. Portanto, os estudantes das camadas populares acabam já à partida encontrando condições demasiadamente desiguais frente aos grupos que tiveram a oportunidade de ingressar em cursos preparatórios, frequentar escolas com uma boa qualidade de ensino básico e obter as informações necessárias sobre os diversos recursos de acesso à Universidade.

Atualmente o acesso ao ensino superior brasileiro de muitas Universidades públicas é feito prioritariamente através do vestibular, sendo criado a partir de 1998 o ENEM onde o estudante através de sua nota poderá ingressar na Universidade pública ou ainda ser aproveitado em alguns cursos das faculdades particulares. Esse exame é também a porta de entrada no ProUni (Programa Universidade para Todos) em que um número de vagas é destinado aos alunos de baixa renda em instituições privadas de Ensino Superior.

Assim, em 13 de janeiro de 2005 é instituído o Programa Universidade para Todos (ProUni) através da Lei nº 11.096, onde fica decretada a concessão de bolsas de estudo integrais e ou parciais para estudantes em instituições privadas de ensino superior, com ou sem fins lucrativos, traçando em seu Artigo 2º as características dos seus beneficiários:

I – estudante que tenha cursado o ensino médio completo em escola da rede pública ou em instituições privadas na condição de bolsista integral;

II – Estudante portador de deficiência nos termos da Lei;

III – Professor da rede pública de ensino, para os cursos de licenciatura, normal superior ou pedagogia, destinados a formação do magistério da educação básica (2013, p. 91).

Além destes programas existe o sistema de cotas raciais para os estudantes que se identificam como negros e indígenas e as cotas sociais para aqueles provindos das escolas da rede pública. O aluno que se enquadra no sistema de cotas tem um quantitativo de pontos acrescido à sua nota final no vestibular. Considerando estas vias de acesso, observamos que ações governamentais têm tentado democratizar a entrada no ensino superior e, em especial, favorecer os estudantes das camadas mais populares da sociedade.

Muitas críticas têm sido construídas em torno da discussão de que o sistema de cotas proposto possa atenuar desigualdades raciais e socioeconômicas dos estudantes brasileiros. De um lado, parte de instituições e sociedade civil defendem que a política de cotas são uma espécie de pagamento de uma dívida que se arrasta há mais de quinhentos anos onde negros e pobres foram servidos às arbitrariedades dos seus senhores e destituídos de quaisquer direitos; de outra parte, acredita-se que as cotas são um jeito assistencialista de conduzir sujeitos acomodados à mesma subserviência, além de gerar o preconceito de que são pessoas com menor capacidade por isso não competem de igual para igual.

No entanto, ao observar o perfil socioeconômico do estudante que hoje frequenta o ensino superior, encontram-se contradições quanto às possibilidades de acesso e permanência que vêm desde o processo da escolarização básica. Branco, com renda de mais de três salários mínimos e de famílias escolarizadas, não corresponde ao estudante que provou de repetências e desistências em algum momento de sua escolarização, como consequência de sua necessidade em ingressar no mundo do trabalho a fim de ajudar na renda familiar, por constatar uma enorme disparidade entre sua cultura e a cultura escolar e por não encontrar nos conteúdos escolares viabilidade de aplicação no contexto em que se insere.

A sobrevivência no Ensino Superior brasileiro, mesmo sendo público, incorre em imensas dificuldades, pois, pelo que observamos, segue uma trajetória de exclusão das camadas populares desde etapas anteriores de escolarização, uma vez que a dinâmica escolar não oferece condições de permanência aos estudantes deste grupo. Isto está evidenciado nas reprovações no exame vestibular, na dificuldade em compreender conteúdos que foram defasados durante o ensino básico e pelo perfil de quem hoje está no ensino superior. Enfim, o sistema de ensino público brasileiro mostra-se ineficiente para preparar com qualidade os indivíduos que recebe, pois os próprios estudantes evidenciam através de sua trajetória acadêmica as lacunas na formação que tiveram, criando a consciência de que a escola pública é fraca. Achados da investigação de Correa e Rocha (2012, p. 438) apontam para tal, a partir do relato dos próprios estudantes, interpretado como:

A consciência genérica – podemos dizer, consensual na nossa sociedade – de que “a escola pública é fraca” vai ganhando contornos concretos quanto à quantidade de conhecimentos de que deveriam ter se apropriado no Ensino Fundamental e no Ensino Médio e à gravidade das suas defasagens, quando se colocam na posição de quem também quer frequentar o Ensino Superior.

Muitas investigações e discussões têm sido feitas com relação ao ensino superior e suas bases de acesso com as políticas sociais, no entanto, as estratégias de permanência continuam carecidas de planejamento. A Universidade mesmo com sua plataforma de ensino, pesquisa e extensão, continua pouco envolvida com intervenções efetivas nos contextos socioculturais e comunitários, sem dúvida que hoje tenta articular estas dimensões de modo mais interventivo que há tempos atrás, como observa Santos (2015, p. 203):

As universidades tinham promovido uma arrogante cultura de distância e de indiferença em relação aos problemas concretos da cidadania. O ativismo de cidadãos, em articulação com cientistas empenhados, conseguiram colocar a busca de relevância e responsabilidade social na agenda política universitária.

N. M. Silva (2012, p.42) observa que “na discussão sobre o vínculo entre universidade e sociedade, como um compromisso social, inclui a difusão e o papel desempenhado pela produção de conhecimento na promoção do pensamento crítico que articula ensino, pesquisa e extensão”. Desse modo, os conhecimentos produzidos na academia, se não articulados com a realidade social, perdem seu sentido. Pensando ainda que o tecido social é construído por pessoas das mais diversas condições e oferecer, não apenas o acesso, como também uma intervenção na realidade social dos sujeitos através do conhecimento, é compromisso de quem faz Ciência.

Reforçar a função contemporânea da Universidade na produção de saberes compartilhados a partir do diálogo com a comunidade, sistematizando e ampliando conhecimento a partir de saberes locais, gerando e gerindo transformações. Tornar público o conhecimento, produzir e não apenas reproduzir, ou seja, buscar a cooperação com outros saberes.

“Associada a esta característica, a universidade deve sua reconhecida longevidade à capacidade que tem mantido para se transformar e adaptar à evolução do mundo” (Santos & Filho, 2012, p. 50). A partir desta ideia, os autores observam que isso vem como resposta aos estímulos exteriores, que impositivos ou não, aceleram o processo de mudança necessário às Universidades com vistas a um engajamento social, apesar de no Brasil, o nível de ensino superior se mostrar consideravelmente desarticulado com os outros níveis de ensino e questões sociais primárias.

No bojo destas ideias, lembramos as indagações de Santos (2015, p. 209) acerca da cientificidade produzida na academia e os saberes atrelados à prática, à vida cotidiana dos sujeitos que mesmo incorporando os conhecimentos acadêmicos é para lá que eles voltam, atribuindo-lhes novos significados:

Pode a sala de aula ser polifônica ao envolver dois professores, o científico e o artesanal? Poderão os livros, e outros materiais didáticos, ser co-autorados por professores dos dois tipos? Quanto tempo passariam professores e estudantes dentro e fora da universidade? Que nova porosidade entre os espaços de vida e os espaços de formação?

Neves (2013, p. 279) afirma que “o alto grau de exclusão escolar tem a ver com a própria estrutura e organização desse nível de ensino”. O Ensino Superior no Brasil é oferecido por Universidades públicas e particulares, onde as primeiras, além de alta seletividade, têm seus cursos ministrados em horário diurno, o que dificulta ainda mais a entrada dos estudantes dos meios populares. Estes estudantes são jovens que desde muito cedo dividem o tempo do estudo com o trabalho e provavelmente vêm de um ensino básico público contando com repetidos fracassos e desistências; professores mal pagos, faltosos e desestimulados; conteúdos defasados, dentre outros aspectos que faz do sistema de ensino público brasileiro um lugar de pouca qualidade.

Ao constatar o rol de defasagens do ensino público brasileiro segue a investigadora indicando que “sem uma educação de nível médio adequada para competir por uma vaga no setor público e sem meios para pagar as mensalidades exigidas no setor privado, esses grupos têm grande probabilidade de permanecerem excluídos do acesso” (Neves, 2013, p.283). Esta uma das iniquidades no acesso ao Ensino Superior no Brasil,

ou seja, baixa qualidade no ensino básico impacta nas *chances* de sucesso a fim do ingresso nas Instituições de Ensino Superior (IES), mesmo com as políticas de inclusão social neste nível de ensino.

Sem dúvidas de que nas últimas duas décadas o Ensino Superior no Brasil tem se estruturado de modo organizado e com vistas a melhores condições de acesso e qualidade, para isso foi criado em 2004, o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes) que através da Lei nº 10.861 compõe os princípios básicos para avaliação das instituições, cursos e desempenho dos estudantes. Assim, o ensino, a pesquisa e extensão são contemplados como forma de que todos os aspectos do ato educativo sejam avaliados para possíveis intervenções, usando para isso instrumentos que vão desde a auto avaliação até a avaliação externa de elementos que englobam da estrutura da IES ao tipo de aula ofertado. Segundo o Inep as informações obtidas com a avaliação do Sinaes são utilizadas pelas IES como recurso para planejar uma efetividade institucional, acadêmica e social, com a criação de políticas públicas que orientem a realidade dos cursos e das instituições.

Com referência à escolaridade dos estudantes dos meios populares, dados do IBGE (2014) através do sistema de Síntese de Indicadores Sociais (Sis) considerando o período de 2004 a 2013, observa que o acesso às universidades públicas dos estudantes com baixa renda aumentou significativamente. De acordo com a estatística, em 2004, somente 1,4% dos estudantes pertencentes aos 20% com os menores rendimentos, ou seja, um quinto, frequentavam o ensino superior público. No ano de 2013, esse percentual chegou a 7,2%, o que significa que em uma década a proporção de acesso chegou a números nunca antes vistos. Vale lembrar que, apesar da enorme relevância desses dados para o ensino dos estudantes dos meios populares, isso ainda não significa a manutenção e consequente conclusão do ensino superior para essa população.

O percentual acima mencionado aponta também para outra questão: a escolaridade dos meios populares aumentou, tendo em vista o maior número de estudantes socioeconomicamente desfavorecidos que chegam ao Ensino Superior. A ocorrência desta mudança está atrelada às políticas públicas implantadas neste período através de diversos programas, sobretudo, aqueles específicos ao Ensino Superior.

Dentre os programas de acesso ao Ensino Superior, mais uma vez citamos o Sistema de Cotas, o ProUni, além do Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) em que o governo federal financia o curso de graduação ou licenciatura nas Faculdades privadas e ao ser diplomado o estudante começa a pagar, o que gerou maiores possibilidades aos estudantes socioeconomicamente desfavorecidos. Os números lançados com a atuação dos programas de acesso, são indicadores de que o Ensino Superior brasileiro tem saído de uma condição elitista para favorecer estudantes de níveis socioeconômicos mais baixos.

Também deve ser citado o Programa Expandir (2003 - 2006) denominado pela expressão ‘Expansão com Interiorização’, consegue expandir o campus das Universidades Federais para lugares remotos com referência à capital dos Estados, constituindo-se em mais uma das possibilidades de acesso para aqueles estudantes que de modo algum, teriam como sair de suas cidades interioranas e instalar-se nas grandes cidades, polo das Universidades. Este programa traz em seu bojo o ideal de saldar uma dívida por tantos anos de exclusão, assim, tenta levar ao Ensino Superior, grupos nem sempre minoritários, mas que estiveram apartados das reais condições de acesso, em detrimento de uma política classista, excludente e neoliberal.

Logo depois do estabelecimento do programa de interiorização foi articulado o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), instituído pelo Decreto nº. 6.096, de 24 de abril de 2007, que tem como objetivo viabilizar o acesso e permanência no Ensino Superior, sendo assim, a meta global do Reuni diz respeito à elevação gradual na taxa de conclusão dos cursos de graduação presencial. Nesse programa, as universidades federais apresentam seus planos de reestruturação ao Ministério de Educação e Cultura - MEC que serão avaliados segundo a consistência entre os propósitos expostos e as exigências de adesão ao programa. Uma vez aprovados, terão execução financeira garantida pelo MEC.

O Programa Reuni enceta uma preocupação de maior significado com a manutenção do Ensino Superior, sobretudo, para os estudantes dos meios socioeconômicos desfavoráveis. Apresenta forte legitimidade quanto às práticas pedagógicas utilizadas nas IES, ainda tradicionais, alerta para os altos níveis de evasão

dos estudantes de graduação e a falta de implementação, em algumas IFES (Instituição Federal de Ensino Superior) de uma política de ações afirmativas, que toquem os estudantes de menor condição socioeconômica.

O que se busca com o Reuni é tentar corrigir distorções observadas no campo das políticas para a Educação, assim como, na amplitude do Ensino Superior dentro da realidade brasileira, que sofre com os desníveis sociais e o tipo de formação ofertada. Por isso que o programa está pautado nas seguintes pontuações:

Estreitos campos do saber contemplados nos projetos pedagógicos, precocidade na escolha dos cursos, altos índices de evasão de alunos, descompasso entre a rigidez da formação profissional e as amplas e diversificadas competências demandadas pelo mundo do trabalho e, sobretudo, os novos desafios da sociedade do conhecimento são problemas que, para sua superação, requerem modelos de formação profissional mais abrangentes, flexíveis e integradores. (Brasil, 2007, p. 8)

Algumas investigações foram desenvolvidas no sentido de avaliar a referência entre a instituição dos programas de acesso ao Ensino Superior e o número de estudantes dos meios populares que de fato se beneficiam com estas políticas. Em termos percentuais, houve um aumento significativo na inclusão destes estudantes desde que começaram os programas até hoje. Uma destas investigações foi feita na Universidade Federal do Estado da Paraíba (UFPB) em que Jezine (2015) problematiza se as políticas públicas para Educação Superior estão garantindo a democratização do acesso a grupos em situação de vulnerabilidade, com referência maior ao Sistema de Cotas.

Jezine (2015) baseou-se no questionário socioeconômico preenchido pelos estudantes no ato da inscrição do processo seletivo da UFPB, onde aparecem, dentre outras, questões ligadas à cor/raça, renda familiar, origem escolar, escolaridade dos pais e ocupação dos egressos. Este perfil foi analisado juntamente com as políticas de acesso as quais esta Universidade adere, dentre elas o Reuni, cujas marcas mostraram a multiplicação das matrículas que em 2007 contava com 19.977 alunos, passando para 36.272 em 2012. A partir desta referência observa-se que aumentou, consideravelmente, o acesso dos estudantes dos meios populares na UFPB, cujo perfil está confirmado por

quem pode participar do Sistema de Cotas. Números que vão ao encontro das estatísticas gerais que inferem sobre o crescimento na chegada destes estudantes ao nível Superior, depois deste programa de acesso.

Os achados da investigação de Jezine (2015) abrem para a análise das políticas de acesso ao Ensino Superior no Brasil e em particular na UFPB, tendo em vista o perfil dos ingressos em cursos de Licenciatura e Bacharelado e a modalidade de cursos que aqueles que acessam o ensino superior pela Política de Cotas estão escolhendo. Este é um apontamento muito importante, pois ratifica a alta seletividade dos cursos de maior prestígio social como Direito, Medicina, Ciências da Computação, Engenharia e o distanciamento dos estudantes dos meios populares. A gerar um outro tipo de exclusão, por um lado não nega a democratização do acesso, por outro internaliza neste estudante que a sua formação de base não permite concorrer em cursos que requerem uma dedicação e desempenho intensos.

Outra investigação tomada na mesma vertente, foi realizada por N. M. Silva (2012) agora com referência à Universidade Federal de Pernambuco, estado vizinho à Paraíba. Para esta pesquisa a investigadora escolheu o *campus* da cidade de Caruaru, nascido do processo de interiorização das Universidades Federais. Foi com referência aos desafios e problemáticas do programa ‘Expandir’ que a pesquisadora buscou compreender os elementos que evidenciam o processo de ensino-aprendizagem, na perspectiva dos estudantes (ingressantes e concluintes). Com isto a investigadora pretendia encontrar os referenciais para o sucesso e o fracasso acadêmico neste campus.

Do ponto de vista dos estudantes, N. M. Silva (2012) pontua que os fatores que dificultam o processo de aprendizagem são: o trabalho que tira a possibilidade de mais horas de estudo extraclasse e interfere negativamente no desempenho acadêmico; a postura docente, onde os professores são referidos como únicos detentores do saber, pouco estimuladores e indisponíveis ao trabalho discente; falta de infraestrutura física e pedagógica do *campus*, evidenciada pela necessidade de biblioteca, laboratórios e equipamentos para as aulas, sendo citado ainda, o barulho das obras que acabam dispersando a atenção dos estudantes; a desarticulação entre teoria e prática, carente de dinâmica e motivação. Neste ponto é observado que a Universidade precisa repensar seu

papel social, tendo em vista que em virtude do processo de interiorização é imprescindível articular os saberes acadêmicos com ações que beneficiem a região para qual está voltada. Dentre os fatores que, para os estudantes desta investigação, facilitam o processo de ensino-aprendizagem, estão o trabalho docente ancorado em aulas de didática mais conteudista, tendo em vista o menor tempo de que dispõem para estudo fora da aula; o interesse do próprio estudante, refletido em uma série de compromissos que vão desde a frequência às aulas até a formação de grupos de estudo; as relações mais igualitárias entre o aluno e alguns professores. No entanto, os resultados em termos genéricos apontam que “os fatores que contribuem para a aprendizagem estão fortemente situados na perspectiva individual dos sujeitos, incorporando dessa forma, o discurso da ideologia neoliberal de que o sucesso se alcança com mérito próprio” (2012, p. 172).

De acordo com a investigação acima mencionada fica evidente que o programa de interiorização das Universidades Federais responde a maiores possibilidades de acesso, no entanto, em termos de permanência, o estudante dos meios populares continua com imensos sacrifícios. Com problemáticas ligadas à ordem socioeconômica, são estudantes trabalhadores que dispõem de menos horas de estudo extraclasse e com pouca participação nas atividades de pesquisa e extensão. As questões pedagógicas se evidenciam por muitos vieses, quer seja nos conteúdos apartados de sua função social, quer seja no comportamento docente, constituído por relações assimétricas e com intensas cobranças aos estudantes.

As políticas de inclusão instituídas no Brasil em pouco mais de uma década constituem um grande avanço. Estudantes pardos, negros, indígenas e vindos da escola pública tiveram maiores *chances* em relação há um tempo histórico muito recente com marcas de fracasso e exclusão, majoritariamente neste grupo, no entanto, há inúmeras ressalvas a fazer, uma delas diz respeito à expressão ‘democratização do acesso’. O que significa viabilizar diversas fontes de acesso ao Ensino Superior, mesmo que isso incorra na não permanência no curso ou na opção por graduações que gozam de baixo prestígio social? Como dinamizar a participação na política de ensino, pesquisa e extensão do estudante-trabalhador, para além da oferta de bolsas de estudo, que nem todos conseguem obter?

O Ensino Superior brasileiro ainda possui diferenças muito grandes entre as políticas públicas para Educação e as práticas de ensino, desde o nível básico. Nos últimos dez anos os avanços foram significativos, com números que apontam para participação de grupos sociais vistos como uma exceção no Ensino Superior, por traçar uma ordem que desde muito cedo os colocava fora do Ensino Básico. Os índices de reprovação e evasão têm caído e conseqüentemente, o número de alunos que concluem a Educação Básica tem aumentado e os grandes preditores dessa mudança são os programas voltados ao acesso democrático, no entanto, estes precisam implementar formas de permanência no ensino.

Enfim, ainda são muitos os ajustes a serem enfocados para que as políticas de acesso estejam também arranjadas como políticas de manutenção do ensino. Observa-se um chamariz de atenção demandado à distribuição de vagas, porém, são poucas as políticas que tendem a corrigir as grandes distorções desde o Ensino Básico. Aos estudantes dos meios populares inserir-se no Ensino Superior de alta seletividade e com exigências de um ensino de excelência típicos das Instituições Federais, incorre em imensos esforços, com sacrifícios que a qualquer tempo, podem retirar este estudante do tão sonhado curso superior.

Aqui procuramos evidenciar os principais programas de acesso e manutenção da vida acadêmica para o estudante brasileiro e que beneficiou, sobretudo, jovens dos meios populares que inclusive, já haviam perdido as esperanças de chegar ao ensino superior. Estes programas deram margem de acesso tanto em Universidades públicas quanto particulares, no entanto, é notória a necessidade que permaneçam em constante processo de atualização e fiscalização, pois invariavelmente as condições de acesso, não conseguem seguir o mesmo ideário com relação à manutenção. As práticas de dentro das Universidades continuam sendo excludentes, seletivas e classistas aos seus estudantes. Além de que com as mudanças políticas e econômicas pelas quais passou e passa o Brasil desde o ano de 2016, todos os programas sociais vigentes, muitos deles ainda precisando de consolidação, sofreram cortes drásticos em seu financiamento, incidindo diretamente no número de estudantes cobertos por estas e outras políticas de inclusão.

Não apenas os estudantes, mas toda a sociedade brasileira, viu com o impeachment da presidente Dilma Rousseff em 31 de agosto de 2016, acusada pelo crime de responsabilidade fiscal, classificado por uns como fraude, por outros como o estanque de uma ‘sangria’ que afundava o país, o final de uma era em que a população, principalmente de baixa renda, gozou de programas sociais que tiraram milhões de brasileiros da extrema pobreza. Eleita em 2014 com 54.501.118 dos votos válidos, pelo Partido dos Trabalhadores, Dilma Rousseff dava seguimento a um mandato anterior, esta foi sua reeleição, assim como, aos trabalhos já desenvolvidos em oito anos começado em 2002, pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o Lula, também do mesmo partido.

O processo de impeachment foi polêmico e com divergência de opiniões tanto da sociedade civil, quanto dos parlamentares, para muitos, não continha provas substanciais ao ilícito, era revestido de misoginia, além de um golpe de governo, na pessoa do vice-presidente e alguns deputados e senadores, na intenção de livrarem-se judicialmente de atos de corrupção; enquanto que para outros, a partir dos efeitos midiáticos, o impedimento seria uma salvação às dificuldades econômicas pelas quais passava o país. Com estas características este impeachment, tornou-se diferente do já ocorrido no Brasil em 1992, com o então presidente Fernando Collor de Melo, em que houve intensa mobilização social e unanimidade a fim da cassação. Como investigadora, aqui não pretendendo aferir juízos de valor, tecer críticas ou prescrever melhores planos de intervenção. Minha intenção é tão somente descrever as ideias pelas quais foram orientados certos posicionamentos, assim como evidenciar a situação educativa pelas quais passa o Brasil, consequente de reformas pautadas na grande transformação política que atravessa o país hoje.

Com relação às mudanças diretamente ligadas à educação, o presidente Michel Temer propôs reformas para o Ensino Médio ainda no mesmo mês em que tomou posse no cargo, inicialmente como Medida Provisória, mas agora já aprovada como Projeto de Lei pelo Senado Nacional. As novas diretrizes para o Ensino Médio apresentam mudanças que incidem no currículo, operado pela Base Nacional Comum Curricular-BNCC, que ainda está sendo construída; na carga horária, que além do aumento no número de horas, tem obrigatoriedade em apenas 60% com conteúdos da BNCC, ficando os restantes 40%

optativo conforme interesse do aluno e oferta da escola; e, no aumento das escolas em tempo integral. A base curricular contemplará as cinco áreas formativas que seguem:

- Linguagens e suas tecnologias;
- Matemática e suas tecnologias;
- Ciências da natureza e suas tecnologias;
- Ciências humanas e sociais aplicadas;
- Formação técnica e profissional.

As escolas não são obrigadas a ofertar as cinco áreas, mas terão que vivenciar pelo menos duas delas, essa divisão em áreas é chamada de “itinerário normativo” e será aprofundada pelo estudante a depender de sua escolha. Mesmo que a reforma não preveja mudança para o Enem, acredita-se que esta será indispensável para que haja a promoção da maioria dos estudantes e que o processo diminua as desigualdades que consequentemente serão maiores, mesmo sabendo que a base curricular comum ajudará no planejamento dos conteúdos para todos os estudantes do país. No entanto, a reforma por si não dará conta de corrigir as dificuldades da Educação no Brasil e as imensas distorções entre o ensino público e privado, impossibilitando a muitas escolas, pela sua estrutura e recursos, oferecer mais de um itinerário normativo. O que deixa os alunos de muitas escolas públicas, a partida, em desvantagem em relação aos demais.

De acordo com o portal do Ministério da Educação e Cultura - MEC a reforma do ensino médio prevê uma mudança na estrutura desse nível de ensino e serve como instrumento de melhoria da educação no país, principalmente pela sua flexibilização em algumas áreas do currículo e pela criação de uma base curricular comum que não havia até então, com isso “o ensino médio aproximará ainda mais a escola da realidade dos estudantes à luz das novas demandas profissionais do mercado de trabalho. E, sobretudo, permitirá que cada um siga o caminho de suas vocações e sonhos”.

No entanto, não é bem isso que pensa a maior parcela da população. Desde que foi apresentada, a Medida Provisória gerou polêmica e foi alvo da revolta de estudantes e trabalhadores da educação em todo o país. Seus pontos frágeis e controversos dizem respeito às disciplinas obrigatórias que antes não estavam determinadas por uma Base Nacional Comum Curricular, no entanto, apareciam na Lei de Diretrizes e Bases as

disciplinas de português, matemática, sociologia, filosofia, artes e educação física como obrigatórias nos três anos do ensino médio, além da indicação do inglês ou espanhol como línguas estrangeiras. Agora, perdeu obrigatoriedade para os três anos o ensino da sociologia, filosofia, artes e educação física, sendo o inglês a única opção obrigatória de língua estrangeira e que de acordo com a reforma foi escolhida por ser a mais disseminada e ensinada no mundo inteiro, mesmo o espanhol sendo a língua base nas relações do Mercosul.

Outra questão polêmica da reforma do Ensino Médio está relacionada aos professores que não têm diploma específico e que com a reforma poderão ministrar aulas em cursos técnicos e profissionais, aqueles que possuem uma licenciatura farão uma complementação pedagógica capacitando-os para o ensino em outras áreas, lembrando que no Brasil, para atuação na docência é necessária uma licenciatura, já as graduações ou bacharelados formam profissionais para outras áreas de atuação. A pedagogia é o curso base para o ensino na educação infantil e as outras áreas específicas do campo das licenciaturas habilita para os demais níveis de ensino, dentre eles, o nível médio. É o caso dos cursos de Letras, História, Geografia, Biologia e Matemática.

A inquietação causada pela reforma do Ensino Médio é, sobretudo, não ter sido discutida abertamente com aqueles que de facto estão envolvidos por este contexto, professores e alunos, inclusive, à época da Medida Provisória, o então procurador geral da república Rodrigo Janot, enviou um parecer ao Supremo Tribunal Federal qualificando-a como inconstitucional. Esse conjunto de mudanças deixa claro sua inconsistência a partir das 567 emendas feitas por deputados e senadores em seus quatro meses de tramitação. Mesmo assim, a reforma foi sancionada em fevereiro de 2017 e tem força de Lei desde sua edição como Medida Provisória, neste caso, todas as escolas, públicas e privadas terão que adequar seu ensino ao novo sistema mesmo que não haja um tempo específico para que toda a sua amplitude comece a vigorar, mesmo assim, o Ministério da Educação deixou claro que conta com o empenho dos Estados para que isso seja implantado o mais breve possível.

As reformas sancionadas para o Ensino Médio terão impacto significativo no acesso ao Ensino Superior, principalmente dos estudantes dos meios populares, tendo em

vista que as escolas públicas brasileiras não conseguem oferecer as cinco áreas de concentração curricular indicadas na Reforma, o que supostamente diminuirá as *chances* desses estudantes em relação à uma formação integral para que assim possam concorrer de modo mais justo com os demais. O mesmo acontece a despeito do aumento de escolas em tempo integral, inviabilizando a frequência do aluno trabalhador e, consequentemente, relegando este grupo ao ensino compensatório dos programas de aceleração.

Para o Ensino Superior algumas mudanças foram sentidas, não em termos estruturais como no Ensino Médio, mas a nível de financiamento e acesso. O resultado do censo da educação superior para o ano de 2016 indicou uma diminuição no número de matrículas em relação a uma crescente nos últimos dez anos. A rede privada teve o maior percentual na queda das matrículas (-6,9%) e isto pode estar ligado a mudanças nas regras do financiamento estudantil praticado pelo governo federal, mesmo sabendo que a rede pública também sofreu baixas (-2,6%), entende-se que o Prouni e o Fies são programas, de acesso e de financiamento, respectivamente, que favoreceram a manutenção e conclusão dos cursos para muitos estudantes na última década. Mesmo com o incremento de verbas para o Fies, pulando de 12,2 para 17,8 bilhões em 2015, as mudanças na política de adesão ao fundo de financiamento demarcaram a queda de matrículas, sendo isto já indicado pela rede privada com o número de vagas ociosas destinadas ao programa, com o não fechamento de contratos devido às novas exigências.

O censo do Ensino Superior, realizado pelo Inep, se constitui no levantamento mais completo e detalhado da realidade desse nível de ensino no Brasil, assim como dos demais. A indicar que nos anos de referência (2014/2015) houve, se não uma queda significativa no número de alunos no Ensino Superior, mas uma desaceleração, que se mantiver a constância, constituirá em um retrocesso nos projetos colocados em prática desde o ano de 2004, quando os índices começaram a melhorar gradualmente em termos de acesso e manutenção da vida acadêmica.

Os cursos de pós-graduação, como mestrados e doutoramentos, assim como graduações financiadas pelo governo federal para serem cursados através de intercâmbios em Universidades estrangeiras, também sofreram mudanças, fazendo com que alguns estudantes que já estavam em outros países retornassem ao Brasil, caso o curso estivesse

no início. O programa nomeado por Ciência sem Fronteira-CsF foi instituído desde o ano de 2011 e promove a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional. A meta do programa era de que até o ano de 2015 pudesse ofertar bolsas de estudo no exterior a 101 mil estudantes, desde a sua criação vinha mantendo seus objetivos, no entanto, sofreu em 2016 um corte na modalidade graduação e, considerável redução nas bolsas para os estudantes de pós-graduação.

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq, agência que fomenta a formação de pesquisadores no país teve suas bolsas cortadas, além da suspensão de financiamentos já existentes, a concessão de novas bolsas foi temporariamente adiada. O governo garante retorno assim que a meta fiscal for atingida, mas não há previsão de tempo para isto. O contingenciamento de bolsas recebeu críticas de professores, alunos e cientistas de todo país alegando um retrocesso no desenvolvimento de políticas em áreas estratégicas, a exemplo da saúde.

Os programas sociais e estudantis desenvolvidos na última década no Brasil, tiveram forte influência, pelo menos em termos estatísticos, para o acesso e manutenção da vida acadêmica de muitos estudantes. O programa de expansão das Universidades Federais levou para os interiores do país a possibilidade do ensino superior para muitos, sobretudo, os jovens dos meios populares que por outras condições de acesso não teriam oportunidade. A ampliação das bolsas de iniciação científica, os programas de intercâmbio e financiamento da graduação, foram responsáveis pelo ingresso de milhares de alunos nas universidades públicas e privadas, com elevação gradual nas taxas de conclusão dos cursos, mesmo que o perfil destes estudantes esteja ligado aos sujeitos de maior condição socioeconômica.

Cresceu também, o número de profissionais com mestrado e doutoramento de modo considerável nos últimos anos, de acordo com percentuais apresentados pelo governo a taxa de mestres cresce 11% ao ano. O levantamento organizado e divulgado pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos-CGEE, intitulado de Mestres e Doutores 2015, descreve a elevação na taxa dos títulos concedidos a estes níveis de formação, tendo como referência o período de 1996 a 2014. Para o grau de mestre houve um aumento de

379% na concessão de títulos, como base de cálculo tivemos no ano de 1996, 10.482 diplomados, caminhando para o significativo crescimento de 50.206 títulos de mestrado em 2014. No entanto, apesar da elevação na taxa, atualmente, é observada uma estagnação, se considerados os cinco primeiros anos dessa marcação temporal e os cinco últimos. De acordo com a análise feita pelo CGEE a partir de dados apresentados pela Capes, a primeira metade desse período é marcada pelo aumento na implantação de programas de mestrados e doutoramentos, tendo na segunda metade, uma diminuição na produtividade dos programas. Portanto, os planos de estudo de mestrados e doutoramentos foram responsáveis pela ascensão acadêmica de muitos estudantes, na ampliação do número de vagas, na oferta de bolsas de iniciação científica, nos projetos de intercâmbio, nos planos de financiamento, implantação dos programas de mestrado profissional, modalidade que não existia até o ano de 1999, quando foram titulados 56 mestres nessa categoria, elevando-se para 5.723 em 2014, dentre outras tantas formas de aquisição aos mais elevados níveis de formação.

Com relação ao título de doutor, a mesma referência de tempo (1996-2014) diz da excepcionalidade do crescimento, com uma taxa 486,2% de aumento, uma elevação percentual maior que para os títulos de mestre. Em números exatos isso quer dizer que em 1996 foram outorgados 2.854 títulos de doutor, enquanto que no ano de 2014 foram concedidos 16.729 títulos.

É evidente que as políticas sociais colocadas em prática no Brasil na última década favoreceram a implementação de programas mais inclusivos, além de projetos educativos voltados a grupos antes distanciados de condições de acesso um pouco mais igualitárias, ratificado pela elevação nos índices de permanência e consequente formação dos estudantes nos vários níveis de ensino, assim como, na procura dos sujeitos dos meios populares pelo ensino superior, quer seja nas Universidades públicas ou privadas. O aumento considerável nas taxas de formação a nível de pós-graduação também serve como termômetro de que nos últimos anos a escolaridade do brasileiro tem melhorado, contemplando ainda, o número de pesquisas desenvolvidas indicando que a produção científica do país cresce, ou pelo menos crescia, fomentada pelos planos de financiamento e intercâmbio de conhecimento.

Nos últimos dois anos uma série de mudanças tem impactado diretamente nos programas sociais e nas políticas públicas voltadas a diversas áreas e, sobretudo, à Educação. Instalada uma crise política e econômica no país, inúmeros cortes nas verbas têm direcionado o ensino, a pesquisa e a extensão, a lugares nunca antes vistos em termos de incentivo ao desenvolvimento e apoio a estudantes através das bolsas de estudo.

O último corte orçamentário anunciado pelo governo federal trouxe uma redução de 4,3 bilhões para o Ministério da Educação, assim, o orçamento definido para 2017 em 35,74 bilhões caiu para 31,43 bilhões. Segundo a Agência Brasil, o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações - MCTIC ficou com o orçamento de 4,5 bilhões, havendo um contingenciamento em fevereiro deste ano para 4,1 bilhões, isto representa uma enorme queda em relação a outros períodos e uma diferença sem precedentes no incentivo à pesquisa no país. Cortes que já vinham sendo praticados desde 2015, tiveram um drástico aumento em 2018 deixando Universidades e Institutos Federais sem alternativa na redução de serviços, infraestrutura do campus, continuação de pesquisas e manutenção de bolsas de estudo.

Por fim, vale lembrar que atualmente o governo federal não tem conseguido engajar nenhuma medida que a curto prazo dê conta de favorecer os setores mais necessitados da sociedade, o que revela a premência de ações afirmativas a fim de amenizar desigualdades nas quais o país está novamente imerso. Vários setores da sociedade sofrem com um gerenciamento onde a população não tem qualquer participação política na análise e decisão sobre projetos, como assim se espera de uma democracia. Quando as verbas da educação são cortadas como medida de contenção de gastos, quando há a paralização de serviços básicos de saúde por falta dos suprimentos necessários aos procedimentos terapêuticos, quando desaparecem serviços especializados e específicos aos estudantes com necessidades especiais, assim como políticas inclusivas de toda ordem, a sociedade começa a viver dias sem esperança e os impactos trazidos aos sujeitos das camadas mais empobrecidas da sociedade começam, sobretudo, na manutenção da escolaridade. Afinal, em um ambiente onde as necessidades de saúde, moradia, emprego e alimentação estão evidentes, a procura pela escolaridade passa a ser segundo plano.

CAPÍTULO 5- MEIOS POPULARES OU A POPULAÇÃO DE BAIXA RENDA

Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte Severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia.
(João Cabral de Melo Neto)

O fenômeno da pobreza, mesmo não estando relegado apenas ao Brasil, tem neste país raízes históricas, com elevados índices atinge uma grande parcela da sociedade, ou seja, a pobreza no Brasil é ampla e profunda. A característica de diversidade e miscigenação dos seus habitantes exerce certa influência sobre a condição de pobreza em que se encontra o país. Acerca do conceito de pobreza podemos inferir a sua constituição de faltas e excessos, falta dos recursos disponíveis ao cumprimento das necessidades básicas do sujeito e excesso de carência quanto à ordem cotidiana da vida como moradia, emprego, saúde, alimentação, aquilo que (Freitas, 2010) cita como uma desarticulação entre o sujeito e a sociedade, chamando de exclusão social, algo que também estaria ligado a vivência subjetiva da pobreza, mencionada pelos seus atributos de dor, angústia, revolta ou tristeza. Desse modo, alguns autores apontam o conceito de pobreza como possuidor de elementos arbitrários, mesmo que teoricamente atinja uma definição, em prática terá ampliada ou até mesmo descaracterizada de alguns elementos conceituais. Assim “ainda que houvesse um sistema teórico coerente subjacente ao conceito de pobreza, continuaria a persistir a distinção prática entre os pobres e os não-pobres”. (Romão, 1982, p. 356).

A título de definição da pobreza compartilhamos com Romão (1982), de que este não é um termo consuetudinário e defini-lo limitaria demasiado o tema. A pobreza envolve aspectos absolutos e relativos, diferenciações de uma pobreza urbana e rural, objetiva e subjetiva, enfim, um amplo panorama de conceitos que se pretende operacionalizar, mas que a cada nova definição revelam sua complexidade. Cada um dos grupos de definição traz um conceito que *per si* não abrangeria todas as dimensões da

palavra, a pobreza não seria, portanto, aquela vista em sentido genérico, comparativo, contextual, objetivo ou perceptivo. A pobreza será sempre algo mais que isso.

O pobre é aquele para o qual muitos não querem olhar, ou pela incompreensão do seu estado de pobreza ou pela significação que essa figura desperta. Desse modo, os pobres passam a viver uma espécie de clausura do fora, um lugar social subjetivo e ao mesmo tempo concretizado em narrativas e expressões degradantes e ou estigmatizantes quanto ao seu comportamento, seus atributos ou personalidade serão marcados pelo diagnóstico da pobreza, modo de subjetivação e adjetivação. ‘Coisa de pobre’ (estilo de vida simples, gostos singelos), ‘vestido como pobre’ (*demodé*, muito simples), ‘pensamento de pobre’ (sem grandes ambições), ‘lugar de pobre’ (lugar de rebaixamento social, inclusive quando comparado às mais altas escalas sociais, lugar em que o pobre não deve estar), ‘o pobre’, (signo do coitado). Dentre tantas outras expressões que tentam distinguir o sujeito pela sua condição socioeconômica.

A figura do pobre traz consigo significantes que vão além de sua falta de recursos socioeconômicos, transfigura-se com facilidade no lugar não mais desértico da exclusão, pois já habitado por muitos. Suas faltas e excessos se irmanam formando uma personalidade para qual muitos acreditam nada poder fazer, trata-se de um perfil caractereológico de sujeitos que se acostumaram à sua condição, a quem são dadas oportunidades não aproveitadas, foi com este estereótipo que se criou no Brasil, a figura do pobre assujeitado pela sua própria indolência, o Jeca Tatu, que pela preguiça e falta de atitude era acometido de toda sorte de doenças e necessidades. Comparado ao mais degradante parasita, nada produzia e mesmo que instigado preferia sua vida de mazelas a determinar-se ao trabalho. Visto assim, o feio caboclo Jeca Tatu, criado como personagem do artigo Urupês de Monteiro Lobato em 1918, poderia, como assim quis o autor, representar péssimas condições assistenciais em saúde, acesso à educação e trabalho. No entanto, o que ficou foi a imagem de um sujeito adepto da lei do menor esforço, o perfil do homem interiorano e o protótipo do atraso ao país. Lobato acabou criando uma espécie de figura generalizada do povo brasileiro, devido ao alcance de sua literatura em outros países.

Uma das faces mais duras da pobreza é a fome, realização concreta de privações. No Brasil, em pouco mais de uma década foram firmadas políticas incisivas de combate à fome representadas pela campanha Fome Zero, uma medida provisória como política de segurança alimentar e nutricional convertida na Lei n.10.683, de 28 de maio de 2003, ocasião em que foi criado o Consea (Conselho Nacional de Segurança Alimentar) e o Gabinete do Ministério Extraordinário de Segurança Alimentar e Combate à Fome, para conferir validade e estrutura ao programa. Instituído no governo de Luís Inácio Lula da Silva, o programa já foi vislumbrado em seu discurso de posse em 1º de janeiro de 2003, ao dar garantias que:

Vamos criar as condições para que todas as pessoas no nosso país possam comer decentemente três vezes ao dia, todos os dias, sem precisar de doações de ninguém. O Brasil não pode mais continuar convivendo com tanta desigualdade. Precisamos vencer a fome, a miséria e a exclusão social. Nossa guerra não é para matar ninguém – é para salvar vidas.

Em verdade, o projeto Fome Zero nasceu em 2001 como proposta de especialistas, institutos de pesquisa, representantes civis, sindicais e ONGs através do Instituto Cidadania, na tentativa de levantar alternativas no combate a fome. A esta época o Brasil contava com 9,3 milhões de famílias vivendo com menos de um dólar por dia, em números totais são 44 milhões de pessoas com renda extremamente insuficiente e as margens da insuficiência alimentar, havendo a necessidade de medidas em caráter emergencial. A contar com a mobilização de representantes dos diversos institutos sociais, o projeto teve grande impacto, pois além de evidenciar números alarmantes com relação à miséria, trazia consigo a semente para correção, a partir de políticas públicas significativas, para uma realidade infeliz e histórica no país. Muitos dos seus idealizadores já se sentiam satisfeitos por ter colocado em pauta a questão da fome e a falta de políticas que pudessem reverter esse quadro, em um país que possui uma alta produção de alimento, mas que sua população sofre com a fome. É também, sobre esse efeito paradoxal, que o projeto Fome Zero tende a discutir. Desse modo, o Fome Zero não é apenas um projeto social, mas sobretudo, político, enquanto mobilização de várias

entidades e cidadãos comprometidos com mudanças urgentes e necessárias na realidade brasileira, além, da permanente revisão na descentração de renda e desestabilização da exclusão social.

No ano de 2003 quando da institucionalização do programa pelo governo federal, com os objetivos de erradicação da fome e combate à pobreza na agenda nacional, o Brasil tornou-se referência internacional neste tipo de política, tendo aliado um plano de políticas estruturais, específicas e locais. O programa Fome Zero, como política pública, tem como princípios de ação o apoio à agricultura familiar, garantias de direito à terra, aumento da renda de trabalho e, desse modo, conseguiu reduzir os níveis de pobreza e desigualdade, com acentuada diferença para mais no meio rural em relação às áreas metropolitanas. Com finalidade de oferecer segurança alimentar e nutricional à população o programa acaba incidindo sobre as causas da exclusão, olhos vistos aqueles que não gozavam de condições mínimas de subsistência. Esta, assim como outras medidas, sofre críticas por parecer assistencialista ou filantrópica e acabar gerando uma dependência na população.

De acordo com Aranha (2010), três grupos de políticas fundamentam o programa Fome Zero: as políticas estruturais, a serem adotadas pelo governo federal de forma articulada com estados e municípios, a partir de políticas agrícolas, de abastecimento, de comercialização e distribuição dos alimentos, políticas de geração de emprego e renda, além das políticas de educação e saúde. O grupo das políticas específicas, com características emergenciais para cobrir imediatamente as famílias que passavam fome, foram políticas de transferência de renda, de distribuição de alimentos, de segurança e qualidade dos alimentos. O terceiro grupo de políticas foram as políticas locais, cujo objetivo era mobilizar os gestores estaduais e municipais na promoção da segurança alimentar e nutricional de suas populações, para isso seriam criados restaurantes populares e banco de alimentos, organizadas feiras de produtores e promovida a assistência técnica aos agricultores familiares.

Segundo Silva, Del Grosso e França (2010) havia no Brasil no início do século XXI um círculo vicioso da fome, e que em certo sentido persiste até hoje, seus componentes por um lado eram, falta de políticas de geração de emprego e renda,

desemprego crescente, salários baixos e concentração de renda, resultando na queda do consumo de alimentos, fechando a outra metade do círculo, havia a queda nos preços agrícolas, juros altos, crise agrícola e falta de políticas, levando a consequente diminuição da oferta de alimentos.

Um importante trabalho acerca dos desafios da pobreza realizado por Capucha (2004) cujo objetivo gira em torno das dificuldades que a sociedade portuguesa enfrenta no combate à pobreza e à exclusão, mostra alguns pontos em comum com a realidade brasileira no que diz respeito à persistência do problema, assim como, os avanços das últimas décadas. O ponto de encontro mais marcante talvez seja o facto de as sociedades europeias desenvolvidas desejarem e dinamizarem ações para o fim da pobreza e exclusão social como cita este autor, respeitadas décadas de diferença, nos últimos anos o Brasil tem construído políticas mais incisivas a este fim, a partir da ideia de que a vivência da pobreza não é algo natural ou resultado de uma realidade perversa, mas inevitável. Diante de alguns programas específicos e políticas voltadas ao enfrentamento de um fenómeno tão contundente quanto a pobreza, acredita-se que o país tem melhorado. Desse modo comungando com as ideias do autor acreditamos que:

é possível pensar uma sociedade sem pobreza não enquanto utopia, mas enquanto projecto, antes do mais, político, e esse objectivo será tanto melhor sustentado quanto mais as políticas nacionais, respeitando as nossas especificidades, se orientarem para modelos socialmente mais avançados e coesos. (Capucha, 2004, p. 27).

Em meio a tantas componentes na operacionalização do conceito de pobreza e a discursão das características do sujeito envolvido por esta condição, no Brasil convencionou-se chamar os meios populares, para fins de inserção nas políticas públicas de inclusão, de população baixa renda. Este grupo é identificado, sobretudo, pela sua condição socioeconômica, a partir de preditores como emprego, moradia e renda, aspectos que compõem sua forma de vida. Portanto, hoje quem faz parte do grupo populacional de baixa renda tem as seguintes características: possui renda familiar mensal per capita de meio salário mínimo ou um quarto de salário para aqueles considerados

indigentes e dentro da faixa populacional da extrema pobreza; desenvolvem trabalhos informais ou que requerem pouca instrução escolar; residem em ambientes periféricos e por vezes fazem parte de grupos minoritários, estigmatizados sociais e excluídos, como os negros, mulheres, crianças, idosos, moradores de rua ou do meio rural.

Deve se chamar a atenção para o facto de que não é toda a população das classes populares que é considerada baixa renda, no Brasil a indefinição do termo está ligada a uma espécie de gradação da pobreza, apesar de existir uma parcela que sobrevive em condições financeiras mínimas, existem ainda, aqueles que fazem parte de uma linha abaixo da pobreza, sujeitos que compõem um quadro de extrema pobreza e designados de indigentes, são aqueles que têm renda de um quarto do salário mínimo e, provavelmente, não têm acesso a bens e serviços que não sejam oferecidos pelo estado, ou seja, não apresentam qualquer poder de compra e com isso, não movimentam a economia do país. Aqueles considerados pobres, fazem parte do grupo com renda de meio salário mínimo domiciliar, observando que o número de habitantes por domicílio considerado pelo governo, é de quatro pessoas. Em uma outra ponta dessa gradação, estão os pobres com renda familiar de até três salários mínimos, é comum que alguém da casa desenvolva um trabalho formal, mesmo que as condições de moradia, bem-estar e lazer sejam deficientes, este grupo não depende na sua totalidade de sobrevivência de recursos do governo.

Com estudo intitulado de ‘Radar Social’, o Ipea - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada avaliou dados obtidos pela Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) em 2003, identificando que um terço (31,7%) da população brasileira a esta época era considerada pobre, o equivalente a 53,9 milhões de pessoas vivendo com uma renda de meio salário por família, ainda existindo 12,9% da população abaixo da linha da pobreza, ou seja, pessoas que vivem em condição de indigência com um quarto de salário por família. Ainda de acordo com a secção 3 do Radar Social, onde está descrita a renda, o estado de Alagoas, no Nordeste, é o que apresenta maior proporção de pobres, 62,3% da sua população, muito elevado em relação a média do Brasil, já em Pernambuco o percentual foi de 54,6% seguindo a mesma equivalência que os demais estados nordestinos, região inclusive, que apresenta os piores índices de pobreza em relação ao

restante do país, principalmente ao Sul e Sudeste que apresentam as menores concentrações de pobres, ficando no ano de 2003, para o estado sulista de Santa Catarina, o menor percentual de pobreza da população, 12,1%.

Aferidas as condições de renda da população pela raça, ainda é evidente que os negros continuam a sofrer com as desigualdades de sua distribuição, de acordo com esta avaliação para o ano de 2003, 44,1% da população brasileira negra vive com menos de meio salário por domicílio, enquanto que para os brancos a proporção é de 20,5%. Essa desigualdade racial com relação à renda quer dizer que para cada sujeito branco existem dois negros em situação de pobreza, mais uma vez figurando o estado de Alagoas com a maior proporção de pessoas negras na pobreza, são 67,8% da população, já o estado de Pernambuco não ficou tão distante assim, sua marca foi de 58,9%, mais uma vez seguindo os níveis dos demais estados do Nordeste. No contraponto, encontra-se o estado do Rio de Janeiro, na região Sudeste, com a menor taxa dentre as Unidades da Federação, 24,8%. A perpetuação na enorme discrepância de renda entre a população negra e branca diz respeito a fatores anteriores à divisão da renda, dentre eles estão o maior nível de escolaridade do segundo grupo em detrimento do primeiro e a ascensão a cargos de melhor representatividade social, refletindo em maior remuneração.

O estudo do Radar Social do Ipea, também pontuou a distribuição de renda de acordo com os ambientes urbanizados e rurais, avaliando que a população pobre do meio rural (57,1%) é mais que o dobro nas zonas urbanas (27%), no entanto, continua nas áreas urbanas o maior número real de pobres devido ao intenso processo de urbanização pelo qual passou o Brasil nas últimas décadas, chegando a 80% da população com moradia nas cidades. Mesmo assim, com referência aos dados relativos a população rural sofre mais com a pobreza em termos proporcionais, pois embora menos populosa, apenas 20%, as famílias dessas áreas são majoritariamente pobres. Também nesse quesito, Alagoas ocupa a pior posição com 77,2% da população rural pobre, ficando o estado de Pernambuco com 75,5%. Santa Catarina foi o estado que em 2003 apresentou o menor índice com 16%, apesar de que em todos os estados os maiores níveis de pobreza estão no meio rural.

Consideradas as regiões, o Nordeste tem destaque histórico e permanente em condição de pobreza da sua população, são 53,3% vivendo com até meio salário de renda domiciliar, nível muito superior às regiões Sudeste e Sul que apresentam, respectivamente, percentuais de 20,4% e 18,1%. Com relação aos muito pobres, aqueles que vivem com um quarto do salário mínimo, a situação para o Nordeste, se comparadas as mesmas regiões, é ainda pior, ou seja, são 26,8% de indigentes, contra 6,6% no Sudeste e 5,6% no Sul, quatro e cinco vezes maior nessa ordem de regiões. Observações do Radar Social dizem que o maior problema do Brasil quanto à pobreza de sua população, não está relacionado à insuficiência dos seus recursos, mas à extrema desigualdade na distribuição, revelando a complexidade da questão e a necessidade de ações conjuntas e permanentes com políticas públicas incisivas que propiciem a descentralização da renda e melhorem a condição de vida do povo brasileiro.

No ano de 2006 foi produzido um relatório por importantes economistas do país como Ricardo Barros, Miguel Foguel e Gabriel Ulyssea cujo título ‘Desigualdade de renda no Brasil: uma análise da queda recente’, descreve a progressiva queda na concentração de renda do Brasil no período de 2001 a 2005, baseados nos dados do Ipea, os investigadores observam que o nível de renda da população brasileira aumentou substancialmente, com a queda de 5% em sua concentração, as desigualdades têm seus números diminuídos, mesmo o Brasil ainda figurando dentre os países com maiores distorções de renda, como descrito nos parágrafos anteriores. Segundo análises de economistas nacionais e internacionais essa queda não tem apenas representatividade quantitativa, mas também, repercute em mudanças estruturais no padrão econômico e social do país, uma vez que tira da zona da miséria uma parcela considerável da população. Esse estudo do Ipea visa analisar a queda na concentração de renda e, sobretudo, especular as causas pelas quais esta se manteve, tendo em vista ter mudado uma realidade perversa e historicamente construída, relativamente aos níveis de desigualdade na distribuição de renda do país. Trajetória iniciada em meados da década de 1990, assumindo intensidade em 2001 e chegando em 2005 com seu melhor nível de diminuição na concentração de renda, posicionado em relação as três últimas décadas.

De acordo com a análise acima mencionada, das várias facetas que demarcam a diminuição na concentração de renda, estão a estabilidade econômica proporcionada pelo Plano Real, expressão que dá origem ao nome da moeda (Real), a ampliação da escolaridade iniciada, também, nos anos de 1990 e o consequente aumento na mão de obra qualificada que impactaram na melhora dos níveis salariais. Portanto, a educação com a qualificação do material humano, indica uma das melhores vias de investimento, quando a intenção é diminuir a atuação do Estado na economia, assim como, em outras dimensões da vida social do país. Outros marcadores que concorreram para diminuição das desigualdades foram o gênero, a cor, a setorialização do trabalho formal-informal e as diferenças espaciais das regiões, dadas as suas proporcionalidades, isto quer dizer que junto com a diminuição da concentração de renda, estas categorias também tiveram uma melhora.

Quanto maior a desigualdade, mais ela impacta na vida dos grupos minoritários que, na verdade, já sofrem com as diferenças econômicas e sociais. Nas questões relacionadas ao gênero, ainda é muito comum no Brasil que as mulheres que ocupam os mesmos cargos que os homens, recebam salários menores sem qualquer relação com a produtividade de sua função; o trabalho informal, comumente exercido por mão de obra não qualificada com referência ao nível de escolaridade, representa os altos índices de concentração de renda e consequente desigualdade econômico-social; o contexto histórico do país em relação ao desenvolvimento regional, diz das imensas disparidades econômicas das macro regiões, e em alguns casos, internamente às regiões, de Estado para Estado, de município para município. Em todas estas esferas, o nível de desigualdade diminuiu, com progressiva e permanente melhora na divisão salarial, no aumento do serviço formal e elevação das taxas de desenvolvimento de regiões anteriormente castigadas por disparidades econômicas e sociais, mesmo que nestes dois itens as mudanças não tenham impactado significativamente na redução das desigualdades de renda.

A década de 2001 a 2011 é reconhecida e denominada no Brasil como a “década inclusiva”, havendo neste período um decréscimo significativo nas taxas de desigualdade e concentração de renda, como já mencionado anteriormente, o que devemos mostrar com

isso é que dentre os 12 países com maiores taxas de desigualdade, o Brasil figura como aquele que conseguiu, neste espaço de tempo, mudar a condição de vida da sua população procedendo à uma redução ou migração da chamada classe E para classe D e um aumento da classe C para 54% da população, apresentando ainda, o salto desta classe para os níveis B ou A a elevar o poder de compra e outras atribuições de bem-estar social, o que leva a supor que esta foi uma época em que muitos brasileiros saíram das margens da extrema pobreza e da pobreza para os níveis médios. Isto se tornou mais evidente devido à estagnação em altas taxas que o país vivenciava desde a década de 1960, ou seja, com uma longa temporada de inércia quanto aos padrões de desigualdade e concentração de renda, as mudanças foram acompanhadas e sentidas a olhos vistos.

A fim de descrever essa nova configuração o Ipea lançou em 2012 o relatório “A década inclusiva (2001-2011): Desigualdades, Pobreza e Políticas de Renda”, nele estão contidos os resultados e a discussão dos dados que revelam esta importante mudança econômica e social pela qual passou o país no período referido. Importante frisar que no relatório consta a seguinte observação “A saga dos chineses e indianos rumo a melhores condições de vida é a similar de analfabetos, negros e nordestinos” (2012, p. 5). Isto quer dizer que grupos antes excluídos, agora são atingidos por políticas públicas mais incisivas no que tange às necessidades básicas, como educação, moradia e emprego. A primeira década do novo século e milênio será referenciada no Brasil como uma época de mudanças que incidiram sobremaneira na qualidade de vida da população carente, a partir de uma vista global, a renda dos grupos excluídos foi a que mais prosperou no período, a saber os negros, analfabetos, crianças, nordestinos e moradores do campo. Este estudo aponta que seriam necessários cerca de 20 anos, seguindo este mesmo nível de crescimento, para que o Brasil chegasse a patamares substanciais, no entanto, nunca se viu na história econômica e social do país a exploração de reservas pró-pobre como na década demarcada.

Mecanismos redistributivos mantido o respeito às regras do equilíbrio fiscal, aliados à baixa da inflação fizeram com que as políticas sociais vigorassem e surtiram seus efeitos de modo imediato e contínuo. Programas de transferência como os fundos de aposentadoria e pensão e, sobretudo, o Bolsa Família e o Bolsa Escola, juntos

representaram uma queda de 1/3 da concentração de renda, além de determinantes no aumento da renda e na melhoria da qualidade de vida da população mais empobrecida da sociedade, assim, as políticas públicas sociais figuraram como elementos fundamentais na otimização da economia, uma vez que conferiram um poder maior aos salários, trazendo consequência às condições de vida dessa população. Estes programas funcionam como redes de proteção social às famílias pobres, promovendo uma renda mínima a esta população. Lembrar que de acordo com a pesquisa do Ipea sobre a distribuição de renda diz que, o aumento no poder de compra dos salários no Brasil, não aconteceu pelo seu reajuste, mas, sobretudo, pela valorização da moeda através de um controle da inflação. Outra questão a ser abordada é que o programa bolsa família tomou a decisão de ampliar sua cobertura em vez de aumentar seu valor, fazendo com que mais famílias fossem incluídas e, conseqüentemente, alargando sua efetivação na retirada de mais pessoas da zona da extrema pobreza com um custo benefício maior que os repasses de fundos de aposentadoria e pensão.

O coeficiente de Gini, parâmetro internacional que mede a desigualdade de distribuição de renda entre países, para os 124 países de que se tem informações, menos de um quarto teve desempenho superior ao Brasil no período mencionado. Por isso, mesmo que o país ainda ocupe a oitava posição dentre os países com maior desigualdade de renda, o fenômeno acontecido em 2005, representará uma mudança considerável para o nível que se encontrava.

Segundo a pesquisa de Barros, Fogel & Ulyssea (2006) a renda média dos mais pobres cresceu mais rápido que a renda média nacional. Para isto, a renda média dos 20% mais pobres cresceu a 20 pontos percentuais acima do observado entre os 20% mais ricos, desse modo, a recente queda na desigualdade de renda, fez com que os pobres no Brasil tivessem a percepção de que estavam vivendo em um país com alta taxa de crescimento econômico, enquanto que os 20% mais ricos acreditaram estar vivendo em um país com economia estagnada. Em números exatos, os autores acima citados, indicam que mais de 5 milhões de brasileiros saíram da condição de extrema pobreza com a queda de 4% na desigualdade de renda entre os anos de 2001-2004 equivalendo a uma redução de 3,2 pontos percentuais na proporção de pessoas extremamente pobres no país. É interessante

notar que essa melhor distribuição de renda diz respeito aos vários aspectos da condição de vida, ou seja, tem implicação na educação, moradia, trabalho e acesso a bens e serviços.

Como proposta de intervenção para ampliação e manutenção na diminuição da concentração de renda, os economistas envolvidos no estudo mencionado, elencam:

- (a) equalização de oportunidades para a aquisição de capacidades; (b) a equalização de oportunidades para o uso produtivo das capacidades adquiridas (que se faz sentir principalmente pelo acesso ao trabalho); (c) a redução da desigualdade de tratamento dos trabalhadores no mercado de trabalho; e (d) tornar o sistema tributário e o gasto público mais eficientes e progressivos. (Barros, Foguel & Ulysea, 2006, p. 23)

Um plano de investimento à educação figura como a mais incisiva política para redução na concentração de renda, uma vez que promove a qualificação da mão-de-obra e a diminuição nas discrepâncias salariais com o incremento de oportunidades no acesso ao trabalho. Principalmente porque o Brasil é um país de muitos recursos, suas intensas desigualdades devem-se aos altos níveis de concentração de renda, que embora tenham melhorado nas últimas décadas, ainda repercutem negativamente na posição ocupada dentre países com imensas dificuldades e no nível de vida da população. Esta observação levanta a necessidade de sermos prudentes quanto à função da educação na diminuição dos índices de desigualdade, é certo que esta por si só, não será capaz de retirar o Brasil de um ranking histórico e constituído de fatores que precisam igualmente ser corrigidos.

Os dados levantados neste capítulo foram em sua maior parte, de pesquisas desenvolvidas pelo Ipea, Instituto ligado à Fundação Getúlio Vargas e que conta com o apoio de órgãos internacionais de economia. O Ipea visa produzir dados fidedignos da realidade econômica e social brasileira, a fim de contribuir com a criação de políticas públicas que tentem diminuir as desigualdades sociais e de renda, questões abordadas em suas pesquisas. Corresponde, portanto, a um dos melhores repositórios para acesso a informações nessa categoria.

A referência cronológica de 2001 a 2005 aponta uma diminuição na concentração de renda do Brasil, mesmo que pequena para sua retirada do *ranking* dos países com maior

situação de desigualdade, mas por outro lado, este percentual foi fundamental para mostrar que o investimento em políticas públicas sociais é essencial para melhoria na condição de vida da população e muitas vezes a um baixo custo, ou pelo menos, com um custo benefício maior que outros tipos de repasse. Na verdade, os dados levantados e analisados pelo Ipea apontam que o Programa Bolsa Família, funcionou até aqui como o melhor mecanismo redistributivo ou aquele que de modo mais contínuo conseguiu atingir uma extensa camada social.

De acordo com o censo demográfico de 2010, a condição de educação da população aponta imensas desigualdades para o grupo de baixa renda, mesmo que o acesso e a manutenção da escolaridade nesse grupo tenham melhorado, os números ainda indicam que as condições socioeconômicas ditam um percurso de escolarização típico. O que se vê com o censo é que os adolescentes de 15 a 17 anos com rendimento domiciliar de $\frac{1}{4}$ de salário mínimo, o percentual daqueles que não frequentavam a escola foi de 21,1%, baixando para 6,4% o mesmo grupo etário, mas com rendimentos de mais de 3 salários mínimos. Além da discrepância percentual três vezes maior para o primeiro grupo, chama a atenção de que nesta faixa etária estes adolescentes estariam no Ensino Médio se preparando para a entrada no Ensino Superior, talvez por isso que 49,3% dos jovens pobres com idade em torno dos 25 anos não têm instrução, e somente 11,3% têm um curso de graduação completo. Agravado nas regiões Norte e Nordeste, cujos percentuais para aqueles com uma graduação é de 7,6% e 7,1%, respectivamente. Em outras palavras isto quer dizer que o Brasil ainda tem muitos jovens sem instrução e poucos estudantes com ensino superior nas classes populares. Dentre os níveis de ensino esta relação com o padrão de renda vai se alargando, assim, quanto maior a renda, a partir de cinco salários mínimos, maior a ascensão aos demais níveis de formação, chegando a 26,9% na especialização, 36,7% no mestrado e 47,1% nos doutoramentos.

Os jovens do meio rural sofrem de modo mais acentuado com a falta de instrução, são 79,6% da população com idade de 25 anos, para 44,2% na população urbana. Quanto ao curso superior completo, algo que com esta idade já deveria ter acontecido, o percentual no rural é 1,8%, contra 12,9% no urbano. Este resultado evidencia que a população do campo necessita de políticas mais incisivas ante a sua realidade econômica

que em todos os achados estatísticos figura como o maior empecilho ao desenvolvimento nos diversos aspectos. Esse contingente da população quando busca melhores condições de vida nas cidades, pela falta de estrutura que já lhe é peculiar, acabam apenas somando-se à pobreza urbana, farão parte de um grupo com péssimas condições de moradia e alojamento, submeter-se-ão a trabalhos degradantes, pela falta de instrução e qualificação na mão-de-obra, e ainda, a depender da região para qual façam migração, terão que enfrentar os preconceitos, infelizmente comuns, nas regiões mais desenvolvidas do país.

O ‘censo demográfico 2010: resultados gerais da amostra’, no aspecto referente ao deslocamento da população para os locais de trabalho e ou estudo, indica que o deslocamento para estudar em outros municípios está ligado às desigualdades quanto à distribuição de unidades de ensino, a sua concentração nas grandes cidades, e o aumento da população no entorno das cidades, ou seja, na região metropolitana. Daqueles que declararam frequentar escola ou creche, 7,2% o faziam pelo deslocamento para outras cidades, apresentando ainda a relação de que quanto mais alto o nível do curso frequentado, mais as pessoas precisam fazê-lo em outros municípios, tendo em vista que os cursos mais básicos ficam a cargo da esfera municipal. Nesse caso, os estudantes de graduação que realizam o deslocamento intermunicipal para frequentarem a Universidade somam um percentual de 29,2%, nos cursos de pós-graduação isso chega a 32,6%, ou seja, para que estes estudantes possam fazer o curso desejado e, inclusive, se especializar nele, é necessário sair de suas cidades, o que para os jovens das classes populares resulta em imenso sacrifício, ou até mesmo na impossibilidade do ensino superior, pois o rendimento está diretamente ligado à capacidade de mobilidade dos estudantes. Condição agravada quando este estudante é do meio rural e negro.

O censo demográfico de 2010 descreve que de acordo com a cor, as pessoas brancas são aquelas que apresentam maior possibilidade de deslocamento para estudo, nessa distribuição estão os brancos com 9,1%, os pretos com 6,0%, os pardos com 5,6% e os indígenas com 3,9%. Caso este deslocamento seja para país estrangeiro, os brancos totalizam 68,4%. Interessante notar que os dados de deslocamento para estudo indicam questões dignas de assinalamento. A primeira, evidenciando muitos municípios, principalmente na região Nordeste, desprovidos de níveis de ensino mais elevados, a

segunda questão, focaliza a renda como a grande propulsora da dinâmica de deslocamento. Os estudantes dos meios populares ficam relegados a não dar continuidade a sua escolaridade ou a se submeter a imensos sacrifícios, como morarem de favor na casa de parentes, de conhecidos da família ou ainda nas residências para estudantes, quando assim existe nas unidades de ensino para onde vão.

De acordo com as regiões, o censo 2010 indicou as variações ocorridas em detrimento do tamanho do município, da acessibilidade, das políticas educacionais e rendimento. Desse modo, foram eleitos os estados da região Sul e Sudeste, além de Goiás no Centro-Oeste, Sergipe, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte no Nordeste, como as localidades de maior deslocamento dos estudantes para frequência à escola ou creche. Ainda de acordo com o IBGE isto acontece devido à fragmentação municipal; pelo fenômeno da conurbação/metropolização, quando duas cidades limítrofes crescem, ou pelo menos uma delas, até o ponto de se encontrarem, muito comuns no Nordeste; e os elevados rendimentos nas regiões Sul e Sudeste. De toda forma, verificou-se através do censo 2010, que em todo o país houve uma queda no percentual de pessoas com 25 anos sem instrução. Os números caíram nas áreas urbanas de 58,8% para 44,2%, e, no meio rural o decréscimo foi de 90,3% para 79,6%.

Por fim, podemos inferir que a população de baixa renda sofre nas diversas instâncias de sobrevivência, tendo como agravantes condições relacionadas à cor, à região onde vivem, e especificamente aos municípios de residência. Os estudantes dos meios populares não gozam de oportunidades ou políticas inclusivas e de acesso, porque são reduzidas as condições prévias a isto, ou seja, a escola para os diversos níveis de ensino é pública, porém não existe na cidade onde moram, os veículos para locomoção dos estudantes intercidades são gratuitos, mas não em todos os horários, o estudante trabalhador não tem disponibilidade de tempo e recursos para participar dos estágios ou outras atividades acadêmicas, que lhes garanta uma boa formação. Enfim, há uma espécie de novelo emaranhado que vai prendendo este estudante nos diversos pontos de seu processo de escolaridade, fazendo com que muitos desistam ou levem uma imensa temporada para sua conclusão.

PARTE II – DA PROBLEMÁTICA AOS OBJETIVOS

Coração na boca
Peito aberto
Vou sangrando
São as lutas dessa nossa vida
Que eu estou cantando.
(Gonzaguinha)

No sistema brasileiro de ensino existe uma alta complexidade quando se relaciona a esfera pública de ensino superior com a esfera privada. Assim, ensejando a delimitação de uma temática tão abrangente quanto divergente, neste trabalho, optamos por referenciar a primeira destas esferas, como âmbito de investigação e discussão. Foi ainda escolhida por representar para os sujeitos de nossa investigação um espaço de maiores possibilidades de acesso ao Ensino Superior, pela sua condição de gratuidade, mesmo que em alguns momentos façamos inferência ao sistema privado, tendo em vista a ampliação significativa deste segmento, firmada nos últimos dez anos, ocorrência que revela o impacto das políticas sociais e de inclusão, através dos planos e programas de acesso ao Ensino Superior, pelo menos neste período.

Apesar de nosso foco de investigação estar voltado ao sucesso acadêmico dos estudantes de meios populares no Ensino Superior, procuramos desenhar um panorama das pesquisas na área do sucesso também no Ensino Básico, a partir do percurso seguido por estes jovens desde muito cedo nas escolas públicas, a fim de evidenciar os sacrifícios suplantados através das disposições pessoais, das diferentes redes de suporte e dos programas de inclusão que fizeram com que estes estudantes criassem rotas de fuga à exclusão e ao meio socioeconômico-cultural de onde vêm.

Em alguns casos, foi observada uma ‘grande virada’ que estes estudantes deram no seu gosto e dedicação ao estudo, onde mesmo com histórico de indisciplina, dificuldade na mobilidade para frequência escolar e pouco conteúdo informacional quanto às formas de ingresso à Universidade foram capazes de superar os défices de sua trajetória e construir experiências de êxito acadêmico. Com histórico de retenções, desistências, retomada tardia dos estudos, conseguiram vislumbrar a importância de uma formação acadêmica para seu futuro profissional, onde a aquisição de um diploma

repercute tanto no desempenho de funções mais valorizadas socialmente, quanto nas representações pessoais e familiares de mudança de vida, com o acesso a bens e serviços praticamente impossível para sua condição socioeconômica de origem.

Aqui evidenciamos o retrato do jovem pobre, cuja origem familiar encontra-se em sujeitos de pouca ou nenhuma escolarização, que atribuem ou não funções positivas ao estudo e por uma série de contingências, pouco acompanham a vida acadêmica dos filhos. O contexto sociocultural destes jovens se desenha com espaços lacunares imensos, em que as faltas ditam o jeito de se fazer estudante. Falta de recursos que passam pela compra dos bilhetes para o transporte até a aquisição de materiais e ou cursos complementares necessários ao melhoramento do desempenho acadêmico.

Estas são as condições sob as quais se perspectiva nossa investigação, lembrando que, segundo Severino (1996, p. 75), a gênese de uma problemática de pesquisa “dar-se-á pela reflexão surgida por ocasião das leituras, dos debates, das experiências, da aprendizagem, enfim da vivência intelectual no meio do estudo universitário e no ambiente científico e cultural”. Aqui acrescentando o desejo de entrar em contato com histórias a mim peculiares.

1. PROBLEMÁTICA E QUESTÃO DE PARTIDA

Toda investigação deve estar orientada por um problema previamente formulado, tendo “a importante função de focalizar a atenção do investigador para o fenómeno em análise, desempenhando o papel de “guia” na investigação” (Coutinho 2011, p. 45). Nas investigações em Ciências Sociais busca-se a compreensão e análise dos problemas sociais, de cunho geral ou específico, cujo objetivo gira em torno de construir conhecimentos acerca de uma questão tomada para investigação.

Por isso, segue Coutinho (2011) afirmando que, o problema de investigação é fundamental pois centra a investigação em domínios concretos, oferece direção e coerência, além de delimitar o estudo a fim de demarcar suas fronteiras e apontar para os dados que de facto serão necessários obter. Por carregar em si uma complexidade, o

problema de pesquisa se configura dentro de uma ordem que será de suma importância para definir os contornos da investigação.

Do problema de investigação depreendem-se perguntas que em seu percurso permitirão que não se perca o foco do que está sendo pesquisado, pois ao final é sempre interessante que aquela questão de onde se partiu seja respondida a contento, a demarcar, inclusive, a importância do estudo em causa. Laville e Dionne (1999) indicam o problema de investigação como aquilo que se pode resolver com dados que já existem ou que possam ser produzidos, assim, um problema de pesquisa também fornecerá novos conhecimentos no tratamento das questões a si relacionadas.

Nesta investigação em particular algumas questões envolvem nosso interesse temático e uma inquietação em descortinar as razões pelas quais sujeitos originários de contextos tão adversos, envoltos pelas condições de violência, pobreza, nenhum acesso a bens e serviços, analfabetismo dos pais, fome, trabalho degradante, moradia precária, mesmo assim são capazes de alimentar sonhos, viabilizar caminhos e gerir recursos ao sucesso acadêmico como possibilidade para uma mudança de vida para si e para sua família, ou até mesmo, a realização do desejo em avançar com os estudos, sentir-se bem no contexto acadêmico, que por vezes, é pensado que o estudante dos meios populares têm como exclusivo interesse ao ensino, a melhora de suas demandas financeiras, no entanto, a sede pelo conhecimento, pode estar presente tanto quanto outras componentes. Entre tantos ensejos, nos interrogamos com a seguinte questão: *como os estudantes de meios populares conseguem gerar e gerir facilitadores, em seu processo de escolarização, para alcançar sucesso acadêmico?* Esta questão é geradora de outras mais específicas: o que ou quem podem ter sido determinantes na superação das dificuldades? Quais os atributos favoráveis perseguidos por estes sujeitos em sua trajetória? Com que finalidades e quais recursos foram mobilizados para vencer os obstáculos de um percurso acadêmico que à partida se mostrava improvável? Estas são questões que à partida nos inquietam e representam o fundamento de nossa investigação.

2. OBJETIVOS

Os objetivos de uma investigação científica, segundo Chizzotti (2001), são aqueles que determinam quais e que tipo de informações convém reunir. Sem eles o pesquisador pode se perder em exaustivos esforços, recolhendo informações desnecessárias ante os dados de que precisa. Assim, delimitamos através de objetivos gerais e específicos, a busca de informações que nortearam nossa investigação, ou seja, indicaram o eixo central da temática aqui discutida.

O objetivo geral desta investigação visa compreender a trajetória seguida pelos estudantes dos meios populares e sua chegada ao Ensino Superior, algo considerado de grande êxito, tendo em vista as dificuldades inerentes à sua condição socioeconômica e aos fatores de sua cultura, que em grande maioria são apartados da cultura escolar e dos conhecimentos valorizados por esta instituição.

Há que se descortinar as razões pelas quais estudantes dos meios populares trilham uma trajetória acadêmica exitosa, mesmo quando os reais intervenientes apontam para o contrário, contrastando com os sujeitos que, com as mesmas disposições sociais, econômicas e culturais, enveredam por caminhos tão distintos ou naqueles que possuem os distintivos necessários a uma vida acadêmica de sucesso, pois inseridos em meios providos das condições materiais, sociais e culturais requisitadas pela escola, mas que não chegam a um nível favorável do desempenho acadêmico. São os atributos plurais de que fala Lahire (2001). Uma condição inerente ao sujeito que lhe confere o poder de gerir os mais diferentes recursos para adaptar-se e ou desenvolver os atributos necessários à convivência nos diversos contextos, a capacidade de desempenhar papéis e funções, por vezes, totalmente diferentes daquilo que em seu meio de origem seriam concebíveis, despertar gostos por elementos culturais e materiais próprios de contextos aos quais até então não tinha contato. Por isso que este autor nos diz que “socialmente, o mesmo corpo passa por estados diferentes e é fatalmente portador de esquemas de ação ou de hábitos heterogêneos e mesmo contraditórios” (2001, p. 28). Os sujeitos de nossa investigação são o produto concreto desse estado, transfugas sociais capazes de mobilizar os mais diversos recursos à superação das dificuldades materiais e imateriais do percurso acadêmico.

Objetivos Específicos

Pontos mais estritos desta investigação conferem validade ao seu grande objetivo, estes são os objetivos específicos, que nesta pesquisa buscam compreender as estratégias construídas em um percurso escolar particularmente difícil para que fosse possível ultrapassar as zonas de conflito; aperceber-se das disposições pessoais e familiares demandadas ao êxito acadêmico; avaliar os recursos de acesso à Universidade a partir das políticas sociais. E sem dúvidas, evidenciar quais os fatores que estes estudantes elegem como determinantes e ou singulares em sua trajetória. Algo que também em Lahire (2001) encontramos identificação na composição das investigações em Ciência Sociais, quando trata da Sociologia Psicológica.

Especificamente buscamos:

- ✓ caracterizar os significados atribuídos à instituição escolar, pelos sujeitos investigados;
- ✓ analisar os recursos facilitadores à adaptação da cultura escolar;
- ✓ mapear as barreiras do seu percurso acadêmico;
- ✓ identificar padrões psicológicos de resiliência em sua trajetória acadêmica;
- ✓ identificar as estratégias adotadas pelos participantes da investigação, em seu percurso acadêmico, para manutenção da vida escolar;
- ✓ identificar as posturas de mobilização familiar como suporte à vida acadêmica do filho/estudante;
- ✓ descrever as componentes peculiares que estes estudantes elegem como determinantes ao êxito em sua trajetória.

PARTE III – PERCURSO METODOLÓGICO

Não existe um método único de investigação científica. O método científico engloba muitas abordagens diferentes, tão variadas quanto as próprias disciplinas científicas.
(Graue & Walsh, 2003, p. 33).

Esta secção descreve o percurso metodológico que trilhamos nesta investigação, as técnicas escolhidas para planejar lugares e situações, bem como os instrumentos utilizados na abordagem das pessoas e o que buscava destas pessoas como recurso indispensável na tessitura deste contexto. Falar sobre o método é algo de extrema importância em uma investigação científica, pois além de apontar o caminho seguido e sua sistemática, uma boa escolha do método, assim como, sua fiel descrição conferirá fiabilidade e objetividade ao trabalho realizado. O método, para Chizzotti (2001, p. 29), “preconiza que a ciência é una e que os fatos humanos e sociais não diferem das ciências da natureza. Aponta ainda que o mesmo modelo de pesquisa das ciências naturais deve servir para legitimar as afirmações das ciências do homem”. Ou seja, seguir procedimentos metodológicos é assumir um compromisso com limites éticos e, sobretudo, questionar responsabilmente o conhecimento do senso comum, na certeza de que toda informação levantada será sobre a vida de pessoas e o que é de mais importante para elas.

Inicialmente, constando em relatório de investigação, havia indicação de duas universidades como *locus* da pesquisa. A Universidade de Pernambuco, espaço que não se manteve, pela inviabilidade de tempo na procura de estudantes que preenchessem os requisitos para participação, considerando que nesta Universidade não há nenhum mapeamento socioeconômico dos egressos, desse modo, optou-se unicamente pela Universidade Federal Rural de Pernambuco/Campus Garanhuns, onde foram entrevistados estudantes moradores da residência estudantil, casa onde ficam os universitários que moram em localidades distantes do polo, servindo como requisito para inserção no programa de moradia, a condição socioeconômica. Para concessão da bolsa residência estes estudantes precisam ter uma renda familiar *per capita* de no máximo três

salários mínimos, com uma renda baixa para custear as despesas de moradia, têm justificada a impossibilidade de pagar estada em outra residência, critérios compatíveis com nosso interesse de pesquisa quanto ao perfil socioeconômico dos sujeitos. Com relação a autorização da investigação nesta Universidade, houve a indicação para inscrição do relatório de investigação na Plataforma Brasil, comitê nacional de ética em pesquisa com seres humanos, como nenhuma entrevista poderia ser realizada sem a devida análise do Comitê de Ética, a anuência do processo demorou mais que o previsto. Como se trata de uma Plataforma Nacional, é grande o volume de pesquisas que aguardam aprovação, desse modo, foi necessário respeitar o tempo de análise, mesmo de posse de um número de protocolo onde se pode acompanhar o andamento do processo, não se pode fazer muita coisa exceto esperar. Além desse prazo para anuência do Comitê, a Universidade Federal passou por um período de paralisação de suas atividades, fazendo com que o ano letivo que deveria ter sido concluído em dezembro de 2017, só chegasse ao fim em fevereiro de 2018, parando para férias, volta às aulas em meados de abril, o que alongou ainda mais o início da coleta de dados.

A disposição para que as entrevistas fossem realizadas na Universidade Federal Rural, deve-se ao facto de lá serem ofertados cursos que gozam de maior representação social na região, ou pelo menos fogem dos cursos de licenciatura (formação de professores), comumente ofertados nesta localidade, cuja referência é a Universidade de Pernambuco-UPE. A Universidade Federal Rural/Unidade Acadêmica de Garanhuns-UAG representa a primeira Unidade de Ensino Superior do Programa Expandir – Expansão com Interiorização, ou seja, anterior a 2006 as Universidades Federais concentravam-se nas capitais, impossibilitando ainda mais o acesso aos estudantes dos meios populares e moradores dos interiores. Com isso, esta Unidade goza de um *status* especial, aos estudantes e a toda região que receberá profissionais formados em Agronomia, Zootecnia e Medicina Veterinária para contribuírem com seus serviços nas pequenas cidades, cuja atividade econômica e de produção gira em torno da agricultura e agropecuária. Sem contar com os cursos de Letras e Pedagogia ainda muito procurados para o exercício da docência.

1. TIPO DE INVESTIGAÇÃO

A investigação desta temática não traz ineditismo, tendo nos trabalhos realizados pelo francês Bernard Lahire (2004) e pelo brasileiro Jaílson de Souza e Silva (2003) pontos de convergência, o que faz destas obras uma base de suporte na realização desta investigação. Fazemos, ainda, uma interlocução com obras e trabalhos brasileiros pioneiros e ou realizados por estudiosos que há muito tempo se dedicam a esta área do conhecimento, i.e., Viana (1998), Portes (2001/2011), Piotto (2007) e Zago (2006/2011). O efeito de originalidade deste trabalho encontra-se na apreensão de uma realidade em particular, mas que pode ser generalizada a partir das relações a serem estabelecidas através da interpretação dos dados levantados, observando que a Universidade Federal Rural de Pernambuco-UAG constitui a primeira extensão e expansão universitária fora dos *campus* até então instalados na capital dos Estados, o que vem representar para o agreste de Pernambuco um avanço quanto ao acesso de centenas de estudantes ao ensino superior, assim como a inclusão em diversos programas de investigação e extensão. A lembrar que a cidade de Garanhuns se encontra a uma distância de 231 km para a capital Recife, o que dificulta o acesso dos estudantes dos meios populares a outras Universidades e opções de curso que não sejam ministrados na cidade.

Esta investigação tem caráter qualitativo descritivo e interpretativo, com análise em profundidade de dez entrevistas semiestruturadas realizadas de 18 de abril a 10 de maio de 2018, período em que os estudantes desta Unidade voltaram às aulas neste ano, algo considerado atípico, pois comumente o início de ano letivo acontece em meados de fevereiro, neste caso particular a diferença de datas se deu pela ocorrência de greve geral de professores no ano de 2017, fazendo com que o término das atividades deste ano acontecesse em fevereiro. Trata-se, portanto, de uma investigação em Ciências Sociais e Humanas que, segundo Laville e Dione (1999, p.51), têm a intenção de “compreender e explicar a realidade social, bem como prever seu funcionamento para eventualmente dominá-la. As ciências humanas são exercidas em resposta às necessidades concretas da sociedade”. Desse modo, a abordagem qualitativa corresponde para esta investigação o mais viável ponto de acesso para reflexão que se pretende tomar.

Segundo Chizzotti (2001, p. 79), “a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”. Desse modo, buscamos apreender as circunstâncias de um contexto a partir daqueles que vivem esse contexto, procurando evocar na fala de sujeitos em ação aquilo que para si faz sentido.

2. SUJEITOS DA PESQUISA

Para Chizzotti (2001, p. 83), os sujeitos de uma pesquisa são aqueles que “identificam os seus problemas, analisam-nos, discriminam as necessidades prioritárias e propõem as ações mais eficazes”. Com este propósito os critérios para seleção de 10 (dez) estudantes universitários foram a sua renda *per capita* familiar de até três salários mínimos¹ que estiveram ou estão inseridos em algum programa do governo federal para as famílias de baixa renda, moradores da residência estudantil da Universidade Federal Rural - Unidade Acadêmica de Garanhuns e matriculados a partir do 5º período de graduação ou 4º período das licenciaturas, ou seja, à metade do curso. O primeiro estudante entrevistado seria indicado pelo setor responsável por viabilizar as entrevistas dentro do Campus e seguindo uma sequência o último a ser entrevistado indicava o próximo, ressalvada sua condição socioeconômica e os demais critérios de participação. A principal intenção deste tipo de indicação é que teríamos mais oportunidades de ir direto ao estudante, que reconhecidamente pelos seus pares, se insere em condições socioeconômicas difíceis ou possui alguma particularidade marcante em sua trajetória acadêmica.

Não estão aqui previstos limites de gênero, idade, raça ou designação de curso para escolha dos participantes. A maior indicação para participação na pesquisa é ser estudante do ensino superior e economicamente considerado de baixa renda. Para

¹No Brasil, o salário mínimo é de 954 reais, correspondente a uma média de 252 euros comerciais, no câmbio www.melhorcambio.com de 10-05-2108 as 10h, no valor de €4,24 para cada R\$ 1,00.

classificação, a partir da distribuição de renda, são realizadas pesquisas domiciliares com enfoque na origem da renda, a contar pelo trabalho, aposentadoria, pensões e algumas transferências sociais. Para os setores do governo, de baixa renda é aquele sujeito que tem renda mensal individual de até meio salário mínimo ou três salários geral na família. Dentro da Universidade Federal a identificação dos estudantes com baixa renda é feita de modo sistematizado por questionário socioeconômico, inclusive como indicador para moradia na residência estudantil.

Por uma iniciativa do Governo Federal para conhecer e identificar as famílias brasileiras em situação de pobreza ou extrema pobreza foi criado através do Decreto nº 6.135 de 26 de junho de 2007 o CadÚnico. Um sistema de Cadastro Único com informações relevantes para o Governo Federal, Estados e Municípios a fim de que as famílias de baixa renda possam gozar de benefícios dos programas sociais atentos ao seu nível socioeconômico. A inserção nesse banco de dados não garante a participação automática nos programas sociais, pois cada um deles têm suas próprias regras.

Dados do IBGE (2013), relativos aos anos de 2004 a 2009, dizem de uma melhora na distribuição de renda no Brasil, o que concorreu para uma diferença nos índices das desigualdades sociais. Para esta mudança, analistas consideram o período de crescimento econômico e geração de emprego, a valorização do salário mínimo e os programas de transferência de renda como fundamentais para aumentar o poder de consumo das famílias e, conseqüentemente, contribuir com o PIB (Produto Interno Bruto) do país.

Para os anos de 2002 a 2012, o IBGE (2013) aponta, no quadro do desenvolvimento, uma melhora no nível de renda de todos os extratos sociais. Em 2012 o primeiro quinto da distribuição apresentava uma renda de R\$ 186,00, o equivalente a 0,3 salário mínimo; o último quinto com R\$ 2.998,00 (4,82 salários mínimos), o salário mínimo nesta época correspondia a R\$ 622,00. Mesmo diante de um índice geral apresentando melhoras, a região Nordeste continuava neste período, com os maiores níveis de desigualdade na distribuição de renda, onde o último quinto chegava a receber 17,9 vezes mais que o primeiro, ou seja, nesta região persistem desigualdades extremas.

De acordo com a última síntese dos indicadores sociais da população brasileira, o IBGE (2016) aponta para uma estagnação da economia desde o ano de 2015, causando

um impacto na diminuição de renda da população e uma queda no consumo de -0,4%. Com uma progressiva melhora no desenvolvimento econômico, basicamente entre os anos de 2004 a 2014, o Brasil encontra-se hoje, em uma de suas piores crises, com intensos desgastes no âmbito político e margens de alta vulnerabilidade econômica e social. Atualmente, já não podemos ter por base os dados apresentados pelo censo 2010, pois nos últimos dois anos, houve o corte de diversos programas sociais e esta privação incidiu diretamente em setores como Saúde e Educação dificultando o acesso das populações carentes a bens e serviços de uma forma geral. Com o nível de transferências diminuído vê-se a volta de um estado de miserabilidade e vulnerabilidade sociais extremos.

O Índice de Vulnerabilidade Juvenil-IVJ (2017) aponta para uma alarmante perspectiva na vida dos jovens brasileiros com idade entre 15 a 29 anos, este grupo, que representa um quarto da população está na linha de frente entre as vítimas de violência letal. No entanto, não é todo e qualquer jovem com esta idade que figura nas estatísticas de homicídio, existe um perfil que predispõe ao risco em que os jovens negros, pobres e moradores das periferias estão ainda mais expostos. Tudo isto tem um peso para a qualidade de vida e desenvolvimento do jovem no Brasil, em que políticas públicas estejam voltadas para dirimir estas agravantes e as iniquidades de um percurso significativamente desfavorável.

Último país do mundo a abolir a escravidão, o Brasil conta com uma grande população negra que acabou ficando à margem socioeconômica, sobretudo, por essa condição de trabalho, o que levou, inevitavelmente a outros indicadores de vulnerabilidade social, como acesso e tempo de formação acadêmica, tipo de moradia e ocupação, a exemplo das disparidades salariais que afetam os negros quando comparados com brancos que desenvolvem o mesmo tipo de trabalho, uma espécie de segregacionismo invisível que acabou concentrando os negros em um lugar de intensa exclusão, com clara expressão de que o processo de escravização nunca acabou. Um fosso de desigualdades que separa brancos e negros, por questões claramente étnicas quando comparadas as mesmas condições socioeconômicas, ou seja, a cor da pele é indicador de inúmeras desvantagens, inclusive em ordem de violência letal. De acordo com IVJ (2017)

os jovens negros têm 2,71 maior probabilidade de sofrer fatalmente com a violência que os jovens brancos em uma média nacional.

Pernambuco, assim como a maior parte das Unidades Federativas da região Nordeste, figura com índice de alta vulnerabilidade de violência contra jovens. Segundo o IVJ (2017, p. 27) “doze estados brasileiros foram classificados como de alta vulnerabilidade juvenil à violência, sendo oito da região Nordeste e quatro da região Norte”. O campeão Nacional no índice de violência e desigualdade racial está também no Nordeste, o estado de Alagoas, seguindo todos os indicadores analisados: mortalidade por homicídio, mortalidade por acidente de trânsito, frequência à escola e situação de emprego, indicador de pobreza e desigualdade, risco relativo homicídios de negros e brancos. Desse modo, os jovens com idade dentro do padrão de referência pelo IVJ, sobretudo os pretos e pobres, simbolizam a vulnerabilidade à violência e estão, concentrados no Nordeste como região de maiores índices nos marcadores de desigualdade.

É para os sujeitos inseridos nestas condições sociais que voltamos nosso olhar. Estudantes dos meios populares e que ainda contam com a agravante de estarem em uma região do país que carrega a marca histórica de que ‘os pobres são mais pobres’, e as diferenças sociais são tragicamente mais visíveis.

O recorte da investigação ficou em conta do meio social dos sujeitos e do período do curso que faziam. Assim, foram contatados estudantes dos meios populares e que estivessem à metade ou mais do curso em qualquer das áreas oferecidas pela Universidade. Os estudantes entrevistados deviam ser moradores da residência universitária, casa onde ficam estudantes que comprovam menor renda, portanto, uma série de contenções necessárias à regularidade e fiabilidade da pesquisa.

2.1. Caracterização dos Sujeitos da Pesquisa

Nesta investigação temos um grupo constituído por dez estudantes da Universidade Federal Rural de Pernambuco-UAG são jovens com idades entre 19 a 29 anos, com moradia na residência estudantil localizada neste *campus* universitário, todos

estes estudantes são originários das cidades do entorno de Garanhuns a distâncias menores que 100 km desta cidade, a exceção de um deles que veio de uma localidade mais próxima à capital do Estado e 180 km distante de Garanhuns. Em âmbito geral dois fatores primordiais concorrem para que os estudantes morem na residência estudantil, um diz respeito a migração de outras localidades do país a fim do estudo neste *campus*, ficando impossível as idas e vindas para as aulas; o outro fator corresponde aos recursos socioeconômicos que impedem que estes estudantes arrendem um outro local de moradia enquanto cursam o ensino superior. A pensar nestas duas condições foi criado este recurso de acesso que funciona também como promotor de permanência na vida acadêmica, pois mesmo para os estudantes que moram nas cidades circunvizinhas as condições financeiras não permitiriam o pagamento diário do transporte. Os municípios do entorno de Garanhuns oferecem transporte gratuito aos estudantes nos horários da manhã e noite, no entanto, estes, muitas vezes, não são horários compatíveis com todos os cursos, a exemplo das aulas em Agronomia que são ministradas a tarde, desse modo, ou o estudante vem pela manhã e passa todo o dia na Universidade voltando no último ônibus da noite, o que lhe geraria a despesa da alimentação, ou esse estudante mora na cidade em casa de parentes, amigos da família ou outro tipo de agregação e que não precise pagar pelo aluguel, isto quando conhecem alguém que possa lhe ofertar a morada, mais uma vez isto se torna para muitos inviável, porque o campus da Universidade fica a uma distância considerável da maioria dos bairros residenciais, o que implica na despesa de locomoção, o que também requer uma renda que estes estudantes não têm.

Como plano de manutenção à vida acadêmica a residência estudantil objetiva oferecer moradia aos estudantes aliada a uma bolsa para manutenção das necessidades pessoais básicas como alimentação, transporte e aquisição de materiais subsidiários ao desenvolvimento acadêmico. Além do atendimento à saúde, com a oferta de assistência médica e odontológica aos residentes.

3. ENTREVISTAS EXPLORATÓRIAS

Com caráter exploratório, foram realizadas 3 (três) entrevistas com finalidades de ajustar as perguntas norteadoras desta investigação e conhecer previamente algumas características do meio e das condições de vida de estudantes vindos dos meios populares. Delas se faz um pequeno resumo que se encontra nos Apêndices 1, 2 e 3 do relatório de investigação. De acordo com Chizzotti (2001, p. 17) “a consulta a pessoas-fontes, como qualquer entrevista, depende muito da reparação prévia para se colher as informações relevantes sobre as questões fundamentais de uma pesquisa, em tempo breve, e registrar adequadamente as informações que se procura”. Foi construído um esquema simples de entrevista, mas que fosse capaz de revelar o tempo de duração dos encontros, as necessidades de adequação e projeção das questões, enfim, a intenção foi realizar um teste do instrumento de coleta para conhecer possíveis interferências e assim poder corrigi-las habilmente. Isto constituiu um apoio essencial para melhoria do instrumento de investigação do ponto de vista estrutural e qualitativo.

Ainda de acordo com Chizzotti (2001, p. 81) “a identificação do problema e sua delimitação pressupõe uma imersão do pesquisador na vida e no contexto, no passado e nas circunstâncias presentes que condicionam o problema”. Com isso, pudemos também buscar os ajustes do nosso problema de investigação, uma vez que caminhamos de facto pelo campo da pesquisa, em contato com aqueles para os quais voltamos nosso interesse.

Para apresentação e análise nesta tese entrevistamos dez (10) estudantes moradores da residência estudantil da UFRPE-UAG, este número de entrevistas foi avaliado a partir de uma necessidade quantitativa que cumprisse nossos objetivos, inclusive metodológicos, considerando o material levantado nas entrevistas exploratórias, percebeu-se que dados significativos poderiam ser suficientemente encontrados com um número de dez entrevistas. Um outro ponto a ser considerado é que temos um *lôcus* que a partida tem sua limitação, sujeitos moradores da residência estudantil; além do critério período do curso, estes deviam estar depois do 5º período; assim como, captar mais estudantes com estas características demandaria mais tempo quanto a tomada de sua entrevista, pensando nos curtos intervalos de aula e outras atividades de pesquisa e

extensão com os quais estes estudantes estão envolvidos, sobretudo, porque estar inserido nesses programas de estudo, também resulta no recebimento de bolsas necessárias a complementação da renda. Portanto, todas estas condições acabaram sendo responsáveis pela delimitação em dez estudantes nesta Unidade de Ensino.

A captação das entrevistas foi feita por meio de gravador de voz, após uma breve apresentação pessoal e do tipo de investigação, seguindo a assinatura do termo de consentimento pelo entrevistado. Com uma duração média de 1h30 minutos a entrevista foi encerrada com a possibilidade de um encontro para devolutiva de todo resultado em data posterior. Procedida a uma transcrição *ipsi literis* das falas a edição desse material seguiu apenas uma organização ortográfica do texto, preservando, contudo, até mesmo, as expressões populares e regionais, os marcadores de interação próprios da oralidade e outras nomeações naturalizadas pelo diálogo.

Em virtude do caráter confidencial da investigação os nomes dos entrevistados estão relacionados às personagens das obras de Machado de Assis, escritor e romancista brasileiro de grande destaque pela qualidade literária, mesmo tendo frequentado por pouco tempo a escola, de origem muito pobre, filho de um pintor de paredes e de uma lavadeira. Machado foi um dos fundadores e presidente da Academia Brasileira de Letras. Consideramos assim, que esta é uma figura emblemática nos propósitos de nossa investigação, o sujeito que saído de uma realidade social de imenso sacrifício, conseguiu sobreviver às intempéries da vida, ajustar-se a uma vida acadêmica possível, e, ainda, firmar seu nome internacionalmente com um legado literário gigantesco, em obras e qualidade.

A técnica na seleção para participação, foi a indicação do último entrevistado, portanto, aquele que passava pela entrevista indicava um colega, que com os requisitos necessários, seria o próximo a ser entrevistado, informava um número de telefone para contato e assim, dava-se prosseguimento à marcação de dia e horário possível, sempre com atenção aos horários de aula para que os estudantes não sofressem qualquer perda pedagógica.

Para todos os estudantes contatados, a contribuição foi unânime, não houve nenhuma negação ou desistência, pelo contrário, a participação nas entrevistas foram

todas com muito entusiasmo, tanto em poder ajudar na realização de uma pesquisa, quanto em ver suas histórias como foco de interesse científico. Alguns alertaram para o facto de falarem demais e poder chorar ao relatarem as suas histórias, inclusive foi o que aconteceu com grande parte destes estudantes, o choro, assim como o riso foram representantes das diversas emoções atravessadas nas lembranças, que com muita certeza, nesse momento, foram revividas. O facto destes estudantes poderem ser ouvidos por alguém que se interessa por suas histórias, além dos colegas de curso, que nem sempre reconhecem aquelas experiências por virem de realidades sociais muito diferentes, funcionou para eles um movimento catártico ou pelo menos em um instante pontual poderem organizar afetivamente suas memórias a partir da nomeação das lembranças para muitos reprimida. Em virtude da atenção e respeito ofertados a este diálogo as entrevistas transcorreram com total empatia.

4. *LÓCUS DA INVESTIGAÇÃO*



Fonte: sescpe

Esta investigação inicialmente seria realizada com 10 estudantes universitários distribuídos em duas Universidades públicas do Estado de Pernambuco, sendo uma administrada pelo governo do Estado, e outra de administração da esfera Federal, localizadas na cidade de Garanhuns, região agreste do interior do Estado. No entanto, depois do processo de qualificação do relatório de investigação, analisamos que por uma melhor homogeneização dos sujeitos a partir dos seus cursos e as condições de acesso,

seria mais assertivo a opção pela Universidade Federal Rural - UAG, a lembrar que os sujeitos com perfil para nossa investigação se encontram em residência estudantil no *campus* universitário.

Um fato a ser considerado é que o estado de Pernambuco está localizado na grande região Nordeste que assim como o Centro-oeste, continuam com alto nível de desigualdade de renda, superiores aos níveis do próprio país que nos últimos anos teve uma melhora em suas condições de distribuição. Dados do IBGE (2014) apontam que enquanto em 2013 o Brasil estava na posição de 0,501 estas regiões apresentavam os patamares de 0,509 e 0,519, respectivamente. Portanto, investigar estudantes dos meios populares no estado de Pernambuco, corresponde a descrever um contexto de imensas necessidades e menores possibilidades de inserção em melhores condições, em relação a Estados das outras regiões do território brasileiro. Portanto, é no contexto de uma região com enraizadas desigualdades sociais que esta investigação acontece.

Especificamente com relação à cidade de Garanhuns podemos dizer que esta é uma cidade localizada no agreste meridional do Estado de Pernambuco, a uma distância de 231 km da capital, Recife. Garanhuns possui uma interessante particularidade com relação ao seu clima, pois mesmo em uma região quente, suas temperaturas são sempre amenas em relação às cidades do seu entorno, além do registro de 13° no inverno. Por isso, chamada por alguns de Suíça pernambucana, somada a beleza dos seus jardins, Garanhuns, a cidade das flores, é considerada uma referência, sobretudo pelo polo médico e universitário que possui. São duas grandes Universidades públicas, quatro faculdades de ensino privado, sendo três delas de expansão nacional, além de algumas outras extensões universitárias que oferecem cursos na modalidade presencial, semipresencial e à distância, os chamados cursos com formação *online*. A economia funciona em torno da agropecuária, o que faz movimentar seu comércio. Apesar de alguns investimentos no setor do turismo, a cidade ainda está relegada a um único período, pelo atrativo do seu clima diferenciado, vivencia um Festival de Inverno que apresenta no mês de julho nomes da música e cultura nacionais e regionais, além de amostras da sua culinária e desenvolvimento artístico. Mesmo com esforços para validar sua importância no cenário

regional, Garanhuns ainda é uma pequena cidade interiorana que oferece pouco aos jovens em sentido de mercado de trabalho.

Universidade Federal Rural de Pernambuco
Unidade Acadêmica de Garanhuns/UAG

A Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE tem uma história de mais de cem anos na formação de profissionais para o setor agrícola, e na última década, com cursos voltados para as Ciências Sociais e Humanas. Sediada no Recife, capital do Estado de Pernambuco, a UFRPE foi a primeira das Universidades Federais brasileiras a passar pelo processo de extensão do seu polo para os interiores. Hoje conta com *campis* avançados no Litoral, Zona da Mata, Agreste e Sertão.

A unidade do Agreste foi a primeira extensão universitária do país quanto à expansão das Universidades Federais para os interiores. A Unidade Acadêmica de Garanhuns – UAG foi inaugurada em 2005, pelo então presidente Luís Inácio Lula da Silva, que inclusive viveu parte de sua infância nessa região. A UAG conta com os cursos de Agronomia, Zootecnia, Medicina Veterinária, Ciência da Computação, Engenharia de Alimentos e as Licenciaturas em Pedagogia e Letras, estes pensados de acordo com as características locais, tendo em vista que o programa de extensão da Universidade visa a contribuir com o desenvolvimento regional. Os objetivos seguidos pela UAG são o aumento contínuo das vagas no Ensino Superior e uma formação voltada à preparação de cidadãos que acompanhem a evolução social e tecnológica, oferecendo uma estrutura com ferramentas e técnicas modernas de modo a impulsionar a constituição do conhecimento. Na instituição encontram-se estudantes de Pernambuco e Estados vizinhos, contando com um alojamento de apoio ao estudante que comprova uma baixa renda através do enquadramento institucional realizado pela análise de um assistente social.

O Enem foi adotado por esta IFES como forma única de ingresso desde o ano de 2009, deste modo, o estudante presta o Exame Nacional do Ensino Médio fazendo a opção por três cursos oferecidos naquela Universidade, mediante sua aprovação fará parte de um *ranking* a ser utilizado para acesso aos cursos. Dos sete cursos oferecidos nesta

Unidade, somente dois são ofertados no período noturno (Ciência da Computação e Letras).

Em 2018 foi lançada a V Pesquisa Nacional do Perfil do Graduando-2018 a fim de traçar o perfil socioeconômico e cultural dos estudantes das instituições federais de ensino superior, cujo objetivo principal é realizar um comparativo entre as realidades apresentadas pelos estudantes em outras edições da pesquisa. Esta investigação é essencial para formulação de políticas para o ensino superior no Brasil e sobre quem é o discente que hoje compõe as universidades públicas federais no país, a fim de subsidiar elementos no suporte aos estudantes, principalmente porque se constitui a nível nacional com a realização da pesquisa nas 63 Universidades Federais brasileiras. Até o fechamento desta tese não havia sido completada a análise dos dados desta versão mais recente da pesquisa. Neste caso, podemos apenas oferecer elementos disponíveis da pesquisa anterior, correspondente ao ano de 2014.

Os dados relativos aos estudantes das Universidades Federais com base na IV Pesquisa sobre o perfil Socioeconômico e Cultural dos graduandos das Instituições Federais brasileiras indicam que até 2014, a universidade apresentava-se feminina e cada vez mais popular e negra. Perfil validado por um processo de democratização do acesso, a partir de programas sociais, sobretudo o Sisu (Sistema de seleção unificada) e a Lei de Cotas. A pesquisa abrange nove temas: 1- Identificação e Perfil Básico; 2- Moradia; 3- Família; 4- Trabalho; 5- Histórico Escolar; 6- Vida Acadêmica; 7- Informações Culturais; 8- Saúde e Qualidade de Vida; e, 9- Dificuldades Estudantis. Estas grandes temáticas tentam identificar a vida do estudante universitário das instituições federais de ensino superior, desse modo, cada um dos tópicos traz informações primordiais para uma leitura fundamental sobre o passado das universidades federais, o presente e o futuro, no que concerne à abrangência e contribuição social destas instituições. Tanto na diminuição das desigualdades quanto ao acesso de todos ao ensino superior, e ainda a promoção de políticas de manutenção dos estudantes, sobretudo dos meios populares, neste espaço.

Como campo de nossa investigação abordaremos os dados relativos à região Nordeste, que também apresentou, em relação às outras regiões, singularidades pertinentes a serem descritas. Dentre elas está a participação das mulheres nas

universidades federais que em âmbito geral teve acréscimo de 7 pontos percentuais (p.p.) de diferença em relação aos homens no período de 1996 a 2014, enquanto que no Nordeste esse nível não correspondeu ao mesmo crescimento, apresentando uma redução gradual no decorrer dos anos. Com um resultado mais feliz está no Nordeste (28,21%) a segunda maior contingência de estudantes das universidades federais, atrás apenas da região Sudeste (30,55). Dadas as estimativas totais, está também no Nordeste a maioria dos estudantes nas duas pontas etárias, são 41,44% dos graduandos com 17 anos e menos e 28,71% daqueles com 25 anos e mais, ou seja, passam pelas universidades do Nordeste tanto estudantes recém-saídos do ensino médio, como aqueles que, pela idade, não é frequente que inicie o ensino superior. Na mesma região, a renda familiar mensal per capita média dos graduandos que ingressaram em 2009 ou menos (R\$ 937,4) é maior do que a de quem ingressou em “mais de 2009 a 2011” (R\$ 729,9), que, por sua vez, supera a renda dos que ingressaram depois de 2011. Neste item percebe-se que o ingressante de até 2009 gozava de melhor situação financeira em relação aos anos subsequentes, principalmente daqueles que ingressaram no período pós 2011, temos mais estudantes dos meios populares com acesso à Universidade.

Ainda de acordo com a região Nordeste, no item relacionado ao nível de renda familiar *per capita* dos estudantes das universidades federais a IV Pesquisa do Perfil do Graduando das IFES infere que quase 46% dos graduandos pertencem à faixa de até meio salário mínimo, 22% à faixa mais de meio a um salário mínimo, 19% à faixa mais de um a dois salários mínimos, 9% à faixa mais de dois até três salários mínimos, enquanto que menos de 4% estão nas faixas de renda per capita acima de três salários mínimos. Nesta região, apenas 1,08% dos graduandos declarou não ter renda (2016, p. 23). Isto quer dizer que na região indicada a parcela mais robusta dos estudantes é constituída por sujeitos dos meios populares, inclusive aqueles com renda familiar muito baixa, como a referência dos dados é de 2014, certamente estas famílias estavam inseridas nos programas sociais indicados para esta população, como o projeto Bolsa Família, do programa Fome Zero.

A pesquisa das Universidades Federais, com abrangência de 20 anos, oferece uma imagem importantíssima para compor o quadro do ensino superior público no Brasil neste período, assim como, uma visão necessária do que as políticas de acesso e manutenção,

instituídas na última década, foram capazes de realizar em termos de diminuição das desigualdades no acesso ao ensino superior, como também, na equiparação dos diversos perfis de estudantes, brancos, negros, homens, mulheres, pobres e classe média, além de algumas particularidades, como a frequência de pessoas não tão jovens e também dos meios rurais.

É dentro de todo este contexto que se insere a UFRPE - *Campus* Garanhuns, um espaço fundado por diversos pioneirismos, a primeira extensão universitária, a primeira universidade de ensino público a oferecer cursos para além das licenciaturas na cidade, a primeira a oferecer a oportunidade aos estudantes do interior e espaços rurais a fazer uma formação em áreas utilizadas e necessárias à região. Exatamente por ocupar um lugar tão distinto que hoje a UFRPE-UAG passa por um processo de autonomia, deixando de ser uma extensão para tornar-se uma unidade independente. Com sanção presidencial o campus Garanhuns será desmembrado da UFRPE sendo emancipado com o nome de Universidade Federal do Agreste de Pernambuco – UFAPE, a partir de um desejo da própria unidade e decidido em plebiscito interno pela comunidade acadêmica, isto aumenta seu poder de ampliação, nos cursos ofertados e no número de estudantes e profissionais beneficiados com a abertura dessas margens, além de tornar-se uma gigantesca referência para região.

5. PROCEDIMENTOS PARA A RECOLHA E ANÁLISE DOS DADOS

Como procedimento na recolha dos dados, foi realizado um primeiro contato com as Universidades públicas, previamente escolhidas, a fim de indicar os objetivos da investigação e traçar um planeamento de como seriam encontrados os estudantes dos meios populares e a partir de que recursos a Universidade identifica estes sujeitos. A Universidade Federal Rural-UAG possui instalações de moradia para os estudantes de menor renda, para entrada na residência estudantil os alunos passam por uma seleção através de um questionário socioeconômico aplicado pelo setor de Comissão e Gestão estudantil, a fim de identificar as maiores necessidades de moradia, comumente a procura é feita por estudantes que vêm de outras cidades e que precisam morar no local da

Universidade. Estes alunos recebem ainda uma ajuda de custo em dinheiro para que possam subsidiar sua estada na Universidade em termos de alimentação e transporte, o que demarca ainda mais suas necessidades financeiras, ou seja, o estudante alojado na residência estudantil, de facto é aquele que possui condições econômicas mínimas. Com finalidade de subsidiar a manutenção financeira do estudante e sua permanência na Universidade, a residência tem se mostrado para muitos estudantes o único meio que favorece seu processo de formação acadêmica. Na UAG são duas residências, dividindo-se em masculina e feminina, ambas com capacidade para receber 40 estudantes e situadas dentro do próprio *campus* universitário, servidas de sala, banheiros, cozinha, área de convivência e quartos onde se alojam 5 pessoas em camas do tipo beliche (cama dupla). A cada semestre novas seleções são realizadas para o processo de ingresso na residência.

O primeiro contato com esta Unidade de Ensino Superior para pedido de autorização da investigação foi feito na Pró-reitoria de Gestão Estudantil - Progest, especialmente na sala das assistentes sociais e psicólogo, denominada de Cogest – Comissão de Gestão Estudantil, inclusive o setor que identifica os estudantes de menor renda e responsável pelo processo de seleção dos universitários concorrentes às bolsas e auxílios de assistência estudantil, dentre eles a residência, que é feita através de questionário socioeconômico, análise documental, entrevista e visita ao domicílio do estudante solicitante do benefício.

Após esse primeiro contato, a assistente social viabilizou todos os encaminhamentos necessários do nosso relatório de investigação aos demais setores administrativos para sua anuência. Por fim, a direção administrativa encaminhou à Comissão de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal Rural de Pernambuco que em sua resposta indicou a necessidade de cadastro da pesquisa e seu relatório de investigação no Comitê Nacional de Ética, a Plataforma Brasil. Dada ciência desta exigência através da assinatura no processo de requerimento de autorização, foi feita a inclusão da folha espelho de cadastro na respectiva Plataforma, aguardando deferência da Comissão de Ética da Universidade para que assim, o diretor administrativo da Unidade se posicionasse acerca do pedido. Esperado todo o trâmite do processo que se iniciou nestes termos, em novembro de 2017, em abril de 2018 teve sua autorização final

concedida pelo diretor administrativo a partir de anuência da Comissão de Ética da Universidade tendo em vista a juntada de documentos necessários e exigidos por esta instância.

Dado o ciente da autorização final através de assinatura nas folhas do processo, voltamos ao Progest que ficou responsável por mediar o acesso aos estudantes através do psicólogo. Em um encontro presencial foram acertados todos os detalhes para início das entrevistas, a exemplo da disponibilidade de uma sala com dias e horários previamente agendados e identificação do primeiro estudante a ser entrevistado. Desse modo, a primeira entrevista ocorreu às 12h do dia 19 de abril, com uma estudante convidada à participação pelo psicólogo e foi esta, que a partir de então, passou a indicar outros colegas com perfil para os requisitos de participação na investigação. Assim, o último a ser entrevistado indicava o próximo, com base tanto nos requisitos de participação quanto na proximidade com os pares, aqueles que por vezes fazem juntos o mesmo período do curso, dividem com certeza a mesma moradia, talvez compartilham o mesmo quarto e em seus relatos têm histórias de vida com muitos pontos em comum. A última entrevista se deu às 18h do dia 14 de maio com um estudante do nono período do curso de Agronomia, que segundo o colega que o indicou iria gostar de participar, pois tinha muito interesse nesta área temática. Toda marcação de horários precisava estar atenta aos horários de aula dos entrevistados, mesmo morando no *campus* universitário, estes estudantes têm muitas atividades a cumprir, principalmente porque em sua maioria participam de projetos de pesquisa e extensão acadêmica.

A técnica utilizada na recolha das informações prestadas foi a entrevista semiestruturada com os estudantes identificados pela menor renda, sendo uma excelente oportunidade de interação, incorrendo em um modo espontâneo com que as informações foram surgindo. Dito por Lüdke e André (1986, p. 34) “a entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção da informação desejada”. As entrevistas foram realizadas por aparelho gravador, nas dependências da Cogest, sempre que esta sala estava disponível quanto aos horários de funcionamento deste setor, sendo necessário que duas entrevistas se realizassem em outro local, uma delas em outra sala do mesmo prédio, a segunda, e por sinal mais demorada,

em sala do prédio II. Todas as entrevistas obedeceram a um guião, previamente concebido e testado, junto de um estudante não participante do grupo de pesquisa, tendo como *background* os enfoques da revisão teórica, nesta temática, os objetivos da pesquisa e a experiência e vivências da investigadora.

Quanto à análise dos dados, esta foi feita a partir da transcrição das falas captadas por gravação e localizadas em categorias de análise. Todo o material foi trabalhado nas bases teórico-metodológicas da análise de conteúdo de Bardin (2016), depois de uma pré-análise dos documentos coletados em entrevista. Este constitui um método bastante complexo, pois dele foram depreendidas todas as informações necessárias à tessitura deste estudo. Foi realizada, em primeiro, uma leitura flutuante, para avaliar das possibilidades de análise e depois, de acordo com os enfoques teóricos sobre esta temática, os objetivos do nosso estudo, já contemplados no guião da entrevista, e a nossa experiência de campo, dividiu-se o conteúdo em unidades de registro (proposições), agregando-as posteriormente em categorias e subcategorias, respeitando as características de coerência, homogeneidade, exclusividade e exaustividade. Segundo Chizzotti (2001, p. 98), “o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”.

PARTE IV - APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

1. APRESENTAÇÃO DOS DADOS

O eixo central deste trabalho é a apresentação, análise e reflexão do percurso acadêmico dos estudantes dos meios populares, para além da apresentação de trajetórias acadêmicas exitosas evidenciamos histórias empreendidas com muita dificuldade, em que dez jovens buscam romper com a tradição de insucesso escolar, injustiças e desigualdades sociais comum ao seu contexto, para ascender a um lugar do qual não faziam parte, sobretudo, dentro de um ensino seletivo e restrito.

A descrição dos dados segue por uma categorização baseada nas linhas de análise da temática. Aqui são apresentadas trajetórias de um processo de escolarização, mas também, aspectos da vida dos estudantes entrevistados, particularmente, aquelas histórias que interferiram no processo escolar. Nestas dez entrevistas muitos aspectos se assemelharam, assim como se distanciaram no sentido das trajetórias, das estratégias mobilizadas à manutenção escolar, dos apoios recebidos e do sentido atribuído aos saberes acadêmicos. Estas minúcias aqui apresentadas através das histórias partilhadas nos fizeram lembrar de caminhos pelos quais passamos, em uma intensidade que talvez não esperávamos, ou seja, analisar estes percursos materializaram a nossa investigação, mas também, identificaram pontos de uma trajetória comum.

Embora o tempo de duração das entrevistas tenha sido parecido, a história de Brás foi bem extensa pela forma mais rápida como ele fala e com menores espaços, é como se suas lembranças estivessem vivas e com palavras definidas para cada experiência, ao contrário dos demais que recorriam mais a memória, deixando o discurso por vezes dependente de maior tempo.

Assim, apresentamos as trajetórias acadêmicas de Capitu, Helena, Flora, Marcela, Lívia, Sofia, Escobar, Brás, Jacó e Aires, jovens originários dos meios populares que seguiram uma escolaridade extensa, ingressaram em uma Universidade de prestígio e estão a metade de uma formação no Ensino Superior. Cada um destes indicadores já considerados como condição de êxito, se avaliado o contexto do qual vêm estes

estudantes, não apenas de carências socioeconômicas, mas também com intensa falta de oportunidade e acesso característicos do meio rural. Portanto, aqui estão apresentadas histórias anônimas e de diferentes famílias, mas com muitas convergências, seu fio condutor é um contexto economicamente pobre, mas absurdamente farto de esforços, garra, e atitudes de superação, singularmente identificados como condição de resiliência.

Nesta apresentação observamos uma categorização que deu sustentação ao diálogo desde a captação das entrevistas até a análise final dos dados, pelos quais estão descritas em quatro categorias gerais: o perfil dos entrevistados, onde são levantadas subcategorias com seus dados pessoais, acadêmicos e sociofamiliares; a segunda categoria se inscreve no processo de escolarização, onde se estabelecem subcategorias acerca dos três níveis de ensino (fundamental, médio, superior); a terceira categoria versa sobre os apoios recebidos pelo estudante ao longo de sua trajetória, sendo necessário que subcategorias dessem sustentação a este grupo de análise, (a concomitância com o trabalho, os suportes acadêmicos, afetivos, familiares, comunitário, escola como ascensão social e o sentido atribuído ao conhecimento); a quarta e última categoria aborda a condição de resiliência, onde as subcategorias (atitudes de superação, capacidades que se atribuem) viabilizam a compreensão desta unidade geral. Abaixo estão descritas genericamente cada uma das categorias e seus principais objetivos.

Perfil do entrevistado, com as subcategorias dados pessoais, dados acadêmicos e dados sociofamiliares, tentamos construir as principais referências sobre quem é o sujeito que entrevistamos, suas experiências como estudante, mas também, qual a sua origem familiar, como se inscreve em sua história a relação com a vida, a família e a escola.

O processo de escolarização, abordando os três níveis de formação no ensino fundamental, no ensino médio e no ensino superior com a Universidade. Aqui buscamos identificar, a partir destas subcategorias, como se deu o percurso acadêmico desde a escolaridade básica, até os impactos sentidos com o ingresso na Universidade. Os impactos da entrada na Universidade são sentidos por uma série de contingências que vão desde a qualidade de formação no ensino básico, muitas vezes considerada ineficiente, passando pela falta de suporte pedagógico recebido, até a vivência solitária do mundo

acadêmico, não encontrando na família ou amigos os apoiadores neste movimento de distinção dos saberes partilhados em sua comunidade de origem.

Todas as análises acabam sendo atravessadas por esta categoria, sendo pedido aos estudantes que ao narrar suas histórias não percam de vista suas experiências escolares, das simples às complexas, nada fácil em tirar da memória as mais resguardadas ou traumáticas, mas todos os detalhes seriam preponderantes para construção desta categoria.

Os apoios, com esta categoria pretendemos reunir dados que descrevam os suportes recebidos pelo estudante ao longo de sua escolarização, assim como, se houve a realização do trabalho e do estudo durante este período, pois este acaba sendo o caminho mais comum aos sujeitos de origem popular, o desenvolvimento de um trabalho que age como suporte econômico até mesmo para manutenção da escolaridade. Além desta, são subcategorias o suporte acadêmico, familiar, afetivo e comunitário. Com estas subcategorias buscamos analisar os modos pelos quais as famílias, quer seja na figura dos pais, ou quaisquer outros membros, se implicaram na formação acadêmica do filho ou desenvolveram algum tipo de apoio para este fim, nem que seja pela transmissão do desejo e ou valorização da cultura acadêmica. Mesmo que não seja o objetivo principal, talvez compreenderemos ainda, os padrões de relação familiar e como funciona sua dinâmica educativa. Esta categoria foi pensada com base na superação das dificuldades mais imediatas e nos incentivos contínuos recebidos dos mais diversos contatos que serviram como suporte a circunstâncias diretas ou indiretas no processo de escolarização através dos seus níveis. Com relação à vivência comunitária, pensamos que esta se constitui em uma categoria que identificará as inter-relações sociais e de que forma a comunidade destes jovens está engajada em uma vivência política, assim como, sua própria família mantém os referenciais culturais, políticos, ideológicos e éticos ante os ideais de coletividade nutridos no seio de um algum movimento. Muitas vezes é a comunidade que mobiliza lutas e conquistas, a partir de um desejo comum ou modos de pensar que atribuam valor aquele povo.

Ainda como subcategorias dos apoios falamos da escola como ascensão social e dos sentidos atribuídos ao conhecimento escolar e como eles podem estar engajados na

vida destes estudantes que buscam na escola uma forma de mobilidade social combinada a uma distinção familiar, pois no mais das vezes são os únicos a atravessar a escolaridade básica e ingressarem no ensino superior. A função que o conhecimento desempenha na vida de cada um dos sujeitos sociais é alguma coisa conhecida, no entanto, o sentido atribuído a este conhecimento independe, difere em forma e intensidade nos diversos meios sociais, pesquisas apontam que não será preciso uma dada formação, nível de instrução ou classe social para atribuição de valor ao trabalho acadêmico. Os saberes escolares são confrontados em diferentes contextos que deles fazem uso sempre e a cada tempo em novas e velhas configurações. Constitui imenso equívoco acreditar que os sujeitos dos meios populares são desprovidos de interesse pela cultura letrada, teorizar acerca dos défices cognitivos dos pobres é um engano.

A condição de resiliência, apoia as subcategorias atitudes de superação e capacidade que o estudante se atribui. Esta categoria visa à observação das atitudes que o estudante teve perante os movimentos de exclusão escolar, dificuldade de socialização, desrespeito às diferenças, atos de violência praticados pela instituição escolar ou seus atores, seja ela latente ou simbólica, enfim, toda e qualquer falta de apoio pedagógico, econômico e afetivo que pudesse tê-lo feito desistir deste espaço por não alcançar os objetivos institucionais ou não resistir às situações com este teor. A categoria aqui indicada visa compreender o padrão afetivo como suporte para o manejo de tantas situações de sacrifício ou que demandavam uma atitude emocional significativa na superação de faltas, carências de toda ordem. Enfim, esta categoria evidencia as atitudes mobilizadas no sentido do planejamento, na construção de estratégias que sanassem dificuldades imediatas ou que propusessem perspectivas futuras quanto ao processo de escolarização básica ou de integração no Ensino Superior. Aqui vemos evidenciadas também, quais as prioridades estabelecidas em cada circunstância da vida acadêmica e como foram mobilizados os recursos no enfrentamento das barreiras surgidas.

Estas quatro grandes categorias estruturam nossa investigação e organizam os dados dos quais depreendemos nossas análises. Como tecido para construção destas classes foi necessária a abordagem de temas que se relacionam diretamente com a categoria de análise, a exemplo do processo de escolarização e a necessidade de falar

sobre a escola e a universidade como elementos de grandes significativos, assim também ocorreu com relação à categoria dos apoios e sua fundamentação no trabalho, na família, na comunidade e no conhecimento como instrumento de ascensão social e dado da realidade escolar; por fim, a condição de resiliência evidenciada nas atitudes de superação e capacidades que estes estudantes se atribuem para que fosse possível suplantar as dificuldades. Portanto, aqui faremos a apresentação de trajetórias acadêmicas de sucesso, a partir de quatro categorias que se desmembraram em outras classes de suporte para uma análise mais profunda e detalhada dos objetivos pretendidos, evidenciando estudantes de origem popular que venceram a blindagem social e acessaram a um lugar que para si é estatisticamente improvável.

1.1. Perfil dos Entrevistados

NOME FICTICIO	IDADE (anos)	ETNIA	ZONA DA CIDADE DE ORIGEM	IDADE DE INGRESSO NA UFRPE	TENTATIVA DE SELEÇÃO AO ENSINO SUPERIOR	CURSO	POSIÇÃO NA FRATRIA	PERDA DE ANO LETIVO	PROFISSÃO		ESCOLARIDADE	
									PAI	MAE	PAI	MAE
Capitu	29	Branca	Rural	27	4	Agronomia	7ª	Sim	Agri.*	Agri.*	EF I=	EF I=
Flora	22	Branca	Rural	19	1	Agronomia	3ª	Não	Agri.	Agri.	NL+	NL+
Helena	23	Negra	Rural	19	1	Zootecnia	3ª	Sim	—	Agri.	EM-	EF I=
Marcela	23	Parda	Rural	21	4	Agronomia	3ª	Não	Agri.	Agri.	EF I=	EF I=
Lívia	20	Parda	Rural	17	1	Letras	4ª	Não	Agri.	Agri.	EF I=	EF I=
Sofia	21	Parda	Rural	19	2	Pedagogia	4ª	Sim	Agri.	Doméstica	EF I=	EF I=
Escobar	20	Parda	Rural	17	1	Agronomia	Único	Não	Agri.	Falecida	EF I=	EF I=
Brás	24	Pardo	Rural	22	2	Agronomia	2º	Não	Agri.	Falecida	NL+	NL+
Jacó	21	Pardo	Rural	18	1	Agronomia	3º	Sim	Agri.	Agri.	EF I=	EF I=
Aires	25	Indígena	Rural	22	1	Agronomia	3º	Não	Agri.	Cozinha	EF I=	EM-

*Agricultor = Ensino Fundamental - Ensino Médio + Não letrado

Os dez estudantes entrevistados em nossa investigação dividiram-se em seis (6) mulheres e quatro (4) homens, com faixa etária média de 24 anos, sendo a menor idade de 19 e a maior de 29 anos. Um perfil comum aos entrevistados mostra o curso de Agronomia, nas Ciências Agrícolas, como um número significativo, mesmo que esta não tenha sido nossa intenção ou critério de escolha. Outro aspecto de semelhança e na verdade, unânime, foi relativo à profissão do pai, todos agricultores, quanto às mães

houve apenas uma exceção à mesma profissão. A residência de origem também mostra unanimidade, todos os jovens entrevistados vêm de áreas rurais do Estado de Pernambuco. O que vem ratificar a importância desta Unidade de Ensino para região, e, sobretudo, o programa de bolsas e auxílios que tornam viável a manutenção dos jovens do meio rural na Universidade. Além da profissão, a escolaridade dos pais também não divergiu significativamente, mesmo estando a mulher à frente da escolaridade dos homens, somente uma apresentou o Ensino Médio completo. O que prevaleceu foram pais com pouca ou nenhuma escolaridade. Dentre os irmãos, estes estudantes são os primeiros e únicos a ingressarem na Universidade, com apenas dois casos em que os irmãos também chegaram à Universidade, no entanto, em faculdades particulares ou estadual. Na família de Capitu outros irmãos chegaram ao ensino superior, mas somente ela em uma Universidade Federal, assim como, no caso de Aires, em que a irmã foi bolsista em uma faculdade particular.

Por unanimidade todos fizeram seu ensino básico na escola pública, assim como vêm de áreas rurais e têm seus pais agricultores. Apesar de em alguns casos ter havido reprovação de disciplina na Universidade, somente em um caso houve perda de um ano por essa questão, agregada ao fator financeiro, nos demais casos, os estudantes deram seguimento e conseguiram recuperar em períodos posteriores as disciplinas pendentes, ou seja, não ocorreu reprovação de período, à exceção de Flora, que na verdade não repetiu o período, ela fez o trancamento por não haver suporte econômico para dar continuidade sem o auxílio da bolsa residência, havendo ainda, o condicionante de uma reprovação.

Quanto à etnia houve a representação de uma diversidade, algo considerado bom, pela oportunidade a grupos ainda distantes da realidade do ensino superior público no Brasil, que são os negros e indígenas, portanto, tivemos brancos, negros, pardos e indígenas distribuídos pelos dez entrevistados de nossa investigação. A maior representação destes estudantes entrou na Universidade em sua primeira seleção de ingresso, assim como, não se distanciaram do término do ensino médio para esta entrada, ou seja, assim que terminaram este nível de ensino, já ingressaram na Universidade e com idades bem aproximadas de um número comum para o término da escolaridade básica, quando sem reprovações. Somente dois casos chamaram a atenção quanto ao número de

tentativas à seleção, ambos com quatro tentativas. No primeiro, havia a aprovação nas seleções feitas, mas não cursava por impedimentos financeiros. Somente o segundo caso foi por nota insuficiente para seleção do curso indicado.

Portanto, temos um grupo de estudantes prioritariamente das Ciências Agrícolas, vindos de diferentes cidades do Estado de Pernambuco, porém, todos das regiões rurais, um dos rapazes já é casado e com filho; e outro, estava com a namorada grávida de três meses até a data da entrevista. Vemos que suas vidas não estão entrelaçadas apenas pelas componentes financeiras precárias, mas outras questões levam a semelhanças que compõem histórias de superação e condições de resiliência evidentes em diversos pontos de sua trajetória.

2. ANÁLISE DOS DADOS, POR CATEGORIAS

Ando devagar porque já tive pressa e
levo esse sorriso porque já chorei
demais. Hoje me sinto mais forte mais
feliz, quem sabe, só levo a certeza de que
muito pouco eu sei e nada sei.
(Renato Teixeira)

Os dados obtidos nesta investigação são prioritariamente qualitativos, a partir da captura das falas de dez estudantes universitários por meio de entrevista semiestruturada. Neste caso, a análise dos dados não é fácil nem simples, pelo contrário, adquire uma alta complexidade envolvida em um intenso trabalho de atenção, concentração, perspicácia e exaustividade, a fim de que a interpretação de todo material conduza a um resultado pleno ao cumprimento dos seus objetivos e seja capaz de contribuir com o avanço científico da área de concentração temática.

De acordo com Severino (1996, p. 157) “a análise é um processo de tratamento do objeto, seja ele um material, um conceito, uma ideia, um texto, pelo qual este objeto é decomposto em suas partes constitutivas, tornando-se simples, aquilo que era composto e complexo”. Portanto, esse processo analítico, ainda segundo Severino (1996) segue

antes do mais, uma classificação, divisão e discriminação das partes constantes em um todo a fim de uma ordem.

Neste caso particular optamos pelo exame dos dados sob as bases da análise de conteúdo que segundo Coutinho (2011, p. 193) “é uma técnica que consiste em avaliar de forma sistemática um corpo de texto (ou material audiovisual), por forma a desenvolver e quantificar a ocorrência de palavras/frase/temas considerados “chave” que possibilitem uma comparação posterior”. Assim, segue todo um investimento de codificação e organização do material recolhido.

A primeira categoria em análise diz respeito ao **perfil dos estudantes entrevistados**, os dados pessoais que já foram mencionados, agora com abordagem aos **dados acadêmicos e sociofamiliares**. Relativo à vivência acadêmica não foram encontradas disparidades significativas entre os entrevistados. Tratamos com estudantes que fizeram sua formação básica nas escolas públicas, cuja iniciação foi em unidades rurais, com o avanço da escolaridade, principalmente o ingresso no ensino médio, estes jovens precisaram fazer o deslocamento para escolas da cidade, sendo esta mobilidade vivida de modo diferente a exemplo de Helena e Jacó que tiveram que sair de casa já nesse nível de ensino, os demais iam e vinham através dos transportes escolares gratuitos, sendo em alguns casos os paus-de-arara², como o fizeram Flora e Sofia. A mudança para as escolas da cidade não aconteceu sem impacto, no entanto, superaram da melhor maneira as dificuldades sentidas na base das interações com pessoas e ambiente considerados estranhos ao que era conhecido no meio rural de onde vinham. Sujeitos que não nutriam gosto pela leitura ou participavam de eventos culturais de qualquer ordem, os livros aos quais tinham acesso era somente o livro didático. Durante o ensino básico não era feito o uso da internet como ferramenta de estudo/pesquisa e a quase totalidade dos estudantes não havia decidido sobre que curso ingressar no ensino superior. No caso de Brás não havia, sequer, o desejo de ingressar na Universidade. Estes estudantes são os primeiros e únicos em suas famílias a acessar o ensino superior das Universidades Públicas Federais, embora se destaque os casos de Capitu e Aires, onde os irmãos fizeram

² Transporte irregular utilizado no Nordeste onde caminhões são adaptados com lona e madeira para o transporte de passageiros.

formação universitária, porém, a nível estadual ou como bolsista das faculdades particulares. Apenas Capitu e Brás não se identificam como o aluno destaque no ensino básico, mesmo que para Brás os professores observavam a superação em sua história de vida, assim como a inteligência em todos os irmãos. Para os estudantes, Marcela, Jacó e Escobar foi possível a participação em cursos preparatórios para o Enem, os pré-vestibulares. Em contrapartida observamos os casos de Helena e Escobar que tinham total desconhecimento sobre o Enem, para o rapaz foi em uma circunstância de fora da escola que ele ficou sabendo que este era um exame de ingresso nas Universidades Públicas Federais, assim como para Helena, onde uma professora com a qual fez amizade lhe instruiu sobre este processo, somente mais tarde a escola começou a informar qual a função do Enem.

Com referência às estruturas sociofamiliares foram identificados pais de baixa escolaridade, cuja atividade profissional está no trabalho agrícola, a substancialidade da renda vem da inserção no programa Bolsa Família e nos negócios advindos da agricultura de pequeno porte, que não são constantes, pois dependem das colheitas ou do aproveitamento da força de trabalho nas fazendas, observando que a própria região de onde vem estes estudantes não favorece aos grandes cultivos. Exceto Sofia e Brás, que vêm de áreas onde o cultivo principal é a cana-de-açúcar, no entanto, os trabalhadores dessa atividade, os chamados boias-frias continuam a ter cerceados diversos direitos trabalhistas e desqualificado o desempenho da função, ainda se morre por exaustão nas plantações de cana-de-açúcar, mesmo tendo sido mecanizado boa parte do processo de produção. A formação familiar destes estudantes é feita através das diferentes composições contemporâneas, vimos famílias tradicionais, mono-parentais, estendidas, o recasamento e a família substituta. Na trajetória de Brás e Sofia foram evidenciados casos de violência doméstica cometidos pelo pai contra a mulher e ou contra os filhos.

2.1. O processo de escolarização

De acordo com diversas pesquisas na temática do fracasso escolar, foi identificado que a trajetória acadêmica dos estudantes dos meios populares conta com uma série de lacunas que vão desde as dificuldades de ingresso até a impossibilidade de manutenção

de um processo de escolarização longo, onde as retenções por reprovação e as desistências se tornam uma realidade comum aos sujeitos cuja posição socioeconômica supostamente não oferece os requisitos necessários à vida acadêmica, sujeitos muitas vezes encontrados no ensino noturno e nas turmas de aceleração. A observar que para além das condições materiais objetiváveis, estes estudantes carregam o estereótipo dos défices cognitivos atribuídos aos pobres, os distintivos de ascensão para os quais sua origem social não está preparada. Desse modo, os estudantes dos meios populares são marcados pelas faltas inscritas em sua história socioeconômica.

Pelas arraigadas desigualdades sociais e distorções econômicas entre o Nordeste brasileiro e as demais regiões do país, dentre tantas outras componentes, inclusive o clima, esta área acabou sendo identificada, perdurando até a atualidade, como a região de maiores défices e mais carenciada do Brasil, conseqüentemente sua população ganha *status* sociais e culturais dos mais perversos, sobretudo, pela sua composição étnica, é uma região com maiores grupos de índios, negros e mulatos. Os nordestinos são sempre aproveitados nos Estados do Sul e Sudeste para o desenvolvimento dos trabalhos mais pesados, cuja mão de obra é mais barata, a alimentar-se do estereótipo de um povo com baixo nível de instrução, portanto, facilmente alienado, de comportamento indolente e hábitos de menor destreza social. Alvo da violência por grupos denominados de Skinheads de preceitos neonazistas e homofóbicos, cuja intolerância, aqui no Brasil, leva ao homicídio de negros, nordestinos e homossexuais, atentamos para população nordestina como um grupo de vulnerabilidade a partir das centenas de ataques que vão de desqualificações físicas, morais e intelectuais aos atentados à vida.

A título de dissertação de mestrado “Esses nordestinos” mostra a pesquisa feita por Y. M. P. Silva (2016), acerca do discurso de ódio contra os nordestinos disseminados através da internet, nela a investigadora identifica o modo pelo qual é desenhada a relação de afastamento e autoritarismo perante o sujeito nordestino, “essa raça”, “povo sem cultura”, “povo burro do nordeste”, são algumas das expressões que permeiam o discurso daqueles que se consideram superiores e se esforçam para ratificar concreta e simbolicamente uma imagem desfigurada da população nordestina. De acordo com Y. M.

P. Silva (2016) a subjugação começa a partir da nomeação do sujeito pela região, “o nordestino”, um gentílico que evoca à pobreza, ao atraso e a dependência econômica.

A partir do discurso de ódio e da visível intolerância, vemos crescer um imenso grupo de pessoas que alimentam desafetos com relação aos nordestinos que ascendem socialmente. É construída uma estrutura persecutória da ascensão do pobre, especialmente na figura do nordestino, o medo de que o pobre lhe tome o lugar, ou seja, o pobre com ascensão social mobiliza o ódio. Nesta investigação não podemos ratificar esta posição, pois este não foi o intento da pesquisa, no entanto, um exemplo nos chama a atenção, quando Capitu percebe que sua colega de curso lhe dizia palavras que derrubavam sua autoestima colocando em dúvida sua capacidade. A visão de que o pobre não é capaz ou não deve partilhar o mesmo espaço: *a implicância da minha amiga eu nunca consegui entender, acho que as pessoas não me veem com capacidade*. A menina pobre que sai da zona rural e ingressa em uma Universidade de prestígio não faz uma trajetória comum, no entanto, é a mesma pessoa que se sente acolhida por colegas de uma posição social distinta da sua. Por isso, que nada podemos inferir acerca dos preconceitos contra a ascensão do pobre na base da nossa investigação, quando temos ainda o exemplo de Escobar a partir da visão das pessoas do mesmo meio social: *a maior dificuldade pra mim, eu acredito que foi no ensino médio alguns colegas, não só os colegas, mas os professores, e até eu mesmo não confiar em mim*.

Estudar é uma forma de combate à miséria, a construção de uma riqueza simbólica, mas também objetivada em melhores posições profissionais. Para os estudantes dos setores populares a aquisição do diploma não acontece de modo sem um alto investimento afetivo, para além dos recursos materiais, são sujeitos identificados pela evasão, repetência escolar e distorção idade-série. O fenômeno da desigualdade no Brasil, amparado à lógica excludente das comparações de níveis de alunos para reafirmar sua condição social e nas políticas de intervenção pautadas na meritocracia, têm levado a um processo de escolarização ineficiente com impactos sentidos nos três níveis de ensino.

O percurso escolar foi para os estudantes de nossa investigação um caminho trilhado, como eles dizem, com teimosia, com alto investimento na persistência. Mesmo não tendo havido retenções por reprovação, como é estatisticamente comum aos

estudantes dos meios populares, houve duas paradas por circunstâncias diferentes, mas ambas, também comuns aos sujeitos do contexto investigado, estes foram os casos de Capitu e Sofia, a primeira não conseguiu se adaptar ao contexto escolar quando passou da escola rural para cidade; a segunda perdeu um ano da escolaridade básica em virtude das inundações dos rios que frequentemente ocorrem na região da zona da mata no período do inverno, tornando impossível a passagem dos transportes escolares e ou quando as próprias escolas servem de alojamento para as famílias desabrigadas que perderam sua casa ou o mobiliário nas enchentes.

Não foi citada pelos estudantes uma experiência significativa que os pudessem afastar da escolaridade básica, somente o caso de Sofia que pensou em desistir quando teve que cuidar da mãe diagnosticada com depressão, em que as tentativas de suicídio careciam de uma vigilância detida das filhas, sobretudo Sofia, que é a mais velha da fratria: *a minha mãe entrou em depressão um tempo e infelizmente...e ela chegou até a tentar se matar.*

Para todos os outros estudantes o período mais sensível foi de fato no ensino superior, em que a necessidade do apoio econômico tornava-se mais visível pelas exigências pedagógicas, como a produção dos trabalhos, a cópia de material, a compra de livros, além do pagamento diário do transporte feito no mínimo por um período antes do ingresso na residência. Casos em que foram feitas opções entre comer, pagar a passagem ou tirar xérox.

O percurso escolar dos estudantes foi feito inicialmente nas pequenas escolas rurais, no período diurno, com exceção de Helena que aos 10 anos teve que cursar a 5ª série do ensino fundamental II no período noturno por não haver transporte em outro turno a partir desta série. Além da própria zona rural, quando havia mudança era para distritos de referência, alguns deles inclusive a uma distância considerável da morada dos estudantes. Todos eles se referiram a um grande impacto com a mudança para as escolas da cidade, tendo no caso de Capitu uma dificuldade significativa, ocorrendo a perda de um ano letivo por este motivo, a estranheza enunciada por estes jovens diz respeito às interações com os colegas e alguns professores, que se mostravam mais ríspidos. A convivência com uma quantidade maior de pessoas, com modos de se comportar

diferente, distinto da realidade rural onde sempre viam as mesmas pessoas, cujos hábitos eram semelhantes, como indicado por Marcela, *no sítio você tem seus amigos, todo mundo lá é unido, todo mundo mora perto, na cidade é diferente*. No caso de Livia o impacto foi perceber o quanto estava em atraso com relação aos colegas que tinham acesso à internet e outros meios de informação que pudessem favorecê-los quanto a rentabilidade dos estudos. Durante o ensino médio a única opção era mesmo as escolas da cidade, que para Escobar foi em outro Estado pela proximidade com a sua casa, que fica na divisa com o Estado de Alagoas. A partir de uma avaliação acerca da qualidade do ensino que teve, este estudante se sente desfavorecido tanto pela falta de informação e incentivos dos professores com relação à continuidade dos estudos e ingresso no ensino superior, assim como, na comparação entre um Estado e outro, acredita que Pernambuco possui melhor nível em sua Educação: *sempre faltam muitos professores, tinha muita deficiência e eu senti muita falta de incentivo para os alunos fazerem Universidade ou algum curso técnico, eu senti muita essa deficiência*. Mesmo com os défices aos quais se refere, Escobar conseguiu estruturar um plano de estudos e fazer suas projeções para o ingresso na Universidade, assim como os demais estudantes entrevistados. Apesar destes estudantes não se aperceberem das estratégias que foram capazes de mobilizar, cada um teve, ao seu modo, um projeto para manutenção da escolaridade básica, assim como aconteceu na Universidade.

As atividades escolares eram feitas sempre em uma organização de tempo em que fosse possível desempenhar os afazeres domésticos, para aqueles que não trabalhavam diretamente em atividades do campo ou do comércio. O tempo insuficiente para uma dedicação exclusiva aos estudos, assim como a falta de suporte na realização das atividades escolares, fez com que estes estudantes fizessem compromissos com sua aprendizagem, como declara Helena: *por incrível que parece eu não tinha tempo de estudar durante o dia, aí o que eu tinha que fazer? Eu estudava tudo lá na escola*. O meio alternativo era prestar mais atenção à aula e ou pedir ajuda aos colegas de turma, embora todos os estudantes aqui investigados estivessem cientes de que no ensino básico não tinha o nível de exigência que no ensino superior estão tendo. Escobar confere uma identidade passiva ao estudante do ensino básico, assim como Marcela se refere a estudar

só por estudar: *quando você está no ensino médio você mal estuda, você não ler, você não lembra que você só estuda, você não se dedica, você tem certeza que não vai precisar daquilo.*

Uma queixa comum a estes estudantes é quanto à qualidade da formação das escolas públicas brasileiras, as inúmeras deficiências que atravessam esse espaço, agravando-se quando se trata do turno noturno como refere Brás: *à noite, ensino médio de escola pública, ninguém estuda, era só quem não queria estudar mesmo.* Aqui encontramos uma imensa disparidade entre um nível e outro de formação dentro do mesmo sistema de ensino, em que as bases da escolaridade pública deveriam oferecer a qualidade necessária para o que é exigido nos exames de ingresso ao ensino superior, mas o que se vê é exatamente um nível de exigência que não se opera nas práticas do ensino básico, talvez por isso que Aires vem falar das cotas como um apoio fundamental na superação de uma crise de formação, ao mesmo tempo que funciona como ferramenta de inclusão aos estudantes que à partida se sentem desfavorecidos em detrimento daqueles que fizeram o percurso escolar das escolas particulares ou os cursinhos preparatórios ao ingresso na Universidade. Flora e Livia fizeram o ensino médio na modalidade integral e semi-integral, em que ficavam toda a semana ou um dia da semana, durante dois turnos na escola, respectivamente, o que trouxe para Livia a sensação de uma melhor formação, com professores mais incentivadores e capacitados às demandas do estudante à nível médio.

Boa parte dos estudantes entrevistados diz ter sido o aluno destaque no ensino básico, aquele que mesmo não tirando as maiores notas, era percebido pela competência em apreender facilmente os conteúdos ministrados, ou apresentar um atributo diferencial em relação aos demais colegas da turma. Durante o ensino básico não se percebem os ganhos com essa posição de destaque, o que em alguns casos mobilizava o sentido de violência como para Aires, ser inteligente significava ser visto como aquele que pode ajudar os colegas sem que eles se estimulem à aprendizagem, repassar as respostas das avaliações para não sofrer agressões depois; enquanto que Escobar preferia nem mostrar seu gosto pelo conhecimento como forma de não diferir tanto do seu contexto; para Flora, o destaque aliado à baixa qualidade do ensino trazia o sentido de estagnação: *quando tinha*

uma dificuldade em uma matéria fazia recuperação, mas sabia que ia passar. Um cotidiano perverso quanto aos incentivos e rentabilidade na aprendizagem, pois as medidas pelas quais se aprendia eram sempre curtas, básicas e supostas.

Ainda no processo de escolarização identificamos a autodisciplina dos estudantes para com as atividades escolares e uma ordem de comportamento fundamental para a rentabilidade da escolarização. Esta ordem disciplinar de que falamos é pouco reiterada pelo que fala Lahire (2004, p.141) em relação à disciplina como predisponente da família:

É nas relações de interdependência entre os membros da constelação familiar que se constroem as formas de controle de si e do outro, as relações com a ordem (e sobretudo, o grau de sensibilidade à ordem verbal) e com a autoridade ou o sentimento dos limites que não devem ser ultrapassados.

Na nossa investigação este controle familiar não foi observado para além dos curtos e pontuais pedidos dos pais, sobretudo, da mãe, para que o filho estudasse. Esta disposição à subordinação está mais para uma aprendizagem adquirida na escola que propriamente na família. Percebemos que já existe um conteúdo moral introjetado, que possivelmente vem da família mesmo que esta não tenha desenvolvido padrões de conduta mais incisivos com relação à ordem pedagógica ou apoio acadêmico. Isto aparece nos filhos como um compromisso com o desejo dos pais, uma espécie de retribuição, não de um suporte concreto, mas de uma força, do querer junto que o filho consiga acessar a outra posição social através daquilo para o qual se mostra disponível.

Testemunham os nossos entrevistados:

- eu sempre fui um aluno que nunca dei dor de cabeça a ninguém, a nenhum professor. (Escobar)

- Eu me dediquei e consegui tirar uma excelente nota naquela época e eu não mudei só para aquela disciplina que estava difícil, mas para todas. (Marcela)

- é uma vida que depende de muito esforço: o acordar cedo, o fazer o trabalho, o ter aquela responsabilidade. (Lívia)

- quando eu chegava da escola à noite, fazia as atividades. (Helena)

- Se eu reprovar em alguma disciplina é porque eu não me dediquei como podia ter me dedicado. (Flora).

Ainda com relação a esta posição assumida pelos estudantes podemos citar Silva (2003, p. 142) que em sua investigação observa que:

A permanência do aluno considerado pouco “vocacionado para a escola” dependerá do grau de acesso e identidade que ele tenha com o mundo da rua; do tipo de estratégia escolar encaminhada em sua rede familiar e ou da sua competência em desenvolver alguma habilidade particularmente valorizada pela instituição.

Em nossa investigação fazemos a leitura desta vocação para a escola como o interesse dos estudantes pelos conteúdos acadêmicos e estar pouco vocacionado ficaria a cargo dos preconceitos pelos quais são envolvidos os sujeitos dos meios populares a partir de supostos défices cognitivos ou falta de um capital cultural que contribua como motivador ou suporte ao interesse pela escola.

2.2.A escola

O ensino básico das escolas públicas no Brasil tem reconhecida fragilidade apresentada por várias pesquisas que investigam os diferentes vetores pelos quais estrutura a Educação, dentre eles estão as questões de base curricular, as condições de acesso igualitário, os medidores de qualidade, a formação e exercício docente, enfim, as discussões se ampliam, mas infelizmente os modelos de intervenção não conseguem sanar as mais básicas discrepâncias entre os diferentes níveis de ensino. Com isso, a escola pública brasileira tem perpetuado modelos de formação ineficientes e duvidosos quanto à sua qualidade, mesmo nas últimas décadas figurando com melhores índices relativos ao acesso e manutenção da escolaridade pelos diversos grupos sociais, assim como a correção na distorção idade-série, e o aumento considerável do acesso ao ensino superior e as pós-graduações, o que também quer dizer que a escola brasileira tem viabilizado uma estada satisfatória aos grupos que recebe, que invariavelmente são dos meios populares, no Brasil ainda se alimenta a cultura de que só os pobres e os estudantes menos interessados estão na escola pública. Apesar de que a experiência tem mostrado que se a

escola não inclui sozinha, também não exclui, não podemos dizer que esta seja a única responsável pelo fracasso dos muitos estudantes.

Para os jovens aqui entrevistados a escola teve um duplo sentido, caracterizada como elemento de ascensão, foi também no espaço escolar que cada um destes jovens viveu uma experiência de exclusão e violência. Neste sentido, as vivências mais significativas ficaram por conta de Helena, Aires e Sofia, em que as atitudes de violência eram materializadas nas palavras de hostilidade e para Aires, nos atos de agressão. Interessante frisar que para este estudante a violência dos colegas se dava em detrimento de sua capacidade de aprendizagem, ele foi identificado como o aluno destaque da turma, portanto, deveria repassar seus conhecimentos para os colegas na hora das avaliações, produto da opção entre passar a *cola* ou ser agredido. Embora seus professores e sua mãe frisassem que isto não deveria acontecer na vida com os pares Aires não encontrava outra alternativa: *na escola eu sempre fui pequeno, magrinho, eu sofri bastante, porque pra os mais velhos eu era muito inteligente, aí eu tinha que fazer, estudar para ajudar os outros porque se eu não conseguisse ajudar, eles me batiam*. É também por isso que “entre os pais e a escola, não há nenhuma razão para que as relações estabelecidas sejam serenas. O diálogo só existe na condição de ser permanentemente alimentado e reconstruído” (Montandon & Perrenoud, 2001, p. 5). Será que por isto nunca se tinha em conta o que de fato acontecia dentro e fora da escola? Por onde andava a relação família-escola que nem a mãe, nem a professora se apercebiam dos horrores vividos por uma criança violentada.

O espaço escolar em alguns aspectos foi identificado como aquele do qual se quisesse sair ou se refugiar, este duplo contraditório aparece na experiência de boa parte dos entrevistados, como Capitu, Flora, Helena, Brás, Sofia e Aires. Alguns destes porque não entendiam exatamente qual a função daquele espaço, pois iam como acompanhante dos irmãos e para não ficarem sozinhos em casa, outros se depararam com um ambiente de hostilidade às diferenças, e Aires, que se sentia aprisionado naquele lugar. No entanto, cada um fez ao seu modo, descobertas que se não despertaram, intensificaram o gosto pelo conhecimento, as inúmeras possibilidades abertas através da escola, como a participação na banda de músicos que foi para Brás o elemento principal na intenção de

permanência, em suas palavras um divisor de águas, pois quando perguntado sobre a melhor lembrança da escola, Brás responde: *com certeza foi quando eu encontrei dois colegas meus falando da banda e me interessei a partir dali.*

A relação com os saberes veiculados pela escola não apresentou significativos em nossa pesquisa, com isto queremos dizer que os estudantes entrevistados não se queixam de que tivessem conteúdos impossíveis à sua compreensão, nada que com um pouco de esforço não pudessem alcançar. Os momentos mais sensíveis ficaram a cargo da adaptação à entrada na escola e a mudança da escola do meio rural para a escola da cidade. No entanto foi observado que a avaliação que alguns dos entrevistados faz da escola é que existia uma relação passiva com a aquisição do conhecimento pelo tipo de prática docente adotada. Isto fica bem claro para Escobar: *a escola que eu estudava realmente não cobrava muita coisa e a pessoa ficava passivo.* A passividade atribuída por Escobar à forma como era apreendido o conhecimento, remete também a um não envolvimento dos professores com as demandas de relação entre professor/alunos, alunos/alunos, com práticas docentes de valorização conteudista ou voltadas ao poder de decisão professoral em que o aluno estava pouco autorizado para participar de modo autônomo na construção do processo de ensino/aprendizagem.

Para Aires a escolha da escola não passou exatamente pela proximidade da casa ou pelo nível de ensino oferecido, como aconteceu para os demais estudantes, por morar em uma comunidade indígena não havia, em sua iniciação escolar, escolas específicas para o povo indígena, assim, sua entrada na escola aconteceu pelos imensos sacrifícios de mobilidade: *na minha aldeia não tinha escola, a gente tinha que se deslocar pra outra aldeia, todo dia a gente caminhava 3km indo, 3km voltando,* além da instituição para os índios ser designada pelo poder público municipal, eles não podiam estudar na escola que lhes conviessem: *o município era quem dizia: não, os indígenas vão estudar em tal escola.* O sentido subjacente a esta imposição contribuiu para despertar em Aires a sensação de privação da liberdade no espaço escolar.

2.3.A Universidade

A entrada no mundo acadêmico não foi sentida sem impacto pelos estudantes entrevistados, em sua totalidade evidenciam as exigências de alguns professores, e, sobretudo, o nível de apreensão do conhecimento para o qual não tiveram preparação no ensino básico, dito por outras palavras, a formação de base destes estudantes teve uma série de défices que afetaram significativamente o desempenho na Universidade. Os cursos das Ciências Agrárias têm sua base nos conteúdos com cálculo, sendo a matemática a disciplina de maior impacto para os estudantes desta área, mesmo não sendo a matemática, como para Lívia e Sofia que fazem o curso de Letras e Pedagogia, respectivamente, existem disciplinas com alto grau de exigência, o que na verdade, está ligada às práticas docentes que propriamente ao desenvolvimento acadêmico. Nas palavras de Lívia: *já sabe que vai ter aquele professor carrasco que vai querer tirar sua alma*, assim como para Escobar que acredita que estas determinações sem medida, tira o gosto pelo estudo ou pode até retirar o estudante da Universidade: *era para eles terem mais sensibilidade de saber que ali é o primeiro período e eles colocam o terror, ficam colocando medo*.

As reprovações foram um dado comum aos estudantes, sobretudo, nos dois primeiros períodos, como já inferimos a base para os cursos das Ciências Agrárias e Medicina Veterinária são as disciplinas com cálculo, devido à ineficiência da preparação no ensino básico, identificada pelos próprios estudantes, quando eles chegam à Universidade estes défices são sentidos no aproveitamento dos conteúdos, mesmo que os esforços tenham sido citados como a primeira forma de superação das dificuldades, com a mobilização de estratégias como a dedicação de muitas horas de estudo individual e ou em grupo, atravessar noites sem dormir para aproveitamento do tempo e do ambiente de silêncio, como assim evidencia Helena: *quando a casa se acalmava, em torno de meia noite, uma hora da manhã, aí ficava estudando até umas 5h, já cheguei a ficar até 7 horas da manhã estudando, depois ia dormir*. Embora todos os estudantes à exceção de Sofia tenham sofrido reprovação de disciplina, somente para Flora esta reprovação a fez reter o período, não exatamente pela reprovação, mas pela falta de suporte econômico que a fez recorrer ao trabalho enquanto era selecionada para o auxílio residência.

Um dado convergente às entrevistas se referiu à escolha do curso antes do ingresso, para muitos, não existia qualquer noção sobre que curso optar, para outros as incertezas estavam na base do que iriam conseguir, como o Enem pede a indicação de dois cursos a certeza sobre o curso de ingresso fica a depender da nota do estudante no exame e do índice de concorrência do curso. Desse modo, seguros de sua escolha só encontramos Capitu, Marcela e Aires, os três com cursos técnicos na área, o que talvez tenha desenvolvido um interesse prévio na área e ajudado na escolha. No entanto, percebemos que aos estudantes investigados não lhes falta autonomia, não podemos afirmar que esperam por aquilo que desejam fazer consigo, mesmo que exista inicialmente, um certo alheamento quanto a que rumos tomar, os objetivos são traçados, mas em detrimento de uma rotina incerta e de oportunidades escassas, estes jovens vão seguindo amparados por aquilo que surge no momento. Havia o objetivo pelo ensino superior, porém, nestes casos, não houve exatamente a escolha pelo curso. Por ser alguma coisa que se assemelhava com os afazeres cotidianos conhecidos na vida rural, eles foram dando continuidade, como mencionado por Helena: *entrei aqui no curso de Zootecnia, até então não sabia do que se tratava, mas como eu sempre tive muita proximidade com animais.*

A convivência na residência é difícil sob muitos aspectos para todos os entrevistados, mas igualmente possível, é uma relação dual, pois ao mesmo tempo em que sabem que só é possível a permanência na Universidade através do auxílio residência, são também conscientes da falta de apoio evidenciados na fala de Lívia: *não tem nada, eles jogam a gente dentro da residência, vai amontoando um bocado de gente.* Para os homens, diferentemente que para as mulheres as dificuldades nas relações interpessoais não são tão marcadas dentro da residência, eles referem mais a falta de estrutura para as atividades domésticas, que basicamente o modo como se convive, nas palavras de Jacó: *se tivesse vamos supor um micro-ondas pra esquentar uma comida, lá só funciona um fogão, se tivesse dois fogões poderia adiantar algumas coisas, algumas coisas básicas às vezes falta.* As meninas atribuem seus contratempos ao caráter e comportamento de pessoas que tentam dificultar a vida do próximo, como percebe Helena: *algumas pessoas*

são até legais, mais tranquilas, mas outras já nascem com o dom de querer confusão, você está quieto e elas vêm mexer com você.

Na Universidade os estudantes se queixam da falta de estrutura por dois vieses, um ponto pedagógico, com a ordenação de aulas práticas ou exposição participativa, e outro quanto ao apoio aos residentes, como é observado por Livia: *eu acho que a universidade tem que parar um pouco e ver, poxa eles são estudantes, tem que fazer o trabalho sim, mas vamos organizar, planejar, vamos dar assistência a esses alunos.* Sob o primeiro ângulo está a ineficiência sentida com relação a formação em conteúdos práticos e a falta de metodologias ativas, em que o estudante pudesse exercitar mais os saberes de sua área, evidenciado por Aires: *a gente está começando a ver a parte prática, as culturas, os cultivos, só que você está vendo em um slide numa sala de aula, quando você poderia estar lá na fazenda, vendo, pegando, vendo as características de uma doença, de uma praga que está atacando, você está vendo, você está sentindo ali o ambiente.*

Escobar e Jacó apontam a necessidade de um restaurante universitário- RU, em que pudessem ganhar o tempo de preparo das refeições para o desenvolvimento de pesquisas e estudo, como forma de rentabilizar o desempenho na vida acadêmica. Assim, de acordo com Trindade (2010, p. 83)

Para aprender, os alunos são confrontados com factos, princípios e regras de ação que são para recordar e aplicar. Daí que os professores exponham as teorias na sua versão final, as ilustrem com alguns exemplos que julguem ser esclarecedores e, por fim, proponham exercícios que através dos quais os alunos possam ter a oportunidade de aplicar a informação adquirida.

2.4.Os apoios

Pesquisas apontam que os apoios à vivência escolar, sejam eles expressados na família, nos amigos, nos professores, ou quaisquer outras formas de suporte acadêmico, são fundamentais para manutenção do processo de escolarização. As pesquisas de Portes (1996), Viana (1998) e Zago (2006) evidenciam esta análise a partir de dados específicos no ensino superior, a exemplo da nossa investigação.

Durante o ensino básico o apoio significativo aos estudantes aconteceu a nível de grupos de estudo ou colega que compartilhasse a compreensão dos conteúdos, os estudantes que elegeram esse ponto de suporte continuam a se valer dessa mesma disposição de aprendizagem no ensino superior como é o caso de Flora: *não aprendo muito com o professor, aprendo mais nos grupos de estudo* e Sofia: *eu tinha dúvidas e perguntava a minha colega do lado que tinha entendido melhor*. Ou seja, em sentido pedagógico ficava a cargo de que eles mesmos acionassem formas para o cumprimento das exigências escolares, quer seja através dos livros didáticos, único material de consulta para estes estudantes, ou se servissem da ajuda de colegas de turma que percebiam um pouco mais os conteúdos. Como lembra Escobar sobre a preparação para o exame de ingresso à Universidade: *não tinha internet, então eram nos livros do ensino médio*. Este tipo de suporte, a partir da ajuda do grupo vem ratificar a ideia de Guareschi (2007, p. 34):

É preciso questionar a ideia de que o indivíduo pensa sozinho, que pensamos correta e racionalmente quando pensamos sozinhos. A autossuficiência total do indivíduo acaba sendo representada como a situação de referência e a norma, enquanto que a associação de indivíduos na unidade social se torna uma situação derivada.

Um significativo representante de apoio são os cursos preparatórios para os exames de ingresso à Universidade, os pré-vestibulares, somente três dos estudantes entrevistados, Marcela, Jacó e Escobar participaram desse tipo de ensino, sendo para este último na modalidade via satélite. Foi inegável para estes jovens a rentabilidade nos estudos obtida através do curso e, sobretudo, do material disponibilizado, todos inferiram acerca da maior organização e gerenciamento com foco no que deveria ser priorizado para o ENEM. Para Escobar, ainda mais que para os outros, a função do material foi inclusive, instruir sobre como se estruturava o exame: *eu tive muita sorte porque esse programa me ajudou bastante, foi uma base, eu recebi um livro e esse livro me ajudou bastante porque explicava que o Enem era dividido em 4 partes*.

No ensino superior as bolsas, sobretudo, o auxílio residência aparece como o apoio preponderante para manutenção acadêmica, sem este suporte os estudantes referem que não seria possível sua estada na Universidade, assim, as bolsas exercem função essencial

para permanência no ensino superior, evidência nas palavras de Capitu: *se não fossem os auxílios que eu consegui ganhar, primeiramente alimentação, depois a residência, acho que não estava aqui*. Helena: *se eu não tivesse entrado na residência não tinha como ter dado continuidade*. Livia: *se não fosse o dinheiro da residência como eu ia ter dinheiro pra tudo isso? como eu ia viver? tirar xérox?* Aires: *o que me manteve na Universidade primeira coisa; o programa de residência*. Todos os demais estudantes fazem referência ao auxílio residência, direta ou indiretamente, mas como suporte precípua à manutenção da vida acadêmica. Interessante observar que mesmo com o paliativo das bolsas de alimentação e transporte, não era possível para os estudantes a frequência ao curso por mais de um ano, como foi o exemplo de Flora. À medida que o tempo passava, mesmo com o auxílio para mobilidade, isso não foi suficiente sem a complementação da renda através de um trabalho, o que retirou a estudante da Universidade por dois períodos.

Aqui o grupo mais consistente é atribuído a falta de apoios em detrimento da quantidade de suporte recebido. Porém, os estudantes investigados não contabilizaram as faltas e insuficiências, se apegaram ao que era possível naquele instante, característica comum a todos eles.

Durante pelo menos dois períodos do curso, as estudantes Marcela e Livia precisaram acionar o apoio de parentes para manter-se na cidade e ficarem mais próximo da Universidade, mesmo que para ambas, estes parentes não tivessem uma relação de intimidade e convivência anterior a este intervalo, para Livia, inclusive ela nem sabia qual o grau de parentesco entre eles: *meu pai tinha um primo ou tio, nem sei direito, aí fiquei morando com ele e pagava aluguel do quarto*. Para Brás fazer a matrícula e mudar de cidade foi um grande risco, pois até o momento final ele não tinha para onde ir, nem como pagar o arrendamento de uma casa, até que ele lançasse a proposta através da internet para compartilhar uma casa com outros estudantes: *eu coloquei lá: - quero uma casa pra dividir, aí um menino entrou em contato, aí eu fui morar com o menino*. Para o pagamento destas despesas ele contava com o seguro desemprego que iria receber. Somente, Aires e Jacó conseguiram o auxílio residência à entrada da faculdade, Flora, Capitu, Escobar, Sofia e Helena ficaram entre idas e vindas para suas cidades. A lembrar que isso constituía um duplo sacrifício econômico, pois além do pagamento das passagens de uma cidade à

outra, havia ainda, a locomoção para suas comunidades locais, o que demandava maiores custos e a formação de uma rede de apoios que para Helena foi a disposição de um vizinho: *como vou ter dinheiro para sair de casa ir pra rua pegar o ônibus? aí tinha um vizinho que se disponibilizou em me levar aí eu só pagava a gasolina*. Para Sofia, o pai, mesmo que doente: *meu pai tem uma doença que é uma doença do coração chamada Chagas e é muito dificultoso porque ele teve que pedir uma moto emprestada pra estar me locomovendo*.

Podemos identificar um plano de políticas integradas, como o apoio preponderante para o desenvolvimento do processo de escolarização dos estudantes investigados, a começar pelo Bolsa Família que complementava e ou era a principal renda familiar, passando pelos apoios acadêmicos de transporte e alimentação quando da entrada na Universidade, até a aquisição do auxílio residência como única forma de manutenção da vida acadêmica. Assim, podemos falar de um sucesso materializado, a partir das políticas sociais que para todos estes estudantes corresponde ao suporte econômico exclusivo.

2.5.O trabalho

As experiências precoces de trabalho são comuns aos jovens dos meios populares, tanto pela necessidade de apoio econômico, quanto pela partilha de mais uma força de trabalho para manutenção da casa, ambas se constituindo tarefas quase que obrigatórias, ou seja, o jovem trabalha para manter-se, mas também, partilha as despesas da família. Nos meios populares o trabalho é vivido de modo precoce e inexorável, tanto em atividades exteriores a casa, em funções informais, descontínuas e ou não qualificadas, como no desempenho do serviço doméstico desde criança, para que os adultos possam trabalhar fora.

O desempenho do trabalho foi sentido por todos os estudantes à exceção de Lívia, os homens viveram o trabalho agrícola como ajuda aos pais, sobretudo nos períodos de produção e colheita, além do trato dos poucos animais que aparecem como uma forma mais rápida de adquirir a renda, devido ao tipo de comercialização. Os trabalhos formais e ou fora do ambiente rural ficaram para Jacó, como garçom: *eu tive que arrumar um*

emprego, sorte que eu estudava de manhã e esse emprego eu começava o trabalho das três da tarde até as 11h da noite e Brás, como secretário da paróquia de sua cidade. Para as mulheres, inicialmente, o trabalho ficava restrito ao serviço doméstico, uma vez que as mães saíam para o trabalho no campo, com o tempo e por este não ser um trabalho remunerado, as meninas procuravam atividades na cidade como empregada doméstica, assim foi para Helena, ou no pequeno comércio dos supermercados, como Capitu, Marcela e Flora. As economias geradas com este trabalho serviram como suporte para permanência na Universidade até que os estudantes fossem selecionados para residência. Desse modo, utilizavam o dinheiro para o pagamento do transporte e compra do material necessário às aulas. *Eu consegui fazer uma economia, porque se entrar eu tenho como conseguir me manter lá por um bom tempo, eu já sabia que tinha os auxílios, até eu conseguir um auxílio, então foi o que fiz*, diz Helena.

Mesmo que não existisse o sentido de obrigatoriedade em relação ao trabalho tanto as meninas quanto os meninos sabiam que a falta de recursos mobilizava atitudes de produção, pois esta era uma forma de permanência na Universidade enquanto o auxílio residência fosse possível, como lembra Escobar: *e quando ainda estava lá no sítio, indo e vindo todos os dias, trabalhava pela manhã pra poder juntar dinheiro pra poder pagar a passagem*.

Anterior à vida acadêmica era o trabalho como forma de ajuda aos pais, como fazia Aires: *como eu era o mais velho dos homens aí o meu pai sempre me chamava para ir ajudar ele*. E também Jacó: *eu fui várias vezes, mesmo sem querer, arar terra, todos os tratos culturais que tinham lá eu ia, mesmo sem gostar muito, mas eu ia*. Um modo de contribuir com o orçamento doméstico em que Brás e os irmãos se esforçavam: *um paga uma água, um paga a energia, um ajuda em uma feira, um paga o gás*. A precariedade dos recursos econômicos mobiliza ações centradas no desempenho de qualquer forma de ajuda, seja em uma atividade para aquisição do dinheiro para manter-se ou um plano de partilha das despesas.

2.6.A família

As novas configurações familiares têm revelado as formas pelas quais os sujeitos, na atualidade, se relacionam com a vida, as pessoas e em torno do que têm estruturado suas perspectivas de futuro. A família contemporânea procura basear a relação entre seus membros no diálogo aberto, no equilíbrio do poder e no respeito a tomadas de decisão. No entanto, não é sem duplos e contraditórios que as famílias de hoje têm procurado seu lugar na sociedade, a partir das várias maneiras de ser família e seus diversos arranjos.

Com obra emblemática acerca da História Social da Criança e da Família, Ariès (2014) nos oferece uma visão do nascimento da família e sua transformação da idade Média à Moderna. Apesar de não estabelecer conceito, esta não é a intenção da obra, indica como se constituíram as principais mudanças nesse grupo ao longo dos tempos, e, sobretudo, porque foi necessária esta composição e como ela funciona em sua força política, econômica e de transmissão sociocultural. Em sua pesquisa Ariès (2014, p. 154) mostra que “a família transformou-se profundamente na medida em que modificou suas relações internas com a criança”. Isto continua a ser do mesmo modo, se tomados como indicadores a função social da escola e as perspectivas abertas com a aquisição do conhecimento, não apenas para os sujeitos dos meios populares, mas sobretudo, para as famílias que tentam manter seu *status quo*.

Até bem pouco tempo acreditava-se que estava assente no modelo tradicional de família, a melhor forma de educação e seus resultados, no entanto, as instituições sociais várias, a começar pela escola não têm conseguido se fechar às formas como as diferentes composições familiares gerenciam uma ordenação familiar suficiente mesmo quando o modelo não é aquele em que o homem representa o ponto de poder em uma relação vertical para com os filhos e a mulher. Hoje falamos de um aumento considerável de homens e mulheres que criam seus filhos sozinhos, as famílias monoparentais, além dos casais homoafetivos que resolvem ter filhos, demandas que incidem sobre a escola em algum momento da vida destas crianças, assim, este espaço precisa ter em conta práticas de inclusão necessárias e que não se furtem ao respeito as diferenças e o apoio à diversidade. Mesmo que as composições sejam diferentes das acima mencionadas, mas

cada uma delas traz em si suas formas de cuidado, estabelece suas prioridades e precisam ser acolhidas em sua inteireza.

Cada uma das famílias aqui representada pelo filho/estudante é composta de diferentes formas e figura com seus dramas socioeconômicos, morais e culturais muito comuns aos arranjos mais tradicionais e de outras classes sociais, mas que infelizmente costuma-se atribuir às famílias dos meios populares as características mais negativas relativas à educação dos filhos, à valorização dos saberes acadêmicos e à ascensão profissional através da escola. Apesar de grande parte dos estudantes referir que vêm de um meio social que a prioridade é conseguir um trabalho para poder manter-se e contribuir com a renda doméstica, estes mesmos estudantes percebem na atitude dos pais com relação aos afazeres remunerados ou não, uma espécie de salvaguarda do filho para que este pudesse se dedicar aos estudos. Apesar de não existir um parâmetro estabelecido para o suporte acadêmico no que diz respeito às vias econômicas, os pais dos estudantes aqui entrevistados, buscavam formas de amenizar o trabalho para o filho que se destacava para os estudos. Além de ensejarem a ascensão a melhores posições sociais independentemente das condições socioeconômicas que possuem, ou seja, os pais dos meios populares, apesar de não ofertarem um apoio participativo na trajetória escolar dos filhos, percebem e valorizam os conhecimentos acadêmicos como um modo de mudança de vida e estabelecimento de novas possibilidades de crescimento que não seja propriamente pelo trabalho imediato e, sobretudo, necessário, no plano cotidiano.

A família dos nossos entrevistados traz um perfil de escolaridade básica incompleta, aparecendo somente os casos de Aires, em que sua mãe terminou o ensino médio, e o pai de Helena. Os demais casos são aqueles em que os sujeitos sabem apenas assinar o nome, algo que aprenderam na maioria das vezes no primeiro e único ano que frequentaram a escola. Fica assim identificado que estes pais não conseguiam auxiliar os filhos nas atividades escolares, deixando, inclusive, a mercê do estudante as decisões e responsabilidades sobre o seguimento da vida acadêmica, identificado conforme o caso de Marcela em que os pais por não possuírem formação escolar, acreditavam não estar aptos a interferir nas escolhas da filha, *eles dizem: - eu não entendo, eu não vou saber o*

que falar, mas se você quer continuar eu não vou dizer que não. O que para Lahire (2001, p. 45-46) significa que:

É muito mais raro encontrar configurações familiares absolutamente homogêneas cultural e moralmente. São pouco numerosos os casos modelos que permitiriam falar de um *hábitus* familiar coerente, produtor de disposições gerais inteiramente orientadas para as mesmas direções. Numerosas crianças vivem concretamente no seio de um espaço familiar de socialização com exigências variáveis e com características variadas, onde exemplos e contraexemplos caminham lado a lado.

Todas as famílias dos estudantes aqui mencionados vivem ou viveram prioritariamente do cultivo da terra, agricultores é a profissão exclusivamente mencionada. A renda da casa vem basicamente do desenvolvimento desse trabalho complementada pelos repasses sociais como o Bolsa Família e as aposentadorias. Encontramos ainda alguns poucos casos em que por problemas de saúde estavam sendo desenvolvidas outras atividades concomitantes à agricultura, para que esta ficasse em segundo plano em virtude da alta competência física para o seu desempenho. Como em Livia: *porque meu pai fez uma cirurgia dos rins e até então ele não pode trabalhar* e Flora: *minha mãe apesar de ser mais jovem que ele não tem condições de saúde física para trabalhar.*

O serviço de acompanhamento da vida acadêmica foi feito prioritariamente pelas mães, ou seja, o modelo feminino de cuidado continua a figurar como suporte exclusivo, mesmo diante das diferentes composições familiares aqui apresentadas. Para Escobar e Brás cujo falecimento da mãe se deu aos seis anos de idade para ambos, exatamente no período de entrada à escola, o primeiro caminhou sem qualquer orientação, e o segundo, com o apoio da tia, que funcionava como mãe substituta. A total falta de acompanhamento ficou para Helena, em que a mãe não denotava tanta importância aos encontros promovidos pela escola. O que para Montandon & Perrenoud (2001, p.2), muitas vezes vem instituir as formas de relação entre a família e a escola: “o diálogo é por vezes, difícil e nalguns casos não chega a existir. Trata-se de um diálogo desigual e frágil”.

Com relação ao auxílio nas atividades escolares a serem feitas em casa, nenhum dos nossos entrevistados recebeu ajuda dos pais, para além dos anos iniciais, quando o

nível acadêmico dos filhos superava a escolaridade dos pais, o que logo acontecia, outras formas de apoio começavam a ser mobilizadas, para Capitu e Escobar, eram os livros; Aires contava com as irmãs e a tia; Livia, Sofia, Marcela e Helena recebiam as orientações dos professores; Flora tirava suas dúvidas com os colegas; Jacó e Brás não referem exatamente quem os ajudava. Interessante observar que mesmo com o baixo nível de escolaridade dos pais, o pouco incentivo ao seguimento da escolaridade e a falta de envolvimento com a vida escolar do filho, foi percebido que em todos os casos, cada um dos pais ofereceu, os estados para si possíveis, em que os filhos cumprissem seus desejos de ingresso no ensino superior. Estes exemplos se ratificam nas atitudes de favorecer os filhos na substituição do trabalho agrícola pela ida a escola ou por ficar em casa desenvolvendo atividades menos desgastantes ou que pudessem interferir no desempenho acadêmico, assim entendido para Escobar: *porque o meu pai nunca disse: - você vai faltar hoje para ir trabalhar. Isso ele nunca disse, nem a minha avó, apesar de eles nunca me acompanharem*, e para Jacó, sobretudo na figura da mãe: *uma coisa que eu vi nela é que ela não me empurrou tanto pra roça, me deixou mais em casa, seja lavando uma louça, alguma coisa assim, sempre preferiu mais, viu que eu gostava do estudo e que eu deveria investir naquilo, então ela não me levava tanto pra roça*. Além desse plano de estratégias, havia um intenso incentivo dos pais para o percurso acadêmico nas palavras de ordem como: *estude!* e nas perguntas ao final do ano letivo, *passou?* Estabelecendo para os estudantes uma posição de compromisso com a formação como para Sofia: *meu pai sempre disse assim: estude, estude que pra mim vai ser uma honra se você se formar*. Acredita-se que isto seja o resultado de um forte investimento de solidariedade entre os membros destas famílias, pois mesmo que as atitudes não sejam concretas no plano do ajudar a fazer, mas se faziam presentes no incentivo simbólico dos pais e irmãos, portanto, um apoio de maior referência afetiva que um plano concreto de ações de apoio pedagógico ou econômico.

Em conta desse investimento simbólico que os pais depositaram nos saberes acadêmicos, observa-se a necessidade dos filhos em ofertar um retorno afetivo e também concreto, a fim de contemplar os pais com a diplomação e fazer valer os conhecimentos obtidos para uma mudança de vida necessária ao contexto de onde vêm. Para Capitu,

Escobar, Jacó e Aires, isso vem com o compromisso do trabalho no sítio, por desenvolver atividades de produção que melhore as circunstâncias de trabalho e bem-estar da sua comunidade, como diz Escobar: *eu pretendo mudar a minha família, mudar a vida, mudar a região*. Estes jovens se investem de um compromisso com a mudança e com a superação, ser capaz de fugir da repetição do trabalho pesado, de uma vida dura, submetida à sorte, e sobretudo, ao cumprimento das necessidades básicas de subsistência, onde a rota indica sempre o caminho dos sacrifícios. O desejo que impulsiona Helena a não cumprir a mesma vida que a mãe, e ainda poder mostrar sua capacidade, mostrar que é possível superar até mesmo o rebaixamento comunitário acerca do seu desempenho, lembrando que sua trajetória: *se deve as pessoas que nunca acreditaram em mim, porque eu quis mostrar a elas que eu ia conseguir, não terminei ainda, mas eu vou terminar*. Para Flora a formação será uma devolutiva ética aos pais, à sua confiança, ratificar que a saída de casa teve um motivo nobre: *está sendo um sacrifício deles também, de estar com um filho em outra cidade, de saber se quando você está falando ao celular você está falando a verdade. Então por que não me dedicar um pouco mais?*

Nossos estudantes viram seus irmãos saírem da escola basicamente para o casamento ou o trabalho no campo, junto aos pais. Inclusive está nas entrevistas de Aires e Brás a realidade do casamento jovem e a descoberta da paternidade. Tudo que Helena não quer para si, sua referência está na mãe e nas amigas, seu desejo é seguir inversamente o destino ou as escolhas que essas pessoas fizeram: *eu vi que se não estudasse minha vida vai ser isso, porque eu vi que foi o que aconteceu com minhas amigas, elas desistiram, casaram, tiveram que casar pra sair de casa e eu não queira isso pra mim de jeito nenhum*. Isto por si, já é uma posição de resiliência através da luta contra os seus, não é apenas mudar uma realidade, mas se posicionar contrária a pessoas significativas em sua vida.

Mesmo com suas imensas transformações, de acordo com Roudinesco (2003):

a família autoritária de outrora, triunfal ou melancólica, sucedeu a família mutilada de hoje, feita de feridas íntimas, de violências silenciosas, de lembranças recalçadas. Ao perder sua auréola de virtude, o pai, que a dominava, forneceu então uma imagem invertida de si mesmo, deixando transparecer um eu descentrado, autobiográfico, individualizado.

Assim aconteceu na experiência de Helena em que o pai privado de liberdade, pelos delitos que cometia, há tempos já não cumpria com suas obrigações, sobretudo a função simbólica para os filhos, um pai desautorizado: *ele só aparecia quando aprontava e conseguia dinheiro, aí ele chegava com uma feira para enganar.*

As famílias aqui representadas trazem perspectivas comuns em relação à formação dos filhos, pois mesmo não tendo atingido o suporte necessário às demandas acadêmicas do filho/estudante, não tendo um nível de escolaridade longo e ou não sendo consumidores dos elementos culturais de prestígio, como o acesso à biblioteca, cinema, teatro e demais ambientes de formação. Além da falta de acesso aos instrumentos da tecnologia, como a internet.

Apesar de não exercer um discurso de poder sobre as escolhas dos filhos com relação ao tipo de curso, esta não é uma posição que corresponda a alguma negligência, somente pelo fato de não terem alcance sobre o que significa uma Universidade, e assim não conseguirem ou se sentirem balizados a opinar. O não reconhecimento social da instituição, porém, os valores a que ela conduz, alguma coisa sentida por Flora: *a minha mãe era mais aquela coisa, ela saber o que era importante, como é importante a educação, porque eu vejo que ela é a única pessoa que não estudou, os outros ainda sabem ler um pouco e ela não, então ela sabe o quanto é importante e o quanto ela gostaria de ter estudado.*

Os achados da pesquisa de Lahire (2004, p. 29) indicam que “os pais sacrificam a vida pelos filhos para que cheguem aonde gostariam de ter chegado ou para que saiam da condição sociofamiliar em que vivem”. Nesta investigação, não necessariamente houve um sacrifício dos pais que tenha sido maior ou prevalente em relação aos sacrifícios do próprio estudante, no entanto, é perceptível o reiterado pedido de estudo como elemento de mudança de vida, assim que os pais tomam consciência de que o filho é predisposto ao processo de escolarização, possui os requisitos necessários à vivência do mundo acadêmico, “tem cabeça”, muitas vezes totalmente diferente em comparação aos irmãos.

2.7. A comunidade

A vivência comunitária não teve para os estudantes entrevistados um suporte significativo no plano do engajamento social ou rede de apoio no processo de escolarização, a exceção de Aires, em que sua comunidade participa ativamente de uma associação para luta dos direitos do povo indígena. Quando perguntados sobre a existência de associações comunitárias ou algum movimento sindical, todos os estudantes, salvo o caso de Aires, revelaram não existir ou existe de modo precário devido a distância em relação a cidade e os poderes públicos não designarem os recursos necessários para aquela localidade, outras vezes em virtude da própria população não se manter engajada por não saber desenvolver projetos que tentassem movimentar os interesses coletivos, como lembra Livia: *não existe nada lá, nada mesmo*.

É necessário observar que o meio de onde vêm nossos entrevistados apresenta demandas socioeconômicas que inevitavelmente orientam para o mundo do trabalho, a prioridade é que desde cedo os filhos ajudem na lida de tratos agrícolas junto aos seus pais, ou saiam para outras localidades a fim de trabalhos quase sempre do tipo informal e com necessidades de pouca qualificação. Como diz Flora: *porque o meio que a gente vem era: para que vou fazer uma faculdade? Era arrumar um trabalho que me dê meu sustento*.

Acerca das associações comunitárias, somente um caso chama a atenção para um engajamento efetivo neste tipo de rede de apoio, mesmo que em sua maioria, os estudantes relatam a existência, embora que precarizada de uma associação rural. No caso de Aires, sendo indígena e estes vivendo no último ano uma forte opressão com relação a direitos conquistados sobre a demarcação de suas terras, havia a necessidade de que a comunidade permanecesse em luta e unidos em prol desta causa, portanto, para eles a instituição comunitária nunca pode perecer. Capitu observa as conquistas obtidas através de sua associação, assim como Marcela identifica o desejo de um dia poder ajudar a renovar a comunidade através de projetos para a associação: *eu até tentei fazer uns negócios lá, mas não deu certo, na época eu não tinha experiência*. Em outros casos a participação se dá apenas como possibilidade para facilitar o processo de aposentadoria com o pagamento de uma taxa para o sindicato dos trabalhadores rurais, como refere

Helena: *vejo que está se apagando também, minha mãe por exemplo, paga só para se aposentar, aquela contribuição do sindicato, porque de outra forma eu não vejo nenhum outro benefício.*

O isolamento da comunidade em relação à cidade concorre para a precarização de recursos e desenvolvimento de projetos, algo que se repete na fala Helena: *onde eu moro é bem isolado não tem muitos vizinhos próximos, antigamente tinha uma associação comunitária, mas agora não tem nada.* Em Escobar: *eu sinto que esse sítio é um pouco esquecido quanto à assistência, à associação, é muito pobre nisso.*

Além das evidências com relação à precariedade das associações, percebeu-se que os sujeitos de nossa investigação têm desenvolvido um sentimento de pertença à realidade rural muito forte, uma marcante identidade com o contexto de origem, a exceção de Sofia que deseja não mais voltar para casa quando terminar sua formação em Pedagogia. Este pertencimento aparece na fala de cada um como o desejo de poder fazer alguma coisa em prol da comunidade, a partir do próprio tipo de curso em que estão se graduando. Como a quase totalidade dos estudantes entrevistados está na área das Ciências Agrárias, a exceção de Livia e Sofia, com Letras e Pedagogia, respectivamente, observamos um interesse em se qualificar para mostrar que podem contribuir com o manejo da terra, mesmo também presente para estes estudantes que embora com uma formação científica, nunca serão superiores aos seus pais, que passaram uma vida inteira na lida diária daquela cultura, sendo os saberes da experiência algo que para eles supera qualquer formação como mostra Flora: *eu acredito que eu posso terminar meu curso aqui, até com nota dez, mas meu pai vai ter muito mais conhecimento que eu.*

A importância do cotidiano se faz sentir através da sensação de pertencimento, ou seja, o cotidiano como elemento fundamental na construção da identidade coletiva do sujeito, mesmo que o grupo não tenha uma regularidade de encontros ou uma aproximação tão estreita, o fato de pertencer aquela comunidade e saber que grande parte da vivência de cada um é em parte, comum a todos. Nesta investigação, a percepção das dificuldades e desvantagens sofridas pela comunidade de origem, permite que os estudantes isentem o seu povo de um lugar de culpa, se há culpados, estes apontam para

as lideranças políticas, a falta de ações voltadas para aquela comunidade e ou a distância entre seu sítio e a cidade.

2.8. Sentidos atribuídos ao conhecimento acadêmico

De acordo com os dados obtidos nesta investigação a função que os entrevistados atribuem ao conhecimento segue basicamente dois sentidos, o primeiro deles é o conhecimento com valor simbólico de acesso a bens imateriais, por isso, responsável pela mudança de atitude perante a vida e o mundo. O conhecimento nesse viés constrói os elementos de distinção em relação ao contexto de onde vêm estes estudantes, e, sobretudo, dentro de sua própria família. O segundo caminho para o qual aponta a importância do conhecimento acadêmico, diz respeito a uma base objetiva de maiores e melhores oportunidades profissionais, o que consequentemente, mudará sobremaneira as condições de vida do estudante, da família, da perspectiva de futuro, e até da própria comunidade, como é comum às falas de Jacó, Escobar, Aires e Marcela, ao perceber que é através do conhecimento científico que poderão contribuir para uma transformação do contexto em que vive. Poder se preparar para fortalecer a dignidade do povo rural como diz Capitu: *o meu foco assim, sempre foi de me formar e voltar pra minha terra pra minha realidade e fazer o que for possível para ajudar os meus conterrâneos a desenvolverem, né?*

Mesmo que o ponto de partida e o processo tenha sido incerto e ou tido muitos percalços, todos os jovens entrevistados sabem exatamente onde querem chegar assim que terminarem o ensino superior. A certeza do que farão com o conhecimento adquirido, para além da aquisição de um diploma, sendo também comum a estes estudantes uma preocupação com a qualidade da sua formação como atestado por Flora: *quando eu respondo com uma forma que foi de mim é muito mais satisfatório, porque aí não vem só uma nota, vem que eu aprendi aquilo*. Os ensejos giram em torno da conquista de um trabalho, especialmente a partir de um concurso público assim como a continuação da formação através dos mestrados e doutoramentos:

- *quero ser extencionista e quem sabe fazer um mestrado, um doutorado*. (Capitu).
- *Meu objetivo é sair daqui concursada*. (Helena).

-
- *Penso de assim que terminar a graduação, distribuir currículo, eu sempre pesquisei as propostas.* (Marcela).

Neste aspecto a exceção está para Brás, pois leva em consideração a atual conjuntura política e econômica do país, ou seja, está atento para o aumento no índice de desemprego e corte de verbas que custeiam as políticas sociais e de inclusão: *está um momento difícil no Brasil de emprego, de mestrado, acontecendo cortes em cima de cortes.* Este choque com a realidade não permite que Brás desista, embora sabendo que não será fácil a aquisição de um benefício direto, ele virá com a formação acadêmica: *vou ter um grau de formação e estar desempregado no outro dia, tem que ter o pensamento realista.* No entanto, outros ganhos fundamentam sua graduação, a exemplo da experiência e da aquisição do conhecimento e a função que este exerce na vida das pessoas: *eu vim para mudar minha rotina, ver que eu poderia ser uma pessoa melhor, se eu fosse me casar um dia.*

2.9. Atitudes de superação

Durante todo processo de escolarização os estudantes aqui marcados protagonizaram histórias de desgastes em que era sempre necessário um recomeço. Assim foi para Capitu que além de investir quatro vezes nos processos de ingresso ao ensino superior teve que suportar a frustração de ser aprovada nos exames, mas não poder cursar em detrimento do suporte econômico. História comum a Flora que mesmo dentro da Universidade vivia a instabilidade de a qualquer momento ter que parar o curso, como assim o fez. Instabilidade, inclusive, que atravessa a história de todos os estudantes entrevistados, pois dependiam que o auxílio da bolsa fosse o suporte à manutenção na Universidade.

O enfrentamento às mudanças se constituiu como característica comum aos entrevistados, a possibilidade de adaptação nasce com as necessidades, ser capaz de mudar os planos, tomar outras rotas sempre que o momento apresentava uma dificuldade a mais, apesar dos estudantes terem evidenciado uma trajetória constante com relação às faltas. Podemos identificar como blindagem às frustrações, a posição tomada como salvaguarda emocional, foi assim para Capitu e Marcela que tiveram que esperar o

momento certo para ingresso na Universidade, sabendo que este momento não dependia de suas tentativas, pelo contrário, elas sempre esbarravam nos impedimentos socioeconômicos e ou da falta de suporte acadêmico. Em outro sentido essa frustração veio para Brás quando não pode seguir a carreira de músico, mas agregou uma nova oportunidade através da entrada no ensino superior: *eu não tenho medo de me frustrar, já não tenho medo da morte porque a morte vive constante na minha família.*

A capacidade para o recomeço e a disponibilidade para vida, como aconteceu com Flora que mesmo com seu afastamento da Universidade e um consequente desestímulo foi capaz de retomar e acreditar que aquele foi um instante estratégico e até necessário para que tudo pudesse melhorar: *talvez eu não tivesse me encontrado no nono período como estou me encontrando agora, foi uma perda de tempo, mas uma perda necessária.* A fé no futuro e que as coisas podem melhorar, porém, seguir com um plano de atitudes e a crença como modo de operar em uma realidade difícil, como diz Brás: *quem crer em Deus ou crer em Buda, independente da religião que crer, em alguma coisa que lhe dá um sustento, ter fé em alguma coisa.*

As competências aqui mencionadas nomeamos de resiliência por se tratar de um padrão emocional daqueles que são capazes de superar as mais difíceis intempéries da vida, sobretudo, as que estão ligadas a significativos de violência doméstica, vulnerabilidade social, desamparo afetivo e exposição à humilhação. Para cada destes itens os sujeitos desta investigação acionaram motivos de superação que foram preponderantes ao êxito, mas não sem imensos sacrifícios, comuns a todas e cada uma das trajetórias aqui analisadas indicado na fala de Brás: *olhar pra trás como uma experiência, tentar transformar numa superação.* Assim como em Aires: *a dificuldade existe? Existe, mas nem por isso a gente tem que desistir.* O manejo daquilo que é comum à vida de pessoas que vivem na luta, em uma batalha constante, onde a condição acadêmica é só mais uma das dificuldades pelas quais passam diariamente, talvez o reconhecimento dos percalços identificado na fala de Aires, o ponto alvo para superação, não se apegar ao que passou como lembra Brás, mas fazer da experiência a proposta para alavancar outras possibilidades: *a gente tem que ser bem resolvido aqui na mente,*

também, né? e nas emoções, tanto que eu falo e nem parece que é uma história triste, porque eu aprendi a conviver com isso.

As adversidades são muitas e nas histórias aqui mencionadas mesmo que as disparidades sociais, as faltas econômicas tenham sido marcantes e determinantes em todos os casos, cada um dos jovens aqui analisados traz em sua trajetória acadêmica peculiaridades que os tornam singulares mesmo que o percurso tenha apresentado circunstâncias muito parecidas, isso aparece na história de Brás em sentido de autenticidade: *ser quem você é, ter os seus sonhos, seus planos, certo que amanhã pode dar tudo errado, mas se você disser amanhã vai dar tudo errado, mas eu vou estar vivo e vou tentar novamente, essa tentativa possibilita a conquista.*

2.10. Capacidades que atribui a si

As características pelas quais os estudantes se identificam dizem respeito aos atributos necessários para o suporte nas dificuldades, ou seja, características de sua personalidade que foram preponderantes e ou funcionaram como padrão de resistência. A palavra teimosia chama a atenção por referir a persistência que estes jovens mobilizaram a fim de poder suportar os insucessos do caminho, nada foi conquistado na primeira tentativa. Igualmente às expressões de superação e coragem, como os elementos subjetivos fundamentais para o investimento em um percurso que à partida dispunha de inúmeros défices. Há que se alimentar de fé e esperança para poder seguir em uma trajetória que parece não estar para si, acredita-se que por isso estes estudantes falam de uma teimosia, eles já sabiam que não ia ser fácil. Esta é uma realidade que faz parte das estratégias de Marcela: *não vai ser só coisa boa que vai acontecer, aí eu vou planejando, aí vou sabendo lidar, acho que o planejamento me ajuda bastante a saber passar pelas dificuldades*, sobretudo, porque não contavam com os suportes que previamente deveriam existir para manutenção de uma escolaridade longa e do ingresso no ensino superior, com diz Brás: *eu vim ciente de que se eu não arrumasse nada que pudesse me sustentar financeiramente aqui eu ia voltar pra casa pior*. O apego ao mínimo ou aquilo que ainda nem existia: *o que me manteve os cinco primeiros meses do primeiro período foi o seguro desemprego.*

Os qualificativos atribuídos pelos estudantes trazem os elementos de superação às dificuldades de sua trajetória, não à toa, teimosia e coragem evidenciam os traços de personalidade, mas também os modos pelos quais foram constituídas as estratégias necessárias ao êxito. A indicação de uma força que vai além das experiências objetivas do cotidiano, que comumente são o convívio com as faltas, a espera de um outro momento, as dificuldades constantes, no entanto, como pontua Jacó: *a pobreza você ver que é todo esse estado, mas se eu quero mudar, se eu tiver oportunidade, eu vou mudar, mas aí por mais que eu queira eu tenho que ter coragem também*. Criar possibilidades onde ninguém além de si mesmo precisa acreditar, isto constitui a marca singular de cada trajetória, aquilo que para Aires é a virtude dos fortes: *a gente não tem medo de lutar e esse fato talvez difira de alguns colegas que ficaram no caminho, essa vontade de lutar, essa garra mesmo*. O fato de ser o mais engajado em movimentos comunitários confere a Aires uma visão mais ampla do que acontece consigo, além de sua origem étnica disposta às lutas, ao cuidado e manutenção da vida. Ele se utiliza de um vocabulário que consegue atribuir os exatos significados às suas experiências, com isso é capaz de dominar uma situação.

Somente uma estudante referiu o ingresso no ensino superior de uma Universidade Federal como algo relativo a um feito sobrenatural: *ai eu fiz a inscrição, por coincidência o conteúdo da prova a gente já tinha visto no último ano, acho que foi mais um milagre ou sorte, não sei*. A realidade do seu meio apontava para circunstâncias tão distintas do que aconteceu que Helena chega a não acreditar em seu potencial em relação ao êxito, atribuindo a efeitos prodigiosos que talvez fizessem parte ou correspondessem ao seu movimento de fuga de uma realidade tão dura. A estudante não se vê em posição de igualdade ou com direito de atingir uma posição tão distinta de sua realidade, um lugar distante de sua mãe e amigas, mas absolutamente merecido, por todo esforço e dedicação.

De acordo com Guareschi (2007, p. 35):

É impossível uma vida em comum sem que haja determinados fenômenos psíquicos que possuem, também, em comum, uma origem social e que são indispensáveis para manter a vida social em andamento. Essas são crenças religiosas, até mesmo mágicas, que sobrevivem apesar dos preconceitos a elas atribuídos.

3 - MAS AFINAL, POR QUE NÃO EU? HISTÓRIAS DISTINTAS E COMPARTILHADAS

Você verá que é mesmo assim
 Que a história não tem fim
 Continua sempre que você responde sim
 À sua imaginação
 À arte de sorrir cada vez que o mundo
 diz não.
 (Guilherme Arantes)

Grosso modo, a discussão dos dados seria uma etapa final no processo de organização e classificação dos documentos obtidos com a investigação. Na nossa pesquisa, criadas as categorias e estas alimentadas com as informações significativas ao nosso objetivo, foram procedidas às análises e vislumbrados os resultados que aqui são comentados a par das impressões constituídas em cada uma das entrevistas realizadas, as sensações pelas quais fomos tocados nesse encontro que como consequência resultou em mais uma forma de compreensão do mundo e da vida.

Embora a dimensão estatística para o êxito acadêmico dos sujeitos dos meios populares apontados em investigações aqui referenciadas, não tenha sido absolutamente coincidente, o grupo de estudantes da nossa pesquisa também apresentou entre si, tanto regularidades, quanto circunstâncias improváveis para o sucesso acadêmico. No entanto, faz-se necessário enaltecer o êxito destes estudantes, levando em consideração, inclusive, a localização geográfica onde se encontram estes jovens e suas famílias, uma região continente de vários indicadores de pobreza, desigualdade social, preconceito e vulnerabilidade à violência, em relação às demais áreas do país. Além das desvantagens comuns à população dos meios rurais, como a dificuldade de mobilidade, a deficiência no acesso e manutenção da escolaridade com a partição dos níveis de ensino, necessidade de locomoção para cidade e vivência do ensino noturno, das salas multisseriadas e por vezes, das turmas de aceleração. Assim, o sucesso acadêmico dos jovens aqui mencionados, significa muito, para eles e suas famílias de modo particular, mas também para os sítios de onde vêm e suas comunidades, para macro região Nordeste e para um país imerso em grande crise política e econômica.

3.1. *Capitu*

Na vida há pessoas boas e ruins, cada uma com a sua função, para o bem, e para o bem também. (Capitu)

Capitu foi a primeira estudante captada pela Universidade a fim de participar da entrevista, o psicólogo do setor fez esse contato e passou o número de telefone para que fosse marcado o horário de acordo com a disponibilidade da estudante, tendo em vista as aulas que se iniciavam naquela semana. Foi reservada uma sala dentro do mesmo setor para que as entrevistas acontecessem. A entrevista de Capitu com todas as suas lembranças foi atravessada pelo choro, a jovem chegou no horário marcado e mostrou inteira disponibilidade em participar daquele momento, inclusive foi através dela que foi captada a maior parte dos próximos estudantes para participação na pesquisa. Capitu falava sobre a investigação com seus colegas de residência e a partir da autorização destes ela repassava o número de telefone para contato e marcação dos horários, com isso tivemos a impressão de que dentro da residência ela goza da amizade de todos, tem um jeito efetivo de socializar-se e cativar a confiança dos colegas.

Com uma família de dez irmãos, Capitu não foi a única a acessar o ensino superior, porém a que com maiores dificuldades seguiu o percurso, devido a espera para o ingresso na Universidade, a carência nos dispositivos que facilitassem o acesso à informação e a convivência com a frustração da não permanência nos cursos que iniciava. Embora os pais tenham baixa escolaridade, é perceptível o quanto sua família valoriza os conhecimentos acadêmicos, sobretudo, na figura da mãe que acompanha o percurso escolar dos filhos, na ida às reuniões e interesse no rendimento acadêmico quando pegava o boletim de notas. A estudante não se considerava como a aluna destaque, mas identifica o gosto pelo estudo através das boas notas e da preocupação com as atividades escolares, durante o ensino básico.

O que permanece comum na vida acadêmica dos irmãos é a concomitância trabalho-estudo, tendo ainda aqueles que não se dispuseram a seguir um percurso escolar longo, o que também é comum aos demais estudantes entrevistados, sendo eles de uma

maior ou menor fratria. O mundo do trabalho acaba incorporando estes jovens, o que para eles é prioritariamente em atividades agrícolas.

3.1.1. Os apoios: um incentivo contraditório

O número de irmãos e a vivência do trabalho oferece à história de Capitu peculiaridades interessantes e igualmente difíceis, vinda de uma família de onze filhos, Capitu é a sétima da fratria, embora encontre em alguns irmãos os pares da vida acadêmica, para todos as rupturas no percurso foi muito comum, mesmo sendo Capitu a única que ingressou em uma Universidade Federal, os irmãos que concluíram, ou estão fazendo ensino superior, o fazem em Universidades Estaduais ou Institutos Federais. Este é mais um elemento que destaca a estudante e lhe deixa orgulhosa de sua conquista: *aqui na Federal só eu*. Seus pais têm visões bem diferentes da escola, a figura da mãe corresponde à figura central de incentivo: *pai ver tanta gente que estudou e não conseguiu um emprego, estabilidade financeira ou então não deposita tanta confiança assim*. Portanto, foi nesse universo de disparidades de apoios que Capitu viveu sua escolaridade, mesmo sabendo que “a criança pode ser envolvida por pessoas que representam princípios de socialização, tipos de orientação a respeito da escola, muito diferentes, e até mesmo opostos”. (Lahire, 2001, p. 45). Porém, isto não será determinante à longevidade ou não do percurso acadêmico.

Sua mãe é aquela que participa das reuniões escolares e demais compromissos de frequência à escola, exceto aquelas atividades que envolviam o fazer pedagógico, como os exercícios levados para casa. Depois das séries iniciais sua mãe já não tinha compreensão dos conteúdos e os filhos precisavam ajudar-se entre si, além de recorrerem aos livros que pudesse adquirir na biblioteca da escola, não havia recursos para compra de material específico ou livros que não fossem didáticos e ofertados gratuitamente. Acerca dessa questão Capitu expõe sua falta de interesse nas leituras e que pela mudança dos tempos e a chegada da internet, com suas irmãs a realidade foi diferente: *eu comecei a ter hábitos de leitura e depois deu preguiça, mais no ensino médio, meu irmão sempre foi mais e agora com minhas irmãs, com livro em pdf leem não sei quantos livros por dia*.

A visão que seus pais expõem da escola, segundo Capitu, diz respeito à função prática das formações que seu pai entende como uma necessidade primeira de se profissionalizar para ganhar dinheiro, mudar de vida. O que vem ao encontro daquilo que diz Lahire (2001, p.33), acerca da heterogeneidade com que os atores sociais se deparam dos macro aos micro contextos sociais e suas formas de pensar e agir:

Os actores do mundo social utilizam formas de pensar e de agir diferentes e muitas vezes contraditórias no seio de universos sociais diferentes (o universo familiar e o universo do colono) e do ‘saber cultural’ que implica mais a mistura, a confusão dos géneros e dos registos, e, finalmente, a contradição no próprio centro de cada prática.

3.1.2. A escola como ascensão social: dignidade e sentimento de pertença

De acordo com Capitu quem é do sítio deve encontrar no seu meio de origem as condições para manutenção dos estudos e do desenvolvimento da profissão, portanto, sair do seu meio não está nos planos, condição variável dentre os demais entrevistados: *Eu sempre fui do sítio e sempre quis fazer Agronomia e quando eu tive que sair do sítio para trabalhar na rua eu não acho certo isso, eu acho que quem mora no sítio tem que ter condições de sobreviver do sítio, é isso que me motiva na Agronomia.*

Mais tarde, a entrada na Universidade, a aproximação com os saberes comuns à sua vida no campo, formaram os requisitos necessários ao enfrentamento de dificuldades inerentes à vida universitária, e, sobretudo, ao convívio em uma residência estudantil com as mais diferentes pessoas e situações. Podemos localizar no seu interesse em mudar uma realidade social ou reunir as condições necessárias a se viver bem dentro dessa realidade aquilo que fomentou a superação: *eu quero dar o retorno para fortalecer a dignidade, não sei, acho que mãe sempre gostou de morar no sítio, nunca quis vir para cidade, passou um tempo na cidade, mas não gostou. E eu não me vejo em outra coisa, morando na cidade, fora do ambiente.*

Embora Capitu não apresente o desejo de buscar em lugares mais distantes o favorecimento para o desenvolvimento de sua profissão, ela é também muito consciente que as condições climáticas da região não favorecem cultivos: *meu irmão tem que sair*

para trabalhar fora e minhas irmãs não têm renda, aí antes do meu pai se aposentar teve que trabalhar em fazendas e minha mãe cuidava de uma pequena criação, lá é uma zona de transição, não é agreste, nem sertão, é semiárido, aí não chove muito para poder plantar. Desse modo, o que está em jogo é mostrar as suas habilidades, é mostrar seu destaque, inclusive para os próprios irmãos que também seguiram uma vida acadêmica, mas não com uma representação social com a distinção das Universidades Federais.

A sensação de pertença à realidade rural impulsiona a estudante na escolha do curso, assim como, a ultrapassar as dificuldades em sair daquele meio e em um futuro poder contribuir para melhores condições de vida, aí está sua imensa diferença, o enfrentamento. A disposição em ir contra preceitos e características de personalidade e seu modo de vida. Conviver com mais e diferentes pessoas, outras formas de subjetivação, novos hábitos, outra cultura, modos de se portar. Aquilo que retira Capitu da escola é também aquilo que aproxima, enquanto que na 5ª série se sente acuada e desiste da escola pela dificuldade de conviver com pessoas de fora de sua realidade: *porque eu estudava no sítio, como eu mudei para cidade aí eu desisti, no outro ano eu tentei e fui até o fim. Talvez por causa do grupo de pessoas tão diferentes, os professores não faziam nada para agregar. Eu fiquei até o meio do ano, eu não me sentia naquele universo, por mais que fosse mais difícil o conteúdo, eram mais professores, mas não era essa a dificuldade, era mesmo a relação com as pessoas, não vivi muitas situações porque eu não convivía com eles, acabei me fechando.* A questão aqui levantada é retomada quando Capitu assume uma sala de aula como professora de crianças e percebe o que aquilo é para si, lidar com aquelas pessoas, estar envolvida em demandas de uma complexidade de convivência a fez se afastar daquela possível profissão e ficar por dois anos em casa sem um trabalho que lhe gerasse uma renda efetiva. Essa falta de relação, sobretudo com os professores que não se dispõem a envolver os estudantes em atitudes de socialização com as pessoas e com os saberes escolares. Um compromisso docente evidenciado por Trindade (2010, p. 78):

Os sujeitos e os objectos de saber só são fatores a considerar no seio de um projeto de formação porque se relacionam entre si, cabendo, então, aos formadores, que visam estimular e, em determinados momentos,

regular tais relações, assumir-se como mediadores nesse âmbito, aos quais, para o serem necessitam de se afirmar, enfim, como interlocutores.

3.1.3.O processo de escolarização e a chegada à Universidade

A entrada na escola não foi para Capitu uma coisa que lhe despertasse algum gosto, *não tinha muito desejo de ir pra escola não, era normal*, assim como em toda escolarização não se via como uma aluna destaque: *com certeza não era eu, sempre tinha uma que se destacava mais, estudava mais, cada turma tinha uma, mas não era eu*. No entanto, quando perguntada sobre como era a reação dos pais caso as notas não fossem boas Capitu deixa claro: *nunca acontecia isso, porque as notas eram boas, pelo menos no ensino médio, no fundamental, não está sendo agora*.

A estudante chora quando lembra especialmente de suas desistências por causa das dificuldades financeiras que atravessou, a falta de recursos, mesmo quando entra na Universidade e dá continuidade, Capitu consegue identificar que este seria o único fator que lhe afastaria da faculdade, mesmo que dificuldades na aprendizagem de alguns conteúdos tenham sido significativas, nada supera a falta de recursos, sem o benefício das bolsas e a inserção no programa de residência não seria para ela possível manter-se na Universidade: *acho que eu não estaria aqui*.

Apoiadores afetivos funcionam como os segundos mantenedores da vida universitária para Capitu, alguma coisa bem diferente daquilo que ela relata do seu primeiro impacto escolar quando saiu da escola do sítio para cidade, naquela época sua desistência foi exatamente por não conseguir estabelecer um contato com os pares: *era mesmo a relação com as pessoas...acabei me fechando*. Este é um contraste que se evidencia em dois pontos de sua trajetória, um deles no ensino médio: *eu sempre fiz trabalho de grupo, gostava de fazer trabalho em grupo*; e outro ponto agora, por ela ter nos amigos diferentes de sua realidade social o apoio fundamental, amigos chamados de “nutela”, alusão a uma marca de chocolate cremoso e macio usado como recheio ou acompanhamento de pães e bolachas, os amigos “nutela” seriam aqueles que nunca passaram pelas dificuldades as quais os sujeitos de origem popular estão acostumados: *as*

que são nutela, são elas que têm me ajudado, me colocado pra cima pra poder continuar. A relação com um companheiro de estudo em particular, evidencia a figura central do apoio afetivo e acadêmico, pois na mesma pessoa encontra-se o amigo que ajuda nos conteúdos mais difíceis, quanto nas palavras estimuladoras para continuação do curso em uma espécie de reciprocidade de sacrifícios e superação: *as disciplinas que eu reprovei ele reprovou e a gente estudou junto, um deu suporte para o outro: - não, a gente vai conseguir!*

Dentre os entrevistados Capitu é aquela de maior idade e isso parece lhe deixar com certos incômodos, talvez pela sensação de estar à porta, tê-la aberto e não poder entrar ou pela identificação de que foi muito tempo até o ingresso na Universidade, tempo inclusive que foi muito bem aproveitado, afinal fez quatro tentativas de Enem e realizou um curso técnico pelo Instituto Federal de Pernambuco, órgãos espalhados pelo país na prestação de ensino médio mais um ano de ensino técnico profissionalizante, quem estuda no IF pode optar pelo ensino médio de três anos ou agregar mais um ano para o técnico, este último também pode ser oferecido separadamente às pessoas que tenham interesse por uma formação técnica. A jovem contabiliza uma desistência na 5ª série, hoje chamada de 6º ano, que corresponde ao primeiro ano do Ensino Fundamental II. A reunião destas condições acabou favorecendo uma entrada tardia na Universidade se pensado o tempo em que terminou o ensino médio.

Capitu prestou quatro processos seletivos, no primeiro não pode cursar pela falta dos recursos financeiros, mesmo o curso sendo gratuito no IF, seus pais não tinham dinheiro para o pagamento das passagens para que ela se deslocasse de uma cidade à outra; na segunda seleção, para um curso em licenciatura de uma faculdade particular, no ano de sua entrada o governo do Estado cortou a bolsa que poderia financiar o pagamento das mensalidades, então não foi possível cursar; a terceira seleção, cinco anos após a primeira, foi mais uma vez para o IF em curso das Ciências Agrárias, pela existência de uma bolsa que auxiliava quanta às custas de deslocamento, atrelada a uma reserva do trabalho que Capitu tinha desenvolvido nestes cinco anos, foi possível que ela conseguisse terminar o curso; sua quarta tentativa de seleção para o Ensino Superior foi

na Universidade Federal onde hoje cursa Agronomia: *eu tentei de novo o Enem e falei que era a última vez que ia tentar.*

3.1.4. A condição de resiliência: um sempre recomeçar

A característica de maior evidência para Capitu é sua teimosia, de acordo com o dicionário Aurélio (2001, p. 665), “teimoso é aquele que é dado a teimar, obstinado, pertinaz”. Não há dúvida de que a persistência é a base pela qual caminha a história da estudante, com muitas quebras e desgastes, mas um refazer-se, reinventar-se a constituir estratégias, por vezes nem percebidas por si. As habilidades mobilizadas causam uma certa tendência a sempre recomeçar, a compreensão de que é necessário aguardar um momento, fazer um breve recuo a fim de que surja uma oportunidade, na história de Capitu não é algo que cause a sensação de estar parado, pelo contrário, sua vida esteve cheia de movimentos, tentando alinhar-se aos objetivos. A parada na 5ª série e sua retomada, a possibilidade de trabalho e o desenvolvimento do ensino médio, o desempenho de uma profissão e a compreensão de uma angústia, dar tempo aos estudos e a reunião de economias, enfim, vários pontos que foram convergindo para chegada aos objetivos, mesmo que esta série de intervenientes fossem em amplo sentido contraditórios.

Por fim, considera-se que o empreendimento acadêmico feito por Capitu teve sua essência no gosto pelo conhecimento. Sua experiência como professora de crianças não lhe constituiu a satisfação necessária ao desempenho de uma função, caso as condições econômicas objetivas fossem prioritárias para si, talvez ainda estivesse naquele cargo, no entanto, a falta de identidade com aquilo lhe fez um compromisso maior, o de buscar outros caminhos e desenvolver algo que não apenas mudasse sua vida, como também, a realidade familiar.

3.2. *Flora*

O conhecimento que procuro é querer algo intermediário, nem fugir de algo da minha realidade, mas também não me acomodar na minha realidade. (Flora)

Filha de pai recasado, Flora foi a segunda estudante a ser entrevistada e esteve o tempo todo solícita aos nossos pedidos, como também se mostrou bem à vontade com o diálogo que travava com uma pessoa que nunca tinha visto. Alguns momentos de tensão foram percebidos quando as lembranças coincidiam com o relato de situações que poderiam tê-la afastado da Universidade, falou em detalhes precisos sobre sua relação com a família, o percurso escolar básico, as dificuldades financeiras e o universo acadêmico. Sua entrevista teve duração de 50 minutos, deixando Flora, ao final, sua indicação de colega a ser entrevistado que prontamente aceitou nosso pedido. Neste caso, Flora fez a indicação do primeiro rapaz a ser entrevistado.

Flora é uma jovem de 22 anos e com uma força interior que impressiona, dentre os entrevistados foi aquela que acabou partindo por um ano o curso de Agronomia, este trancamento foi relativo ao apoio financeiro, tendo em vista que Flora não conseguiu seleção para o programa de residência assim que entrou na Universidade, além da reprovação da disciplina de matemática nos três primeiros períodos. Deixou a Universidade para trabalhar e fazer alguma economia que lhe garantisse a volta, este foi um tempo que acabou desestimulando a estudante, pois no mundo do trabalho em que desenvolvia não encontrava as condições de tempo para concomitância com os estudos, além dos recursos financeiros suficientes para sua manutenção. Somente quando a Universidade entrou em contato para renovação de inscrição no período aliada à sua coragem de deixar o trabalho, mesmo sabendo que não havia garantias da residência, foi que Flora retomou o curso e considera que isso aconteceu no momento certo, pois hoje se sente mais confortável em relação a nova turma e ao universo acadêmico. Por isso concordamos com Lahire (2001, p. 50), quando diz que: “nós somos, por isso, plurais, diferentes em situações diferentes na vida, ordinária, estranhos às outras partes de nós mesmos quando somos investidos neste ou naquele domínio da existência social”.

3.2.1.O processo de escolarização: uma boa companhia

Flora relata que ainda muito pequena ia à escola com o irmão, assim como ia para o trabalho dos pais no campo, pois estes não queriam deixar a filha em casa e a forma que encontraram foi que ela fosse precocemente para escola e para o campo. Apesar desta necessidade Flora lembra que não era ruim na escola, porém confuso: *é meio confuso porque eu fui de início pra acompanhar meu irmão para não ficar sozinha em casa*; assim como com seus pais não havia uma imposição ao trabalho: *ia para campo só para não ficar sozinha em casa, porque era só eu e meu irmão*. Como nos fala Lahire (2001. p. 238):

As crianças que descobrem o universo escolar como um universo relativamente novo e estranho são aquelas que dependem mais completamente da escola para se apropriarem dos elementos de uma cultura escrita. Quando lá chegam, elas triunfam muitas vezes por meio de uma cultura escrita escolar e não por uma cultura escrita familiar que pode ser totalmente inexistente.

Os vários universos pelos quais Flora passou lhe trouxeram novas formas de ver o mundo e experiências de vida muito bem aproveitadas, a fim de suas decisões: *quando eu fui para São Paulo, lá eu vi muita oportunidade de trabalho na minha porta, só que São Paulo pra mim era algo que ia me deixar desconfortável*. Assim observa Lahire (2001, p. 14) que, “a interiorização sistemática dos pontos de vista mais diversos sobre o mundo social é o melhor meio de estar, por sua vez, em condições de desenvolver um ponto de vista próprio”.

3.2.2.Os apoios: um constante vir a ser

No caso de Flora o apoio da residência não veio imediatamente ao seu ingresso na Universidade, inicialmente uma bolsa auxílio era o que ajudava em uma manutenção mínima, com um tempo e as reprovações sofridas foi perdendo estes suportes. Com a decisão de desenvolver um trabalho Flora perde também o tempo de dedicação aos estudos e uma coisa foi trazendo a outra, novas reprovações que culminaram na escolha

pelo trancamento do curso até uma possível regularização das pendências. Passado um período Flora volta à Universidade, mas sempre no mesmo ponto, a espera de um apoio surgir, agora, além da possibilidade de entrar para residência, conta com a rescisão de um contrato de trabalho que lhe supra dos valores necessários à manutenção financeira para pelo menos mais um período na faculdade. *Quando eu saí do trabalho sabia que ia receber um dinheiro da rescisão e tentar novamente a residência.*

Quando Flora foi à São Paulo com o pai, observou naquela realidade as oportunidades de trabalho que poderiam ser plantadas também no seu contexto, desde que houvesse uma preparação para isto. Foi a partir daí que lhe surge a visão do ensino superior com alguma coisa que poderia desenvolver na própria localidade: *ai você sai e ver o mundo, procurei algo que me abrisse portas, mas que não fosse longe de casa.*

3.2.3. Atitudes de superação: um acreditar em si

A história de Flora traz a singularidade daquela que dentre os irmãos é a única que está na Universidade e por isso goza da autonomia típica dos homens no contexto sociocultural em que vive. Poder sair de casa, morar sozinha, ter a liberdade de ir e vir conforme suas decisões e necessidades é algo que foi autorizado a partir da condição de estudante universitária: *meu pai ele ver que se você está fora, e o fato de você estar fora significa que está fazendo algo importante.* Permissão que vem carregada de orgulho, não apenas dos pais, mas também irmãos e sobrinho: *meu sobrinho, por exemplo, por influência do meu irmão e da minha cunhada, ele comenta e me ver como rica. - Titia é rica, é inteligente.*

As capacidades que se atribui estão relacionadas àquilo que em boa parte do seu discurso está presente, a capacidade de saber fazer, o reconhecimento de uma competência: *mas eu sempre tive a confiança que se eu quisesse fazer eu conseguia.* Isto lhe oferece a firmeza de seguir mobilizando um padrão de resistência que permite esperar, planejar e retomar, e neste ciclo alcançar seus objetivos.

3.3. Helena

Meu êxito se deve às pessoas que nunca acreditaram em mim, porque eu quis mostrar a elas que eu ia conseguir, não terminei ainda, mas eu vou terminar. (Helena)

Helena tem 19 anos e traz uma história escolar de imensa superação pelas experiências de violência que viveu em alguns pontos da escolaridade básica e também na Universidade. Sua mãe era separada, criou os filhos sem a ajuda do pai que acabou se envolvendo com a criminalidade e não acompanhou o desenvolvimento das crianças. Daí a necessidades desde cedo que os filhos trabalhassem e pudessem produzir para sua própria manutenção. No caso de Helena isso esteve relacionado a uma oportunidade de estudo e o trânsito por espaços promotores de experiência e de aquisição de novas posturas: *Eu saí de casa tinha 16 anos para trabalhar em casa de família e terminar os estudos*. Acerca disso diz Lahire (2001, p. 46) que:

Um actor plural é, portanto, o produto da experiência, muitas vezes precoce, de socialização em contextos sociais múltiplos e heterogêneos. Ele participou ao longo de sua trajetória ou simultaneamente ao longo de um mesmo período de tempo em universos sociais variados, ocupando neles posições diferentes.

Os irmãos de Helena não seguiram um percurso escolar longo, ela é a única que dentre a família, e também os amigos da comunidade, trilhou caminhos para além do trabalho e do casamento. A estudante nos traz a impressão de ser comedida em suas palavras, seu discurso se faz basicamente sem alterações na entonação da voz ou ordem do pensamento, apenas deixando evidente em alguns momentos que avalia muito o que deve falar, até onde podemos saber, sobretudo, naquilo que se refere ao pai que está privado da liberdade, e a sentimentos represados com relação às humilhações que sofreu no ambiente escolar. Talvez por isso que evoca o desejo de vencer para mostrar aqueles que descreditaram de si.

3.3.1.O processo de escolarização: a escola como um ambiente hostil

Aos 10 anos Helena entrou no ensino fundamental II à noite pela falta de transporte em outro horário, a partir daí forma inúmeros problemas relativos à interação com os colegas que lhe atribuíam uma série de características pejorativas em atitudes de violência, sendo necessário que sua mãe intervisse por várias vezes: *tinha uns meninos que ficavam mangando de mim, porque eu era pretinha e tinha o cabelo ruim*. Sobre isso Lahire (2001, p. 261) diz *ser* “impossível predizer com certeza, tanto relativamente aos actores como os investigadores, o que, num contexto específico vai jogar (pesar) sobre o actor e o que, dos múltiplos esquemas incorporados pelo actor, vai ser desencadeado em/por um tal contexto”.

3.3.2.A escola como ascensão: a Academia como repetição da violência?

Longe de ser um ambiente confortável, a Universidade está sendo para Helena uma espécie de repetição de algumas atitudes de violência vividas no Ensino Básico, naquela época por parte dos colegas e alguns professores que se mostravam pesadões, agora com as interações difíceis na residência como pela percepção de que a academia é também espaço de preconceito, violência simbólica e um jogo de poder. *Às vezes o ensino superior é decepcionante, têm coisas que você acha tão absurdas*. Os absurdos aos quais se refere Helena, são atitudes dos professores, levadas por si como brincadeiras, mas que conscientemente são atributos dos estigmas e preconceitos existente dentro do ambiente universitário, por vezes, pegadores de modo muito naturalizado pelos professores. *Uma professora disse uma brincadeira...que estava com medo de mim, que eu poderia bater um tambor para ela*. A estudante logo percebeu que o discurso da professora fazia uma alusão à sua cor e algumas práticas do seu povo, no entanto sabemos que “um actor (e as suas disposições) nunca pode, portanto, ser definido por uma única ‘situação’, nem mesmo por uma série de coordenadas sociais”. (Lahire, 2001, p. 66).

As ditas “brincadeiras” aconteciam também com a amiga de Helena identificada como negra e remanescente quilombola, ou seja, fica evidente para estas estudantes que

os comentários não se dirigem especialmente aos ritos utilizados por este povo em suas cerimônias, portanto se estabelece ali as estereotípias que materializam os preconceitos no discurso da professora. Como diz Foucault (2013, p. 42) “O que é afinal um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra; senão uma qualificação e fixação dos papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso; senão uma distribuição e apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes”.

A grande viragem de Helena está em fazer dessa condição de não aceitação e inscrição de estereotípias, as molas propulsoras para chegada em seus objetivos. Atribuir aqueles que nunca acreditaram em si é o modo que ela encontrou para nomear sua caminhada. Continua sendo na Universidade o lugar que Helena escolheu para favorecer seu êxito pessoal e profissional, sabendo que “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (Foucault, 2013, p. 41). Assim observamos que em mais uma entrevista se repete a posição antagônica da escola, o lugar da promoção e produção dos saberes, mas também da atualização de valores excludentes.

Não podemos dizer diretamente que os comportamentos de violência com que era tratada durante seu processo de escolarização foi a causa do não acreditar em si, mas isto sem dúvida, confere a criação de um estado, um ponto de baixa estima, pela atribuição aos milagres e sortes o seu sucesso acadêmico.

3.3.3.Os agentes de apoio

Mesmo que não tenha sido na família e nos recursos financeiros que Helena encontrou o apoio para um processo de escolarização mais tranquilo, os apoiadores existiram na figura do vizinho disponível e da professora incentivadora, as vias possíveis de acesso e manutenção da vida acadêmica, contando ainda com a bolsa de residente como o elemento principal e até determinante para continuação no curso. Embora sua mãe não acompanhasse a vida escolar de Helena pelo cumprimento dos afazeres de trabalho: *minha mãe era separada, então ela tinha que trabalhar* e por vezes não atribuía importância aos elementos da cultura acadêmica, como a participação nas reuniões: *às vezes minha mãe ia, às vezes ela não ia, achava besteira*, mas vem dela um incentivo que

a todo instante evidencia o tipo de vida possível factível, caso algum sacrifício não fosse tomado pela filha: *ou você estuda, ou você vai ser como eu, sua vida vai ser na roça*. Mesmo dentro desse contradito, Helena apoiou-se exatamente na projeção especular de uma mãe que não se disponibiliza à escola, mas valoriza o conhecimento acadêmico. Isto é reconhecido quando se observa outras maneiras de abordar a escola e os fazeres pedagógicos, como diz Lahire (2001, p. 36):

Existem, igualmente, universos familiares culturalmente não contraditórios, compostos por adultos muito coerentes entre eles, nos quais vários princípios de socialização não se sobrepõem, e que exercem os seus efeitos socializadores sobre as crianças de maneira regular, sistemática e duradoira. Mas esses universos familiares, que se orientam objectivamente uma vez mais para o modelo de instituição total, encontram pouco mais ou menos as mesmas dificuldades sociais em perdurar.

O modo determinante com que as palavras da mãe tocaram Helena, a precisão da palavra e o que ela mobilizou, um pedido que se intensificou a partir das desvantagens materiais e das críticas que sofria na escola. Mesmo que a figura materna não tenha seguido pela escolaridade, ela foi capaz de apontar o caminho e validá-lo quando mencionava ser esta a possibilidade fundamental para mudança de vida. Apesar de o trabalho ter existido primeiro, Helena conseguiu compatibilizar as duas funções, a de trabalhadora e estudante, até o momento em que pudesse priorizar esta última condição como o faz agora na Universidade. O papel parental da mãe exerceu uma força determinante para construção das estratégias demandadas para um percurso escolar longo. A visão de uma mulher presa a um relacionamento abusivo, carente de suporte econômico e afetivo, inscrita nas vulnerabilidades de um ambiente hostil, fez com que Helena desejasse alguma coisa melhor para si.

3.3.4. Atitudes de superação: uma posição de assertividade

Ao longo de sua vida Helena foi elaborando estratégias que pudessem servir como mantenedores dos seus objetivos, primeiro o início do estudo à noite quando era ainda uma criança, depois sair de casa aos 16 anos para em outra cidade trabalhar e ter um ensino médio de maior qualidade: *eu tive a oportunidade de vir morar em Garanhuns, aí estudei em uma escola estadual e o ensino de lá é melhor do que na minha cidade*, seguindo da decisão em sair do trabalho para entrar na Universidade, mesmo sabendo que naquele momento não havia nenhuma condição concreta para tal, além da aprovação no Enem; a venda dos seus animais como estratégia até a aquisição de uma bolsa; o empenho ao estudo para superar suas defasagens: *minha deficiência era tão grande...o professor perguntou se as pessoas tinham conhecimento do word e eu fui a única que disse que não tinha, aí eu tive que começar do zero, do zero mesmo até ir pegando*; chegando ao não importar-se com comentários inapropriados dos professores, ou seja, na história de Helena alguns pontos se repetem tanto na condição de superação quanto nos acontecimentos indesejados e para cada um deles são acionados os investimentos necessários e carregados de assertividade na resolução daquela demanda.

3.4. *Lívia*

Nós temos a visão de um mundo melhor, é igual a quem mora no sítio no tempo da seca, tá lá na seca, tá sofrendo, mas tem aquela esperança, vai melhorar. (Lívia)

A entrevista com Lívia foi realizada com um pequeno atraso em relação ao horário marcado, em decorrência da sala reservada para tal estar fechada, acabamos nos dirigindo à outra sala do mesmo setor, para que o tempo não prejudicasse outras atividades da estudante. Depois das apresentações iniciais Lívia foi relatando sua trajetória ao mesmo tempo que chorava, suas lembranças se apresentavam vivamente naquele momento e nesse resgate de emoções foi intercalada alguma descontração, tomadas de bom humor,

mesmo quando o assunto era a dificuldade em manejar a posição universitária e a vivência pedagógica com alguns conteúdos e professores.

Lívia é a terceira da fratria e única dentre os irmãos que ingressou no ensino superior. Nasceu e cresceu no ambiente rural, saindo apenas para Universidade, mudança que não foi nada fácil, pois além de coincidir com um período de adoecimento do pai, morar na cidade grande e conviver com os fatores de vulnerabilidade desse novo espaço representou um grande investimento pessoal.

3.4.1.O processo de escolarização

Durante sua escolarização básica Lívia teve a oportunidade de se dedicar somente aos estudos e mesmo que não tivesse o apoio para produção das atividades escolares, seus pais estavam sempre a mobilizar o desejo por uma vida melhor através de uma escolaridade longa. Os conhecimentos acadêmicos trariam a ascensão social na oferta de melhores níveis na hierarquia do trabalho e um posicionamento contra a alienação: *se eu parar aqui vou ter que trabalhar em uma fábrica de roupas na cidade para ser explorada ou em um mercadinho*. Desse modo, o processo de escolarização vai seguindo como uma posição viável a melhoria pessoal e de um futuro profissional, mesmo que para isto muitos sacrifícios sejam feitos em nome de atitudes que evidenciem uma implicação: *ou você se esforça para avançar ou você estagna*.

O esforço pessoal esteve presente também, no desempenho do trabalho escolar, pois em sua casa e na comunidade Lívia não tinha os apoios necessários que atingissem suas necessidades pedagógicas, por isso criava estratégias que pudessem compensar suas faltas: *eu prestava muita atenção à aula...porque eu sabia que eu não tinha ninguém ali no sítio que eu pudesse pedir ajuda*, ou seja:

quando os pais não têm as práticas de leitura e de escrita que poderiam desempenhar o papel de exemplos para o filho, a única solução para eles consiste, portanto, em concentrar a sua atenção e a sua energia educativa nas práticas escolares. (Lahire, 2001, p. 239).

3.4.2. A Universidade: um contexto vulnerável

O impacto à entrada na Universidade teve para Livia muitas particularidades. Inicialmente pela mudança de cidade, sendo ela moradora de uma região rural de onde nunca havia saído, passando pela mobilidade em um contexto vulnerável das cidades maiores e desconhecidas, até chegar na dependência da morada na residência que lhe obriga o convívio com pessoas de atitudes pouco solidárias e por vezes, prejudiciais: *assim que eu cheguei na residência tinha um grupinho de meninas...elas começavam fazer muita coisa com as novatas*, além da falta de apoio estrutural aos residentes: *a faculdade diz que dá assistência...mas se alguém passar mal na residência ninguém faz nada, poucas vezes que mandam o carro para levar alguém*. O entendimento que lhe resta é a experiência dos saberes populares na expressão: *é aquela questão: manda quem pode, obedece quem tem juízo, a gente fica calado*. De acordo com Trindade (2010, p. 83) essa relação com a escola evidencia que “através da instrumentalidade que anima os projectos tradicionais, se visa promover, de forma tanto explícita como implícita, os efeitos do exercício de um poder que, por se aceitar que nos transcende, aprendemos a reverenciar ou, pelo menos, a não questionar”.

Com relação aos conteúdos de algumas disciplinas, Livia tece uma crítica à falta de critérios com que o currículo é planejado, para uma formação de professores ela acredita que a ênfase deveria ser em ações mais práticas, no entanto o que vê são as distorções de sua formação: *a prova disso é Inglês V, uma das matérias que mais reprova nessa universidade e não vai servir em nada na sua carreira como professor*. Assim segue:

a instituição escolar, de alguma forma “sem objetivo”, surge como uma obrigação social; o aluno tenta diminuir as exigências desta instituição através da força, do estratagema ou da negociação e a questão relacional está no seio das suas relações com a escola. (Charlot, 2009, p. 79).

3.4.3. Atitudes de superação: esperança e fé

Dentre as características que se atribui e ou a competência para seguir, Livia identifica a fé e a esperança em dias melhores como os suportes necessários em seu percurso. Portanto, estes seriam os recursos mobilizados a fim de superar as dificuldades de uma trajetória acadêmica solitária, inicialmente na escolaridade básica quando não tinha os recursos materiais para estudo e depois na Universidade quando perdeu a companhia da amiga que poderia ampará-la.

Livia segue acreditando que em um futuro próximo, o diploma será capaz de minimizar as diferenças de um contexto socioeconômico que a partida cria défices às oportunidades: *temos a esperança de quando pegar o bendito diploma, depois de lutar muito para conseguir um emprego ou um mestrado, depende muito, nós vamos ter um pouco de sossego, vamos ser recompensado*. A superação de um estado de pobreza a partir dos imensos sacrifícios que precisam ser suplantados, mas que ainda não oferece a garantia do sucesso, na verdade, viabiliza oportunidades, mas não determina o lugar de ascensão. Seria por isso que Livia aposta na esperança? As suas incertezas lhe conduzem a um contrato subjetivo com a formação universitária. A fé e a esperança de que poderá dar certo.

Por fim podemos adicionar como uma capacidade ou estratégia de resistência a capacidade de interação e desenvolvimento de algumas amizades configurados por Livia para “sobreviver” ao espaço acadêmico, materializado na residência e em suas dificuldades estruturais e de convívio: *eu chamei algumas poucas pessoas... eu agradei as pessoas e disse: vocês me ajudaram muito quando eu precisava, muito obrigado por existirem*. Por isso que:

a questão da relação com os amigos é um aspecto (essencial) de uma questão mais vasta: a das relações entre a escola e a “vida”. (...) a escola é importante ou não, valorizada ou desvalorizada, dependendo de ela ensinar ou não à vida. (Charlot, 2009, p. 85)

3.5. *Marcela*

Não vai ser só coisa boa que vai acontecer, eu vou planejando, aí vou sabendo lidar, acho que o planejamento me ajuda bastante a saber passar pelas dificuldades.
(Marcela)

A entrevista com Marcela transcorreu com muita tranquilidade, apesar da impressão de que ela estava ansiosa ou esperando que tudo fosse breve, sua timidez também concorre para esta observação, no entanto, ela se mostrou solícita e forneceu as informações necessárias às nossas demandas.

A singularidade da história de Marcela caminha pela sua capacidade de não perder as oportunidades, mesmo que estas lhe custassem imensos sacrifícios. Saber agarrar a própria sorte: *quando eu vi que tinha a oportunidade, aí eu disse: não vou perder, embora que meus pais não apoiem tanto.*

Dentre a família é a única no acesso ao ensino superior, um dos irmãos tenta e gostaria de continuar a escolaridade, mas as demandas de trabalho ainda não permitem. Os pais de Marcela trazem a marca quase que unânime em todas as famílias aqui referenciadas, a baixa escolaridade, circunstância que os deixam tolhidos a emitir opiniões sobre a carreira acadêmica da filha. Esta conjuntura não afeta diretamente a estudante, pois foi capaz de fazer suas escolhas mesmo sem os apoios que poderiam conferir uma segurança maior às suas ações, quase sempre solitárias.

3.5.1. O processo de escolarização: entre o estranho e o comum

Marcela fala de seu processo de escolarização e a ênfase vai para dois momentos que irão evidenciar suas atitudes perante os seus objetivos, inicialmente quando sai da escola rural para a escola do distrito e percebe a diferença em relação aos colegas e afazeres pedagógicos: *você é quase um estranho na turma.* Mesmo assim é capaz de seguir e receber um destaque em relação ao compromisso com a escola, através de uma

preocupação em tirar boas notas. O segundo momento, este ligado às decisões que a estudante teve que tomar sozinha, pois seus pais, justificando a baixa escolaridade, não se viam como os melhores conselheiros ao que ela deveria seguir quanto à vida acadêmica, *eles dizem: - eu não entendo, eu não vou saber o que falar, mas se você quer continuar eu não vou dizer que não*. Esta articulação entre família e escola tão geradora de conflitos e distorções, principalmente quando se fala das famílias com baixa escolaridade e ou dos meios populares, têm sido objeto de reflexão de outros autores, i.e., Montandan e Perrenoud (2001, p. 7):

As relações entre as famílias e a escola situam-se num contexto histórico e institucional. Elas inscrevem-se na articulação de dois tipos de instituições com poderes assimétricos assim como num contexto social e político mais vasto, o do aparente antagonismo e do eventual conflito entre interesses privados e interesses colectivos.

Esse estado de coisas fez Marcela mobilizar os próprios recursos, tanto financeiros quanto de disposição pessoal para fazer suas escolhas e administrar as consequências. *Eu sempre pensei no depois, sempre vai existir alguma coisa que vai lhe deixar em dúvida se você vai querer continuar ou não, aí para não passar por isso eu resolvi já trabalhar uma estratégia para não perder a oportunidade*.

Hoje Marcela percebe a diferença entre ser uma estudante universitária que se dedica integralmente aos afazeres acadêmicos e os demais universitários de sua cidade que podem ir e vir para casa todos os dias. Apesar de se sentir comum em relação ao seu contexto comunitário, onde outros jovens têm acesso ao ensino superior, ela também percebe a diferença quanto a modalidade de sua formação, a dedicação com que lida com as responsabilidades acadêmicas e a atribuição de valor que credita à vida universitária.

3.5.2.Os apoios: agarrar-se às oportunidades

Apesar da família não ter uma grande influência em sentido de suporte ou incentivo, foi através dos irmãos que Marcela conseguiu pagar um cursinho pré-vestibular que segundo ela, foi determinante para rentabilizar seus estudos preparatórios para o

Enem. Apesar de não haver um apoio significativo ou mais aparente vindo de sua família, Marcela traçou seus objetivos e abriu os planos para um percurso escolar que a levasse à Universidade: *eu não sei dizer, mas é como se eu sempre quisesse isso pra mim*. Ou seja, o desejo por uma escolaridade longa não dependia dos incentivos recebidos pelos pais ou de uma estrutura particular de controle, era Marcela que ia determinando para si qual a ordem de atitude necessária que pudesse conduzir aos seus objetivos. Exemplo ratificado por Lahire (2001, p. 38) quando entendemos que:

As densidades e coerências educativas mais fortes, que supõem uma presença constante [...] condizem então a uma espécie de controle muito apertado do programa implícito e ou explícito de socialização. [...]. Apesar dessas teias apertadas das experiências familiares de socialização, que exigem quotidianamente um verdadeiro espírito de combate educativo, as crianças vivem situações sociais extrafamiliares que tornam particularmente difícil a tarefa dos adultos.

3.5.3. Atitudes de superação: ser resiliente na espera

Podemos considerar como atitudes de superação não apenas as dificuldades econômicas, mas também, a espera de Marcela com relação aos resultados dos seus empreendimentos escolares. Estudar é um projeto solitário e a longo prazo, sabemos que não se colhe imediatamente os frutos de uma formação, sendo esta uma grande característica nesta estudante, a capacidade de através de um planejamento, exercitar a paciência necessária até o tempo de colher: *não vai ser só coisa boa que vai acontecer, ai eu vou planejando, ai vou sabendo lidar, acho que o planejamento me ajuda bastante a saber passar pelas dificuldades*. O esforço já faz parte do caminho, nada será sem dificuldades, mas para ultrapassá-las é necessária uma preparação, pois Marcela já compreende que em seu contexto de origem nada é fácil, as coisas não tão boas sempre estarão lá.

3.6. Escobar

Se você quer mesmo e você correr atrás, você consegue, passa por dificuldade financeira, mas você consegue, é só você ter força de vontade. (Escobar)

De chinelos e com uma mochila na mão, Escobar entrou timidamente na sala reservada para entrevista, tinha acabado de sair da aula. Logo após as informações preliminares acerca da investigação, o estudante já imaginou quem poderia indicar a ser entrevistado, foi assim que surgiu o nome do seu colega Brás. Diferentemente dos outros entrevistados Escobar teve a necessidade de sempre repetir a pergunta que lhe era feita, como que passando para si o entendimento daquela questão. Com um jeito suave de falar esteve o tempo todo atento ao diálogo. Escobar cursou o ensino médio em outro Estado, por morar em uma cidade que faz divisa Pernambuco/Alagoas, neste item considera que não foi favorecido, observando que o ensino deste último tem maiores deficiências que o de Pernambuco em referência à falta de professores e aos conteúdos informacionais quanto às formas de ingresso na Universidade.

Escobar tem objetivos de vida bem determinados, pois mesmo com os défices informacionais quanto ao ingresso à Universidade, aliado a falta de incentivo da família, dos amigos e da escola, isto não foi impedimento para que ele procurasse pelos seus próprios meios uma formação no ensino superior. O alcance desse nível de ensino é para ele motivo de orgulho, pensando no contexto de onde vem e em todo esforço empreendido para chegar até ali: *poder sair de casa, do interior, do sítio onde ninguém acredita que dali saiu um universitário que vai ser um profissional, que vai ser um agrônomo, que pode até ajudar aquela comunidade.*

Escobar cursou o ensino médio na cidade natal daquele que foi considerado o maior ficcionista do Modernismo brasileiro, Graciliano Ramos, escritor de reconhecida qualidade literária, sobretudo pela obra *Vidas Secas*, escrita em 1938, retrata a difícil trajetória de uma família que foge da seca do sertão nordestino e mostra o imenso flagelo pelos quais passam os retirantes de uma região condicionada à pobreza. Fabiano, personagem principal da obra é por vezes assemelhado aos animais pela entrega à toda

sorte de humilhações, um sujeito desacreditado em si, frustrado e assujeitado às ordens dos “homens sabidos”, em referência a quem sabia usar melhor as palavras e fazer contas.

Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias. Na verdade, falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas. (Ramos, 1998, p. 20)

Obra que relata a opressão e a dominação do homem pelo homem a partir da tragédia das desigualdades sociais intensificadas pela geografia de uma região, em *Vidas Secas*, o autor procura descrever cenas que digam além de um contexto desértico, o interior das pessoas também se mistura com suas faltas reais, a condição psicológica das personagens evidenciam a desumanização pela vulnerabilidade à exploração. A escassez da chuva no sertão se mistura com a carência afetiva, cognitiva e cultural dos flagelados da seca, no entanto, é perceptível que estas faltas são estrategicamente construídas para que seja possível a sobrevivência em meio a toda aquela aridez, é necessário se fazer de desentendido para enfrentar a miséria. - “Você é um bicho Fabiano. Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho capaz de vencer dificuldades. Chegara naquela situação medonha – e ali estava, forte, até gordo, fumando eu cigarro de palha”. (Ramos, 1998, p. 18)

Nesta obra, Graciliano Ramos não vem apenas narrar a história de uma família de retirantes e os horrores vividos no percurso de fuga da seca, mas observar que o tamanho dos sacrifícios tem a mesma dimensão das superações. O próprio fato de sair do seu lugar em busca de água e trabalho mostra um povo que para longe da resignação e espera por um tempo melhor, tenta dinamizar sua realidade a fim de transformá-la.

Ainda tencionava correr mundo, ver terras, conhecer gente importante como seu Tomás da bolandeira. Era uma sorte ruim, mas Fabiano desejava brigar com ela e vencê-la. Não queria morrer. Estava escondido no mato como tatu. Duro, lerdo como tatu. Mas um dia sairia da toca, andaria com a cabeça levantada, seria um homem. (Ramos, 1998, p. 23/24)

A história de Escobar se assemelha à superação daquela família, a visão daquelas vidas secas mobilizou no jovem estudante atitudes de luta, busca de oportunidades para que não estivesse à mercê do destino, de uma vida de sacrifício tão comum aquele ambiente. Assim como Fabiano, o jovem Escobar compreende que o estudo tem essa atração quase que obsessiva de querer sempre mais, “se aprendesse qualquer coisa, necessitaria aprender mais, e nunca ficaria satisfeito”. (Ramos, 1998, p. 21). Aquilo que Fabiano repele é aquilo que mais deseja quando pela admiração tenta reproduzir o senhor Tomás da bolandeira, “em horas de malaqueira Fabiano desejava imitá-lo: dizia palavras difíceis, truncando tudo, e convencia-se de que melhorava. Tolice. Via-se perfeitamente que um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo”. (Ramos, 1998, p. 22)

O percurso acadêmico tornou-se ainda mais difícil para Escobar pelo convívio com pessoas que não traçavam seus projetos de vida pelas vias da escolaridade e ainda teciam críticas contra aqueles que acreditavam na mudança socioeconômica a partir dos conhecimentos acadêmicos, senso comum a Fabiano: “dos homens do sertão o mais arrasado era seu Tomás da bolandeira. Porquê? Só se era porque lia demais. Ele, Fabiano, muitas vezes dissera: - seu Tomás, vossemecê não regula. Para que tanto papel?” (Ramos, 1998, p. 21-22)

3.6.1.O processo de escolarização: os défices de informação

Quando Escobar entrou na escola já reconhecia o sistema de escrita, pois sua mãe já lhe ensinava. Mesmo tendo até a 4ª série do ensino fundamental, ela repassou para o filho os conhecimentos que tinha da escola. Para o estudante isto se deve à importância que seus pais atribuem ao conhecimento, ao desejo de não ver o filho repetindo a vida difícil que levavam. A mãe depositando um suporte mais ativo e o pai, um incentivo materializado na relação com o trabalho, ele não “obrigava” o filho a trabalhar como nas demais relações pais e filhos de agricultores.

Uma observação deve ser feita quanto ao desenvolvimento de um perfil de estudante dedicado e mobilizado aos saberes que Escobar não poderia mostrar no seu contexto, aquelas características não faziam parte ou não eram bem aceitas no seu

universo acadêmico e social: *lá eu me sentia um pouco mais só, eu tinha até um receio de estudar a mais, tanto que eu nunca estudei demais lá*. Por isso que segundo Lahire (2001, p. 47) “esses produtos (da socialização) destinam-se muitas vezes a usos diferidos, colocados temporariamente ou duradoiramente de reserva, e esperam, por isso, os desencadeadores da sua mobilização”. Era ainda neste universo que os seus pares se posicionavam contrários aos saberes escolares.

Os défices de informação estiveram presentes em toda formação básica da escolaridade de Escobar, seus professores pouco incentivavam à carreira acadêmica, a passagem para o ensino superior não era para aqueles estudantes, esta impressão fica marcada: *a maior dificuldade pra mim, eu acredito que foi no ensino médio alguns colegas, não só os colegas, mas os professores, e até eu mesmo não confiar em mim*. Isto funciona como um desacreditar em si pela falta de apoios, estímulos ao poder fazer.

3.6.2. A Universidade: uma experiência compartilhada

Escobar conviveu com a falta de informação relativa aos conteúdos que poderiam tê-lo favorecido quanto ao ingresso à Universidade, no entanto, foi capaz de sobrepor-se a estes défices e chegar ao ensino superior: *quando eu cheguei aqui eu não sabia o que era uma Universidade*. Foi com atitudes de engajamento ao universo acadêmico que Escobar suplantou suas faltas, com participação em projetos de iniciação científica atrelado a uma disciplina de estudos. Escobar evidencia nunca ter lido um livro por prazer ou ter construído, antes da Universidade, o gosto pela leitura, pelo contrário, tudo que lia era referente às necessidades escolares e nos livros didáticos da escola, desse modo, a falta dos recursos materiais à leitura aliado a um hábito deficiente criou neste jovem uma longa distância entre sua realidade e os elementos da cultura acadêmica. Para Lahire (2001, pp. 238-239)

Quando os contatos com o escrito (escrita e leitura) são quase exclusivamente escolares para a criança (concretamente, os únicos livros que possuem em casa são livros de escola), é com efeito, difícil

para esta considerar a leitura ou a escrita de um modo diferente que não seja sob a forma de trabalho escolar.

O gosto pela leitura que até então não existia, foi-se formando em consequência das necessidades, depois pelo prazer em conhecer, estar aberto à outra cultura e aos incentivos recebidos na academia: *quando eu cheguei aqui na Universidade, quando eu entrei no Pet, porque a minha tutora sempre incentivou essa leitura, foi aí que eu comecei a ler por fora, sem ser coisas acadêmicas*. De acordo com a análise feita por Trindade (2010, p. 78) “a natureza e a qualidade das interações que se estabelece entre formandos, formadores e um determinado património de informações, instrumentos, procedimentos e atitudes como o fator decisivo que irá determinar a ocorrência, ou não, de um processo de formação”. O eixo sob o qual está assente a trajetória acadêmica de Escobar vem corroborar a importância das práticas pedagógicas a partir do compartilhamento do conhecimento. Durante o ensino básico houve a experiência de das informações negadas, trazendo a impressão de que o ensino superior não era para aquele grupo de estudantes, para pessoas tão pobres, que nunca iriam conhecer outra realidade, ao mesmo tempo em que um professor reconhece as capacidades daquele jovem, vem à toa um forte sentido de confiança em si mesmo.

Escobar pensa em partilhar sua experiência acadêmica junto aos estudantes da escola em que fez o ensino médio, poder oferecer as informações sobre os processos de ingresso ao ensino superior através do seu próprio percurso, para ele é estimular os jovens de um contexto desprovido de incentivos, fazer com que eles acreditem em si a partir das políticas sociais existentes para o estudante dos meios populares: *eu estava querendo ir lá para essa escola que eu fiz o ensino médio exatamente para dar esse incentivo aos alunos*. Nada melhor do que tornar possível para o outro a partir de sua própria experiência, um jovem também saído daquela realidade. Este forte sentido de solidariedade reconhecido em Lahire (2001, p. 229) como “dar ao outro é enriquecê-lo sem se empobrecer. Se há “ricos” e “pobres” culturalmente (nem toda a gente sabe tudo e nem sabe fazer tudo), a economia da transmissão cultural não conhece nem empobrecimento, nem perda, nem delapidação”.

Diferentemente do ensino básico a academia é para Escobar um mundo carregado de informações e conhecimento, neste contexto é possível perceber não apenas dos professores, mas também dos colegas, o reconhecimento de que os saberes acadêmicos são capazes de transformar e melhorar a vida das pessoas, a partir de uma visão de mundo mais abrangente. É neste universo que Escobar se sente à vontade para estudar e mostrar seus desejos além de descobrir coisas novas e partilhar abertamente aquilo que faz sentido para si: *aqui eu tenho amigos que gostam de estudar, que buscam conhecimento* “porque o actor é plural e porque se exercem sobre ele forças diferentes segundo as situações sociais nas quais se encontra, ele não pode ter senão o sentimento de uma liberdade de comportamento” (Lahire, 2001, p. 261).

3.6.3. Atitudes de superação: desprender-se do velho e abrir-se ao novo

Como característica de Escobar está sua capacidade de respeito ao outro e limitar seus preconceitos, no entanto, é muito evidente que isto é a base de uma competência para o altruísmo que neste estudante atravessa sua trajetória escolar e pessoal, o desejo de fazer pelo outro, de mudar um estado de coisas, melhorar as condições de vida na sua comunidade. Este vigor em dar certo encontra-se na percepção de que mesmo com histórico de pouco incentivo, Escobar percebia em alguns professores não apenas o apoio acadêmico, mas o apoio afetivo, a visão de perspectivas para o seu futuro: *estava no ponto de ônibus e um professor comentou com outro professor: - esse menino tem futuro. - Eu até hoje lembro: esse menino tem futuro.*

O ambiente acadêmico, mesmo diferente de tudo que Escobar já viveu operou sobre si um autoconhecimento e estima, que no ambiente em que vivia sentia aprisionado: *mas eu me sinto orgulhoso, eu percebi que evolui bastante, não só a partir de conhecimento, mas a partir da mentalidade.* Assim para Lahire (2001, p. 39):

A coerência dos hábitos ou esquemas de acção (esquemas sensório-motores, esquemas de percepção, de apreciação, de avaliação...) que cada actor pode ter interiorizado depende, por isso, da ocorrência dos princípios de socialização aos quais ele foi submetido. A partir do

momento em que um actor foi colocado, simultânea ou sucessivamente no seio da pluralidade de mundos sociais não homogêneos, por vezes mesmo contraditórios, ou no seio de universos sociais relativamente coerentes, mas que apresentam, em certos aspectos, contradições, então perante um actor com o *stock* de esquemas de acções ou de hábitos não homogêneo, não unificado e com práticas consequentemente heterogêneas (e mesmo contraditórias), que variam conforme o contexto social no qual ele será levado a evoluir.

Além da percepção de que na academia o modo como os sujeitos tomam o conhecimento e utilizam como marcador de suas experiências de vida e mudanças de atitudes é para Escobar o grande diferencial em relação aos jovens de sua realidade: *aqui cada um é dono do seu próprio nariz e todos sabem se comportar melhor. O pessoal aqui tem mais responsabilidade. Um grupo de jovens com mentalidade totalmente diferente do que eu conhecia*. Por isso, logo “ele aprende-compreende que aquilo que se faz e se diz em certo contexto não se faz e não se diz num outro”. (Lahire, 2001, p. 47)

3.7. Sofia

Eu pretendo inspirar os meus alunos de alguma forma, ajudar eles nas dúvidas, ajudar eles mesmo nas dificuldades em casa, tentar pelo menos, tentar e não desistir, porque se desistir né, nunca vai chegar a lugar nenhum. (Sofia)

Sofia levou uma amiga à entrevista, permitiu que ouvisse parte de sua história narrada naquele instante. Com um jeito ora altivo, ora envergonhado foi falando e pedindo que eu lhe fizesse perguntas para que não esquecesse nada de importante. As experiências lembradas pareciam materializar-se em seu comportamento com respirações profundas e um esfregar de mãos na saia, como que para secar o suor. Apesar de todo este contorno, sua narrativa transcorreu muito bem, vários detalhes foram abordados e Sofia fez questão de ser o mais precisa e evidente possível.

Esta estudante faz muita referência à sua história familiar, à condição socioeconômica dos seus pais e como era difícil para ela perceber o porquê das

difficultades ora materializada na pobreza, ora identificada na relação dos pais, no adoecimento da mãe e até mesmo na falta de pertencimento aquele lugar. Dentre os entrevistados Sofia foi a única a relatar uma certa ojeriza ao ambiente rural, a vida bucólica e o cotidiano entediante são referidos como mobilizadores de estratégias para não voltar a morar no sítio.

3.7.1. O processo de escolarização: a escola como um lugar de refúgio

A escolarização de Sofia talvez tenha sido a mais acidentada dentre os demais entrevistados: a perda do ano letivo pelo desastre natural ocorrido na região onde morava e durante todo o processo as dificuldades inerentes ao suporte econômico e ao adoecimento da mãe. No entanto, a escola para Sofia era vista exatamente pela sua possibilidade de fuga, por oferecer um ambiente que mesmo com imensas distorções lhe causava tranquilidade: *eu estudava na escola e poucas vezes em casa, era difícil estudar em casa*. Devido às circunstâncias de violência, o lar era para Sofia um lugar inseguro, observando ainda que, morava em uma casa que como ela diz não era casa, era uma padaria desativada que o pai conseguiu tomar posse por um tempo, o que contribuiu para essa falta de pertença que acompanha a estudante até o momento, ficar em casa para ela é entediante, mesmo a família hoje morando em outro lugar. Com a doença da mãe e os cuidados que isso exigia Sofia se sentia sufocada, dividida, sabia que deveria ofertar o cuidado, sobretudo por ser a filha mais velha: *mas também queria ir para escola para me refugiar, era difícil*.

Os obstáculos vividos durante o processo de escolarização estavam sempre atrelados às suas vivências afetivas e aos défices econômicos, tudo isto misturado com dúvidas que pairavam na cabeça de Sofia sobre sua origem e o porquê as coisas serem daquele jeito. Estas dúvidas quando apareciam no ambiente escolar pela não compreensão de algum conteúdo, imediatamente eram tolhidas pela professora: *fiquei muito envergonhada na classe e a partir desse dia eu parei de questionar*.

Para além da falta de apoio de alguns professores, Sofia também sofreu nas interações com os colegas: *eu sempre fui bulinada na escola, bullying, a garota magrinha*,

a garota do cabelo ruim, a garota feia. Apesar de estar envolvida em uma conjuntura de violência dentro e fora do ambiente escolar, Sofia acredita que é através do conhecimento que a vida se faz diferente, pois foram também os professores mais afetivos que conseguiram lhe mostrar a importância dos saberes acadêmicos e incentivar à busca do que era possível: *eu tinha que estudar porque era a perspectiva de um futuro melhor.* Este sentido antagônico dos diversos ambientes pelos quais passa o sujeito são responsáveis pela sua formação, mas também dependem daquilo que para este sujeito faz sentido a fim de que atinja uma incorporação. Segundo Lahire (2001, p. 67):

quanto mais os actores forem o produto de formas de vida sociais heterogêneas, e até contraditórias, mais a lógica da situação presente desempenha um papel central na reação de uma parte das experiências passadas incorporadas. O passado está, por isso, aberto, diferentemente conforme a natureza e a configuração da situação presente.

3.7.2. A família: a busca pela inclusão

A realidade socioeconômica de Sofia trazia para si imensas lacunas de entendimento, pois grande parte dos acontecimentos de sua vida estavam ligados a esta condição, a começar pelo tipo de união dos seus pais, que aconteceu devido aos abandonos e carências pelas quais passaram: *a relação deles não foi nada assim natural não foi ele que namorou ela, minha mãe estava assim desesperada e chegou pra ele e perguntou se queria morar com ela.* Essa união arranjada, não trouxe para mãe de Sofia a segurança de que ela precisava, isto se evidencia a partir das recorrentes queixas de violência mencionadas por Sofia: *meu pai sempre bebeu também, ele batia nela, um tempo, mas graças a Deus isso mudou.* A jovem fala de uma vivência atormentada por não entender esse estado de coisas, somente quando conseguiu compreender o porquê daqueles acontecimentos e como eles estavam atrelados à situação socioeconômica é que foi capaz de perceber a funcionalidade de sua família.

O acontecimento que atravessa toda a trajetória de Sofia é o adoecimento da mãe, isso marca sua vida pessoal, familiar e escolar de tal modo que o seu desejo é encontrar formas de fugir àquelas circunstâncias: *a época pior da minha vida porque eu pensei,*

fiquei com vontade de ir embora de casa, tinha muita vontade de ir embora e eu não via a hora de sair, era uma coisa que me sufocava. Assumir a responsabilidade de cuidados à mãe, uma inversão de papéis que custou a Sofia a repulsa pelo lugar, o não pertencimento aquele espaço, sobretudo, pelas palavras utilizadas pela mãe e que mexiam com a autoestima da jovem: *ela começava a dizer algumas coisas comigo que me machucavam muito.*

Para além da sensação de não aceitação que Sofia vivia em casa, a sua impressão com relação às amigas era a mesma, não sabemos se por uma projeção, ou se de fato, as amigas não agregavam o quanto deveriam, deixando a sensação de que não era verdadeiro: *uma coisa que me marcou muito foi que as minhas amigas, não eram as minhas amigas, era as amigas das minhas irmãs e eu percebia que era mais ou menos excluída, eu era aceita por causa delas, e isso me magoava muito.*

3.7.3. Atitudes de superação: um apego seguro

Na trajetória de Sofia dois apegos foram importantes como superação das dificuldades e falta de entendimento sobre a vida e o estado de coisas que lhe rodeava. O primeiro deles foi Deus, identificado como a maior figura de apoio: *foi Deus que me sustentou mesmo, que me deu forças.* O segundo elemento de suporte foi uma amiga por quem apresenta uma certa dependência afetiva: *eu construí um ciclo de amizade que era só minha e tem uma que é muito especial, porque é a primeira amiga, a friend forever, que com fé em Deus nós vamos morrer amigas.*

Mesmo sendo muito para si, Sofia conseguiu se sobrepor às inúmeras dificuldades e desilusões e hoje construiu um sentido de independência para a vida com perspectivas de futuro em que possa vencer com maior liberdade, quando há um tempo ela não encontrava os recursos suficientes à fuga, hoje ela percebe uma via que poderá levá-la a um lugar, ainda desconhecido, mas que ela acredita ser melhor do que aquele apresentado em sua origem. Claro que a violência, a exclusão, as palavras de ruína deixaram marcas, no entanto, sua superação está exatamente em fazer desses acontecimentos uma projeção contrária, o que percebemos quando diz: *uma coisa que eu coloquei na minha vida desde*

criança também, não depender de homem, é isso, eu não quero depender. Em que medida a conjugalidade dos pais a fez reconhecer e desejar algo diferente para si? Quais os mecanismos acionados para fugir ao apelo às amizades e à aceitação?

3.8. Brás

Ser quem você é, ter os seus sonhos, seus planos, certo que amanhã pode dar tudo errado, mas se você disser amanhã vai dar tudo errado, mas eu vou estar vivo e vou tentar novamente, essa tentativa possibilita a conquista.
(Brás)

A entrevista de Brás foi realizada em um prédio diferente do que havia sido designado para esta finalidade. Em virtude do horário de fechamento tivemos que nos deslocar para outro espaço, mas dentro da Universidade. Como ele estava a fazer atividades em uma sala desocupada e que podíamos ter silêncio e privacidade, então optamos por este lugar que passou a impressão que se tratava de um almoxarifado ou sala para guarda de materiais. A todo o tempo o estudante se manteve tranquilo e espontâneo, procurando fazer perguntas que ora sanavam sua curiosidade quanto à pesquisa, ora tinham por finalidade manter o diálogo. Com isso podemos dizer que esta foi uma conversa muito guiada pelo próprio Brás e seu jeito rápido de falar, isto fez com que houve poucas perguntas da parte da entrevistadora, pois cada questão se alongava o bastante a ponto de responder a possíveis dúvidas ou demandas de informação.

Brás é um jovem de aparência alegre, como ele próprio diz: um jovem mascarado, que tem por trás do seu entusiasmo muitas tristezas, carências afetivas e socioeconômicas que condicionaram sensivelmente seu modo de ver o mundo. Ter perdido a mãe aos seis anos, ter sido abandonado pelo pai, ter ido morar na casa dos tios com sérias dificuldades financeiras, ter mudado para uma cidade do interior com pequena oferta de oportunidades, ter aberto mão do sonho de ser músico, foram para este estudante de Agronomia os pontos mais difíceis de sua trajetória de vida que se mistura a todo instante com o processo acadêmico. As idas e vindas, as desistências e as paradas são a base de um percurso

acidentado e sem maiores expectativas. No entanto, encerramos a entrevista falando exatamente dos projetos futuros, não necessariamente da profissionalização e com isso a abertura de oportunidades, mas sobre a adoção de uma nova responsabilidade com a chegada da paternidade. A visão de mais uma mudança, porém internalizada com muita tranquilidade a partir dos ideais de relacionamento que o jovem traz. Brás acredita e deseja a autonomia feminina, uma posição de gênero que foi inversamente ensinada em casa, às suas primas-irmãs era prescrito a divisão do trabalho doméstico e a liberdade para atividades fora de casa conforme as regras da família patriarcal, os homens nesse modelo sempre têm maior liberdade e se emancipam do ambiente doméstico cada vez mais cedo: *Por a gente ser homem também, lá teve essa tradição: homem pode, mulher não pode, aí tinha até briga com as meninas porque para ir pra festa na rua com treze, quatorze anos a gente estava de dentro e as meninas não podiam porque era mulher, esse machismo que a sociedade já impôs né?*

Mesmo vivendo a paternidade sem o devido planejamento, Brás acredita que poderá construir uma união baseada na dimensão igualitária cultivada nas conjugalidades atuais, ou seja, “os ideais contemporâneos de relação conjugal enfrentam mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que os laços de dependência entre eles”. (Féres-Carneiro & Ziviani, 2010, p. 84). Por isso a inferência de Brás acerca da posição social da mulher: *gosto de uma mulher independente, se quer comprar uma blusa, uma sandália, ela tem o dinheiro pra comprar, não é porque eu sou mão de vaca não, mas é pra não ter o machismo de uma mulher dependente em suas mãos.*

Aqui é interessante notar o abismo que separa a educação que Brás obteve através de um cotidiano baseado no machismo e o posicionamento que desenvolve hoje acerca das questões de gênero e da conjugalidade, por isso lembramos que “assim como a linguagem é polissêmica, também o conhecimento é polifásico: as pessoas são capazes de usar diferentes modos de pensamento e diferentes representações de acordo com o grupo a que pertencem e ao momento em que respondem”. (Guareschi, 2007, p. 34)

3.8.1. A família: uma mãe suficientemente boa

Mesmo Brás tendo perdido sua mãe aos seis anos de idade, esta parece estar bem viva em sua memória afetiva, a partir do cuidado que lhe dispensava e das dificuldades que passaram juntos. Uma mãe suficiente, aquela que promoveu em tão pouco tempo na vida do filho, o sentido de autonomia e com a morte, a compreensão de que se deve viver o hoje. Sua mãe substituta foi a tia que funcionou como apoiadora das muitas decisões e o tio que exerceu a função paterna, tanto pelo lado mantenedor quanto na educação, com a incorporação dos valores morais e a positivação para o desenvolvimento do trabalho. Seu percurso escolar foi bem solitário, assim como em outras instâncias de sua vida: *Eu vivia rodeado de gente, mas na minha cabeça eu era só*. Não podemos comprovar que a falta de maiores planos de futuro é resquício da falta da mãe, sensação de culpa, ou ainda, traumas não resolvidos de uma criança que presenciou a morte da mãe na saída da escola, mas podemos inferir que o processo acadêmico materializado na escola, talvez não seja das melhores lembranças. O espaço escolar será recorrentemente evidenciado a partir “do dia em que minha mãe foi me buscar na escola”.

Acerca da educação recebida pela família Brás valoriza a liberdade de escolha e a promoção da autonomia a partir da introjeção do certo e do errado, sendo desnecessário qualquer tipo de repressão: *a educação que a gente recebeu não era uma educação imposta, você não tem que fazer isso, era a educação que eu pretendo educar meus filhos, mostrar o certo e o errado e deixar a pessoa seguir, porque nem sempre o que é certo pra mim pode ser certo para o outro, o que é errado pra mim, pode ser certo para você*. Assim para Lahire (2004, p. 95) “é compreensível quando uma disciplina é aplicada de maneira coercitiva, que o comportamento das crianças apenas se modifique temporariamente, no momento em que deixam de existir as sanções (pancadas, gritos, ‘xingamentos’)”.

3.8.2. A Universidade: o apoio para um plano frustrado

De acordo com as informações de Brás, a Universidade não estava em seus planos, seu grande desejo era a música, um sonho que ficou na metade do caminho e a falta de perspectiva a partir desse acontecimento. A música aparece na vida de Brás como aquilo que dá e tira o entusiasmo para um futuro melhor. Este foi um acontecimento que mudou o rumo, inicialmente despertando o gosto pelo estudo: *quando eu encontrei dois colegas meus falando da banda e me interessei a partir dali*, e depois, subtraindo seu interesse, quando já não pode mais se deslocar para capital e pagar as mensalidades no Conservatório Pernambucano de Música.

Como ressurgimento de um plano futuro ou um apoio na frustração sofrida, aparece a Universidade, mesmo não sendo sua principal escolha, mesmo não tendo existido uma preparação específica para o ingresso em um curso superior, Brás se abriu à possibilidade, mostrou flexibilidade à mudança e ao novo. Aqui podemos pensar apoiados por Lahire (2001, p.73):

Há entre o actor e as situações sociais uma profunda convivência, uma espécie de comunhão natural, sendo o actor o produto da incorporação das múltiplas situações. Põe-se para ele a questão do modo de acumulação-reestruturação das experiências vividas e de actualização desse capital de experiências (incorporadas sob a forma de esquemas) em função das situações encontradas.

3.8.3. Atitudes de superação: o ganho do autoconhecimento

De modo recorrente Brás fala da condição emocional de autoconhecimento, um ganho que lhe chegou através da maturidade antecipada pelos acontecimentos da vida, suas tragédias pessoais e familiares lhe ensinou a ser resistente, a não olhar a vida pelo lado doloroso, mas com o foco na felicidade, no presente e não naquilo que poderia ter sido e que não foi: *os SEs da vida que eu acho que impedem a gente de viver*. Portanto, as experiências sentidas por Brás tiveram seus efeitos exatamente no contrário das tragédias, ou seja, mobilizaram aquilo que de melhor ele poderia fazer em seu contexto. O próprio estudante é consciente de que suas escolhas foram pelo melhor caminho: *se você não tiver*

algo para se pegar você endoida na vida, vira um criminoso, vira um bandido, tira sua própria vida, some na vida e acaba dando mais sofrimento aos seus. Aquilo que Lahire (2001, p. 72) evidencia como:

Nem o acontecimento desencadeador nem a disposição incorporada pelos actores podem ser designados como verdadeiros determinantes das práticas (o que suporia a existência de um modelo causal da acção humana bastante improvável). De facto, a realidade é aqui relacional (ou interdependente): o comportamento ou a acção é o produto de um encontro no qual cada elemento do encontro não é nem mais nem menos determinado do que o outro.

3.9. Jacó

A pobreza você ver que é todo esse estado, mas se eu quero mudar, se eu tiver oportunidade, eu vou mudar, mas aí por mais que eu queira eu tenho que ter coragem também. (Jacó)

Jacó chegou no local designado para entrevista e logo se mostrou entusiasmado para indicar um colega que poderia ser entrevistado também, e que segundo ele, iria gostar muito da temática da investigação. Sua fala em ritmo suave quase não deixa perceber as diferenças e intensidades de suas emoções. Vai narrando tranquilamente sua trajetória e seu compasso faz acionar a necessidade de perguntas e um jogo fático a fim de um diálogo. O sítio onde morava ficava muito distante da cidade e desde o Ensino Médio teve que morar com os primos na cidade para poder estudar e trabalhar, assim como fez Helena.

3.9.1. O processo de escolarização

Mesmo referindo as deficiências do ensino, a escola foi para Jacó um ambiente estável quanto a sua disposição, embora tivesse que conciliar com o trabalho, o foco era permanente: *no ensino médio eu tinha entre duas e três horas de aula no máximo, era*

bem fraco e geralmente, eu cansado do trabalho sempre chegava atrasado. No entanto seu desejo falava mais forte: *como eu queria muito, eu estudava muito em casa sempre.* Poder se qualificar para alcançar os seus desejos e tornar-se diferente daquele meio, a aquisição dos conhecimentos escolares foi a saída para qualificação e superação, como diz Lahire, (2001, p. 172), “torna-se técnica de resistência ou autodefesa”. Um modo de operar sobre as dificuldades.

3.9.2. A família: um deixar ir

Assim como as demais famílias dos estudantes entrevistados, os pais de Jacó foram ofertando um suporte mínimo necessário para que o filho caminhasse o mais distante possível em sua escolaridade, pois percebiam em si a desenvoltura para o estudo e o domínio sobre aquilo que gostava de fazer: *meu tio me chamava de professor, porque eu sempre gostei de estudar.*

Os planos de futuro para Jacó incluem sua família, mas também as mudanças necessárias para o desenvolvimento profissional a contar com o deslocamento para outros lugares: *queria morar em uma região com bom regime hídrico.* Poder viver de um modo mais tranquilo, não carecer do impossível e ajudar a família através de uma maior disposição de recursos. De acordo com a orientação dos pais o trabalho seria a primeira fonte para aquisição de uma vida independente: *eles me ensinaram assim: - procure trabalhar para ter o que é seu.* No entanto, Jacó sabia que a formação no ensino superior seria unir seu gosto pelo estudo com o desenvolvimento de uma profissão e modo de trabalho mais tranquilo: *com o conhecimento eu posso chegar longe.*

Os irmãos de Jacó não seguiram o mesmo processo de escolaridade que o seu: *a minha irmã parou na 8ª série, meu irmão terminou o terceiro ano também, mas foi à noite, não se importou em fazer faculdade e estão em São Paulo, os dois.* Por opção ou por falta dela, seus irmãos tomaram outros caminhos e isto acabou fazendo de Jacó o único na fratria a seguir carreira acadêmica. Um orgulho para os pais e como consequência a autorização para independência: *os meus pais têm o fundamental incompleto, então para eles foi um grande orgulho.*

3.9.3. A Universidade: um ambiente para superação

O ingresso no ensino superior constitui o resultado de toda dedicação de Jacó com a aprovação em duas Universidades públicas: *fiz o vestibular da UPE e fiz o Enem, graças a Deus consegui passar nos dois e optei por ficar aqui na Rural*. Foi a partir desses acontecimentos e mais a aquisição do auxílio residência ainda no primeiro período que Jacó se sentiu seguro para poder sair do emprego e se dedicar integralmente à Universidade.

Estar no ambiente universitário não é fácil para Jacó, assim como referido pelos outros jovens entrevistados, o nível de exigência dos professores e o próprio cotidiano acadêmico acaba não favorecendo a rentabilidade. A quantidade de aulas seguidas e talvez o tipo de prática pedagógica utilizada não favorecem: *eu não aguento, fica chato aí eu dou uma saidinha, às vezes vou molhar o rosto lá no banheiro*. Embora não seja fácil, Jacó vai se utilizando de estratégias para amenizar o cansaço, movimento que em sua trajetória já está ali, um alicerce interno que poderá acessar sempre que necessário à superação.

Visionar o ensino superior surge como uma forma de ir além do seu meio de origem, em amplo sentido: *se eu não estudasse eu ia trabalhar de roça*. Poder superar as dificuldades econômicas e adquirir uma perspectiva de vida: *eu vou aproveitar esse conhecimento para chegar onde eu quero, a falta de dinheiro mesmo ajuda bastante nisso*.

3.10. Aires.

A gente se auto intitula guerreiro né? A gente não tem medo de lutar e esse fato talvez difira de alguns colegas que ficaram no caminho, essa vontade de lutar, essa garra mesmo. A dificuldade existe? Existe, mas nem por isso a gente tem que desistir. (Aires)

De origem indígena Aires iniciou o ensino superior na sede da UFRPE em Recife, um ano depois fez a transferência para Unidade de Garanhuns, o que para ele trouxe um profundo alívio, suas queixas com relação à entrada na Universidade, neste primeiro momento, giram em torno da distância em referência à sua cidade de origem, e prioritariamente, na dificuldade de interação com os colegas de turma e os professores: *a maioria dos alunos de lá eram alunos de escola particular ou que tinha feito pré-vestibular antes, já estava um nível bem diferente do meu*. Isso acabou trazendo a falta de comunicação e o isolamento de Aires. A própria cidade já marcava para si uma estranheza e no Universo acadêmico estas diferenças se materializaram na fala dos professores e na postura dos colegas com relação aos saberes. Era como se não falassem sua língua, em muitos sentidos, a cultura acadêmica e seus métodos de ensino, a linguagem dos professores e classe social dos colegas se tornaram um terreno fértil ao isolamento, sensação de solidão, perda da liberdade e origem de um transtorno emocional: *eu chegava na sala e ficava me perguntando: que língua esse professor está falando?* Percepção da diferença de que trata Lahire (2001, p. 133):

De todos os universos socializantes, o universo escolar é aquele onde se opera mais sistematicamente e mais duradoiramente a ruptura com o sentido prático linguístico. Lugar comum, partilhado num determinado tempo pelo conjunto de uma população, é, todavia, impensado na sua especificidade, na sua originalidade histórica e, no fundo, na sua radical estranheza. Com efeito, o que se passa na escola, e isso desde a escola elementar (e muitas vezes mesmo ainda antes), é pelo menos bizarro, espantoso.

No processo de transferência todo esse incômodo foi aliviado com a possibilidade de ir aos fins de semana para casa e relacionar-se melhor com os colegas, encontrando

agora os pares de origem rural e condição socioeconômica. Foram muitas as sensações e sentimentos que envolveram o primeiro contato com a Universidade, gerando com isso uma necessidade premente de mobilização e criação de viabilidades quanto à saída desse contexto gerador de vulnerabilidades e fragilidades emocionais várias. Como nos diz Lahire (2001, p. 77):

E se essas forças exigem por vezes de nós outras coisas que não podemos dar, então não temos geralmente outras opções se não encontrar outra forma de continuar a viver, o menos mal possível, no mesmo contexto (adaptação mínima), senão mudar de contexto (fuga) ou transformá-lo radicalmente para que seja mais possível vivê-lo (reforma, revolução).

A posição assumida por Aires foi a de luta por melhores condições de estada no meio universitário, assim como se intitula guerreiro, sua trajetória foi construída de muitas batalhas. O estudante não esperou que o contexto se adequasse a si, a prioridade agora era minimizar as diferenças que não lhe beneficiavam, ficar à espera de que outros o fizesse seria viver um tempo improvável, ainda citando Lahire (2001, p. 38) de que não cabe ao Estado “compensar a multiplicidade e a heterogeneidade dos universos sociais (e das experiências sociais e socializadoras) por meio de um trabalho de homogeneização do conjunto de hábitos nacionais”.

A particularidade deste estudante não está apenas em sua etnia, mas também, em ter uma mãe com escolaridade básica completa e que não desenvolve o trabalho agrícola, e assim como Capitu, ter um número maior de irmãos com mais tempo de escolarização, inclusive uma delas com curso superior completo. Deste modo, somente as famílias de Aires e Capitu conseguiram assegurar uma regularidade e manutenção dos estudos para boa parte dos filhos, sendo ainda estas duas famílias as mais extensas.

Foi em detrimento do trabalho, que a mãe de Aires resolveu seguir com o processo de escolarização, depois de ter cursado na infância o Ensino Fundamental I, mas não em uma escola, com uma pessoa que em sua aldeia era responsável pela alfabetização das crianças. A importância dos saberes escolares nesta família não se apresenta apenas pelo viés do trabalho, como também pela necessidade de uma luta engajada pela terra, a

demarcação do território indígena, que nas palavras de Aires e conhecimento histórico, não é uma luta recente.

Um ponto singular em Aires são os seus ideais de coletividade, um determinante de sua cultura a partir das crenças herdadas dos seus ancestrais que mobilizam não apenas para a luta, mas, sobretudo, para resistência e percepção de que o grupo tem mais força que o indivíduo.

3.10.1. A família: um lugar de fraternidade

O apoio em sentido pedagógico, recebido pela família, é na história de Aires uma diferenciação em relação aos demais entrevistados, eles foram criando estratégias de ajuda onde aquele membro que já tivesse passado por um nível de escolarização ajudava os demais, desse modo, se formou uma corrente de solidariedade em que para seus irmãos mais velhos, a mãe ajudava com os conteúdos que sabia. Para Aires, eram as irmãs que tiravam suas dúvidas, por sua vez para as irmãs foi uma tia que acompanhava as atividades escolares, e para esta tia, foi o desejo que motivou a luta, acabou trilhando sozinha o caminho da escolarização. Por fim, vem a mãe de Aires que retoma a escola para terminar o ensino médio e como ele já estava adiantado, ofertou sua ajuda à mãe. Uma verdadeira rede de apoios que se encontrava na casa dos avós em hora de fazer as atividades escolares. Assim, fez com que todos buscassem com muito sacrifício a realização de um desejo e a manutenção de uma necessidade. Esta dinâmica cíclica da ajuda, esta co-responsabilidade acadêmica parece ser apenas uma reatualização das atitudes e do manejo fraternal com que a família se vincula. O avô materno de Aires sempre teve o cuidado com a vida escolar dos netos, sendo hoje capaz de viabilizar aquilo que talvez no passado, não podia oferecer aos filhos.

O pai de Aires, mesmo não incentivado pela família ingressou na escola, mas esta parece não ter conseguido atingir as diferenças ou intervir através de um processo de inclusão e acabou levando a uma ordem natural e perversa das coisas, o estudante é que se vê inevitavelmente forçado a sair da escola: *ele fala que ainda foi pra escola mas chegava na escola e ele não entendia as coisas, aí ele disse que se zangou e não quis estudar*. De acordo com Lahire (2001, p. 139).

Universo de cultura escrita, a escola é, e bem, o lugar central onde se tenta sistematicamente, duradouramente, tornar as crianças conscientes da linguagem, multiplicando os ângulos de ataque da linguagem *per se* através de um trabalho permanente sobre ela por meio de exercícios, de questões e de retornos reflexivos correctivos incessantes; lugar onde se rompe, pelo mesmo motivo, com as práticas de linguagem ‘espontâneas’, ‘ordinárias’.

3.10.2. A escola: a formação de um guerreiro

É perceptível que na história de Aires as atribuições ao conhecimento e à função escolar foram as mais positivas. Seu pai não teve o apoio necessário ao seguimento de uma escolaridade, tanto pelo pai que não validava esta atividade, quanto pelos professores que não flexibilizavam suas práticas pedagógicas, mesmo assim, retoma a escola em um momento tardio para tentar a alfabetização. Sua mãe percebe a escola como aliada para melhores condições de trabalho e seus irmãos adaptam o mais possível o contexto socioeconômico ao processo de escolarização, não tanto quanto Aires, que se dispôs ao sacrifício de suplantando as incertezas para firmar seu ingresso à Universidade, a exemplo de sua matrícula mesmo sem ter alojamento, mas vê-se na família deste estudante que a escola desempenha um papel central quanto à sua importância, desde gerações anteriores.

Lugar prioritário de sistematização da escrita, a escola representa na família de Aires o lugar da ascensão, e a escrita, a segurança necessária à aquisição e ou manutenção de uma melhor estrutura de vida, “a partir do momento em que temos que fazer face à complexidade (multiplicidade, arrumo dessa multiplicidade) das práticas “que exigem” que sejam organizadas ou que podem sê-lo mais facilmente através do recurso à escrita”. (Lahire, 2001, p. 166).

Quando Aires oferta à escola o status de lugar para formação de um guerreiro, ele diz de um espaço em que haja a construção das ferramentas de luta e o ensino de como manejá-las, um comparativo com os défices da Universidade, aquilo que no seu entendimento poderia rentabilizar sua formação: *falta muita coisa, por exemplo, um restaurante universitário...um local, uma estrutura que desse pra você ter mais aulas práticas.*

3.10.3. Atitudes de superação: a luta pelo espaço continua

Sou bravo, sou forte, guerreiro tupi.
Da tribo pujante que agora anda errante
Por fado inconstante
Guerreiro nasci
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte
Meu canto de morte
Guerreiros, ouvi. (Gonçalves Dias)

Para Aires a luta pelo espaço não acontece apenas ao nível macro estrutural como demarcação do território indígena, sua necessidade ressurgiu quando vindo do interior precisa alojar-se na capital, mas não tem para onde ir: *consegui residência, meio na marra, cheguei lá e disse: olha eu não tenho para onde ir não, arruma um canto pra eu ficar aí*. Já não seria a primeira vez que Aires estaria mostrando seu lado mais aguerrido, a luta que vem dos seus ancestrais já se faz incorporada em si.

Até mesmo com relação ao cultivo da terra, agora Aires possui nível de formação científica para isto, no entanto, seu pai ainda não confia plenamente nestes saberes: *quando eu chego para dizer alguma coisa, aí ele diz: oxe, isso é besteira, eu trabalhei 40 anos fazendo desse jeito, é assim que dá certo*. Está firmada uma nova luta, fazer valer os conhecimentos acadêmicos para apropriar-se do território como espaço de produção, mas ao mesmo tempo não negar os saberes produzidos pela experiência do trabalho e respeitar os vínculos afetivos com os antepassados. Lembrando por Lahire (2001, p. 57) de como, nós filhos, acabamos irritados com os nossos pais “quando os olhamos de ora em diante progressivamente através dos olhos de um outro universo, a partir de outras formas de dizer, de ver, de fazer, de sentir. Mas é também difícil esquecer o elo indefectível, familiar e afetivo que liga pais e filhos”. Por isso que Aires cala diante de alguns posicionamentos do pai, ao mesmo tempo que não desiste da aquisição do conhecimento acadêmico, pois é isto que já está internalizado, inclusive na importância que seus pais referem aos saberes escolares, mesmo que as atitudes da prática e da experiência sejam a prioridade no cotidiano do trabalho.

CONCLUSÕES

A diversidade na formação do povo brasileiro está entranhada nas pequenas formações grupais e nos modos de ação dentro do mesmo grupo ou classe. Os sujeitos dos meios populares aqui identificados representam a pluriversidade assumida por uma condição que à partida acredita-se inexoravelmente fadada ao insucesso. Indicador que inclusive, nasce consigo, vir de uma origem pobre, ainda é para muitos, o marcador precípua do fracasso

Esta tese tem como tema central a análise do êxito na trajetória acadêmica de dez estudantes originários dos meios populares, seu objetivo principal decorre da compreensão de um percurso escolar acidentado por toda a sorte de rupturas e que poderia, o que acontece em sua maioria, ter tirado estes estudantes da vida acadêmica, lhes orientando ao trabalho como condição necessária à sobrevivência. Experiência, inclusive, que começa desde cedo e concomitante ao estudo apresentada pela grande maioria dos nossos entrevistados. Assim, o recorte de nossa investigação baseia-se no que foi fundamental aos estudantes para o êxito acadêmico e em torno do que se perspectivou os indicadores de sucesso ao longo de sua trajetória.

Por outras palavras dizemos que esta investigação intenciona tornar visíveis histórias de êxito, sucesso e grandes realizações, não pretendemos mostrar a ‘miséria do mundo’ em suas desigualdades sociais, nas posições excludentes e nas práticas segregacionistas, mesmo que estas, bem! estas estiveram lá. Por horas pulsavam em chamadas ardentes, nos olhares reveses, nas palavras mais duras, ou se faziam presentes na ausência, na mesa vazia, no sono intranquilo, nos pés calejados, na roupa suada, na fala modesta. Aqui contamos histórias de vencedores e vencedoras, realizadores de sonhos, sujeitos que à beira do abismo não olharam para baixo, mas à frente, na linha do horizonte no qual gostariam de estar. Parafraseando nosso poeta João Cabral de Melo Neto, são muitos Severinos iguais em tudo na vida, mas que tiveram melhor sorte, ou plantaram sua sorte.

O sucesso acadêmico neste trabalho foi definido como o ingresso no ensino superior de universidades públicas, espaços que apresentam uma acirrada seleção de

entrada, e a condição de permanência universitária no curso para além do quinto período, o que corresponde à metade do curso e aumenta a probabilidade da inteira formação. Estes jovens têm suas histórias inscritas nas dificuldades socioeconômicas típicas dos sujeitos de sua origem, com a agravante de virem de regiões rurais, em que as dificuldades de mobilidade e os recursos econômicos são marcadores significativos para manutenção da escolaridade.

Romper com a tradição de fracasso do seu meio, que aponta para o fracasso com a curta duração de tempo escolar que chega através das desistências e repetências, para agora, investir no sucesso que em muitos casos se fundamenta nas ações familiares com as práticas dos pais que mesmo sem um nível escolar que ofereça maior suporte acadêmico, foi capaz de revelar possibilidades com os apoiadores que não passaram por uma ordem pedagógica sistematizada, mas por vivências afetivas que estruturaram a persistência e fundamentaram os modelos de resiliência básicos já inscritos na própria história familiar. O incentivo familiar não veio nestes casos como suporte da escolarização, mas como um singelo pedido. - Estude! Sobretudo pelas mães, mesmo não sendo as organizadoras da vida acadêmica dos filhos, as promotoras de uma sistemática de estudo e ou ajuda nas atividades escolares, seu pedido entra como um incentivo, assim como os pais, que embora não se fazendo presente na vida escolar dos filhos, só o facto de não obrigarem ao trabalho, principalmente aos homens, já funcionava como uma ajuda em não atrapalhar ou impedir as oportunidades que surgiam. De acordo com o que foi analisado, o incentivo desses jovens surgiu em função de uma disposição pessoal aliando desejo e coragem no enfrentamento de sacrifícios, e da atitude de alguns professores e colegas que compartilharam apoio.

O sucesso nestes casos se configura como atitudes de intensa ruptura com as formas de vida em todos os sentidos, a vivência familiar, escolar, comunitária e até pessoal, nos casos em que não havia o desejo de ingressar em uma Universidade. Procuramos evidenciar nestas trajetórias em que se assentam os processos potenciais dos estudantes, no sentido de suas motivações e competências para compor uma viragem em suas condições de origem. Assim como, observar em que ponto o estudante rompeu com o viés negativo de sua história para conseguir êxito e qual a capacidade mobilizada para

obter sucesso apesar da exposição a dificuldades pessoais e sociais que se impõem como determinantes para o insucesso.

Um ponto que concorre para explicar o êxito acadêmico está relacionado com a diversidade de variáveis que se conectam entre si para identificar o sucesso, ou seja, não há apenas um ou poucos indicadores de sucesso acadêmico dos sujeitos dos meios populares. Em nossa investigação e para os sujeitos aqui representados o êxito teve como suporte primordial as bolsas de apoio acadêmico, no entanto, a família, a comunidade, os professores e o grupo de amigos desempenhou, ao seu modo e em uma dada intensidade, uma função preponderante no percurso escolar destes jovens.

O sentido transversal a estes escritos é a noção de inclusão educativa, projeto que nas últimas décadas vem sendo perseguido como possibilidade de acesso igualitário e respeito às diferenças no cotidiano escolar, que em seu contrário impedem a inserção e permanência dos estudantes nos diversos níveis de ensino, sendo para os sujeitos dos meios populares uma agravante particular, pois acabam avaliados por uma classe muito distinta da sua, o que invariavelmente, leva a crer que nunca gozarão de certos capitais, esta avaliação cai na superficialidade de observar os recursos materiais e fazê-los definitivos para o insucesso desse sujeito.

Nesta investigação não pretendemos conhecer a origem para ratificar o insucesso dos pobres, caindo nos determinismos das investigações tendenciosas, pretendemos, exatamente o contrário, observar as minúcias daquilo que o sujeito recebeu de sua família e usou como suporte ou elemento motivador em sua trajetória. Observamos ainda, o que faz parte da singularidade desses jovens e é revelado nestas disposições pessoais para enfrentar sacrifícios, manter a força e a coragem mesmo diante de circunstâncias tão adversas.

Para seguir o percurso das categorias aqui levantadas chegamos as conclusões de quanto ao **perfil** dos estudantes investigados, identificamos jovens com idade média de 24 anos, cuja origem socioeconômica está nos meios populares com renda familiar de no máximo dois salários mínimos, incluídos nos programas sociais de repasse de renda do Governo Federal, a exemplo do Bolsa Família ou com pais aposentados pela reforma do serviço agrícola, moradores da zona rural, especificamente de localidades

consideravelmente afastadas da cidade de referência. Estes estudantes são os primeiros e únicos em suas famílias a acessar o ensino superior das Universidades Federais, a exceção de Capitu e Aires, com irmãos já graduados em faculdades particulares e estaduais, o que para eles não têm a mesma distinção social. Seus pais com baixa ou nenhuma escolaridade, afora Aires e Helena, em que a mãe e o pai, respectivamente, completaram o ensino médio. Aqui constam exemplos de famílias com fratria de onze irmãos, mas também, de filho único com é o caso de Escobar, nessa instância não podemos inferir que famílias extensas ou pequenas exerceram alguma influência nos resultados de êxito, assim como a posição na fratria, não aparenta ter mobilizado ações diferentes.

Apesar de diversas as composições familiares, estas não tiveram interferência significativa quanto aos resultados de ingresso e manutenção acadêmicos. Os estudantes de nossa investigação estão envolvidos em diferentes configurações familiares, que vão desde a família tradicional, com pai, mãe e filhos morando juntos, até os arranjos monoparentais, os recasamentos, às famílias estendidas e substitutas. Estar dentro destes formatos não teve para estes jovens uma dificuldade para além daquelas que já eram previstas, com ou sem a ajuda do pai, é como se eles fossem pobres em qualquer circunstância. No caso de Aires, mesmo vindo de uma composição familiar tradicional, a ajuda no plano escolar veio do avô e da tia, assim como em Livia, que as bolsas são o principal elemento de manutenção, passando por Helena com família monoparental e que igualmente se serve das bolsas como única forma de auxílio acadêmico. Enfim, o que queremos expressar é que o tipo de formação familiar não representou em nosso estudo um núcleo de maiores ou menores desgastes em detrimento das fragilidades econômicas, mesmo sabendo que para os homens e mulheres que criaram seus filhos sem os cônjuges e os apoios que estes podiam ofertar, as dificuldades foram sentidas de um modo mais intenso, no entanto, é perceptível que outros recursos foram mobilizados, senão pelos cuidadores, mas pelos próprios filhos, como modo de superar e ou sanar as faltas. Para Lahire (2001, p. 40) isto significa que: “o que vivemos com os nossos pais, na escola, no liceu, com amigos, com colegas de trabalho, com membros da mesma associação política, religiosa ou cultural não é forçosamente acumulável e não se pode sintetizar de maneira simples”.

A etnia destes estudantes aponta para uma feliz mudança no grupo de acesso ao ensino superior das universidades públicas hoje, que se fazia prioritariamente por brancos, mesmo que isto ainda perdure, os negros e pardos estão assumindo uma crescente posição neste indicador. Portanto, aqui mencionamos estudantes que em sua maioria se designaram pardos, atentando, sem dúvida, para a diversidade que permeou esta investigação com a participação de brancos, negros, pardos e indígenas, o que na verdade representa o maior avanço, em se tratando de um nível de ensino considerado no Brasil, altamente seletivo e para as elites.

O processo de **escolarização** destes jovens foi feito inicialmente nas escolas rurais, passando para cidade quando do avanço para o ensino médio, sem acesso à internet, bibliotecas ou outros elementos tecnológicos e culturais que pudessem rentabilizar a formação acadêmica. A quase totalidade dos estudantes entrou na escola aos seis anos de idade, a exceção de Flora e Aires que foram com menor idade para acompanhar os irmãos e não ficar só em casa na falta dos pais que saíam para trabalhar. Dois destes estudantes perderam suas mães logo no início deste processo de escolarização obrigatória aos seis anos, tendo a lacuna afetiva um traço marcante, mas que não tenha interferido significativamente no desempenho escolar.

O ingresso na Universidade, apesar de não ter acontecido de forma inesperada, pois todos estudantes buscaram formas de preparo para isto, a exceção de Brás que segundo ele prestou o exame somente como um modo de ter folga do trabalho, foi para nossos entrevistados a entrada em um ambiente incomparavelmente diferente de tudo que eles já haviam imaginado, tendo em conta o curso que só foi verdadeiramente escolhido para Helena, Capitu e Aires, os demais não sabiam exatamente o que fazer em sentido de graduação. Todos os estudantes elegeram os programas de manutenção acadêmica, a exemplo do auxílio residência como o elemento fundamental para permanência na Universidade. A lembrar dos apoios financeiros para o estudante ingressante que comprova baixa renda, a fim de que sejam custeadas suas despesas de locomoção e alimentação antes que seja selecionado para moradia na residência estudantil. Com relação à vida universitária os estudantes referem algumas exigências descabidas dos professores e conteúdos que não se percebem na condição de prática, pontos sob os quais

incide as maiores queixas, atreladas, ainda, ao tempo de aulas práticas e estágios, sobretudo, para os estudantes dos cursos agrícolas que dependem de aulas de campo na fazenda ligada à instituição.

Na maioria dos casos houve um plano de estudos e preparação para o ingresso no ensino superior, embora não se soubesse exatamente qual o curso a ser feito, várias posições corroboram para esta atitude, como o ENEM que direciona para cursos onde a nota é suficiente, não necessariamente para primeira opção; a condição socioeconômica que não oferece maiores perspectivas e por fim, o desejo de fazer o ensino superior, independentemente do tipo de curso. Durante o ensino médio estes estudantes procuraram, quando possível e gratuito, os cursos preparatórios para o ENEM ou buscaram formas de mesmo com pouco material e sem acesso a internet, rentabilizar os estudos com atitudes de maior disciplina e criação de uma sistemática de estudos, como o deixar de assistir a novela, aproveitar o horário noturno depois do trabalho, prestar mais atenção às aulas, enfim, modos de comportamento que levassem ao objetivo desejado.

A trajetória seguida por estes estudantes deu vida a uma considerável mudança no acesso ao ensino superior brasileiro, sendo a Universidade um lugar até bem pouco tempo, inóspito a negros e pobres. Na verdade, não apenas no ensino superior, talvez o ingresso na faculdade tenha sido a consequência de um ensino básico com mudanças suficientes para a promoção de uma escolaridade longa, sobretudo, para grupos sociais sem modelos de carreira acadêmica duradoura.

Ainda no processo de escolarização observamos que grande parte dos estudantes investigados gozavam da posição de alunos destaque no ensino básico e mesmo que para eles isso tenha mudado no ensino superior, alguns chegam a referir como uma preguiça em relação aos estudos. É evidente todo o empenho e dedicação conferidos às aulas e atividades pedagógicas, chegando às avaliações, um interesse em fazer a coisa certa, ter atitudes maduras e responsáveis para com a formação, atrelando a tudo isso, a perspectiva de que no futuro possam ser bons profissionais e que não decepcionem seus pais, como é o caso de Flora e também referido por outros estudantes. Há uma responsabilidade para com o desejo dos pais, poder ofertar a eles os frutos de uma trajetória que se fez diferente daqueles que ficaram. É certo que todos os estudantes aqui entrevistados, à exceção de

Lívia, falam dos défices no ensino básico das escolas públicas, a evidência disso estava na baixa exigência dos professores em suas aulas ou em atitudes de ensino passivas, como diz Escobar. Para os estudantes que compreendiam com mais facilidade a única coisa a fazer era seguir um padrão de comportamento com o mínimo esforço e que no final, resultaria com toda certeza, na aprovação das disciplinas. Durante o ensino básico, o rumo à universidade ou o despertar do desejo em fazer o ensino superior talvez só tenha se materializado nesta posição em ser o aluno destaque, o que supunha um gosto pelos saberes escolares, tendo em vista que o meio sociofamiliar e a escola não conduziram concreta e materialmente falando à entrada no ensino superior.

Os estudantes de nossa investigação se dispuseram a uma espécie de desertar da família, quando não encontrando o incentivo e ou o ambiente necessário ao entendimento de ações levantadas no espaço acadêmico, como é o caso dos estudantes que silenciam em casa, quando percebem que sua parentela já não é capaz de compreender sua linguagem ou modos de pensar próprios daquele que adquiriu novo conhecimento, atravessou outros rios e que na travessia do rio familiar não será mais o mesmo, e, desta vez, não foi o rio que mudou.

Os **apoios** durante o percurso acadêmico, sendo eles pedagógicos, comunitários e familiares, estiveram distintamente presentes. Nenhum dos estudantes conseguiu receber dos pais o acompanhamento das atividades escolares, de modo contínuo e sistematizado, tendo eles baixa escolaridade, não era possível a um determinado tempo acompanhar o nível de formação do filho. A excepcionalidade dos casos aqui analisados talvez esteja ligada diretamente a esta condição, pois a falta de suporte familiar no cumprimento das obrigações escolares dos filhos, seja na produção das atividades de cada disciplina, seja no acompanhamento da vida acadêmica em si e nas decisões demandas à longevidade escolar, parece não ter afetado a busca por outras possibilidades e ou garantias de sucesso.

O que aconteceu com estes jovens foi construído por via da singularidade, não se pode inferir que suportes familiares foram determinantes para o êxito acadêmico destas trajetórias. O apoio familiar apareceu como disposições afetivas no sentido dos pedidos para dedicação ao estudo como forma de sair da condição de pobreza ou não repetir a experiência profissional dos pais.

Isto quer dizer que toda participação na vida acadêmica não passava de um pedido muito tímido dos pais, para que o filho estudasse ou uma exigência sem maior *knowhow* sobre sua imposição, chegar ao fim do ano letivo e perguntar se o filho passou ou não sem que tivessem acompanhado o processo. Estas posições assumidas pelos pais, supostamente, vêm corroborar para um possível fracasso, no entanto, para os estudantes aqui entrevistados, se não foram determinantes para o êxito, também não foram causa de insucesso, pois o que foi incorporado neste caso, não foi o apoio materializado, mas a compreensão de um desejo em acessar a outros níveis de vida que não fosse a repetição da história dos seus pais. Isto é muito claro na fala de Helena e Livia, quando buscam maiores oportunidades para não viverem na opressão de trabalhos degradantes, que segundo suas mães era tudo o que a realidade rural poderia oferecer.

Com uma trajetória carregada de défices, daqueles ligados às condições socioeconômicas à carência de apoio pedagógico, todo o caminho foi trilhado com inúmeras dificuldades, ao mesmo tempo que para cada uma delas eram acionadas atitudes de superação. No percurso dos estudantes entrevistados foi imprescindível a existência de pessoas ou situações que lhes tirassem de sua realidade social ou pelo menos lhes mostrassem outras perspectivas, como Helena que contou com o incentivo de uma professora, Marcela, Escobar e Jacó que fizeram curso preparatório para os processos de ingresso à Universidade e que nestes espaços puderam se orientar quanto aos meios de entrada na Universidade, sobretudo para estudantes de meios populares. A convivência em outros espaços culturais e sociais foram capazes de acionar ou manter o desejo de funcionar por outras realidades, além de um apoio fundamental na tentativa de minimizar os défices pedagógicos e informacionais do ensino básico nas escolas por onde passaram.

As mães foram imprescindíveis para o desenvolvimento escolar dos filhos, mesmo que isto não tenha acontecido a nível material, mas a função afetiva deste suporte foi essencial no seguimento de uma escolaridade longa, em outros casos os parentes, não tão próximos, que ofereciam suas casas como ponto de apoio enquanto os estudantes aguardavam a seleção para as bolsas, outros exemplos apontam para a ajuda de amigos e vizinhos, ou seja, elementos da comunidade como instrumentos de viabilização para manutenção da escolaridade, como foi na história de Helena em que um vizinho da família

se disponibilizou a fazer seu transporte até a cidade quando ela entrou na faculdade. Caso particular, mas que mostra a importância do apoio comunitário e seu engajamento para o êxito de projetos, lembrando que esta mesma estudante recebeu forte apoio de uma professora que a orientava tanto aos processos seletivos para ingresso na Universidade, quanto aos caminhos que deveria seguir a fim de uma ordenação para realizar seus projetos de vida, como aconteceu quando Helena tentou fazer um concurso público, mas percebeu que não estava preparada o suficiente.

Os apoios acadêmicos recebidos por estes estudantes seguiram basicamente dois suportes, um deles por alguns professores que incentivavam à continuação da escolaridade e o ingresso na Universidade, o contrário também se aplica quando em alguns casos o apoio docente foi o pior incentivador do processo de escolarização, a exemplo de Escobar de quem foi negado o conteúdo informacional necessário quanto aos programas de ingresso ao ensino superior, Sofia que teve tolhida sua capacidade de questionar as práticas pedagógicas e melhorar sua dinâmica de aprendizagem, e Helena que já dentro da Universidade sentiu o peso do preconceito e da estereotipia com relação aos sujeitos de sua origem étnica, a partir de comentários da professora. O apoio comunitário esteve faltoso na trajetória destes estudantes, primeiro por não existir ou serem ineficientes, as associações em suas comunidades, seguido pelo baixo nível de formação escolar dos moradores. A exceção acontece no caso de Aires que além de ter forte engajamento comunitário, as associações indígenas procuram manter-se atuantes na luta pelos direitos do povo. Assim, não apenas a própria população reconhece a necessidade de ter uma formação escolar básica, como também, os movimentos comunitários ensejam a aquisição do conhecimento como instrumento de luta, um dado a mais em seu fortalecimento.

O sentido da superação, que indicamos como condição de **resiliência** é semelhante às características que cada um dos estudantes se atribui, a exemplo da teimosia, da coragem e superação, os qualificativos de maior prevalência entre eles e quando analisados especificamente apontam para as estratégias ou planos de ação necessários à longevidade escolar. Caso não fosse a coragem em correr o risco e a persistência mesmo diante de muitas situações de fracasso, nada teria sido possível, pois não existia um dado

da realidade material em termos econômicos e de apoio aos quais pudessem se agarrar. As atitudes pessoais de superação foram fundamentais para que ocorresse uma viragem na posição ocupada por um jovem que a partir de sua origem estava orientado para outros caminhos, isto que dizer que, pelo índice de probabilidade não seria possível que este estudante conseguisse manter uma escolaridade longa, principalmente com entrada e permanência no ensino superior.

Por todo esse sentido, qualificamos como posição de resiliência esta capacidade mobilizada pelos sujeitos de nossa investigação, ao perceber que mesmo havendo um suporte materializado nas bolsas para ingresso e manutenção acadêmicos, existia um fenômeno psicológico comum a todos os estudantes que foi capaz de estruturar modos de superação e uma blindagem à frustração mesmo que ela estivesse presente em praticamente todas as circunstâncias da vida. A resiliência está aqui ligada aos modos pelos quais os estudantes puderam erguer estratégias, embora probabilisticamente as ações mobilizadas poderiam não dar certo e não haver outras alternativas, a não ser as desistências ou recomeçar mais uma vez, o que resultaria, conseqüentemente, na mesma frustração.

Assim evidenciamos nestes percursos escolares a condição sobre a qual os estudantes depositaram seu ponto de superação, ou seja, quais os atributos psicológicos que podemos chamar de resiliência. Um suporte afetivo próprio, um autogerenciamento das emoções que o sujeito consegue manejar mesmo diante das mais difíceis circunstâncias de vida, quando se veem esgotadas as possibilidades de fuga. Poderíamos chamar de sujeito resiliente aquele que é capaz de ultrapassar as derrotas e mesmo tendo experimentado as mais diversas intempéries reúne forças para criar as rotas alternativas necessárias a um novo engajamento de vida, uma espécie de reelaboração dos projetos mesmo com a certeza de que também, estes podem não dar certo. Essa característica talvez tenha sido vista na teimosia, na persistência, na superação, na determinação, na coragem, na *marra*, na fé, na esperança, no milagre, na certeza da capacidade e na tentativa, das quais falaram nossos entrevistados. A residência não foi possível para Aires, mas ele tentou; as economias de Capitu e Helena acabaram, mas elas resistiram; o seguro desemprego de Brás não chegou, mas ele arriscou, uma parada foi necessária para Flora,

mas ela voltou; a hostilidade bateu à porta de Lívia, mas ela superou; os desafetos foram companheiros de Sofia, mas ela deu como resposta o cuidado; as portas se fecharam para Escobar, mas ele não desistiu; o trabalho se fez presente para Jacó, mas ele conseguiu conciliar ao seu desejo; as tentativas foram imprescindíveis à Marcela, mas ela persistiu. São esses ritmos acidentados que nomeamos de resiliência e pelos quais foi identificada uma trajetória acadêmica considerada exitosa.

Dito em outras palavras, a capacidade de resiliência foi a condição psicológica que amparou estes estudantes em uma trajetória que a partida se fazia impossível e durante o processo era estatisticamente improvável, tendo como agravantes não apenas a posição econômica, mas as precárias condições de mobilidade para os moradores dos ambientes rurais, a falta de modelos familiares quanto à permanência escolar, a inserção em um meio comunitário com pouca valorização aos saberes acadêmicos, enfim, foi necessário, de fato, força, coragem e determinação para fazer o manejo de indicadores que atravessam toda história destes estudantes, não apenas a acadêmica.

O sentido que o sucesso acadêmico tem para os estudantes dos meios populares é significativamente diferente que para o mesmo grupo das camadas médias e altas, isto quer dizer que embora o desejo em estudar se apresente na mesma intensidade para os estudantes, o valor atribuído ao êxito passa por outras referências perceptivas e que estão marcadas exatamente no percurso acadêmico com maiores dificuldades, com limite de oportunidades, com escassez financeira, além de outros indicadores como a baixa escolaridade dos pais e a inserção em meios de vulnerabilidade social. Isto configura um sucesso sentido dentro de outras relações objetivas e subjetivas, pois ao mesmo tempo em que o sacrifício ganha intensidade, a superação vem na mesma ordem e aponta para o improvável.

Neste trabalho discutimos os universais, pois já referidos e presentes em outros trabalhos com esta natureza temática, mas descobrimos e aprofundamos peculiaridades, até mais que isso, singularidades de sujeitos plurais, onde cada um foi constituindo, ao seu modo, estratégias para manutenção acadêmica quando as redes de suporte econômico e familiar falhavam em detrimento de necessidades urgentes, mas contínuas.

Por fim, em sentido conclusivo para esta pesquisa observamos que o sucesso acadêmico dos estudantes dos meios populares foi favorecido pelos programas de acesso à Universidade, assim como, para sua manutenção as bolsas de apoio ao estudante, nestes casos particulares, a residência estudantil foi condição essencial para permanência no ensino superior. Com isto fica evidente que o investimento governamental nestes programas de apoio são capazes de subsidiar de forma segura e satisfatória dentro das necessidades econômicas mais urgentes para os estudantes beneficiados, sem dúvida que a plenitude dessa rede de suporte talvez nunca seja atingida ante as dificuldades históricas e enraizadas em um sistema de ensino básico com muitos défices, no entanto, como apoio de manutenção e permanência no ensino superior esta é uma via que se mostrou intensamente benéfica, pois foi, inclusive, capaz de mudar a triste realidade de um ensino segregacionista e exclusivo que perdurou na realidade brasileira até então. Nunca foi vista no Brasil a ocupação dos bancos universitários por uma diversidade étnica e socioeconômica como na última década, daí a observação que políticas sociais e inclusivas são fundamentais para se não sanar, pelo menos minimizar os impactos das desigualdades. O interessante é que houvesse uma ampliação na oferta de bolsas de apoio acadêmico, não o corte como é o que está acontecendo no momento.

Infelizmente a atual conjuntura em que o país se encontra, onde cortes de verbas em setores fundamentais para o desenvolvimento como a educação, estão mais uma vez trazendo a cruel realidade das desigualdades sociais, sobretudo, em uma região com permanentes atrasos. Reduções significativas no orçamento das Universidades, tem mostrado a tragédia política, social e econômica na qual imergiu o país nos últimos dois anos e que atualmente se agrava de um tal modo que só encontra precedentes em tempos de ditadura militar. No entanto, aqui fica claro quais os instrumentos e como eles podem ser materializados como proposta de incentivo à formação profissional, ampliando-se para retirada dos sujeitos dos meios populares do lugar do preconceito a partir de carências culturais e défices cognitivos.

Nossa investigação ratifica o poder das políticas inclusivas, pois dentro das pesquisas institucionais da própria Universidade Federal Rural foi traçado um perfil de estudante universitário incomum na história da instituição, negros, indígenas, pobres,

mulheres e diferentes faixa etária, distribuídos pelos mais diversos cursos, que não sejam aqueles que preparam para profissões pouco valorizadas e de menor representação social. Instâncias de democratização de acesso e promoção da longevidade escolar, que começaram a ser implementadas desde o ensino básico, mostram seus resultados no ingresso ao ensino superior de grupos estigmatizados, e, conseqüentemente banidos, deste nível de formação. Ou seja, a cara da universidade brasileira está diversa, embora que a atual conjuntura aponte para um retrocesso e os impactos já sentidos.

O estudante dos meios populares que alcança o êxito acadêmico, já não precisa manter a posição de um herói homérico que precisou de uma força sobrenatural para vencer os obstáculos e atingir um patamar que não era seu. Ou, ao contrário, ser símbolo do pobre coitado em que o fracasso é condição inerente e até natural à sua história. Não foi o esforço pessoal determinante para o sucesso, pois não queremos cair na armadilha da meritocracia como indicador do êxito para aquele que se esforça, mas pontuamos as disposições pessoais como um atributo psicológico significativamente importante na trajetória como condição de perseverança.

Estas disposições pessoais atreladas às políticas sociais formaram a base do sucesso, pois mesmo com muito empenho, determinação e esforço vemos ainda muitos jovens que não conseguem ter acesso à Universidade, caso eles não sejam amparados por programas que viabilizem situações de apoio econômico direto e às vezes permanente, não é possível o ingresso, nem manutenção no ensino superior para jovens dos setores populares como estatisticamente se tem comprovado.

Evidenciamos que a trajetória escolar destes estudantes foi trilhada com o mínimo de apoio familiar e docente. A família, representada pelos pais de baixa escolaridade, não conseguia, em detrimento desta característica acompanhar a vida escolar dos filhos no serviço pedagógico, e a escola; nas atitudes dos professores, na maioria dos casos, não foi capaz de reconhecer e intervir nas necessidades dos alunos, talvez por não enxergar aquele grupo com disposição para. É como se a própria escola reconhecesse o potencial dos seus estudantes, mas não acreditasse que ele fosse capaz de acessar a níveis mais elevados de formação pela posição socioeconômica em que viviam. Além da escola ser representada por alguns entrevistados como um ambiente hostil e de vulnerabilidade à

violência. Importante, ainda, observar que nenhum dos nossos entrevistados teve modelos de vida acadêmica em suas famílias, sobretudo, em Universidades com grande prestígio social, a maioria dos irmãos não seguiu os estudos e os dois casos referidos de acesso ao ensino superior foi feito em faculdades particulares ou estaduais. Desse modo, temos casos de percursos solitários, tanto dentro da família e da comunidade, levando até à circunstância de estudar pouco para não se tornar tão diferente, quanto à solidão na escola, pois ser o aluno destaque, questionador e ativamente disposto aos saberes construíra circunstâncias de violência, submissão e hostilidade diante de colegas e ou professores. Apesar de que este bom desempenho escolar, não pela via da posição de aluno destaque, mas pela disponibilidade aos saberes acadêmicos, o gosto pelo estudo, nos faz acreditar que tenha concorrido para o sucesso, tendo em vista que nos irmãos esse prazer não era sentido, e, conseqüentemente, eles não permaneceram na escola, ou seja, estar disposto para o conhecimento acadêmico e suas experiências é um registro imprescindível para manutenção escolar, e foi para estes estudantes uma instância determinante na permanência a fim de ultrapassar dificuldades como reprovação de período e manter desempenho com o intuito de fazer uma boa formação.

Esta diversidade de comportamento dos sujeitos de origem popular está incrustada em sua própria família, tendo em vista que dos estudantes que representam nossa investigação apenas dois deles tiveram irmãos universitários, ou seja, dentro da mesma casa, partilhando das mesmas dificuldades socioeconômicas, os irmãos têm vivências distintas quanto aos saberes escolares. Quer tenha sido por um espírito de resignação ou tão somente por não “querer quebrar a cabeça”, como referiu uma de nossas entrevistadas, a verdade é que a distinção do desejo e as múltiplas visões de mundo estão presentes também no seio dessas famílias. Falamos aqui em uma composição fraterna profundamente diversa sob o aspecto da escolarização. O que acaba incidindo na convivência desses sujeitos, com os irmãos que ficaram e o irmão que se foi, aquele que é quase um estranho no ninho, mas que goza da admiração de sua família e comunidade por se dispor a sacrifícios identificados como uma conduta impraticável para muitos.

A escola para os nossos entrevistados tem função, se não unânime, mas muito parecida quanto à posição de mudança de vida, facilitador de melhores postos na

sociedade. Com a aquisição do diploma as oportunidades serão maiores, sobretudo, no que diz respeito a liberdade de escolha, os jovens investigados reconhecem as dificuldades ainda permanentes em sua vida e que não será o curso superior que mudará instantaneamente as circunstâncias socioeconômicas que vivem, muitos esforços ainda serão empreendidos para conquista de um ambiente profissional estável, no entanto, sem este diploma, carecidos dessa formação, a concorrência seria pior, como diz Livia, *dá um pouco mais de facilidade, talvez um concurso, concorrer com uma vaga um pouco melhor*, é a escola aliada à importância do conhecimento, pois mesmo no caso em que a diplomação não representa maiores perspectivas, a exemplo da fala de Brás, *quando eu me formar, pegar o diploma na mão, eu não vou dizer ah é a salvação da minha vida que está aqui*, o acesso ao conhecimento, isto sim faz a diferença, poder pensar e agir de modo diferente já significa um ganho. Ascender a um lugar de destaque, não apenas pela conclusão do ensino superior, mas chegar ao lugar do poder saber.

Os jovens deste estudo evidenciam que aqueles que vêm dos meios populares também valorizam e desejam os elementos culturais e acadêmicos de maior representação social. Dados os instrumentos necessários, são capazes de desenhar um quadro de sucesso que neste caso, foram as políticas sociais e inclusivas, o acesso à informação, a descentralização dos polos universitários e a criação de Institutos Federais de Ensino que em alguns casos alimentaram ou fizeram nascer o desejo pelo curso superior. Inversamente ao que é comum aos meios populares, os sujeitos de nossa investigação representam o êxito acadêmico sem terem saído de sua realidade de pobreza. Nada mudou no contexto social de origem, como cita Flora *aí eu vou novamente sem dinheiro, começar tudo de novo*, mas agora com um distintivo social válido para comunidade, o diploma cria para estes jovens margens de fuga e respeito, uma visão diferente para si como entende Escobar, *evolui tanto no conhecimento quanto na parte pessoal, de cidadão, de ser humano* e para os outros que nas palavras de Aires se tornou a figura destaque da família a cada ciclo da escolaridade que alcançava, *quando eu passei no curso técnico foi assim, era o irmão, o astro da família*.

Longe de elucidar as causas pelas quais se dão o sucesso escolar nos meios populares, aqui apresentamos um pequeno recorte que cria margens para muitas

inferências tendo em vista a complexidade de cada uma das histórias partilhadas. Assim como, não pretendemos comparar famílias ou estudantes de origem popular com outras condições socioeconômicas, mas figurar na desmistificação de que o êxito no espaço escolar é prioritário aos meios abastados, ou que os pobres não são capazes de seguir uma trajetória acadêmica prolongada, pois imersos desde cedo nas ações objetivas do trabalho ou desprovidos do desejo de saber.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Antunes, C. (2015). *Resiliência: a construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade*. Fascículo 13. Rio de Janeiro: Vozes.
- Aranha, A. V. (2010). Fome Zero: Um projeto transformado em estratégia de Governo. In J. Silva, M. Grossi & C. França, (orgs). *Fome Zero: a experiência brasileira* (pp. 85-109). Brasília: MDA.
- Ariès, Phillipe (2014). *História Social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC.
- Barros, R., Foguel, M. & Ulyssea, G. (2006). *Desigualdade de renda no Brasil: uma análise da queda recente*. Brasília: Ipea.
- Benavente, A., Campiche, J., Seabra, T. & Sebastião, J. (1994). *Renunciar à Escola: O Abandono Escolar no Ensino Básico*. Lisboa: Fim de Século Edições.
- Benavente, A., Costa, A. F., Machado, F. L. & Neves, M. C. (1992). *Do outro lado da escola*. Liboa: Editorial Teorema.
- Bernstein, B. (1997). Estrutura social, Linguagem e Aprendizagem. In Patto, M. (org.). *Introdução à Psicologia Escolar* (pp. 145-169). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Borghi, I. S. M. (2013). *Uma margem outra: itinerâncias de jovens das classes populares na educação superior* (Tese de doutoramento). Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, Brasil.
- Bourdieu, P. & Champagne, P. (2015). Os excluídos do interior. In M. A., Nogueira & A. Catani (Orgs.). *Escritos de Educação* (pp. 245 a 255). Petrópolis: Vozes.
- Bourdieu, P. (2015). A escola conservadora: desigualdades frente à escola e à cultura. In M. A. Nogueira & A. Catani (Orgs.). *Escritos de Educação* (pp. 43 a 72). Petrópolis: Vozes.
- Brandão, J. M. (2009). *Resiliência de que se trata? O conceito e suas implicações* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte - MG, Brasil.
- Brait, B. (2012). Estilo. In B. Brait (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave* (pp. 79-102). São Paulo: Contexto.

-
- Brasil (2007). *Reuni: Reestruturação e Expansão das Universidades Federais*. Diretrizes Gerais. Plano de Desenvolvimento da Educação.
- Capucha, L. M. A. (2004). *Desafios da Pobreza*. (Tese de Doutorado em Sociologia). Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Lisboa-Portugal.
- Carraher, T., Carraher, D. & Schliemann, A. (2006). *Na vida dez, na escola zero*. São Paulo: Cortez.
- Charlot, B. (2009). *A Relação com o Saber nos Meios Populares: uma investigação nos liceus profissionais de subúrbio*. Porto: CIE/Livpsi.
- Chizzotti, A. (2001). *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo: Cortez.
- Côco, V., Soares, L. C., Bragança, N. S. & Cardoso, R. L. (2013). Juventude e ensino superior: impactos da inserção universitária na vida de estudantes de classes populares. *EccoS Revista Científica*, 32, 33-50.
- Correa, L. J. & Rocha, M. S. de M. (2012). Disposições aos sacrifícios da escolarização: trajetórias de jovens das classes populares. *Educação Temática Digital*, 14 (1), 414-441.
- Coutinho, C. P. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: teoria e prática*. Coimbra: Almedina.
- Eliot, T. S. (2013). *Notas para uma definição de cultura*. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva.
- Fajardo, I. N., Minayo, M. C. de S. & Moreira, C. O. F. (2013). Resiliência e prática escolar: uma revisão crítica. *Revista Educação e Sociedade*, 34 (122), 213-224.
- Féres-Carneiro, T. & Zaviani, C. (2010). Conjugalidades Contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos amorosos da atualidade. In. T. Féres-Carneiro (org). *Casal e Família: permanências e rupturas* (pp. 83 a 107). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2017). *Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência*. São Paulo, SP, Brasil.
- Foucault, M. (2013). *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola.

-
- Freitas, M. (2010). *Pobreza e Exclusão Social* (Trabalho acadêmico nº 2009115089) Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Coimbra, Portugal. Acesado em www4.fe.uc.pt/fontes/trabalhos/2009011.pdf
- Freud, S. (1996). *Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos (1886-1889)*. Edição Standard das obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, 1. Rio de Janeiro: Imago.
- Gobbi, R. V. (2008). *Sucesso e Fracasso Escolar nas Famílias Populares: Um Estudo de Caso* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, Brasil.
- Gonçalves, F. G. de (2015). *Sucesso no campo escolar de estudantes oriundos de classes populares: estrutura e trajetórias* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil.
- Graue, M. E. & Walsh, D. J. (2003). *Investigação Etnográfica com crianças: Teorias, Métodos e Ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Guarreschi P. (2007). Psicologia Social e representações sociais: avanços e novas articulações. In. P. Guareschi & M. Veríssimo (orgs). *Psicologia do Cotidiano: representações sociais em ação* (pp. 17 a 40). Rio de Janeiro: Vozes.
- IBGE (2010). *Censo Demográfico: Educação e Deslocamento*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- IBGE (2013). *Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*. Estudos e Pesquisas: Informação Demográfica e Socioeconômica (32). Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- IBGE (2014). *Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*. Estudos e Pesquisas: Informação Demográfica e Socioeconômica (34). Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- IBGE, (2016). *Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*. Estudos e Pesquisas: Informação Demográfica e Socioeconômica (36). Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência: desigualdade racial municípios com mais de 100 mil habitantes, (2017). Secretaria de Governo da Presidência da República. São Paulo: Novo Juventude Viva.

-
- Ipea (set./2012). *A década inclusiva (2001-2011): Desigualdade, Pobreza e Desigualdade de Renda*. Comunicados do Ipea, n. 155.
- Ivic, I. (2010). *Lev Semionovich Vygotsky*. Recife: Massangana.
- Jezine, E. (2015). Políticas de cotas e o acesso em cursos de bacharelado e licenciatura. In T. Estrela (Ed.) *Diversidade e Complexidade da Avaliação em Educação e Formação. Contributos da Investigação. Atas do XXII Colóquio da AFIRSE Portugal*. Lisboa: EDUCA/AFIRSE Portugal.
- Kaneko, S. M. (2008). *Ciclos e Sucesso Escolar: questões teóricas e práticas*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ, Brasil.
- Lahire, B. (2001). *O homem plural: as molas da ação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lahire, B. (2004). *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática.
- Laville, C. & Dione, J. (1999). *A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas*. Porto Alegre: Artmed.
- Lüdke, M. & André, M. (1986). *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- Miniaurêlio Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa (2001). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Montandon, C. & Perrenou, P. (2001). *Entre pais e professores, um diálogo impossível?* Oeiras: Celta.
- Morais, A. & Neves, I. (jul-dez, 2007). A teoria de Basil Bernstein: alguns aspectos fundamentais. *Revista Práxis Educativa*, 2, (2), 115-130.
- Morin, E. (2001). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez.
- Narzeti, C & Nobre, A. (jan-mar, 2016). A teoria dos códigos linguísticos de Basil Bernstein e a questão da modalidade oral da língua. *Revista Domínios de Linguagem*, 10 (1), 286-303.
- Neves, C. B. (2013). Trajetórias escolares, famílias e políticas de inclusão social no ensino superior brasileiro. In M. Nogueira, G. Romanelli & N. Zago, (Orgs). *Família & Escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares* (278-311). São Paulo: Vozes.

-
- Otto, F. & Kohler, R. F. (2007). Desigualdades frente à educação e à cultura: estudo a partir das formas de acompanhamento escolar e dos valores sócio-cognitivos que predisõem ao sucesso escolar em famílias das classes populares. *Atos de Pesquisa em Educação*, 2 (1), 123-144.
- Palma, R. C. de B. (2007). *Fracasso Escolar: novas e velhas perspectivas para um problema sempre presente* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Londrina. Londrina, PR, Brasil.
- Patto, M. H. S. (2015). *A Produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia*. 4ª ed. São Paulo: Intermeios.
- Paula, F. S. & Tfouni, L. V. (2009). A persistência do fracasso escolar: desigualdade e ideologia. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*. 10 (2), 117-127.
- Pereira, A. da S. A. (2005). *Sucesso Escolar de Alunos dos Meios Populares: Mobilização Pessoal e Estratégias Familiares* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Pereira, A. M. S. (2012). Resiliência, Personalidade, Stress e Estratégias de coping. In: Tavares, J. (org.) *Resiliência e Educação* (pp. 77 a 94). São Paulo: Cortez.
- Piotto, D. C. (2007). *As exceções e suas regras: estudantes das camadas populares em uma universidade pública* (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil.
- Portes, E. A. (2001). *Trajetórias escolares e vida acadêmica do estudante pobre da UFMG: um estudo a partir de cinco casos* (Tese de doutoramento). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Portes, E. A. (2011). O trabalho escolar das famílias populares. In Nogueira, M., Romanelli, G. & Zago, N. (Orgs). *Família & Escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares* (pp. 61-80). São Paulo: Vozes.
- Ramos, G. (1998). *Vidas Secas*. São Paulo: Record.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em Desordem*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Romão, M. E. C. (1982, out. a dez.). Considerações sobre o conceito de pobreza. *Revista Brasileira de Economia*, 36 (4), 355-370. Rio de Janeiro.
-

-
- Romão, J. E. & Benincá, D. (2015). Movimentos sociais e universidade popular: tensões e perspectivas nas relações entre comunidade e academia. *Revista Lusófona de Educação*, 31, 99-123.
- Roldão, C., Abrantes, P., Mauritti, R. & Teixeira, A. (2011). *Os jovens de classes desfavorecidas e a escola: o que mudou com o programa Teip?* Lisboa: CIES, IUL.
- Sanches, I. (1996). *Necessidades Educativas Especiais e Apoios e Complementos Educativos no Quotidiano do Professor*. Porto: Porto Editora.
- Sanches, I. (2011). *Em busca de Indicadores de Educação Inclusiva: a voz dos professores de apoio sobre o que pensam, o que fazem e o que gostariam de fazer*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- Santos, B de S. (2015). Da Universidade à Pluriversidade: reflexões sobre o presente e o futuro do ensino superior. *Revista Lusófona de Educação*, 31, pp. 201-212.
- Santos, F. S. & Filho, N. de A. (2012). A quarta missão da Universidade: internalização universitária na sociedade do conhecimento. *Imprensa da Universidade de Coimbra*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Severino, A. J. (1996). *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez.
- Silva, J. (2003). *Por que uns e não outros? Caminhada de jovens pobres para a Universidade*. Rio de Janeiro: Sete Letras.
- Silva, M. R. S. da (2003). Resiliência: concepções, fatores associados e problemas relativos à construção do conhecimento na área. *Paidéia* 13 (26), 147-156.
- Silva, J. G., Del Grossi, M. E. & França, C. G. (orgs) (2010). *Fome Zero: a experiência brasileira*. Brasília: MDA.
- Silva, N. M. (2012). *Sucesso e Insucesso na Educação Superior: As representações sociais de estudantes do Centro Acadêmico do Agreste/UFPE*. Recife: Editora Universitária.
- Silva, Y. M. P. (2016). *Esses nordestinos: discurso de ódio em redes sociais da internet na eleição presidencial em 2014*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Brasília, DF, Brasil.

-
- Soares, M. (1996). *Linguagem e Escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Ática.
- Sordi, A. O. (2011). O conceito de resiliência: diferentes olhares. *Revista Brasileira de Psicoterapia* 13 (2), 115-132.
- Soria, H. B. E., Blandtt, L. da S. & Ribeiro, J. C. (2007). Resiliência: a capacidade de adaptação e ou transformação nas desigualdades sociais. *III Jornada Internacional de Políticas Públicas: questão social e desenvolvimento no século XXI*. São Luís, MA, 28 a 30 de agosto.
- Souza, M. (2009). *Do seringal à Universidade: o acesso das camadas populares ao ensino público no Acre* (Tese de Doutorado). <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/FAEC-83WR2W>.
- Tavares, J. (2002) A resiliência na sociedade emergente. In J.Tavares (org.) *Resiliência e Educação* (pp. 43-75). São Paulo: Cortez.
- Teixeira, E. G. (2008). Trajetórias de Sucesso Escolar no Ensino Superior de Jovens Provenientes de Contextos Descapitalizados. *Anais do VI Congresso Português de Sociologia: Mundos Sociais, Saberes e Práticas*. Série 420, 2-17. <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/420.pdf>
- Teodoro, A. (2015). A construção da educação mundial ou o lugar da Educação Comparada no estudo das políticas (e práticas) da educação. *Revista Brasileira de Pós-graduação*, 12 (29), 859- 877.
- Trindade. R. (2010). O ensino superior como espaço de formação: do paradigma pedagógico da aprendizagem ao paradigma da comunicação. In C. Leite (org.). *Sentidos da Pedagogia no Ensino Superior* (pp. 75-98). Porto: CIIIE/Livpsi.
- Viana, M. J. B. (1998). *Longevidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidade* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Vigotsky, L. S. (2007). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes.
- Yunes, M. A. M. (2003). Psicologia Positiva e Resiliência: foco no indivíduo e na família. *Revista Psicologia em Estudo*, 8 (Edição Especial), 75 - 84.

- Zago, N. (2006). Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. *Revista Brasileira de Educação*, 11 (32), 226-237.
- Zago, N. (2011). Processos de escolarização nos meios populares: as contradições da obrigatoriedade escolar. In Nogueira, M.A., Romanelli, G. & Zago, N. (Orgs). *Família & Escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares* (pp. 17 - 43). São Paulo: Vozes.

TEXTO LEGISLATIVO

Decreto nº 6.135 de 26 de junho de 2007. *Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (cadÚnico)*. Acedido em 15 de maio de 2017 em Portal de Serviços. www.servicos.gov.br.

APÊNDICES

Apêndice 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa, cujo título é: **Por que não eu? Trajetórias de sucesso acadêmico nos meios populares**, está sendo desenvolvida por Geny Alexandre dos Santos, aluna do curso de Doutorado em Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, sob orientação da professora doutora Isabel Rodrigues Sanches. Os objetivos deste estudo são compreender a trajetória seguida pelos estudantes dos meios populares rumo à Universidade, identificar as estratégias construídas em seu percurso escolar; aperceber-se das disposições pessoais e familiares demandadas ao êxito acadêmico e evidenciar quais os fatores que os estudantes elegem como determinantes em sua trajetória. Esta investigação tem como finalidade colocar em evidência trajetórias de êxito, por vezes, invisibilizadas, além de contribuir com a descoberta de modelos ao sucesso acadêmico. Solicitamos a sua colaboração na concessão de entrevista que terá em média uma duração de 1h30min., assim como, a autorização para que seu resultado conste em trabalho acadêmico (tese), além de possíveis apresentações em eventos científicos e publicações. Observamos que esta pesquisa não traz qualquer tipo de risco ou desconforto ao participante, lembrando ainda, que o seu nome será mantido em total sigilo, cuja identificação será feita através de nomes fictícios. Esclarecemos que sua participação é voluntária, desse modo, não é obrigatória a prestação de quaisquer informações ao estudo, sendo livre a desistência a qualquer tempo desta investigação, sem perdas e danos. Os pesquisadores prestarão todo esclarecimento que assim considere necessário nas diversas etapas da pesquisa.

Pesquisadora responsável

Considerando que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes do estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, assim como, que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei desse documento.

Garanhuns, 09 de março de 2018.

Participante da pesquisa

Caso necessite de maiores informações sobre este estudo, favor ligar para a pesquisadora no número (87) 9 9613-9962 ou contatar no email genypsi@hotmail.com

Apêndice 2 - Guião de entrevista

Temática: Trajetórias de sucesso acadêmico nos meios populares

Objetivo Geral: compreender a trajetória acadêmica dos estudos dos meios populares

Entrevistado/a:

Local:

Dia:

Blocos	Objetivos	Tópicos	Observações
A Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> – Conseguir que a entrevista se torne necessária, oportuna e pertinente – Motivar o entrevistado – Garantir confidencialidade – Acordar os termos de utilização da informação 	<ul style="list-style-type: none"> – Apresentação entrevistador – Motivos da entrevista – Objectivos 	<ul style="list-style-type: none"> – Entrevista semi-directiva – Usar linguagem apelativa e adaptada ao entrevistado – Tratar o entrevistado com delicadeza e recebê-lo num local apazível – Pedir para gravar a entrevista – Marcar o dia, a hora e o local da entrevista
B Perfil do entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> – Recolher informação sobre o perfil pessoal, familiar e académico do entrevistado 	<ul style="list-style-type: none"> – Idade – Etnia – Número de irmãos – Posição na fratria – Profissão e escolaridade do pai – Profissão e escolaridade da mãe – Curso – Sistema de ensino em que cursou o nível fundamental e médio – Idade que iniciou o ensino superior – Perda de ano letivo por retenção ou desistência, incluindo período do curso superior – Vezes que tentou os processos seletivos para ingresso no ensino superior 	<p>Proposta de pergunta desencadeadora da entrevista:</p> <p>Antes de iniciarmos esta nossa entrevista, gostava de o/a conhecer um pouco. Fale-me de você, quem você é?</p> <p>Fale-me também de sua família de seus irmãos e, globalmente da sua vida académica</p> <p>(Sempre uma pergunta introdutória, global; depois explorar o que não foi dito e que se pretende saber.</p> <p>NUNCA perguntar como se fosse um questionário, mas perguntas diretas, sim, para complementar informação)</p>
C A comunidade de origem	<ul style="list-style-type: none"> – Recolher informação para situar o/a entrevistado/a face/dentro da sua comunidade de origem 	<ul style="list-style-type: none"> – Cidade de origem – Local da cidade – Características da comunidade de origem – Participação comunitária – Tipo de identificação pelas pessoas da comunidade 	

		<ul style="list-style-type: none"> – Lembranças mais marcantes da vida na comunidade – Relação com os vizinhos e amigos da comunidade 	
<p>D</p> <p>A família</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Recolher informação sobre a visão que a família tem sobre a escola e sobre o seu desempenho escolar – Caracterizar a família em termos de renda e atividades comunitárias, políticas e outras 	<ul style="list-style-type: none"> – Visão da família sobre a escola – Fatores/pessoas que contribuíram para o seguimento dos estudos no período do ensino fundamental e médio – Inspiração para seguir com um plano de estudos – Visão do futuro escolar em cada etapa do ensino básico – Como é visto (a) pela família em relação à escolarização – Expectativa dos pais em relação à escolarização – História de vida da família (pais, irmãos, avós, tios) – De onde vem a renda familiar – Participação da família em associações políticas, comunitárias, agremiações... 	
<p>E</p> <p>A escolaridade</p>		<ul style="list-style-type: none"> – Início dos estudos no ensino fundamental – Lembrança mais remota da entrada na escola – Disciplina que gostava ou tinha maior facilidade – Como avalia o desempenho no ensino básico (fundamental e médio) – Fato marcante no sentido das dificuldades – Hábitos de leitura ou participação em atividades artísticas e culturais – Ajuda nas atividades escolares a serem feitas em casa – Acompanhamento escolar – Planejamento do horário de estudos – O que considerava bom na escola – Do que não gostava na escola – Como se percebia em relação aos colegas de sala de aula. – Relação com os professores desse período. – Sentido que atribuía aos saberes escolares 	

		<ul style="list-style-type: none"> – Situações que poderiam tê-lo (a) afastado da escola – Percurso escolar referente às dificuldades do ponto de vista econômico – Quando passou a visionar o ensino superior – Sentido atribuído à entrada no ensino superior – O que aponta como condição principal ao ingresso no ensino superior – Maior dificuldade na universidade – Frequência em cursinho pré-vestibular: seus efeitos para o acesso ao ensino superior – Estratégias utilizadas sempre que surgem as dificuldades financeiras – O que poderia rentabilizar os estudos no sentido de melhorar o aproveitamento nas disciplinas – Acolhimento dentro da Universidade (amigos, professores, aulas...) – Até o momento o que foi mais difícil ultrapassar – Impressões sobre a residência estudantil onde mora – Concomitância de trabalho e estudo. – Benefícios de bolsas de estudo. 	
F O Futuro		<ul style="list-style-type: none"> – Projetos imediatos quando do término do curso – A quem ou a que atribui o êxito acadêmico – Que diferenças para sua vida tem o ensino superior – Expectativa quanto a possíveis dificuldades. 	
G O padrão de resiliência		<ul style="list-style-type: none"> – Vivência em contextos de vulnerabilidade e risco – Padrão de enfrentamento das dificuldades – Apoio na resolução dos problemas ou enfrentamento – Perdas mais significativas que viveu – Tolerância às frustrações – Persistência no sentido dos projetos 	

		<ul style="list-style-type: none"> – Sentido que atribui à trajetória de vida – Certeza nas decisões – Atitudes que o diferenciam perante as outras pessoas 	
H Problemática central do entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> – Dar oportunidade ao/à entrevistado/a para dar conta de seus interesses, preocupações ou desejos 	<ul style="list-style-type: none"> – Aspectos que gostasse de referir e que não foram abordados 	
I Agradecimentos		<ul style="list-style-type: none"> – Despedida e perspectiva de partilha dos resultados da investigação. 	

Apêndice 3 - Protocolo de entrevista à primeira estudante

E. 1 – Capitu

Data: 19-04-2018

Idade: 29 anos

Curso: Agronomia

Período do curso: 5º

Profissão e escolaridade pai: agricultor/Fundamental I

Profissão e escolaridade mãe: agricultora/Fundamental II

Entrevistadora: inicialmente gostaria que me dissesse de onde você vem e como foi sua entrada na escola:

Estudante: eu sou de Venturosa e quando estava com um ano a minha família mudou-se pra Ouricuri, aí a gente passou seis anos lá, aí quando a gente voltou pra Venturosa de novo foi que eu entrei na escola, com seis anos. A minha mãe conseguiu uma escola para dar aula no sítio e meu pai sempre trabalhou na agricultura. Minha mãe alfabetizava e levava meus irmãos mais velhos, os mais novos iam tomando conta dos outros. Meu irmão mais velho nunca gostou de estudar, só estudou até a 5ª série, aí casou e ficou no sítio mesmo, a minha irmã mais velha depois que casou teve dois filhos, ela terminou o ensino médio, tentou o técnico só que não deu para ela terminar, minha terceira irmã tem duas faculdades, tem Pedagogia e tem Psicologia, mas ela não está atuando ainda não, minha outra irmã, a quarta, só fez até a 8ª, casou e não quis estudar mais não, ela não gosta muito não, a quinta nunca gostou de estudar e tem até a 8ª. Maria tem o ensino médio, começou o técnico e não terminou, aí tem eu, né? que estou cursando agora, aí tem João que terminou o ensino superior, aí tem Tereza que está cursando o superior, Ana que está cursando o superior e Joana, o superior. Todos em faculdade pública, as três que estão cursando agora no IF, a que cursou foi particular e outra pela UPE. Aqui na federal só eu. A maioria nas licenciaturas.

Entrevistadora: como você vê a sua história escolar, a sua relação com o saber:

Estudante: minha história não foi fácil não, porque depois que eu terminei o ensino médio tive que começar a trabalhar, já que eu não estava estudando, daí passei, só que minha mãe não tinha condição de pagar as passagens, tudo, aí trabalhei cinco anos em um mercado e nesses cinco anos eu consegui fazer o técnico aqui em Garanhuns, mas eu trabalhava o dia todo e estudava à noite no IF, depois eu pedi para sair do emprego porque eu tinha arrumado outro, um contrato de prefeitura, porque eu tenho Normal Médio, aí eu fui dar aula, mas não deu certo e fiquei dois anos parada, nesses dois anos eu passei em uma faculdade particular de Arcoverde para cursar Geografia, só que tinha a bolsa do governo do Estado, mas quando eu entrei ele cortou, aí eu parei, né? porque não tinha condições de pagar, mas eu tentei de novo o Enem e falei que era a última vez que ia tentar. No IF eu consegui bolsa para se manter, o valor da primeira bolsa foi trezentos e pouco, a segunda bolsa foi cento e vinte, aí eu pagava transporte porque não tinha ônibus da prefeitura de graça, isso foi em 2013. Entrei na Agronomia, o primeiro período não foi fácil, porque lá só tem ônibus à noite e eu tinha que pagar passagem durante o dia, nos primeiros meses eu tinha uma reserva do emprego, aí paguei ônibus, depois consegui a bolsa daqui e pagava o ônibus só para vir e voltava no ônibus da faculdade. Às vezes ficava o dia todo e só chegava em casa meia noite, mas eu ganhei a residência, aí ficou legal, né? consegui no segundo período, quase na metade, quando veio a greve e um período de ocupação, ainda reprovei duas disciplinas no primeiro período, em cálculo e química, aí me matriculei em todos, não consegui passar em duas do segundo mas consegui as do primeiro, no terceiro me matriculei em todos de novo, consegui passar.

Entrevistadora: a que você atribui essa reprovação?

Estudante: acho que a gente não é adaptado a estudar, ter aquela rotina, tudo mais. Tiveram outras que foram complexas mais eu consegui passar.

Entrevistadora: o fato de você ter conseguido passar, até nas mais difíceis, você deve isso a quê?

Estudante: eu sempre fui do sítio né? eu sempre quis fazer Agronomia e quando eu tive que sair do sítio para trabalhar na rua eu não acho certo isso, eu acho que quem mora no sítio tem que ter condições de sobreviver do sítio, é isso que me motiva na Agronomia. Meu irmão tem que sair para trabalhar fora e minhas irmãs não têm renda, em casa tem Tereza, Ana, Maria e eu, meu irmão é casado e outro não mora mais em casa teve que sair para trabalhar, aí antes do meu pai e mãe se aposentar, pai trabalhou muito tempo fora em fazendas e minha mãe cuidava de uma pequena criação, lá é uma zona de transição, não é agreste, nem sertão é semiárido, aí não chove muito para poder plantar.

Entrevistadora: o que lhe move a completar seus estudos?

Estudante: eu quero dar o retorno para fortalecer a dignidade, não sei, acho que mãe sempre gostou de morar no sítio, nunca quis vir para cidade, passou um tempo na cidade, mas não gostou. E eu não me vejo em outra coisa, morando na cidade, fora do ambiente.

Entrevistadora: vocês têm vida comunitária, no sentido das associações, de alguma coisa engajada lá no sítio?

Estudante: tem uma associação de moradores lá, mas falta alguma coisa para levar para frente, projetos, falta estrutura, mas já teve muita coisa que beneficiou a comunidade através da associação.

Entrevistadora: qual a sua memória de maior dificuldade no ensino básico?

Estudante: na minha primeira quinta série porque eu estudava no sítio, como eu mudei para cidade aí eu desisti, no outro ano eu tentei e fui até o fim. Talvez por causa do grupo de pessoas tão diferentes, os professores não faziam nada para agregar. Eu fiquei até o meio do ano, eu não me sentia naquele universo, por mais que fosse mais difícil o conteúdo, eram mais professores, mas não era essa a dificuldade, era mesmo a relação com as pessoas, não vivi muitas situações porque eu não convivía com eles, acabei me fechando. Não tinha dificuldade no aspecto pedagógico.

Entrevistadora: quanto ao ensino médio?

Estudante: no ensino médio eu fiz dividido, metade em uma escola, aí fiz o outro ano em outra escola, aí voltei para primeira escola, foram quatro anos, dois anos em uma escola e dois em outra. Eu escolhi o normal médio porque todo mundo falava que era mais oportunidade, ser professora, mas quando eu comecei a estagiar eu vi que não era aquilo, aí fiz o IF, técnico em edificações, mas não consegui cursar pela questão do transporte que era pago e meus pais não tinham condições, esse foi o único empecilho, aí tentei uma segunda vez, passados 6 anos.

Entrevistadora: Qual a visão dos seus pais, que você desde aquela época conseguia captar neles, como era que eles percebiam a escola?

Estudante: mãe sempre incentivou a gente a estudar, a ir para escola, ia ser agricultor se não estudasse, ter uma profissão. Nos primeiros anos mãe até que ajudava, até porque ela tinha conhecimento, mas na 5ª, 6ª, 7ª série era no livro, aprender a se ajudar só, minha irmã também ajudava, tirava dúvida, auxiliava, mas minha mãe só tem até a 8ª, já não tinha conhecimento de alguns conteúdos, já estava ultrapassada e um monte de menino, era muita coisa para dar conta. Quando era no fundamental a gente sempre ia todo mundo junto, os irmãos todos, quando a gente começou a estudar na cidade aí tinha esse negócio de reunião com pais, mãe geralmente era quem ia para todas as reuniões, ia pegar boletim. Nunca acontecia de ter notas ruins, porque as notas eram boas, pelo menos no ensino médio, no fundamental, não está sendo agora. No ensino médio internet ninguém ouvia falar, mas tinha a biblioteca da escola, consulta, o que precisasse era na biblioteca e isso dava conta. O suporte todinho era nos livros, no ensino médio apostila e se precisasse mais alguma coisa, livro da biblioteca. Eu comecei a ter hábitos de leitura, mas depois deu preguiça, mais

no ensino médio, agora meu irmão sempre foi mais... e agora minhas irmãs, com livro em pdf, leem não sei quantos livros por dia.

Entrevistadora: e quanto ao seu desejo em estudar?

Estudante: no começo não tinha muito desejo de ir para escola não, era normal. Quando eu comecei a ler, eu lembro, o primeiro texto que eu cheguei a ler foi bem marcante para mim, aí comecei a querer mais.

Entrevistadora: quais as disciplinas que você mais gostava?

Estudante: a disciplina que gostava era Ciências, Português não gostava muito, Física era bonzinho, Geografia era legal, Filosofia era interessante, Sociologia era bom.

Entrevistadora: o que era bom e o que não era tão bom na escola?

Estudante: aprender era bom, descobrir coisas novas, descobrir o mundo, o que não era tão bom acho que a estrutura da escola, alguns professores talvez, não sei, talvez não estivessem preparados, não dessem todo suporte que deveria.

Entrevistadora: no Ensino Superior teve algum fato no sentido das dificuldades, assim como no fundamental?

Estudante: na faculdade teve um tempo que pensei em desistir, teve uma menina que estuda comigo que tentou me botar mais para baixo ainda, aí... aí meu noivo também no começo não me apoiava muito, depois eu fui dizendo a ele, explicando, agora ele é quem incentiva, ele é de lá.

Entrevistadora: como é seu planejamento de estudo, se tem?

Estudante: período passado eu consegui um estágio no núcleo de Agrilogia e Agricultura Familiar foi a partir do período passado que eu comecei a fazer um planejamento de estudo, para conseguir dar conta do estágio e da faculdade. Isso no ensino básico, geralmente era quando um professor passava atividade ou exercício para fazer em casa, ou a gente fazia à noite quando chegava ou então fazia de manhã depois que fazia as coisas de casa.

Entrevistadora: depois de sua desistência na 5ª série, o que fez você voltar?

Estudante: quando eu desisti, fiquei em casa o restante do tempo, aí quando eu voltei tinha mais alunos da mesma realidade que a minha, aí eu consegui fazer as atividades, me encaixar nessa segunda vez.

Entrevistadora: O que seus pais disseram quando não quis mais ir pra escola na 5ª série?

Estudante: mãe pediu para ir, aí eu disse que não voltava, e pai, normal, ele nunca se envolveu muito

Entrevistadora: como você se destacava em relação aos colegas e a sua turma?

Estudante: no ensino médio eu sempre fiz trabalho de grupo, gostava de fazer trabalho de grupo, mas já era normal, mas o aluno destaque com certeza não era eu, assim, depende, sempre tinha uma que gostava de se dedicar mais, sabia mais, sempre tinha, cada turma tinha uma. No ensino médio tinha uma, aí quando eu fui estudar na Pedra tinha uma galera bagunceira, aí não tinha ninguém de destaque. Sempre tinha uma, mas não era eu.

Entrevistadora: o que poderia ter lhe afastado da escola?

Estudante: só o que me afastou foi o impacto da primeira turma, mas depois disso nenhum. Só aqui né, por causa da dificuldade, só.

Entrevistadora: como eram feitos os planejamentos para o próximo ano letivo?

Estudante: quando terminava um ano o planejamento para o próximo ano já fazia parte, era comum, sabia que ia entrar no outro ano. Minha mãe incentivava a estudar, falava que quem não quisesse estudar o futuro era pouco.

Entrevistadora: como a sua comunidade lhe ver, sendo uma estudante, morando fora?

Estudante: a minha comunidade acho que não se importa muito não, é mãe quem incentiva de vez em quando...talvez porque pai ver tanta gente que estudou, terminou ensino superior e não conseguiu emprego, estabilidade financeira, ou então não deposita tanta confiança assim.

Entrevistadora: quando você começou a visionar o ensino superior?

Estudante: quando terminei o ensino médio já falava no superior, né? Só que era vestibular e era muito difícil, só ouvia falarem Caruaru, Recife, sempre essas cidades mais distantes, aí era muito impossível, mas depois que criou essa faculdade daqui, criou os IFs, chegou internet no mundo, aí teve mais facilidade. Foram contribuições que me serviram

Entrevistadora: quais as características que se atribui ou qual o seu ponto forte?

Estudante: meu ponto forte é determinação, teimosia e superação é isso que me trouxe aqui e está me fazendo continuar. Já o que me deixou fraca acho que foi quando eu passei muito tempo estudando para uma prova e o resultado não foi muito legal, aí me deixou meio arrasada, fui para casa detonada, mas voltei. A implicância da minha amiga eu nunca consegui entender, não sei, acho que as pessoas não me veem com capacidade. Na minha turma a maioria não é da zona rural, da minha realidade, são mais de fora, mas eu fiz amizade justamente com as que não são agora, as que são “nutela” e tem sido elas que têm me ajudado, me colocando para cima, para poder continuar. É isso.

Entrevistadora: o que você quer fazer assim que terminar o curso?

Estudante: quando eu terminar o trabalho de extensão rural e desenvolvimento rural sustentável, quero ser extensionista e quem sabe fazer um mestrado, doutorado, só. Eu estou no núcleo de Agricologia e os trabalhos que eu estou desenvolvendo lá são nessa área de extensão. Eu estou com essa bolsa de extensão do Cnpq que eu consigo comprar meu material.

Entrevistadora: como é a convivência na residência?

Estudante: a residência na semana de prova é meio loucura, mas dá para encarar. Eu vou todo final de semana para casa, pego o ônibus e volto na segunda-feira de manhãzinha. Na parte da manhã fico no projeto e a tarde na aula.

Entrevistadora: tem alguém ou alguma coisa que é fundamental no seu percurso como incentivador:

Estudante: em meu percurso uma pessoa que me ajudou e tem me ajudado muito que é Cleiton, meu companheiro de estudo, em todas as horas, em todas as disciplinas que reprovei ele reprovou e a gente estudou junto, um deu suporte para o outro, quando não aguentava mais ele incentivava: - não, não, a gente vai conseguir! Então ele foi muito importante para me ajudar nessa parte acadêmica, ele foi fundamental e na questão financeira foi esse auxílio (bolsa) se não fosse o auxílio que eu consegui ganhar, primeiro de alimentação e transporte, depois a residência, acho que eu não estava aqui, né? aqui abre um edital, a gente faz uma seleção e o critério que eles avaliam acho que é baixa renda, distância.

Entrevistadora: existe alguma coisa que não referimos e que você gostaria de falar?

Estudante: o final o que eu queria dizer é que tem pessoas boas e pessoas ruins e cada uma tiveram sua função, para o bem e para o bem também. Eu vejo isso na minha família também, é isso que nos mantém unidos, a pessoa pensa: uma coisa aconteceu, sei lá, não estava esperando, ou não aconteceu do jeito que a gente imaginava, no momento a gente acha que é ruim, mas passa o tempo e a gente percebe que se aquilo não tivesse acontecido talvez outra coisa boa não acontecesse, às vezes aquilo é para acordar a gente.

Apêndice 4 – Categorização de entrevista à primeira estudante

Categorias	Subcategorias	Unidades de registro
Perfil do entrevistado	Dados pessoais	<ul style="list-style-type: none"> – Eu sou de Venturosa. – Tenho 29 anos – Sou a 7ª filha de 11. – Branca.
	Dados acadêmicos	<ul style="list-style-type: none"> – Quando a gente voltou pra Venturosa de novo foi que entrei na escola, com seis anos. – No começo não tinha muito desejo de ir para escola não, era normal. – Cursei o ensino regular público.
	Dados sociofamiliares	<ul style="list-style-type: none"> – Minha mãe alfabetizava e levava meus irmãos mais velhos. – Minha mãe conseguiu uma escola para dar aulas no sítio. – meu pai sempre trabalhou na agricultura. – Meu irmão tem que sair para trabalhar fora e minhas irmãs não têm renda. – Antes de mãe e pai se aposentar, pai teve que trabalhar em fazendas.
O processo de escolarização	No Ensino Fundamental.	<ul style="list-style-type: none"> – Na 5ª, 6ª, 7ª série era no livro, aprender a se ajudar só. – As atividades...a gente fazia à noite quando chegava ou então fazia de manhã quando fazia as coisas de casa. – Quando era no fundamental a gente sempre ia todo mundo junto, os irmãos todos. – Alguns professores talvez, não sei, não tivessem preparados, não dessem o suporte que deveria.
	No Ensino Médio	<ul style="list-style-type: none"> - Consegui fazer o técnico em Garanhuns...no If. - No ensino médio era apostila...livro da biblioteca. - Quando eu terminei o ensino médio já falava no superior. - Era vestibular e era muito difícil, só ouvia falarem Caruaru, Recife, sempre essas cidades mais distantes, aí era muito impossível.
	Na Universidade	<ul style="list-style-type: none"> - Reprovi duas disciplinas no primeiro período, cálculo e química. - Acho que a gente não é adaptado a estudar, ter aquela rotina. - Teve um tempo que pensei em desistir. - Teve uma menina que estuda comigo que tentou me botar mais para baixo ainda. - Meu noivo também no começo não me apoiava. - A implicância da minha amiga eu nunca consegui entender, acho que as pessoas não me veem com capacidade. - Na minha turma a maioria não é da zona rural, da minha realidade, mas eu fiz amizade justamente com as que não são. - Na residência na semana de prova é meio loucura, mas dá para encarar.
Os apoios	Concomitância trabalho/estudo	<ul style="list-style-type: none"> - Depois que eu terminei o ensino médio tive que começar a trabalhar. - Trabalhei cinco anos num mercado. - Eu tenho Normal Médio, aí fui dar aula. - Trabalhava o dia todo e estudava a noite no IF.
	Suporte acadêmico	<ul style="list-style-type: none"> - Depois que criou essa faculdade aqui, criou os Ifs, chegou internet no mundo, aí teve mais facilidade.

		<ul style="list-style-type: none"> - No IF eu consegui bolsa para se manter - Eu estou com essa bolsa de extensão do Cnpq que eu consigo comprar meu material. - Se não fossem os auxílios que eu consegui ganhar, primeiramente alimentação, depois a residência, acho que não estava aqui. - Eu tinha que pagar passagem durante o dia nos dois primeiros meses, eu tinha uma reserva do emprego, aí paguei o ônibus.
	Suporte afetivo	<ul style="list-style-type: none"> - Uma pessoa que me ajudou muito e tem me ajudado é o Cleiton, meu companheiro de estudo, quando não aguentava mais ele incentivava. - Na minha turma a maioria não é da zona rural...e têm sido elas que têm me ajudado, me colocado pra cima, pra poder continuar
	Suporte familiar	<ul style="list-style-type: none"> - Nos primeiros anos mãe até que ajudava. - Mãe sempre incentivou a gente a estudar, a ir pra escola, ia ser agricultor se não estudasse. - Pai nunca se envolveu muito. - Minha irmã também ajudava, tirava dúvidas, auxiliava. - Mãe era quem ia para todas as reuniões, ia pegar o boletim.
	Suporte comunitário	<ul style="list-style-type: none"> - A minha comunidade acho que não se importa muito não. - Tem uma associação, mas falta muita coisa, estrutura. - Já teve muita coisa que teve na comunidade através da associação.
	A escola como ascensão social	<ul style="list-style-type: none"> - eu quero dar o retorno para fortalecer a dignidade. - quero ser extencionista e quem sabe fazer um mestrado, um doutorado.
	Sentido atribuído ao conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> - O primeiro texto que eu cheguei a ler foi bem marcante pra mim, aí comecei a querer mais. - Aprender era bom, descobrir coisas novas, descobrir o mundo. - Mãe falava que quem não quisesse estudar o futuro era pouco. - Pai ver tanta gente que estudou e não conseguiu um emprego, estabilidade financeira ou então não deposita tanta confiança assim.
A condição de resiliência	Atitudes de superação	<ul style="list-style-type: none"> - Na minha primeira 5ª série porque eu estudava no sítio, aí como eu mudei pra cidade eu desisti, no outro ano eu tentei e fui até o fim. - Passei muito tempo estudando pra uma prova e o resultado não foi muito legal, aí me deixou arrasada, fui pra casa detonada, mas voltei. - Uma coisa aconteceu, sei lá, não estava esperando, no momento a gente acha que é ruim, mas passa o tempo e a gente percebe que se aquilo não tivesse acontecido talvez outra coisa boa não acontecesse. - Quando eu desisti fiquei em casa o restante do tempo, aí quando eu voltei tinha mais alunos da mesma realidade que a minha, aí eu consegui fazer as atividades, me encaixar. - Entrei na Agronomia, o primeiro período não foi fácil, porque lá só tem ônibus à noite e eu tinha que pagar passagem durante o dia. - Às vezes ficava o dia todo e só chegava em casa meia noite. - Reprovei duas disciplinas no primeiro período, aí me matriculei em todas, aí não consegui passar em duas do segundo, aí no terceiro me matriculei de novo e consegui passar. - Tiveram outras que foram complexas mais eu consegui.
	Capacidades que atribui a si.	<ul style="list-style-type: none"> - determinação, teimosia e superação é isso que me trouxe aqui e está me fazendo continuar.

Apêndice 5 - Protocolo de entrevista à segunda estudante

E. 2 – Flora

Data: 23-04-2018

Idade: 22 anos

Curso: Agronomia

Período do curso: 6º

Profissão e escolaridade pai: agricultor/não alfabetizado

Profissão e escolaridade mãe: agricultora/não alfabetizada

Entrevistadora: gostaria que me dissesse de onde você vem e basicamente como foi seu percurso escolar:

Estudante: apesar de ter vindo da zona rural eu nunca trabalhei efetivamente para produção, até a oitava série eu passei por duas escolas, ia para campo só para não ficar sozinha em casa, porque só era eu e meu irmão, então meus pais não me deixavam ficar em casa, mas eles nunca me forçaram para que eu trabalhasse. Até a oitava série eu só estudei mesmo, no primeiro ano eu passei a estudar na cidade, era bem no início da escola de referência em período integral, a gente estudava dois dias de forma integral e os outros dias era só um horário, aí quando eu fiz quinze anos, estava entre o primeiro e segundo, aí comecei a trabalhar só nas sextas-feiras, porque lá é dia de feira e tinha como trabalhar em um supermercado, aí eu trabalhava e nesse tempo eu faltava às aulas, mas por opção minha mesmo, para ter meu próprio dinheiro porque meus pais não tinham para me dar. Quando terminei em 2012 o ensino médio fiquei trabalhando um período e fiz um curso, em 2014 entrei na universidade, prestei o vestibular e até então não tinha vontade de entrar em uma universidade, porque o meio que a gente vem era: para que vou fazer uma faculdade? Era arrumar um trabalho que me desse meu sustento, porque meu pai já estava aposentado, não ia trabalhar em roça ou produção e minha mãe apesar de ser mais jovem que ele não tem condições de saúde física para trabalhar, então ele não tinha o dinheiro para me dar. Alimentação tinha, mas não era um dinheiro para me manter, era só o trabalho e da aposentadoria do meu pai. Quando entrei na Universidade fiquei um tempo na casa da minha avó na cidade, por seis meses, por conta do ônibus, aí no segundo período eu consegui as duas bolsas que era de ingressante e uma de apoio, aí entrei pra cá e fiquei com essas duas bolsas. No segundo período eu senti uma dificuldade com matemática, porque tem toda aquela base do ensino médio, aí por essa dificuldade eu acabei reprovando elas, uma no primeiro e uma no segundo. Aí no terceiro período paguei as matemáticas, uma delas, só que eu reprovei e nesse período de reprovação eu já não tinha uma das bolsas. Consegui me manter por um período só que no finalzinho desse período eu reprovei novamente em matemática, aí fiquei sem uma das bolsas e bateu um certo desespero, porque eu sabia que se eu voltasse para o sítio eu não teria mais condições de voltar pra cá, porque lá não tem emprego, tudo seria aqui em Garanhuns. Fui trabalhar, passei um ano trabalhando aqui no comércio, aí meio que tinha desestimulado da faculdade, essas coisas, mas quando eu fui para o comércio foi no momento certo, porque eu vi aquela realidade de que precisava do ensino superior, aí eu sai do trabalho, peguei um bico e durante esse tempo a faculdade me ligou dizendo que eu teria que fazer a matrícula fora do período regular, aí eu vim fazer a matrícula, entrei, vim pagar as matemáticas e me regularizei, no que eu me regularizei no ano passado aí cursei o quarto período e agora estou fazendo o sexto. Do sexto período falta para mim agora dois anos e eu vejo que mais do que nunca eu estou me sentindo pressionada para ter um objetivo direcionado para o curso, para ter uma área, pode ter várias áreas, mas focar em algo, hoje dá visão que eu tinha de antes quando eu passei um ano sem querer entrar na faculdade é que o mundo é muito maior do que eu imaginava, eu posso conseguir muito mais coisas me formando, tendo uma graduação, que seja Agronomia ou em outra do que só tendo um trabalho para me manter. Eu vejo pessoas que estudavam comigo que eram muito mais dedicadas, que desejavam mais a faculdade que eu, mas não saiu de lá, não por não gostar de lá, mas porque

se fecha em um mundinho pequeno, se vê que é muito mais amplo e você pode conseguir muito mais do que pequenas coisas.

Entrevistadora: como é a relação com a sua família, seus irmãos, sua história familiar como é?

Estudante: quando minha mãe casou com meu pai ele era viúvo, então ele é mais velho que ela vinte e cinco anos, tem um filho do primeiro casamento e eu convivi com ele até os 7 ou 8 anos, ele já era casado e nesse período ele foi pra São Paulo, meu contato com ele era meio frio, digamos, a gente passou a ter mais contato quando eu fiz uma viagem com meu pai pra São Paulo, por conta da idade do meu pai ele não podia fazer sozinho aí eu fui com ele, daí tivemos uma aproximação mais forte lá. Tem um outro irmão mais velho que eu, ele é mais velho um ano, mas a gente tem muita diferença, pensa diferente, ou pensa igual só que não se entende, aí a gente tem uma certa distância um do outro, porque ele foi pai muito jovem, acho que aos 17 ou 18 anos. Ele saiu de casa, mas todo final de semana ele estar lá, aí tem só esse vínculo assim mesmo, tem meu sobrinho, filho dele que vai fazer 6 anos, mas é uma coisa bem independente. Com meus pais eu sou mais próxima da minha mãe, normal.

Entrevistadora: como é seu planejamento de estudo aqui na Universidade?

Estudante: a rotina de estudo é pesada, eu me vejo nas duas primeiras aulas já com muita coisa para fazer, sem tempo e com coisa acumulada, é meu sufocante. Eu já sei que o meu problema é organização de horário, essas coisas e me dispersar, mas aí já vejo que em algumas áreas eu tenho dificuldade, mas vejo que eu tenho potencial. Aí estou tentando me organizar para não deixar muitos vazios entre eles, porque como eu falei, estar no sexto período tem que ter um objetivo formado, eu tenho que fixar tudo para justamente formar esse objetivo, porque se eu deixar disperso para depois, eu vou chegar na hora e não vou saber o que fazer.

Entrevistadora: você já sabe exatamente o que seguir quando terminar o curso?

Estudante: eu trabalhei com alguns professores com algumas áreas que eu me interessava, mas eu não me apaixonei, teve uma área no período passado que eu vi que gostei bastante, que eu vou tentar, não seria conhecer mais dela, eu estou querendo pegar ela e entrar em outro projeto esse período, que associa um pouco da minha realidade que é a produção pequena, meio ambiente. É um projeto mais fixo, tanto na faculdade quanto reconhecido também, meu objetivo agora, inicial, é entrar nesse projeto, porque eu posso conseguir com ele, terminar o curso e ter algo certo, sabe? Dentre as outras áreas eu vejo que é bacana.

Entrevistadora: o que lhe fez pensar no Ensino Superior?

Estudante: ter pensado no ensino superior foi por que eu estava acomodada, porque eu ficava em casa e como meu pai não produzia, só sobrevivia da aposentadoria, eu vi que se ficasse ali, eu só ia ficar ali, assistindo tv, dormindo e isso estava me cansando, aí foi quando eu fiz o curso, comecei a sair sozinha pra cidade, depois disso foi quando eu fui para São Paulo, lá eu vi muita oportunidade de trabalho na minha porta, só que São Paulo pra mim era algo que ia me deixar desconfortável, como eu tinha feito o Enem e tinha essa *chance* de entrar na faculdade, tinha umas amigas minhas que já tinham entrado, elas tinham me mostrado os cursos, é tanto que eu recebi o resultado do Enem ainda estava em São Paulo. Eu pensei: aqui eu tenho várias oportunidades, eu posso ficar aqui, só que eu não me sinto confortável aqui. Eu ainda estava descobrindo o mundo, era minha primeira viagem, mesmo que fosse só para ficar em casa, então o que é que tem perto que eu posso fazer que também pode ser bom? aí foi quando veio a faculdade e eu vi toda possibilidade que tinha e entrei. Porque foi um ano em casa, aí você sai e ver o mundo, procurei algo que me abrisse portas, mas que não fosse longe de casa, não por mim, mas por conta da idade do meu pai, o desapego ainda é um pouco difícil, dentre o intermediário foi uma oportunidade que casava bem essas duas questões. Fiz um cursinho que ofereciam na época na escola que era informática, depois um mini curso de administração, aí logo depois disso foi a viagem e entrei na faculdade e já vim direto.

Entrevistadora: quanto ao ensino básico, qual é a lembrança que você tem da escola?

Estudante: meu ensino básico é meio confuso, porque eu fui de início para acompanhar meu irmão para não ficar sozinha em casa, minha mãe levava ele porque era no sítio ainda e era uma escola a meia hora

andando e eu ia junto, ficava lá a tarde toda e depois eu entrei, não tem uma recordação de estudar, mas ver todo mundo reunido, aprendendo junto dava gosto e era confuso ao mesmo tempo porque eram duas ou três turmas na mesma sala naquela época de ensino. Fiquei lá até a terceira série, digamos que eu lembre que comecei a estudar quando eu mudei de escola porque aí eu fui sozinha, já não fui com o meu irmão, eu já fui de pau de arara para uma outra localidade. Lembro que cheguei e era tudo novo, um monte de gente nova, pessoas que eu nunca nem vi na minha vida, foi um impacto estranho, conhecer palavras novas, andar com um caderno. Antes era copia e cola, mas depois você vai aprendendo um pouquinho mais. Essa escola era em uma vilazinha, eu fiquei até o nono ano hoje, que era a oitava série, aí quando a gente terminava a oitava série ia para cidade, foi quando começou integral. No fundamental era o mesmo sistema que meu irmão de sala multi-seriada, isso interferia na qualidade de ensino, porque se você me perguntar o que lembro, absolutamente nada. Quando tinha uma dificuldade em uma matéria fazia recuperação, mas sabia que ia passar, não era algo que eu ficasse preocupada em ser reprovada de ano. A disciplina do fundamental eu lembro que conseguia me dar muito bem era História, a que tinha menos facilidade era Matemática e me dava bem em Biologia também.

Entrevistadora: e essa mudança para o Ensino Médio, o que bateu em você?

Estudante: no ensino médio lembro que foi um susto, porque até oitava série era meio que tudo no bolo em questão de estudo, me lembro estudar poucas vezes em casa, só responder exercício e geralmente não existia tanto uma dedicação, era meio que no bolo. Era como se fosse tudo meio programado, você já sabia meio o que fazer, quando você entra no ensino médio o sistema é totalmente diferente, quando veio o ensino integral o método de ensino era totalmente diferente, aí foi um pouco de choque, mas lembro que me dedicava muito mais e eles cobravam muito mais também, não era só uma coisa de passar de ano, mas você aprender um pouco.

Entrevistadora: a esta época como você se referenciava como estudante?

Estudante: eu sempre me considerei, nem era aluna *cdf* que tirava só 10 ou 9 era aquele aluno intermediário, não era ruim que tirava notas muito baixas, eu ficava meio que no intermediário mesmo, nunca tirei notas muito altas, nem notas muito baixas. Aí eu ficava nesse equilíbrio, acho que até por isso que eu não tinha muita preocupação de reprovar, porque eu sabia que se tirasse uma nota baixa ia chegar uma hora que eu conseguia tirar uma nota maior, sempre foi assim até no ensino médio. Eu tinha boas notas em Física, o professor até comentou que por as aulas dele serem na sexta-feira, em um período minhas notas eram lá em cima, em um período minha nota era lá em baixo, eu ficava nessa montanha russa, mas era nessa coisa mesmo, intermediária. Aqui acho que me dedico muito mais, depois que eu voltei pra faculdade eu voltei focada em estudar, mesmo quando dá aquela preguiça eu quero ir, quero aprender, quero saber fazer, não é mais aquela coisa: passou, passou, eu tenho muito mais aquela coisa eu preciso fazer, eu preciso responder, pra mim quando eu respondo de uma forma que foi de mim é muito mais satisfatório, porque aí não vem só uma nota, vem que eu realmente aprendi aquilo e respondi da minha forma, mas eu me considero intermediária, por conta da minha organização também, mas eu vejo muito mais potencial em mim agora do que eu via antes, mas dessa forma, me vendo desse jeito.

Entrevistadora: a que você atribui a capacidade de ter passado em um processo seletivo tão difícil como o das Universidades Federais?

Estudante: apesar de não ter vontade eu sempre soube que se eu fosse fazer eu conseguia, por não ser uma aluna nota dez, mas eu sempre tive a confiança que se eu quisesse fazer eu conseguia, eu sempre tive a confiança disso, não sei se é egoísta, soberba ou ego, mas eu tinha isso, de eu quero fazer, eu consigo fazer, eu faço.

Entrevistadora: qual a maior dificuldade ou algo marcante para você nesse sentido, no Ensino Superior?

Estudante: a dificuldade no ensino superior eu acho que foi a falta de apoio financeiro mesmo, porque foi o real motivo da minha primeira desistência, porque se eu tivesse uma ajuda financeira eu não teria desistido, teria um apoio, quando eu estava naquela época que eu desisti foi justamente isso, eu não tive

apoio financeiro, eu lembro que estava em período de prova e trabalhando durante o Festival de Inverno à noite e tendo que fazer prova no outro dia, aí lembro que isso foi um pouco desesperador, porque eu já estava fazendo meio que por fazer, já não estava me esforçando mais e tudo que vinha na minha cabeça era: como eu ia me manter? como eu ia ajudar meus pais também? e de que eu não vou conseguir ficar por aqui. Tinha que estar procurando um emprego também, meio que nessa agonia, foi o período mais difícil mesmo, porque veio isso e depois comecei a trabalhar, foi um período bem confuso e meio complicado.

Entrevistadora: você pensou que de repente poderia não voltar para Universidade?

Estudante: pensei, pensei sim, mas quando eu estava prestes a sair de um emprego eu fiz uma avaliação: será que eu vou conseguir trabalhar de novo no comércio? porque vai ser a mesma condição e eu nunca vou sair do canto, posso até crescer em alguma empresa, mas vai ser pequeno pra o que eu consigo, eu estava muito desestimulada, teve um período que eu só voltei pra faculdade porque eu recebi a ligação daqui, como tinha os apoios, eu já tinha tentado uma vez a residência, mas não tinha conseguido, foi no período que eu desisti também. Quando eu saí do trabalho sabia que ia receber um dinheiro da rescisão e tentar novamente a residência. No meu plano estava o seguinte: - vou receber a rescisão com esse dinheiro, consigo passar esse período novamente até conseguir uma outra bolsa, esse era o plano, se eu não conseguir, tenho que ver como fazer para continuar. Aí eu vim e fiquei um período sem bolsa, só que nem com o dinheiro da rescisão eu estava, porque não tinha recebido, mas fiquei um período, quando passou o período eu consegui a bolsa aí foi tranquilo, não é muito, mas eu não tenho aquela preocupação de aluguel, só mesmo com o básico para meu próprio sustento, o básico mesmo.

Entrevistadora: como são suas estratégias nas dificuldades?

Estudante: a estratégia para vencer as dificuldades financeiras era que eu via que meus pais não podiam me dar mais do que me davam desde a época que meu pai se aposentou, porque o trabalho dele foi reduzindo, então se ele poderia comprar uma roupa pra mim, por exemplo, era só quando vendia um animal, se ele conseguisse produzir pra além do consumo, produzia um pouco mais para revenda de um animal, aí eles podiam, só que eu via que uma hora não seria o suficiente. Não só para mim, mas porque um salário mínimo para duas pessoas hoje em dia não dá. É R\$ 530,00 que a gente recebe e eu já fico: cadê o dinheiro? e eu só gasto basicamente com alimentação. Aí o meio alternativo que eu fui vendo foi mesmo estudando, eu preferi faltar um dia de aula para trabalhar, então muitos viam como se eu não precisava, só que não era uma questão de só precisar, na época eu tinha quinze anos, eu não precisava de muitas coisas, meu irmão ficava ajudando meus pais, mas normalmente ia chegar uma hora que eu ia precisar por obrigação, então eu já tinha que saber lidar com essas coisas, então foi algo que eu fui me preparando, criando meios alternativos dessa forma mesmo.

Entrevistadora: como é a vivência na residência?

Estudante: tem que ter muita paciência, eu creio que por ser característica minha eu consigo conviver com todo mundo, as pessoas que não me dão bom dia, não dirigem a palavra a mim é característica da pessoa, mas de mim mesmo acho que consigo me dar bem com todo mundo, tem aqueles dias que você olha assim e diz: meu Deus do céu, não aguento, mas... pra estudar lá não dá muito, meus grupos de estudo não são lá, mas dá pra você ler alguma coisa, como é aqui perto da faculdade tem que ficar conciliando, vai lá só pra comer, dormir, tomar banho, aí volto pra faculdade fico praticamente em período integral aqui, eu levo dessa forma e com muita paciência, tem que ter muita paciência pra ficar lá. No fim de semana eu vou pra casa, quando estou em período de prova não vou não, mas em início de período é mais tranquilo para ficar indo.

Entrevistadora: Qual a representação que sua família e a comunidade faz de você?

Estudante: quando eu estou lá meu sobrinho, por exemplo, por influência do meu irmão e da minha cunhada, ele comenta e me ver como rica. - Titia é rica, é inteligente. Ele me ver dessa forma. Eles não têm tanta noção do que significa, é tanto que minha mãe às vezes fala: - Flora está na escola. - Ela não fala Universidade, ela não tem reconhecimento do que é uma federal, mas para eles é meio que orgulho, eu vejo

isso, principalmente no meu pai, minha mãe sabe que é importante mas não conhece a magnitude, mas meu pai ele ver que se você está fora, e o fato de você estar fora significa que está fazendo algo importante. Não sei muito como a minha comunidade me ver, eles têm uma visão meio restrita, porque quando vou falar que estou só estudando é meio como se faltasse, ali eles não têm muito isso de ver o potencial, ali o negócio é trabalhar para conseguir dinheiro, lá eles não têm muito essa visão de ver o quanto é importante essa dedicação à faculdade, eles não vêm não, só se eu trabalhasse. Apesar de existir uma associação lá, ela só funciona na safra, eles têm reunião todo mês, por ali eles conseguem milho, feijão, uma coisa ou outra, mas vejo que está se apagando também, minha mãe, por exemplo, paga só para se aposentar, aquela contribuição do sindicato, porque de outra forma eu não vejo nenhum outro benefício, o que a gente teve há uns anos atrás foi a construção da cisterna, mas mesmo assim teve um alto gasto, mas é só, eu não vejo um trabalho realmente efetivo não.

Entrevistadora: no ensino Fundamental qual o suporte que você recebia para fazer as atividades escolares?

Estudante: até hoje eu sempre tive muito apoio dos meus colegas, sempre me ajudaram, me ajudavam na questão de trabalhos, - olha você vai estudar isso. Matemática mesmo eu não entendia, até hoje eu tenho muita dificuldade em entender o que o professor está falando, fico na aula, mas raramente eu consigo entender o que ele está falando, só quando a gente vai para grupo de estudo é que eu realmente entendo e no ensino médio era isso mesmo, de estudo só na escola e dos colegas, se eu falar que era de professor, não. Não tinha apoio para ser uma dedicação a mim, minhas dúvidas eram mais com eles, tinham alguns que tinham facilidade em Matemática aí chegavam, sentavam e me ensinavam de verdade, porque em casa eles não sabiam, só era: - estude, estude, estude.

Entrevistadora: qual o incentivo recebido para estudar?

Estudante: eu vejo a partir do meu pai, pelo curso estar voltado à agricultura que ele tem o conhecimento, não tem o conhecimento científico, mas tem o conhecimento de vivência que muitos terminam o curso e não têm, então eu começo a enxergar o quanto a pessoa é inteligente do jeito dele, tem várias formas de você ver isso. A minha mãe era mais aquela coisa, ela saber o que era importante, como é importante a educação, porque eu vejo que ela é a única pessoa que não estudou, os outros ainda sabem ler um pouco e ela não, então ela sabe o quanto é importante e o quanto ela gostaria de ter estudado, então isso veio muito, acho até que foi uma das coisas que me fez levantar da cama e querer entrar na Universidade, por falarem para mim o quanto é importante e você dizer: - *poxa*, eles fazem tanto por mim, porque eu não vou fazer algo para dar para eles também. Porque eu acredito que eu posso terminar meu curso aqui, até com nota dez, mas meu pai vai ter muito mais conhecimento que eu. Foi disso que ele sobreviveu até agora, sabia o momento certo de plantar e de colher, coisa que praticamente você faz o curso e não sabe ainda, é um conhecimento de viver, de sentir, de campo.

Entrevistadora: o que lhe fez ir seguindo mesmo com as dificuldades?

Estudante: persistência, porque quando eu estava trabalhando eu vi que aquilo não era pra mim, era um negócio que exigia de mim, de algo que eu não era reconhecida, batia um negócio em mim, *poxa* eu consigo mais do que isso, eu não preciso estar me humilhando e eu não vou fazer o que eu não quero, por uma coisa que não vale a pena. Foi uma época que eu comecei a pensar mais em mim e no meu futuro. Voltei por isso, porque eu vi que poderia não dar muito certo trabalhar em comércio, porque eu ia me acomodar de novo e de forma emocional eu vi que ia ser infeliz ali, isso não é pra mim, isso não sou eu, isso não está me fazendo bem, então se a faculdade vai me abrir uma porta que vai de certa forma me dar um retorno, mesmo que seja financeiro. Eu vi que hoje, a mãe sempre tem aquela coisa de não deixar o filho sair de casa e do apoio dos meus pais também, quando dizem: - precisa vir pra casa não, se precisar fique aí, - está precisando de alguma coisa? - Mesmo sem ter, querer tentar ajudar, sabe? De querer saber se você está bem, se está se alimentando. Um esforço. Está sendo um sacrifício deles também, de estar com um filho em outra cidade, de saber se quando você está falando ao celular você está falando a verdade. Então por que não me dedicar um pouco mais? O estar ali e querer ter mais vontade de estudar foi ver que eu não ia ter paciência para

ficar em comércio, por mais que qualquer trabalho seja estressante, mas eu ia ficar muito presa ali, sem poder fazer mais.

Entrevistadora: você considera essa persistência como um padrão mobilizado em outras situações da sua vida?

Estudante: creio que sim, porque tem aquela parte de: - eu só não consigo fazer se eu não quiser, e ter algo que se eu tiver mesmo motivada eu faço e consigo me dar bem e tem um pouco algumas coisas que me falam que eu consigo, se eu reprovar em alguma disciplina é por que eu não me dediquei como eu podia ter me dedicado. Acho que seja algo de minha personalidade. O conhecimento que procuro pode até se encaixar naquela coisa de quando eu voltei de São Paulo, querer algo intermediário, nem fugir de algo da minha realidade, mas também não me acomodar na minha realidade.

Entrevistadora: como foi seu acolhimento na volta para Universidade?

Estudante: meu acolhimento quando eu retornei para universidade foi muito bom, acho que muito mais que dá primeira vez que eu entrei, por isso eu sempre falo que mesmo sendo um período difícil tinha que acontecer, aí hoje quando eu voltei pra turma de hoje é uma turma que me ajuda bastante, aquela coisa que eu falei, não aprendo muito com o professor, aprendo mais nos grupos de estudo, é uma turma que eu consigo me sentir a vontade em todos os aspectos, a gente brinca, fala sério. Realmente eu me senti pela primeira vez em uma turma de verdade. Claro que tem aquela coisa de grupinho, mas não é uma coisa que me afete, uma vai ficar discordando, tem seus grupinhos, mas a gente consegue conversar todo mundo e ficar de uma forma que agrade a todos. Definindo a minha turma no período de agora eu posso dizer que tenho uma turma, de estudo e tudo mais, não é aquela coisa de que estou sozinha na turma, existe uma parceria.

Entrevistadora: o que você acha que perdeu e pode ter sido significativo na sua vida escolar?

Estudante: às vezes acho que perdi tempo, porque se eu for avaliar devo ter perdido uns três anos, mas quando eu avalio da forma como falei eu vejo que não foi tão perdido assim, talvez eu não tivesse me encontrado no nono período como estou me encontrando agora, foi uma perda de tempo, mas uma perda necessária. Eu estava esperando.

Entrevistadora: quais os planos para o futuro profissional?

Estudante: eu começo a pensar de início em concurso, eu não quero fazer aqui por perto, eu quero ir pra outro Estado porque aí entra a parte de que eu posso fazer um mestrado, mas tem que pensar politicamente, será que eu consigo dar conta de um mestrado? Porque aí eu vou novamente sem dinheiro, começar tudo de novo. Eu acredito que saindo eu posso tentar um concurso ou um mestrado em uma área que eu vou me identificar mais, por ser fora você conhece pessoas, então você pode arrumar um trabalho, algo que vai lhe satisfazer como profissional, a minha visão pós curso é essa no momento. Meus pais me apoiam para isso, minha saída de casa foi de forma gradual até eles se acostumarem um pouco, e eles sempre deixam se eu for fazer uma viagem da faculdade, eles sempre têm isso. – Viaje, vá conhecer outros lugares, porque uma hora você precisa ir, aí você já vai saber ir sozinha. - Então eu vejo que eles me dão esse apoio, esse suporte emocional.

Entrevistadora: você elege um ponto fundamental para ter chegado até aqui?

Estudante: eu acho que só meus pais mais, de pessoas eles são as únicas pessoas que me seguram aqui, se for levar em consideração a isso assim.

Entrevistadora: existe alguma situação que não referimos e você gostaria de falar?

Estudante: olhando pra trás eu vejo que eu cresci bastante, eu comecei a estudar realmente depois que eu entrei na faculdade, porque eu realmente não lembro de me dedicar ao estudo no ensino fundamental e médio, tanto como pessoa porque você começa a se relacionar com várias outras, e é necessário também para viver na residência, e como estudante; estudante com uma visão de profissional e me quero como um

profissional capacitado hoje, que era uma coisa que eu não me via antes, estudava só para passar mesmo, acho que é crescimento mesmo.

Apêndice 6 - Categorização de entrevista à segunda estudante

Categorias	Subcategorias	Unidades de registro
Perfil do entrevistado	Dados pessoais	<ul style="list-style-type: none"> - Tenho 22 anos - Apesar de ter vindo da zona rural, eu nunca trabalhei efetivamente para produção. - Tenho um irmão mais velho que eu.
	Dados acadêmicos	<ul style="list-style-type: none"> - Público regular. - Público semi-integral
	Dados sociofamiliares	<ul style="list-style-type: none"> - Alimentação tinha, mas não era um dinheiro para me manter, era só o trabalho e da aposentadoria do meu pai. - quando minha mãe casou com meu pai ele era viúvo, então ele é mais velho que ela vinte e cinco anos.
O processo de escolarização	No Ensino Fundamental.	<ul style="list-style-type: none"> - Até a oitava série eu só estudei mesmo - até a oitava série eu passei por duas escolas. - Quando tinha uma dificuldade em uma matéria fazia recuperação, mas sabia que ia passar.
	No Ensino Médio	<ul style="list-style-type: none"> - No primeiro ano eu passei a estudar na cidade, era bem no início da escola de referência em período integral. - a gente estudava dois dias de forma integral. - Quando veio o ensino integral...aí foi um pouco de choque, mas lembro eu me dedicava muito mais.
	Na Universidade	<ul style="list-style-type: none"> - prestei o vestibular e até então não tinha vontade de entrar em uma Universidade, - no segundo período eu senti uma dificuldade com matemática, porque tem toda aquela base do ensino médio, aí por essa dificuldade eu acabei reprovando. - nesse período de reprovação eu fiquei sem uma das bolsas. - estava em período de prova e trabalhando...aí lembro que isso foi um pouco desesperador. - foi um período bem confuso e complicado, pensei que de repente, poderia não voltar. - a rotina de estudo é pesada, eu me vejo nas duas primeiras aulas já com muita coisa para fazer, sem tempo e com coisa acumulada, é meu sufocante
Os apoios	Concomitância trabalho/estudo	<ul style="list-style-type: none"> - eu fiz 15 anos, estava entre o 1º e 2º anos, aí comecei a trabalhar, só nas sextas-feiras. - Quando eu terminei o ensino médio fiquei trabalhando um período. - fiquei trabalhando um período e fiz um curso. - trabalhando aqui no comércio, aí meio que tinha desestimulado da faculdade.
	Suporte acadêmico	<ul style="list-style-type: none"> - Eu sempre tive muito apoio dos meus colegas, sempre me ajudaram, me ajudavam na questão de trabalhos. - Só na escola e dos colegas, se eu falar que era de professor, não. - Só quando a gente vai para grupo de estudo é que eu realmente entendo. - Não aprendo muito com o professor, aprendo mais nos grupos de estudo. - Eu consegui as duas bolsas que era a de ingressante e uma de apoio. - eu sabia que se eu voltasse para o sítio eu não teria mais condições de voltar pra cá, porque lá não tem emprego.

	Suporte afetivo	<ul style="list-style-type: none"> - Até hoje eu sempre tive muito apoio dos meus colegas. - Não é aquela coisa de que estou sozinha na turma. - Meus pais me apoiam para isso. - eu vejo que eles me dão esse apoio, esse suporte emocional.
	Suporte familiar	<ul style="list-style-type: none"> - Em casa eles não sabiam, só era: - estude, estude, estude. - Quando entrei na Universidade fiquei um tempo na casa da minha avó, na cidade por 6 meses, por conta do ônibus. - o apoio dos meus pais...de querer saber se você está bem, querer tentar ajudar, sabe?
	Suporte comunitário	<ul style="list-style-type: none"> - o meio que a gente vem era: para que vou fazer uma faculdade? Era arrumar um trabalho que me de meu sustento.
	A escola como ascensão social	<ul style="list-style-type: none"> - ter pensado no ensino superior foi por que eu estava acomodada. - eu vi aquela realidade de que precisava do ensino superior. - eu posso conseguir muito mais coisas me formando, tendo uma graduação. - Você pode conseguir muito mais do que coisas pequenas. - quando veio a faculdade eu vi toda possibilidade que tinha e entrei. - A faculdade vai me abrir uma porta.
	Sentido atribuído ao conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> - Ver todo mundo aprendendo junto, reunido, dava gosto, mas era confuso também, porque eram duas ou três turmas na mesma sala. - Até então não tinha vontade de entrar em uma Universidade, porque do meio que a gente vem, era: - para quê vou fazer uma faculdade? - Quando eu respondo com uma forma que foi de mim é muito mais satisfatório, porque aí não vem só uma nota, vem que eu aprendi aquilo. - a minha mãe era mais aquela coisa, ela saber...como é importante a educação. - quando dá aquela preguiça, eu quero ir, quero aprender, quero saber fazer. - Eu vejo que eu comecei a estudar realmente na faculdade.
A condição de resiliência	Atitudes de superação	<ul style="list-style-type: none"> - Fiquei sem uma das bolsas...aí fui trabalhar. - Quando eu saí do trabalho sabia que ia receber um dinheiro da rescisão e tentar novamente a residência. - O meio alternativo que eu fui vendo foi mesmo estudando. - ia chegar uma hora que eu ia precisar por obrigação, então eu já tinha que saber lidar com essas coisas. - eu sempre falo que mesmo sendo um período difícil tinha que acontecer. - Se eu reprovar em alguma disciplina é porque eu não me dediquei como podia ter me dedicado. - olhando para trás eu vejo que eu cresci bastante.
	Capacidades que atribui a si.	<ul style="list-style-type: none"> - Por não ser uma aluna nota dez, mas eu sempre tive a confiança de que se eu quisesse fazer eu conseguia. - Persistência. - Se eu tiver mesmo motivada eu faço e consigo

Apêndice 7 - Protocolo à entrevista da terceira estudante

E. 3 – Helena

Data: 24-04-2018

Idade: 19 anos

Curso: Zootecnia

Período do curso: 7º

Profissão e escolaridade pai: desconhecida/Ensino Médio

Profissão e escolaridade mãe: agricultora/Fundamental I incompleto

Entrevistadora: gostaria que me dissesse um pouco da sua vida, de onde vem, o que lembra do seu percurso escolar. É sobre isso que vamos falando:

Estudante: eu venho da zona rural de Saloá, lá em casa mora eu, minha mãe, minha irmã já mais velha é casada, meu outro irmão mora em São Paulo, a gente tem uma prima que é deficiente que é filha da minha tia, mora com a gente. A única renda de casa só é da minha mãe que é aposentada. Eu saí de casa tinha 16 anos para trabalhar em casa de família e tentar terminar os estudos, foi daí que eu tive a oportunidade de vir morar em Garanhuns, estudei em uma escola estadual e o ensino de lá é melhor do que na minha cidade Saloá, foi quando eu tive a oportunidade de fazer o Enem, porque até então eu nem sabia que existia, porque lá as coisas são muito privadas, aí eu entrei aqui na Universidade em 2013, no final de 2013, quando foi no início de 2014 eu fiz a seleção para entrar na residência e entrei na residência, porque se eu não tivesse entrado na residência não tinha como ter dado continuidade, como eu moro no sítio para cidade tem um transporte para vir até aqui, só que de onde eu moro até onde esse carro passa são 4 quilômetros, aí tinha que pagar mais um transporte. Entrei aqui no curso de Zootecnia, até então não sabia do que se tratava, mas como eu sempre tive muita proximidade com animais, lá em casa a gente cria, aí eu não gosto da área clínica da veterinária, quando eu pesquisei eu vi que tinha alguma coisa a ver, foi bem difícil no começo, passei por um monte de dificuldade, mas fui devagarzinho, devagarzinho, já estou no sétimo período, acho que vou terminar.

Entrevistadora: Como foi para você o início aqui na Universidade?

Estudante: foi um impacto, a quantidade de conteúdos que eu nunca tinha visto antes, e também alguns professores, eles não colaboravam muito, também isso me prejudicou bastante. Eu cheguei aqui de um jeito, em um estado em que a minha deficiência era tão grande, que a minha primeira aula foi de Introdução à Informática e o professor perguntou se as pessoas tinham conhecimento do *word* e eu fui a única que disse que não tinha, eu tive que começar do zero, do zero mesmo até ir pegando.

Entrevistadora: e como passar no Enem com estas deficiências que você refere?

Estudante: quando eu vim trabalhar aqui eu fiz uma amizade com uma professora, aí ela gostava muito de mim e me incentivava bastante. Ela dizia: - já fez a inscrição no Enem? eu - não, ela: - faça, faça. Aí eu fiz a inscrição, por coincidência o conteúdo da prova a gente já tinha visto no último ano, acho que foi mais um milagre ou sorte, não sei.

Entrevistadora: no ensino básico quem lhe ajudava no dia a dia escolar?

Estudante: às vezes minha mãe me ajudava, quem mais me ajudava era minha irmã mais velha, por conta que minha mãe era separada, então ela tinha que trabalhar, aí eu era quem...eu sempre fui um pouco virada, aí eu era quem me virava, tinha alguns professores que gostavam de mim também, que me ajudavam bastante, mas era bem só. Até para acompanhar as coisas, às vezes minha mãe ia, mas às vezes ela não ia não, achava besteira,

Entrevistadora: e qual a representação que a sua família faz da escola?

Estudante: não posso dizer que tive incentivo da minha família para estar aqui, eu não tive. Não sei dizer a representação que eles fazem da escola. Até porque como eu trabalhava em casa de família já era bem complicado, eu dizia assim: se eu não fizer alguma coisa para sair daqui a minha vida vai ser só isso, aí eu meti a cara e vim.

Entrevistadora: como é lá no sítio, existe alguma associação, qual a relação com os vizinhos?

Estudante: onde eu moro é bem isolado não tem muitos vizinhos próximos, antigamente tinha uma associação comunitária, mas agora não tem nada.

Entrevistadora: quando você foi a escola pela primeira vez foi por lá ou tinha que ir para cidade?

Estudante: eu entrei na escola pela primeira vez foi no grupo escolar do sítio vizinho, ia a pé até a 4ª série, aí na 5ª série tinha que vir para cidade, durante o dia não tinha transporte só tinha à noite, aí a gente vinha à noite. Eu era muito nova quando fui para 5ª série, tinha dez anos, eu achava tudo muito diferente, só que eu tinha meu irmão e minha irmã que estudavam comigo aí eu não senti muito não, mas meu irmão desistiu na 6ª série, não quis mais estudar, aí lá em Saloá tem um colégio que vai da 5ª até a 8ª série, e outro para o ensino médio, daí minha irmã já desceu para o Estado, aí eu fiquei sozinha no colégio, mas como eu já tinha me adaptado.

Entrevistadora: e como foi o impacto de uma menina tão jovem estudando à noite e agora na cidade?

Estudante: acho que os professores, os professores eram bem pesadões, porque lá no sítio era só uma professora, aí todo dia a gente encontrava só uma professora, aí quando eu cheguei na cidade já eram 3, 4 e cada uma tinha um comportamento diferente, um jeito de lidar diferente, alguns tinham um tom mais agressivo, já outras eram mais estressadas, outras eram mais calmas, isso foi o que mais eu senti.

Entrevistadora: qual era o planejamento para o próximo ano de estudo e de onde vinha o incentivo?

Estudante: para gente estudar as coisas iam acontecendo, minha mãe só falava: - estude, ou você estuda ou você vai ser como eu, sua vida vai ser na roça. - Dos meus irmãos eu sou a única que estou na Universidade, fui a única que terminou os estudos, tem a minha irmã, mas eu fui a única que deu continuidade, ela não fez nenhum cursinho, casou, não prestou vestibular, Enem, nada. Fui saindo do ensino médio e entrando aqui.

Entrevistadora: como foi sua história na casa em que trabalhava?

Estudante: trabalhei dois anos em uma casa só, fiquei aqui e terminei o segundo e terceiro ano do ensino médio, daí saí para universidade, não vou mais trabalhar.

Entrevistadora: e como foi esse início na Universidade?

Estudante: no começo fiquei perdida porque pensei: como eu vou ter dinheiro para sair de casa, ir pra rua pegar o ônibus? Aí tinha um vizinho que se disponibilizou em me levar aí eu pagava só a gasolina, também tinha umas ovelhas lá em casa e eu vendi, guardei o dinheiro e disse: isso daqui vai ser até eu conseguir alguma bolsa. Foi quando eu consegui a bolsa no segundo período, primeiro alimentação e transporte, aí antes de assinar o termo de alimentação e transporte saiu o resultado da residência, aí eu assinei o da residência, porque tem que optar. Aí aliviou e não aliviou, porque é uma casa coletiva e não é muito fácil morar lá não.

Entrevistadora: e como é o dia a dia na residência?

Estudante: é difícil a convivência, porque são cinco pessoas em um quarto e quarenta pessoas na casa, aí algumas pessoas até são legais, mais tranquilas, mas outras acho que já nascem com o dom de querer confusão, você está quieto aí elas vem mexer com você, aí mexe com o psicológico, você já está longe de casa, você está em um período difícil, porque tem muito cálculo, tem muita coisa, aí mora numa casa em que são quarenta meninas, dividi o quarto com mais quatro, cada uma tem uma personalidade diferente, cada uma estuda em um turno, uma estuda de manhã, outra estuda à tarde, outra estuda à noite, aí tudo isso mexe.

Entrevistadora: existe algum planejamento de estudo?

Estudante: eu tenho muita dificuldade de estudar com o barulho, aí antes eu estava estudando à tarde, aí eu podia dormir até mais tarde, então chegava 6 horas, jantava, assistia uma novelinha, ficava por ali e esperava a casa se acalmar, quando a casa se acalmava, em torno de meia noite, uma hora da manhã, aí ficava estudando até umas 5h, já cheguei a ficar até 7 horas da manhã estudando, depois ia dormir, acordava meio dia, almoçava e ia pra aula de 1 hora, só que isso não estava dando muito certo porque tinha algumas pessoas que estavam fazendo isso também, aí já começou a dar errado. Então eu pensei: vou ter que arrumar outro jeito de estudar porque aqui não dá não, aí eu comecei a estudar aqui à noite, no corredor de cima não tem aula, só no corredor de baixo, aí eu comecei estudando no corredor de cima, só que eu só ficava até 9h40 porque ficava esquisito para descer, aí agora eu estou praticamente sozinha no quarto, porque as meninas saíram, então esse período e o período passado foi o mais tranquilo que teve, mas os outros foi bem conturbado, foi bem difícil.

Entrevistadora: como é seu desempenho como estudante e como você é percebida pelos professores ou pela turma?

Estudante: meu desempenho antes era melhor do que aqui na Universidade, eu era bem mais estudiosa, não sei o que acontece hoje que eu estou ficando preguiçosa, mas meu desenvolvimento era bem alto, tinha muitos professores que gostavam de mim, era melhor que hoje, eu era uma das alunas que se destacava, não era a principal, mas era uma das que se destacava.

Entrevistadora: como é o incentivo para os estudos especificamente?

Estudante: partiu mais de mim, porque eu via que se eu não estudasse, se eu não saísse daquele sítio, minha vida ia ser aquilo dali, trabalhar na roça como minha mãe trabalha até hoje ou fazer o que minhas amigas fizeram, que foi casar e ser dona de casa, e eu não queria aquilo pra mim, e não quero isso até hoje, eu vi que se não estudasse minha vida vai ser isso, porque eu vi que foi o que aconteceu com minhas amigas, elas desistiram, casaram, tiveram que casar pra sair de casa e eu não queira isso pra mim de jeito nenhum, aí eu tive uma professora que me ajudou bastante.

Entrevistadora: quando vocês tinham alguma dificuldade maior, você lembra se na sua casa tinha algum planejamento?

Estudante: lá em casa não dava nem para ter estratégia, lá em casa ficou bem mais difícil quando minha avó faleceu, mas naquele tempo tinha o Bolsa Família e era o que ajudava, e algum bichinho que a gente tinha, assim, dificuldade que a gente passou fome, isso não, não tinha o que a gente tem hoje, tipo sobrando, mas dificuldade de passar fome graças a Deus não. Minha mãe colocou meu irmão para trabalhar, minha irmã trabalhava, eu queria minhas coisas, como minha mãe não me dava eu saí para trabalhar também, primeiro em casa criando uns bichinhos e depois em casa de família. A ajuda do Bolsa Família servia pra feira, alimentação, comprar carne, arroz, essas coisas e pagar a luz.

Entrevistadora: quais as lembranças boas e não tão boas da escola?

Estudante: não lembro de nada tão bom na escola, até tem umas lembranças ruins que até prefiro nem lembrar, prefiro ficar com essa parte do esforço mesmo, porque se eu tivesse colocado na minha cabeça que era uma coisa séria eu acho que não estaria aqui. Tinha uns meninos que ficavam *mangando* de mim, porque eu era pretinha e tinha o cabelo ruim, aí isso...naquele tempo eu não dava muita atenção, mas hoje eu tenho noção do nível que era aquilo, se aquilo fosse hoje eu não sei como seria não. Eram três meninos bem debochados, um deles foi expulso da escola, mainha foi lá na escola, brigou com eles, com os pais deles, teve reunião, foi uma pequena confusão, acho que eu tinha treze ou catorze anos, mas como o principal tinha sido expulso da escola, aí eu perdi o medo, os outros ficaram mais na deles e também eu ia mudar de escola aí já acreditava que não ia estudar com eles, mas não tenho uma lembrança boa, boa não.

Entrevistadora: quando começou a visionar o ensino superior?

Estudante: essa pergunta é difícil, quando eu entrei no ensino médio, tinha alguns professores que falavam muito em você prestar o vestibular, entrar na Universidade ou então prestar concurso, aí mainha queria que

eu fosse policial, aí na minha cabeça eu só tinha concurso, concurso, concurso, até que eu fui pra Maceió fiz concurso da polícia de lá, fiz daqui, tentei, tentei, mas não consegui, aí foi que essa professora apareceu e disse: - não, entre na universidade, você vai ter mais conhecimentos, os professores vão lhe dar mais dicas e você tenta o concurso. - Meu primeiro objetivo é sair daqui concursada, aí depois eu vou pra minha área de trabalho. Porque trabalhar na área que eu quero preciso estar formada, ter o diploma, o CRV.

Entrevistadora: existiu algum fato marcante no sentido das dificuldades?

Estudante: não teve porque era sempre a mesma coisa, teve um fato que balançou um pouquinho, mas como a proximidade não era tanto aí eu deixei passar, porque eu sou um pouco rancorosa, acho que eu estava na 7ª série aí meu pai foi preso, isso mexeu um pouquinho, mas eu não deixei abalar não. Acho que está com treze anos que minha mãe é separada oficialmente dele, a única lembrança que eu tenho dele em casa é quando eu tinha 9 anos, aí chegou essa notícia que ele tinha aprontado, de lá pra cá eu não tive mais notícia não, só com uma irmã dele, de vez em quando ela aparece. Ele só aparecia quando aprontava e conseguia dinheiro, aí ele chegava com uma feira para enganar, só isso uma vez perdida na vida, aos meus irmãos ele ainda dava alguma coisa, mas a mim ele nunca deu nada porque eu era meio desaforada, ele nunca me deu nada, nada.

Entrevistadora: qual a sua relação com os saberes, expressões culturais que lhe interessam?

Estudante: lá na escola tinha feira de ciências e eu gostava muito, a feira era no final do ano, então a gente passava praticamente todo o ano estudando, se preparando para chegar o fim do ano e apresentar, porque vinha outras escolas para ver as apresentações e eu focava muito nisso, eu gostava muito.

Entrevistadora: como você conciliava trabalho e estudo?

Estudante: no ensino médio, por incrível que parece eu não tinha tempo de estudar durante o dia, aí eu tinha que fazer, eu estudava tudo lá na escola, raramente é que eu levava coisas para fazer em casa, aí quando eu chegava eu fazia, mas eram coisas muito simples, não tinha nada de muito difícil não, que eu tinha muita facilidade de pegar o conteúdo. Não sei, mas eu não tenho mais a rentabilidade do ensino médio.

Entrevistadora: qual o suporte ou apoio que você tem hoje para estudar?

Estudante: o incentivo agora, de casa, da minha família eu não tenho nenhum, aqui na Universidade tem um professor que me apoia muito e uma amiga.

Entrevistadora: qual função que o ensino superior tem para você?

Estudante: eu tenho certeza que o ensino superior vai mudar a minha vida, já mudou radicalmente, além de ser importante, não tenho palavras para dizer. Eu acho que sou tolerante às frustrações, eu tenho paciência e a visão da minha família, eu não quero ter a vida que minha mãe tem, que a minha irmã tem e que meu irmão tem, isso é o que me faz tolerar tudo isso até hoje.

Entrevistadora: O que foi fundamental para você estar aqui hoje?

Estudante: eu tenho certeza que foi eu ter saído de casa para trabalhar, e o que me mantém é o auxílio da Universidade, sem isso não daria não, por mais que eu tivesse o dinheiro dos meus animais que eu vendi, uma hora ia acabar, aí eu ia ter que trabalhar para ter algum dinheiro, ou fazer alguma coisa e essa alguma coisa eu não sei o que iria fazer. Mas desistir, isso nunca passou pela minha cabeça. Até tinha uma moça que ela queria que eu cuidasse da filha dela à tarde, só que daí eu pensei, eu vou estudar de manhã, vou passar à tarde com a menina trabalhando e à noite eu ia estar cansada, como eu iria estudar? e não ia ser a mesma coisa porque eu não ia estar em casa, não ia ter a privacidade do meu quarto, ia estar nas casas dos outros, aí o auxílio aqui da Universidade foi muito importante.

Entrevistadora: a quem deve o êxito da vida acadêmica?

Estudante: se deve as pessoas que nunca acreditaram em mim, porque eu quis mostrar a elas que eu ia conseguir, não terminei ainda, mas eu vou terminar. Na minha história tem muita tristeza, tem muito

desgosto, um pouco de sofrimento, mas para sair da realidade de onde eu tinha quando tudo aconteceu eu me acho bem vitoriosa.

Entrevistadora: quais os planos para quando terminar o curso?

Estudante: quando eu terminar aqui eu quero ganhar o mundo, eu pretendo trabalhar com equinos, a área que eu quero exige que eu viaje muito, eu não sei se eu vou ter um lugar onde eu vá morar, tipo aqui em Garanhuns, se eu vá pra Recife, não sei ainda.

Entrevistadora: gostaria de falar alguma coisa que não abordamos aqui?

Estudante: Acho que aqui falei tudo, toda minha trajetória até hoje, todas as minhas dificuldades, as conquistas, foi isso. Às vezes o ensino superior é decepcionante, tem coisas que você acha tão absurdas, que não acontecem. Uma vez mesmo, uma professora disse uma brincadeira que eu levei na brincadeira, mas depois ela disse também com a minha colega que é quilombola. Ela disse que estava com medo de mim, que eu poderia bater um tambor pra ela, sabe? como que eu poderia aparecer na aula de turbante. Aí eu disse: - não professora, nesse período eu não vou fazer isso não com a senhora. Mas a minha colega disse que eu não estava querendo entender aquilo, e durante as férias eu assisti a um episódio de Malhação e vi que era igual ao que estava acontecendo com a gente, mas eu levei na brincadeira, já aconteceu tanta coisa ruim comigo que eu deixo isso passar.

Apêndice 8 - Categorização de entrevista à terceira estudante

Categorias	Subcategorias	Unidades de registro
Perfil do entrevistado	Dados pessoais	<ul style="list-style-type: none"> - Tenho 19 anos. - Negra - Eu venho da zona rural de Saloá. - dos meus irmãos sou a única que estou na Universidade.
	Dados acadêmicos	<ul style="list-style-type: none"> - Estudei em uma escola estadual e o ensino de lá é melhor do que na minha cidade. - Eu era uma das alunas que se destacava. - Meu desenvolvimento era bem alto, tinha muitos professores que gostavam de mim.
	Dados sociofamiliares	<ul style="list-style-type: none"> - A única renda da casa só é da minha mãe que é aposentada. - A ajuda do Bolsa Família servia pra feira, alimentação, comprar carne, arroz, essas coisas e pagar a luz. - Em casa mora eu e minha mãe...tem uma prima que é deficiente e mora com a gente. - minha irmã já mais velha é casada. - meu outro irmão mora em São Paulo. - minha mãe é separada oficialmente dele (pai) - Ele só aparecia quando aprontava e conseguia dinheiro, aí ele chegava com uma feira para enganar (pai)
O processo de escolarização	No Ensino Fundamental.	<ul style="list-style-type: none"> - às vezes minha mãe me ajudava. - eu era quem me virava. - ia a pé até a 4ª série. - na 5ª série tinha que vir pra cidade, durante o dia não tinha transporte, só à noite, aí a gente vinha à noite. - os professores eram bem pesados...alguns tinham um tom mais agressivo, já eram mais estressadas. - meu desempenho era melhor do que aqui na Universidade.
	No Ensino Médio	<ul style="list-style-type: none"> - quando eu chegava da escola à noite fazia as atividades. - tinha alguns professores que falavam muito em você prestar o vestibular, entrar na Universidade ou fazer um concurso. - Tive a oportunidade de fazer o Enem porque até então eu nem sabia que existia. - Fiz a inscrição e por coincidência o conteúdo da prova a gente já tinha visto no último ano.
	Na Universidade	<ul style="list-style-type: none"> - Acho que foi mais um milagre, ou sorte, não sei. - Entrei no curso de Zootecnia, até então não sabia do que se tratava. - Foi bem difícil no começo, passei por um monte de dificuldade. - Foi um impacto a quantidade de conteúdos. - Alguns professores não colaboravam muito, aí também isso me prejudicou. - Na residência é difícil a convivência, porque são 5 pessoas em um quarto e 40 na casa. - É uma casa coletiva e não é muito fácil morar lá não. - Algumas pessoas são até legais, mais tranquilas, mas outras já nascem com o dom de querer confusão, você está quieto e elas vêm mexer com você. - Às vezes, o Ensino Superior é decepcionante. - Uma professora disse uma brincadeira...que estava com medo de mim, que eu poderia bater um tambor para ela.

Os apoios	Concomitância trabalho/estudo	<ul style="list-style-type: none"> - Eu saí de casa tinha 16 anos para trabalhar em casa de família e terminar os estudos. - Minha mãe colocou meu irmão para trabalhar, minha irmã trabalhava também, eu queria minhas coisas, como minha mãe não me dava, eu saí para trabalhar também.
	Suporte acadêmico	<ul style="list-style-type: none"> - tinha umas ovelhas lá em casa, eu vendi, guardei o dinheiro e disse: isso daqui vai ser até eu conseguir alguma bolsa. - Se eu não tivesse entrado na residência não tinha como ter dado continuidade. - O que me mantém é o auxílio da Universidade. - Aqui na Universidade tem um professor que me apoia muito e uma amiga.
	Suporte afetivo	<ul style="list-style-type: none"> - eu fiz amizade com uma professora, aí ela gostava muito de mim e me incentivava bastante. - tinha alguns professores que gostavam de mim também, que me ajudavam bastante.
	Suporte familiar	<ul style="list-style-type: none"> - Minha mãe só falava: - estude. - Quem me ajudava mais era minha irmã mais velha. - Não posso dizer que tive incentivo da minha família para estar aqui. - Eram três meninos bem debochados, um deles foi expulso da escola, mainha foi lá na escola brigou com eles, com os pais deles, teve reunião, foi uma pequena confusão.
	Suporte comunitário	<ul style="list-style-type: none"> - como vou ter dinheiro para sair de casa ir pra rua pegar o ônibus? aí tinha um vizinho que se disponibilizou em me levar aí eu só pagava a gasolina. - Antigamente tinha uma associação, mas agora acabou, lá é bem isolado, não tem muitos vizinhos próximos.
	A escola como ascensão social	<ul style="list-style-type: none"> -Eu tenho certeza que vai mudar a minha vida, já mudou radicalmente. - Meu objetivo é sair daqui concursada. - Essa professora apareceu e disse: - entre na Universidade, você vai ter mais conhecimentos, os professores vão lhe dar mais dicas e você tenta o concurso.
	Sentido atribuído ao conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> - Mainha queria que eu fosse policial. - Lá na escola tinha feira de Ciências e eu gostava muito...eu focava muito nisso, gostava muito. - eu era bem mais estudiosa.
A condição de resiliência	Atitudes de superação	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalhava em casa de família já era bem complicado, eu dizia assim: - se eu não fizer alguma coisa para sair daqui minha vida vai ser só isso. - partiu mais de mim, porque eu via que se eu não estudasse, se eu não saísse daquele sítio minha vida ia ser aquilo dali. - tinha uns meninos que ficavam mangando de mim, porque eu era pretinha e tinha o cabelo ruim, naquele tempo eu não dava muita atenção, mas hoje tenho noção do nível que era aquilo. eu estava na 7ª série, aí meu pai foi preso, aí isso mexeu um pouquinho, mas eu não deixei abalar não. - por incrível que parece eu não tinha tempo de estudar durante o dia, aí o que eu tinha que fazer? Eu estudava tudo lá na escola. - na minha história tem muita tristeza, tem muito desgosto, um pouco de sofrimento, mas para sair da realidade de onde eu tinha...eu me acho bem vitoriosa.

		- Uma professora disse uma brincadeira, que eu levei na brincadeira, mas depois ela disse também com a minha colega que é quilombola...já aconteceu tanta coisa ruim comigo que eu deixo isso passar.
	Capacidades que atribui a si.	- Eu sou um pouco rancorosa. - Eu acho que sou tolerante às frustrações. - Eu tenho paciência.

Apêndice 9 - Protocolo de entrevista à quarta estudante

E. 3 – Lívia

Data: 24-04-2018

Idade: 20 anos

Curso: Letras

Período do curso: 5º

Profissão e escolaridade pai: agricultor/Fundamental I completo

Profissão e escolaridade mãe: agricultora/Fundamental I completo

Entrevistadora: gostaria que você me relatasse de onde vem e o que você lembra do seu processo de escolarização:

Estudante: eu vim da zona rural de Lagoa dos Gatos, é um povoado que fica a 9 quilômetros da cidade, é uma vilinha pequenina, chamada Lagoa de Souza. Meu pai ele fazia algumas viagens como caminhoneiro e minha mãe é agricultora e dona de casa, eu tenho mais outros três irmãos, a minha irmã mais velha tem 36 anos, meu outro irmão tem 30, minha irmã vai fazer 24 e eu fiz 20 anos. Nós estudávamos sempre, nunca saímos praticamente de Lagoa de Souza, sempre estudamos lá no colégio, do pré até a 8ª série, depois tínhamos que nos deslocar para Lagoa dos Gatos para fazer o ensino médio, aí meus irmãos concluíram, menos minha irmã do meio porque ela casou muito novinha e não deu tempo terminar, porque teve alguns problemas de família, teve um acidente com o marido dela e ela teve que largar o curso para cuidar do esposo. Eu passei a minha vida inteira estudando, porque a única coisa que tinha era estudar, lá não tem outra coisa para fazer, lá é um sítio, eu sempre tirava notas boas na escola, eu sempre me destacava, aí eu fui para o ensino médio e comecei a me dedicar, passei por muitas dificuldades, eu vim ter acesso à internet já quase no final do ensino médio, isso me deixou atrás dos meus amigos da cidade porque eles tinham acesso à internet, tinham biblioteca, podiam estudar mais, se dedicar, por exemplo, a questão de tempo de chuva, vamos sair do sítio pra cidade, o carro atola, o carro não vai, estudante perde aula, feriado quando imprensava eu não podia ir, porque ficava dependendo muito de transporte. Aí eu me dediquei muito durante o ensino médio e consegui passar no Enem, minha nota foi razoavelmente boa, aí vou fazer o quê? Um curso que eu tinha em mente era ou Letras ou Direito, aí pela proximidade eu vim pra cá pra Universidade Rural. Logo no começo foi um choque porque você sair do sítio pra uma cidade grande, onde você não conhece ninguém, perigosa, a pessoa não conhece nada, não tem pai, não tem mãe, não tem ninguém, aí meu pai tinha um primo ou tio, nem sei direito, que eu nem conhecia, aí eu fiquei morando com ele e pagava aluguel do quarto, depois eu consegui a residência e fui aprender a me virar aqui, aprender a vir para Universidade, mas só que tinha sempre a dificuldade financeira, quando veio a residência foi que melhorou um pouco porque eu conseguia me virar, como até hoje eu consigo me virar, porque meu pai fez uma cirurgia dos rins e até então ele não pode trabalhar, ele é proibido pelo médico, tem que fazer a outra cirurgia ainda, aí do dinheiro da residência eu me viro e quando posso mando dinheiro para casa para ajudar. Eu fui assaltada quando eu cheguei aqui, me lembro como se fosse hoje, um menino me puxou e disse: passa o celular ou eu atiro. - Foi na porta da residência e eu já estava com muito problema, porque assim que eu cheguei na residência tinha um grupinho de meninas, que são as protegidas pela Universidade, como hoje ainda tem, infelizmente têm umas pessoas que são protegidas e elas começavam fazer muita coisa com as novatas, entrou eu e minha amiga aí a gente começou a ser xingada, ao povo pisar em cima, a gente não podia fazer nada, porque ou tu aguentas, porque tu precisas ou vai embora. Minha amiga não aguentou a pressão, e logo depois do assalto ela disse: - olha eu vou desistir da faculdade porque eu não aguento a ficar aqui não. - Após o assalto ela desistiu e eu fiquei sozinha em um lugar que eu nem conhecia direito, tinha acabado de me mudar, aí tirei nota baixa em uma disciplina. Corri muito atrás para não poder ficar de recuperação, aí consegui passar em Literatura, aí até hoje estou tentando a carreira, mas foi muito pesado,

o que a gente passou e eu fiquei praticamente sozinha, minha amiga não aguentou a pressão e foi embora, aí fiquei sem nada, isso foi no segundo período, mas graças a Deus com o tempo você vai se adaptando ao ambiente. A faculdade diz que dá assistência, quando a gente entra a faculdade diz assim: - vamos dar assistência médica, mas se alguém passar mal na residência ninguém faz nada, poucas vezes que mandam o carro para levar alguém, mas se a gente passar mal no final de semana não tem quem levar, não tem transporte, não tem nada, eles jogam a gente dentro da residência, vai amontoando um bocado de gente, marquei um psicólogo, mas uma vez ou outra atende. E como eu falei tem os protegidos, se acontece alguma coisa lá dentro e se tu vier falar eles dizem que não tem isso e não fazem nada para resolver. Houve uns casos absurdos lá e uma pessoa teve que sair da residência e o mesmo caso aconteceu com outra pessoa, essa outra pessoa não saiu porque tem privilégio e se você chegar aqui para dizer de privilégios eles dizem que não tem e vão negar até a morte. É aquela questão: manda quem pode, obedece quem tem juízo, a gente fica calado. Eu acho um absurdo isso, uma Universidade pública tem pessoas que têm privilégios e outras pessoas que não têm, era para ser todo mundo igual.

Entrevistadora: a renda da sua família vem de onde?

Estudante: vem do Bolsa Família e de algumas coisas que a minha mãe faz, painho trabalha na agricultura, como eu tinha Pibid eu estava ajudando em casa, agora o Pibid acabou e a gente está se virando com o que tem.

Entrevistadora: qual a referência que sua família dá à escola?

Estudante: na minha família inteira eu sou a única pessoa que entrou na universidade pública, meu pai é o mais velho de todos da minha avó, meu pai tem quase 62 anos e eu fui a única filha dele que entrou na Universidade pública, nenhum dos sobrinhos dele entraram, minha mãe sempre dizia: - estude, estude, porque viver aqui no sítio escravizado pela enxada que não dá para encher a barriga de ninguém ou por prefeitura, eu não quero esse emprego para você não, quero que você estude. - A minha mãe sempre incentivou ao estudo para poder sair de lá, minha maior referência é essa, que eles colocaram o estudo em primeiro plano, meus irmãos não puderam entrar na Universidade porque antigamente não tinha a mesma oportunidade que eu tive, eu tive um pouco mais que eles, mas mesmo assim eu acho pouco porque quem morava na cidade tinha tudo e eu que morava no sítio passava por mais dificuldades, mas mesmo assim consegui entrar.

Entrevistadora: quem ajudava nas atividades escolares que iam para casa, tinha alguém em casa que lhe ajudava?

Estudante: não, mãe, quando eu estudava no fundamental I ela ajudava porque eram coisas mais básicas, ela sabia as quatro operações matemáticas e ela me ensinava, a ler ela me ensinou muito, mas quando eu fui passando de escolaridade como eles não tinham, aí não puderam me ajudar, aí era eu que me virava, para fazer as coisas, eu prestava muita atenção à aula, para poder chegar em casa e fazer sozinha, porque eu sabia eu não tinha ninguém ali no sítio que eu pudesse pedir ajuda.

Entrevistadora: quem acompanhava a vida escolar no sentido de ir à escola, às reuniões?

Estudante: mainha sempre foi muito presente na educação, tudo quanto era reunião ela estava na escola, buscar boletim ela sempre estava, painho não tanto, porque ele viajava e trabalhava na agricultura, mas minha mãe sempre ia. Reunião nunca faltou, em termos disso eles davam muita assistência.

Entrevistadora: o que levou seus irmãos a não darem continuidade aos estudos?

Estudante: eu não sei ao certo, minha irmã tentou fazer um cursinho técnico em enfermagem, mas não deu muito certo, meu irmão não quis tentar mais nada, ele quis ficar no sítio, trabalhar com meu pai na agricultura, minha irmã ainda tentou a carreira de magistério aí o esposo dela sofreu um acidente e ela resolveu ficar cuidando dele, ela trabalha na feira e disse que não ia estudar mais: - já tenho como sobreviver, já tenho minha casa, então não vou ficar correndo, quebrando cabeça com estudo. - Ela tem filho, aí desistiu, não quis ficar tentando mais nada.

Entrevistadora: lá no sítio existe alguma associação de moradores ou movimentos dos quais vocês participam?

Estudante: não existe nada lá, não existe nada mesmo, nenhuma associação. Até hoje mesmo, como não tem computador, internet aí lá não tem nada, tem muita dificuldade por tudo.

Entrevistadora: para além da família como as pessoas da sua comunidade lhe veem?

Estudante: as pessoas de lá, eles acham que eu sou a perfeita, mas eu fico tentando quebrar essa imagem. Eu digo: - gente eu sou uma pessoa comum, mas eles dizem: - ah a filha de fulano é inteligente, foi estudar em Garanhuns. - Até a própria família, alguns que moram lá, eu sou dada como a perfeita, mas qualquer um pode conseguir entrar na Universidade é só se esforçar um pouco, meter a cara nos estudos e todo mundo é capaz.

Entrevistadora: quando você tinha uma dificuldade mais severa, existia algum planejamento ou estratégia que vocês criavam para sair daquela situação?

Estudante: quando a gente é do sítio a gente sempre aprende a lidar com as dificuldades, é muito difícil você não ver no sítio pelo menos uma pessoa que não crie pelo menos uma vaca, como meu pai, alguns poucos animais, aí quando chegava a crise, vende. Vende o maior, aí compra um pequeno para repor o rebanho e com o dinheiro sobrevive, como eu estava fazendo e até agora é assim para manutenção da casa, fazer a feira, água, luz.

Entrevistadora: como eram feitos os planejamentos para o próximo ano letivo sempre que vocês terminavam?

Estudante: a gente visionava o próximo ano, assim tecnicamente, porque a prefeitura disponibilizava o carro, sempre tinha aquele carro certo, a gente não precisava pagar por isso, eles sempre iam levar e trazer, eu estudava integral na cidade, saía às 6h30 da manhã e às 17h voltava para casa, não tinha que conciliar com trabalho. Meus irmãos tinham que trabalhar na roça para depois poder ir para escola.

Entrevistadora: qual a melhor lembrança que você tem do ensino básico?

Estudante: do ensino básico foi quando eu entrei no Integral a minha formatura foi muito boa porque eu ganhei o certificado como melhor aluna, aí isso foi bem marcante, a foto com os meus amigos e ver minha família lá reunida para minha formatura, foi um marco muito importante.

Entrevistadora: uma lembrança que não foi assim tão boa e que de repente poderia ter feito você parar:

Estudante: foi quando meu pai ficou doente, porque a base da família era meu pai, ele que trabalhava, trazia o dinheiro, dava o apoio, aí quando ele ficou doente que teve que fazer uma cirurgia nas costas, aí eu pensei em desistir, pensei que não tinha condições de meu pai estar doente e eu ter que fazer uma faculdade longe deles, mas ele disse: - não, você vai fazer, você passou no curso você vai fazer.

Entrevistadora: quais as disciplinas que você gostava mais?

Estudante: gostava muito de História, Português me dava muito bem, Geografia, Sociologia. Tinha Matemática, eu nunca fiquei em recuperação, mas não era meu forte, eu sempre passava com 7,5 8,0.

Entrevistadora: o que era bom na escola?

Estudante: os professores que ajudavam muito a gente e davam o apoio, diziam: vocês são capazes, vocês vão continuar, vocês vão entrar na Universidade, dava aquele suporte, investia na gente com trabalhos e atividades.

Entrevistadora: e qual a função que você atribui à vida escolar?

Estudante: eu sempre achei que tinha que me esforçar muito, igual a hoje, porque chega um momento que aqui não vai durar para sempre, ou você se esforça para avançar ou você estagna, fica parado naquele mesmo local, é uma vida que depende de muito esforço: o acordar cedo, o fazer o trabalho, o ter aquela responsabilidade.

Entrevistadora: e no ensino superior, o que você visiona para o futuro?

Estudante: em Letras eu vejo que é uma profissão muito boa, mas acho que a faculdade carece muito em assistência ao aluno, eles ficam empurrando muita gente para o mestrado, mas esquecem que nós temos uma licenciatura, nossa função é dar aula e chega um momento que eles não investem tanto para dar aula. Um professor ou outro é que diz: não, vocês vão dar aula. A Universidade não tem estrutura, às vezes não dá tanta assistência como nós precisamos, a residência também não, e tem professor que acha que aluno é máquina, coloca trabalho como se você não fosse ninguém, apenas uma máquina ou um computador, pode sobrecarregar que eu vou fazer. Eu passei muitas noites, não só eu, muita gente que mora na residência vira muitas noites sem dormir, chega uma hora que seu corpo não aguenta, fica tão sobrecarregado. Eu acho que a Universidade tem que parar um pouco e ver, poxa eles são estudantes, tem que fazer o trabalho sim, mas vamos organizar, planejar, vamos dar assistência a esses alunos.

Entrevistadora: mesmo com essas dificuldades o que você tem que consegue seguir?

Estudante: sofrido, todo semestre que você se matricula é para sofrer, já sabe que vai ter aquele professor carrasco que vai querer tirar sua alma, você já sabe que tem que fazer trabalhos até... nossa tem trabalhos que você faz que diz: - onde eu vou usar isso na minha vida? A prova disso é Inglês V, uma das matérias que mais reprova nessa Universidade e não vai servir em nada na sua carreira como professor, saber sintaxe em língua inglesa você não vai ensinar a ninguém, só se você for professor de uma Universidade, aí você fica. Nossa é uma das cadeiras que mais reprova e leva um monte de gente para beira do abismo, levou eu e uma galera para beira do abismo e nós nos dedicávamos muito e você fica pensando: - eu estou aqui fazendo essa disciplina e não tem perspectiva de futuro para ela. Tem muita coisa que acontece aí na Universidade e você reflete mesmo, não tem função nenhuma. Eu esbarrei em Introdução a Literatura e Teoria Literária pra que serve isso? O professor dava umas viajadas, que eu pensava: para onde ele vai? está em que dimensão? Tinha aula que eu ficava porque era obrigada a cursar essa matéria, mas não via perspectiva de nada. Mas tem professores que ajudam muito, uma professora que me ajudou muito foi Rosa, ela me deu muito suporte, ela foi uma mãe para mim, professora Gardênia me dava carona quando eu precisava. Tinha professores que me ajudaram muito.

Entrevistadora: e essa disposição ao sofrimento, você atribui a que?

Estudante: é porque nós temos a visão de um mundo melhor, é igual a quem mora no sítio no tempo da seca, está lá na seca, está sofrendo, mas tem aquela esperança, não, vai melhorar, é igual aqui na Universidade, a gente sofrendo, mas temos a esperança de quando pegar o bendito diploma, depois de lutar muito para conseguir um emprego ou um mestrado, depende muito, nós vamos ter um pouco de sossego, vamos ser recompensado. Eu acredito nisso, é a esperança que eu tenho. Nós vemos hoje que para quem não tem um curso superior está muito difícil arrumar um emprego, e pra quem não tem? Eu vou trabalhar em que? Se eu tiver um curso superior vou chegar em algum local e dizer, não, eu tenho um curso superior, eu tenho meu diploma, tenho como provar. Dá um pouco mais de facilidade, talvez um concurso, concorrer com uma vaga um pouco melhor, a visão que eu tenho é essa, meu planejamento é esse.

Entrevistadora: a quem ou a que você atribui o êxito acadêmico?

Estudante: acho que para meu êxito tem minha mãe, meu pai e tem minha tia, uma irmã da minha mãe lá de São Paulo, ela ajuda como pode. Ela fazia curso de Letras lá, só que teve que deixar, pois ela trabalhava em uma empresa e a empresa faliu e ela perdeu o emprego, e não pode mais pagar a faculdade, eu faço letras e ela ficou muito feliz. Eu não sabia disso, mas ela fica me incentivando, a família da minha mãe em específico fica me incentivando muito a continuar no curso e pergunta o que eu preciso: - quer comprar um livro? - Às vezes me ajuda um pouco pra eu poder me manter.

Entrevistadora: foi esse o incentivo que você sempre teve?

Estudante: não, era mais em casa mesmo, era mais minha mãe que dizia: estuda. - Aí eu estudava muito, tirava notas boas, eu também tinha essa aptidão e pensava: eu vou estudar, eu sei que aqui no sítio eu não vou ter o que fazer, se eu parar aqui vou ter que trabalhar em uma fábrica de roupas na cidade para ser explorada ou em um mercadinho que você não tem hora de entrar nem tem hora de sair, vou ser explorada

por alguém para não ganhar nenhum direito, então vou estudar, talvez eu arrume um emprego melhor que nessas pessoas.

Entrevistadora: existe alguma coisa que se não existisse você não estaria aqui?

Estudante: a bolsa, o dinheiro ajuda muito, porque você tem que se alimentar, tem que se vestir, tem que comprar produto para higiene pessoal, eu pago um curso de Inglês particular e se não fosse o dinheiro da residência como eu ia ter dinheiro pra tudo isso? como eu ia viver? tirar xérox?

Entrevistadora: quais os planos para assim que você terminar o curso?

Estudante: primeiramente eu vou dar um pulo, correr gritando feito uma louca, a louca gritando: passei. Brincadeiras à parte, eu vou tentar uma seleção do mestrado é o que eu estou abrindo minha mente para isso, se eu não tentar mestrado eu vou fazer concurso, já vou começar a me organizar para estudar para concurso e conseguir um emprego, agora não tem mais bolsa de residência agora é tu e tu mesmo, vai viver de quê? de beleza não vai né?

Entrevistadora: tem alguma coisa que você percebe como um ponto muito forte em você e que foi capaz de lhe mobilizar para todas essas coisas?

Estudante: acho que a esperança e fé, fé que um dia vai, um dia a gente consegue, está ruim, mas talvez pode melhorar, pode piorar, acho que a fé, acho que todo mundo tem fé que vai melhorar.

Entrevistadora: tem alguma coisa que a gente não referiu aqui e você gostaria de falar, coisas que forma importantes para você?

Estudante: as amizades que eu fiz, as amizades sinceras, tem poucas lá na casa, mas a gente consegue ver que tem pessoas que ajudam muito, que chegam dão um incentivo, dão um abraço, do mesmo jeito que eu chego para alguém dou um abraço e aí vai, você vai conseguir, esse apoio, de um certo modo você consegue de algumas poucas pessoas perceber que ali dá para fazer uma família, é tanto que quando tem uma comemoração tem algumas pessoas que a gente chama de família residência, selecionamos as pessoas que gostamos muito e chamamos de família. Igual no meu aniversário na semana passada, eu chamei algumas poucas pessoas, nós almoçamos direitinho, tiramos foto, nos abraçamos e eu agradei as pessoas e disse: vocês me ajudaram muito quando eu precisava, muito obrigado por existirem. É um lugar minúsculo com muita gente, gente horrível de se conviver, outras que nossa! Pessoa muito boa, a família, a amizade, você percebe que família não é só quem tem seu sangue, mas também quem está junto de você quando você precisa.

Apêndice 10 - Categorização da entrevista à quarta estudante

Categorias	Subcategorias	Unidades de registro
Perfil do entrevistado	Dados pessoais	<ul style="list-style-type: none"> - Tenho 20 anos. - Eu vim da zona rural...um povoado que fica a 9 km da cidade. - Na minha família inteira eu sou a única pessoa que entrou na universidade pública.
	Dados acadêmicos	<ul style="list-style-type: none"> - eu passei a minha vida inteira estudando porque a única coisa que tinha era estudar. - eu sempre tirava notas boas, sempre me destacava.
	Dados sociofamiliares	<ul style="list-style-type: none"> - Meu pai fazia algumas viagens como caminhoneiro e minha mãe é agricultora e dona da casa. - A renda vem do bolsa família e de algumas coisas que a minha mãe faz. - painho trabalha na agricultura. - Eu tenho mais outros três irmãos. -Meus irmãos não puderam entrar na Universidade porque antigamente não tinha a mesma oportunidade que eu tive.
O processo de escolarização	No Ensino Fundamental.	<ul style="list-style-type: none"> - Sempre estudamos lá no colégio até a 8ª série, depois tínhamos que nos deslocar para fazer o ensino médio.
	No Ensino Médio	<ul style="list-style-type: none"> - eu fui para o ensino médio e comecei a me dedicar, passei por muitas dificuldades. - eu vim ter acesso a internet já quase no final do ensino médio. - isso me deixou atrás dos meus amigos da cidade porque eles tinham acesso à internet, tinham biblioteca, podiam estudar mais. - eu me dediquei muito durante o ensino médio e consegui passar no Enem, minha nota foi razoavelmente boa. - eu entrei no Integral a minha formatura foi muito boa porque eu ganhei o certificado como melhor aluna ai isso foi bem marcante.
	Na Universidade	<ul style="list-style-type: none"> -Um curso que eu tinha em mente era ou Letras ou Direito, ai pela proximidade eu vim pra cá pra Universidade Rural. - Logo no começo foi um impacto porque você sair do sítio para uma cidade grande, onde você não conhece ninguém. - Eu fui assaltada quando eu cheguei aqui. - um menino me puxou e disse: passa o celular ou eu atiro. - Foi na porta da residência. - Com o tempo você vai se adaptando ao ambiente. - Eu acho um absurdo uma Universidade pública tem pessoas que têm privilégios e outras pessoas que não têm, era para ser todo mundo igual. - É aquela questão: manda quem pode, obedece quem tem juízo, a gente fica calado. - Tem muita coisa que acontece aí na Universidade e você reflete mesmo, não tem função nenhuma. - você já sabe que tem que fazer trabalhos até... nossa tem trabalhos que você faz que diz: - onde eu vou usar isso na minha vida? - A prova disso é Inglês V, uma das matérias que mais reprova nessa universidade e não vai servir em nada na sua carreira como professor.
Os apoios	Concomitância trabalho/estudo	<ul style="list-style-type: none"> - não tinha que conciliar com trabalho.
	Suporte acadêmico	<ul style="list-style-type: none"> -tinha sempre a dificuldade financeira, quando veio a residência foi que melhorou um pouco porque eu conseguia me virar. - se não fosse o dinheiro da residência como eu ia ter dinheiro pra tudo isso? como eu ia viver? tirar xerox? - Minha amiga não aguentou a pressão...após o assalto ela desistiu e eu fiquei sozinha em um lugar que eu nem conhecia direito. - tinha acabado de me mudar, ai tirei nota baixa em uma disciplina. Corri muito atrás para não ficar em recuperação.

		- A faculdade diz que dá assistência...mas se alguém passar mal na residência ninguém faz nada, poucas vezes que mandam o carro para levar alguém.
	Suporte afetivo	- eu chamei algumas poucas pessoas... eu agradei as pessoas e disse: vocês me ajudaram muito quando eu precisava, muito obrigado por existirem. - A gente consegue ver que tem pessoas que ajudam muito, que chegam dão um incentivo, dão um abraço. - esse apoio, de um certo modo você consegue de algumas poucas pessoas perceber que ali dá para fazer uma família. - algumas pessoas que a gente chama de família residência.
	Suporte familiar	-Quando eu estudava no fundamental minha mãe ajudava porque eram coisas mais básicas. - quando eu fui passando de escolaridade como eles não tinham, aí não puderam me ajudar, aí era eu que me virava, para fazer as coisas - Mainha sempre foi muito presente na educação...painho não tanto porque ele viajava. - Durante o ensino básico o incentivo era mais em casa mesmo...minha mãe dizia: - estuda! - minha mãe sempre dizia: - estude, estude, porque viver aqui no sítio escravizado pela enxada que não dá para encher a barriga de ninguém. - Meu pai tinha um primo ou tio, nem sei direito, aí fiquei morando com ele e pagava aluguel do quarto. - uma irmã da minha mãe lá de São Paulo, ela ajuda como pode.
	Suporte comunitário	-Não existe nada lá, nada mesmo. - ficava dependendo muito de transporte. - as pessoas de lá, eles acham que eu sou perfeita, mas eu fico tentando quebrar essa imagem. - Eu prestava muita atenção a aula...porque eu sabia que eu não tinha ninguém ali no sítio que eu pudesse pedir ajuda.
	A escola como ascensão social	-temos a esperança de quando pegar o bendito diploma, depois de lutar muito para conseguir um emprego ou um mestrado, depende muito, nós vamos ter um pouco de sossego, vamos ser recompensado. - Se eu tiver um curso superior vou chegar em algum local e dizer, não, eu tenho um curso superior, eu tenho meu diploma. - Dá um pouco mais de facilidade, talvez um concurso concorrer com uma vaga um pouco melhor. - vou estudar, talvez eu arrume um emprego melhor que nessas pessoas.
	Sentido atribuído ao conhecimento	- eu estudava muito, tirava notas boas, eu também tinha essa aptidão e pensava: eu vou estudar -eu vou estudar, eu sei que aqui no sítio eu não vou ter o que fazer.
A condição de resiliência	Atitudes de superação	- se eu parar aqui vou ter que trabalhar em uma fábrica de roupas na cidade para ser explorada ou em um mercadinho. - assim que eu cheguei na residência tinha um grupinho de meninas...elas começavam fazer muita coisa com as novatas. - a gente começou a ser xingada, ao povo pisar em cima, a gente não podia fazer nada. - porque ou tu aguentas, porque tu precisas ou vai embora. - está ruim mas talvez pode melhorar, pode piorar, acho que a fé, acho que todo mundo tem fé que vai melhorar. - ou você se esforça para avançar ou você estagna.

		- é uma vida que depende de muito esforço: o acordar cedo, o fazer o trabalho, o ter aquela responsabilidade.
	Capacidades que atribui a si.	- A esperança que faz ter fé que um dia vai, um dia a gente consegue.

Apêndice 11 - Protocolo de Entrevista à quinta Estudante

E. 5 – Marcela

Data: 23-04-2018

Idade: 23 anos

Curso: Agronomia

Período do curso: 5º

Profissão e escolaridade pai: agricultor/Fundamental I incompleto

Profissão e escolaridade mãe: agricultora/Fundamental I

Entrevistadora: fale-me um pouco sobre sua origem e como foi seu processo escolar:

Estudante: eu fui criada no sítio até os onze anos de idade, foi quando a gente se mudou para o distrito de Queimadas. Eu sempre gostei de estudar, sempre tive as dificuldades, mas não me impediram de continuar, fiz ensino fundamental, terminei, quando estava faltando dois meses para terminar o ensino médio eu comecei a fazer um cursinho técnico em Agrilogia em outra região. Eu me formei, comecei a trabalhar em um mercadinho, depois passei a trabalhar com o projeto Mais Educação na área de Educação Ambiental que era a que mais me identificava e sempre fui tentando o Enem, eu fui caminhando, mas sempre estudando para entrar na faculdade, aí fiz um pré-vestibular também, foi o que me ajudou muito a entrar na faculdade, aí estou aqui. Esse pré-vestibular foi aqui em Garanhuns no ano de 2015, meus irmãos, na época, moravam fora e me ajudaram a pagar o pré-vestibular, eu fiz ele, fiz o Enem e consegui, na lista de espera por sinal, mas deu certo. Eu estou batalhando, porque faculdade é complicado, tem que ter muita força de vontade para continuar. Com o pré-vestibular eu tive um caminho, não ficava estudando por estudar, porque é difícil e com o cursinho eu me sentia mais guiada, segura por onde ir, onde estudar e tudo mais.

Entrevistadora: e qual a visão que seus pais têm da faculdade?

Estudante: Eles têm uma visão muito diferente, porque como eles não tinham condição de estudar, eles não tinham como opinar: - olha faça faculdade porque vai ser bom. Eles não tinham esse conhecimento, eu vim adquirir isso porque você faz ensino médio, vai conhecendo um pouco mais, mas a visão dos meus pais não era de você sair do ensino médio, entrar na faculdade, continuar estudando e tal, mas sim de trabalhar. Só que eles apoiaram, apoiaram bastante, tanto eu quanto meu irmão nessa vida de estudante. A minha vivência familiar é bem tranquila, nunca tive problema em casa, com meus irmãos, como meus pais, em nada. Nenhum dos meus irmãos, nem meus pais têm ensino superior, só eu que estou fazendo agora.

Entrevistadora: e quando foi que você conseguiu a residência?

Estudante: Eu consegui a residência no final do segundo período, no ano passado. Eu fiquei muito agoniada, porque passei, fiz minha inscrição, mas não tinha onde ficar, porque na minha cidade só tem transporte de manhã e à noite, à tarde não tem, foi o horário que me matriculei, aí eu tive que pedir ajuda da família, daí eu fiquei na casa da minha prima aqui em Garanhuns, passei um ano lá, é longe, eu pego dois ônibus pra vir e pra voltar, aí eu fui empurrando com a barriga porque tinha que pagar passagem e eu não tinha o passe e era bem mais caro, era R\$10,00 reais por dia quase, aí veio o auxílio da faculdade, o auxílio alimentação que me ajudou bastante, aí eu fiquei um bom tempo dependendo dele pra ir e voltar.

Entrevistadora: e como era lá na casa da minha prima?

Estudante: era tranquilo, eu não fui criada com ela, não tinha contato com ela, mas eu pedi ajuda e ela me acolheu muito bem, tanto ela quanto o marido dela e foi muito bom, muito bom mesmo, eu nunca dei problema, nada.

Entrevistadora: e como era o acompanhamento escolar?

Estudante: era eu sozinha, nunca tive ajuda dos meus pais não, eu sempre me virei nos estudos. Meus irmãos quando terminaram o ensino médio começaram a tentar a vida lá fora e já foram saindo. Primeiro os dois mais velhos, depois o mais novo também, eles nunca foram de estudar, acho que terminaram só o ensino médio por obrigação e saíram em busca de trabalho.

Entrevistadora: como você se referenciava em relação a sua turma no ensino básico?

Estudante: eu era um pouquinho mais esforçada, sempre gostei de estudar, de mostrar que eu tinha aprendido e tudo mais, acho que passava uma boa visão na escola.

Entrevistadora: de onde vem o incentivo aos estudos?

Estudante: eu não sei dizer, mas é como se eu sempre quisesse isso pra mim. Eu sempre fui em busca, para esse curso técnico eu fui longe, era bastante distante da minha cidade, eram umas 4 horas, aí eu passava uma semana. Quando eu vi que tinha a oportunidade, aí eu disse: não vou perder, embora que meus pais não apoiem tanto, por ser em outra cidade, eu ter que passar uma semana fora, eu ainda era menor de idade, mas eles nunca disseram que eu não ia. Eu sempre disse: - eu vou fazer, porque vai ser bom pra mim, para o meu futuro, eu tenho que construir algo pra mim, né? Eu sempre quis continuar.

Entrevistadora: quais eram as disciplinas que você mais se identificava?

Estudante: A disciplina que menos gostava sempre foi matemática, a que eu mais gostava eu não sei, eu achava que gostava muito de geografia, só que aí no ensino médio é tudo mais tranquilo você acaba se identificando com muitas coisas.

Entrevistadora: como eram mobilizados os recursos para seguir a vida acadêmica?

Estudante: nessa parte de estudo sempre foi tudo eu, na época que eu fazia Agricologia eu já trabalhava, aí juntei meu dinheiro para ir e voltar. Aqui na faculdade foi a mesma forma eu consegui fazer uma economia, porque se entrar eu tenho como conseguir me manter lá por um bom tempo, eu já sabia que tinha os auxílios, até eu conseguir um auxílio, então foi o que fiz. Eu sempre pensei no depois, sempre vai existir alguma coisa que vai lhe deixar em dúvida se você vai querer continuar ou não, aí para não passar por isso eu resolvi já trabalhar uma estratégia para não perder a oportunidade, eu já sabia que para entrar na faculdade eu não vou ter transporte, e como eu vou me virar? Aí foi o que eu fiz, fiz um planejamento, aí consegui.

Entrevistadora: o que você considera de mais motivador para ingressar no ensino superior?

Estudante: Naquela época, entrar na faculdade era um sonho que eu tinha, eu queria fazer Agronomia, para mim depois que eu entrei é realizar, porque eu só estou caminhando, até terminar a faculdade via ter um bom tempo, né? É tornar, é um sonho que eu quero terminar, que eu quero realizar, que eu quero ver que realmente consegui.

Entrevistadora: houve algum elemento fundamental como incentivo?

Estudante: não, não fui incentivada por ninguém, não, não, falar: - nossa, isso vai fazer bem para o seu futuro, não, só eu.

Entrevistadora: e como você é vista pela sua comunidade por ter saído para morar fora, estudar:

Estudante: eu não sei, depois que eu vim pra cá, eu meio que me isolei, eu só me dedico, só vou pra casa, passo o final de semana, mas não saio, mas eu vejo quando alguém pergunta: - o que você faz? - Eu faço tal coisa, moro lá. Aí todo mundo ver com surpresa e admiração também, porque não é fácil, lá a maioria das pessoas que fazem faculdade elas vão e voltam, eu não, eu corri atrás, consegui e estou morando aqui na faculdade, é uma coisa a mais que você tem, né? Ai como lá tem um pessoal que faz faculdade não tem muita surpresa não. Mas na família eu sou exemplo, meus irmãos dizem que eu faço uma coisa que eles nunca fizeram, nunca se interessaram para fazer, da mesma forma meu irmão caçula, ele fez o técnico e o sonho dele é fazer faculdade, porque o técnico não é garantia de algo a mais.

Entrevistadora: qual o seu primeiro impacto com o mundo acadêmico?

Estudante: No início do curso eu achava tudo fácil, tudo tranquilo, até eu ver que não era, quando você está no ensino médio você mal estuda, você não ler, você não lembra que você só estuda, você não se dedica, você tem certeza que não vai precisar daquilo, aí você entra na faculdade e pensa que vai ser da mesma forma, mas não, eu sofri bastante. Eu sofri para poder pegar o ritmo da faculdade e ver que eu tinha que me dedicar para conseguir terminar, porque eu vou estudar para fazer a prova, eu posso passar na prova, mas eu posso não aprender, o que não vai ser vantajoso pra mim, foi difícil. No início era difícil a interação, mas dois meses depois eu vi que a galera apoia. Eu falava – nossa, eu vou passar tal tempo na casa da minha prima, mas eu não posso passar cinco anos na casa dela, aí teve uma pessoa que disse: - não tu vens morar com a gente. - Sempre eu via um apoio nessa parte, se eu precisasse eu tinha a quem recorrer, eu tinha ajuda, né?

Entrevistadora: qual a representação que você faz o Ensino Superior, dos conhecimentos que você está adquirindo?

Estudante: ah é muita coisa, eu acho que só o ensino médio não é suficiente, que um curso de graduação é muito importante, embora que você não consiga levar adiante como profissional, mas você necessita, a gente precisa ter um curso superior, porque é muito conhecimento que a gente vai ter e não só da área que você está estudando, mas de tudo, você começa a ver diferente, a ter um comportamento diferente, a saber lidar com certas situações, é mais pressão aqui, é competição, é tudo, aí você acaba criando uma nova forma de ver, de lidar com as situações, como fazer. Acho que é muito importante. Me considero mais forte, porque você acha que precisa de certas situações para saber lidar, né? E eu acho que ter corrido atrás de tudo, não ter desistido, eu sinto assim que eu poderia ter desistido, não estar mais aqui. Eu poderia ter relaxado, ter retido o período, ter reprovado várias vezes, mas eu corri atrás porque não foi fácil entrar, também não quero que seja fácil sair por culpa minha.

Entrevistadora: de onde vem a renda da família?

Estudante: Meu pai trabalha no sítio ainda, minha mãe, não mais. Conforme o tempo foi passando eles já foram mudando também, a renda do sítio não estava dando, aí meu pai tem um barzinho, minha mãe borda, ela conseguiu fazer um curso de bordado, é a renda dela, ela faz bordados e vende lá. Já o meu auxílio dá para me manter tranquilo aqui.

Entrevistadora: existe alguma associação comunitária onde você mora?

Estudante: Minha mãe frequenta uma associação na região, eu só fui uma vez lá, eu até tentei fazer uns negócios lá, mas não deu certo, na época eu não tinha experiência. Foi até do curso que eu tinha me formado, da região alguns municípios foram selecionados para aplicar um projeto em alguma associação, só que eu não tinha conhecimento de fazer projeto e tudo mais, mas tentei, fui lá, conversei com as pessoas, expliquei, comecei a ver o que eles precisam, comecei até a escrever, mas eu não conhecia muita coisa lá, não tinha como saber, não tinha a quem perguntar, daí desisti. Foi a única vez que fui lá na associação, não frequento muito.

Entrevistadora: o que foi bom ou não tão bom na escola?

Estudante: foi uma besteira, mas eu nunca esqueço na época em que eu fazia matemática, nossa. Eu ia pra escola só, assistia aula, voltava pra casa, assistia televisão, dormia, mas eu vi que eu ia precisar e tirei uma nota super baixa, no ensino médio você precisa de 4 notas. Eu pensei assim: se eu continuar assim, eu não vou conseguir passar, né? Aí foi quando eu percebi que eu precisava me dedicar, me esforçar muito mais para conseguir passar naquela disciplina, foi o que fiz. Eu me dediquei e consegui tirar uma excelente nota naquela época e eu não mudei só para aquela disciplina que estava difícil, mas para todas. Eu estava no terceiro ano e era uma pessoa relaxada, estudava, só que não estudava para aprender muito, ah só passei. Chegou o ensino médio, eu não tinha nada para fazer depois, então aquela nota baixa foi o que eu precisava para cair na real e me dedicar mais. Eu acho que isso era falta de conhecimento, porque hoje em dia é mais fácil ter acesso a internet, mas na época não tinha isso, sempre escutava dos colegas: - estudar é ruim, isso

não vai ajudar em nada no futuro. - Todo mundo faz e a pessoa sempre acaba sendo influenciado, acho que isso me atrapalhou.

Entrevistadora: existia alguma dificuldade ou déficit em relação ao ensino quando você estava no básico?

Estudante: não, as dificuldades que a gente enfrentava não eram muitas não, não havia diferença entre o ensino fundamental e médio, até por ser no mesmo município, os professores já eram conhecidos de todos. Fiz até a 3ª série morando no sítio, em um grupo escolar. A partir da 4ª tinha que ir para o distrito, mas eu ainda morava no sítio, aí tinha que pegar transporte para ir e voltar todos os dias, agora o ensino médio eu fiz na cidade. Quando eu saí do sítio para estudar a primeira vez no distrito teve muita diferença, porque no sítio a gente não tem contato com muitas pessoas, já na cidade é diferente, as pessoas são totalmente diferentes, você é quase um estranho na turma, mas com o passar do tempo você vai vendo que é besteira, você vai conhecendo e vai se enturmado, daí não ver mais o problema, mas foi difícil. No sítio você tem seus amigos, todo mundo lá é unido, todo mundo mora perto, na cidade é diferente.

Entrevistadora: quais eram os maiores recursos para estudar?

Estudante: Na época que eu entrei no técnico foi que tive acesso à internet em casa, foi uma professora da época que apresentou o curso pra gente no terceiro ano, passou tudo direitinho. Aí pensei: - esse é o curso que eu quero fazer, porque já era na área que eu queria, aí eu disse aos meus pais: - olha eu vou para tal lugar, tal hora eu vou sair. Teve um ônibus que a prefeitura disponibilizou, muitas pessoas foram fazer, aí eu fui, fiz a prova e fiquei aguardando o resultado, aí consegui. Teve duração de um ano e meio, uma vez por mês nós ficávamos uma semana inteira lá. Como eu trabalhava, era o que me mantinha lá, mas tudo lá era gratuito, o alojamento, refeições, tudo. Depois desse curso eu voltei mais motivada para dar continuidade aos estudos, como lá tinha muitas palestras, era interessante ver as pessoas falando como elas cuidavam da roça delas, em volta da casa, e também as visitas técnicas que se fazia na comunidade, tudo sempre me motivou. Acho que cada vez mais que tinha essas palestras, que eu fazia essas visitas era uma coisa a mais que ia me acrescentando.

Entrevistadora: você tem algum padrão e enfrentamento nas dificuldades?

Estudante: eu planejo, por exemplo, eu estou aqui mas eu tenho N coisas a fazer ainda hoje e eu não posso parar, porque não vai ser só coisa boa que vai acontecer, aí eu vou planejando, aí vou sabendo lidar, acho que o planejamento me ajuda bastante a saber passar pelas dificuldades.

Entrevistadora: hoje quais são os planos de interesse?

Estudante: Minhas preocupações são cumprir as atividades que eu tenho, que são muitas, meu curso eu quero finalizar bem, quero buscar, tentar um mestrado para continuar na carreira acadêmica ou estudar para concurso, trabalhar, não sei, são coisas que eu estou construindo ainda aos poucos, mas é isso, continuar estudando ainda é o foco. E penso de assim que terminar a graduação, distribuir currículo, eu sempre pesquisei as propostas e tem alguns grupos nacionais na área da Agronomia e eles sempre estão mandando as vagas de trabalho, acho interessante, a gente já pode tentar né? ou fazer estágio, mas continuar.

Entrevistadora: como percebe sua trajetória acadêmica?

Estudante: é muita satisfação, muita, muita. Eu demorei bastante a entrar na faculdade, é difícil, mas olhar para trás é só satisfação de não ter desistido por pouco. Ah os pais não apoiam tanto, porque não tem futuro, pelo menos na época do curso. Eu até pensei que poderia ser a mesma coisa, só que não é, eles não falam nada, nem de bom, nem de ruim. Eles dizem: - eu não entendo, eu não vou saber o que falar, mas se você quer continuar eu não vou dizer que não, mas é muita satisfação em ter conseguido chegar aqui.

Entrevistadora: qual seria a expressão para identificar suas características, qualidades:

Estudante: determinada, eu me acho determinada, sou muito determinada, é isso.

Entrevistadora: existe alguma coisa que gostasse de referir?

Estudante: não, acho que falei tudo, é isso.

Apêndice 12 - Categorização da entrevista à quinta estudante

Categorias	Subcategorias	Unidades de registro
Perfil do entrevistado	Dados pessoais	- Eu fui criada no sítio até os onze anos de idade.
	Dados acadêmicos	- Eu sempre gostei de estudar, sempre tive as dificuldades, mas não me impediram de continuar. - Nenhum dos meus irmãos, nem meus pais têm ensino superior, só eu que estou fazendo agora. - não havia diferença entre o ensino fundamental e médio, até por ser no mesmo município, os professores já eram conhecidos de todos.
	Dados sociofamiliares	- Meus irmãos quando terminaram o ensino médio começaram a tentar a vida lá fora e já foram saindo. - Meu pai trabalha no sítio ainda, minha mãe, não mais. - a renda do sítio não estava dando, aí meu pai tem um barzinho, minha mãe borda.
O processo de escolarização	No Ensino Fundamental.	- Fiz até a 3ª série morando no sítio, em um grupo escolar. - A partir da 4ª tinha que ir para o distrito, mas eu ainda morava no sítio. - tinha que pegar transporte para ir e voltar todos os dias. - Quando eu saí do sítio para estudar a primeira vez no distrito teve muita diferença. - você é quase um estranho na turma.
	No Ensino Médio	- no ensino médio é tudo mais tranquilo você acaba se identificando com muitas coisas. - quando você está no ensino médio você mal estuda, você não ler, você não lembra que você só estuda, você não se dedica, você tem certeza que não vai precisar daquilo. - quando estava faltando dois meses para terminar o ensino médio eu comecei a fazer um cursinho técnico em Agriculogia em outra região. - fui tentando o Enem, eu fui caminhando, mas sempre estudando para entrar na faculdade. - Eu ia pra escola só, assistia aula, voltava pra casa, assistia televisão, dormia, mas eu vi que eu ia precisar. - Chegou o ensino médio, eu não tinha nada para fazer depois, então aquela nota baixa foi o que eu precisava para cair na real e me dedicar mais.
	Na Universidade	- Eu estou batalhando, porque faculdade é complicado, tem que ter muita força de vontade para continuar. - No início do curso eu achava tudo fácil, tudo tranquilo, até eu ver que não era. - Eu sofri para poder pegar o ritmo da faculdade e ver que eu tinha que me dedicar para conseguir terminar. - No início era difícil a interação, mas dois meses depois eu vi que a galera apoia. - Eu demorei bastante a entrar na faculdade, é difícil, mas olhar para trás é só satisfação de não ter desistido por pouco. - Minhas preocupações são cumprir as atividades que eu tenho, que são muitas, meu curso eu quero finalizar bem.

Os apoios	Concomitância trabalho/estudo	<ul style="list-style-type: none"> - Eu me formei e comecei a trabalhar em um mercadinho. - Na época que eu fazia Agricologia eu já trabalhava, aí juntei meu dinheiro para ir e volta - Depois passei a trabalhar com o projeto Mais Educação na área de Educação Ambiental.
	Suporte acadêmico	<ul style="list-style-type: none"> - Fiz um pré-vestibular também, foi o que me ajudou muito a entrar na faculdade. - sempre escutava dos colegas: - estudar é ruim, isso não vai ajudar em nada no futuro.
	Suporte afetivo	<ul style="list-style-type: none"> - não fui incentivada por ninguém. - não fui incentivada por ninguém, não, não, falar: - nossa, isso vai fazer bem para o seu futuro, não, só eu.
	Suporte familiar	<ul style="list-style-type: none"> - meus irmãos, na época, moravam fora e me ajudaram a pagar o pré-vestibular. - Eles têm uma visão muito diferente, porque como eles não tinham condição de estudar, eles não tinham como opinar. - a visão dos meus pais não era de você sair do ensino médio, entrar na faculdade, continuar estudando e tal, mas sim de trabalhar. - Só que eles apoiaram, apoiaram bastante, tanto eu quanto meu irmão nessa vida de estudante. - tive que pedir ajuda da família, daí eu fiquei na casa da minha prima aqui em Garanhuns, passei um ano lá. - era eu sozinha, nunca tive ajuda dos meus pais não, eu sempre me virei nos estudos. - na família eu sou exemplo, meus irmãos dizem que eu faço uma coisa que eles nunca fizeram, nunca se interessaram para fazer. - Eles dizem: - eu não entendo, eu não vou saber o que falar, mas se você quer continuar eu não vou dizer que não.
	Suporte comunitário	<ul style="list-style-type: none"> - todo mundo ver com surpresa e admiração também, porque não é fácil. - No sítio você tem seus amigos, todo mundo lá é unido, todo mundo mora perto, na cidade é diferente. - porque no sítio a gente não tem contato com muitas pessoas. - na cidade é diferente, as pessoas são totalmente diferentes.
	A escola como ascensão social	<ul style="list-style-type: none"> -eu vou fazer, porque vai ser bom pra mim, para o meu futuro, eu tenho que construir algo pra mim, né? Eu sempre quis continuar. - quando eu vi que tinha a oportunidade, aí eu disse: não vou perder, embora que meus pais não apoiem tanto. - entrar na faculdade era um sonho que eu tinha. - um curso de graduação é muito importante, embora que você não consiga levar adiante como profissional. - quero buscar, tentar um mestrado para continuar na carreira acadêmica ou estudar para concurso, trabalhar, não sei, são coisas que eu estou construindo ainda aos poucos. - penso de assim que terminar a graduação, distribuir currículo, eu sempre pesquiso as propostas. - fazer estágio, mas continuar.
	Sentido atribuído ao conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> - eu não sei dizer, mas é como se eu sempre quisesse isso pra mim. - agente precisa ter um curso superior, porque é muito conhecimento que a gente vai ter. - você começa a ver diferente, a ter um comportamento diferente, a saber lidar com certas situações. - continuar estudando ainda é o foco.

A condição de resiliência	Atitudes de superação	<p>- Eu sempre pensei no depois, sempre vai existir alguma coisa que vai lhe deixar em dúvida se você vai querer continuar ou não, aí para não passar por isso eu resolvi já trabalhar uma estratégia para não perder a oportunidade.</p> <p>- Eu poderia ter relaxado, ter retido o período, ter reprovado várias vezes, mas eu corri atrás porque não foi fácil entrar, também não quero que seja fácil sair por culpa minha.</p> <p>- Eu me dediquei e consegui tirar uma excelente nota naquela época e eu não mudei só para aquela disciplina que estava difícil, mas para todas.</p> <p>- não vai ser só coisa boa que vai acontecer, aí eu vou planejando, aí vou sabendo lidar, acho que o planejamento me ajuda bastante a saber passar pelas dificuldades.</p>
	Capacidades que atribui a si.	-determinada, eu me acho determinada, sou muito determinada.

Apêndice 13 - Protocolo de entrevista ao sexto estudante

E. 6 – Escobar

Data: 23-04-2018

Idade: 20 anos

Curso: Agronomia

Período do curso: 7º

Profissão e escolaridade pai: agricultor/Fundamental I

Profissão e escolaridade mãe: (**falecida**) agricultora/Fundamental I

Entrevistadora: gostaria que você falasse um pouco da sua origem e como foi seu percurso escolar. Uma apresentação de quem é:

Estudante: eu sou da zona rural de Lagoa do Ouro, comecei a estudar lá na zona rural em um sítio vizinho até a 3ª série, só que quando eu entrei eu já sabia fazer meu nome que a minha mãe e o meu pai sempre me incentivaram aos estudos, eu fiz até a 3ª lá depois fui para um povoado estudar o ensino fundamental até a 8ª série. Depois fui estudar o ensino médio em Quebrangulo que é uma cidade próxima, já é Estado de Alagoas. Eu sempre via o estudo como uma saída daquela situação, porque os meus pais sempre disseram: - ah eu não queria que você ficasse na agricultura, essas coisas. - Então o estudo era uma forma de sair daquela situação. O ensino médio eu fiz lá em Quebrangulo, passei tudo certo, só que em Quebrangulo o ensino é diferente daqui, porque o ensino de Alagoas comparado com o de Pernambuco eu percebi que o daqui é muito melhor que o de Alagoas em alguns aspectos, como: sempre faltam muitos professores, tinha muita deficiência e eu senti muita falta de incentivo para os alunos fazerem Universidade ou algum curso técnico, eu senti muita essa deficiência. Tanto que quando eu cheguei aqui eu não sabia o que era uma Universidade, eu não sabia como era o processo, é tanto que quando eu cheguei no primeiro dia eu olhava para o horário e perguntava: cadê o recreio? cadê a merenda? Eu não sabia que a Universidade funcionava dessa forma. Eu não sabia o que era o Enem, eu não estou querendo dizer que lá foi tudo péssimo, não, tiveram professores que eu me orgulho muito, que incentivaram também, mas lá faltou essa parte de comunicação, de informar que aquilo ali não era o final dos estudos, é só a metade e a Universidade é outra parte, eu sentia essa deficiência. Lá todos achavam que o Enem era um bicho de sete-cabeças que ninguém passava e não via esse incentivo, mesmo que se sabia que o Enem era a forma de entrar em uma Universidade, só que ninguém sabia o que era Universidade e que aqui em Garanhuns tinha uma Universidade de Agronomia, que era um curso que não veio na minha cabeça que eu queria fazer Agronomia, mas só que eu tenho um vínculo muito forte com o meio rural então eu gosto muito da área, sou super interessado, porque quando eu entrei eu sabia que o Enem era uma forma de chegar na Universidade, mas não qual o curso entrar. Eu não sabia nem como era que funcionava, eu achava que quando eu chegava lá na hora e dizia: - eu quero fazer tal curso. Eu não tinha essa mentalidade de entrar em um curso específico e escolhido antes. Daí eu fiquei sabendo que além do Enem tinha o SisU, o ProUni, esses programas do governo que colocam o estudante na Universidade, então foi dessa forma, sem muita orientação, mas que eu cheguei aqui. Quando passei em Agronomia eu fiquei muito feliz, pois não sabia que tinha o curso aqui, Agronomia aqui? aí fiquei muito feliz. Quando eu cheguei aqui em Garanhuns foi um choque de realidade, porque lá não tinha muita cobrança, mas quando cheguei aqui eu sempre dei o meu melhor, eu estou sempre estudando tarde, estudando muito, mas no início eu passei por dificuldades grandes mesmo, em relação ao transporte, à moradia, porque a minha família é de renda baixa, eu não tinha muitas condições, porque eu saía do meu sítio ia para Lagoa do Ouro para pegar ônibus, transportes alternativos e ainda gastava gasolina para ir de moto até a cidade para poder pegar outro transporte para vir para Garanhuns, dava duzentos reais por mês. Eu tinha esses gastos, mas mesmo assim eu sabia que tinha a residência e tentei a primeira vez e não consegui, foi difícil, mas eu disse: - eu vou continuar porque uma

hora eu vou conseguir. Quando tentei a segunda vez graças a Deus consegui a residência, o resultado saiu no final do segundo período e eu fiquei aqui no terceiro período, foi um ano todinho com essa despesa, foi bastante complicado, mas também serviu de incentivo para me fortalecer, aí quando cheguei na residência melhorou bastante minha situação acadêmica em relação a estudar mais, a fazer trabalhos em grupo, porque era muito complicado para mim por morar longe, chegar à noite em casa, passei por essas situações difíceis. E quando ainda estava lá no sítio, indo e vindo todos os dias, trabalhava pela manhã pra poder juntar dinheiro pra poder pagar a passagem, todas essas coisas, principalmente pagar a passagem porque nem lanchar eu lanchar aqui porque não tinha condições de fazer isso.

Entrevistadora: e você trabalhava em quê?

Estudante: eu trabalhava na agricultura, me virava lá, trabalhava para o pessoal e ganhava o dia X valor já para ajudar nas passagens, mas meu pai complementava, eu sempre recebia ajuda.

Entrevistadora: e de onde vem a renda da família?

Estudante: tudo que meu pai tinha saía da agricultura, minha avó mora com meu pai, antes morava eu, meu pai e minha avó, minha mãe faleceu eu tinha 6 anos, no primeiro ano em que entrei na escola, ela faleceu em dezembro. Minha avó é aposentada, mas o salário que ela recebe só dá para ela, fica para os gastos, para alimentação, remédio, essas coisas. Na verdade, antigamente morava eu, dois primos meus, meu pai e minha avó e meu avô, só que esses primos não seguiram o mesmo caminho, apesar de a gente ter vivido junto desde a infância, eles ficaram por lá mesmo. A minha prima é da minha idade, mas já é casada, quando eu estava no segundo período ela ficou grávida, mas é aquela coisa de não ser planejada, aí ela acabou saindo de casa e foi morar com o marido dela.

Entrevistadora: qual foi o impacto ao entrar na Universidade?

Estudante: o impacto que eu tive na entrada da universidade primeiramente foi com os professores, teve uns professores, principalmente no início do curso que, por exemplo, era para eles terem mais sensibilidade de saber que ali é o primeiro período e eles colocam o terror, ficam colocando medo, mas não, no início tem que dar incentivos para os alunos, eu achei que alguns professores causavam esse medo, mas não é só isso, também a questão de muita coisa para estudar, muito conteúdo, porque a escola que eu estudava realmente não cobrava muita coisa e a pessoa ficava passivo, já aqui não, você tem que ser mais ativo, estudar bem mais. Lá éramos todos adolescente, aqui não, aqui a maioria é adulto e tem essa diferença, aqui cada um é dono do seu próprio nariz e todos sabem se comportar melhor. O pessoal aqui tem mais responsabilidade. Um grupo de jovens com mentalidade totalmente diferente do que eu conhecia. Uma coisa boa também é que lá, praticamente só eu que tinha uma mentalidade de chegar em uma Universidade, aqui não, como todos conseguiram, então todos têm uma mentalidade de crescer mais, lá eu me sentia um pouco mais só, eu tinha até um receio de estudar a mais, tanto que eu nunca estudei demais lá, nem se compara ao tanto do que eu estudo aqui. Aqui eu tenho amigos que gostam de estudar, que buscam conhecimento.

Entrevistadora: durante o ensino básico houve alguma dificuldade muito grande que poderia tê-lo feito parar?

Estudante: eu não tive uma dificuldade muito grande, em nenhum momento eu pensei em desistir e aqui a mesma coisa, a não ser no início, quando eu não consegui a residência, os professores cobrando, aí você realmente pensa, mas você pensa também no incentivo, você pensa: - eu quero chegar lá, então vou ter que continuar. Eu pensei em desistir, mas não dei ouso a esse pensamento.

Entrevistadora: até agora houve algum suporte que você considera fundamenta para o seguimento nos estudos?

Estudante: no básico tive o incentivo de alguns professores, eles não falavam assim: - você consegue, mas você percebia que eles acreditavam em você, não precisava eles dizerem, mas eu percebia que eles acreditavam em mim, que eles viam um diferencial, tanto que eu estava no ponto de ônibus e um professor comentou com outro professor: - esse menino tem futuro. - Eu até hoje lembro: esse menino tem futuro.

Isso foi um incentivo. Uma professora em especial, eu tenho muito carinho por ela, porque ela sempre me deu atenção, sempre queria que eu tirasse notas boas e quando chegou no ensino médio também, apesar de eu não ter tanto incentivo que eu tive no fundamental, pois quando cheguei em Quebrangulo eu não tive tanto incentivo assim, mas tinha professores que eu tinha um carinho enorme, que me davam força para eu continuar também, então eu diria que o principal foram os professores, não todos, mas alguns, e também, é claro, a família, porque o meu pai nunca disse: - você vai faltar hoje para ir trabalhar. Isso ele nunca disse, nem a minha avó, apesar de eles nunca me acompanharem, meu pai nunca me acompanhou, nunca foi a uma reunião dos pais, nunca pegou o meu boletim para ver como estavam as minhas notas, ele só chegava no final do ano e só fazia uma pergunta: - passou? - Então a minha família nunca me acompanhou nos meus estudos, mas só que eu sempre fui um aluno que nunca dei dor de cabeça a ninguém, a nenhum professor, apesar de no ensino fundamental, no médio eu aprontei algumas coisas, mas só foi coisa da adolescência.

Entrevistadora: e quanto ao acompanhamento das atividades escolares, quem fazia? Como você conseguia se planejar?

Estudante: eu diria que como no ensino fundamental e no ensino médio não cobravam tanto eu não estudava muito, a verdade é essa. Eu só estudava realmente o básico, como eu tinha uma facilidade de pegar tudo na aula, eu só estudava quando estava próximo às provas, mas eu nunca ficava assim estudando, nunca reservei à noite para estudo, só quando tinha alguma atividade eu sempre concluía a maioria pela manhã. Quando chegou ao último ano, o terceiro ano, eu parei de assistir novela para focar mais no Enem que eu sabia que o Enem era a chave da porta para eu chegar na Universidade, então à noite eu deixava a TV de lado e pegava nos livros para ver algumas questões. Não tinha internet, então eram nos livros do ensino médio. No ano que houve o Enem a primeira vez em Quebrangulo houve um programa chamado Pré-Enem e nós íamos todo sábado lá para escola e tinha aulas via satélite, era até poucos alunos, acho que só iam umas 10 pessoas para essas aulas, quase ninguém queria e os que iam não davam a devida atenção, só eu mesmo. Eu tive muita sorte porque esse programa me ajudou bastante, foi uma base, eu recebi um livro e esse livro me ajudou bastante porque explicava que o Enem era dividido em 4 partes, Ciências Humanas, Ciências Biológicas, Matemática e Português e ainda tinha a Redação, isso me ajudou bastante para ter uma base o que era o Enem. Foi através disso que eu soube o que era o Enem, porque pelas aulas, pelos professores, ninguém explicava. Eu senti isso tanto que no ano passado eu estava querendo ir lá para essa escola que eu fiz o ensino médio exatamente para dar esse incentivo aos alunos, até fui lá, falei com a diretora, mas só que infelizmente não deu certo antes de haver o Enem. Eu estava programando fazer uma palestra para dizer que existia essa Universidade que tinha vários cursos, mas infelizmente não deu certo. Esse ano eu pretendo ir lá e dizer o que é o Enem, o Enem não é nada, ainda tem o SisU, tem o ProUni, tem que se inscrever nesses programas, explicar a eles como é. Dar a informação que eu não tive, pois só surgiu para mim quando eu estava no segundo ano. Chegando o período do pessoal fazer o Enem, tinha uns alunos do terceiro ano que foram fazer essa prova e voltaram no mesmo carro que eu para o sítio, então eu ouvi eles falarem: - o Enem é difícil demais. - Eles trouxeram o caderno de provas e ficavam dizendo da dificuldade, então ali eu fiquei sabendo que quando estivesse no terceiro ano teria que fazer esse Enem e é ele que pode levar uma pessoa para faculdade, mas foi assim, eu fiquei sabendo do Enem já no finalzinho do segundo ano. Foi fora do contexto escolar, porque foi um diálogo que eu ouvi no transporte em que estava.

Entrevistadora: lá no sítio vocês têm alguma vivência comunitária, alguma associação?

Estudante: não, é muito deficiente quanto a uma associação comunitária. Em relação a tudo, na prefeitura, por exemplo, tem vários programas que abrangem quase todo município, mas esses programas nunca chegam a meu sítio, porque fica muito longe da cidade, na verdade essa cidade fica mais próximo a Alagoas, eu sinto que esse sítio é um pouco esquecido quanto à assistência, à associação, é muito pobre nisso

Entrevistadora: qual a visão que seus pais têm da escola, pelo que você lembra da sua mãe?

Estudante: bem, foi a minha mãe que começou a me ensinar a escrever, tanto que quando eu cheguei na escola eu já sabia escrever meu nome, curtinho mas já sabia, então acho que por ela já está me ensinando

antes de eu entrar na escola, ela já sabia que os estudos eram uma forma de eu chegar onde eu queria, de eu ter um futuro melhor. Meu pai por não me atrapalhar nos estudos, apesar dele não me incentivar, ele nunca me atrapalhou ou disse: - deixe de ir para escola para fazer isso. Jamais ele falou isso, porque eu vejo lá pais que colocam os filhos para trabalhar, por exemplo, tem um determinado dia da semana que tem muito trabalho, então os filhos faltam à escola para ir trabalhar, mas meu pai nunca fez isso.

Entrevistadora: e hoje, o que você considera como seu principal incentivo?

Estudante: então, hoje o que penso é terminar a faculdade, ter um emprego, ajudar a minha família, isso é o principal estímulo para mim, ajudar minha família, ter um emprego bom e criar minha família, ter condições, ter uma família que não dependa de ninguém, ser autônoma.

Entrevistadora: quando acabava um ano letivo existia o planejamento para o próximo?

Estudante: não, eu sempre tinha o pensamento assim, até onde der eu vou estudar, aí quando chegou no terceiro ano é que eu tive mais um pouquinho de planejamento por causa do Enem, foi o único momento que eu disse assim: - eu vou ter que estudar, foi o momento que eu tive um pouquinho de planejamento em relação aos estudos. Porque se eu não fizesse isso, ou era ir para enxada, ou ir para cidade grande e se virar lá como pedreiro ou ajudante, ou ir para uma faculdade, eu tinha esses três caminhos para ir, porque eu tenho uns familiares em Maceió então podia ir. Eu tinha essas opções, eu tinha esses caminhos a seguir, ou para cidade ou ficar no sítio, no trabalho braçal.

Entrevistadora: tomando um desses caminhos você escolheu algo bem diferente da sua realidade, então como sua família lhe vê?

Estudante: é difícil responder como minha família me ver, mas eu acho que eles sentem que eu fui diferente deles, não que eu seja melhor que eles, mas que eu só segui um caminho diferente, eles me respeitam muito, eu respeito muito eles, mas só que eu vejo um pouquinho diferente, acho que eles me veem como uma pessoa tranquila, estudiosa e que está no caminho certo.

Entrevistadora: você consegue se manter com as bolsas que recebe?

Estudante: Eu tenho o auxílio da residência e tenho outra bolsa do programa Pet que é voltado para pesquisa, essa bolsa é diretamente do MEC, é um programa antigo. Apesar de dar para me virar, na residência tem muito gasto, não só o gasto financeiro, mas eu diria que o principal é o tempo, porque você precisa cozinhar, lavar roupa, fazer várias coisas, isso demanda muito tempo. Caso tivesse um RU aqui seria muito bom pra gente, porque o tempo que a gente gasta na cozinha para lavar pratos, já poderia usar esse tempo para os estudos ou atividade de lazer, mas as bolsas que eu recebo aqui dá para me virar, até agora eu não pedi dinheiro a meu pai ou a minha avó para ficar, então dá para me virar.

Entrevistadora: qual a disciplina que você mais gostava?

Estudante: é difícil, porque eu me dedicava a todas, mas a disciplina que eu não gostava era Português, mas a que mais gostava mesmo era Geografia e Matemática, estava ali compatível os dois. No ensino médio foi mais Química e Biologia.

Entrevistadora: você tinha hábitos de leitura ou hábitos que você considera ligados a algum fazer cultural?

Estudante: eu nunca li, nunca tive hábitos de leitura, eu nunca li um livro por prazer, eu só comecei a ler um livro por prazer, tipo pegar um romance quando eu cheguei aqui na Universidade, quando eu entrei no Pet, porque a minha tutora sempre incentivou essa leitura, foi aí que eu comecei a ler por fora, sem ser coisas acadêmicas, sem ser coisas que os professores vão precisar nas aulas. Só quando eu entrei no Pet é que comecei a ler outras coisas, a ler romances, a ler essa parte científica, mas só voltada a livros mesmo, só foi aqui na Universidade que eu tive esse incentivo. Pela falta de livros, por conteúdos que fossem mais atrativos e também, por não se ter incentivos, por não conhecer, então eu não tinha gosto, tanto que agora eu estou começando a gostar de ler pela primeira vez depois que entrei nesse programa, porque no início você tem uma certa dificuldade, você acha chato, mas eu lia, só para estudar para prova, só o básico mesmo, eu nunca fui além disso. Agora estou gostando de ler e ampliando mais minha visão, visão cultural também,

eu sempre fui pobre desse lado. A questão de música por exemplo, aqui foi que eu conheci outros ritmos musicais, aqui é uma mudança muito grande, você cresce muito aqui, tem muitas visões diferentes na faculdade e você se sente com uma visão aberta, sem preconceito.

Entrevistadora: qual a função que você atribui ao ensino superior?

Estudante: o ensino superior é uma preparação para você se tornar um profissional, então é de suma importância, principalmente o ensino superior público, se não tivesse o ensino superior público eu não estaria aqui, eu acho de suma importância porque isso qualifica as pessoas. Claro que nem todas as pessoas que se formam irão arranjar um emprego, irão atuar na área, mas é muito importante, de extrema importância um ensino superior porque agrega muito à pessoa, a pessoa adquire muito conhecimento, não só naquela área, mas só pelo fato de você conhecer outras pessoas, conhecer várias coisas, isso agrega muito à pessoa também, é muito importante.

Entrevistadora: hoje, o que poderia rentabilizar ainda mais seus estudos?

Estudante: eu teria maior rentabilidade nos meus estudos acho que se tivesse um RU, você não gastaria muito tempo com a questão de alimentação e outra coisa também é se o curso tivesse mais aulas práticas também, um pouco mais no início do curso, eu acho que instigaria você a estudar mais, buscar mais.

Entrevistadora: o que você vai fazer assim que terminar o curso?

Estudante: eu comecei a pensar sobre o fim do curso recentemente, acredite se quiser, porque antigamente não, mas agora já estou chegando no finalzinho e agora tem que pensar. Meus projetos são primeiramente um concurso público, um concurso seria ótimo, mas só que você não pode ter apenas uma meta porque eu vejo o mestrado também muito importante, porque no mestrado você vai se qualificar mais, você se arrumar um emprego terá um salário melhor, essas coisas, além do conhecimento que você aprimora mais, então eu diria que é concurso e mestrado, agora se fosse um concurso que o salário realmente valesse a pena, se fosse uma área que eu me interessasse, que gostasse, aí sim eu colocaria o concurso como primeiro lugar e o mestrado como segundo.

Entrevistadora: até o momento o que foi mais difícil ultrapassar?

Estudante: A maior dificuldade pra mim eu acredito que foi no ensino médio alguns colegas, não só os colegas, mas os professores, e até eu mesmo não confiar em mim. Chegar o momento em que você só está lá para passar tempo, foi um momento meio complicado, lembro que um colega meu disse: - você não vai conseguir passar no Enem, eu tenho um primo que é mais inteligente que você, ele já fez tantos anos e nunca conseguiu. - Eu diria que esses momentos de desanimação foram esses momentos assim, mas foi mais no ensino médio, por ter essa pressão, é uma certa pressão para chegar na Universidade, para fazer o Enem, esse foi um momento um pouquinho complicado. Quando eu cheguei aqui na Universidade outro momento complicado foi a questão de vir todos os dias, ficar gastando dinheiro, de será que eu vou conseguir a residência? essas coisas.

Entrevistadora: qual o maior apoio ou incentivo para seguir nos estudos?

Estudante: é o incentivo de chegar lá, acredito que seja isso, de querer chegar lá e correr atrás das coisas boas, da bolsa também, é o que a gente quer, se a gente correr atrás, tem que pensar assim: - se você quer mesmo, e você correr atrás você consegue, passa por dificuldade financeira, mas você consegue, é só você ter força de vontade. As bolsas são muito importantes apesar de não ser o suficiente, mas só que a bolsa é primordial, tanto que se eu não tivesse a bolsa acadêmica, com a bolsa de auxílio da residência e se eu tivesse indo e vindo seria muito complicado, ou se eu tivesse pagando aluguel aqui seria muito mais complicado, apesar de em certos momentos não ser suficiente, mas só que é muito importante e primordial. A outra bolsa que eu recebo já é outro incentivo, é outro dinheiro que dá para você se virar, porque a residência você recebe, mas só dá para você se virar ali, não dá para por exemplo comprar um celular, comprar uma roupa, é para o básico.

Entrevistadora: como você se sente ou percebe sua trajetória?

Estudante: eu me sinto orgulhoso, eu percebi que evolui bastante, não só a partir de conhecimento, mas partir a mentalidade, não ter tanto preconceito, porque o pessoal do sítio, o pessoal do interior sempre tem um pouco de preconceito, mas na minha evolução eu estou aqui e tenho uma mentalidade muito aberta a todos os assuntos e eu respeito muito as pessoas, respeito muito as suas escolhas, então acho que evolui tanto no conhecimento quanto na parte pessoal, de cidadão, de ser humano.

Entrevistadora: qual a característica que você se atribui para ter seguido até aqui?

Estudante: eu tenho força de vontade, é isso.

Entrevistadora: tem alguma coisa que você gostaria de abordar que não referimos?

Estudante: não, acho que só isso mesmo, poder sair de casa, do interior, do sítio onde ninguém acredita que dali saiu um universitário que vai ser um profissional, que vai ser um agrônomo, que pode até ajudar aquela comunidade, eu tenho essa mentalidade também, talvez não ajudar agora porque eu sei que por exemplo, se eu terminasse a faculdade agora e fosse empreender alguma coisa agora, eu sei que teria uma barreira, porque o pessoal do sítio tem uma certa dificuldade em aceitar as coisas, mas eu pretendo mudar a minha família, mudar a vida, mudar a região. Eu tenho noção do que eu quero e tomara que consiga, que me dedique cada vez mais e consiga, principalmente mudar a minha família e criar a minha família futuramente

Apêndice 14 - Categorização da entrevista ao sexto estudante

Categorias	Subcategorias	Unidades de registro
Perfil do entrevistado	Dados pessoais	- Eu sou da zona rural de Lagoa do Ouro.
	Dados acadêmicos	- comecei a estudar lá na zona rural em um sítio vizinho até a 3ª série. - só que quando eu entrei eu já sabia fazer meu nome que a minha mãe e o meu pai sempre me incentivaram aos estudos. - lá eu me sentia um pouco mais só, eu tinha até um receio de estudar a mais, tanto que eu nunca estudei demais lá. - nunca tive hábitos de leitura, eu nunca li um livro por prazer. - eu sempre fui um aluno que nunca dei dor de cabeça a ninguém, a nenhum professor.
	Dados sociofamiliares	-Tudo que meu pai tinha saía da agricultura. - A renda da família vem só minha avó que é aposentada e meu pai que trabalha na agricultura. - antes morava eu, meu pai e minha avó, minha mãe faleceu eu tinha 6 anos, no primeiro ano em que entrei na escola. - antigamente morava eu, dois primos meus, meu pai e minha avó e meu avô. - esses primos não seguiram o mesmo caminho, apesar de a gente ter vivido junto desde a infância, eles ficaram por lá mesmo. - A minha prima é da minha idade, mas já é casada, quando eu estava no segundo período ela ficou grávida, mas é aquela coisa de não ser planejada, aí ela acabou saindo de casa e foi morar com o marido dela. - fui para um povoado estudar o ensino fundamental até a 8ª série.
O processo de escolarização	No Ensino Fundamental.	- fui para um povoado estudar o ensino fundamental até a 8ª série.
	No Ensino Médio	- fui estudar o ensino médio em Quebrangulo que é uma cidade próxima, já é Estado de Alagoas. - sempre faltam muitos professores, tinha muita deficiência e eu senti muita falta de incentivo para os alunos fazerem universidade ou algum curso técnico, eu senti muita essa deficiência. - A maior dificuldade pra mim eu acredito que foi no ensino médio alguns colegas, não só os colegas, mas os professores, e até eu mesmo não confiar em mim. - Eu não sabia o que era o Enem, eu não estou querendo dizer que lá foi tudo péssimo não...mas lá faltou essa parte de comunicação, de informar que aquilo ali não era o final dos estudos. - a escola que eu estudava realmente não cobrava muita coisa e a pessoa ficava passivo. - Quando chegou ao último ano, o terceiro ano, eu parei de assistir novela para focar mais no Enem que eu sabia que o Enem era a chave da porta para eu chegar na Universidade. - Não tinha internet, então eram nos livros do ensino médio. - houve um programa chamado Pré-Enem e nós íamos todo sábado lá para escola e tinha aulas via satélite...quase ninguém queria e os que iam não davam a devida atenção, só eu mesmo. - eu estava querendo ir lá para essa escola que eu fiz o ensino médio exatamente para dar esse incentivo aos alunos.
	Na Universidade	-quando eu cheguei aqui eu não sabia o que era uma Universidade. - quando eu cheguei no primeiro dia eu olhava para o horário e perguntava: cadê o recreio? cada a merenda?

		<ul style="list-style-type: none"> - Eu não sabia que a Universidade funcionava dessa forma. - mesmo que se sabia que o Enem era a forma de entrar em uma Universidade, só que ninguém sabia o que era Universidade e que aqui em Garanhuns tinha uma Universidade de Agronomia. - Quando eu cheguei aqui em Garanhuns foi um choque de realidade porque lá não tinha muita cobrança, mas quando cheguei aqui eu sempre dei o meu melhor, eu estou sempre estudando tarde, estudando muito. - O impacto primeiramente foi com os professores...era para eles terem mais sensibilidade de saber que ali é o primeiro período e eles colocam o terror, ficam colocando medo. - também a questão de muita coisa para estudar, muito conteúdo...você tem que ser mais ativo, estudar bem mais. - aqui cada um é dono do seu próprio nariz e todos sabem se comportar melhor. O pessoal aqui tem mais responsabilidade. Um grupo de jovens com mentalidade totalmente diferente do que eu conhecia.
Os apoios	Concomitância trabalho/estudo	<ul style="list-style-type: none"> - quando ainda estava lá no sítio, indo e vindo todos os dias, trabalhava pela manhã pra poder juntar dinheiro pra poder pagar a passagem. - Eu trabalhava na agricultura, me virava lá, trabalhava para o pessoal e ganhava o dia X valor.
	Suporte acadêmico	<ul style="list-style-type: none"> - tive o incentivo de alguns professores, eles não falavam assim: - você consegue, mas você percebia que eles acreditavam em você. - eu fiquei sabendo que além do Enem tinha o SisU, o ProUni, esses programas do governo que colocam o estudante na Universidade, então foi dessa forma, sem muita orientação mas que eu cheguei aqui. - quando cheguei na residência melhorou bastante minha situação acadêmica em relação a estudar mais, a fazer trabalhos em grupo.
	Suporte afetivo	<ul style="list-style-type: none"> - estava no ponto de ônibus e um professor comentou com outro professor: - esse menino tem futuro. - Eu até hoje lembro: esse menino tem futuro.
	Suporte familiar	<ul style="list-style-type: none"> - os meus pais sempre disseram: - ah eu não queria que você ficasse na agricultura. - Foi a minha mãe que começou a me ensinar a escrever, tanto que quando eu cheguei na escola eu já sabia escrever meu nome, curtinho mas já sabia. - no início eu passei por dificuldades grandes mesmo, em relação ao transporte, à moradia, porque a minha família é de renda baixa, eu não tinha muitas condições. - para ajudar nas passagens, mas meu pai complementava, eu sempre recebia ajuda. - o meu pai nunca disse: - você vai faltar hoje para ir trabalhar. Isso ele nunca disse. - meu pai nunca me acompanhou, nunca foi a uma reunião dos pais, nunca pegou o meu boletim para ver como estavam as minhas notas, ele só chegava no final do ano e só fazia uma pergunta: - passou? - É difícil responder como minha família me ver, mas eu acho que eles sentem que eu fui diferente deles, não que eu seja melhor que eles, mas que eu só segui um caminho diferente. - acho que eles me veem como uma pessoa tranquila, estudiosa e que está no caminho certo. - eles me respeitam muito, eu respeito muito eles.

	Suporte comunitário	<p>- Lá todos achavam que o Enem era um bicho de sete-cabeças que ninguém passava e não via esse incentivo.</p> <p>- Esse ano eu pretendo ir lá e dizer o que é o Enem, o Enem não é nada, ainda tem o SisU, tem o ProUni, tem que se inscrever nesses programas, explicar a eles como é. Dar a informação que eu não tive.</p> <p>- Chegando o período do pessoal fazer o Enem, tinha uns alunos do terceiro ano que foram fazer essa prova e voltaram no mesmo carro que eu para o sítio, então eu ouvi eles falaram: - o Enem é difícil demais.</p> <p>- fiquei sabendo do Enem já no finalzinho do segundo ano. Foi fora do contexto escolar, porque foi um diálogo que eu ouvi no transporte em que estava.</p> <p>- têm vários programas que abrangem quase todo município, mas esses programas nunca chegam a meu sítio, porque fica muito longe da cidade.</p> <p>- eu sinto que esse sítio é um pouco esquecido quanto à assistência, à associação, é muito pobre nisso.</p> <p>- se eu terminasse a faculdade agora e fosse empreender alguma coisa agora, eu sei que teria uma barreira, porque o pessoal do sítio tem uma certa dificuldade em aceitar as coisas.</p>
	A escola como ascensão social	<p>-Eu sempre via o estudo como uma saída daquela situação.</p> <p>- eu fiquei sabendo que quando estivesse no terceiro ano teria que fazer esse Enem e é ele que pode levar uma pessoa para faculdade.</p> <p>- ela já sabia que os estudos eram uma forma de eu chegar onde eu queria, de eu ter um futuro melhor.</p> <p>- o que penso é terminar a faculdade, ter um emprego, ajudar a minha família.</p> <p>- ou era ir para enxada, ou ir para cidade grande e se virar lá como pedreiro ou ajudante, ou ir para uma faculdade, eu tinha esses três caminhos para ir.</p> <p>- Claro que nem todas as pessoas que se formam irão arranjar um emprego, irão atuar na área.</p> <p>- um concurso seria ótimo, mas só que você não pode ter apenas uma meta porque eu vejo o mestrado também muito importante.</p> <p>- no mestrado você vai se qualificar mais, você se arrumar um emprego terá um salário melhor.</p>
	Sentido atribuído ao conhecimento	<p>- Aqui eu tenho amigos que gostam de estudar, que buscam conhecimento.</p> <p>- Eu sempre tinha o pensamento assim, até onde der eu vou estudar.</p> <p>- acho de suma importância porque isso qualifica as pessoas.</p> <p>- de extrema importância um ensino superior porque agrega muito à pessoa, a pessoa adquire muito conhecimento, não só naquela área, mas só pelo fato de você conhecer outras pessoas, conhecer várias coisas.</p>
A condição de resiliência	Atitudes de superação	<p>- eu sabia que tinha a residência e tentei a primeira vez e não consegui, foi difícil, mas eu disse: eu vou continuar porque uma hora eu vou conseguir.</p> <p>- foi um ano todinho com essa despesa, foi bastante complicada, mas também serviu de incentivo.</p> <p>- você pensa: - eu quero chegar lá, então vou ter que continuar. Eu pensei em desistir, mas não dei ouvidos a esse pensamento.</p> <p>- lembro que um colega meu disse: - você não vai conseguir passar no Enem, eu tenho um primo que é mais inteligente que você, ela já fez tantos anos e nunca conseguiu</p>

		<ul style="list-style-type: none"> - Quando eu cheguei aqui na Universidade outro momento complicado foi a questão de vir todos os dias, ficar gastando dinheiro, de será que eu vou conseguir a residência? - tem que pensar assim: - se você quer mesmo, e você correr atrás você consegue, passa por dificuldade financeira, mas você consegue, é só você ter força de vontade. - Poder sair de casa, do interior, do sítio onde ninguém acredita que dali saiu um universitário que vai ser um profissional, que vai ser um agrônomo, que pode até ajudar aquela comunidade.
	Capacidades que atribui a si.	<ul style="list-style-type: none"> -Mas eu me sinto orgulhoso, eu percebi que evolui bastante, não só a partir de conhecimento, mas a partir da mentalidade. - não ter tanto preconceito, porque o pessoal do sítio, o pessoal do interior sempre tem um pouco e preconceito. - eu estou aqui e tenho uma mentalidade muito aberta a todos os assuntos. - eu respeito muito as pessoas, respeito muito as suas escolhas. - evolui tanto no conhecimento quanto na parte pessoal, de cidadão, de ser humano. - Eu tenho força de vontade. - eu pretendo mudar a minha família, mudar a vida, mudar a região - Eu tenho noção do que eu quero e tomara que consiga.

Apêndice 15 - Protocolo de entrevista à sétima estudante

E. 7 – Sofia

Data: 02-05-2018

Idade: 21 anos

Curso: Pedagogia

Período do curso: 4º

Profissão e escolaridade pai: agricultor/Fundamental I incompleto

Profissão e escolaridade mãe: agricultorA/Fundamental I incompleto

Entrevistadora: gostaria que me falasse um pouco de sua origem e do seu processo escolar inicial:

Estudante: eu sou de Murici, Alagoas só que a gente ficou morando numa cidade chamada Branquinha, comecei a estudar com 6 anos, eu não lembro qual a idade que eu tinha a gente se mudou pra outro lugar, porque a gente sempre foi pobre, na época a gente morava em umas terras que eu não sei explicar também e o dono das terras quis ocupar as terras com alguma coisa e a gente teve que se mudar pra outra cidade, essa cidade era zona rural, lá agente passou um tempo morando de aluguel, mas depois meu pai soube que tinha uma padaria não mais usada e a gente passou a morar lá, a casa não era uma casa, era tipo um vão e a gente colocou as camas, tinha o banheiro, graças a Deus, e só, tinha um espaço bom, mas não era dividido, então meu pai desde cedo teve que trabalhar ele não chegou a concluir nenhuma fase do ensino dele, sempre teve que morar na casa de outras pessoas também, porque os pais dele não tinham condições de sustentá-lo e a minha mãe perdeu a mãe dela muito cedo, infelizmente ela teve que sair de casa também, por causa disso ela não tinha lugar certo pra ficar, um tempo ela ficou na casa da irmã dela, mas aconteceram algumas coisas e ela teve que sair foi aí que ela conheceu meu pai. A relação deles não foi nada assim natural não foi ele que namorou ela, minha mãe estava assim desesperada e chegou pra ele e perguntou se queria morar com ela, essas coisas. Meu pai sempre bebeu também, ele batia nela, um tempo, mas graças a Deus isso mudou e as coisas foram acontecendo, eu fui crescendo, antes eu não entendia muita coisa, mas depois eu comecei a entender e a minha história de estudo, assim: eu estudava por obrigação, no começo eu estudava por obrigação, dos meus anos iniciais até a 5ª série era tudo maravilhoso, assim: brincar. A escola era para brincar, tinha estudo eu tirava notas boas e tal, mas era aquela coisa assim de fazer as provas por decorar, essas coisas. Foi na antiga 5ª série que eu tive assim que aprender a estudar de verdade, minhas notas não eram maravilhosas, mas também não eram as piores e eu fiquei por um tempo em casa. A gente tinha que estudar, aí aconteceu uma cheia e a gente teve que se mudar de onde a gente estava e era uma vilazinha muito distante de onde eu morava, há 90 quilômetros e o carro saía à tarde e só chegava à noite, era um pau-de-arara era cansativo, mas eu tinha que estudar porque era a perspectiva de um futuro melhor. Daí a gente ficou uns sete anos, foi quando aconteceu essa cheia e a gente se mudou pra Correntes agora, que é onde meus pais moram, foi em 2010. Por causa da cheia eu perdi o ano letivo, na sétima série, mas foi na sétima série que eu tive uma professora maravilhosa, ela mostrou a importância de estudar, não era só estudar por estudar, foi na sétima série que eu li meu primeiro livro e me apaixonei. E assim: eu sempre fui uma pessoa que queria agradar todo mundo, uma coisa que me marcou muito foi que as minhas amigas, não eram as minhas amigas, era as amigas das minhas irmãs e eu percebia que era mais ou menos excluída, eu era aceita por causa delas, e isso me magoava muito. Meu Deus, era horrível. Mas depois que eu mudei eu construí um ciclo de amizade que era só minha e tem uma que é muito especial, por que é a primeira amiga, a *friend forever*, que com fé em Deus nós vamos morrer amigas. Então essa professora me despertou e eu vi que era muito importante focar nos estudos também. Eu comecei a tirar notas muito boas graças a Deus, no ensino médio as notas continuaram boas, a convivência com as amigas foi muito melhor e para chegar aqui na faculdade foi bem difícil. Eu tinha medo de não conseguir e ficar no sítio, a gente mora no sítio, mas, nossa! é muito chato morar no sítio, então eu vim, me inscrevi, passei no Enem e era

muito dificultoso porque eu tinha que acordar muito cedo no sítio para poder pegar o carro às 6 horas nessa cidade que é onde a gente mora, assim o sítio é município de Correntes. Meu pai tem uma doença que é uma doença do coração chamada Chagas e é muito dificultoso porque ele teve que pedir uma moto emprestada pra estar me locomovendo e ele não podia, assim, o médico já disse a ele que ele não poderia estar dirigindo porque era perigoso, essas coisas. Eu tentei o ingresso aqui na residência, mas não consegui no primeiro momento, aí eu disse: - meu Deus e agora? O que é que eu vou fazer? não tinha o que fazer, então eu disse: eu vou continuar e com fé em Deus eu vou tentar no próximo período. A gente não tinha condição nenhuma, eu passei, assim, não tinha dinheiro para o lanche, eu já deixei até de tirar xérox pra comer. Eu achava muito, muito cansativo, mas o que eu pensava...o que eu comecei a compreender depois de um certo tempo, meus pais nunca tiveram oportunidade, meu pai sempre disse assim: estude, estude que pra mim vai ser uma honra se você se formar. – e eu sou a primeira, também, da minha família que graças a Deus teve a oportunidade de chegar aqui na faculdade e sempre que eu vou em casa, meu Deus, meu pai sempre me incentiva, e assim eu quero dar esse orgulho a eles.

Entrevistadora: como é sua relação com o curso?

Estudante: a minha relação com o curso no primeiro momento não era o curso que eu queria, era Psicologia, só que como eu estou no quinto período, e assim, eu acho que estou apaixonada pelo curso. Eu não pensava de ensinar, só quando criança porque era a única profissão que eu conhecia, depois que eu conheci outras profissões eu fiquei pensando: o que é que eu vou fazer da minha vida? Teve um tempo que eu pensei, mas depois eu disse: - não. Pesei as profissões e tal, eu quero ser psicóloga, só que não foi isso que aconteceu, nem está acontecendo, mas eu estou satisfeita com o curso de Pedagogia. Vou tentar o Enem de novo, não sei se eu vou conseguir fazer outro curso, mas assim, mesmo que eu passe eu não me vejo migrando para o curso de Psicologia não, acho que eu vou ficar Pedagogia.

Entrevistadora: qual a visão que sua família tem da escola?

Estudante: os meus irmãos mais velhos, a segunda mais velha saiu de casa com quinze anos, casou, fugiu e tal. Ela não terminou o ensino dela. A minha irmã mais velha casou, teve o filho dela e nem pensa em voltar a estudar, o meu irmão passou um tempo estudando, mas desistiu, aí sobrou eu e a irmã, assim que a visão que eles têm é que é bom, você precisa do estudo, mas eles não estudaram. Fatores tiraram eles da escola, mas acho que se eles tivessem uma oportunidade eles estudariam, é importante, a visão que todo mundo tem: - se você não estudar você não vai ter emprego, acho que é isso.

Entrevistadora: qual a melhor lembrança que você tem da escola?

Estudante: a melhor lembrança da escola que eu tenho é a convivência com meus amigos, com as minhas amigas, assim, tinha um professor, matérias ótimas que eu gostava, tipo Biologia era a minha matéria preferida no ensino médio, mas o que me marcou mesmo foi a convivência com as minhas amigas, por mim o que eu tinha na minha vida até hoje era essa convivência, claro que eu entendo que tinha passar pelo ensino médio, tinha que estudar, ver as matérias, mas o que gostei mesmo foi a convivência com as meninas, se eu pudesse eu voltaria.

Entrevistadora: e a lembrança não tão boa?

Estudante: a lembrança que não foi boa, não foi assim dentro da escola, foi uma época ruim, porque a minha mãe entrou em depressão um tempo e infelizmente como uma pessoa que entra na depressão ela tem várias fases e ela chegou até a tentar se matar e como só tinha eu e a minha irmã mais nova, como eu era a mais velha eu tinha que ficar com ela, então eu passei uns dias fora da escola para cuidar dela. Teve uma noite que meu pai não estava em casa, ele gosta muito da rua que eu e a minha irmã tivemos que nos revezar, assim, ela tinha pego uma faca e a gente não conseguiu tirar dela e a gente ficou acordada, eu mesma fiquei acordada até uma certa hora da noite para vigiá-la, pra ela não tentar nada contra a vida dela, em um outro momento foi a minha irmã, então isso me marcou muito, isso foi no segundo ano do ensino médio. Ela começava a dizer algumas coisas comigo que me machucavam muito, então foi assim, a época pior da minha vida porque eu pensei, fiquei com vontade de ir embora de casa, tinha muita vontade de ir embora e

eu não via a hora de sair, era uma coisa que me sufocava. Quanto mais coisa ela dizia, eu sabia que não era dela mesmo, sabia que era a doença, mas de qualquer forma, palavras ditas vão sempre machucar e eu me considero uma pessoa, ou idiota ou muito sensível, porque tudo que as pessoas falam fica na minha mente. Acho que é desde criança, porque eu sempre fui bulinada na escola, *bulying*, a garota magrinha, a garota do cabelo ruim, a garota feia, não sei o que, então eu acho que é isso, é disso também que vem a vontade de agradar todo mundo, vontade de ser aceita, a vontade de ter amigos, a pior época mesmo foi essa época da doença da minha mãe. Eu queria ajudar, mas não tinha como.

Meu primeiro momento na escola foi no sítio, na zona rural com seis anos, era um grupo pequeno acho que tinha só 1ª e 2ª série, o que eu lembro daquela época era a professora ensinando e que eu gostava de brincar, lá eu também sofria *bulying* mas era assim...acho que é uma obrigação, um momento de estudar mesmo.

Entrevistadora: você faz algum planejamento de estudo?

Estudante: meus pais nunca me ajudaram a fazer tarefa nenhuma da escola até mesmo notas assim, eles não chegavam para saber, isso nunca me incomodou não, eles não estarem presente, eu estudava na escola e poucas vezes em casa, era difícil estudar em casa, eu fazia os trabalhos mais as meninas no grupo e eu gostava muito porque tinha várias atividades extracurriculares da escola, que era assim peças que a gente ganhava pontuação, tinha as provas na época de provas que eu estudava, mas não estudava tanto.

Entrevistadora: qual a disciplina que você gostava?

Estudante: a disciplina que eu mais gostava era Biologia porque era assim, uma professora maravilhosa. Eu gostava de arte, de genética, dos conteúdos mesmo, tinha a parte do cálculo, mas a matéria que eu menos gostava, na verdade acho que não tinha uma que eu não gostava, o que eu não gostava era de uma professora, que era de matemática, que no meu primeiro ano eu sempre fui uma pessoa de perguntar muito, perguntava aos professores mesmo, questionava por que isso, eu não entendia então ia perguntar, teve um dia que minha professora estava estressada e me respondeu super, hiper, mega mal e eu fiquei muito envergonhada na classe e a partir desse dia eu parei de questionar. Eu tinha dúvidas e perguntava a minha colega do lado que tinha entendido melhor, mas eu não consegui ir até ela para perguntar.

Entrevistadora: o que poderia ter lhe tirado da escola?

Estudante: acho que foi o momento da doença da minha mãe, eu não sei, eu não queria, tinha dias que eu não queria ir para escola também, momentos eu sei lá...eu queria ficar com ela para protegê-la, mas também queria ir para escola para me refugiar, era difícil, eu pensei em ir embora, não sabia como ia, não sabia onde eu ia morar, mas era um momento que poderia ter me tirado da escola, foi esse. Aí depois que eu soube da história dos meus pais, porque no começo eu não entendia que eles eram pobres e tal, teve uma época que, assim, chega a ser engraçado quando eles contam agora, mas a gente vai refletir é uma coisa muito séria. O meu pai ele vendia picolé num carrinho pela rua e ele conta que teve uma época que ele não podia comprar um par de sandálias pra ele e ele pegava a sandália da minha mãe, tinha umas pessoas na rua que viam porque o pé dele é maior que o da minha mãe, então ficavam rindo dele por ele não ter esse dinheiro pra comprar, ele conta da época que a minha irmã adoeceu que ele não tinha o dinheiro pra comprar o remédio, então assim, o que eu penso? eu não quero passar por isso, dar um futuro melhor, dar uma base para os meus futuros filhos, com fé em Deus que eu vou ter, eu quero assim ajudá-los também.

Entrevistadora: e agora, nesse momento, o que poderia lhe afastar da Universidade?

Estudante: eu não sei, eu gosto de estudar, eu não me vejo ficar em casa, eu não me vejo ficando em casa e vendo o tempo passar, sem ter alguma coisa para fazer, acho que é isso. Por exemplo, nas minhas férias agora, sempre que eu tenho férias ficar em casa para mim é muito chato, não tem nada para fazer, tem as coisas de casa, mas não é a mesma coisa, então assim, eu faço de tudo para passar nas matérias, continuar e ter a minha profissão futuramente, trabalhar com fé em Deus, ter a minha casa, os meus filhos, é isso.

Entrevistadora: quais os planos para o fim do curso?

Estudante: meu plano imediato é ficar morando aqui em Garanhuns, alugar uma casa, arranjar um emprego, principalmente na minha área, um estágio, um contrato, algumas coisas para continuar morando aqui até que eu consiga um concurso pra poder viver mais essas coisas, mas eu não me vejo voltando para o sítio, morando em casa, voltando pra lá não.

Entrevistadora: qual a característica que você se atribui?

Estudante: é difícil essa pergunta, vou dizer o que me difere da minha irmã, a vontade de estudar, de continuar crescendo, de fazer um mestrado, um doutorado, de não só chegar e me casar para ter um marido que me sustente, porque é assim, uma coisa que eu coloquei na minha vida desde criança também, não depender de homem, é isso, eu não quero depender, acho que é isso que me diferencia dela, não sei das outras pessoas, a vontade de continuar, quero continuar, pensar em fazer um mestrado, um doutorado e estudar.

Entrevistadora: o que lhe fez suportar as dificuldades?

Estudante: Deus, eu sou evangélica e foi Ele que me sustentou em todos os momentos, foi ele que me deu forças. Eu acredito muito que Deus não deixa a gente sozinho em momento algum, é isso, eu sempre busquei Ele desde criança, eu gosto de orar, ficar na igreja, foi Deus que me sustentou mesmo, que me deu forças e também a vontade de não passar por aquilo que eles passaram em questão de dificuldades financeiras, tudo.

Entrevistadora: você quer dizer mais alguma coisa que gostaria de ver registrado na sua entrevista?

Estudante: eu acho assim, que se eu fosse dizer a uma outra pessoa que passou mais ou menos as dificuldades que eu, que é possível passar por isso, continuar caminhando um dia de cada vez, que a gente não vence tudo de uma vez assim, é difícil, tudo nessa vida é difícil, estudar é difícil, trabalhar é difícil, mas o que eu poderia dizer para uma pessoa que está passando dificuldade é que não desista tente mais uma vez, estude, que o estudo é a base, pra mim é a base de tudo, que eu vou ser uma professora com fé em Deus, eu pretendo inspirar os meus alunos de alguma forma, ajudar eles nas dúvidas, ajudar eles mesmo nas dificuldades em casa, tentar pelo menos, tentar e não desistir, porque se desisti né, nunca vai chegar a lugar nenhum.

Apêndice 16 - Categorização da entrevista à sétima estudante

Categorias	Subcategorias	Unidades de registro
Perfil do entrevistado	Dados pessoais	<ul style="list-style-type: none"> - Eu sou de Murici, Alagoas só que a gente ficou morando numa cidade chamada Branquinha. - eu sou evangélica. - eu sempre fui uma pessoa que queria agradar todo mundo. - e eu sou a primeira, também, da minha família que graças a Deus teve a oportunidade de chegar aqui na faculdade.
	Dados acadêmicos	<ul style="list-style-type: none"> - Meu primeiro momento na escola foi no sítio, na zona rural com seis anos. - era um grupo pequeno acho que tinha só 1ª e 2ª série. - no começo eu estudava por obrigação. - eu sempre fui bulinada na escola, <i>bulying</i>, a garota magrinha, a garota do cabelo ruim, a garota feia. - O que poderia ter me tirado da escola acho que foi o momento da doença da minha mãe. - tinha dias que eu não queria ir para escola também, momentos eu sei lá. - mas também queria ir para escola para me refugiar, era difícil.
	Dados sociofamiliares	<ul style="list-style-type: none"> - a gente sempre foi pobre. - A gente não tinha condição nenhuma, eu passei, assim, não tinha dinheiro para o lanche. - a gente morava em umas terras que eu não sei explicar também e o dono das terras quis ocupar as terras com alguma coisa. - a gente teve que se mudar pra outra cidade, essa cidade era zona rural - meu pai soube que tinha uma padaria não mais usada e a gente passou a morar lá, a casa não era uma casa, era tipo um vão. - meu pai desde cedo teve que trabalhar ele não chegou a concluir nenhuma fase do ensino. - sempre teve que morar na casa de outras pessoas também, porque os pais dele não tinham condições de sustentá-lo. - a minha mãe perdeu a mãe dela muito cedo, infelizmente ele teve que sair de casa também, por causa disso ela não tinha lugar certo pra ficar. - A relação deles não foi nada assim natural não foi ele que namorou ela, minha mãe estava assim desesperada e chegou pra ele e perguntou se queria morar com ela. - Meu pai sempre bebeu também, ele batia nela, um tempo, mas graças a Deus isso mudou. - Os meus irmãos mais velhos, a segunda mais velha saiu de casa com quinze anos, casou, fugiu e tal. - A minha irmã mais velha casou, teve o filho dela e nem pensa em voltar a estudar. - meu irmão passou um tempo estudando, mas desistiu. - O meu pai ele vendia picolé num carrinho pela rua. - ele não podia comprar um par de sandálias pra ele e ele pegava a sandália da minha mãe. - umas pessoas na rua que viam porque o pé dele é maior que o da minha mãe, então ficavam rindo dele para comprar. - ele conta da época que a minha irmã adoeceu que ele não tinha o dinheiro para comprar o remédio.

O processo de escolarização	No Ensino Fundamental.	<ul style="list-style-type: none"> - meus anos iniciais até a 5ª série era tudo maravilhoso, assim: brincar. - eu tirava notas boas e tal, mas era aquela coisa assim de fazer as provas por decorar. - Foi na antiga 5ª série que eu tive assim que aprender a estudar de verdade, minhas notas não eram maravilhosas, mas também não eram as piores e eu fiquei por um tempo em casa. - Por causa da cheia eu perdi o ano letivo, na sétima série. - foi na sétima série que eu li meu primeiro livro e me apaixonei.
	No Ensino Médio	<ul style="list-style-type: none"> - no meu primeiro ano eu sempre fui uma pessoa de perguntar muito. - teve um dia que minha professora estava estressada e me respondeu super, hiper, mega mal. - fiquei muito envergonhada na classe e a partir desse dia eu parei de questionar. - Eu tinha dúvidas e perguntava a minha colega do lado que tinha entendido melhor.
	Na Universidade	<ul style="list-style-type: none"> - para chegar aqui na faculdade foi bem difícil. Eu tinha medo de não conseguir e ficar no sítio. - era muito difícil porque eu tinha que acordar muito cedo no sítio pra poder pegar o carro às 6 horas. - no primeiro momento não era o curso que eu queria.
Os apoios	Concomitância trabalho/estudo	<ul style="list-style-type: none"> - ficar em casa para mim é muito chato, não tem nada para fazer, tem as coisas de casa, mas não é a mesma coisa.
	Suporte acadêmico	<ul style="list-style-type: none"> - na sétima série que eu tive uma professora maravilhosa, ela mostrou a importância de estudar, não era só estudar por estuda. - Meus pais nunca me ajudaram a fazer tarefa nenhuma da escola. - eu estudava na escola e poucas vezes em casa, era difícil estudar em casa. - eu fazia os trabalhos mais as meninas no grupo.
	Suporte afetivo	<ul style="list-style-type: none"> - A melhor lembrança da escola que eu tenho, a convivência com meus amigos, com as minhas amigas. - por mim o que eu tinha na minha vida até hoje era essa convivência. - Eu acredito muito que Deus não deixa a gente sozinho em momento algum, é isso, eu sempre busquei Ele desde criança. - foi Deus que me sustentou mesmo, que me deu forças.
	Suporte familiar	<ul style="list-style-type: none"> - meu pai sempre me incentiva, e assim eu quero dar esse orgulho a eles. - meu pai sempre disse assim: estude, estude que pra mim vai ser uma honra se você se formar. - Meu pai tem uma doença que é uma doença do coração chamada Chagas e é muito difícil porque ele teve que pedir uma moto emprestada pra estar me locomovendo.
	Suporte comunitário	<ul style="list-style-type: none"> - a gente mora no sítio, mas, nossa! é muito chato morar no sítio.
	A escola como ascensão social	<ul style="list-style-type: none"> - eu tinha que estudar porque era a perspectiva de um futuro melhor. - eu faço de tudo para passar nas matérias, continuar e ter a minha profissão futuramente, trabalhar com fé em Deus, ter a minha casa, os meus filhos, é isso. - Meu plano imediato é ficar morando aqui em Garanhuns, alugar uma casa, arranjar um emprego, principalmente na minha área. - um estágio, um contrato, algumas coisa para continuar morando aqui até que eu consiga um concurso pra poder viver mais essas coisas, mas eu não me vejo voltando para o sítio, morando em casa, voltando pra lá não.

		<ul style="list-style-type: none"> - a vontade de estudar, de continuar crescendo, de fazer um mestrado, um doutorado, - não só chegar e me casar para ter um marido que me sustente. - uma coisa que eu coloquei na minha vida desde criança também, não depender de homem, é isso, eu não quero depender.
	Sentido atribuído ao conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> -eu gosto de estudar, eu não me vejo ficar em casa.
A condição de resiliência	Atitudes de superação	<ul style="list-style-type: none"> - A gente tinha que estudar, aí aconteceu uma cheia e a gente teve que se mudar de onde a gente estava e era uma vilazinha muito distante de onde eu morava, há 90 quilômetros e o carro saía à tarde e só chegava à noite, era um pau-de-arara era cansativo. - uma coisa que me marcou muito foi que as minhas amigas, não eram as minhas amigas, era as amigas das minhas irmãs e eu percebia que era mais ou menos excluída, eu era aceita por causa delas, e isso me magoava muito. - Eu tentei o ingresso aqui na residência mas não consegui no primeiro momento, aí eu disse: - meu Deus e agora? O que é que eu vou fazer? não tinha o que fazer, então eu disse: eu vou continuar e com fé em Deus eu vou tentar no próximo período. - a minha mãe entrou em depressão um tempo e infelizmente...e ela chegou até a tentar se matar. - eu tinha que ficar com ela, então eu passei uns dias fora da escola para cuidar dela. - eu e a minha irmã tivemos que nos revezar, assim, ela tinha pego uma faca e a gente não conseguiu tirar dela e a gente ficou acordada, para vigiá-la, pra ela não tentar nada contra a vida dela. - Ela começava a dizer algumas coisas comigo que me machucavam muito. - a época pior da minha vida porque eu pensei, fiquei com vontade de ir embora de casa, tinha muita vontade de ir embora e eu não via a hora de sair, era uma coisa que me sufocava. - Quanto mais coisa ela dizia, eu sabia que não era dela mesmo, sabia que era a doença, mas de qualquer forma, palavras ditas vão sempre machucar e eu
	Capacidades que atribui a si.	<ul style="list-style-type: none"> -me considero uma pessoa, ou idiota ou muito sensível, porque tudo que as pessoas falam fica na minha mente. - É difícil essa pergunta, vou dizer o que me difere da minha irmã - eu gosto de orar, ficar na igreja. - a vontade de não passar por aquilo que eles passaram em questão de dificuldades financeiras.

Apêndice 17 - Protocolo de entrevista ao oitavo estudante

E. 8 – Brás

Data: 07-05-2018

Idade: 24 anos

Curso: Agronomia

Período do curso: 7º

Profissão e escolaridade pai: agricultor (boia fria)/não alfabetizado

Profissão e escolaridade mãe: agricultora/não alfabetizado

Entrevistadora: gostaria que me falasse um pouco de sua origem e anos iniciais na escola?

Estudante: eu nasci em São Paulo, eu e meus três irmãos, mas só que minha mãe e meu pai moravam aqui em Pernambuco, na cidade de Amaraji, na Zona da Mata, a 96 quilômetros da capital que é Recife, aí morava aqui, aí minha mãe tinha muitos irmãos e como antigamente o pessoal ia muito pra São Paulo pra tentar a vida, os tios fizeram isso, os meus tios mais velhos, aí eles foram pra São Paulo e foram levando os irmãos, até que foi minha mãe e meu pai pra São Paulo, só que antes de ir meu irmão mais velho já tinha nascido em Pernambuco, um ano depois eu nasci lá, com mais dois anos nasceu outra irmã, como mais dois anos nasceu outra irmã, aí quando eu tinha seis anos, meu pai era alcoólatra, não era um bom exemplo, tanto como marido, como pai. E meu irmão mais velho quando tinha quatro anos, o meu pai tinha outra mulher e meu irmão mais velho disse alguma coisa com essa mulher e meu pai não gostava dele e deu uma pisa nele que quase mata, aí minha mãe via que meu pai não gostava dele e começou a se preocupar, porque cada pisa...e teve uma vez que ele deu uma pisa que cortou as costas do meu irmão todinha. Aí foram todos os irmãos da minha mãe pra lá, só ficou uma que me criou aqui em Amaraji, aí a minha mãe lá em São Paulo falou com ela pra ela criar o meu irmão mais velho porque estava vendo a hora de meu pai matar ele, quando bebia né? Refém do álcool na verdade, acredito que ninguém em sã consciência a não ser por alguma droga não seja entusiasmado a fazer isso, a maltratar um filho, uma mulher, uma esposa, um namorado, seja lá o que for, mas enfim, meu irmão veio, só que quando foi uns dois anos depois eu estudava a alfa série, aí todo dia meu pai ia trabalhar, trabalhava como cambista em São Paulo, eu tinha cinco anos e era o único que estudava, minha mãe ia me levar e buscar na escola, uma rotina normal. O outro irmão encostado a mim, tinha três, e o outro era recém-nascido, não tinha nem um ano ainda. Aí quando a gente vinha, minha mãe foi me buscar na escola, aí quando a gente vinha atravessando uma BR, uma pista, aí vinha um cara em uma moto roubada e bateu na gente, aí tinha eu, minha mãe e minha prima que era vizinha nossa que eu estudava junto com ela. Minha mãe morreu na hora, bateu a cabeça nuca, eu só tive uns arranhões, mas não tive nada, só desmaiei, minha prima era uma criança também de seis anos, da minha idade e pegou trinta e sete pontos na cabeça, abriu e minha mãe não teve um arranhão, só bateu a nuca. Você imagina a cabeça de uma criança de seis anos com trinta e sete pontos na cabeça, abriu a cabeça da minha prima, a gente pensou que ela ia morrer também, mas graças a Deus não morreu. Conta a minha tia que antes da minha mãe morrer ela já dizia: - Maria quando eu morrer tu vais cuidar dos meus filhos. - ela era a mais nova, a caçula das irmãs, de todos os irmãos minha mãe era a caçula. - deixa de besteira, para de dizer isso. A minha tia dizia isso. Só que ela já estava criando o mais velho, aí, enfim, minha mãe morreu e tia foi pra São Paulo, aí meu pai queria distribuir a gente para as irmãs dele, porque ele era alcoólatra, tinha o dinheiro da indenização para gastar com cachaça, com mulheres também, aí enfim, minha tia pediu e ele assinou a tutela, a guarda, tudo direitinho, foi assim que a gente foi parar aqui em Amaraji, porque minha tia morava aqui, três dias de ônibus, eu e meus três irmãos e outro já morava aqui. A gente veio e começou a vida aqui em Pernambuco, criados pelo meu tio e minha tia, você imagine, eram dez filhos em uma casa, contando com os seis dele, meu irmão que já estava e mais três irmãos, eram no total cinco meninas e cinco meninos, as meninas eram mais velhas, aí já conta a infância de dez filhos em uma casa,

com um marido só, que era o nosso tio, cortando cana. A renda era pouca não dava, na época o salário era trezentos e pouco e o trabalho no corte da cana não é fácil, tanto por que o filho mais velho deixou de estudar para trabalhar, porque não dava a conta. Gostava de trabalhar mesmo e ia trabalhando, saía de três e meia, quatro horas da madrugada para cortar cana, aí chegava de nove, dez horas, aí tinha os cavalos, aí ia cambitar, você sabe o que é cambitar não né? Cambitar é colocar umas cangalhas em um cavalo e carregar lenha pra os outros, aí chama cambitar, ou cana para algum fazendeiro que não fosse da usina, para ter uma renda extra, era assim a rotina o dia todinho, se matava de trabalhar e muitas vezes não tinha nada, tinha pra gente, mas pra ele não tinha nada, porque meu pai, beber. O meu pai ele veio de São Paulo pra minha cidade, arrumou uma mulher que ele já tinha namorado antes da minha mãe e está com ela até hoje, acho que ele pegou a tutela dos filhos dela, deu a nossa e pegou a dos filhos dela, mas ele era muito alcoólatra ainda, e assim quando a gente era novo, tinha nove, dez, onze anos, minha tia pedia e também porque precisava ir atrás dele, atrás de dinheiro pra ajudar com escola, com lanche, porque não tinha como, não tinha caderno e se meu pai era vivo...eu não entendia, eu era o que falava muito, ele não gostava de mim não, ele dizia que se tivesse de voltar pra criar os filhos ele queria os três menos eu, que eu era muito problemático pra ele. Hoje eu tenho uma cabeça madura, ele era alcoólatra e eu falava muito, a mulher dele até hoje gosta não gostando de mim, porque eu jogava, você não tem pra gente, mas tem pra sua família, mas na verdade nem pra lá ele tinha, porque na verdade o dinheiro dele era só pra pagar cachaça em bar, enfim até que ele deixou de ser alcoólatra, a gente conversa mas não tem aquela amizade, nunca teve a relação de pai e filho, aí a gente foi crescendo, meu tio trabalhando feito doido, tendo em vista isso a gente começou a se virar desde pequeno também, eu nunca gostei de estar pedindo, de tirar o dinheiro de uma água, de uma energia, de um feira, pra gente, aí meu irmão mais a gente cuidava do cavalo dele, foi uma peleja, a gente nunca passou fome graças a Deus, e nunca deixaram a gente ver, mas já ficaram sem comer uma refeição, ficou sem comprar roupa pra investir em educação, pra gente poder estudar, tanto a gente como os filhos biológicos dele mesmo, aí a vida foi pra frente, foi crescendo e estudando, crescendo e estudando, na medida que ia estudando foi fazendo algumas coisas pra ter a independência, com onzes, doze anos eu carregava frete, sabe o que é carregar frete? Carregar feira do povo na feira com um carro de mão que era pra ter o dinheiro de pelo menos comprar uma sandália, jogar o vídeo game, essas coisas que criança gosta, a gente levou a vida assim, sempre a educação que a gente recebeu não era uma educação imposta, você não tem que fazer isso, era a educação que eu pretendo educar meus filhos, mostrar o certo e o errado e deixar a pessoa seguir, porque nem sempre o que é certo pra mim pode ser certo para o outro, o que é errado pra mim, pode ser certo para você. Por a gente ser homem também, lá teve essa tradição: homem pode, mulher não pode, aí tinha até briga com as meninas porque para ir pra festa na rua com treze, quatorze anos a gente estava de dentro e as meninas não podiam porque era mulher, esse machismo que a sociedade já impôs né? Aí teve essa flexibilidade, mas sempre alertado do que era certo do que era errado, mas assim, pela história de vida eu podia ser qualquer um marginal que poderia ter ficado em São Paulo, entrado em qualquer vida mais fácil, e lá também nunca chegou ninguém pra apresentar droga porque não tinha tanto essa facilidade de ganhar dinheiro e particularmente, pela educação que a gente recebeu acho que a gente não...eu, particularmente acredito que eu não entraria, principalmente porque quando eu tinha por volta de nove, dez anos eu conheci a música, eu entrei na banda da cidade, aí minha ocupação era tocar, tanto é que eu queria ser músico, ser músico assim, ganhar a vida com música. No ensino médio eu comecei a estudar na cidade comecei a me interessar, nisso a vida já tinha melhorado, melhorado entre aspas, porque à medida que o tempo vai passando as filhas começaram a casar e sair de casa, aí vai diminuindo, né? a concentração de pessoas por cômodo, era três quartos, mas um quarto era de tio e de tia, do casal, e os dois quartos era para cinco meninas e cinco meninos e o quarto não era essas coisas não, a casa foi ampliando com o tempo, um filho foi trabalhando, arrumando emprego, dando ajuda. A mais velha andava muito, acabou que minha tia criou a neta até seis, sete anos ainda, aí era essa peleja.

Entrevistadora: e sobre o percurso escolar?

Estudante: eu vou falar da música, porque foi um divisor de águas na minha vida, do caráter de homem que eu vim ter hoje, eu acho que o que faz o homem que você é são as coisas que você viveu, aprendeu e

as influências que você teve no passado, e uma coisa que me fez colocar no eixo foi a música, porque ainda sou mais ou menos, acho que não sou tanto, porque pela pancada da vida de você perder a mãe com seis anos de idade, é assim perder uma infância, de não ser criado, por mais amor que tio e tia deram a gente, é tanto que meu irmão chama de pai e de mãe, mas a gente conviveu mais com mainha e painho, então chamava de tio e de tia. Por mais amor que queira como filho, a gente ficava olhando as outras primas pedindo a benção à mãe, aquele contato de mãe isso machucava, eu era uma pessoa e mais ou menos eu penso assim, que não visava o amanhã, eu nunca me interessei em fazer faculdade, eu vou contar como cheguei na Universidade, mas eu nunca tinha me interessado, porque meu interesse era no hoje, porque amanhã vai acontecer um acidente, morre e...tem um episódio que eu não consigo juntar dinheiro, eu não consigo juntar dinheiro justamente porque eu não consigo ver o amanhã, se eu tiver pra gastar hoje eu vou gastar hoje. É uma consequência? É uma consequência, se é boa ou ruim eu acho que eu estou vivendo é para aprender, né? Aí pronto eu tive uma infância assim, e a música era esse meu entretenimento, foi uma coisa que eu quis olhar, pronto vou ser músico, vou ser alguma coisa na vida, porque até então era um moleque bagunceiro da cidade mesmo que dava trabalho na escola, assim dava trabalho porque eu bagunçava, mas estudava direitinho até que eu nunca reprovei, aí entrei no ramo da música, estudava pela manhã no ensino médio, estudava na cidade, só que no dia que eu entrei na banda o professor foi demitido, aí eu peguei um instrumento, peguei uma apostila e fui estudar, aí tinha os meninos que sabiam mais uma coisinha e eu ficava perguntando. O professor que foi demitido morava no cabo de Santo Agostinho, aí ele disse: - olha a escola daqui vai abrir matrícula, por que vocês não veem fazer aqui. – Era eu e mais dois, e o dinheiro? - A gente dar aula particular de música e pega o dinheiro para ir para o Cabo. Aí a gente começou dar aula particular, que era o dinheiro certinho de ir, só quando a gente chegou no cabo era a formação inicial da música, o professor viu a gente e como a gente já dava aula, já sabia tudo, na hora que a gente começou no primeiro período já foi pra o último pra se formar, só que nesse período de se formar o presidente da banda conheceu uma deputada, que conseguiu seis bolsas de estudo no Conservatório Pernambucano de Música, mas tinha que fazer as provas, aí a gente foi fazer os testes, aí passei, como eu passei no Conservatório Pernambucano de Música eu deixei o Cabo, porque não tinha condição de estar pra lá e pra cá, em consequência disso eu tive que mudar o horário do curso do ensino médio, fazia o primeiro ano de manhã aí fui para o segundo, metade do segundo ano eu já fui fazer a noite. À noite, ensino médio de escola pública, ninguém estuda, era só quem não queria estudar mesmo, em consequência disso eu fui influenciado, aí eu perdi o gosto de estudar assim de ser aquele cara estudioso, tanto porque já estava estudando música, acha que música...enfim, nesse processo eu já tinha quinze, dezesseis anos, já fui ficando velho e trabalhava em um banco de uma madrinha minha, baco de feira, ela vendia bacía, copo, aí eu trabalhava no banco pela manhã e ela me dava quinze reais, os quinze reais não da passagem, aí eu ia, tanto quando eu ia para o Cabo quando eu ia para o Recife, no ônibus do SUS que leva os doentes de madrugada, coincidentemente, graças a Deus, providencialmente, o dia o ônibus era um dia de aula, quando eu estudava no Cabo para ir para o Cabo eu tinha que sair de Amaraji pra Escada, Escada, Cabo, isso dava em volta, na época na faixa de quinze a vinte reais, duas vezes na semana aí já era inviável, o que era que eu fazia? Eu e meus colegas, a gente ia de madrugada no ônibus do SUS de 3h30 da manhã, ficava no Imip esperava amanhecer quando amanhecida a gente ia pra o metrô pegava a integração que ficava no Cabo e gastava só 1,25, aí era nossa salvação. Chegava na hora da aula, quando o ônibus passava na BR 101 a gente falava com o motorista e ia de pé do centro até a pista, quando não, a gente tinha o dinheiro de voltar antes aí a gente volta, na maioria das vezes a gente pegava o mesmo trem, integração, ficava no Imip, esperava até 19h horas da noite pra o ônibus voltar. Quando foi para o Conservatório era a mesma coisa, aí fui passando de nível no Conservatório e me formei em iniciação musical e comecei o curso preparatório, só que no curso preparatório aí já era dois dias de aula, em dias que o ônibus não ia, eu não tinha ninguém mesmo no Recife, não tinha quem me ajudasse, nem nada, aí eu desisti, desisti não, tive que parar. Tem até m episódio engraçado no Conservatório: quando a gente estudou foi com bolsa, a bolsa era só de um ano e a gente não sabia, aí se matriculou e estudou mais seis meses, aí quando eu fui se matricular de novo, aí disseram tem que renovar a bolsa e ainda por cima você está devendo seis meses, só que na época a mensalidade era vinte ou trinta reais, seis meses deus duzentos e pouco, aí eu fiz um acordo. O semestre que eu fiquei devendo

foi de julho a dezembro, aí como início do ano tem carnaval, carnaval é a hora de a gente ganhava na orquestra um dinheirinho, aí eu fiz um acordo aí o cara fez um termo para eu quitar a dívida até depois do carnaval, aí eu peguei e não estudei mais. Eu consegui um emprego, fazia bico também, qualquer coisa que pintasse pra ganhar dinheiro eu estava fazendo, até plano de funerária eu vendi na cidade, aí depois eu comecei a trabalhar, eu participava das coisas da igreja, aí o padre estava precisando de um ajudante de secretário, aí eu fui trabalhar na secretaria da Paróquia, aí passei dois anos lá, aí depois a menina foi demitida e eu fiquei ganhando um salário, um salário trabalhando, então a vida pra mim estava boa, aí eu fiz o Enem, eu fiz o Enem não foi nem pra passar, foi mais pra não trabalhar no sábado, não estudei, não fiz nada, eu tentei desprestencionalmente mesmo, eu terminado em 2011 o ensino médio, era 2016, esse tempo todinho em estudar, eu cheguei a fazer Matemática pelo Ifpe, em um polo à distância, aí era à distância, eu não sou um cara estudioso, eu sou meio preguiçoso aí curso à distância exige muito de você, eu tinha minhas atividades da igreja e outra atividades com a banda, eu não tinha tempo de estar no computador até porque era um computado para um molho de gente dentro de casa, aí passei um semestre, fiz uma cirurgia de hérnia aí desisti.

Entrevistadora: e como foi a preparação para o ingresso à Universidade?

Estudante: passei no Enem e foi um divisor de águas, em 2016 ainda estava começando a crise do desemprego no Brasil, né? Aí eu ganhava um salário mínimo ajudava em casa, meu irmão fazia bico, o emprego na barraca de bacia na barraca da minha madrinha foi hereditário, um irmão saía e entrava outro, aí meus irmãos sempre foram muito inteligente, mais inteligente do que eu, terminou o ensino médio aí começou a dar aula de reforço, o meu irmão mais novo, a maioria dos professores conhecia a história da gente, aí ficavam admirados porque pra cálculo a gente tinha uma facilidade e os professores ficavam elogiando, e meu irmão se destacou a um ponto que ele começou a dar aula, um professor ia faltar aí pedia pra ele dar uma aula, aí ele fez o curso de matemática, até o curso de matemática foi hereditário, eu sai e ele começou, está pra se formar e o outro mais novo também está no mesmo curso, aí hoje ele tem o curso de reforço dele, de vez em quando pego um programa do governo Mais Educação e com isso ele começa ajudando em casa né? Um pago uma água, um paga a energia, um ajuda em uma feira, um paga o gás. O meu irmão mais velho foi para São Paulo, porque um dos meus tios vem no fim de ano, aí em uma dessas vindas, meu irmão já estava ficando velho e trabalhava carregando os bancos da feira no final da feira, aí ele e o meu irmão mais velho que é o filho biológico do meu tio, também estava meio desempregado, a situação estava ruim, aí ele também chamou pra ir pra São Paulo, aí eles foram e estão lá até hoje, ele ficavam mandando dinheiro pra ajudar. Acabou que em casa só ficou tio, tia e meus três irmãos, aí foi ajudando, graças a Deus a casa foi aumentando, colocou cerâmica, foi ajeitando, aí tio gostava de trabalhar muito, eu vim pra cá. Só que com interior, cidade pequena, as filhas acabam morando uma perto da outra, então na hora do almoço, hora da novela, está todo mundo junto, a família cresceu. Quando eu vim pra cá, eu deixei o emprego, aí tia ficava perguntando: tu vai viver de quê lá? Tu conhece alguém lá? Aí pra você como as coisas são, eu não conhecia ninguém aqui, o único contato que eu tinha era de um colega, mas só era contato de internet, aí quando eu postei que tinha passado em Garanhuns, aí ele disse assim: olha tu vai fazer a matrícula, se tu vim eu te levo na faculdade, porque tu não vai saber onde é. Aí eu disse: beleza, mas eu não sei se vou fazer não. Eu só postei porque lá estava havendo essa febre por “fera 2016” aí eu postei, até quando eu postei eu coloquei: não vou cursar, mas só para dizer que eu sou fera. Brincando, eu nem gosto dessas coisas, mas meus irmãos ficaram falando, aí surgiu um monte de comentário de colegas meus que deixaram o emprego para estudar, aí uma menina colocou um comentário que me deu a vontade de vim fazer a matrícula. – o período de matrícula é muito curto, mas você tem trinta dias para decidir se vai estudar, então faça a matrícula e decida, aí foi o que eu fiz, eu vou embora, está aqui ganhando um salário, eu não vou crescer em nada porque o dinheiro eu gastava muito, bebia, ajudava em casa, e eu gosto de viver só, não que longe da família, mas consequência, né? Eu vivia rodeado de gente, mas na minha cabeça eu era só, eu estava ali tudinho, pela perda não tinha lembranças nítidas, mas tem lembranças vagas que ficam acompanhando a pessoa durante a vida, e pra sempre a gente tem que aprender a conviver com isso e principalmente não passar pra ninguém, isso é uma das virtudes que eu tenho em mim é meus

problemas levar pra mim, não levar pra escolar, pra faculdade, não levar pra trabalho, não levar pra nada, e a gente tem que ter bem resolvido aqui na mente, também, né? E nas emoções, tanto que eu falo e nem parece que é uma história triste, porque eu aprendi a conviver com isso, eu aprendi a viver assim, não era toda vez que...eu contava muitas vezes a história, que minha mãe morria e muitas vezes senta culpa muitas vezes, a grande parcela que fez eu mudar esse sentimento de culpa pra saudade, porque eu tinha culpa que se eu não tivesse ido pra escola ele não teria ido me buscar, eu tinha culpa porque poderia ser eu e não ia fazer muita falta pra os meus irmãos, tem todo esse processo que fica na cabeça de uma criança, que se você não tiver algo pra se pegar você endoida na vida, vira um criminoso, vira u bandido, tira sua própria vida, some na vida e acaba dando mais sofrimento aos seus, foi a igreja, né? Que deu esse divisor assim né? Eu entrei na igreja com quatorze, quinze anos, as atividades da igreja, oração, sentimento essas coisas, aí foi saindo esse sentimento de dor e ficou o sentimento de saudade. Eu nunca demonstrei, meu choro sempre foi embaixo dos lençóis, eu nunca demonstrei mesmo, só depois que fui pra igreja, o cara vai chorando, acho que eu queria mesmo um lugar pra chorar a vontade, então o colo de Deus aí vai consolando, aí vim pra cá, eu disse eu vou fazer alguma coisa na vida, vou tentar uma graduação e eu nem sabia o que era agronomia, um dia antes de começar as aulas, aí eu não tinha ninguém pra morar, aí me colocaram num grupo e eu coloquei lá: - quero uma casa pra dividir, aí um menino entrou em contato, aí eu fui morar com o menino, aí eu vim na perspectiva de que tinha o seguro desemprego, o dinheiro do FGTS foi para as custas daqui, o primeiro aluguel e o que me manteve os cinco primeiros meses do primeiro período foi o seguro desemprego, ajudava em casa e pagava aqui o aluguel e fui vivendo, a perspectiva era o que? Antes de eu vim eu peguei tudo quanto era de papel na hora da matrícula e fui ver, bolsa, residência estudantil, apoio, que era onde eu ia me apegar, foi o período que eu fiz a seleção da residência e fui bem sincero na hora da seleção, sincero no sentido de quê? Eu vim, tenho uma moto, se você for lá em casa você vai ver que tá grande hoje, tem cerâmica, cerâmica era artigo de luxo, a gente nem pensava ter, eu fui bem sincero e disse: - se eu acabar com o meu seguro e não tiver nada aqui, eu não tenho quem mande um real pra eu comprar uma água, então vou embora com uma mão na frente e outras atrás. Eu não dei um tiro no escuro porque eu vim na fé, eu acredito muito em Deus, aí acabou o seguro em um mês e eu já recebi a bolsa, estou aqui até hoje. No segundo período eu já vim na residência. Eu fiz meus melhores amigos na igreja, no ano que eu vim em 2016, eu vim em março e assassinaram ele em fevereiro, aí eu já vim meio assim... aí em outubro do ano passado nosso pai que me criou estava no sítio e tem uma festividade lá: corrida de carrinho de mão, ele estava voltando e subiu em um pé de jambo, caiu. Bateu a cabeça e morreu, agora, fez seis meses ontem, aí a família foi aquele desespero todinho, a gente já está encaixado com o peso e na hora tem que ser forte. Eu fui pra um congresso em Foz do Iguaçu, eu e meu colega de quarto, aí a gente chegou do congresso na quinta-feira, aí como o aeroporto é perto de casa, a gente passa o fim de semana em final, aí quando foi para o sítio eu fui apresentar uma pedra bem famosa a ele e quando eu voltei meu tio já tina caído estava no hospital, mas já estava morto com traumatismo craniano, mas foi também pela ineficiência no atendimento do SAMU e pra viver vegetando eu não desejo pra vida de ninguém. Ele estava muito feliz, ia se aposentar em março, já estava fazendo plenos de comprar um roçado, ir pra São Paulo, aí a minha tia ficou muito abalada e se sentia culpada porque ele pediu pra ele tirar jambo para levar para casa. Na hora eu tive aquele baque, mas eu disse a meu irmão: olha quem vai ter que segurar a rédea é a gente, porque as meninas e tia não vai ter...na hora foi aquele desespero, você ver seu pai bem e de uma hora pra outra...tanto é que semestre passado teve uma flexibilidade muito grande dos professores, porque eu já tina perdido uma semana de aula devido a viagem ao congresso e passei em casa mais um mês, eu praticamente perdi o primeiro semestre por questão de falta eu já tinha reprovado, mas os professores devido a situação não me deram a falta e graças a Deus eu só fui pra uma final, consegui recuperar por esse controle emocional que eu tenho, e eu fiquei o mês em casa dando assistência por que meus irmãos precisavam trabalhar e tia estava numa situação... quando ela estava se recuperando o irmão dela em São Paulo fez uma cirurgia no coração, uma cirurgia delicada e antes de receber alta ele pegou um papel, assinou dizendo que era alta e mandou o filho dele levar ele pra casa, o filho dele com a cabeça não sei onde, não falou com ninguém e levou ele pra casa, achegou em casa pegou uma infecção no coração e voltou pra o hospital morre mais não morre, aí tia chorava tem tudo quanto é de doença e quando recebeu a notícia de que o irmão voltou pra o hospital ela

não estava conseguindo dormir, aí ela foi pra São Paulo. É isso, eu pensei em parar porque quem está sustentando a casa são meus irmãos que são mais novos que eu, então eu fico com aquele orgulho, não estou fazendo nada, mas estou estudando aqui, né, aí quem está levando a casa é ele, só está morando os dois, e tia está em São Paulo e eu estou aqui estudando.

Entrevistadora: houve algum impacto com a vida acadêmica?

Estudante: eu nunca fiz um plano pra vida, meu plano era ser músico, quando eu fui derrubado pela condição financeira eu tinha que trabalhar para ter minhas coisas e ajudar em casa, aí eu disse pronto, tanto é que eu vivia por viver, fazer faculdade foi para sair da mesmice, para conhecer um lugar diferente, aí eu vim. O impacto em questão acadêmica foi que eu tinha terminado em 2011, aí já tinha uns cinco anos sem estudar, aí já dá um impacto e a ausência de sentar numa banca de ouvir alguém falando, outro impacto é a qualidade do ensino, escola pública não tinha aquela base bem formada, a gente sabe que é deficiente nosso ensino escolar brasileiro, aí quando chega aqui vem um professor e diz: - o assunto é esse, qualquer coisa eu estou na minha sala. Graças a Deus eu sempre tive uma facilidade para aprender, se você souber explicar, eu consigo assimilar e estudar um pouquinho, eu não vou dizer que eu domino, mas assim tem essa facilidade. No primeiro período eu me dei bem, mas eu vim ciente de que se eu não arrumasse nada que pudesse me sustentar financeiramente aqui eu ia voltar pra casa pior, porque sem emprego era mais uma boca pra comer, tanto é que na primeira semana aqui eu já estava dentro de laboratório sem conhecer nada, não sabia nem o que era agronomia, mas falando, contanto a situação, o cara ver o esforço, comecei num laboratório, aí depois comecei a trabalhar em outro, porque eu aproveitei o tempo que eu estava na faculdade e entrei no laboratório porque eu estava me formando melhor. Ainda estou me adaptando em questão de ser um acadêmico mesmo, né? Até agora eu nunca reprovei, tirei algumas notas boas alguns ruins, fui só uma vez pra final, porque a disciplina exigia dois livros para ler, eu tinha passado um momento difícil, também eu não gosto de ler, aí eu fui empurrado pra final, mas passei tranquilo, a pressão era só de nunca ter ido, assim eu sou preguiçoso quando tem de dar conta até agora eu tenho dado. O período mais difícil foi o período passado pelo que eu tinha passado em questão emocional, eu tenho um autocontrole, eu aprendi né? Desde que eu perdi minha mãe eu aprendi a ter um autocontrole sobre minhas emoções, tem hora que não dá para segurar e quando segura sei colocar no seu lugar.

Entrevistadora: alguma coisa poderia tê-lo afastado da universidade?

Estudante: a situação, a perda do meu pai, deu muita vontade de ficar lá, tanto porque eu sou brincalhão, eu sou a pessoa da família que descontraí aquela tensão, meus irmãos trabalhando eu queria estar lá até para trabalhar para dar alguma coisa a tia. E o fato também que eu estava namorando e vou ser pai, mas é um motivo a mais pra eu continuar, né? Continuar pela menina que vai nascer, o caro ter no futuro uma estabilidade pra ele, aqui eu recebo um salário mínimo, porque além da residência eu sou petiano, dá para manter, mas precisa ter uma perspectiva melhor no futuro. Eu sou bem tranquilo em relação a isso, eu vou me formar engenheiro, mas não é meu sonho, porque tem gente que faz um Enem se passar...é o que tem que colocar na cabeça do jovem hoje, eu tenho vinte quatro anos, não me acho tão jovem, também me acho maduro suficiente pra entender que a vida é um dia após o outro e que se não der hoje vai dar amanhã, então eu sou um cara despreocupado, desleixado na boca de alguns, mas eu vivo assim, o que poderia ter me afastado seria a questão assim de ter parado pra estar em casa, mas estar lá eu estaria preocupando mais ainda mais minha tia, porque ela ia dizer: está deixando de estudar por minha causa. Ela estava se sentindo culpa nos primeiros dias, aí depois se sentir um peso, risco de depressão. Mas isso faz parte da vida, acontece, ninguém quer, ninguém espera, todo mundo tem uma tragédia na vida, quem não teve vai ter, porque é coisa da vida. Não tão grande, porque eu não desejo pra ninguém, mas uma doença inesperada, uma notícia inesperada, todo mundo já passou, eu prefiro pensar eu tem alguém pior que eu na vida se eu ficar pensando: ah fulano tem sua mãe, fulano tem seu pai, não, tem gente que nem conheceu os pais, é abandonado, jogado, e eu tive uma família, quer queria quer não, aí eu penso assim...

Entrevistadora: qual a lembrança boa da escolaridade?

Estudante: com certeza foi quando eu encontrei dois colegas meus falando da banda e me interessei a partir dali, em questão fora disso não era nada de lembrança boa, porque eu fui uma criança, uma adolescente, um quase jovem, mas há 8 anos atrás a gente era um jovem ainda jovem, eu era um jovem mascarado, porque eu escondia a minha dor brincando, eu mentia muito, que era uma forma de chamar a atenção, aí a música foi esse divisor que fez eu mudar, porque tinha assim dia das mães, aí eu era a pessoa que ficava chamando a atenção pra o foco não ficar tanto naquilo, eu ia tocar, aí via os meus coleguinhas tirando foto com as mães, aí na hora eu fazia outra coisa, inventava outra coisa, é uma coisa que marca muito, acho que o jeito que eu dei pra driblar a dor naquele momento de inocência, uma criança não aguenta muito, mas era a forma que tinha, fazia o máximo pra não lembrar que era dia das mães, normal de quem perde uma mãe ou um pai, eu acredito que isso se chama autoconhecimento, não se importar com que os outros falam, se tem uma coisa que odeio era alguém que contasse minha história e sentisse pena, eu me sentia feliz quando eu contava a minha história, tanto é que na primeira semana que eu vim pra cá teve uma festa e quando as pessoas sabiam que eu era um calouro, acho que diziam: - é doido esse menino. É a pessoa olhar e dizer assim: - poxa quem ver não diz que ele passou pelo que passou, do jeito que ele é. Eu me sinto bem com isso, ao invés de dizer: que pena que esse menino é um sofredor da vida, é um lascarado, só sofrendo, só sofreu. Se eu for olhar pra trás na minha vida a notícia melhor eu tive foi saber que eu vou ser pai, não no momento que eu planejei, não vou ser um pai presente, porque vou estar aqui ainda, que meu pai foi ausente, mas é uma alegria por eu estar gerando alguém na vida, poderia ser melhor, porque eu perdi meu pai, já vai nascer sem avô, porque meu pai de criação eu nem disse a ele, mas se você for ficar pensando...eu costumo pensar assim: todo mundo tem problema, todo mundo tem muita alegria e tristeza, você é feliz ou triste, dar prioridade àquilo que você está passando, então dou prioridade às coisas boas, é isso que eu alimento. Eu chamo de autoconhecimento, e superação, de fé também, da crença que a gente tem, quem crer em Deus ou crer em Buda, independente da religião que crer, em alguma coisa que lhe dá um sustento, ter fé em alguma coisa, mas acho que o autoconhecimento foi o primordial, pra eu não me levar pelo que as pessoas diziam e nem ser uma pessoa cujas atitudes foram ou seriam influenciadas pela que a sociedade ou as pessoas vão impor, acho que é isso...

Entrevistadora: quais os planos para o fim do curso?

Estudante: é uma coisa que eu nem penso, tem um menino que chegou na residência que ele é meio da ciência, aí geralmente debate, e falando de felicidade, aí eu contei bem resumidamente o que eu já passei na vida pra dizer se eu era feliz ou não, mas uma coisa que eu carreguei desde pequeno e que eu posso considerar como trauma, mas um outro menino disse: - bicho por mais que tu não queira dizer tu tem trauma. Depende do nível de trauma, um trauma que eu fiquei é justamente comemoração, eu não gosto de comemoração, porque eu sei que eu não vou ter as pessoas que eu quero ali na comemoração, eu nunca tive festa de ABC, de ensino médio, meus irmãos tiveram. Eu fui pra do meu irmão, eu me escondi debaixo da mesa, praticamente pra chorar, se eu fosse pra um casamento, se eu for pra uma festa de alguém eu fico pensando que se eu tivesse...aí isso é uma coisa que me machuca, um exemplo bem recente foi a morte do meu tio, eu fiquei lá um mês, acho que pra ninguém me ver chorando, segurei a bola lá todinha, eu vim cair no desespero do luto, porque quando você perde alguém o momento mais difícil é quando chega em casa, quando sai e quando enterra, e eu fui aquela pessoa que estava de frente, a família é muito religiosa, aí se pega na religião e tem aquele conforto, mas quando enterrou que jogou o último palmo de areia que eu vi que não tinha mais nada, ali sim, mas depois eu me recuperei porque sabia que tinha que correr atrás da burocracia, aí eu vim pra cá já pra fazer prova sem ter assistido aula, aí a cabeça com as provas foi me ocupando, quando eu vim passando aqui nesse caminho que fizeram pra residência, aí estava começando a colação de grau, aí nesse instante eu fiquei, eu comecei a me ver, eu não vou ter as pessoas que eu queria ver ali. Eu não vou dizer que vai ser um momento feliz, comemoração pra mim nunca é feliz, aí já fico pensando assim, nisso. Agora eu não tenho só a mim, vou ter a quem cuidar, vou procurar ser o melhor, mas em questão de sentimento não vou dizer que estar realizado porque nunca foi um sonho de me formar, eu vim pra mudar minha rotina, ver que eu poderia ser uma pessoa melhor, se eu fosse me casar dia, vou dar o que a uma mulher com um salário mínimo, eu sou uma pessoa que gosto de uma mulher independente,

se quer comprar uma blusa, uma sandália, ela tem o dinheiro pra comprar, não é porque eu sou mão de vaca não, mas é pra não ter o machismo de uma mulher dependente em suas mãos, eu vim justamente porque se quiser viajar, quer conhecer outros lugares, eu vou arriscar, eu vim pra isso. Ah eu vou me formar, eu até estou impressionado porque nunca comecei nada pra terminar, nem namoro eu comecei pra continuar, porque o que eu queria era a música e foi frustrado por isso..., mas quando eu me formar, pegar o diploma na mão, eu não vou dizer ah é a salvação da minha vida tá aqui, até porque está um momento difícil no Brasil de emprego, de metrô, acontecendo cortes em cima de cortes e eu vou ter uma filha, tem isso tudinho pra resolver, tem responsabilidade, vou ter um grau de formação e estar desempregado no outro dia, tem que ter o pensamento realista.

Entrevistadora: o você que gostaria de acrescentar que não falamos até aqui?

Estudante: eu falo demais, eu estou em um canto e volto pra o outro, mas como isso vai ficar registrado o que eu quero que fique registrado não é o sofrimento que eu passei, mas a pessoa que eu sou hoje, e quem sofreu na vida não se apegue ao que está no passado, o passado acaba se tornando uma lembrança, não um a lembrança que você teve e esqueceu, você não deve esquecer quem você foi, o que você passou, eu tinha um colega que andava comigo, quando a gente chegava nos cantos ele tinha vergonha de dizer que não tinha dinheiro pra tomar café, quando eu estudava no conservatório, eu não tinha dinheiro, porque meu pai não dava nada, eu já não estava trabalhando no banco, também não dava quando eu ia duas vezes na semana, aí eu já fui muitas vezes pra Recife com 2 reais no bolso ou 5 reais, 2 reais foi uma vez só e foi a vez que eu fiquei mais apereado, mas sempre era assim 5 ou 10 no máximo que era só o dinheiro de almoçar, tomar café era assim, como a gente chegava cedo, o vigia já abria a gente ficava dentro do conservatório, quando dava por volta de 5h. 5h30 chegava as mulheres da copa, ela dava café, a manga caia, a gente comia café com a manga que caia no chão, no dia que tinha manga, no dia que não tinha manga passava fome mesmo pra estudar, agora eu achava bom, eu não tenho vergonha de dizer isso, andava, entrava em lojas, dizia que ia comprar instrumentos, tocava em tudinho e não comparava, porque não tinha dinheiro, isso é a aventura, isso é a coisa boa, é bom lembrar. Ah eu passava fome, eu só me lasquei, ficar dando ênfase a isso, não, eu ficava dando ênfase a experiência que eu vivi. Quando se trata em questão de perda, de família, de sofrer, se teve pai, se teve mãe ou se não teve, o importante é que você sempre teve alguém que lhe amou, então é melhor pelo amor que você recebeu dessa única pessoa, do que dar ênfase ao amor que você não recebeu ou de quem você deveria ter tido, então assim a gente deixa de ser feliz, porque a felicidade que foi algo que passou e você imagina na frente você fica estacionado no hoje e num sentimento que nem o nome foi inventado, então é mais isso do presente, olhar pra trás como uma experiência tentar transformar numa superação, claro que cada cabeça é um mundo, nem todo mundo tem esse autoconhecimento, maturidade precisa de alguém, procurar alguém e quando olhar para o amanhã, se você fizer mais uma entrevista, não sei se você perguntou a algum e jovem e se perguntar eu arriscaria que 99%, dos jovens que você perguntar uma das coisas que você tem medo no futuro vai dizer se frustrar, porque espera demais do futuro, se dá demais pra o futuro e esquece do hoje, eu não tenho medo de me frustrar, já não tenho medo da morte porque a morte vive constante na minha família pra lá e pra cá, como eu tenho uma família grande, é uma consequência quanto mais o tempo vai passando os tios vão ficando velho e já fica pensando assim né, quando for vai ser um atrás do outro, como nasceram um atrás do outro, a questão e disso é o viver hoje, com certeza que se você for lembrar, o que você já passou, graduando, ensino médio, tudinho, eu tenho quase certeza que se você tocou nesse ponto é porque você passou por um momento de dificuldade e você está vendo isso está encaixando com suas histórias tá vendo realmente eu fui muito feliz, a gente é feliz, com as perdas claro que não, mas com outras coisas que a vida possibilita pra gente em questão de foco, naquilo que você quer ficar pensando, se você quer ficar pensando na dor de não ter ido uma mãe, ou você quer ficar pensando eu ainda tenho meus irmãos eu quero ver eles felizes, eu tenho minha tia que é tudo pra mim, eu vou sentir saudade? Vou, como eu tenho a fé, ela está no céu, está cuidando de mim lá, Deus quis ela lá, é um conforto que a gente tem, talvez se ela tivesse aqui eu estava em São Paulo tinha entrado na vida do crime, eu poderia ser um mafioso, estar dando desgosto a ela, eu poderia ter matado ela de dor, aí são os vários SEs da vida que eu acho que impedem a gente de viver, e amanhã foi isso, se não tivesse

acontecido isso, mas o que eu quero deixar registrado mesmo é a questão de viver o hoje, de oportunidade, oportunidade a gente tem, de fazer o errado, todo mundo vai errar, mas se arrependa de algo que você fez, não se arrependa de algo que você não fez, é isso que me mantém a pessoa que eu sou hoje, e eu posso dizer a você eu passei por tudo isso, eu não sou uma pessoa frustrada, eu não sou uma pessoa que você vai ver de duas caras, tanto é que alguns dos meus amigos já foram pra minha cidade e eu sou assim. Ser quem você é, ter os seus sonhos, seus planos, certo que amanhã pode dar tudo errado, mas se você disser amanhã vai dar tudo errado, mas eu vou estar vivo e vou tentar novamente, essa tentativa possibilita a conquista.

Apêndice 18 - Categorização da entrevista ao oitavo estudante

Categorias	Subcategorias	Unidades de registro
Perfil do entrevistado	Dados pessoais	<ul style="list-style-type: none"> - Eu nasci em São Paulo, eu e meus três irmãos. - pela história de vida eu podia ser qualquer um marginal. - por volta de nove, dez anos eu conheci a música, eu entrei na banda da cidade. - eu queria ser músico. - pela pancada da vida de você perder a mãe com seis anos de idade, é assim perder uma infância. - era um moleque bagunceiro da cidade mesmo que dava trabalho na escola. - meu plano era ser músico, quando eu fui derrubado pela condição financeira.
	Dados acadêmicos	<ul style="list-style-type: none"> - eu tinha cinco anos e era o único que estudava, minha mãe ia me levar e buscar na escola. - a maioria dos professores conhecia a história da gente, aí ficavam admirados. - para cálculo a gente tinha uma facilidade e os professores ficavam elogiando. - eu fiz o Enem não foi nem para passar, foi mais pra não trabalhar no sábado, não estudei, não fiz nada. - eu cheguei a fazer Matemática pelo IFPE, em um polo à distância. - eu sempre tive uma facilidade para aprender.
	Dados sociofamiliares	<ul style="list-style-type: none"> -minha mãe e meu pai moravam aqui em Pernambuco, na cidade de Amaraji, na Zona da Mata, a 96 quilômetros da capital que é Recife. - minha mãe e meu pai foram pra São Paulo. - meu pai era alcoólatra, não era um bom exemplo, tanto como marido, como pai. - o meu pai tinha outra mulher e meu irmão mais velho disse alguma coisa com essa mulher e meu pai não gostava dele e deu uma pisa nele que quase mata. - minha mãe foi me buscar na escola, aí quando a gente vinha atravessando uma BR, uma pista, aí vinha um cara em uma moto roubada e bateu na gente. - Minha mãe morreu na hora. - A gente veio e começou a vida aqui em Pernambuco, criados pela meu tio e minha tia. - eram dez filhos em uma casa, contando com os seis dele, meu irmão que já estava e mais três irmãos. - aí já conta a infância de dez filhos em uma casa, com um marido só, que era o nosso tio, cortando cana. - o trabalho no corte da cana não é fácil, tanto que o filho mais velho deixou de estudar para trabalhar, porque não dava conta. - o emprego na barraca de bacia na barraca da minha madrinha foi hereditário, um irmão saía e entrava outro. - meus irmãos sempre foram muito inteligentes, mais inteligente do que eu. - meu irmão se destacou a um ponto que ele começou a dar aula. - ele fez o curso de matemática. - o outro mais novo também está no mesmo curso. - O meu irmão mais velho foi para São Paulo. - Um paga uma água, um paga a energia, um ajuda em uma feira, um paga o gás.

O processo de escolarização	No Ensino Fundamental.	<ul style="list-style-type: none"> - eu estudava a alfa série. - eu tinha cinco anos e era o único que estudava.
	No Ensino Médio	<ul style="list-style-type: none"> - No ensino médio eu comecei a estudar na cidade, comecei a me interessar. - eu bagunçava, mas estudava direitinho até que eu nunca reprovei. - eu tive que mudar o horário do curso do ensino médio. - À noite, ensino médio de escola pública, ninguém estuda, era só quem não queria estudar mesmo. - eu fui influenciado, aí eu perdi o gosto de estudar.
	Na Universidade	<ul style="list-style-type: none"> -eu nunca me interessei em fazer faculdade. - eu vivia por viver, fazer faculdade foi para sair da mesmice, para conhecer um lugar diferente. - Passei no Enem e foi um divisor de águas. - eu não conhecia ninguém aqui. -Aí eu disse: beleza, mas eu não sei se vou fazer não. - aí eu posteí, até quando eu posteí eu coloquei: não vou cursar, mas só para dizer que eu sou fera. - aí uma menina colocou um comentário que me deu a vontade de vim fazer a matrícula. - aí foi o que eu fiz, eu vou embora, estar aqui ganhando um salário, eu não vou crescer em nada. - eu vim ciente de que se eu não arrumasse nada que pudesse me sustentar financeiramente aqui eu ia voltar pra casa pior. - já tinha uns cinco anos sem estudar, aí já dá um impacto. - outro impacto é a qualidade do ensino, escola pública não tinha aquela base bem formada. - não sabia nem o que era Agronomia. - aí quando chega aqui vem um professor e diz: - o assunto é esse, qualquer coisa eu estou na minha sala. - eu pensei em parar porque quem está sustentando a casa são meus irmãos que são mais novos que eu. - comecei num laboratório, aí depois comecei a trabalhar em outro. - entrei no laboratório porque eu estava me formando melhor. - Ainda estou me adaptando em questão de ser um acadêmico mesmo. - Até agora eu nunca reprovei. - também eu não gosto de ler, aí eu fui empurrado pra final. - O período mais difícil foi o período passado pelo que eu tinha passado em questão emocional.
Os apoios	Concomitância trabalho/estudo	<ul style="list-style-type: none"> -já fui ficando velho e trabalhava em um banco de uma madrinha minha, banco de feira. - eu trabalhava no banco pela manhã e ela me dava quinze reais. - qualquer coisa que pintasse para ganhar dinheiro eu estava fazendo, até plano de funerária eu vendi na cidade. - o padre estava precisando de um ajudante de secretário, aí eu fui trabalhar na secretaria da Paróquia. - eu ganhava um salário mínimo ajudava em casa. - Quando eu vim pra cá, eu deixei o emprego, aí tia ficava perguntando: tu vai viver de quê lá?. - tanto quando eu ia para o Cabo quando eu ia para o Recife, no ônibus do SUS, que leva os doentes de madrugada.

		<p>- ficava no Imip esperava amanhecer quando amanhecida a gente ia pra o metrô pegava a integração que ficava no Cabo e gastava só 1,25, aí era nossa salvação.</p> <p>- graças a Deus, providencialmente, o dia do ônibus era um dia de aula.</p> <p>- quando eu estudava no Cabo para ir para o Cabo eu tinha que sair de Amaraji pra Escada, Escada, Cabo, isso dava em volta, na época na faixa de quinze a vinte reais, duas vezes na semana aí já era inviável.</p> <p>-Chegava na hora da aula, quando o ônibus passava na BR 101 a gente falava com o motorista e ia de pé do centro até a pista.</p> <p>-Quando foi para o Conservatório era a mesma coisa, aí fui passando de nível no Conservatório e me formei em iniciação musical e comecei o curso preparatório.</p> <p>- só que no curso preparatório aí já era dois dias de aula, em dias que o ônibus não ia.</p> <p>- eu não tinha ninguém mesmo no Recife, não tinha quem me ajudasse, nem nada, aí eu desisti, desisti não, tive que parar.</p> <p>- a bolsa era só de um ano e a gente não sabia, aí se matriculou e estudou mais seis meses, aí quando eu fui se matricular de novo, aí disseram tem que renovar a bolsa e ainda por cima você está devendo seis meses.</p>
	Suporte acadêmico	<p>- fui ver, bolsa, residência estudantil, apoio, que era onde eu ia me apegar.</p> <p>- o que me manteve os cinco primeiros meses do primeiro período foi o seguro desemprego.</p> <p>- quando a gente chegou no Cabo era a formação inicial da música, o professor viu a gente e como a gente já dava aula, já sabia tudo.</p> <p>- na hora que a gente começou no primeiro período já foi pra o último.</p> <p>- nesse período de se formar o presidente da banda conheceu uma deputada, que conseguiu seis bolsas de estudo no Conservatório Pernambucano de Música.</p> <p>- aí passei, como eu passei no Conservatório Pernambucano de Música eu deixei o Cabo.</p>
	Suporte afetivo	<p>- Eu vivia rodeado de gente, mas na minha cabeça eu era só.</p> <p>- Eu fiz meus melhores amigos na igreja.</p> <p>- foi a igreja, né? Que deu esse divisor assim.</p> <p>- Eu não dei um tiro no escuro porque eu vim na fé, eu acredito muito em Deus.</p> <p>- a gente tem que ser bem resolvido aqui na mente, também, né? e nas emoções, tanto que eu falo e nem parece que é uma história triste, porque eu aprendi a conviver com isso.</p> <p>eu contava muitas vezes a história, que minha mãe morreu e muitas vezes sentia culpa.</p> <p>-tem todo esse processo que fica na cabeça de uma criança, que se você não tiver algo para se pegar você endoida na vida, vira um criminoso, vira um bandido, tira sua própria vida, some na vida e acaba dando mais sofrimento aos seus.</p> <p>-Eu nunca demonstrei, meu choro sempre foi embaixo dos lençóis.</p> <p>- só depois que fui pra igreja, o cara vai chorando, acho que eu queria mesmo um lugar para chorar à vontade, então o colo de Deus, aí vai consolando.</p>
	Suporte familiar	<p>- se eu acabar com o meu seguro e não tiver nada aqui, eu não tenho quem mande um real pra eu comprar uma água.</p>

		<p>- meu tio já tinha caído estava no hospital, mas já estava morto</p> <p>- Na hora eu tive aquele baque, mas eu disse a meu irmão: olha quem vai ter que segurar a rédea é a gente.</p> <p>- eu praticamente perdi o primeiro semestre por questão de falta</p> <p>- mas os professores devido a situação não me deram a falta e graças a Deus eu só fui pra uma final, consegui recuperar por esse controle emocional que eu tenho.</p>
	Suporte comunitário	<p>- um dia antes de começar as aulas, aí eu não tinha ninguém pra morar.</p> <p>- eu coloquei lá: - quero uma casa pra dividir, aí um menino entrou em contato, aí eu fui morar com o menino.</p>
	A escola como ascensão social	<p>-Eu não vou dizer que vai ser um momento feliz, comemoração pra mim nunca é feliz.</p> <p>- Agora eu não tenho só a mim, vou ter a quem cuidar, vou procurar ser o melhor.</p> <p>- mas em questão de sentimento não vou dizer que está realizado porque nunca foi um sonho de me formar.</p> <p>- eu vim para mudar minha rotina, ver que eu poderia ser uma pessoa melhor, se eu fosse me casar dia.</p> <p>- eu vim justamente porque se quiser viajar, quer conhecer outros lugares, eu vou arriscar, eu vim pra isso.</p> <p>- Ah eu vou me formar, eu até estou impressionado porque nunca comecei nada pra terminar.</p> <p>- o que eu queria era a música e foi frustrado por isso...</p> <p>- quando eu me formar, pegar o diploma na mão, eu não vou dizer ah é a salvação da minha vida.</p> <p>- está um momento difícil no Brasil de emprego, de mestrado, acontecendo cortes em cima de cortes.</p> <p>- vou ter um grau de formação e estar desempregado no outro dia, tem que ter o pensamento realista.</p>
	Sentido atribuído ao conhecimento	<p>- aí vim pra cá, eu disse eu vou fazer alguma coisa na vida, vou tentar uma graduação.</p>
A condição de resiliência	Atitudes de superação	<p>- Desde que eu perdi minha mãe eu aprendi a ter um autocontrole sobre minhas emoções, tem hora que não dá para segurar e quando segura sei colocar no seu lugar.</p> <p>- A gente dá aula particular de música e pega o dinheiro para ir para o Cabo. Aí a gente começou dar aula particular, que era o dinheiro certinho de ir.</p> <p>- eu era um jovem mascarado, porque eu escondia a minha dor brincando.</p> <p>- eu mentia muito, que era uma forma de chamar a atenção.</p> <p>- a música foi esse divisor que fez eu mudar.</p> <p>- tinha assim dia das mães, aí eu era a pessoa que ficava chamando a atenção pra o foco não ficar tanto naquilo.</p> <p>- via os meus coleguinhas tirando foto com as mães, aí na hora eu fazia outra coisa, inventava outra coisa, é uma coisa que marca muito, acho que o jeito que eu dei pra driblar a dor naquele momento de inocência.</p> <p>- uma criança não aguenta muito, mas era a forma que tinha, fazia o máximo pra não lembrar que era dia das mães, normal de quem perde uma mãe ou um pai, eu acredito que isso se chama autoconhecimento, não se importar com que os outros falam.</p> <p>- se tem uma coisa que odeio era alguém que contasse minha história e sentisse pena.</p>

	<ul style="list-style-type: none"> - eu me sentia feliz quando eu contava a minha história. - Se eu for olhar pra trás na minha vida a notícia melhor eu tive foi saber que eu vou ser pai. - eu costumo pensar assim: todo mundo tem problema, todo mundo tem muita alegria e tristeza, você é feliz ou triste. - prioridade àquilo que você está passando, então dou prioridade às coisas boas, é isso que eu alimento. - Eu chamo de autoconhecimento, de superação, de fé também, da crença que a gente tem. - quem crer em Deus ou crer em Buda, independente da religião que crer, em alguma coisa que lhe dá um sustento, ter fé em alguma coisa. - mas acho que o autoconhecimento foi o primordial, pra eu não me levar pelo que as pessoas diziam e nem ser uma pessoa cujas atitudes foram ou seriam influenciadas pelo que a sociedade ou as pessoas vão impor. - o que eu quero que fique registrado não é o sofrimento que eu passei, mas a pessoa que eu sou hoje. e quem sofreu na vida não se apegue ao que está no passado. - o passado acaba se tornando uma lembrança, não um a lembrança que você teve e esqueceu, você não deve esquecer quem você foi, o que você passou. - quando eu estudava no conservatório, eu não tinha dinheiro, porque meu pai não dava nada. - eu já fui muitas vezes pra Recife com 2 reais no bolso ou 5 reais. - como a gente chegava cedo, o vigia já abria a gente ficava dentro do conservatório, quando dava por volta de 5h. 5h30 chegavam as mulheres da copa, ela dava café, a manga caía, a gente comia café com a manga que caía no chão. - no dia que não tinha manga passava fome mesmo para estudar, agora eu achava bom, eu não tenho vergonha de dizer isso. - Ah eu passava fome, eu só me lasquei, ficar dando ênfase a isso, não, eu ficava dando ênfase a experiência que eu vivi.
Capacidades que atribui a si.	<ul style="list-style-type: none"> - uma das virtudes que eu tenho em mim é meus problemas levar pra mim, não levar pra escola, pra faculdade, não levar pra trabalho. - eu sou brincalhão, eu sou a pessoa da família que descontraí aquela tensão. - meus irmãos trabalhando eu queria estar lá até para trabalhar para dar alguma coisa a tia. - eu estava namorando e vou ser pai, mas é um motivo a mais pra eu continuar, né? Continuar pela menina que vai nascer, o cara ter no futuro uma estabilidade pra ele. - aqui eu recebo um salário mínimo, porque além da residência eu sou petiano. - mas precisa ter uma perspectiva melhor no futuro. Eu sou bem tranquilo em relação a isso, eu vou me formar engenheiro, mas não é meu sonho. - me acho maduro suficiente para entender que a vida é um dia após o outro e que se não der hoje vai dar amanhã. - eu sou um cara despreocupado, desleixado na boca de alguns. - o que poderia ter me afastado seria a questão assim de ter parado pra estar em casa, mas estar lá eu estaria preocupando mais ainda mais minha tia, porque ela ia dizer: está deixando de estudar por minha causa.

		<p>- Mas isso faz parte da vida, acontece, ninguém quer, ninguém espera, todo mundo tem uma tragédia na vida, quem não teve vai ter, porque é coisa da vida</p> <p>- eu prefiro pensar que tem alguém pior que eu na vida se eu ficar pensando: ah fulano tem sua mãe, fulano tem seu pai, não, tem gente que nem conheceu os pais, é abandonado, jogado, e eu tive uma família, quer queria quer não.</p> <p>- o importante é que você sempre teve alguém que lhe amou, então é melhor pelo amor que você recebeu dessa única pessoa, do que dar ênfase ao amor que você não recebeu.</p> <p>- assim a gente deixa de ser feliz, porque a felicidade que foi algo que passou e você imagina na frente você fica estacionado no hoje e num sentimento que nem o nome foi inventado.</p> <p>- olhar pra trás como uma experiência, tentar transformar numa superação.</p> <p>- eu arriscaria que 99% dos jovens que você perguntar uma das coisas que você tem medo no futuro vai dizer se frustrar, porque espera demais do futuro.</p> <p>- eu não tenho medo de me frustrar, já não tenho medo da morte porque a morte vive constante na minha família</p> <p>- a gente é feliz, com as perdas claro que não, mas com outras coisas que a vida possibilita pra gente em questão de foco.</p> <p>- o que eu quero deixar registrado mesmo é a questão de viver o hoje, de oportunidade.</p> <p>- todo mundo vai errar, mas se arrependa de algo que você fez, não se arrependa de algo que você não fez.</p> <p>- eu passei por tudo isso, eu não sou uma pessoa frustrada, eu não sou uma pessoa que você vai ver de duas caras.</p> <p>- Ser quem você é, ter os seus sonhos, seus planos, certo que amanhã pode dar tudo errado, mas se você disser amanhã vai dar tudo errado, mas eu vou estar vivo e vou tentar novamente, essa tentativa possibilita a conquista.</p>
--	--	---

Apêndice 19 - Protocolo de entrevista ao nono estudante

E. 9 – Jacó

Data: 07-05-2018

Idade: 21 anos

Curso: Agronomia

Período do curso: 7º

Profissão e escolaridade pai: agricultor/Fundamental I

Profissão e escolaridade mãe: agricultora/Fundamental I

Entrevistadora: fale um pouco da sua origem e do seu processo de escolarização?

Estudante: bom, eu sou de Bom Conselho, da zona rural de lá, a 25 km da cidade e desde o ensino médio, assim, eu sou do sítio, mas eu não tenho tanta vontade de continuar aquela vida que meus pais tinham, aquele trabalho mais pesado, desde o ensino médio eu já pensava: eu vou fazer faculdade, mas ainda não sabia o que queria, quando foi lá pra o segundo ano do ensino médio eu decidi que queria fazer engenharia, aí no final eu pensei: mas qual? Aí me indicaram Agronomia, aí eu pensei da Agronomia meus pais podem me ajudar com algumas coisas que querendo ou não têm algumas coisas que vai ser parecido, cultivar feijão, cultivar milho, algumas coisas eu já tive experiência lá, já vejo, aí eu pensei não, então, vai ser Engenharia Agrônômica, mas não tem por aqui, e aí? Mas eu vi tem Agronomia, no final é quase a mesma coisa, aí eu vim parar na Agronomia assim. No terceiro ano eu já fiz Prevup, para tentar melhorar minha nota e tudo e fiz o vestibular da UPE e fiz o Enem, graças a Deus consegui passar nos dois e optei por ficar aqui na rural.

Entrevistadora: e como foi sua entrada na escola?

Estudante: por ser muito longe eu tive que ir morar na cidade desde quando eu iniciei o terceiro ano porque eu tive que fazer o curso pré-vestibular, aí meus pais não tinham como me sustentar, eu morando na cidade pra fazer esse curso e fazer ensino médio, o curso era sábado e domingo, o Prevup, aí eu tive que arrumar um emprego, sorte que eu estudava de manhã e esse emprego eu começava o trabalho das três da tarde até as 11h da noite, pra mim tudo encaixou direitinho, a única coisa que deu errado foi à tarde pra o Prevup, porque não tinha como eu ir, tinha que trabalhar. Aí eu comecei a trabalhar, a fazer o ensino médio e fazer o Prevup no terceiro ano, aí quando foi no mês de maio eu fui estudando, chegou no final do ano acabou o Prevup e o ensino médio e o emprego eu resolvi continuar, porque meus pais não tinham como me sustentar e a gente quanto mais vai aumentando a idade mais precisa de um dinheiro para sair e tudo. Aí quando eu vi que tinha passado no vestibular da UPE eu avisei ao meu patrão que ia sair, aí depois eu passei no da Rural aí tive mais alegria ainda, mais certeza, quando foi na metade pra o fim de fevereiro eu sai do meu emprego e quando foi na metade de março eu entrei aqui, em março de 2015.

Entrevistadora: o que você fazia no trabalho e como conseguia conciliar com o estudo?

Estudante: eu era garçom e era assim, era tudo na mesma escola, então de segunda a sexta eu ia pra essa escola, de manhã, e sábado e domingo eu ia pra o Prevup só que eu não ia à tarde, porque eu morava com uns primos que já faziam faculdade aí a casa era bem localizada, era pertinho do meu trabalho, em compensação era muito longe da escola, era uma caminhada boa, era uns dez a quinze minutos, aí eu sei que por ser muito longe e eu ter que preparar minha comida, ter que lavar minha roupa e todas essas coisas que quando você sai de casa, se tornando independente, aí eu não poderia ir no sábado, porque na maioria das vezes a aula acaba de 12h. e 1 hora da tarde eu tinha que estar lá de novo, então não dava tempo eu subir, preparar minha comida e descer de novo, chegar a tempo e teria que sair no máximo duas e meia da escola lá embaixo para chegar em casa tomar um banho, então no sábado à tarde eu não ia.

Entrevistadora: mas na primeira série?

Estudante: a 1ª foi no sítio, aí eu estudei da 1ª à 4ª série lá, aí o ensino fundamental II em um povoado que daí a gente já tinha que pegar um transporte para ir pra lá, um pouco longe, acho que uns 10 km, depois o ensino médio regular foi em Bom Conselho, era uns 25 km de lá pra Bom Conselho, aí no ensino médio enquanto eu não estava trabalhando eu morei com meus pais, quando eu tive que fazer Prevup eu tive que morar na cidade, aí eu vim morar com meus primos.

Entrevistadora: e como foi sua entrada aqui, qual foi o impacto da Universidade?

Estudante: quando eu entrei aqui eu fiquei morando lá com meus primos, mas eu já sabia da residência, porque eu falava muito com uma menina aqui que fazia Letras e ela sabia muito bem das bolsas, de todos os auxílios e tudo, aí eu entrei aqui e a princípio eu sentia muita dificuldade, porque no ensino médio foi muito fraco, então quando eu vim aqui cursar o superior...no ensino médio eu tinha entre duas e três horas de aula no máximo, era bem fraco e geralmente, eu cansado do trabalho sempre chegava atrasado, aí quando eu cheguei aqui que era logo cinco horas de aula, de uma às seis, eu senti muita dificuldade, assim, a adaptação, o ritmo dos professores, as provas, só que daí como eu queria muito, eu estudava muito em casa sempre, mas isso foi assim, quanto a estudar, ali sentado em uma cadeira sem tempo pra você sair em nenhum momento, geralmente quando você saía, o outro professor já entrava, nisso foi complicado, mas hoje eu já não sinto mais tanta dificuldade, hoje eu já sei como conviver com isso. Eu consegui o apoio acadêmico primeiro, que era o programa de apoio ao discente, eu tentei e consegui, aí depois apareceu a seleção da residência, tentei e consegui também a residência, tudo no primeiro período.

Entrevistadora: e como os pais perceberam toda essa mudança?

Estudante: os meus pais têm o fundamental incompleto, então para eles foi um grande orgulho, porque no meu caso eu fui o primeiro a alcançar a Universidade e da família do meu pai, dos netos do meu avô, pai do meu pai, eu sou o primeiro que entrou na Universidade, na família da minha mãe não, já tem outros, mas por aí você ver, foi um orgulho pra família. A princípio a questão de morar aqui e ganhar a bolsa, minha tia chegava lá em casa e dizia: não, tem gente de Lagoa do Ouro que estuda assim, ele ganha esse dinheiro aqui, mas quando terminar o curso vai ter que pagar. Aí eu disse: não, não é assim, você está confundindo Universidade pública com o Fies das Universidades particulares, aí minha mãe ficou preocupada com essas coisas assim, mas eu disse: não mãe, não é assim, tem isso, tem essas bolsas, tem todo esse benefício, isso é coisa da Universidade Federal que ajuda aqueles alunos com baixa renda e tudo, aí eu expliquei isso pra ela e ela ficou muito feliz, porque eu sabia que eles não tinham como me sustentar, então vir morar aqui na casa ganhando bolsa, pra mim era tudo que precisava, já tinha saído do emprego e a bolsa de apoio acadêmico é difícil conviver com ela pra ter que pagar aluguel, luz, internet, água, tudo e um transporte do meu sítio pra lá, a casa, se eu precisasse comprar alguma coisa pra Universidade, eu tinha que me virar com esse apoio acadêmico, então era complicado.

Entrevistadora: dos seus irmãos, alguém deu continuidade aos estudos?

Estudante: não, só eu estou aqui na Universidade, a minha irmã parou na 8ª série, meu irmão terminou o terceiro ano também, mas foi à noite, não se importou em fazer faculdade e estão em São Paulo, os dois.

Entrevistadora: nas suas lembranças do ensino básico como você se destacava?

Estudante: meu tio me chamava de professor, porque eu sempre gostei de estudar e minha mãe me incentivava muito, minha mãe e quem sabe ler e meu pai não sabe, aí minha mãe sempre me incentivou muito no ensino números, letras, antes de entrar no ensino básico, então ela foi muito importante pra tudo isso.

Entrevistadora: e qual seu maior incentivo à escolaridade?

Estudante: o maior incentivo era querer ser independente, querer ter aquilo seu, e eu também penso assim, se você não gosta de uma coisa, de um meio de vida, como meus pais, meus pais trabalhavam no roçado, no pesado, eu sabia que eu não queria aquilo, então eu pensei se eu não quero isso eu tenho que procurar um meio de vida, porque eles me ensinaram assim: - procure trabalhar para ter o que é seu. Como eu não

queria trabalhar daquela forma tinha que trabalhar de uma forma mais tranquila, não tão pesada assim, e assim eu fui procurando a Universidade, saber o que fazia e tudo, aí eu consegui ingressar.

Entrevistadora: quais os planos imediatos para quando terminar o curso?

Estudante: de imediato eu queria conseguir um emprego, mas caso eu não consiga eu penso numa questão de ser empreendedor, e a princípio faz parte dos meus planos, eu quero ter uma experiência profissional, trabalhar com soja, cana ou alguma outra grande cultura, ver como é que é as coisas lá, mas ao mesmo tempo eu queria morar em uma região com bom regime hídrico pra que daí eu pudesse trabalhar de segunda a sexta, mas eu não sei como é o regime de trabalho, porque têm empresas que é de domingo a domingo e eu teria um espaço maior, ainda não sei como é que funciona tudo, mas assim, queria trabalhar em uma empresa, mas cultivar uma horta em casa até pra alimentar melhor meus filhos com uma comida de qualidade e até pra vender também, por isso que eu queria um local que tenha um bom regime de chuva, daí eu posso trabalhar para os outros, trabalhar pra mim e até ensinar meus filhos o que eu aprendi com meus pais a trabalhar, valorizar seu suor e tudo mais.

Entrevistadora: o que hoje é mais dificuldade na universidade?

Estudante: eu não acho legal quando um professor dá 3h de aula consecutivas não dá para aguentar, inclusive eu acabei de sair de uma aula assim, e quando ele começa dar 3h. aulas eu não aguento, fica chato aí eu dou uma saidinha, às vezes vou molhar o rosto lá no banheiro, volto, passo um tempo no corredor porque eu acho complicado. Eu devia estudar mais, mas às vezes dá preguiça, não é que não tenha condições, ao menos eu, diferente de muitos lá eu me acostumo bem a algum baralho, a alguma brincadeira, eu diria que é o jeito doido de alguns, acho tão tranquilo, por isso que eu me dou muito bem com o pessoal de lá, mas algo que poderia rentabilizar talvez um ambiente melhor, uma ornamentação melhor, locais melhor pra estudar, algo assim. Se tivesse vamos supor um micro-ondas pra esquentar uma comida, lá só funciona um fogão, se tivesse dois fogões poderia adiantar algumas coisas, algumas coisas básicas, às vezes falta, mas está dando pra ir vivendo.

Entrevistadora: qual a expectativa dos pais em relação ao fim do curso?

Estudante: minha mãe quer que eu fique por aqui, então eu quero um local de bom regime de chuva, a última vez que eu falei isso pra ela que eu queria ir morar lá para os lados do Goiás, ela chorou que só, porque eu sou o mais novo, né? Daí meu irmão saiu em julho de 2009, minha irmã saiu em fevereiro de 2010, um próximo do outro e faz muito tempo já que ela só se acostumou comigo, aí eu vejo que ela tem dificuldade para ficar sozinha. Ela diz: - eu não quero ficar sozinha. - Mas como eu disse eu pretendo sair, é isso, e ela quer que eu arrume um emprego, eu também quero, mas ela sabe que eu não gosto de estar trabalhando assim no forçado mesmo, no pesado, é tanto que uma coisa que eu vi nela é que ela não me empurrou tanto pra roça, me deixou mais em casa, seja lavando uma louça, alguma coisa assim, sempre preferiu mais, viu que eu gostava do estudo e que eu deveria investir naquilo então ela não me levava tanto pra roça. Eu fui várias vezes, mesmo sem querer, arar terra, todos os tratos culturais que tinham lá eu ia, mesmo sem gostar muito, mas eu ia. Agora hoje, depois que eu entrei na Universidade eles não podem mais, não forçam mais, me deixam mais livre, eu também vou pouco em casa, geralmente eu vou em casa no sábado à tarde e volto na segunda de manhã, então eu não trabalho mais.

Entrevistadora: de onde vem a renda dos seus pais?

Estudante: vem do Bolsa Família e do gado leiteiro que a gente tem lá, que é só umas três ou quatro vacas dá o mínimo de leite, porque aqui na região as vacas não são melhoradas, então produzem bem pouco, às vezes nem compensa, mas é o que tem, aí o dinheiro vem do leite e da Bolsa Família. Aqui é complicado, eu teria como trabalhar, se eu fosse pra região de Correntes tem um bom regime hídrico, lá não chove tanto assim, mas tem muita nascente de água, então Correntes é um local muito bom, mas assim, eu queria trabalhar em um local bom, mas queria conhecer uma nova região, talvez um dia eu volte, talvez não.

Entrevistadora: quem ajudava no apoio das atividades escolares?

Estudante: minha mãe só dizia: - já fez a tarefa? isso só até a 4ª série, da 5ª série até o 3º ano ela já não perguntava mais, porque ela sabia que eu ia passando sempre, então ela via que eu não precisava, mas ela não chegava pra me ajudar não.

Entrevistadora: quanto à presença nas atividades da escola, quem ia?

Estudante: ela, geralmente ela ia. Meu pai sempre foi mais bruto assim como o pessoal da região, ele não é muito de dar atenção, de dar assistência, ele era na dele, assim calado, ele só queria que eu estudasse, passasse, se eu não estudasse eu ia trabalhar de roça, ele sabia que eu não queria então ele não forçava a minha mãe a dizer: esse menino hoje não vai estudar, ele vai pra roça, ele nunca disse isso, como meu irmão ele chamava, pra mim ele nunca disse isso não, ele sempre deixou minha mãe, porque ela dizia: ele hoje vai pra escola. E ele não dizia nada, ele também não me forçava.

Entrevista: qual a função que você atribui aos saberes escolares?

Estudante: acho interessante, porque hoje quando eu vejo eu consigo entender mais, conciliando uma história, a história com algumas coisas, quando eu vejo no banheiro WC eu me lembro de *water closet*, se eu não me engano foi desenvolvido na Inglaterra questão de geografia, por que uma planta desenvolve lá na região Sul? porque a região Sul é um clima frio e aqui no Nordeste é um clima quente sendo o mesmo país? essas coisas assim, no âmbito da matemática algumas conexões, Português você saber escrever bem, você saber ler, você saber que de alguma forma você vai escrever e todo mundo vai entender e por que algumas pessoas riem de outras, que é o preconceito linguístico, tudo isso acho muito interessante, sem falar que o conhecimento lhe ajuda muito, né?, toda época eu estudei.

Entrevistadora: quando visionou o ensino superior?

Estudante: é porque o fundamental foi muito bom, por isso que o fundamental II compensou o ensino médio em muitas coisas, então desde a 8ª série eu já pensava na faculdade, só não sabia o que queria. Essa época foi muito boa, inclusive eu olho assim os professores que me deram aula e eu vejo que comparando, porque hoje eu já tenho como comparar o fundamental no municipal, o médio e a Universidade, e meu fundamental II foi muito bom, eu vejo que meus professores foram muito bons.

Entrevistadora: como você vê e caracteriza a sua trajetória?

Estudante: Coragem, a pobreza você ver que é todo esse estado, mas se eu quero mudar, se eu tiver oportunidade, eu vou mudar, mas aí por mais que eu queira eu tenho que ter coragem também, porque eu vi meus irmãos crescerem com certas dificuldade também, mas em relação a nós três eu fui criado melhor, porque meu pai foi açougueiro uma época então as coisas melhoraram durante esse tempo, daí eu cresci nessa época, cresci com as condições melhores que a dos meus irmãos, eu fui menos pra roça do que eles, então eu sempre tive uma certa preferência, sou o caçula, né? Então o povo diz que o caçula é mais mimado, essas coisas, mas eu vi que foi muita coragem sair tentando, muita fé e fui conseguindo e graças a Deus hoje eu estou aqui.

Entrevistadora: o que consegue acionar essa coragem?

Estudante: acho que a questão de querer mudar de vida, embora tenha crescido com uma condição melhor que meus irmãos, mas eu também não deixei de ser pobre, né? E embora as dificuldades eu olho assim, eu tenho meus problemas financeiros e econômicos, assim como meus pais, eu dependo deles, mas se eu tenho inteligência, os professores dizendo que eu tinha e eu cheguei aqui, então com o conhecimento eu posso chegar longe, então eu vou aproveitar esse conhecimento para chegar onde eu quero, a falta de dinheiro mesmo ajuda bastante nisso.

Entrevistadora: o que foi significativo na sua trajetória?

Estudante: acho que a minha mãe mesmo me mobilizou tanto, me incentivou tanto e daí pela condição financeira eu pensava eu vou conseguir algum rendimento, eu vou ter dinheiro um dia, ter uma vida melhor e dar uma vida melhor a eles também, minha mãe incentivando e eu sabendo que tinha conhecimento eu criei coragem e consegui.

Entrevistadora: qual o ponto marcante que se deparou com a realidade financeira?

Estudante: às vezes você quer ir pra uma festa e ver seus amigos bem vestidos, você não estar lá bem vestido também. Uma coisa que é muito comum é você dizer: - mãe eu quero comprar isso e ela dizer: - meu filho outro dia a gente compra. - É algo marcante. Você ver que a vida é limitada, você querer comprar alguma coisa e você não poder. Às vezes eu dizia: - pai eu quero ir pra feira e ele dizia: - não que hoje eu estou com pouco dinheiro. - Então isso é algo marcante mesmo da minha infância, eu me lembro muito e de certa forma isso me fez chegar até aqui.

Entrevistadora: tem alguma coisa que gostaria de acrescentar?

Estudante: não, acho que é basicamente isso mesmo.

Apêndice 20 - Categorização da entrevista ao nono estudante

Categorias	Subcategorias	Unidades de registro
Perfil do entrevistado	Dados pessoais	<ul style="list-style-type: none"> - Eu sou de Bom Conselho, da zona rural de lá, a 25 km da cidade. - Só eu estou aqui na Universidade.
	Dados acadêmicos	<ul style="list-style-type: none"> - fiz o vestibular da UPE e fiz o Enem, graças a Deus consegui passar nos dois e optei por ficar aqui na Rural.
	Dados sociofamiliares	<ul style="list-style-type: none"> - Bolsa Família e do gado leiteiro que a gente tem lá. - três ou quatro vacas dá o mínimo de leite, porque aqui na região as vacas não são melhoradas então produzem bem pouco. - a minha irmã parou na 8ª série, meu irmão terminou o terceiro ano também, mas foi a noite, não se importou em fazer faculdade e estão em São Paulo, os dois. - minha mãe é quem sabe ler e meu pai não sabe. - porque meu pai foi açougueiro uma época então as coisas melhoraram. - eu cresci nessa época, cresci com as condições melhores que a dos meus irmãos. - eu fui menos pra roça do que eles, então eu sempre tive uma certa preferência, sou o caçula.
O processo de escolarização	No Ensino Fundamental.	<ul style="list-style-type: none"> - A primeira foi no sítio, aí eu estudei da 1ª a 4ª série lá. - o ensino fundamental II em um povoado que daí a gente já tinha que pegar um transporte para ir pra lá. - o fundamental foi muito bom. - o fundamental II compensou o ensino médio em muitas coisas. - desde a 8ª série eu já pensava na faculdade, só não sabia o que queria. - meu fundamental II foi muito bom, eu vejo que meus professores foram muito bons.
	No Ensino Médio	<ul style="list-style-type: none"> - ensino médio regular foi em Bom Conselho, era uns 25 km de lá. - desde o ensino médio eu já pensava: eu vou fazer faculdade, mas ainda não sabia o que queria. - no ensino médio eu tinha entre duas e três horas de aula no máximo, era bem fraco e geralmente, eu cansado do trabalho sempre chegava atrasado. - o segundo ano do ensino médio eu decidi que queria fazer engenharia, aí no final eu pensei: mas qual? - No terceiro ano eu já fiz Prevup, para tentar melhorar minha nota. - Por ser muito longe eu tive que ir morar na cidade desde quando eu iniciei o terceiro ano porque eu tive que fazer o curso pré-vestibular.
	Na Universidade	<ul style="list-style-type: none"> - Quando eu entrei aqui eu fiquei morando lá com meus primos, mas eu já sabia da residência. - eu entrei aqui e a princípio eu sentia muita dificuldade, porque no ensino médio foi muito fraco. - eu senti muita dificuldade, assim, a adaptação, o ritmo dos professores, as provas. - como eu queria muito, eu estudava muito em casa sempre. - hoje eu já não sinto mais tanta dificuldade, hoje eu já sei como conviver com isso. - Eu consegui o apoio acadêmico primeiro, que era o programa de apoio ao discente. - tentei e consegui também a residência, tudo no primeiro período. - Eu não acho legal quando um professor dá 3h de aula consecutivas não dá pra aguentar.

		<ul style="list-style-type: none"> - eu não aguento, fica chato aí eu dou uma saidinha, às vezes vou molhar o rosto lá no banheiro. - passo um tempo no corredor porque eu acho complicado. - Eu devia estudar mais, mas às vezes da preguiça.
Os apoios	Concomitância trabalho/estudo	<ul style="list-style-type: none"> -eu tive que arrumar um emprego, sorte que eu estudava de manhã e esse emprego eu começava o trabalho das três da tarde até as 11h da noite. - pra mim tudo encaixou direitinho, a única coisa que deu errado foi a tarde pra o Prevup, porque não tinha como eu ir, tinha que trabalhar. - Aí eu comecei a trabalhar, a fazer o ensino médio e fazer o Prevup no terceiro ano. - se eu não estudasse eu ia trabalhar de roça. - Eu fui várias vezes, mesmo sem querer, arar terra, todos os tratos culturais que tinham lá eu ia, mesmo sem gostar muito, mas eu ia. - eles me ensinaram assim: - procure trabalhar para ter o que é seu. - eu vou em casa no sábado à tarde e volto na segunda de manhã então eu não trabalho mais.
	Suporte acadêmico	<ul style="list-style-type: none"> - vim morar aqui na casa ganhando bolsa, pra mim era tudo que precisava. - tem essas bolsas, tem todo esse benefício, isso é coisa da Universidade Federal que ajuda aqueles alunos com baixa renda. - eu me acostumo bem a algum baralho, a alguma brincadeira. - eu me dou muito bem com o pessoal de lá. - algo que poderia rentabilizar talvez um ambiente melhor, uma ornamentação melhor, locais melhores para estudar. - Se tivesse vamos supor um micro-ondas para esquentar uma comida. - se tivesse dois fogões poderia adiantar algumas coisas. - algumas coisas básicas, às vezes falta, mas está dando pra ir vivendo.
	Suporte afetivo	<ul style="list-style-type: none"> - O maior incentivo era querer ser independente, querer ter aquilo seu, e eu também penso assim, se você não gosta de uma coisa, de um meio de vida.
	Suporte familiar	<ul style="list-style-type: none"> - meus pais não tinham como me sustentar. - eu morava com uns primos que já faziam faculdade. - Meu tio me chamava de professor, porque eu sempre gostei de estudar - minha mãe me incentivava muito. - ela não me empurrou tanto pra roça. - viu que eu gostava do estudo e que eu deveria investir naquilo. - me ensinou números, letras, antes de entrar no ensino básico, então ela foi muito importante pra tudo isso. - meus pais podem me ajudar com algumas coisas que querendo ou não tem algumas coisas que vai ser parecido, cultivar feijão, cultivar milho. - Meu pai sempre foi mais bruto assim como o pessoal da região, ele não é muito de dar atenção, de dar assistência. - ele só queria que eu estudasse, passasse. - Minha mãe só dizia: - já fez a tarefa? isso só até a quarta série. - da 5ª série até o terceiro ano ela já não perguntava mais. - ela via que eu não precisava, mas ela não chegava para me ajudar não.
	Suporte comunitário	<ul style="list-style-type: none"> - Correntes é um local muito bom, mas assim, eu queria trabalhar em um local bom, mas queria conhecer uma nova região.

	A escola como ascensão social	<ul style="list-style-type: none"> -eu sou do sítio, mas eu não tenho tanta vontade de continuar aquela vida que meus pais tinham, aquele trabalho mais pesado. - De imediato eu queria conseguir um emprego. - penso numa questão de ser empreendedor. - eu quero ter uma experiência profissional, trabalhar com soja, cana ou alguma outra grande cultura. - queria morar em uma região com bom regime hídrico. - queria trabalhar em uma empresa. - cultivar uma horta em casa até para alimentar melhor meus filhos com uma comida de qualidade e até pra vender também. - eu posso trabalhar para os outros, trabalhar pra mim e até ensinar meus filhos o que eu aprendi com meus pais a trabalhar, valorizar seu suor e tudo mais.
	Sentido atribuído ao conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> - Os meus pais têm o fundamental incompleto, então para eles foi um grande orgulho. - Acho interessante, porque hoje quando eu vejo eu consigo entender mais. - eu vejo no banheiro WC eu me lembro de water closet. - por que uma planta desenvolve lá na região Sul? - porque a região Sul é um clima frio e aqui no Nordeste é um clima quente sendo o mesmo país? - no âmbito da matemática algumas conexões. - Português você saber escrever bem, você saber ler. - você saber que de alguma forma você vai escrever e todo mundo vai entender e por que algumas pessoas riem de outras, que é o preconceito linguístico. - acho muito interessante, sem falar que o conhecimento lhe ajuda muito, né? - com o conhecimento eu posso chegar longe. - eu vou aproveitar esse conhecimento para chegar onde eu quero, a falta de dinheiro mesmo ajuda bastante nisso.
A condição de resiliência	Atitudes de superação	<ul style="list-style-type: none"> - meus pais trabalhavam no roçado, no pesado, eu sabia que eu não queria aquilo, então eu pensei se eu não quero isso eu tenho que procurar um meio de vida. - a pobreza você ver que é todo esse estado, mas se eu quero mudar, se eu tiver oportunidade, eu vou mudar. - Como eu não queria trabalhar daquela forma tinha que trabalhar de uma forma mais tranquila, não tão pesada. - eu fui procurando a Universidade, saber o que fazia e tudo, aí eu consegui ingressar. - Acho que a questão de querer mudar de vida, embora tenha crescido com uma condição melhor que meus irmãos, mas eu também não deixei de ser pobre.
	Capacidades que atribui a si.	<ul style="list-style-type: none"> -Coragem, mas aí por mais que eu queira eu tenho que ter coragem também. - o povo diz que o caçula é mais mimado, essas coisas, mas eu vi que foi muita coragem sair tentando. - muita fé e fui conseguindo e graças a Deus hoje eu estou aqui. - eu tenho inteligência, os professores dizendo que eu tinha e eu cheguei aqui.

Apêndice 21 - Protocolo de entrevista ao décimo estudante

E. 10 – Aires

Data: 14-05-2018

Idade: 25 anos

Curso: Agronomia

Período do curso: 7º

Profissão e escolaridade pai: agricultor/Fundamental I incompleto

Profissão e escolaridade mãe: cozinheira/Ensino Médio

Entrevistadora: gostaria que me falasse um pouco de sua origem e seu percurso acadêmico:

Estudante: eu sou lá de Pesqueira, terra indígena, Xucuru do Ororubá, quando eu comecei o processo de ser educado, na minha localidade que até então não era considerada, não uma terra indígena ainda porque estava no processo ainda de demarcação de território, aí na minha aldeia não tinha escola, a gente tinha que se deslocar para outra aldeia, todo dia a gente caminhava 3km indo, 3km voltando, e aí eu comecei bem jovem, nessa época normalmente as professoras não pegavam crianças com 4 anos, mas eu ia porque tinha que ir com minhas irmãs, aí eu comecei ir só para acompanhante, e chegava lá e ficava só desenhando, mas aí no ano seguinte quando eu fiz 5 anos eu já entrei normal, e aí sempre fui muito dedicado, não lembro se eu aprendi rápido ler, não sei, sei que eu nunca reprovei de ano, aí fiz primário, fundamental I, né? Lá na aldeia era escola municipal e depois passou para estadual quando terminou o processo de demarcação de território lá, aí fez o processo de estadualização da educação, mas eu já estava no fundamental II que aí já tinha que ir para cidade que não tinha lá no sítio, então a minha 5ª série eu fiz na cidade de Pesqueira, nesse meio tempo que eu estava fazendo a 5ª série abriu uma escola de fundamental II lá na aldeia, aí fiz a transferência pra lá, a partir daí eu estudei lá o ensino médio, cheguei lá na 6ª série até o ensino médio, então minha formação foi praticamente toda dentro do território, só saí um ano.

Entrevistadora: qual o impacto de estudar na cidade?

Estudante: Foi complicado para mim porque assim, era difícil até ir na cidade, eu não sabia de nada na cidade, mesmo sendo bem próximo, não é uma cidade grande, mas eu não sabia onde era que estava, era bem complicado para mim porque eu me sentia preso ali na escola que era o que eu conhecia, aí de lá pra o finalzinho do ano foi que eu fui me adaptando mais, conhecendo cada parte da cidade, mas a escola que eu estudava era bem distante do centro da cidade, aí a gente ficava meio isolado ali e um fato interessante é que a gente só tinha escolha de uma escola, o município era quem dizia: não, os indígenas vão estudar em tal escola. – ele dava opções tal escola e tal escola, - vocês querem ir pra qual. – Aí foi mais ou menos por aí, assim com relação ao aprendizado acho que não foi prejudicado não, até hoje eu utilizo muitas coisas que eu aprendi lá nessa época, quando eu comecei a fazer a faculdade é uma recordação, tem muitas recordações desse tempo, principalmente de matemática que a gente se aperta muito aqui em Agronomia, os cálculos né? Matemática, e tem muitas coisas, uma base que precisa, e nessa época foi onde eu abri mais a mente para os cálculos, para matemática.

Entrevistadora: qual a relação da sua família com os saberes escolares?

Estudante: quando eu comecei a estudar, assim, eu sou o terceiro, tem duas irmãs mais velhas e o resto são mais novos do que eu. Como eu era o mais velho dos homens aí o meu pai sempre me chamava para ir ajudar ele, então eu já ficava para fazer os mandados do meu pai, ele nunca me obrigou a nada, ele dizia: você tem que estudar. – mas assim, quando era o contra turno eu sempre estava ajudando ele, ele criava vacas e trabalhava direto na agricultura, aí eu sempre ajudava ele, apartar, que é separar a vaca dos bezerros, para poder no outro dia ele tirar o leite e ele já estava em outro canto trabalhando porque a família grande nessa época o único sustento era a agricultura, então era mais esse o trabalho. É tudo na aldeia, mas a gente

morava em um canto e trabalhava em outro por conta da demarcação do território que ainda não existia, aí ele precisava ir pra outra aldeia, que na época ainda não era aldeia era sítios, porque a terra não era da gente, então a gente morava em um canto e tinha que se deslocar pra trabalhar em outro, mesmo sendo na agricultura na terra do fazendeiro, entre aspas, porque era uma terra indígena mas estava ocupada pelo fazendeiro, quem não tinha a terra tinha que trabalhar na terra do fazendeiro e pagar o que o pessoal chama de acordo, trabalhava na terra e pagava uma taxa, né? Algum fazendeiro pedia parte do capim, outros pediam parte da colheita e assim ele ia trabalhar na agricultura, a gente ficava porque de manhã ia pra escola e à tarde ficava alimentando os animais. Criava animais de pequeno porte e já depois quando regularizou o território, saiu o fazendeiro, começou a criar gado, porque já tinha o território.

Entrevistadora: existe alguma associação de que vocês participavam?

Estudante: tem uma associação ainda hoje, foi criada em 92, uma associação indígena lá e abrange todos os indígenas, mas é assim um instrumento jurídico pra lutar desde a época de que começou a luta pelo território, mas com relação a uma assistência técnica, uma assistência jurídica pra estar reunindo o pessoal pra melhorias, não era muito essa parte, porque a gente não tinha o território ainda quando iniciou, então o foco da associação era recuperar o território, era basicamente isso, quem estava ali na associação, nas reuniões era pra definir estratégias de como seria o processo de luta e tal, mas assim com relação à uma assistência técnica, uma questão de organização política mesmo é bem recente, depois da recuperação do território que veio a parte de gestão, mas têm vários coletivos que trabalham na parte de educação, saúde, na questão de subsistência que a maioria da população trabalha na agricultura, então tem os coletivos, a educação hoje é estadualizada, é específica e diferenciada, por se tratar de um povo indígena, então é reconhecida a organização. A saúde é federalizada, então hoje em dia o povo Xurucu é um exemplo não só aqui em Pernambuco, mas no Nordeste porque está com o território homologado, registrado em cartório, embora, tem aí os poderes né? que têm colocado em xeque toda essa questão, quer rever a demarcação do território indígena, querem...a gente ver recorrentemente Projetos de Lei, né? Portarias, recentemente teve um parecer da AGU que ameaça esse direito ao território, isso preocupava bastante a gente, mas a gente tem lutado bastante para manter essa organização e é isso, a gente diz que a luta da gente ela não para, ela é contínua. Desde a época dos meus avós, meus pais, sempre foi nessa luta e ele sempre dando força pra gente, os filhos, continuarem, inclusive na parte de educação também, todos os filhos, a minha irmã caçula está terminado agora o ensino médio, todos os filhos terminaram o ensino médio, eu tenho uma irmã formada já, tem eu que fiz um curso técnico, estou fazendo o superior agora e tem outro irmão que está fazendo curso técnico, tem outros irmãos que estão trabalhando na agricultura por opção. Disseram assim: não quero estudar não. – Mas foi por escolha deles, porque pelos pais da gente se todos quisessem fazer o curso superior eles incentivariam.

Entrevistadora: por que seus pais têm ensino e tempo de escolaridade tão distintos?

Estudante: primeiro que as escolas eram mais escassas no tempo deles. O meu pai conta direto que o pai dele dizia que estudar não dava futuro a ninguém, na época, né? Ele dizia isso. Ele fala que ainda foi pra escola mas chegava na escola e ele não entendia as coisas, aí ele disse que se zangou e não quis estudar mais não, mesmo tendo a opção depois, ele depois de adulto ainda tentou entrar na escola, em EJA tudo, aí foi nessa época que ele aprendeu a assinar o nome, aí depois que ele aprendeu a assinar o nome aí disse: está bom, não aguento não. – muito tempo né? Calejado da agricultura e tudo aí ele disse: - não, isso não dá pra mim não. Aí minha mãe ela quando era pequena meu pai era de uma aldeia, ela era de outra, aí na aldeia a minha mãe a escola era uma mulher que ensinava, não tinha escola, era...ia pra casa da pessoa, aí ela estudou até a 4ª série, quando criança, né?, aí parou, sabia ler, escrever, tudo direitinho e ensinava a gente, aí já veio começar o fundamental e o médio depois já com os filhos, quando começou a trabalhar, ele já começou a trabalhar com uns 35 anos, aí o pessoal assim falava que ela deveria ter escolaridade melhor pra garantir o emprego né?, como estava escasso os empregos, quem não tinha escolaridade, aí ela...teve até dificuldade de conseguir a papelada de que tinha concluído o fundamental I, mas aí ela foi na casa da professora dela e conseguiu, aí teve que fazer tudo de novo, os papeis, aí conseguiu, foi reconhecido tudo, aí ela já começou na 5ª série e conseguiu concluir o ensino médio. E muitas pessoas indicaram pra

ela fazer um curso superior, ou alguma coisa do tipo, mas aí já ficava mais complicado porque os que têm na cidade lá de Pesqueira são poucos e particular, os cursos que tem lá gratuito são do Ifpe, mas são cursos em matemática, física, enfermagem, e não é na área que ela trabalha, né? Aí para sair de lá e abandonar o emprego ela também não achou viável, mas ela incentivou muito os filhos

Entrevistadora: quem ajudava nas atividades escolares?

Estudante: era minha mãe, ela tinha até a 4ª série, aí minhas irmãs, pra mim me ajudavam e pra minhas irmãs tinha minha tia que era imã da minha mãe, que era bem mais nova e ela conseguiu fazer o curso na cidade, mais aí ela se deslocava todo dia, andava bastante pra pegar condução e tudo, mas era um sonho dela, ela conseguiu terminar e pra minhas irmãs mais velhas quem ajudava muito era essa tia, já tinha terminado o ensino médio, e pra mim as minhas irmãs, aí quando eu entrei na 6ª série lá, na escola indígena aí foi quando ela começou a 5ª série, aí eu é quem ajudava ela, que eu estava uma série na frente, aí terminei o ensino médio em um ano e no outro ela terminou.

Entrevistadora: qual a melhor lembrança da escola?

Estudante: eu gostava muito quando tinha as atividades específicas do povo, porque mesmo sendo escolas municipais ainda, não era reconhecido pelo município o processo de luta do povo indígena, mas tinha um movimento do próprio povo, né? Que passava nas escolas, falando, né? Preparando, conversando com as professoras, a maioria das professoras era do próprio território e de vez em quando passavam aqueles grupos falando assim, como estava o movimento, como era que estava o processo demarcatório da terra e finalizava com rituais, pra mim que nessa época era mais difícil ter os rituais porque não tinha terra e os pontos sagrados que tinham dentro do território estavam tomados pelos fazendeiros então os rituais eram muito pontuais. Vai ter uma comemoração, têm algumas comemorações que nunca pararam, tal aldeia tem a festa da santa que tem ritual, mas aí era uma vez por ano e como a gente era criança nem sempre ia porque era longe, aí quando tinha esses momentos de rituais era muito marcante, porque aí se reunia todo mundo e ia prender de fato, aí a gente via os mais velhos falando na língua indígena, alguns vocábulos que se perdeu a língua materna por causa da pressão dos colonizadores europeus foi torturado muito índio, morto por falar a língua, e aí foi se perdendo, aí restou hoje poucas palavras, poucos vocábulos, mas aí a gente via o Pajé, o Cacique, os mais velhos, vez ou outra eles falavam esses vocábulos, se comunicando com os vocábulos e achava muito interessante isso.

Entrevistadora: e a lembrança menos boa?

Estudante: na escola eu sempre fui pequeno, magrinho, eu sofri bastante, porque pra os mais velhos eu era muito inteligente, aí eu tinha que fazer, estudar para ajudar os outros porque se eu não conseguisse ajudar, eles me batiam. Talvez por isso eu sempre me destacava na turma porque aí eu estudava, aprendia, tinha que passar a fila pra os outros, porque se não eles me batiam. Até a professora reclamava isso com a minha mãe, mas eu com medo...

Entrevistadora: existia alguma estratégia nas dificuldades financeiras?

Estudante: por ser uma família grande era limitado, mas nunca chegou a faltar, porque meus avós ajudavam muito, na época de comprar material escolar, era meus avós que compravam, nada muito, essas coisas chiques, melhor né? A gente teve acesso a isso, mas nunca faltou um caderno e um lápis e uma caneta pra gente estudar, não tinha para gente comprar canetas de várias cores, lápis de colorir, material completo, mas o essencial mesmo para aprender a gente sempre teve, a gente se aparentava porque era muito filho, né? 8 meninos para bancar de material escolar, mas o principal pra gente aprender sempre teve, se apertava mas garantia que a gente continuasse nos estudos.

Entrevistadora: qual a figura ou situação que favoreceu a vida escolar?

Estudante: no início eu ia mais para acompanhar minhas irmãs não tinha muito assim: por que é que eu estou fazendo isso? não lembro muito assim de uma figura inspiradora, eu ia porque estava aprendendo, achava bom conversar com os colegas, estava aprendendo alguma coisa, assim eu tinha vontade de fazer alguma coisa, ser um profissional de alguma coisa, mas uma figura que me inspirava não.

Entrevistadora: qual o sentido atribuído aos saberes escolares por seus pais?

Estudante: eles sempre viam assim, incentivar muito, sempre deram muita importância à questão do aprendizado, era a primeira coisa que eles se preocupavam, fora o bem-estar da gente, se estava com saúde, a preocupação era se preparar, como os mais velhos dizem lá: pra ser alguém. Quando eu passei no curso técnico foi assim, era o irmão, o astro da família. Minha irmã já fazia um curso superior, mas era um curso particular, ela conseguiu bolsa, era numa instituição particular, aí quando eu passei numa instituição federal para fazer um curso técnico aí todo mundo: eita, ele passou!! Então era muito...eu era visto como um exemplo da família e quando eu passei para curso superior também da mesma forma, aí foi muito legal, inclusive não só a família, mas os jovens. Eu participei de alguns movimentos jovens lá na aldeia, aí todo mundo perguntando como era que eu tinha conseguido passar, se eu ia estudar mesmo, aí quando eu entrei na faculdade todo mundo perguntando como era a vivência, se era muito difícil. Foi muito legal essa experiência, podendo repassar para os outros como é o universo acadêmico. Meu avô materno sempre foi uma figura que apoiava, ele vendia na feira, era agricultor e vendia na feira de Pesqueira e quando ele percebia que a gente ficava na casa dos avós, porque se reunia todo mundo pra fazer a tarefa, porque as irmãs ajudavam a fazer a tarefa e ele ficava lá de olho e quando via que estava faltando um lápis, uma caneta, quando ele voltava da feira já trazia, ele era uma figura que ajudou muito a gente nesse período, ele não era de falar muito, mas com a ação ele ajudou muito, depois que ele faleceu ficou os pais. Quando eu passei para estudar no Recife minha mãe não gostou muito não, porque eu ia ficar longe, mas ela apoiou mesmo assim. Eu passei um ano lá, mas esse ano foi pior que os três que eu estou aqui, eu tive até início de depressão lá. Consegui residência, meio na marra, cheguei lá e disse: olha eu não tenho para onde ir não, arruma um canto pra eu ficar aí. Aí me colocaram provisoriamente lá e depois fiz o processo, inclusive pra cá eu já vim como residente. Eu não me acostumei com a cidade, com o curso também que eu estava, era uma coisa que eu já não estava assim gostando e a distância da minha realidade era muito complicada, muito preso, muito só, é complicado.

Entrevistadora: qual o impacto sentido com a vida acadêmica?

Estudante: pra mim foi complicado no início, porque eu vim de escola pública né? Tinha feito um curso técnico em Agropecuária, só que aí no curso técnico você não vê a questão de base, química, matemática, física. No curso técnico você já vai estudar o específico, a prática, aí quando eu cheguei na Universidade a base do curso é cálculo, química, então foi muito um choque de realidade, eu chegava na sala e ficava me perguntando: que língua esse professor está falando? mas aí aos pouquinhos eu fui conseguindo me acostumar com a realidade e desenvolver o raciocínio mesmo, pegar a prática, o dia a dia e aqui foi bem mais fácil pra mim porque eu conseguia conversar com os outros colegas de turma, porque eu chegava no Recife a maioria dos alunos de lá eram alunos de escola particular ou que tinha feito pré-vestibular antes, já estava um nível bem diferente do meu. Aqui não, a gente quando chegou a maioria dos alunos daqui é de realidade rural, filho de agricultor, então a gente conseguia dialogar e a maioria tinha as mesmas dificuldades, então até o terceiro período a turma se uniu muito, quem tinha mais essa realidade e os grupos de estudo salvou. Eu credito muito valor aos estudos em grupo, porque tinha coisas que eu não sabia de nada, aí um colega já sabia alguma coisinha e eu já conseguia e o que eu sabia passava para os outros e eu acho que foi esse o motivo do sucesso, que foi bem complicado no início, principalmente o cálculo.

Entrevistadora: a quem ou a que você atribui o ingresso à Universidade?

Estudante: se não fossem as cotas acho que eu não estaria aqui, embora eu tinha notas razoáveis, mas as cotas ajudaram bastante, quando eu entrei aqui acho que se não tivesse as cotas eu acho que eu tinha entrado, mas assim, como você vai fazer um Enem sabendo que você vai ter as cotas você vai mais tranquilo e aí, eu acho que foi um fator que ajuda, fazer o Enem mais tranquilo, eu vou ter as cotas vou ter um espaçozinho lá. Eu acreditava assim, eu fazia o Enem mais tranquilo porque eu sou muito ansioso, aí eu já ficava mais tranquilo sabendo disso, depois que eu entrei aqui o que me manteve na Universidade primeira coisa; o programa de residência, porque eu não tenho parentes aqui, não conhecia, nunca tinha vindo aqui na cidade e não tinha pra onde ir, também, não tinha recursos pra pagar um aluguel e depois as bolsas, tinha a bolsa indígena do MEC que também se tivesse só a residência e não tivessem as bolsas eu não teria condição de

permanecer e aí quando junta a residência e as bolsas aí dá pra você se manter, então eu atribuo a isso, questão de se manter mesmo e tem vários colegas da turma que não tiveram a mesma sorte que foram ficando pra trás, porque mesmo que eles não atribuam a isso, mas é nítido, você está ali percebendo que o desgaste de quem vai e volta, não consegue acompanhar o mesmo nível da turma e a pessoa percebe, então o que me mantém até hoje...por exemplo, se disser hoje vai cortar a bolsa, eu estou no 7º período mas não tenho como me manter aqui, o que mantém hoje são as bolsas da Universidade.

Entrevistadora: quais suas principais dificuldades no plano acadêmico?

Estudante: aqui o que eu vejo como uma barreira é a falta de estrutura, embora tenha laboratório, tenha uma estrutura mínima, mas eu acho que falta muita coisa, por exemplo, um restaurante universitário, um local, uma estrutura que desse pra você ter mais aulas práticas, tem a fazenda, mas você não tem acesso, você sai daqui 7h da manhã pega um ônibus vai pra lá, quando chega lá já esqueceu de tudo, já está quase na hora de voltar, então é complicado. Eu estava fazendo as contas esses dias e só de tempo que eu gasto pra cozinhar eu estou gastando 4h. por dia, porque embora a gente tenha a estrutura da residência, só que é muita gente pra cozinhar no mesmo horário em um fogão e assim mesmo só está pegando duas bocas, aí é complicado, se tivesse um restaurante universitário era 4h que eu podia estar lendo, estudando, me preparando, fazendo uma pesquisa, então essa falta de estrutura e de organização mesmo, poderia estar tendo uma parte prática, poderia estar havendo uma residência lá na fazenda, ou poderia ter não sei, porque a gente ver muita teoria, por exemplo, agora no sétimo período a gente está começando a ver a parte prática, as culturas, os cultivos, só que você está vendo em um slide numa sala de aula, quando você poderia estar lá na fazenda, vendo, pegando, vendo as características de uma doença, de uma praga que está atacando, você está vendo, você está sentindo ali o ambiente, eu acho que isso ajudaria muito, até pra parte profissional você teria uma segurança de fazer uma recomendação pra um produtor no futuro, eu acho que isso ajudaria bastante. Eu acho que existe essa possibilidade de estar fazendo isso só que falta uma organização. Tem vários professores que falam já tem algum tempo, mas por conta desse desmembramento parou mais, mas aí, tem muitos professores que têm interesse, mas falta essa questão da logística.

Entrevistadora: o que lhe difere dos outros ou quais as características que se atribui?

Estudante: não sei se é um diferencial, mas desde pequeno eu sempre fui muito observador e eu ficava observando a realidade de onde eu fui criado e me perguntava por que tinha que ser daquele jeito, então o que eu sempre quis foi me preparar de alguma forma pra ajudar aquele pessoal pra sair daquela realidade, daquelas dificuldades, aí foi o que eu fiz, saí em busca de me preparar de alguma forma pra poder ajudar, se não for lá, em outro canto, mas o meu foco assim, sempre foi de me formar e voltar pra minha terra pra minha realidade e fazer o que for possível pra ajudar os meus conterrâneos a desenvolverem, né?

Entrevistadora: de onde vem a renda da família?

Estudante: eu casei, está com um ano e meio, a minha renda é da bolsa da faculdade e minha mulher trabalha como professora lá. A escola que eu comecei lá foi a primeira, aí fizeram um projeto de mais duas, aí tem três escolas de nível médio lá e ela trabalha em uma delas.

Entrevistadora: quais seus primeiros planos para o fim do curso?

Estudante: eu já estou pensando antes de receber o diploma, em começar a fazer concurso alguma coisa assim do tipo, mas eu não quero me prender a isso também, tem que ter o plano b e c e quando sair daqui talvez seja já...eu não tenho outra renda, tem que buscar porque...fazer alguma coisa. Como o território hoje está nas mãos da gente, então a gente tem terra lá, né? Como eu estou na área das agrárias, em Agronomia, tem terra, tem água, então dá pra produzir alguma coisa. Até o final do curso eu estou tentando fazer concurso, alguma coisa assim do tipo, se eu não conseguir a meta é produzir alguma coisa, então eu já estou focando em algumas culturas, alguns cultivos que dá para implantar na região e basicamente isso.

Entrevistadora: como os pais veem esse retorno ou esses frutos dos estudos?

Estudante: eles não interferem muito não, eles sempre deixaram a gente muito livre e o que eles dizem é: - se mantenha, se você acha que isso é o melhor pra você então que seja assim. – Eles sempre foram assim,

eles apoiam a gente muito, meu pai mesmo, como ele foi criado com o pai dele que era meio ignorante, quando eu chego para dizer alguma coisa, aí ele diz: oxe isso é besteira, eu trabalhei 40 anos fazendo desse jeito, é assim que dá certo. – Mas aí depois ele fica querendo saber: e como é isso? Isso dá certo mesmo? – Aí a gente vai tentando convencer, e aí ele sempre, assim, o que ele diz é: eu criei 8 filhos na agricultura e porque você não pode sobreviver da agricultura também, não é fácil, não é a melhor profissão, mas dá para sobreviver. – Mas aí também ele não cobra nada não, porque tem pais que praticamente obrigam, né? Não, você vai fazer direito, você vai fazer medicina, e eles não, nunca cobraram não.

Entrevistadora: por que o casamento?

Estudante: eu comecei namorar quando fui pra Recife, nas farras da despedida, vou pra Recife e meus colegas do curso técnico disseram: não, vamos fazer a despedida. –Aí a gente fez uma festinha lá, aí eu já estava de olho em uma menina lá, aí depois fui começando um rolo, aí virou namoro e aí o ano que eu fiquei no Recife foi bem complicado, eu só vinha uma vez por mês, mas ela sempre me apoiou também, até hoje ela é uma das pessoas que mais me apoia, tem horas que a pessoal está meio para baixo e ela incentiva muito. O 5º período mesmo foi bem complicado pra mim, porque era muita coisa, muita leitura, muito trabalho, muita coisa e eu estava ficando meio estressado e ela sempre me acalmava e tudo, mas aí a gente foi indo. Primeiro ano a gente noivou e aí foi a época que eu vim pra cá, aí quando eu vim pra cá já tinha me organizado juntando parte da bolsa pra quando eu viesse pra cá eu ter um transporte, como é mais perto dava pra eu ir de moto pra casa, então quando eu entrei aqui já estava organizado para dar entrada em uma moto, aí o que foi que eu fiz? Dei entrada na moto e fiquei pagando em um monte de vezes, mas pra estar toda semana em casa, isso foi uma das coisas também que me ajudou porque é uma válvula de escape. Você está aqui, mesmo estando na residência, mas é aquele clima de cobrança de estar estudando, tudo e conseguindo ir pra casa você consegue dar aquela relaxada, aquela revigorada pra na semana retomar, e aí como eu ficava indo toda semana pra casa, a gente se organizou e fizemos o casamento tradicional indígena, na mata e tudo, aí temos uma menininha já e aí um dos fatos de ter ocorrido isso é esse fato dessa mobilidade né? De estar aqui mais perto de casa e ter a possibilidade de um transporte então facilitou muito a minha vida.

Entrevistadora: o que destaca em si para seguir uma trajetória acadêmica com essas dificuldades?

Estudante: acho que sou muito teimoso, principalmente em relação ao que eu sou né?, um indígena, eu não posso desistir e desde a primeira vez quando eu entrei lá em Recife, eu tinha uma meta que era fazer as coisas direitinho, porque o pessoal tem um estereótipo de que indígena né? Dizem que indígena é preguiçoso, dizem que indígena é não sei o quê, aí eu sempre tive essa meta de dar o meu máximo sempre, essa questão da luta mesmo, porque a gente desde cedo tem que aprender a resistir e a lutar mesmo, e aí as lideranças indígenas elas ensinam muito essa parte de luta. Lá na aldeia a gente tem a educação específica e diferenciada e a gente diz que a escola também tem esse papel de formar o guerreiro, a gente se auto intitula guerreiro né? A gente não tem medo de lutar e esse fato talvez difira de alguns colegas que ficaram no caminho, essa vontade de lutar, essa garra mesmo. A dificuldade existe? existe, mas nem por isso a gente tem que desistir. O cacique Chicão Xucuru ele dizia sempre que o medo existe mas acima do medo tem que ter a coragem, a gente se espelha muito nessas frases que eles deixaram. Lutaram muito, morreu, no caso do Chicão Xucuru morreu em defesa do território e eu também tenho essa meta de lutar, né? O propósito agora é outro, mas a luta ela continua.

Apêndice 22 - Categorização da entrevista ao décimo estudante

Categorias	Subcategorias	Unidades de registro
Perfil do entrevistado	Dados pessoais	<ul style="list-style-type: none"> - Eu sou lá de Pesqueira, terra indígena, Xucuru do Ororubá. - Eu casei, está com um ano e meio. - a minha renda é da bolsa da faculdade. - minha mulher trabalha como professora lá.
	Dados acadêmicos	<ul style="list-style-type: none"> - na minha aldeia não tinha escola, a gente tinha que se deslocar pra outra aldeia, todo dia a gente caminhava 3km indo, 3km voltando. - eu nunca reprovei de ano. - Foi complicado pra mim porque assim, era difícil até ir na cidade, eu não sabia de nada na cidade. - o município era quem dizia: não, os indígenas vão estudar em tal escola. – ele dava opções tal escola e tal escola, - vocês querem ir pra qual. - com relação ao aprendizado acho que não foi prejudicado não, até hoje eu utilizo muitas coisas que eu aprendi lá nessa época. - nunca faltou um caderno e um lápis e uma caneta pra gente estudar. - 8 meninos para bancar de material escolar, mas o principal pra gente aprender sempre teve, se apertava mas garantia que a gente continuasse nos estudos. - minha formação foi praticamente toda dentro do território, só saí um ano. - eu que fiz um curso técnico, estou fazendo o superior agora.
	Dados sociofamiliares	<ul style="list-style-type: none"> - família grande nessa época o único sustento era a agricultura. - a gente morava em um canto e trabalhava em outro por conta da demarcação do território que ainda não existia. Por ser uma família grande era limitado, mas nunca chegou a faltar, porque meus avós ajudavam muito. O meu pai conta direto que o pai dele dizia que estudar não dava futuro a ninguém, na época, né? - Ele fala que ainda foi pra escola mas chegava na escola e ele não entendia as coisas, aí ele disse que se zangou e não quis estudar. - depois de adulto ainda tentou entrar na escola, em EJA tudo, aí foi nessa época que ele aprendeu a assinar o nome. - Calejado da agricultura e tudo, aí ele disse: - não, isso não dá pra mim não. - na aldeia a minha mãe a escola era uma mulher que ensinava, não tinha escola. - veio começar o fundamental e o médio depois, já com os filhos, quando começou a trabalhar. - ela já começou a trabalhar com uns 35 anos, aí o pessoal assim falava que ela deveria ter escolaridade melhor pra garantir o emprego né? - ela já começou na 5ª série e conseguiu concluir o ensino médio. Minha irmã já fazia um curso superior mas era um curso particular, ela conseguiu bolsa, era numa instituição particular. - todos os filhos terminaram o ensino médio. - eu tenho uma irmã formada já. - tem outro irmão que está fazendo curso técnico. - tem outros irmãos que estão trabalhando na agricultura por opção. - Eles não interferem muito não, eles sempre deixaram a gente muito livre e o que eles dizem é: - se mantenha, se você acha que isso é o melhor pra você então que seja assim. - eles apoiam a gente muito.

		<p>- meu pai mesmo, como ele foi criado com o pai dele que era meio ignorante, quando eu chego para dizer alguma coisa, aí ele diz: oxe isso é besteira, eu trabalhei 40 anos fazendo desse jeito, é assim que dá certo.</p> <p>- Mas aí depois ele fica querendo saber: e como é isso? Isso dá certo mesmo?</p> <p>-Aí a gente vai tentando convencer, e aí ele sempre, assim, o que ele diz é: eu criei 8 filhos na agricultura e porque você não pode sobreviver da agricultura também, não é fácil, não é a melhor profissão, mas dá para sobreviver.</p> <p>- Mas aí também ele não cobra nada não, porque tem pais que praticamente obrigam, né?</p>
O processo de escolarização	No Ensino Fundamental.	<p>-eu comecei bem jovem.</p> <p>- eu ia porque tinha que ir com minhas irmãs, aí eu comecei ir só pra acompanhante, e chegava lá e ficava só desenhando.</p> <p>- quando eu fiz 5 anos eu já entrei normal.</p> <p>- Lá na aldeia era escola municipal e depois passou pra estadual quando terminou o processo de demarcação de território.</p> <p>- a minha quinta série eu fiz na cidade de Pesqueira.</p> <p>- eu me sentia preso ali na escola.</p> <p>- lá pra o finalzinho do ano foi que eu fui me adaptando mais.</p> <p>- a escola que eu estudava era bem distante do centro da cidade.</p> <p>- a gente só tinha escolha de uma escola.</p> <p>- eu estava fazendo a 5ª série abriu uma escola de fundamental II lá na aldeia, aí fiz a transferência.</p> <p>-cheguei lá na 6ª série até o ensino médio.</p> <p>- Eu gostava muito quando tinha as atividades específicas do povo.</p> <p>- a maioria das professoras era do próprio território</p> <p>- nessa época era mais difícil ter os rituais porque não tinha terra e os pontos sagrados que tinham dentro do território estavam tomados pelos fazendeiros então os rituais eram muito pontuais.</p> <p>- aí quando tinha esses momentos de rituais era muito marcante, porque aí se reunia todo mundo e ia aprender de fato.</p> <p>- a gente via os mais velhos falando na língua indígena.</p> <p>- a gente via o Pajé, o Cacique, os mais velhos, vez ou outra eles falavam esses vocábulos, se comunicando com os vocábulos e achava muito interessante isso.</p> <p>- Na escola eu sempre fui pequeno, magrinho, eu sofri bastante.</p> <p>- eu era muito inteligente, aí eu tinha que fazer, estudar para ajudar os outros porque se eu não conseguisse ajudar, eles me batiam.</p> <p>- Talvez por isso eu sempre me destacava na turma.</p> <p>- Até a professora reclamava isso com a minha mãe, mas eu com medo...</p>
	No Ensino Médio	<p>- quando eu passei numa instituição federal para fazer um curso técnico aí todo mundo: eita, ele passou!!</p> <p>- eu era visto como um exemplo da família e quando eu passei para curso superior também da mesma forma.</p>
	Na Universidade	<p>-Pra mim foi complicado no início, porque vim de escola pública né?</p> <p>-na Universidade a base do curso é cálculo, química, então foi muito um choque de realidade.</p> <p>- eu chegava na sala e ficava me perguntando: que língua esse professor está falando?</p> <p>- aos pouquinhos eu fui conseguindo me acostumar com a realidade e desenvolver o raciocínio mesmo, pegar a prática.</p>

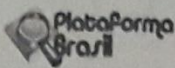
		<p>-o dia a dia e aqui foi bem mais fácil pra mim porque eu conseguia conversar com os outros colegas de turma.</p> <p>- o ano que eu fiquei no Recife foi bem complicado.</p> <p>- no Recife a maioria dos alunos de lá eram alunos de escola particular ou que tinha feito pré-vestibular antes, já estava um nível bem diferente do meu.</p> <p>- a maioria dos alunos daqui é de realidade rural, filho de agricultor, então a gente conseguia dialogar e a maioria tinha as mesmas dificuldades.</p> <p>- O 5º período mesmo foi bem complicado pra mim, porque era muita coisa, muita leitura, muito trabalho, muita coisa.</p> <p>- Aqui o que eu vejo como uma barreira é a falta de estrutura.</p> <p>- falta muita coisa, por exemplo, um restaurante universitário.</p> <p>- um local, uma estrutura que desse pra você ter mais aulas práticas.</p> <p>- Eu passei um ano lá, mas esse ano foi pior que os três que eu estou aqui, eu tive até início de depressão lá.</p> <p>- Eu não me acostumei com a cidade, com o curso também que eu estava, era uma coisa que eu já não estava assim gostando e a distância da minha realidade era muito complicada, muito preso, muito só, é complicado.</p>
Os apoios	Concomitância trabalho/estudo	<p>- Como eu era o mais velho dos homens aí o meu pai sempre me chamava para ir ajudar ele.</p> <p>- ele nunca me obrigou a nada, ele dizia: você tem que estudar, - mas assim, quando era o contra turno eu sempre estava ajudando ele.</p> <p>- a gente morava em um canto e tinha que se deslocar para trabalhar em outro.</p> <p>- quem não tinha a terra tinha que trabalhar na terra do fazendeiro e pagar o que o pessoal chama de acordo, trabalhava na terra e pagava uma taxa, né?</p> <p>- de manhã ia pra escola e à tarde ficava alimentando os animais.</p>
	Suporte acadêmico	<p>- Se não fossem as cotas acho que eu não estaria aqui, embora eu tinha notas razoáveis, mas as cotas ajudaram bastante.</p> <p>- eu acho que foi um fator que ajuda fazer o Enem mais tranquilo.</p> <p>- o que me manteve na Universidade primeira coisa; o programa de residência.</p> <p>- Consegui residência, meio na marra, cheguei lá e disse: olha eu não tenho para onde ir não, arruma um canto pra eu ficar aí.</p> <p>- me colocaram provisoriamente lá e depois fiz o processo.</p> <p>- tinha a bolsa indígena do MEC que também se tivesse só a residência e não tivessem as bolsas eu não teria condição de permanecer.</p> <p>- o que me mantém até hoje...por exemplo, se disser hoje vai cortar a bolsa, eu estou no 7º período mas não tenho como me manter aqui.</p> <p>- o que mantém hoje são as bolsas da Universidade.</p> <p>- até o terceiro período a turma se uniu muito, quem tinha mais essa realidade e os grupos de estudo salvou.</p> <p>- Eu credito muito valor aos estudos em grupo, porque tinha coisas que eu não sabia de nada, aí um colega já sabia alguma coisinha.</p> <p>- eu acho que foi esse o motivo do sucesso, que foi bem complicado no início, principalmente o cálculo.</p>
	Suporte afetivo	<p>- Eu comecei namorar quando fui pra Recife.</p> <p>- ela é uma das pessoas que mais me apoia.</p> <p>- tem horas que a pessoa está meio para baixo e ela incentiva muito. - ela sempre me acalmava.</p>

		<ul style="list-style-type: none"> - conseguindo ir pra casa você consegue dar aquela relaxada, aquela revigorada pra na semana retomar. - fizemos o casamento tradicional indígena, na mata. - temos uma menininha. - estar aqui mais perto de casa e ter a possibilidade de um transporte então facilitou muito a minha vida.
	Suporte familiar	<ul style="list-style-type: none"> - minhas irmãs, pra mim me ajudavam e pra minhas irmãs tinha minha tia que era imã da minha mãe, que era bem mais nova e ela conseguiu fazer o curso na cidade, mais aí ela se deslocava todo dia, andava bastante pra pegar condução e tudo, mas era um sonho dela, ela conseguiu terminar e pra minhas irmãs mais velhas quem ajudava muito era essa tia, já tinha terminado o ensino médio, e pra mim as minhas irmãs, aí quando eu entrei na 6ª série lá, na escola indígena aí foi quando ela começou a 5ª série, aí eu é quem ajudava ela, que eu estava uma série na frente, aí terminei o ensino médio em um ano e no outro ela terminou. - na época de comprar material escolar, era meus avós que compravam. Eles sempre viam assim, incentivar muito, sempre deram muita importância à questão do aprendizado. - se preparar, como os mais velhos dizem lá: pra ser alguém. - Quando eu passei no curso técnico foi assim, era o irmão, o astro da família. - Meu avó materno sempre foi uma figura que apoiava. - ele ficava lá de olho e quando via que estava faltando um lápis, uma caneta, quando ele voltava da feira já trazia. - Quando eu passei para estudar no Recife minha mãe não gostou muito não, porque eu ia ficar longe mas ela apoiou mesmo assim. - pelos pais da gente se todos quisessem fazer o curso superior eles incentivariam.
	Suporte comunitário	<ul style="list-style-type: none"> - Eu participei de alguns movimentos jovens lá na aldeia, aí todo mundo perguntando como era que eu tinha conseguido passar, se eu ia estudar mesmo. - quando eu entrei na faculdade todo mundo perguntando como era a vivência, se era muito difícil. - Foi muito legal essa experiência, podendo repassar para os outros como é o universo acadêmico. Tem uma associação ainda hoje, foi criada em 92, uma associação indígena lá e abrange todos os indígenas. - um instrumento jurídico pra lutar desde a época de que começou a luta pelo território. - o foco da associação era recuperar o território. - quem estava ali na associação, nas reuniões era pra definir estratégias de como seria o processo de luta. - com relação à uma assistência técnica, uma questão de organização política mesmo é bem recente. - têm vários coletivos que trabalham na parte de educação, saúde, na questão de subsistência que a maioria da população trabalha na agricultura. - o povo Xurucu é um exemplo não só aqui em Pernambuco, mas no Nordeste porque está com o território homologado, registrado em cartório. - tem aí os poderes né? que têm colocado em xeque toda essa questão, quer rever a demarcação do território indígena.

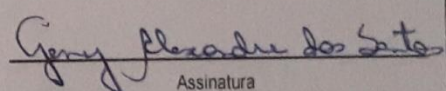
		<ul style="list-style-type: none"> - teve um parecer da AGU que ameaça esse direito ao território, isso preocupava bastante a gente. - a gente tem lutado bastante para manter essa organização e é isso, a gente diz que a luta da gente ela não para, ela é contínua. - Desde a época dos meus avós, meus pais, sempre foi nessa luta e ele sempre dando força pra gente.
	A escola como ascensão social	<ul style="list-style-type: none"> -o meu foco assim, sempre foi de me formar e voltar pra minha terra pra minha realidade e fazer o que for possível para ajudar os meus conterrâneos a desenvolverem, né? - Eu já estou pensando antes de receber o diploma, em começar a fazer concurso alguma coisa. - eu não tenho outra renda, tem que buscar fazer alguma coisa. - Como o território hoje está nas mãos da gente, então a gente tem terra lá, né? Como eu estou na área das agrárias, em Agronomia, tem terra, tem água, então dá para produzir alguma coisa. - Até o final do curso eu estou tentando fazer concurso. - se eu não conseguir a meta é produzir alguma coisa, então eu já estou focando em algumas culturas, alguns cultivos que dá para implantar na região. - o que eu sempre quis foi me preparar de alguma forma para ajudar aquele pessoal pra sair daquela realidade daquelas dificuldades. - saí em busca de me preparar de alguma forma pra poder ajudar, se não for lá, em outro canto.
	Sentido atribuído ao conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> - a gente diz que a escola também tem esse papel de formar o guerreiro.
A condição de resiliência	Atitudes de superação	<ul style="list-style-type: none"> - eu ficava observando a realidade de onde eu fui criado e me perguntava por que tinha que ser daquele jeito. -A dificuldade existe? Existe, mas nem por isso a gente tem que desistir. - eu não posso desistir e desde a primeira vez quando eu entrei lá em Recife, eu tinha uma meta que era fazer as coisas direitinho. -a gente desde cedo tem que aprender a resistir e a lutar mesmo, e aí as lideranças indígenas elas ensinam muito essa parte de luta. - O Cacique Chicão Xucuru ele dizia sempre que o medo existe, mas acima do medo tem que ter a coragem, a gente se espelha muito nessas frases que eles deixaram. - eu também tenho essa meta de lutar, né? O propósito agora é outro, mas a luta ela continua.
	Capacidades que atribui a si.	<ul style="list-style-type: none"> - desde pequeno eu sempre fui muito observador. - Acho que sou muito teimoso, principalmente em relação ao que eu sou né? um indígena. - A gente não tem medo de lutar e esse fato talvez difira de alguns colegas que ficaram no caminho, essa vontade de lutar, essa garra mesmo. - sempre tive essa meta de dar o meu máximo sempre. - o pessoal tem um estereótipo de que indígena, né? Dizem que indígena é preguiçoso, dizem que indígena é não sei o quê. - a gente se auto intitula guerreiro, né?

ANEXOS

Anexo 1 – Folha de Rosto para Pesquisa Envolvendo Seres Humanos

 MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: Por que não eu? Trajetória de sucesso acadêmico nos meios populares			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 10			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 6. Ciências Sociais Aplicadas, Grande Área 7. Ciências Humanas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: GENY ALEXANDRE DOS SANTOS			
6. CPF: 032.963.584-04		7. Endereço (Rua, n.º): RUA PACHECO DE MORAES, 129 CENTRO LAJEDO PERNAMBUCO 55385000	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 87996139962	10. Outro Telefone:	11. Email: GENYPSI@HOTMAIL.COM
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p>			
Data: 13 / 03 / 2018		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
Não se aplica.			
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			

Anexo 1 - Pedido de submissão do relatório de pesquisa à Plataforma Brasil

À Comissão de Pesquisa da UAG, informamos que o DEMANDADO PELO PROCESSO Nº 23082022904/2017-85, A AVALIAÇÃO ÉTICA DO PROJETO DE PESQUISA POR PARTE DESSA COMISSÃO, DEVE SER REALIZADA MEDIANTE A SUBMISSÃO DO REFERIDO PROCESSO DIRETAMENTE À PLATAFORMA BRASIL NO ENDEREÇO ELETRÔNICO [HTTP://APLICACAO.SAUDE.GOV.BR/PLATAFORMABRASIL/LOGIN.JSF](http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil/login.jsf), EM CONFORMIDADE A RESOLUÇÃO Nº 466/2012 DO CNS, ITEM VI. Ademais, até o presente momento a Comissão de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH/UPRPE) encontra-se em processo de instalação e de credenciamento junto à CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) e a Plataforma Brasil, ÚNICO MEIO ATRAVÉS DO QUAL É POSSÍVEL A SUBMISSÃO DE PROTOCOLOS DE PESQUISA COM A FINALIDADE DE AVALIAÇÃO ÉTICA.

Recife, 01 de Março de 2018.

José Antônio Furtosa Apolinário
COORDENADOR (Portaria Nº 628/2017-6R).

A SERVIDORA JOSELYA CHAUDINO - ASSISTENTE SOCIAL UPRPE/UPRPE
PARA CIENTÍFICA AO DESPACHO ANTERIOR. Em 07/03/2018

À pesquisadora Geny Alexandre para ciência.
Germânia, 19/03/2018

JOSELYA CHAUDINO DE A. VIEIRA
Assistente Social
CEPSH/UPRPE
CNPJ Nº 13.611.882/0001-00

JOSE ANTONIO FURTOSA APOLINARIO
Coordenador
UPRPE-UPRPE
Port. 628/2017-6R

Anexo 2 – Folha de autorização da pesquisa pela direção administrativa da UAG

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
Folha _____
Rubrica _____

Evento em 19.03.18. conforme
orientação desta Comissão Promotora - na
e das regimento ao processo de submissão
na Plataforma Brasil.

Geny Almeida dos Santos

A Direção Administrativa da UAG/UFRRPE
Em 19/03/18

Joseane Claudino de A. Vieira
Assistente Social
CRESPPE 3081 SANE 1.951 REC
UNICOCVEST

Comissão de Pesquisa da UAG
Para fins de E. POSICIONAMENTO FRENTE O
DESPACHO DA CEPSSH/UFRRPE E A DOCUMENTAÇÃO
A FAVOR DA PESQUISA. Em 04/04/18

À Direção Adm
Tendo em vista que a solicitação da
CEPSSH/UFRRPE foi atendida (submissão
do processo à Plataforma Brasil) conforme
documento em anexo, somos favoráveis a
melhor sorte.

Geny Almeida dos Santos - Geny 4/4/2018

Geny Almeida dos Santos
Direção Administrativa - UAG/UFRRPE



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GESTÃO ESTUDANTIL**

FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO

PROGRAMA DE RESIDÊNCIA ESTUDANTIL

Os programas de assistência estudantil da UFRPE destinam-se a estudantes regularmente matriculados em seus respectivos cursos, após avaliação socioeconômica de seu contexto familiar.

Para pleitear vaga em um dos Programas de Assistência Estudantil, o (a) candidato (a) deverá preencher os seguintes requisitos:

- 1. Preenchimento de todo o formulário;**
- 2. Apresentação de toda a documentação relacionada no verso;**
- 3. Cumprimento das datas fixadas pela UFRPE.**

Informações incoerentes e documentação incompleta são critérios de indeferimento do pedido.

A situação de cada candidato (a) será avaliada levando em consideração as informações apresentadas e comprovadas. A consolidação da inscrição dependerá do preenchimento completo e correto do formulário, assim como da apresentação de toda a documentação exigida.

O formulário socioeconômico e os documentos apresentados serão analisados pela PROGEST, a quem cabe, entendendo necessário, convocar o (a) candidato (a) para esclarecimento documental, solicitar documentos complementares, bem como realizar entrevistas e visitas domiciliares para comprovação das informações prestadas neste formulário.

Os requerimentos de inscrição serão indeferidos quando for constatada a falta dos documentos solicitados e/ou quando for comprovadamente inverídica qualquer das informações/declarações apresentadas. Será igualmente indeferido o requerimento, caso o candidato deixe de cumprir as exigências feitas para fins de esclarecimentos, seja por apresentação de documentos complementares, informações por meio de Entrevista Social e Visita Domiciliar.